

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras



**Aquisição dos pronomes clíticos não reflexos em português L2
por falantes de arménio L1:
questões de seleção casual e de colocação**

Lia Khachikyan

Orientadoras: Professora Doutora Margarita Maria Correia Ferreira

Professora Doutora Nélia Maria Pedro Alexandre

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Português Língua
Estrangeira/Língua Segunda

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras



**Aquisição dos pronomes clíticos não reflexos em português L2
por falantes de arménio L1: questões de seleção casual e de colocação**

Lia Khachikyan

Orientadoras: Professora Doutora **Margarita Maria Correia Ferreira**

Professora Doutora **Nélia Maria Pedro Alexandre**

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Português Língua

Estrangeira/Língua Segunda

Júri:

Presidente: Doutor **João Miguel Quaresma Mendes Dionísio**, Professor Catedrático e Diretor na Área de Literaturas, Artes e Culturas da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora **Ana Maria Lavadinho Madeira**, Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa (1.º Arguente)
- Doutora **Marina Cláudia Pereira Verga e Afonso Vigário**, Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa (2.º Arguente)
- Doutora **Maria de Fátima Henriques da Silva**, Professora Associada da Faculdade de Letras na Universidade do Porto (Vogal)
- Doutor **Carlos Alberto Marques Gouveia**, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa (Vogal)
- Doutora **Catarina Isabel Sousa Gaspar**, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa (Vogal)
- Doutora **Nélia Maria Pedro Alexandre**, Professora Associada da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa (Coorientadora)

Instituições Financiadoras: Camões, I.P., Fundação para a Ciência e Tecnologia 2023.03431.BD

2026



Índice geral

Índice geral	iv
Agradecimentos.....	viii
Abreviaturas.....	ix
Índice de tabelas.....	xi
Índice de figuras.....	xiv
Resumo.....	xix
Abstract.....	xx
Introdução	1
Capítulo 1. Enquadramento teórico: aquisição de L2 da perspectiva dos pronomes clíticos (não reflexos) do português	15
1.1. O que é uma L2?	17
1.2. Os principais fatores que diferenciam a aquisição em L1 e L2	19
1.2.1. Idade.....	21
1.2.2. <i>Input</i>	24
1.2.3. Ensino explícito	30
1.2.4. O conhecimento prévio: <i>transfer</i>	35
1.2.5. O conhecimento prévio: aquisição de uma L3/Ln	39
1.2.5.1. Quadro de Transferência Absoluta da L1 (<i>Default L1 Transfer Scenario</i>).....	40
1.2.5.2. Modelo do Fator do Estatuto da L2 (<i>L2 Status Factor</i>) na morfossintaxe	41
1.2.5.3. Modelo de Melhoria Cumulativa (<i>Cumulative Enhancement Model</i> - CEM)	42
1.2.5.4. Modelo da Primazia Tipológica (<i>Typological Primacy Model</i> - TPM)	42
1.2.5.5. Modelo da Proximidade Linguística (<i>Linguistic Proximity Model</i> - LPM)	43
1.2.6. Hipóteses de Reconfiguração de Traços.....	45
1.2.6.1. Hipótese de Reconfiguração de Traços (HRT)	45
1.2.6.2. Alguns estudos que analisam a HRT.....	47
1.3. A aquisição dos pronomes clíticos em PL1 e PL2.....	51
1.3.1. A colocação dos pronomes clíticos em PL1 e PL2	53
1.3.2. A seleção dos pronomes clíticos: fenómenos de omissão, substituição, lheísmo e oscilação em PL1 e PL2	62
1.3.3. Sumário: algumas questões de aquisição dos pronomes clíticos em PL2	72
Capítulo 2. Os padrões morfossintáticos dos pronomes objeto em português e em arménio: um olhar comparativo.....	78

2.1. A colocação e a seleção dos pronomes clíticos em português	79
2.1.1. Os pronomes pessoais do português	80
2.1.2. Os padrões distribucionais dos pronomes clíticos do português	82
2.1.3. A seleção casual dos pronomes clíticos em português	87
2.2. Algumas questões sintáticas do arménio	90
2.2.1. A sintaxe básica do arménio e a relevância de marcação casual de constituintes frásicos	91
2.2.2. Os casos gramaticais do arménio	94
2.2.3. A definitude e a animacidade em arménio	98
2.2.4. Os pronomes pessoais e demonstrativos do arménio	106
2.2.4.1. Os pronomes pessoais do arménio	106
2.2.4.2. Os pronomes demonstrativos do arménio na posição do OD e OI	109
2.2.5. Restrição semântica dos verbos em arménio: algumas particularidades relevantes	114
2.2.6. Algumas semelhanças e diferenças da regência verbal entre português e arménio	116
2.2.7. Algumas questões de seleção dos pronomes clíticos de português relevantes para o estudo experimental	121
2.2.8. Questões de ordem sintática do arménio	125
2.2.8.1. O arménio é uma língua SVO ou SOV?	130
2.2.8.2. A focalização dos constituintes em arménio	136
2.2.8.3. A distribuição sintática do Vaux em algumas orações de foco marcado	149
□ Advérbios	159
□ Quantificadores	164
□ Orações subordinadas	171
□ Foco contrastivo anteposto	175
2.2.9. A distribuição dos pronomes pessoais complemento do arménio	176
2.2.10. Algumas questões de colocação dos pronomes clíticos de português relevantes para o estudo experimental	188
Capítulo 3. Perguntas e hipóteses de investigação	195
Capítulo 4. Metodologia	208
4.1. Participantes	208
4.1.1. Os falantes de PL1	210
4.1.2. Os falantes de PL2: perfil sociolinguístico	210

4.1.3. O nível de proficiência dos informantes em PE	215
4.2. Produção (semi)espontânea.....	217
4.2.1. Produção oral.....	217
4.2.2. Produção escrita.....	218
4.2.3. Uso dos pronomes clíticos nas produções espontâneas recolhidas	219
4.3. Teste de eliciação	225
4.3.1. Colocação dos pronomes clíticos	227
4.3.2. Seleção do caso gramatical dos pronomes clíticos	228
4.3.3. Outras considerações	229
Capítulo 5. Apresentação e discussão dos resultados do estudo experimental	232
5.1. Resultados do grupo de controlo (PL1).....	232
5.1.1. Seleção dos pronomes clíticos por falantes do grupo de controlo (PL1)	233
5.1.2. Colocação dos pronomes clíticos por falantes do grupo de controlo (PL1).....	238
5.1.2.1. O caso do quantificador <i>muitos</i>	244
5.1.2.2. O caso dos complementadores <i>que</i> e <i>porque</i>	247
5.1.3. Distratores.....	266
5.2. Resultados do grupo de falantes de PL2	268
5.2.1. Colocação dos pronomes clíticos por falantes de PL2	269
5.2.1.1. Nível B1	276
5.2.1.2. Nível B2	290
5.2.1.3. Nível C1	309
5.2.1.4. Os quantificadores <i>tudo</i> , <i>alguém</i> , <i>poucos</i> e <i>muitos</i>	319
5.2.1.5. Os introdutores de subordinadas <i>onde</i> , <i>quando</i> , <i>porque</i> e <i>que</i>	327
5.2.1.6. Distratores	361
5.2.2. Seleção dos pronomes clíticos por falantes de PL2.....	363
5.2.2.1. Nível B1	366
5.2.2.2. Nível B2	379
5.2.2.3. Nível C1	387
5.2.2.4. Distratores	396
5.2.2.5. Outros desvios.....	397
5.2.3. A importância de outros fatores na aquisição de PL2	398
5.2.3.1. O papel do ensino explícito.....	398
5.2.3.2. A competência linguística e o desempenho na seleção casual e na distribuição dos pronomes clíticos em PL2	405

5.2.3.3. A idade da primeira exposição e a exposição mais prolongada à L2.....	409
5.2.3.4. O papel de outras línguas anteriormente adquiridas: L1/L2.....	422
□ A seleção dos pronomes clíticos	424
□ A colocação dos pronomes clíticos	436
5.2.3.5. O papel de outros fatores na aquisição de PL2	440
5.2.4. A relação entre os desvios na colocação sintática e na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2	442
5.3. Resumo da discussão dos resultados	446
Capítulo 6. Considerações finais.....	472
Bibliografia	482
Anexos	514
Anexo 1: O teste de eliciação.....	514
Anexo 2: Ficha de caracterização sociolinguística dos falantes de PL2.....	523
Anexo 3: Guião para a recolha de dados (semi)espontâneos	526
Anexo 4: Teste de colocação em nível.....	532
Anexo 5: O teste de julgamento de gramaticalidade de uso de pronomes pessoais com antecedentes [-definido] em arménio	541
Anexo 6: Exemplos de produção (semi)espontânea recolhida.....	543
Anexo 6.1. Exemplo de produção escrita de um falante de arménio L1 e PL2	543
Anexo 6.2. Exemplo de transcrição fonética de produção oral de um falante de arménio L1 e PL2	544
Anexo 7: Observações durante a realização do teste de eliciação	546

Agradecimentos

Às minhas orientadoras, à Professora Margarita Correia e à Professora Nélia Alexandre, não apenas por terem acompanhado o meu projeto, mas também pela amizade, compreensão e motivação, pelo apoio todo, nos momentos em que conciliar vida académica, profissional e parental parecia impossível.

Aos membros do júri, nomeadamente à Professora Marina Vigário, pelas sugestões valiosas que ajudaram a melhorar as discussões sobre os aspetos prosódicos na versão final deste trabalho.

A todos os informantes – amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos, nativos e não nativos de português – cujos nomes por muito que me custe não posso mencionar aqui, por a participação neste projeto ser anónimo. Sem a vossa participação, este projeto não existiria.

Aos meus alunos e amigos – à Arminé, à Vânia, à Ekaterina, ao João –, por terem divulgado o projeto junto dos seus familiares, colegas e amigos e por me terem ajudado a recolher dados.

À Luciné, pelas discussões sobre a gramaticalidade das frases em arménio.

Entre todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta investigação, devo destacar as pessoas que mais sofreram neste processo todo.

Aos meus pais, por serem compreensivos com a minha impaciência, cansaço permanente e ausência quase completa nos períodos mais intensos do trabalho. À minha mãe especialmente, por me apoiar no dia a dia, para eu poder trabalhar.

Ao Hélder em particular, pela paciência, pelo esforço, pelo apoio, pela compreensão, por ter sido incansável, nas revisões e nas discussões, por ter ouvido, pacientemente, as minhas ideias sem perceber nada da gramática, mas sem cuja ajuda de falante nativo muito deste trabalho seria incompleto, pela sua ajuda na parte organizacional: por ter ido comigo do Porto até a Madeira, do Algarve até a Minho as vezes que fossem precisas, e por muito mais: simplesmente por ter passado este caminho todo comigo.

E, por fim, só agradecimento à D. Emília seria pouco. Sem a sua ajuda incondicional, dia e noite, meses a fio, nos meus deveres parentais, domésticos e literalmente em tudo, simplesmente não teria tempo para realizar esta investigação.

A todos, do fundo do coração, bem hajam!

Abreviaturas

1. ^a p	Primeira pessoa gramatical
2. ^a p	Segunda pessoa gramatical
3. ^a p	Terceira pessoa gramatical
ABL	Caso ablativo
ACU	Caso acusativo
Adv	Advérbio
AUX	Auxiliar
CEM	Modelo de Melhoria Cumulativa (<i>Cumulative Enhancement Model</i>)
COBL	Complemento oblíquo
D	Determinante
DAT	Caso dativo
DP	Sintagma determinante
E	Enunciado
Ens	Ensino explícito: contexto de aquisição de português
GEN	Caso genitivo
GU	Gramática Universal
H1	Hipótese 1 da presente investigação
H2	Hipótese 2 da presente investigação
HRT	Hipótese de Reconfiguração de Traços
I	Sintagma entoacional
Ims.	Imersão: contexto de aquisição de português
Inf.	Informante
INST	Caso instrumental
L1	Língua materna
L2	Língua Segunda
LE	Língua estrangeira
LH	Língua de herança
LNM	Língua não materna
LOC	Caso locativo
LPM	Modelo da Proximidade Linguística (<i>Linguistic Proximity Model</i>)
NOM	Caso nominativo
O	Objeto
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
P	Pergunta
PCP	Verbo principal
PE	Português europeu

PI	Pergunta de Investigação
pl.	Plural
PL1	Português língua materna
PL2	Português língua segunda
PLE	Português língua estrangeira
PLH	Português língua de herança
PLM	Português língua materna
PLNM	Português língua não materna
PP	Particípio passado
Pron	Pronome
QECR	Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas
R	Resposta
S	Sujeito
sg.	Singular
SN	Sintagma nominal
SVO	Ordem de palavras: Sujeito – Verbo – Objeto
SOV	Ordem de palavras: Sujeito – Objeto – Verbo
Sub. Adv.	Orações subordinadas adverbiais
Sub. Compl.	Orações subordinadas completivas
T	Tempo
TD	Verbo transitivo direto
TDI	Verbo transitivo direto e indireto
TI	Verbo transitivo inireto
TPM	Modelo da Primazia Tipológica (<i>Typological Primacy Model</i>)
TP/AP	Transferência plena/Acesso pleno (<i>Full Transfer/ Full Access</i>)
OSV	Ordem de palavras: Objeto – Sujeito – Verbo
OVS	Ordem de palavras: Objeto – Verbo – Sujeito
V	Verbo
V-Cl	Ordem de palavras: Verbo-clítico
V-Pron	Ordem de palavras: Verbo-pronome
Vaux	Verbo auxiliar
VOS	Ordem de palavras: Verbo –Objeto–Sujeito
VSO	Ordem de palavras: Verbo–Sujeito–Objeto
V _{PCP}	Verbo principal
V _{pcp} -Vaux	Ordem de palavras: Verbo principal – Verbo auxiliar
φ	Sintagma prosódico

Índice de tabelas

Tabela 1.1. Escalas de estabilização de próclise conforme alguns estudos em PL1, PLH e PL2	56
Tabela 2.1. Pronomes pessoais do português.....	82
Tabela 2.2. Contextos de próclise típicos em português.....	86
Tabela 2.3. Os nove grupos de flexão diferentes do arménio	96
Tabela 2.4. O traço de animacidade e a forma morfológica dos OD e OI em arménio	105
Tabela 2.5. Pronomes pessoais do arménio	106
Tabela 2.6. Pronomes pessoais ACU e DAT em arménio e em português	108
Tabela 2.7. Pronomes demonstrativos do arménio	110
Tabela 2.8. Alguns verbos com regência diferente entre português e arménio	119
Tabela 2.9. Verbos e condições de complementação no estudo experimental	123
Tabela 2.10. Condições da próclise no estudo experimental	194
Tabela 4.1. Formação e profissões dos falantes de PL2	211
Tabela 4.2. Línguas anteriormente adquiridas pelos falantes de PL2.....	213
Tabela 4.3. Proficiência dos informantes em PL2	216
Tabela 4.4. Níveis dos informantes em PL2: produção oral (semi)espontânea.....	218
Tabela 4.5. Níveis dos informantes em PL2: produção escrita (semi)espontânea.....	218
Tabela 4.6. Número de uso dos pronomes clíticos de 3. ^a pessoa nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2	221
Tabela 4.7. Número de ocorrência dos proclisadores nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2, conforme cada nível.....	224
Tabela 4.8. Número dos clíticos no teste de elicitação consoante o género e o número gramatical.....	226
Tabela 4.9. Número das estruturas do teste de elicitação para a análise de colocação dos pronomes clíticos em PL2.....	228
Tabela 4.10. Verbos testados e os traços dos seus complementos.....	228
Tabela 4.11. Condições dos traços de humanidade testadas.....	229
Tabela 5.1. Desvios na seleção casual dos pronomes clíticos: dados do grupo de controlo (PL1)	234

Tabela 5.2. Colocação dos pronomes clíticos nos contextos de próclise categórica e com quantificador muitos: dados do grupo de controlo (PL1)	240
Tabela 5.3. Colocação dos pronomes clíticos nos contextos de próclise categórica e com quantificador muitos: dados do grupo de controlo (PL1) (excluindo dois informantes com maiores desvios).....	243
Tabela 5.4. Número total de ocorrências de cada preposição nas orações infinitivas: dados do grupo de controlo (PL1).....	266
Tabela 5.5. Número dos itens analisados por cada tópico estudado: dados do grupo de PL2	268
Tabela 5.6. Número das respostas esperadas e desviantes nos contextos de ênclise, de próclise obrigatória e com o quantificador muitos: dados gerais do grupo de PL2	270
Tabela 5.7. Compatibilidade das escalas de estabilização da próclise com a H1 e com a H2, no nível B1 dos falantes de PL2	289
Tabela 5.8. Compatibilidade das escalas de estabilização da próclise com a H1 e com a H2, no nível B2 dos falantes de PL2	307
Tabela 5.9. Compatibilidade das escalas de estabilização da próclise com a H1 e com a H2, no nível C1 dos falantes de PL2	316
Tabela 5.10. Número de ocorrências de cada preposição nas orações infinitivas: grupo de PL2	361
Tabela 5.11. Número total das respostas esperadas e desviantes na seleção casual dos pronomes clíticos, no grupo de PL2	364
Tabela 5.12. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [±humano] do seu antecedente: dados individuais do nível B1	369
Tabela 5.13. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.18 do nível B1	371
Tabela 5.14. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.12 do nível B1	372
Tabela 5.15. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do subgrupo 2 do nível B1	372
Tabela 5.16. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do subgrupo 3 do nível B1	374
Tabela 5.17. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.26 do nível B1	378
Tabela 5.18. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [±humano] do seu antecedente: dados individuais do nível B2.....	383
Tabela 5.19. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.29 do nível B2.....	386
Tabela 5.20. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [±humano] do seu antecedente: dados individuais do nível C1	390

Tabela 5.21. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [±humano] do seu antecedente: dados individuais do nível B2, após a exclusão do verbo ensinar	392
Tabela 5.22. Outros desvios de seleção (não casuais) dos pronomes clíticos, no grupo de PL2	398
Tabela 5.23. Informantes do grupo de PL2 sem e com acesso ao ensino explícito.....	399
Tabela 5.24. Desempenho dos informantes na seleção casual e na colocação dos pronomes clíticos em PL2, tendo em conta o nível de competência em PL2: dados individuais	407
Tabela 5.25. Desempenho dos informantes do grupo de PL2 na colocação e na seleção dos pronomes clíticos, tendo em conta a idade da primeira exposição à L2: dados grupais.....	411
Tabela 5.26. Desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2, tendo em conta o tempo da exposição à L2: dados individuais.....	420
Tabela 5.27. Informantes do grupo de PL2, falantes de arménio L1, de inglês L2 e de russo L1/L2.....	423
Tabela 5.28. Formas de pronomes pessoais da 3. ^a pessoa gramatical de russo na posição de OD e OI da frase.....	428
Tabela 5.29. Sobreposição de desvios na seleção e na colocação dos pronomes clíticos por falantes de PL2.....	444
Tabela 5.30. As taxas de desvio de falantes de PL1 e dos falantes de PL2 quase nativos, nas orações subordinadas	464

Índice de figuras

Figura 4.1. Contextos de uso do português pelo grupo de PL2	212
Figura 4.2. Número/Percentagem dos informantes do grupo de PL2 com e sem acesso ao ensino formal.....	212
Figura 4.3. Preferência de colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2.....	221
Figura 4.4. Preferência de colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2: estruturas de ênclise categórica, próclise categórica e de infinitivo.....	222
Figura 4.5. Número dos proclisadores encontrados nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2	223
Figura 5.1. Respostas esperadas e desviantes na seleção casual dos pronomes clíticos: dados do grupo de controlo (PL1).....	233
Figura 5.2. Respostas esperadas e desviantes na colocação dos pronomes clíticos: dados do grupo de controlo (PL1).....	239
Figura 5.3. Colocação dos pronomes clíticos, conforme os contextos da ênclise e da próclise: dados do grupo de controlo (PL1)	241
Figura 5.4. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com quantificador muitos em posição pré-verbal: dados gerais do grupo de controlo (PL1).....	244
Figura 5.5. Colocação dos pronomes clíticos com quantificador muitos por cada item testado: dados do grupo de controlo (PL1)	246
Figura 5.6. Colocação dos pronomes clíticos na presença dos complementadores que e porque: dados gerais do grupo de controlo (PL1).....	247
Figura 5.7. Percentagens da próclise e da ênclise, nas estruturas de infinitivo introduzidas por uma preposição: dados do grupo de controlo (PL1)	266
Figura 5.8. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de infinitivo introduzidas por cada preposição: dados do grupo de controlo (PL1)	267
Figura 5.9. Colocação dos pronomes clíticos no grupo de PL2: dados gerais.....	270
Figura 5.10. Colocação dos pronomes clíticos por cada nível do grupo de PL2.....	271
Figura 5.11. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas de ênclise categórica: dados gerais do grupo de PL2.....	272

Figura 5.12. Colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas e elicitadas dos falantes de PL2, nos contextos de ênclise categórica: por cada nível de competência em PL2.....	273
Figura 5.13. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas de próclise categórica: dados gerais do grupo de PL2	274
Figura 5.14. Colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas e elicitadas dos falantes de PL2, nos contextos de próclise categórica: por cada nível de competência em PL2.....	275
Figura 5.15. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B1: dados gerais.....	277
Figura 5.16. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica e na presença do quantificador muitos, no nível B1.....	278
Figura 5.17. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B1 (excluindo os casos de generalização)	281
Figura 5.18. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B1, de uma perspectiva individual, após a exclusão dos casos de generalização.....	283
Figura 5.19. Escala de aquisição da próclise pelos informantes que generalizam/preferem a ênclise, no nível B1.....	286
Figura 5.20. Colocação dos pronomes clíticos no nível B2: dados gerais.....	291
Figura 5.21. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica e na presença do quantificador muitos, no nível B2.....	292
Figura 5.22. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica, analisando o quantificador muitos juntamente com os outros	294
Figura 5.23. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B2, de uma perspectiva individual	297
Figura 5.24. Ciclo de aquisição da próclise nas interrogativas qu- e nas subordinadas adverbiais: efeito de dupla generalização	301
Figura 5.25. Resultados das duas recolhas de dados com o inf.29 do nível B2	306
Figura 5.26. Colocação dos pronomes clíticos no nível C1: dados gerais.....	309
Figura 5.27. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica e na presença do quantificador muitos, no nível C1.....	310
Figura 5.28. Colocação dos pronomes clíticos, no nível C1, de uma perspectiva individual	311
Figura 5.29. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com sujeitos quantificados....	320
Figura 5.30. Colocação dos pronomes clíticos com o sujeito quantificado alguém	322
Figura 5.31. Colocação dos pronomes clíticos com o sujeito quantificado muitos: nível C1 do grupo de PL2.....	325

Figura 5.32. Colocação dos pronomes clíticos com o quantificador muitos por cada item do teste: nível C1 do grupo de PL2.....	326
Figura 5.33. Colocação dos pronomes clíticos com os complementadores porque, quando e onde: por cada nível de PL2.....	328
Figura 5.34. Efeito de interpolação entre o proclisador e o hospedeiro verbal: dados do grupo de PL2	330
Figura 5.35. Colocação dos pronomes clíticos nas subordinadas adverbiais e completivas: dados dos níveis B1, B2 e C1 do grupo de PL2	339
Figura 5.36. Colocação dos pronomes clíticos nas orações infinitivas: dados do grupo de PL2	362
Figura 5.37. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de infinitivo introduzidas por cada preposição: dados do grupo de PL2	363
Figura 5.38. Distribuição dos clíticos DAT e ACU em cada nível do grupo PL2.....	365
Figura 5.39. Seleção dos clíticos DAT e ACU, no grupo de PL2, em função do traço [$\pm$ humano] dos seus antecedentes.....	366
Figura 5.40. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível B1 do grupo de PL2	367
Figura 5.41. Fenómeno de oscilação detetável nos subgrupos 2 e 3, do nível B1, em função aos traços [$\pm$ humano] dos antecedentes dos pronomes clíticos	376
Figura 5.42. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível B2 do grupo de PL2	380
Figura 5.43. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível B2 do grupo de PL2 (após excluir o verbo ensinar).....	381
Figura 5.44. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível C1 do grupo de PL2	388
Figura 5.45. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível C1 do grupo de PL2 (após excluirmos o verbo ensinar)	389
Figura 5.46. Dinâmica de aquisição dos pronomes clíticos ACU e DAT, no grupo de PL2.....	394
Figura 5.47. Seleção casual dos pronomes clíticos nas estruturas de infinitivo introduzidas por uma preposição	397
Figura 5.48. Desempenho dos falantes sem e com acesso ao ensino explícito na colocação dos pronomes clíticos em PL2.....	401
Figura 5.49. Desempenho dos falantes sem e com acesso ao ensino explícito na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2	402

Figura 5.50. Uso dos clíticos ACU e DAT por falantes de PL2 com e sem acesso ao ensino explícito.....	403
Figura 5.51. Uso dos clíticos ACU e DAT por falantes de PL2 sem ou com acesso ao ensino explícito, conforme os traços dos antecedentes dos pronomes clíticos em PL2.....	404
Figura 5.52. Taxas médias de precisão na seleção e na colocação dos pronomes clíticos, conforme o nível de competência em PL2.....	406
Figura 5.53. Taxas médias de precisão na seleção casual e na colocação sintática dos pronomes clíticos conforme a idade da primeira exposição ao português	412
Figura 5.54. Desempenho de falantes de PL2 com ≤ 5 anos de exposição à língua-alvo	414
Figura 5.55. Desempenho de falantes de PL2 com ≥ 7 anos de exposição à língua-alvo, tendo em conta a idade da primeira exposição à L2	415
Figura 5.56. Desempenho de falantes de PL2 com ≥ 7 anos de exposição à língua-alvo, tendo em conta a idade da primeira exposição à L2 (após a exclusão de casos excepcionais)	416
Figura 5.57. Relação entre o desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2 e a idade da primeira exposição à língua-alvo: informantes com desempenho $\geq 80\%$...	418
Figura 5.58. Taxas médias de precisão na seleção e na colocação dos pronomes clíticos conforme o tempo de exposição ao português	421
Figura 5.59. Resultados dos grupos 'Inglês L2' e 'Arménio L1', na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2	426
Figura 5.60. Resultados dos grupos 'Russo L1/L2' e 'Arménio L1', na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2.....	427
Figura 5.61. Uso dos clíticos DAT com os verbos ver, receber, perder, nos grupos de 'Arménio L1' e de 'Russo L1/L2'	429
Figura 5.62. Uso dos clíticos DAT com os verbos ler, beber, imprimir, nos grupos de 'Arménio L1' e de 'Russo L1/L2'	430
Figura 5.63. Uso dos clíticos ACU com os verbos perguntar, dizer, oferecer, nos grupos de 'Arménio L1' e do 'Russo L1/L2'	431
Figura 5.64. Uso dos clíticos DAT com os verbos ensinar, convidar, ofender, nos grupos de 'Arménio L1' e de 'Russo L1/L2'	432
Figura 5.65. Resultados dos grupos 'Inglês L2' e 'Arménio L1', na colocação dos pronomes clíticos em PL2	436
Figura 5.66. Resultados dos grupos 'RussoL1/L2' e 'Arménio L1', na colocação dos pronomes clíticos em PL2	436

Figura 5.67. Preferências pela ênclise e próclise nos grupos de 'Inglês L2' e 'Arménio L1': dados dos falantes de PL2	438
Figura 5.68. Resultados dos grupos 'Bilingue RU/ARM' e 'Arménio L1', na colocação dos pronomes clíticos em PL2.....	439
Figura 5.69. Desempenho dos falantes de PL2 com 'Famílias multinacionais' e 'Famílias arménias', na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2.....	441
Figura 5.70. Evolução de uso dos clíticos ACU e DAT na aquisição de PL2.....	451

Resumo

A presente investigação analisa a aquisição dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos em português europeu (PE) L2 por falantes adultos de arménio L1 que foram divididos em três grupos conforme as suas competências em português. Dois destes grupos incluem falantes de PE L2 dos níveis intermédios – nível limiar (B1) e nível vantagem (B2) – e o terceiro grupo inclui utilizadores autónomos proficientes de PE L2 (nível C1). O estudo testou a Hipótese de Reconfiguração de Traços (Lardiere, 2008; 2009), procurando efeitos de influência de arménio L1 dos aprendentes no processo de aquisição dos pronomes clíticos de PE L2, colocando ainda a hipótese de a aquisição dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos em PE L1 e em PE L2 ocorrer de uma forma semelhante. À luz destas duas hipóteses de investigação foram analisados os processos de aquisição tanto dos padrões de seleção de caso, como dos padrões de distribuição sintática de pronomes objeto em PE L2.

A análise dos dados recolhidos através de um teste elicitado – de preenchimento de espaços – elaborado no âmbito da presente investigação revelou que sobretudo nos estádios iniciais de aquisição a aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PE L2 é fortemente influenciada pelos traços da L1 dos aprendentes, tanto ao nível da morfologia, como da sintaxe, embora a aquisição dos traços sintáticos em PE L2 e em PE L1 apresente um trajeto semelhante. O nosso trabalho confirma a Hipótese de Reconfiguração de Traços de Lardiere (2008; 2009), evidenciando aquisição gradual e independente dos traços morfológicos e sintáticos de pronomes clíticos do português na idade adulta e revelando casos de aquisição (quase) completa nesse domínio. Mais, o estudo sugere que a aquisição dos padrões de colocação de pronomes clíticos em português ocorre na interface sintaxe-fonologia, explicando as dificuldades persistentes nesse domínio de aquisição tardia tanto em PE L1, como em PE L2.

Além do arménio L1, o acesso ao ensino explícito, a idade da primeira exposição, mesmo fora do período crítico, e as outras línguas anteriormente adquiridas também se revelam fatores que influenciam o processo de aquisição dos pronomes clíticos não reflexos em PE L2.

Palavras-chave: aquisição de português europeu como língua segunda (PE L2); falantes adultos de arménio L1; seleção de caso de pronomes clíticos em PE L2; colocação de pronomes clíticos em PE L2; (re)configuração de traços em PE L2.

Abstract

This research analyses the acquisition of the morphosyntactic features of clitic pronouns in EP L2 (European Portuguese as a second language) by adult speakers of Armenian L1 who were divided into three groups according to their proficiency in Portuguese. Two of these groups include EP L2 speakers at intermediate levels – threshold level (B1) and advantage level (B2) – and the third group comprises proficient autonomous users of EP L2 (level C1). The study tested the Feature Reconfiguration Hypothesis (Lardiere, 2008, 2009), examining the influence of learners' Armenian L1 on the acquisition of EP L2 clitic pronouns, while also hypothesising that the acquisition of the morphosyntactic features of clitic pronouns in EP L1 and EP L2 occurs in a similar manner. Considering these two research hypotheses, the acquisition processes of both grammatical case selection patterns and syntactic distribution patterns of object pronouns in EP L2 were analysed.

The analysis of data collected through an elicited test – fill-in-the-blank – developed within the scope of this research revealed that, especially in the early stages of acquisition, the acquisition of morphosyntactic patterns of clitic pronouns in EP L2 is strongly influenced by the learners' L1 features, both in terms of morphology and syntax. However, the acquisition of syntactic features in EP L2 and EP L1 follows a similar path. Our work confirms Lardiere's Feature Reconfiguration Hypothesis (2008; 2009), showing gradual and independent acquisition of the morphological and syntactic features of Portuguese clitic pronouns in adulthood and revealing cases of (almost) complete acquisition in this domain. Furthermore, the study suggests that the acquisition of clitic pronoun placement patterns in European Portuguese occurs at the syntax-phonology interface, explaining the persistent difficulties in this domain of late acquisition in both EP L1 and EP L2.

In addition to Armenian L1, access to explicit teaching, age of first exposure, even outside the critical period, and other previously acquired languages are also factors that influence the process of acquiring non-reflexive clitic pronouns in EP L2.

Keywords: acquisition of European Portuguese as a second language (EP L2); adult speakers of Armenian L1; grammatical case selection of clitic pronouns in EP L2; placement of clitic pronouns in EP L2; (re)configuration of features in EP L2.

Introdução

A fixação dos traços sintáticos dos pronomes clíticos de português europeu (PE) é um assunto complexo e de aquisição tardia, conforme demonstram estudos realizados no âmbito de português como língua materna (PL1)¹ (cf. Carmona e Silva, 2007; Costa *et al.*, 2015; 2016; Silva, 2008; 2009; entre outros). Os estudos evidenciam que em comparação com outras línguas românicas (*e.g.*, espanhol, italiano, francês, romeno) a aquisição dos pronomes clíticos do português é tardia para falantes nativos. A razão apontada para a aquisição tardia nesse domínio linguístico são as particularidades da língua portuguesa (*e.g.*, Costa *et al.*, 2015; 2016). De facto, os padrões de colocação de pronomes clíticos em português são únicos entre as outras línguas românicas. Ao contrário do francês, por exemplo, em que a colocação pré-verbal de pronomes clíticos é o padrão generalizado, sendo a colocação pós-verbal apenas o padrão dos imperativos morfológicos (*e.g.*, Tomaz *et al.*, 2019), ou do espanhol e do italiano, onde a colocação pré ou pós-verbal dos pronomes clíticos está relacionado com a finitude (a posição pré-verbal ocorre com as formas verbais finitas e a posição pós-verbal ocorre com as formas verbais infinitas (*e.g.*, Pereira, 2020)), em português, a distribuição sintática de pronomes clíticos é condicionada por diversos fatores - sintáticos, semânticos, prosódicos, entre outros (ver Barbosa, 1996; Duarte & Matos, 2000; Frota & Vigário, 1996/2001; Madeira, 1992; Martins, 1994; Rouveret, 1999; entre outros). Assim, as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos em português são explicadas pela complexidade do *input*. Costa *et al.* (2016: 366) defendem que adquirir pronomes clíticos em nessa língua significa “adquirir formas fonologicamente deficientes, com propriedades sintático-semânticas que os fazem diferir de outras expressões nominais”.

Estudos recentes defendem que os fenómenos adquiridos tardiamente em L1, principalmente devido a fatores de *input*, podem causar dificuldades também no desenvolvimento bilingue (*e.g.*, Tsimpli, 2014; Sorace, 2014). De facto, as dificuldades na

¹ O presente estudo analisa apenas o caso de português europeu. Os padrões de colocação dos pronomes clíticos noutras variedades da língua portuguesa não serão discutidos neste trabalho. Por uma questão de consistência com práticas internacionais (*e.g.*, FL1 – francês L1, FL2 – francês L2; inglês L1 – IL1, inglês L2 – IL2, entre outros) e de coerência com a terminologia na área (PLE, PLH), no presente estudo usaremos as siglas PL1 e PL2.

Para a definição dos conceitos, português língua materna (PL1), português língua segunda (PL2), português língua estrangeira (PLE), português língua não materna (PLNM), português língua de herança (PLH), ver o subcapítulo 1.1.

Ao longo do texto, além das siglas mencionadas, mais uma vez por uma questão de coerência, serão utilizados também os termos *português*, *língua portuguesa*, referindo-se sempre à variedade europeia, embora noutras variedades a estrutura em questão apresente os mesmos padrões. O termo português europeu (PE) será utilizado sobretudo para respeitar a forma adotada por trabalhos referenciados.

aquisição/aprendizagem² dos pronomes clíticos, sobretudo no que toca à sua colocação numa frase, são referidas no âmbito de português língua segunda (PL2), também para os aprendentes adultos de várias L1 (*e.g.*, Fiéis *et al*, 2023; Fiéis & Madeira, 2016a; 2016b; Gu, 2019; 2022; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2020; Rosário, 2005, Tian, 2022; entre outros).

Por outro lado, assumindo que a(s) L1 de aprendentes medeiam o processo de aquisição de uma nova língua na idade adulta (*e.g.*, Schwartz & Sprouse, 1994/1996; Shimanskaya & Slabakova, 2014; Tsimpli & Mastropavlou, 2001), de acordo com a perspetiva tradicional de transferência da L1, os elementos dificultadores da aquisição de uma L2 são determinados por diferenças entre a L1 e a L2 (*e.g.*, Odlin, 1989).

Assim, os estudos realizados no âmbito de aquisição dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos (mais dos traços sintáticos) em PL2, sobretudo nas últimas duas décadas, tentaram compreender como se constrói o conhecimento sobre as propriedades morfossintáticas de pronomes clíticos, procurando verificar (i) se o processo de aquisição, neste aspeto da língua portuguesa, é semelhante na aquisição de L1 e de L2, (ii) se se observa transferência das línguas faladas dos aprendentes, nomeadamente da L1 e (iii) se no processo de aquisição se observam efeitos de desenvolvimento.

Uma grande parte dos estudos que analisam a aquisição de pronomes clíticos em PL2, aponta para uma trajetória de aquisição semelhante ao de PL1 (*e.g.*, Fiéis *et al*, 2023; Gu, 2019; 2022; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2020; 2022), concordando que, tal como em PL1, as dificuldades persistentes nesse domínio linguístico são explicáveis através da complexidade do *input*, e apesar de encontrarem evidências claras de que a L1 dos aprendentes influencia o processo de aquisição de pronomes clíticos (*e.g.*, na subida de clítico, cf. Fiéis *et al.*, 2013; na omissão dos clíticos, cf. Fiéis & Madeira, 2016a; LiangLiang, 2020), não a veem como a responsável pelos desvios persistentes ou pela aquisição (in)sucedida das propriedades sintáticas de pronomes clíticos em PL2 (*e.g.*, Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005), mas antes encaram-na como um fator que influencia o ritmo de aquisição (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006; Fiéis & Madeira, 2016b). Conforme conclui Madeira (2017), parece, assim, haver fundamentos para assumir que os erros ocorridos na aquisição dos padrões de colocação de pronomes clíticos são intralinguísticos (ver Corder, 1967) ou dizem respeito ao desenvolvimento natural da língua (ver Krashen, 1981).

² Para a definição dos conceitos *aquisição* e *aprendizagem* ver a secção 1.2.3.

Contudo, apesar de um número considerável dos estudos conduzidos no âmbito de aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, as línguas maternas dos aprendentes até agora estudadas apresentam um leque reduzido. Foram analisados sobretudo casos de falantes de línguas românicas que fazem uso de pronomes clíticos (francês, espanhol, catalão e italiano), de línguas germânicas (alemão, inglês, dinamarquês e holandês), urálica (finlandês) e de uma língua sino-tibetana (chinês mandarim), dos quais, curiosamente, os falantes de chinês (cf. Gu, 2019, Fiéis & Madeira, 2016b) e de inglês (cf. Rosário, 2005; Fiéis & Madeira, 2016a), línguas sem pronomes clíticos, pelo menos em alguns aspetos da aquisição, apresentam uma maior dificuldade (*e.g.*, omissão; interpretação; seleção da forma morfológica dos clíticos). Compreende-se, portanto, que os pronomes clíticos em PL2 são mais difíceis de adquirir/aprender sobretudo para os aprendentes cuja L1 não faz uso de pronomes clíticos e, se os tem, conforme refere Rosário (2005), são de natureza muito diferente. Já outras línguas românicas analisadas até agora fazem uso de pronomes clíticos. Portanto, é expectável que as propriedades partilhadas pela L1 e a L2 dos aprendentes (mais no sentido dos traços morfológicos) faça com que o trajeto de aquisição em PL2 se aproxime ao trajeto na aquisição em PL1.

Perante esse panorama, conduzir mais estudos que analisam aquisição de pronomes clíticos em PL2 por falantes cuja língua materna não faz uso de pronomes clíticos, para compreender a influência da L1 no processo de aquisição, torna-se importante. O arménio é uma língua que não tem pronomes clíticos³.

Será importante, assim, verificar se, no caso de aprendentes de PL2, falantes de arménio L1, se observa algum padrão diferente de aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos de português ou o trajeto de aquisição é semelhante ao percurso dos falantes das outras L1.

A par com os traços sintáticos dos pronomes clíticos do português, os seus traços morfológicos também são um tema relevante do ponto de vista de aquisição. A falta de estudos, nesse domínio de PL2, talvez se deva ao facto de, além da omissão dos clíticos, do fenómeno de *lheísmo* e de troca dos pronomes clíticos por pronomes fortes (*e.g.*, Duarte *et al.*, 1996), não serem reportadas outras dificuldades recorrentes na aquisição de PL1. Embora os estudos na aquisição das propriedades morfológicas, nomeadamente, da seleção do caso gramatical dos pronomes clíticos, sejam incomparavelmente poucos em quantidade, tal como os estudos que

³ No presente estudo analisaremos apenas o caso de falantes de arménio oriental. Todas as frases e as discussões apresentadas ao longo da presente investigação serão referentes a essa variedade da língua.

analisam os traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, também reportam semelhanças entre os trajetos de aquisição em PL1 e PL2 ainda no que toca a esse domínio linguístico (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006), não dando, porém, atenção suficiente ao papel da L1 de aprendentes nesse sentido. Nos poucos estudos que endereçam a questão de seleção dos pronomes clíticos em PL2, com as funções de objeto direto (OD) e de objeto indireto (OI) da frase (*e.g.*, Madeira, *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005; Tian, 2022), reportam-se alguns desvios, mas não são aprofundadas as discussões sobre a influência da L1. Apenas o estudo de Tian (2022) dedicou atenção devida aos pronomes objeto de português, descobrindo que os clíticos com a função de OI da frase apresentam maiores dificuldades para a aquisição em PL2, fruto de influência da L1 dos falantes (de chinês) em que a seleção de pronomes objeto é influenciada pelo traço de animacidade.

Existe, portanto, necessidade de mais estudos nesse domínio linguístico também, que procurem verificar a influência do traço de animacidade na seleção de pronomes clíticos em PL2.

O arménio é uma língua cujo sistema pronominal é diferente do português no que diz respeito às propriedades morfossintáticas dos pronomes. Em arménio, a morfologia dos pronomes objeto é definido pelo traço de animacidade, tendo formas diferentes para as entidades [$\pm$ animado], tanto na posição de OD, como de OI (compare (1a) com (1b) e (1c) com (1d)).

(1) a. Անդրեն տեսաւ **այն/իա** (=սեղանը):

Andren tesav ayn/da (=sexane)⁴

Andre_{NOM} viu essa_{ACU}(=mesa_{ACU})

‘O Andre viu-a (=mesa)’

b. Անդրեն տեսաւ **նրան** (=տատին):

Andren tesav nran (=tatin)

Andre_{NOM} viu ela_{ACU}(=avó_{ACU})

‘O André viu-a (=ávo)’

c. Անդրեն մոտեցաւ **ղրան** (=ավտոմեքենային):

⁴ Para a romanização dos exemplos em arménio, adotou-se o sistema de romanização (atualizado em março de 2023) da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos que se encontra disponível online em <https://www.loc.gov/catdir/cpsd/romanization/armenian.pdf> (consultado a 01.07.2025).

Andren motetsav dran (=avtomeqenayin)

Andre_{NOM} aproximou-se esse_{DAT}(=carro_{DAT})

‘O André aproximou-se-lhe (=ao carro).’

d. Անդրեն մոտեցաւ նրան (=տատին):

Andren motetsav nran (=tatin)

Andre_{NOM} aproximou-se ela_{DAT}(=avó_{DAT})

‘O André aproximou-se-lhe (=à avó).’

Nos exemplos de (1), notamos também que os pronomes pessoais acusativo (ACU) e dativo (DAT) da 3.^a pessoa gramatical correferentes a um antecedente [+animado] são isomorfos.

Já em português os pronomes clíticos com a função de OD (*o(s)*, (*a*)*s*) e de OI (*lhe(s)*) apresentam formas diferentes e não são sensíveis ao traço de animacidade⁵.

Quanto às propriedades sintáticas dos pronomes pessoais do arménio, é importante saber que os pronomes com as funções OD e de OI da frase são itens lexicais tónicos e ao contrário dos pronomes clíticos do português, gozam de certa autonomia sintática. Compare (2) e (3).

(2) a. Մարիան նրան հանդիպեց այգում:

Marian nran handipets' aygum

Maria_{NOM} ele/ela_{ACU} encontrou jardim_{LOC}

‘A Maria encontrou-o/a no jardim.’

b. Մարիան հանդիպեց նրան այգում:

Marian handipets' nran aygum

Maria_{NOM} encontrou ele/ela_{ACU} jardim_{LOC}

‘A Maria encontrou-o/a no jardim.’

c. Նրան այգում Մարիան հանդիպեց:

Nran aygum Marian handipets'

⁵ Em português, a questão de animacidade no caso dos pronomes clíticos é discutida apenas no âmbito do objeto nulo (cf. Barbosa *et al.* (2005); Duarte & Costa (2013); Mateus *et al.* (2003); entre outros). A presente investigação não se preocupa com a questão de alternância entre um clítico ACU e objeto nulo em português.

ele/ela_{ACU} **jardim**_{LOC} **Maria**_{NOM} **encontrou**

‘A Maria encontrou-o/a no jardim.’ ou ‘Ele, a Maria encontrou no jardim.’

- (3) a. A Maria encontrou-o no jardim.
 b. *A Maria o encontrou no jardim.

Uma vez que se observam estas diferenças paramétricas, nas estruturas pronominais do português e do arménio, da perspetiva tradicional de transferência, parece-nos legítimo assumir que as propriedades do arménio serão transferidas para o português, resultando numa transferência negativa e fazendo com que nas produções linguísticas dos falantes de arménio L1 e de PL2 se observam efeitos da L1, no que toca ao uso dos pronomes clíticos.

Assim, a primeira questão de investigação (PI), embora ainda vagamente definida, é a seguinte:

Será que os falantes de arménio L1 transferem as propriedades morfossintáticas dos pronomes objetos do arménio, no processo de aquisição de PL2? (PI 1)

Não partiremos, porém, da perspetiva de que a transferência da L1 é apenas negativa. Se, nas estruturas com propriedades diferentes, o conhecimento transferido da L1 poderá resultar no uso incorreto de pronomes clíticos, nas estruturas em que a L1 e L2 apresentam propriedades semelhantes, haverá impacto positivo da L1, aliás, tal como evidenciam os estudos conduzidos no âmbito de aquisição dos traços sintáticos de pronomes clíticos que encaram a L1 dos aprendentes como um facilitador que acelera o processo de aquisição (*e.g.*, Fiéis & Madeira, 2016b; Madeira *et al.*, 2006).

Da perspetiva de distribuição sintática de pronomes clíticos também, apesar de termos referido que os pronomes pessoais de arménio são unidades tónicas e gozam de certa liberdade sintática, não podemos esperar que a L1 resulte apenas na transferência negativa. Existem outras propriedades que essa língua possui, nomeadamente, os traços sintático-fonológicos que condicionam a distribuição sintática de verbo auxiliar (Vaux) clítico. Mostramos, na secção 2.2.8, que os padrões de distribuição sintática do Vaux arménio, um clítico, coincidem na sua maioria com os padrões de colocação dos pronomes clíticos do português, podendo igualmente ser transferidos da L1 para a L2, no processo de aquisição desta última.

Se nos estádios iniciais de aquisição de uma L2 a transferência das propriedades linguísticas da L1 para a língua-alvo é a estratégia de compensação do conhecimento vazio (cf.

Klerman, 1984; Ellis, 1985), muitos estudos mostram que nas fases mais avançadas de aquisição se observa fixação gradual dos parâmetros da L2 (*e.g.*, Lardiere, 2008; 2009; Shimanskaya & Slabakova, 2014). Assim, a par com a questão relacionada com a transferência do conhecimento linguístico previamente adquirido no processo de aquisição de PL2, surge também a questão da possibilidade de aquisição dos valores paramétricos não existentes na L1 dos aprendentes. À luz disto, reformulamos a PI 1:

Será que os falantes de arménio L1 transferem as propriedades morfossintáticas dos pronomes objetos e do Vaux de arménio, no processo de aquisição de PL2 e, se sim, será que o efeito da L1 é visível apenas nos estádios iniciais ou em todos os estádios de aquisição? (PI 1, reformulada)

Contudo, caso as dificuldades encontradas nas produções de falantes nativos de arménio não sejam explicáveis à luz das propriedades da L1, seguindo os resultados dos outros estudos, questionamos:

Será que a aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2, para os falantes de arménio L1, ocorre de uma forma semelhante ao PL1? (PI 2)

Dito isto, como primeira hipótese, levantamos a questão da possível transferência das propriedades da L1 para a L2, que podem influenciar o processo e o resultado de aquisição. Em contrapartida, partindo das conclusões dos trabalhos anteriormente realizados no âmbito da aquisição de PL2, como segunda hipótese, sugerimos verificar a possibilidade de os trajetos de aquisição dos pronomes clíticos em PL1 e em PL2 serem semelhantes.

Assim, as hipóteses da presente investigação, apresentadas ainda de forma introdutória, são as seguintes:

Hipótese 1: A L1 terá impacto significativo no processo de aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2, esperando-se encontrar mais influência da L1 nos estádios iniciais de aquisição da L2.

Hipótese 2: Para os falantes de arménio L1, a aquisição dos padrões sintáticos e de caso gramatical dos pronomes clíticos em PL2 será idêntica à aquisição em PL1.

Voltando à questão de os pronomes clíticos do PE se revelarem de aquisição tardia, importa mencionar que trabalhos mais recentes vêm sugerir que a aquisição tardia de certas propriedades linguísticas é devida ao facto de envolverem interfaces diferentes da sintaxe e de outros domínios linguísticos (*e.g.*, Tsimpli, 2014; Hipótese de Interface, de Sorace, 2014; Sorace & Filiaci, 2006). Trabalhos que procuram dar atenção à questão de os fenómenos (muito) tardiamente adquiridos envolverem interfaces de sintaxe e de outros domínios linguísticos, cujo foco sejam os padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2, são poucos. Na realidade, conhecemos apenas o estudo de Fiéis *et al.* (2023) que, para a aquisição dos pronomes clíticos em PL2, na idade adulta, não parece apoiar a ideia defendida por Tsimpli (2014) de que os fenómenos tardiamente adquiridos são apenas os que envolvem interfaces, argumentando que ‘alguns fenómenos estritamente sintáticos, como a próclise em completivas de indicativo e em orações adverbiais, também se desenvolvem tarde’ (Fiéis *et al.*, 2023: 134).

Como mostramos, nas secções 2.2.8 e 2.2.9, a colocação do Vaux do arménio ocorre nas interfaces sintaxe-fonologia. Tendo encontrado paralelos entre os padrões de colocação de clíticos do português (pronomes) e do arménio (Vaux), e assumindo que as propriedades sintáticas do Vaux do arménio vão condicionar a colocação dos pronomes clíticos em PL2, é legítimo assumir que as dificuldades na aquisição dos pronomes clíticos em PL2 podem ser explicáveis na interface sintaxe-fonologia.

Ao mesmo tempo, por a nossa investigação reunir condições necessárias, *i.e.*, por ter como foco a aquisição das propriedades sintáticas e morfológicas dos pronomes clíticos em PL2 em simultâneo, permite que verifiquemos a hipótese de a aquisição de pronomes clíticos do português envolver a interface sintaxe-morfologia, justificando a aquisição tardia neste domínio linguístico.

Interessa-nos, portanto, saber se as propriedades sintáticas e morfológicas estão a ser adquiridas em simultâneo ou independentemente. A esse respeito, duas perspetivas são normalmente adotadas (ver Madeira & Xavier, 2009). A primeira defende a ideia de que a aquisição dos traços morfológicos e sintáticos são interligadas, sendo a variabilidade morfológica vista como reflexo de deficiências nas representações sintáticas (*e.g.*, Meisel 1991; Vainikka & Young-Scholten, 1994, 1996). A segunda vê a aquisição dos traços sintáticos e morfológicos como processos independentes (*e.g.*, Santoro, 2007; Rothman 2007). No caso de pronomes clíticos, Santoro (2007), para o italiano, Madeira e Xavier (2009), para o PE, defendem a segunda perspetiva, mostrando que as propriedades morfológicas e sintáticas

desses itens se adquirem independentemente, não havendo indícios de que as dificuldades de aquisição de pronomes clíticos em PL2 residam no domínio de morfossintaxe.

Os estudos realizados no âmbito de PL2, todavia, ao analisar a aquisição dos traços sintáticos e morfológicos de pronomes clíticos não têm em conta a complexidade da estrutura argumental dos verbos em PE. Se para as línguas românicas o sistema de pronomes pessoais ACU e DAT é semelhante, i.e., os clíticos ACU e DAT, com formas diferentes, substituem respetivamente ao OD ao OI nominal da frase (e.g., espanhol, italiano, francês, português), sendo semelhante ainda a estrutura argumental dos verbos (e.g., o verbo *convidar* (*invitar*, em espanhol; *invitare*, em italiano; *inviter*, em francês) seleciona um complemento ACU), noutras línguas, como em arménio, os clíticos ACU e DAT com traço [+humano] são isomorfos, sendo que o complemento do verbo հրավիրել – *hravirel* – ‘convidar’ passa a assumir a forma do DAT.

Deste modo, argumentamos que a tarefa para os aprendentes de PL2 nativos de línguas que não partilham o mesmo sistema pronominal passa a ser ainda mais complexa, sendo necessário que adquiram a estrutura argumental dos verbos portugueses também. Assumimos, pois, que, nesse processo, para os aprendentes de português, a dificuldade reside ainda na distinção entre vários verbos com o mesmo significado ou significado semelhante que apresentam estrutura argumental diferente (e.g., *perguntar* + OI vs. *questionar* + OD ou *interrogar* + OD; *dizer* + OI vs. *informar* + OD ou *avisar* + OD; *acudir* + OI vs. *ajudar* + OD).

Assim, a nossa investigação procura compreender, ainda, se existem indícios de que a complexa estrutura argumental dos verbos portugueses justifica a aquisição tardia dos pronomes clíticos em PE, levantando a seguinte questão de investigação, ainda que de uma forma genérica:

Será que as dificuldades de aprendentes de PL2 nativos de arménio residem apenas no domínio da sintaxe ou em interfaces que envolvem a sintaxe e outros domínios linguísticos?
(PI 3)

Intrinsecamente ligada à questão da aquisição tardia, na aquisição de uma L2 é debatida a questão de aquisição bem-sucedida ou de insucesso. Apesar de a aquisição de uma L2 ter revelado aquisição gradual de parâmetros não instanciados na L1, nem sempre ocorre aquisição bem-sucedida na idade adulta (e.g., Ellis, 2008; Gass & Selinker, 2008; Johnson & Newport, 1989; 1991; Krashen *et al.*, 1979; Long, 1990; Saviile-Troike, 2006). O insucesso na aquisição de uma L2 é discutido da perspectiva de outros fatores em que se destaca a idade de aprendentes

– Hipótese do período crítico (Johnson & Newport, 1989; Lenneberg, 1967; Tsimpli, 2003; entre outros). Enquanto, no caso de crianças, a aquisição da L1 e de uma nova língua, em condições normais, sempre é bem-sucedida, a aquisição de uma L2, na idade adulta, na grande maioria dos casos, apresenta um desfecho não-sucedido. Conforme defendido por Selinker (1972), cerca de 5% de aprendentes adultos de uma L2 conseguem alcançar uma mestria igual à de um falante nativo. O insucesso frequentemente é parcial, i.e., observável em determinadas propriedades ou estruturas de língua-alvo (cf. Gass & Selinker, 2008; Hawkins & Chan, 1997; Hawkins & Hattori, 2006; Lardiere, 2000; 2008; 2009; Tsimpli, 2003; White, 2003; entre outros). Alguns autores defendem a ideia de que o insucesso na aquisição após o período crítico se deve à dificuldade na reconfiguração de traços (Lardiere, 2007, 2008, 2009, 2013, Prévost & White, 2000; Shimanskaya e Slabakova, 2015; entre outros). Levantamos, assim, a questão sobre a possibilidade de reconfiguração dos valores paramétricos na L2, na idade adulta:

Será que na idade adulta os traços morfossintáticos de pronomes clíticos de português não existentes na L1 dos aprendentes são passíveis de aquisição? (PI 4)

Como modelo para o presente estudo, adotamos a Hipótese de Reconfiguração de Traços (HRT) (Lardiere, 2008; 2009; 2013; Shimanskaya e Slabakova, 2015), pois esse modelo parte do princípio de que todos os traços que compõem determinadas categorias gramaticais realizadas em itens lexicais, sejam interpretáveis ou não interpretáveis, são passíveis de aquisição. O estudo de Shimanskaya e Slabakova (2015), particularmente interessante do ponto de vista do nosso trabalho, analisando a aquisição dos pronomes clíticos do francês por parte de falantes de inglês L1, conclui que a forma como as propriedades semânticas e morfossintáticas se combinam em vários itens lexicais da L1, de facto, afeta o desenvolvimento da L2, indo ao encontro de propostas anteriores (e.g., Lardiere, 2013; Slabakova & García Mayo, 2013), segundo as quais a dificuldade na L2 reside no processamento de propriedades morfossintáticas e semânticas diferentes entre línguas. Já no âmbito da aquisição dos pronomes clíticos em PL2, tanto quanto sabemos, a HRT foi testada apenas por Pereira (2020; 2022), para o caso de falantes de espanhol L1, que concluiu que os resultados alcançados pelo seu estudo não corroboraram, fundamentalmente, a HRT.

Existe, assim, uma divergência de conclusões entre os estudos que analisam a plausibilidade de HRT da perspectiva da aquisição dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos na L2.

No nosso estudo, adotando a HRT, é previsível que, no quadro do presente trabalho, à medida que os falantes de PL2 vão progredindo na aprendizagem, vão apresentando menos dificuldades no uso de pronomes clíticos, i.e., vão demonstrando desempenhos linguísticos cada vez mais próximos dos falantes nativos.

Por a nossa investigação contar com os informantes de três níveis de competência em português – níveis B1, B2 e C1, conforme o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR) (2001), torna-se possível testar a HRT. Assumindo as premissas da HRT, pressupomos que ocorre uma reconfiguração gradual dos traços não instanciados na L1, mas presentes na L2, questionando:

Será que se observa uma correlação linear entre o desempenho na seleção casual e na colocação de pronomes clíticos e entre o desempenho e a competência geral alcançada em PL2? (PI 4.1)

Para o (in)sucesso na aquisição de uma L2, Madeira (2017), sistematizando o conhecimento acerca do assunto, refere também outros fatores principais a condicionarem o desfecho da aquisição em PL2, tais como a idade de aquisição, as outras línguas faladas (além da L1), o papel do ensino explícito, a aptidão linguística, a motivação, a personalidade, as estratégias de aprendizagem. Entre eles, do ponto de vista da nossa investigação, são relevantes a idade da primeira exposição ao português e o acesso ao ensino explícito, pois, na amostra disponível, é possível criar grupos equilibrados de informantes e avaliar a influência desses fatores na aquisição de PL2, procurando verificar ainda a possibilidade de transferência de outras L2 dos aprendentes de PL2.

Assim, além da PI 4.1, como perguntas secundárias da nossa investigação, apresentamos ainda as seguintes questões:

- Será que se observa uma correlação linear entre o desempenho na seleção casual e na colocação de pronomes clíticos em PL2 e a idade de primeira exposição ao português? (PI 4.2)
- Será que se observa uma correlação linear entre o desempenho na seleção casual e na colocação de pronomes clíticos em PL2 e o tempo de exposição ao português? (PI 4.3)
- Será que o acesso ao ensino explícito é um fator que influencia o processo de aquisição de pronomes clíticos em PL2? (PI 5)

Por último, para termos uma visão completa da possível influência das línguas anteriormente adquiridas, será necessário termos em conta o peso das outras L2 no processo de aquisição de PL2.

Será que, além da L1, as outras línguas anteriormente adquiridas por aprendentes de PL2 condicionam a aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2? (PI 6)

Recapitulando as questões até agora apresentadas, o presente estudo pretende contribuir para a discussão acerca das seguintes questões principais, que, neste ponto, ainda são apresentadas de uma forma genérica:

- i) Será que no processo de aquisição de pronomes clíticos de PL2 se observarão efeitos da L1 dos aprendentes? (PI 1)
- ii) Será que a aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2 ocorre de uma forma semelhante à do PL1? (PI 2)
- iii) Será que as dificuldades de aprendentes de PL2 residem em interfaces que envolvem a sintaxe e outros domínios linguísticos? (PI 3)
- iv) Será que na idade adulta os traços morfossintáticos de pronomes clíticos de português não existentes na(s) L1 dos aprendentes são passíveis de aquisição? (PI 4)

Permitindo a amostra disponível da nossa investigação uma análise para verificar a influência de outros fatores na aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2, procuraremos responder ainda às seguintes questões, neste ponto, também apresentadas de uma forma introdutória:

- v) Será que os falantes de PL2 com competência linguística mais avançada apresentam melhor desempenho nos padrões de seleção casual e de colocação de pronomes clíticos do que os falantes de PL2 iniciais? (PI 4.1)
- vi) Será que, após o período crítico, quanto mais cedo os aprendentes forem expostos à L2, melhores serão os resultados alcançados? (PI 4.2)
- vii) Será que, após o período crítico, os aprendentes com uma exposição mais prolongada à língua-alvo são mais precisos nas suas produções quanto à seleção casual e à colocação de pronomes clíticos de PL2? (PI 4.3)

- viii) Será que, após o período crítico, o acesso à instrução explícita tem impacto positivo na aquisição das propriedades de seleção e de colocação de pronomes clíticos de PL2? (PI 5)
- ix) Será que, além da L1, as outras línguas anteriormente adquiridas também influenciam a aquisição dos pronomes clíticos em PL2? (PI 6)

Para responder às questões e confirmar a validade das hipóteses, traçamos os seguintes objetivos.

Objetivos principais:

- Traçar os padrões de seleção e de colocação dos clíticos nas produções linguísticas de arménios falantes adultos de PL2, em estádios diferentes de aquisição de PL2, descrevendo-os o mais detalhadamente possível e
- Compreender os fatores linguísticos que influenciam a seleção e a colocação dos pronomes clíticos por arménios falantes adultos de PL2.

Objetivos específicos:

- Compreender o papel das línguas previamente adquiridas (L1 e outras L2) na seleção e na colocação dos pronomes clíticos pelos mesmos falantes;
- Compreender as semelhanças nos trajetos de aquisição dos padrões de colocação e de seleção dos pronomes clíticos em PL1 e em PL2, na idade adulta;
- Analisar a possibilidade de aquisição (quase) completa dos padrões de colocação e de seleção dos pronomes clíticos em PL2, na idade adulta;
- Discutir a possibilidade de a aquisição dos padrões de colocação e de seleção de pronomes clíticos em português envolver interfaces de sintaxe e de outros domínios linguísticos;
- Analisar o papel do ensino explícito na seleção e na colocação dos clíticos por arménios falantes adultos de PL2;
- Analisar a influência de outros fatores metalinguísticos (idade da primeira exposição ao português, extensão do *input*) na seleção e na colocação dos pronomes clíticos por arménios falantes adultos de PL2.

Os dados para a análise da presente investigação foram inicialmente recolhidos das produções (semi)espontâneas de falantes adultos de arménio L1 e PL2. Porém, por não se

revelarem suficientes para a análise, recorreremos à produção provocada. Deste modo, a recolha de dados necessários para a análise foi feita, recorrendo a um teste de elicitación, de preenchimento de espaços, que foi elaborado para o efeito, tendo em conta a possível influência das propriedades da língua arménia na aquisição de PL2.

Por forma a compreender se é possível verificar influência da L1 arménio no processo de aquisição dos pronomes clíticos do português, em primeiro lugar, bem como para explicar a construção do teste de elicitación, é preciso analisar e comparar, em arménio e em português, a estrutura e o uso dos pronomes pessoais. Portanto, após o enquadramento teórico, em que apresentamos e justificamos a importância dos fatores que condicionam a aquisição na idade adulta, relevantes do ponto de vista da nossa investigação, o passo seguinte da nossa análise passa pela descrição contrastiva das estruturas pronominais em ambas as línguas.

Assim, a presente investigação está organizada em seis capítulos. Partimos de enquadramento teórico, no capítulo 1, em que descrevemos brevemente os estudos, os conceitos e as teorias pertinentes para a nossa pesquisa, procurando levantar as perguntas de investigação. No capítulo 2, avançamos para uma descrição comparativa dos sistemas pronominais do português e do arménio e das suas propriedades morfossintáticas em ambas as línguas, visando afunilar as questões de investigação relativamente à possível transferência da L1. De seguida, no capítulo 3, resumimos as perguntas, as hipóteses e as previsões da presente investigação. No capítulo 4, descrevemos a metodologia escolhida para a condução deste estudo. De seguida, no capítulo 5, apresentamos os resultados do estudo experimental e a discussão dos resultados. A tese acaba com as considerações finais, apresentadas no capítulo 6, em que são sintetizadas as conclusões principais alcançadas, são referidas as lacunas do presente estudo e são lançadas questões que podem ser endereçadas nas investigações futuras.

Capítulo 1. Enquadramento teórico: aquisição de L2 da perspetiva dos pronomes clíticos (não reflexos) do português

'The field of second language acquisition is one about which everyone seems to have an opinion.'

Susan M. Gass e Larry Selinker (2008: xv)

A afirmação de Gass e Selinker (2008: xv) de que a aquisição de uma segunda língua parece ser daqueles campos em que qualquer pessoa tem a sua opinião, reflete, evidentemente, a heterogeneidade das conclusões alcançadas, demonstrando, ao mesmo tempo, haver um longo caminho ainda a percorrer nesta área. A aquisição de L2 é, decerto, um processo multifacetado que não é possível explicar através de uma teoria.

De facto, são inúmeros os estudos conduzidos na área de aquisição de uma L2 que, apesar de seguirem teorias e modelos diferentes⁶, procuram explicar como um aprendente desenvolve competência gramatical numa nova língua e quais os fatores que facilitam ou dificultam o processo de aprendizagem. Apesar de existirem várias teorias que apresentam visões diferentes da aquisição de uma língua, na mira dos estudos teóricos e empíricos continuam a ficar as questões como a transferência do conhecimento linguístico previamente adquirido, a possibilidade de construção do conhecimento linguístico por semelhança (ou não) ao processo de aquisição da(s) L1 e a hipótese de reconfiguração de valores paramétricos na idade adulta.

Os trabalhos que procuram respostas para estas questões consideram ainda diversos fatores (*e.g.*, a idade dos aprendentes, a qualidade e a quantidade do *input*, o conhecimento de outras L2 anteriormente adquiridas, as diferenças individuais, *etc.*), que potencialmente condicionam o desfecho bem/mal-sucedido numa nova língua. A influência destes fatores, contudo, não foi devidamente estudada no processo de aquisição dos pronomes clíticos do português europeu como segunda língua (PL2). Apenas o estudo de Tian (2022) considera o efeito de inglês L2 na aquisição de PL2 por falantes de chinês L1.

⁶ Teoria comportamentalista (*e.g.*, Corder, 1967; 1981; Lado, 1957; Skinner, 1957), teoria inatista (*e.g.*, Chomsky, 1995; Schwartz & Sprouse, 1996), modelo Monitor de Krashen (1982), teoria sociocultural (*e.g.*, Lantolf, 1994; 2013; Vigotsky, 1978), Hipótese de Complexidade (Larsen-Freeman, 2011; 2013), entre muitos outros.

Não quer isto dizer que a aquisição de pronomes clíticos em português por falantes não nativos tenha ficado fora do foco de pesquisas acadêmicas. Porém, apesar de já existirem diversos estudos neste âmbito (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2013; Fiéis *et al.*, 2023; Fiéis & Madeira, 2016a; 2016b; Gonçalves, 1997; Gu, 2019; 2022; LiangLiang, 2020; Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2020; 2022; Rosário, 1997; 2005; Tian, 2022), as questões de transferência linguística de línguas anteriormente adquiridas, a possibilidade de reconfiguração de valores paramétricos na idade adulta e a possibilidade de alcançar uma mestria igual à de um falante nativo ainda não receberam uma resposta definitiva, como veremos adiante. Conforme Madeira e Alexandre (2022), no caso de PL2, independentemente da sua L1, a aquisição de pronomes clíticos mostra-se persistentemente problemática para falantes não nativos e os estudos, geralmente, demonstram que o processo de aquisição de pronomes clíticos em PL1 e PL2 ocorre de uma forma semelhante. Pode-se assumir, assim, que (i) a aquisição de pronomes clíticos em PL1 e PL2 são processos semelhantes; (ii) a L1 não tem papel importante na aquisição de pronomes clíticos em PL2 e (iii) as propriedades sintáticas de pronomes clíticos não podem ser plenamente adquiridas? Ora, os dados apresentados por estudos conduzidos na área de aquisição de pronomes clíticos em PL2 nem sempre nos permitem chegar a conclusões robustas a respeito destas questões. A Hipótese de Reconfiguração de Traços (Lardiere, 2009) pode ser uma explicação para a persistência das dificuldades na aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2, mas, tanto quanto sabemos, essa hipótese foi alvo de discussão somente nos estudos de Pereira (2020; 2022). A par disso, Madeira e Alexandre (2022) referem que a persistência das dificuldades no domínio da sintaxe contradiz as predições da Hipótese de Interface (Sorace & Filiaci, 2006), conforme a qual era expectável as propriedades sintáticas serem plenamente adquiridas. Porém, o estudo de Fiéis *et al.* (2023), analisando a aquisição dos traços sintáticos de pronomes clíticos em PL2, por falantes espanhóis quase nativos em PL2, conclui que a preferência por próclise é totalmente adquirida por falantes quase nativos de português europeu (PE) L2, mesmo nos contextos que estão sujeitos a atrasos de desenvolvimento significativos, corroborando a Hipótese de Interface de Sorace e Filiaci (2006), não apoiando, contudo, a ideia defendida por Tsimplici (2014) de que os fenómenos (muito) tardiamente adquiridos são apenas aqueles que envolvem interfaces, visto que alguns fenómenos estritamente sintáticos, como a próclise em orações adverbiais ou em completivas com indicativo, também se adquirem tarde. Mas será que o problema da aquisição de pronomes clíticos em PE reside apenas no domínio sintático, ou outros domínios gramaticais interligados com a sintaxe podem apresentar-nos algumas pistas? Os estudos nesse sentido são certamente poucos. O nosso trabalho procurará

responder a essa questão, mas, antes disso, será necessário apresentar as teorias e os modelos pertinentes para a presente investigação e rever os trabalhos realizados no âmbito da aquisição de pronomes clíticos em PL2.

O presente capítulo estrutura-se em três subcapítulos. Primeiramente, definiremos o que entendemos por L2 (§1.1). Depois, exibindo as diferenças entre os processos de aquisição de L1 e L2 (§1.2), apresentaremos a relevância dos fatores extralinguísticos como a idade da primeira exposição à L2 (§1.2.1), a qualidade do *input* (§1.2.2), o acesso ao ensino explícito (§1.2.3) bem como dos fatores linguísticos, como a importância do conhecimento linguístico prévio (§1.2.4 e §1.2.5) na aquisição de uma nova língua, culminando o subcapítulo 1.2 com a apresentação breve A Hipótese de Reconfiguração de Traços (§1.2.6). Num último momento deste capítulo (§1.3), recorrendo à revisão da literatura sobre a aquisição de pronomes clíticos em português da perspectiva de aquisição tanto da distribuição sintática dos clíticos (§1.3.1) como da seleção casual dos mesmos (§1.3.2), procuraremos traçar algumas questões da presente investigação, embora que de uma forma preliminar (§1.3.3).

1.1. O que é uma L2?

No mundo anglo-saxónico, a designação segunda língua (L2) é usada para se referir a qualquer língua aprendida ou adquirida depois da(s) língua(s) materna(s), independentemente do contexto da sua aquisição / aprendizagem (*e.g.*, Ellis, 2008; Gass & Selinker, 2008; Klein, 1986), sendo possível a sua aquisição ainda na infância (*e.g.*, Foster Cohen, 1999; Schwarz, 2004⁷). Portanto, do ponto de vista da sequência de aprendizagem/aquisição⁸, a L2 não é, cronologicamente, a segunda língua aprendida, mas pode-se referir à segunda, terceira ou quarta língua. Para Long (1990), a L2 é definida como uma língua aprendida geralmente de forma consciente, através de imersão no ambiente de L2, ou seja, fora da faixa etária compreendida pelo período crítico.

⁷ Para Schwarz (2004), para que se trate de aquisição de L2 na infância, a exposição inicial à língua deve ocorrer entre os quatro e os sete anos de idade. A aquisição de L2 na infância, todavia, não deve ser confundida com o bilinguismo consecutivo, pois, como sustentado por Foster Cohen (1999), embora os indivíduos ainda se encontrem no período crítico, já têm a(s) gramáticas da L1 completamente formadas.

⁸ Importa, neste ponto, fazer uma distinção entre a aquisição e a aprendizagem de uma língua. Como afirma Abulkhattala (2013), a hipótese de aquisição-aprendizagem é parte do modelo de Krashen (1981; 1982). De acordo com Bahrani (2011), a aprendizagem requer por parte do aprendente esforço consciente e foco na estrutura, enquanto a aquisição ocorre naturalmente, quando o indivíduo usa atividade subconsciente como forma de interiorizar uma língua. Na secção 1.2.3 daremos maior atenção a essa questão.

No contexto português, em paralelo com a designação L2, como referido por Flores (2013), usa-se ainda o termo língua não materna (LNM) que abrange diferentes cenários de aquisição, de aprendizagem e de uso da língua portuguesa, tais como português como língua estrangeira (LE), língua segunda (LS), língua de herança (LH). Para a presente investigação, importa esclarecer a diferença entre os conceitos LS, LE e L2, nas teorias linguísticas.

Da perspetiva de Flores (2013: 9-10), português LS “tanto diz respeito à aquisição / aprendizagem do português como segunda língua durante a infância ou adolescência como já na fase adulta”. Já Stern (1983) e mais tarde Leiria (2004) argumentam que o termo língua segunda (LS) deve ser aplicado para designar a aprendizagem e o uso de uma língua não materna num espaço em que ela tem função administrativa reconhecida, em oposição ao termo LE, que deve ser usado “para classificar a aprendizagem e o uso em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico” (Leiria, 2004: 1). Como nota Madeira (2017), no contexto de LS, o falante não nativo está exposto a um grande número de situações de uso da língua-alvo, podendo participar em diversas situações comunicativas, tanto com os falantes nativos, como com os não nativos, em contrapartida com a LE, cuja aprendizagem ocorre através de acesso ao ensino formal, normalmente seguindo uma sequência pré-estabelecida de introdução dos conteúdos linguísticos. Ainda a esse respeito, Leiria (2004) acrescenta que, no caso de LS, o *input* linguístico é de tal forma intenso que a língua pode ser aprendida sem recurso à escola. Não fica, contudo, muito clara a distinção entre o conceito português LS e L2. Num momento, Flores (2013: 10) refere ‘que há uma diferença entre a aprendizagem da segunda língua circunscrita ao contexto formal da sala de aula, por um lado, e a aquisição da L2 em contexto naturalístico, isto é, através da imersão no meio ambiente dessa língua’, contradizendo, assim, a sua afirmação que citamos no início deste parágrafo. Noutro momento, a mesma autora (*op. cit.*, p.11), referenciando Leiria (2004), menciona que a língua é considerada L2 se tiver um estatuto sociopolítico no país em que vive o falante, por exemplo, uma das suas línguas oficiais (Leiria 2004), sendo o termo utilizado por Leiria (2004: 1) ‘LS’. Deste modo, parece que Flores (2013), pelo menos em alguns momentos do seu trabalho, faz corresponder LS a L2.

Madeira (2017: 306), referindo-se ao facto de diversos estudos terem demonstrado que o contexto de aquisição/aprendizagem não tem apresentado efeitos significativos, tanto ao nível de competência final, como nas sequências de desenvolvimento⁹, resume que é prática comum utilizar os termos L2 ou LNM “para designar qualquer língua que é adquirida/aprendida depois

⁹ Ver também os estudos citados por Madeira (2017).

da língua materna (L1), independentemente do contexto'', *i.e.*, tal como, nos trabalhos académicos anglo-saxónicos.

Na perspectiva dos falantes de arménio L1, no presente trabalho, o conceito PL2 é usado para se referir ao português, variedade europeia, como uma língua que eles aprenderam, depois da(s) L1 e/ou da(s) outra(s) L2, na idade adulta¹⁰, com ou sem recurso ao ensino formal, estando em Portugal, no contexto da imersão linguística, e que usam como meio de comunicação nos domínios educativo, administrativo, político, entre outros¹¹.

Adotando a abordagem sugerida por Madeira (2017), o termo L2 será utilizado ainda para designar qualquer língua que é adquirida/aprendida depois da L1, independentemente do contexto de aquisição. No âmbito do presente trabalho, serão evitados o termo PLNM e PLE, utilizando o último apenas pontualmente, sobretudo em notas de rodapé, para respeitar a forma utilizada pelos estudos citados que analisam a aprendizagem e o uso do português através de acesso ao ensino formal e em contextos onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico. Por uma questão de coerência paradigmática, tal como mencionado na nota 1, o nosso estudo que analisa a aquisição dos pronomes clíticos em português europeu optará pelas siglas PL1 e PL2, recorrendo ao termo sobretudo PE para respeitar a forma que os estudos em análise utilizam. Além do conceito PL2, o conceito de português língua de herança (PLH) será relevante para o nosso estudo, pois em alguns pontos recorreremos a dados de estudos realizados nesse âmbito. Para a definição do termo, seguimos a linha de pensamento de Barbosa e Flores (2011), assumindo como língua de herança aquela que desde muito cedo é aprendida no seio familiar, não sendo, porém, a língua dominante da sociedade em que a criança vive.

1.2. Os principais fatores que diferenciam a aquisição em L1 e L2

Um dos eixos centrais da investigação desenvolvida na área de aquisição de uma L2 prende-se com a questão de o processo, identicamente à L1, ser mediado (ou não) pelos mecanismos cognitivos e linguísticos. Desde o final do século passado, alguns autores (*e.g.*, Dulay & Burt, 1974a; 1974b; 1975; Krashen, 1981; McLaughlin, 1978), assumem que a aquisição de uma língua, quer seja L1, quer seja L2, envolve processos semelhantes¹², enquanto

¹⁰ Para a definição da idade adulta na aquisição de L2, ver a secção 1.2.1.

¹¹ O perfil sociolinguístico dos informantes é apresentado na secção 4.1.2.

¹² Sobretudo no que diz respeito à aquisição de L2 por crianças, os estudos conduzidos por Dulay e Burt (1974a; 1974b; 1974c) chegaram a levantar a hipótese de que a aquisição de L1 e de L2 ocorre da mesma forma, dando origem à Hipótese de L1=L2.

outros assumem que estes dois processos são fundamentalmente diferentes (*e.g.*, Bley-Vroman, 1989; Bardel & Falk, 2007).

Contudo, como menciona Madeira (2017), uma grande parte dos estudos comprova que, se o processo de aquisição de uma L1 e de uma L2 segue, pelo menos, algumas características comuns, apresenta também diferenças cruciais (ver também Montrul, 2010). Antes de mais, o processo da aquisição da L1 é natural e ocorre inconscientemente, já o processo da aprendizagem da L2 poderá necessitar de consciencialização por parte dos aprendentes e poderá depender de fatores diversificados, quer linguísticos, quer extralinguísticos. Madeira (2017), baseando-se em diversos estudos conduzidos na área de aquisição de L2 (*e.g.*, Long, 1996; Odlin, 2005; Selinker, 1972; Schwarz, 2004; entre outros), destaca os seguintes fatores principais que caracterizam a aquisição de uma L2:

- i) a idade de aquisição, que é um fator fundamental no processo de aquisição de uma L2, pois muitas vezes esse ocorre fora da idade crítica, ao contrário da L1, cuja aquisição, como argumentado por Schwarz (2004), ocorre até aos quatro anos de idade¹³;
- ii) as outras línguas faladas, que condicionam a aquisição da L2, enquanto no caso da L1, não existe nenhum conhecimento prévio linguístico (ver também, *e.g.*, Lardiere, 2009; Odlin, 2005; Rothman *et al.*, 2019; White, 2003a);
- iii) a variabilidade que se observa entre os aprendentes da L2, tanto comparando os seus conhecimentos gramaticais ou níveis da proficiência, como comparando as produções linguísticas de um único aprendente num determinado estágio de desenvolvimento;
- iv) os efeitos de fossilização observáveis no caso da maioria dos aprendentes da L2 que não conseguem chegar à uma competência (quase) nativa, enquanto os falantes nativos conseguem formar gramática adulta;
- v) as diferenças individuais, como a aptidão linguística, a motivação, a personalidade, as estratégias de aprendizagem, que influenciam o processo de aquisição da L2, enquanto na L1 esses fatores não têm importância na aquisição;
- vi) o papel do ensino formal, que não é relevante na aquisição de uma L1, por este ocorrer sem instrução nos primeiros anos de vida de uma pessoa.

Da ótica do presente trabalho, alguns destes fatores, como a idade da primeira exposição à L2, o acesso ao ensino formal, as características de interlínguas de aprendentes (*transfer*, desvios, fossilização), aqui referidas, bem como o conhecimento linguístico prévio, serão

¹³ Ver a nota 10.

relevantes. Assim, nas secções seguintes, procuraremos apresentar a relevância destes fatores na aquisição de uma L2, visando afunilar as questões de investigação nesse sentido.

1.2.1. Idade

Conforme vários trabalhos, se as crianças alcançam um domínio total da L1 e se as crianças aprendentes de L2 normalmente conseguem chegar a uma competência (quase) nativa, os aprendentes adultos de L2 muito raramente conseguem uma mestria linguística igual ou semelhante à de um nativo (*e.g.*, Ellis, 2008; Gass & Selinker, 2008; Johnson & Newport, 1989; 1991; Krashen *et al.*, 1979; Long, 1990; Saville-Troike, 2006). Apesar de o debate acerca das diferenças entre as competências alcançadas por adultos e crianças aprendentes de L2 se prolongar há várias décadas, ainda hoje continua a ser atual. Tendo em conta as diferenças observadas entre os resultados alcançados por aprendentes adultos e crianças, uma das questões que gera discussões no âmbito da aquisição de L2 prende-se com a idade da primeira exposição à língua-alvo: será que quanto mais jovem for o aprendente, melhores serão as competências alcançadas? Esta, por sua vez, leva a uma outra questão: será que existe um limite de idade, após o qual os indivíduos já não conseguem adquirir as propriedades da L2?

Como defendido por Lenneberg (1967), existem constrangimentos biológicos para a aquisição de línguas que determinam um período crítico – até ao fim da puberdade –, durante o qual apenas a mera exposição à língua-alvo da comunidade faz com que a criança a adquira. O autor (*op. cit.*) justifica a sua posição a partir da lateralização¹⁴ e a partir das mudanças eletroquímicas do cérebro (inclusive funções linguísticas) que se estabilizam por volta dos 10-12 anos, argumentando que fora dessa idade, o indivíduo necessita de esforço e encara dificuldades, no processo de aprendizagem de uma língua. Portanto, a aquisição antes e depois da puberdade ocorre de formas diferentes, o que conduz aos estados finais de aquisição diferentes, conforme afirmado por diferentes estudos (*e.g.*, Curtiss, 1977; Ellis, 2008; Johnson & Newport, 1989; 1991; Long, 2005)¹⁵.

A Hipótese do Período Crítico, embora inicialmente tenha sido definida para a L1¹⁶, é mais amplamente discutida na aquisição da L2, procurando explicar as dificuldades de

¹⁴ Por lateralização, entende-se o processo de desenvolvimento do cérebro quando cada hemisfério passa a dedicar-se a um conjunto de funções.

¹⁵ Como maior evidência a favor da Hipótese do Período Crítico serve o insucesso das “crianças selvagens” em alcançarem um domínio total da sua L1, devido ao acesso mais tardio à língua.

¹⁶ Para Krashen (1981), a Hipótese do Período Crítico é relevante quando a construção do conhecimento linguístico ocorre num ambiente natural da língua-alvo, mas não no contexto da aprendizagem formal.

aprendentes adultos à luz dessa teoria. Lenneberg (1967) afirma que as línguas estrangeiras precisam de ser aprendidas através de um esforço mental e de consciencialização, visto a capacidade de aquisição da linguagem através da mera exposição à língua-alvo parecer desaparecer após a puberdade. Será que isso significa que após a puberdade os indivíduos já não dispõem de capacidade natural de aquisição de uma nova língua?

Alguns investigadores afirmam que a Hipótese do Período Crítico não pode ser encarada de uma forma radical, pois, após a puberdade, o indivíduo não perde a capacidade de adquirir línguas, mas antes observa-se uma diminuição gradual da aprendizagem, que se expressa diferentemente dentro de diferentes domínios linguísticos (*e.g.*, Birdsong, 1999; Hopp, 2007; Johnson & Newport, 1989; Long, 1990¹⁷; Meisel, 2011). Numa aprendizagem tardia, a diminuição da capacidade de aprendizagem, conforme mostrado por vários estudos, é mais notável em umas subáreas linguísticas que noutras. Se na área lexical não se espera nenhum impacto causado pela idade do aprendente (*e.g.*, Meisel, 2011), a fonologia parece ser a área mais afetada, na aquisição tardia (*e.g.*, Bongaerts *et al.*, 2000; Ellis, 2008; Kim *et al.*, 1997; Long, 1990, 2005; Patowsky, 1980; Santos & Fragozo, 2020). Os investigadores geralmente concordam que os indivíduos que aprendem a L2 após a adolescência são facilmente reconhecíveis pelo seu sotaque estrangeiro. Long (1990) até sugere que a deterioração em alguns indivíduos acontece após os seis anos de idade, mas não na adolescência, como a maior parte dos estudos sustenta. Contudo, conforme notam Gass e Selinker (2008), se, no caso da fonologia, os investigadores concordam que a grande maioria dos aprendentes adultos nunca consegue atingir uma competência nativa, não existe tal consenso em relação às outras áreas linguísticas. Aliás, autores, como McLaughlin (1978)¹⁸ e Long (1990) argumentam que geralmente as crianças têm melhor pronúncia, mas os aprendentes adultos de L2 têm melhor competência na sintaxe que as crianças. Trabalhos mais recentes (*e.g.*, Hopp, 2007; Marinova-Todd, 2003; VanPatten & Benati, 2010) vêm defender que, na aquisição tardia, a sintaxe é, de facto, menos problemática que a fonologia. Porém, na opinião de Krashen *et al.* (1979), essa diferença é notável no início do processo de aquisição,

¹⁷ Long (1990) utiliza o termo período sensível, tomando a posição de que após esse período sensível não ocorre uma perda absoluta da capacidade de aprendizagem, mas sim observa-se uma diminuição gradual da mesma.

¹⁸ Importa salientar que McLaughlin (1978), apesar de ter referido as diferenças encontradas no desempenho linguísticos de falantes adultos e de crianças de L2, defende a ideia de que o processo de aprendizagem de uma língua é sempre o mesmo, quer seja L1 ou L2 e não depende da idade do aprendente. Para o autor (*op. cit.*), as crianças que estão a adquirir L1 ou L2 usam as mesmas estratégias de aprendizagem.

pois, a longo prazo, as crianças alcançam os adultos ou até os ultrapassam¹⁹. Gass e Selinker (2008), baseando-se em estudos empíricos mais recentes (*e.g.*, Rocca, 2007, *op. cit.* Gass e Selinker, 2008), referem que a situação é ainda mais complexa, pois as crianças que aprendem uma L2, tal como os falantes nativos e ao contrário dos adultos aprendentes de uma L2, demonstram uma maior sensibilidade morfológica, enquanto, à semelhança dos adultos, estão a ser influenciados pela transferência linguística na área de léxico. Tais evidências, conforme os autores, fornecem pistas para que a ideia de ‘quanto mais cedo, melhor’ não seja assumida como absoluta.

Com efeito, Johnson e Newport (1989) encontram uma relação entre a idade da primeira exposição à L2 e o desempenho linguístico dos aprendentes na sintaxe, posicionando-se a favor da ideia de que, dentro do período crítico, mais precisamente dos três aos 15 anos, quanto mais cedo ocorre a aquisição, melhores serão as competências alcançadas na língua-alvo, enquanto, após a puberdade, mais precisamente após os 15 anos, tal afirmação não é verdadeira, apesar de os resultados serem geralmente mais fracos, comparativamente com os que aprenderam a língua durante o período crítico. Conforme estes autores (*op. cit.*), após o período crítico, outros fatores, nomeadamente a motivação e a inteligência pessoal, podem determinar o estágio final de aquisição. Patkowsky (1980) descreve uma imagem parecida, descobrindo que após a puberdade os aprendentes da L2 demonstram piores competências na sintaxe que os falantes nativos ou os que começaram a aprender a L2 antes da puberdade. Um outro estudo conduzido por Johnson e Newport (1991) também revela um declínio constante no desempenho linguístico dos indivíduos perto dos 14-16 anos de idade. Estes e outros estudos parecidos, conforme mencionado por Gass e Selinker (2008), evidenciam que, na aquisição da sintaxe da L2, as capacidades dos aprendentes, de facto, podem diminuir com a idade. Além disso, fica evidente que, após o período crítico, não é expectável encontrar uma correlação direta entre a idade de primeira exposição à língua-alvo e a competência alcançada.

Ao mesmo tempo, alguns estudos que questionaram a Hipótese do Período Crítico (*e.g.*, Hopp, 2007; White & Genesee, 1996), chegaram à conclusão de que não existem diferenças significativas entre o desempenho de falantes nativos e de alguns falantes de L2, na área da morfossintaxe, o que lhes permitiu assumir que, pelo menos, este domínio gramatical não é afetado pelo período crítico. Deste modo, pode-se considerar que, apesar de a evidência científica mostrar que, no domínio da morfossintaxe, as capacidades dos aprendentes podem

¹⁹ Com essas conclusões, os autores traçaram a importante distinção entre o ritmo de aprendizagem e a consecução final.

diminuir com a idade, na aquisição tardia de uma língua não materna, é possível alcançar uma mestria linguística igual à de um falante nativo, o que defenderia a Hipótese de Interface, de Sorace e Filiaci (2006), que prevê a aquisição completa das propriedades da L2.

Uma outra perspectiva que defende a possibilidade de os aprendentes tardios conseguirem alcançar competências avançadas na L2 assenta no modelo sistemático da memória humana – memória declarativa vs. memória procedimental –, desenvolvido no campo de neurolinguística (*e.g.*, Paradis, 2009; Ullman 2001; 2004). Conforme esta perspectiva, as crianças armazenam o conhecimento linguístico adquirido na memória procedimental, onde a língua é processada inconscientemente, enquanto, com o avanço da idade, a aprendizagem de uma L2 passa a ser baseada na memória declarativa (*e.g.*, Ullman, 2001), que é um processamento consciente. Conforme Ullman (2004), o conhecimento linguístico armazenado na memória declarativa pode passar para a memória procedimental caso o falante tenha exposição intensiva à L2, o que pode levar a aquisição completa de uma língua na idade adulta.

Tendo em conta as observações apresentadas acima, para o nosso estudo, que se situa na área da morfossintaxe e analisa a aquisição de PL2 em adultos, foram considerados apenas os casos de informantes que tiveram a primeira exposição ao português após os 15 anos de idade, *i.e.*, conforme a distinção feita por Jonhson e Newport (1989), são aprendentes tardios (*late arrivals*). No âmbito da presente investigação, testando a Hipótese de Período Crítico, procuraremos compreender se, após o período crítico, será possível chegar a uma competência linguística (quase) nativa, no domínio que abrange a colocação e a seleção de pronomes clíticos de português²⁰ e verificar se, na amostra disponível, quanto mais cedo ocorrer a primeira exposição à língua-alvo, melhores serão as competências alcançadas no domínio morfossintático.

1.2.2. *Input*

Na definição de Corder (1967), e num sentido mais amplo, o *input* é um conjunto de dados linguísticos disponíveis ao aprendente. O papel do *input* é determinante na aquisição de uma língua do ponto de vista de todos os quadros teóricos, uma das poucas questões da aquisição de L2 em que parece haver consenso, pois, como é sabido, sem a exposição aos dados

²⁰ As perguntas de investigação primeiramente apresentadas na introdução, já neste e no próximo capítulo, não seguem uma ordem, pelo que não as numeramos. Nos capítulos 1 e 2, são levantadas e discutidas as questões de investigação referentes ao tópico da cada secção, onde procuramos mostrar a nossa linha de pensamento e o percurso da elaboração e das reformulações das questões, por forma a defini-las. No capítulo 3, retomamos todas as perguntas de investigação, já reformuladas, e apresentamos por ordem.

linguísticos, não pode ocorrer aquisição (*cf.*, Gass, 1997; Lightbown, 1992; Long, 1996; 2017). Porém, Gass e Selinker (2008: 325-326) notam muito bem que a simples exposição aos dados linguísticos não é suficiente para a aquisição completa, pois o indivíduo pode frequentemente compreender o significado da frase sem o uso da sintaxe, i.e., captando apenas o significado de palavras na frase, como em *copo, cair, mesa* (= *O copo caiu da mesa*). Já no caso do *output*, continuam os autores (*op. cit.*), os falantes precisam de colocar as palavras na ordem correta, forçando-os, como argumentado por Swain (1985, *op. cit.* Gass e Selinker, 2008), passar do processamento semântico para o processamento sintático. A questão relevante que se levanta no âmbito da aquisição de uma L2 é, pois, a seguinte:

O que é necessário para que um aprendente consiga extrair informação relevante do *input* e a transforme no *output*, i.e., em conhecimento linguístico²¹?

Para um aprendente de L2, na idade adulta, o sucesso na aquisição depende em grande parte da quantidade e do tipo do *input* a que ele tem acesso (Flege, 2018). Porém, apesar de muitos estudos conduzidos neste sentido, muito pouco se sabe ainda sobre o tipo de *input* necessário para a aquisição efetiva de uma língua. Se os investigadores concordam que sem a exposição à língua-alvo não pode ocorrer aquisição, observa-se uma discussão em torno da questão sobre como é que os dados disponíveis no *input* são transformados em conhecimento linguístico e também acerca da qualidade e da quantidade do *input* de que o aprendente de L2 necessita para construir conhecimento linguístico com sucesso. Assim, o debate científico centra-se em algumas particularidades do *input* necessárias para uma aprendizagem bem-sucedida da L2.

Como sintetizam Madeira e Alexandre (2022), o *input* linguístico, em comparação com os dados linguísticos a que são expostas as crianças ao adquirir a L1, é geralmente mais pobre em termos qualitativos e quantitativos, o que pode explicar a aquisição incompleta de determinadas propriedades da língua-alvo. Se uma criança, ao adquirir a sua L1, está a ter acesso maioritariamente aos dados linguísticos produzidos por falantes nativos com gramática adulta formada, um aprendente de L2 nem sempre está a ser exposto aos dados linguísticos qualitativamente apropriados para a aquisição bem-sucedida de uma estrutura. Ora, além de a exposição do falante não nativo estar restringida a um número limitado de contextos e de interlocutores, na língua-alvo, comparativamente com o *input* que uma criança monolíngue recebe (Montrul, 2010), como referido por Gass e Selinker (2008), muitas vezes, o interlocutor

²¹ Para a discussão sobre a importância de *input* à luz de diferentes teorias de aquisição ver, por exemplo, Doughty e Long (2003).

nativo, identificando dificuldades na comunicação, modifica o seu discurso, no sentido de ajudar o falante não nativo a compreendê-lo. As modificações do discurso ocorrem na chamada Fala para Estrangeiros (*Foreign speech*), que, conforme Hatch (1983, *op. cit.*, Gass e Selinker, 2008), se caracteriza por abrandamento da fala, por aumento do volume da voz, por uma articulação mais pronunciada, por pausas longas, por vocabulário simples, por repetições e elaborações, por ausência de calão. Estas situações ilustram um *input* qualitativamente pobre, que também pode explicar a aquisição incompleta de uma nova língua.

Não obstante, mesmo assumindo que a qualidade de *input* recebido pelos aprendentes de L2 é relevante, não se pode assumir que a simples exposição a ele garantirá aquisição de dada estrutura, como já foi mencionado. De acordo com Ellis (2008), para que a aquisição de L2 ocorra, é necessário (i) que o *input* esteja acessível ao aprendente e (ii) que haja um conjunto de mecanismos internos para explicar como os recursos linguísticos da L1 estão a ser processados. Nesse sentido, a par do conceito de *input*, é relevante o conceito de *intake* (cf. Corder, 1967; Krashen, 1982), que apresenta o conjunto de informação linguística que o aprendente de L2 consegue extrair e na base do qual vai construir o seu conhecimento gramatical. Assim, como apontado por Sharwood Smith (1986), a compreensão e a aquisição não são sinónimas, i.e., a simples compreensão não leva à aquisição.

Krashen (1985) defende que a aquisição de L2 pode ocorrer quando o aprendente compreende as mensagens na língua, i.e., quando o *input* é compreensível, pois a gramática desenvolve-se automaticamente na base do *input* compreensível, que, contudo, também não é sinónimo de aquisição. Schmidt (1990, 2001) sustenta que o *input* compreensível não leva ao progresso no conhecimento até ao momento em que o aprendente toma consciência de alguma particularidade ou regra da língua-alvo (ver *Noticing Hypothesis*). Carroll (2001) define ainda o conceito do *input* observável, que consiste em uma série de ocorrências produzidas por um falante e observadas por outro. Portanto, o *intake* é o que um aprendente consegue extrair do *input* observável e compreensível e transformar em conhecimento linguístico. Este processo é geralmente definido como processamento do *input*.

Então, que estímulos são necessários para que ocorra processamento do *input*?

Múltiplos estudos procuram analisar o processamento dos dados linguísticos, no espectro de duas componentes do *input*: a frequência com que o dado item ocorre no *input* (e.g., Ellis, 2002; Larsen-Freeman, 1975; Wolter & Gyllstad, 2013) e a sua saliência (e.g.,

Carroll, 2012; Rast, 2008; VanPatten, 2004)²². Dito de outra forma, estes estudos procuram compreender se se pode assumir que os aprendentes de L2 adquirem mais facilmente os itens ou as estruturas mais frequentes e os mais salientados no *input*.

Primeiramente, vale a pena mencionar que, conforme definido por VanPatten e Benati (2010), ao olhar para a questão de frequência do *input*, referimo-nos à relativa frequência das propriedades formais de uma língua que os falantes ouvem ou leem. São vários os estudos conduzidos neste sentido que demonstram que a aquisição está intrinsecamente ligada à frequência do *input* (e.g., Ellis, 2002; Koprowski, 2005; Larsen-Freeman, 1975; Levelt & Van de Vijver, 2004; Schwartz & Causarano, 2007). Ellis (2002) enfatiza os efeitos de frequência do *input* no processamento de diferentes áreas linguísticas: fonologia, sintaxe, morfossintaxe, etc., influenciando a pronúncia, a leitura, a compreensão, a produção ou o julgamento gramatical dos aprendentes. Ao mesmo tempo, Ionin (2003) argumenta que o *input* fornece pistas necessárias para que os aprendentes determinem o valor do parâmetro relevante na L2 e escolham entre vários valores possíveis.

Os dados de que dispomos sobre a frequência de pronomes clíticos no *input* não são muitos, mas mostram que os mesmos são pouco recorrentes nas produções de falantes de PL1, comparativamente com palavras prosódicas. Apesar de Vigário *et al.* (2004) contabilizarem cerca de 30% de clíticos no discurso de adultos, que inclui todos os clíticos de português²³, referem que apenas cerca de 3% são pronomes enclíticos – pronomes átonos pós-verbais e a preposição *de* em sequências como *hei de, há de, hão de*). No que toca aos pronomes verbais proclíticos, os dados não são claros. Não obstante, dos dados apresentados por Vigário *et al.* (2011), que comparam a frequência dos clíticos (novamente de todos os clíticos, cf. Vigário, 2003) e das palavras prosódicas em português, podemos deduzir que a frequência dos pronomes clíticos pré-verbais também é baixa. Chegámos a tal conclusão, olhando para as percentagens de clíticos em posição inicial de *tokens* registados que começam com as consoantes <n> – cerca de 8%, <v> – 0,1%, <t> – cerca de 0,5%, <m> – cerca de 7%, <s> – cerca de 9%, <l> – cerca de 2%, e as vogais <a> – cerca de 21%, <u> – cerca de 27%²⁴. Ora, nestas percentagens, incluem-se itens átonos de outras categorias, defendidas por Vigário

²² Além dessas, outras (e.g., função, contingência de mapeamento forma-função, redundância) também são componentes a ter em atenção na análise do papel do *input* na aquisição de L2 (e.g., Ellis & Collins, 2009). Da perspetiva da presente investigação, consideraremos relevantes a saliência e a frequência do *input*.

²³ Nesta contagem não entram apenas os pronomes clíticos de português, mas antes todos os clíticos de português referidos por Vigário (2003), como os artigos definidos, o quantificador *cada*, a conjunção *mas*, os pronomes interrogativos *que* e *porque*, etc.

²⁴ Analisámos os *tokens* pois os autores argumentam que os clíticos pronominais de português, em posição pré-verbal, cliticizam a palavras prosódicas seguintes, existindo ainda possibilidade de fazerem parte de palavra prosódica estendida. A acrescentar ainda que a percentagem de *Cl-types* contabilizada pelos autores é de 0,17%.

(2003) como clíticos em português, como as formas contraídas de preposição *em* e artigos definidos *o(s)*, *a(s)*, a conjunção *mas*, o complementador *se* e os artigos definidos *o(s)*, *a(s)*. Fica, assim, deduzível que a frequência de clíticos pronominais *lhe(s)* é de cerca de 2% na produção de falantes de PL1 (ver a percentagem de *tokens* que começam com a consoante <l>). Se seguirmos a linha de pensamento de Silva (2008; 2009) e de Carmona e Silva (2007), que observam uma maior produção de clíticos de 1.^a e de 2.^a pessoas, nas produções de crianças portuguesas e também pelo grupo de controlo constituído por falantes adultos de PL1 (ver §1.3.2), a percentagem de clíticos *o(s)* e *a(s)* deverá ser inferior a 8% (assumindo que a percentagem de uso destes é inferior a percentagem de *tokens* que começam com as consoantes <m>, <n>, <t>, <v>).

Por outro lado, embora a frequência de pronomes clíticos seja baixa no *input* disponível, parece lógico, à partida, assumir que quanto mais tempo um indivíduo estiver exposto a uma língua, maior será, em termos absolutos, o número de ocorrências de uma dada estrutura, neste caso, de pronomes clíticos de português. Ellis (2005) sugere 10 princípios a serem considerados na sala de aula que podem beneficiar a aquisição de L2, nos quais a extensão do *input* tem o seu lugar, pois, segundo o autor, quanto mais exposição os aprendentes tiverem, mais e mais rapidamente aprenderão. Assim, partindo do princípio de que o *input* fornece pistas necessárias para que os aprendentes determinem o valor do parâmetro relevante na L2 e escolham entre vários valores possíveis (*e.g.*, Ionin, 2003; Lardiere, 2008; 2009), assumimos como viável que uma maior exposição aos dados linguísticos de português (neste ponto específico, equivale a uma exposição mais prolongada) poderá permitir aos aprendentes observarem os pronomes clíticos selecionados, bem como os desencadeadores (*triggers*) que legitimam a aplicação de um ou de outro parâmetro de colocação dos mesmos em português. Ao mesmo tempo, conforme sustentado por Ionin (2003), a capacidade dos aprendentes de processar o *input* e formular generalizações baseadas em várias pistas dele extraídas pode diminuir em comparação com os sujeitos de L1. Dito isto, questionamos:

Será que se pode assumir que, na idade adulta, uma exposição mais prolongada ao português garantirá uma maior precisão no uso de pronomes clíticos em PL2?

Ao lado da questão de frequência, alguns estudos destacam a importância de saliência de algum item no *input*. Ellis e Collins (2009) argumentam que muitas relações gramaticais do tipo forma-significado (*e.g.*, flexão, partículas gramaticais) são de baixa saliência no *input*, comparando os advérbios temporais *yesterday* e *tomorrow* – de maior saliência – com os morfemas adjacentes aos verbos – também com conotação temporal, mas de baixa saliência. Autores como VanPatten (2004), Carroll (2012) e Rast (2008) prestam atenção ainda à posição

dos itens na frase (inicial, final ou medial) e ao comprimento da estrutura que pode tornar dado elemento mais ou menos saliente e, logo, influenciar o seu processamento. Apesar de Vanpatten (2004) e Rast (2008) terem defendido a ideia de que os aprendentes processam primeiramente os itens lexicais na primeira posição, após os da última posição e só por fim os da posição medial, Carroll (2012) não consegue encontrar tal evidência. No que toca ao comprimento, estes estudos dão uma tónica aos itens lexicais, i.e., ao comprimento da palavra. Ora, os clíticos pronominais de português são monossilábicos, portanto, à luz da afirmação de Carroll (2012), pouco salientes no *input*. Ainda que os estudos de Rast (2008) e Carroll (2012) não tenham encontrado nenhum impacto da extensão de palavra na aquisição de L2, a afirmação de Carroll (2012) de que os falantes nativos consideram as palavras polissilábicas perceptualmente mais salientes, juntamente com a argumentação de Ellis e Collins (2009) de que os itens tipo forma-significado são menos salientes no *input*, pode ser importante para o nosso estudo.

O critério de posicionamento numa frase, de facto, pode dificultar o processamento de pronomes complemento de português, pois esses, por serem clíticos (ver §2.1.2) não ocupam a primeira posição numa frase, podendo aparecer tanto na posição medial, como na posição final de uma frase. Por sua natureza – por serem clíticos – os pronomes do português, adjungem ao seu hospedeiro, i.e., de certo modo aproximam-se às partículas de flexão. Ao mesmo tempo, conforme mencionam Vigário *et al.* (2011), do ponto de vista fonológico, o facto de enclíticos e proclíticos cliticizarem a palavra prosódica, acrescentando-a, pode fazer com que, pelo menos para certos efeitos, ela e os respetivos clíticos sejam tratados como uma única palavra prosódica estendida. Dessa perspetiva, entre os clíticos verbais de português, os ACU deverão apresentar uma saliência fonética ainda mais baixa no *input*, sobretudo em contextos de sândi vocálico (como em *encontro-o no quintal*, *começa-a cedo*, *via-a aos domingos* ou *já a vi*). Assim, julgamos que para alguns falantes de PL2, especialmente para aqueles que adquirem a língua em contexto de imersão, os clíticos ACU, sobretudo nos estádios iniciais de aquisição, não serão fáceis de identificar. À luz dessa suposição questionamos:

Será que a saliência fonética dos pronomes clíticos de português no *input* será determinante para a aquisição dos mesmos e haverá diferença entre o uso de ACU e DAT?

Mais precisamente, será que podemos assumir que os pronomes clíticos ACU serão adquiridos mais tardiamente por causa da sua baixa saliência fonética no *input*?

Caso se verifique tal fenómeno, esperar-se-ia que os clíticos DAT ocupassem o lugar dos clíticos ACU. Mesmo que se verifique ocorrência dos clíticos DAT na posição dos ACU,

será ainda necessário assegurar que não existem outras condições que fomentem tal fenómeno. Essa questão será retomada, na secção 2.2.7.

A questão levantada acerca da saliência fonética dos pronomes clíticos de português deverá ser analisada tendo em conta o contexto de aquisição da L2, sem ou com acesso ao ensino explícito, pois a explicitação pode salientar formas e itens da língua que não são facilmente observáveis pelos aprendentes, no *input* recebido.

1.2.3. Ensino explícito

O papel de ensino explícito na aquisição/aprendizagem de L2 é outro tema que tem recebido bastante atenção (Ellis, 2005; Leow, 2015; Whong *et al.*, 2013; Yusa *et al.*, 2011), não havendo ainda um consenso entre os investigadores sobre se o acesso ao mesmo é a chave para o sucesso na aquisição/aprendizagem completa de L2 ou não. O tipo de contexto em que ocorre a interiorização de regras de uma L2 – formal *vs.* informal – é frequentemente discutido com a dicotomia aprendizagem *vs.* aquisição feita por Krashen (1982), segundo qual, a aquisição é um processo que, igualmente a L1, ocorre inconscientemente e intuitivamente, enquanto a aprendizagem é mediada pela explicitação e pelo conhecimento consciente das regras gramaticais da língua-alvo²⁵. Para esse autor, a aquisição é fundamental e a aprendizagem funciona como um ‘monitor’. Ainda assim, Gass e Selinker (2008) apontam para o facto de que, teoricamente, a aquisição de uma L2 não deve interligar-se com o contexto em que ocorre a interiorização da L2, pois o mesmo processo psicolinguístico ocorre em ambiente natural e na sala de aula, aceitando, porém que existem diferenças, normalmente ligadas à qualidade e a quantidade do *input*. Ellis (2008) também questiona a separação rígida entre a aquisição e a aprendizagem, reformulando esses dois sistemas como conhecimento implícito do sistema interlinguístico e como conhecimento explícito/metalinguístico. A posição de Lightbown e Spada (2013) é mais próxima da definição de Ellis (2008). As autoras argumentam que a separação absoluta entre os dois tipos de conhecimento não é sustentada de forma clara pelos dados empíricos e que na idade adulta a aprendizagem explícita e o desenvolvimento implícito coexistem, podendo a explicitação acelerar a interiorização de estruturas linguísticas em questão, mas o desenvolvimento será gradual e restrito por fatores internos.

²⁵ Utilizando o termo explicitação ou instrução explícita, basear-nos-emos na dicotomia definida por Norris e Ortega (2000:167), segundo a qual, a instrução é explícita quando a explicação de regra faz parte de instrução, enquanto é implícita, se durante a instrução não foram indicadas nenhuma regra gramatical, nem alguma direcção para compreender uma forma em questão.

Madeira (2017), a respeito de diferenças entre os contextos de aprendizagem formal e informal²⁶, igualmente destaca a qualidade e a quantidade de *input*, a par com as perspectivas de oportunidades de comunicação, referindo, contudo, que não se encontram evidências convincentes de que o contexto tenha um impacto definitivo no processo de aquisição.

Ao longo do presente estudo, doravante usaremos sobretudo o termo *aquisição*, independentemente do contexto em que ocorre a interiorização da L2. Tomámos essa decisão, tendo-nos apoiado na posição de Lightbown e Spada (2013). Esse ponto de partida parece-nos relevante para o presente contexto de análise, pois todos os nossos informantes, adultos, afirmaram terem adquirido a língua portuguesa, estando sobretudo em contexto de imersão (ver a secção 4.1.2). Embora cerca de 60% tivesse tido aulas regulares de português, o tempo médio de acesso ao ensino foi de aproximadamente 19 meses, enquanto o tempo médio de imersão foi de cerca de 13 anos (para mais detalhes ver subsecção 5.2.3.1). Além disso, um dos domínios da nossa análise, o da seleção casual de pronomes clíticos, não constitui foco dos manuais de ensino de língua portuguesa como L2/LE, o que nos permite assumir que, mesmo no caso de falantes que tiveram acesso ao ensino explícito, a sua aquisição ocorre na imersão. A distinção entre os dois contextos de interiorização da estrutura em análise é feita apenas na subsecção 5.2.3.1, em que discutimos o papel do ensino explícito no processo de aquisição/aprendizagem dos pronomes clíticos em PL2.

O acesso ao ensino explícito, conforme mencionado, não é encarado como um fator que garanta a aquisição completa da língua-alvo, mas gera discussões à volta da questão de a sala de aula ser um ambiente em que (sobretudo) a qualidade de *input* é controlada e que é favorável para a construção de conhecimento. Segundo Gass e Selinker (2008), se o *input* adicional²⁷ não estiver acessível, os aprendentes não terão oportunidade de receber uma evidência confirmatória / não confirmatória, o que é indispensável para uma aquisição sucedida. No contexto de aquisição natural, isso pode ser um desafio não superável para um aprendente, enquanto no contexto de aquisição instruída, o instrutor dispõe de possibilidades de moldar o *input* adicional, no sentido de o tornar acessível.

Dito isto, o contexto da sala de aula, para a aprendizagem de uma língua, pode ser potencializador, se bem que também pode funcionar como um ambiente redutor, trazendo, assim, efeitos quer negativos, quer positivos.

²⁶ A autora destaca essas diferenças comparando os contextos de aprendizagem formal de uma LE e informal de uma L2.

²⁷ Refere-se ao modelo de *input* compreensível ($i+1$) de Krashen (1982; 1985).

Na secção anterior, referiu-se que a qualidade e a quantidade dos dados linguísticos a que os aprendentes estão expostos pode ser modificada em alguns contextos. Gass e Selinker (2008) mencionam que, no caso de aprendizagem de uma LE, que ocorre meramente em contexto formal, uma grande parte do *input* provém dos seus colegas, cujo conhecimento sobre a língua-alvo é limitado, podendo fazer ainda com que os aprendentes interiorizem os erros dos outros colegas (ver também Prabhu, 1987, *op. cit.*, Ellis, 2005). De facto, frequentemente, o único *input* a que os aprendentes são expostos no ensino formal é o da sala de aula. Uma situação em que a qualidade do *input* recebido é afetada é o contexto particular de ensino formal a partir de casa, quando a aprendizagem ocorre através de instrução previamente disponibilizada (sem instrutor disponível para a comunicação) e quando os únicos fornecedores do *input* são os outros colegas aprendentes de L2, cujo conhecimento linguístico é deficiente (Gass & Selinker, 2008). Abulkhattala (2013) acrescenta que, na sala de aula, é requerida mais leitura, o que pode impedir o desenvolvimento automático de um conhecimento duradouro na L2.

Não obstante, diversos estudos encontram evidências de impacto positivo de ensino explícito ao nível de vários aspetos de aquisição de uma língua. Os estudos de Benati (2004), de Fotos (1993; 1994, *op. cit.*, Ellis, 2005), de Norris e Ortega (2000), de VanPatten (2007), de VanPatten e Wong (2004), de Wong (2004), entre outros, destacam o impacto positivo da instrução processada na aquisição, i.e., quando o instrutor chama a atenção para a forma e fornece ajuda para o processamento da forma ou da estrutura. Schmidt (1994) ainda argumenta que, sem a atenção consciente na forma, não pode ocorrer aquisição na L2, e a instrução explícita, como referido por Ellis (2005), tem sido tradicionalmente direcionada para o desenvolvimento de competência ‘baseada em regras’, que ativamente envolve a abordagem ‘foco na forma (FnF)’. Já Spada e Lightbown (1999) sugerem que a instrução ajuda os aprendentes a progredirem mais rapidamente no percurso natural de aquisição de uma língua.

Ao mesmo tempo, o contexto de aprendizagem formal fornece um ambiente onde frequentemente ocorre realização de *output*, comunicação por aprendentes de L2, onde eles têm oportunidade de receber *feedback* adequado (correção de erros) ou *recast*, recorrer à interação, à negociação²⁸ com o instrutor nativo, que os ajuda tanto a notar a diferença entre a sua produção e a do instrutor, como a ter acesso à explicitação da gramática. Embora o papel de *feedback* corretivo na aquisição de L2 seja controverso (*e.g.*, Ellis, 2005) ou, conforme

²⁸ Para a definição de *recast*, *feedback*, interação corretiva e negociação, ver, por exemplo, Gass e Selinker (2008).

alguns estudos, seja mesmo negativo (*e.g.*, Truscott, 1999)²⁹, muitos autores apoiam a importância de correções a que os aprendentes de L2 têm acesso (*e.g.* Birdsong, 1989; Bley-Vroman, 1989; Gass & Selinker, 2008; White, 1991)³⁰. Por palavras de Gass e Selinker (2008), no contexto formal de aquisição, os adultos recebem mais evidência negativa, i.e., informação de que uma dada estrutura é desviante das normas da língua-alvo, o que, na sua opinião, é uma condição necessária para a aquisição de L2. Um estudo conduzido por White (1991), com crianças francesas a aprender inglês, mostra que a evidência negativa e a instrução explícita podem desencadear aquisição, apontando, porém, para o facto de que os indivíduos que não tiveram acesso à instrução formal, um ano mais tarde, também chegaram a adquirir a estrutura em questão (a ordem S-Adv-V do inglês). Trahey e White (1993) conduziram um estudo parecido, procurando desta vez o papel da evidência positiva, e chegaram à conclusão de que, se a evidência positiva pode ajudar os aprendentes a determinar uma dada regra (no caso, a ordem S-Adv-V do inglês), a evidência negativa será crucial para mostrar o que não é possível na língua-alvo, mas que é possível na sua L1. Outros estudos (*e.g.*, Carroll *et al.*, 1992; Takashima, 1995, *op. cit.*, Gass e Selinker, 2008) destacaram o papel do *feedback* recebido, na reorganização da gramática dos aprendentes de L2. Fica, deste modo, evidente que o ensino explícito pode fornecer *feedback* corretivo, combater a fossilização e, assim, ter impacto positivo na aquisição de uma estrutura em questão. A explicitação pode ajudar ainda na construção de conhecimento explícito e implícito, o que leva à interiorização de dada estrutura. É importante ter em conta que, como sustenta Ellis (2005), na opinião da maioria dos investigadores, a competência na L2 é resultado do conhecimento implícito, porém, não é de negar que o conhecimento explícito tem impacto positivo na aquisição³¹. Tal como mostram Yuan e Ellis (2003), a precisão gramatical dos aprendentes, enquanto elaboravam um texto narrativo, é significativamente melhor quando têm tempo para o planeamento online, o que mostra acesso ao conhecimento explícito.

Além disso, todas as estratégias referidas, potencialmente disponíveis durante o ensino formal, apresentam uma possibilidade de compensar a dificuldade de processar o *input* e formular generalizações baseadas em várias pistas dele extraídas. Conforme Ionin (2003), essa capacidade de processar o *input* pode diminuir com o tempo. As estratégias fornecidas na sala

²⁹ Truscott (1999) afirma que a investigação sobre a correção de erros não mostra efeito positivo na aquisição e sugere evitá-la.

³⁰ Uma discussão mais detalhada sobre a importância do *feedback* corretivo e dos seus tipos pode ser encontrada em Ellis (2005).

³¹ Sobre a polémica à volta da importância do conhecimento explícito na aquisição de L2, ver, *e.g.*, Ellis (2005).

de aula podem compensar a dificuldade de processamento e de formulação de generalizações, levando o aprendente ao *input* compreensível e, conseqüentemente, ao *intake* e a aquisição da forma. Não há dúvidas de que o *input* recebido na forma de *feedback* corretivo combate a sobregeneralização de alguma regra na L2 (Gass & Selinker, 2008).

Alguns estudos mostram que a instrução é mais importante para a aquisição de certos domínios gramaticais. Por exemplo, Harley (1989) concluiu que os falantes de inglês que aprendiam francês L2 não estavam a conseguir adquirir a diferença entre os tempos *prétérite* e *imparfait*, num programa de imersão, mas melhoraram a sua competência nesta área gramatical após instrução intensiva³².

Na aquisição bem-sucedida de uma estrutura na sala de aula, certamente terá impacto, ainda, a metodologia e as estratégias de ensino (*e.g.*, Dörnyei, 2001; Richards & Rogers, 2001), em que também deve ser considerada a escolha de o instrutor fornecer ou não *feedback* negativo explícito (*e.g.*, Seedhouse, 2001), o interesse/a motivação de alunos a trabalharem em conjunto (*e.g.*, Ellis, 2005), a adaptação da forma de ensino às aptidões de alunos (*e.g.*, Cronbach & Snow, 1977; Sternberg, 2002; entre outros).

A investigação sobre os pronomes clíticos de línguas românicas chama a atenção para as características do *input* durante o ensino, referindo que a instrução baseada na forma é benéfica para a aquisição deste domínio na L2 (*e.g.*, Erlam, 2003; Wust, 2010), o que corrobora os princípios de Instrução processada (VanPatten, 2012), sugerindo aos professores de uma língua estrangeira trazer para a sala de aula diversos exercícios de compreensão que ajudam os aprendentes a notarem e a memorizarem a morfologia da L2.

No âmbito da aquisição de PL2 (e de PLH), também encontramos estudos que se preocupam com a questão de o ensino explícito ter impacto na aquisição (*e.g.*, Baldé, 2019; Barbosa & Flores, 2011; Casa Nova, 2014). A tese de Baldé (2019) prova que, na idade adulta, a aprendizagem formal acelera a aquisição de L2, enquanto os estudos de Barbosa e Flores (2011), de Casa Nova (2014), com falantes crianças (7-15 anos) de PLH luso-alemãs e luso-francesas não revelaram impacto do ensino formal na aquisição. Todavia, seria expectável que, conforme defendido por Rothman (2009), sem apoio de ensino adequado, durante a idade de escolarização, os falantes de LH frequentemente falhem na aquisição de competências de

³² Nota-se que este facto pode efetivamente estar interligado à qualidade do *input* (ou ao *input* necessário) a que os aprendentes de uma L2 estão a ser expostos para inferirem as regras de um determinado aspeto gramatical.

literacia na língua. Talvez o facto de os informantes dos estudos de Casa Nova (2014) e de Barbosa e Flores (2011) ainda se encontrarem no período crítico explique o facto de o ensino formal não ter demonstrado impacto na aquisição de PLH.

Assim, por a questão do ensino explícito continuar na mira de investigação sobre a aquisição de L2, consideramos importante que as investigações que unem condições necessárias se expressem sobre a importância deste fator. Na aquisição de PL2, esta questão é relevante, por ainda serem poucos os estudos que apresentam evidências empíricas sobre o impacto desse e, como notado por Madeira e Alexandre (2022), a pergunta sobre de que modo é que o ensino explícito contribui para a aquisição de PL2 ainda permanece em aberto.

Dito isto, e lembrando as perguntas levantadas na secção anterior, a presente investigação procurará verificar se o acesso à instrução explícita tem impacto positivo na aquisição das propriedades morfossintáticas de pronomes clíticos de português por falantes adultos de arménio L1.

Já que o acesso ao ensino formal poderá resultar na explicitação de todas as formas de pronomes clíticos, concorrendo com a hipótese de saliência de certos itens no *input*, voltamos à questão levantada no final da secção anterior quanto à saliência fonética dos pronomes clíticos de português no *input* e questionamos ainda:

Será que haverá diferença de uso dos pronomes clíticos ACU e DAT, entre os falantes de PL2 que tiveram acesso ao ensino explícito e os que adquiriram a língua em situação de imersão?

1.2.4. O conhecimento prévio: *transfer*

Desde há décadas, uma das questões centrais tem sido o papel que a L1 desempenha no processo de aquisição de uma nova língua. Se, no caso da L1, não existe nenhum conhecimento linguístico disponível, um aprendente de uma L2, na idade adulta, tem, pelo menos, uma gramática estável e é expectável que essa influencie o processo de aquisição de uma nova língua (N. Ellis, 2006; R. Ellis, 1985). Em alternativa, a aquisição tardia de uma nova língua deve ser mediada pelos mesmos mecanismos cognitivos que a aquisição da L1. A busca da importância da L1 na construção do conhecimento linguístico da L2, que tem as suas raízes na teoria behaviorista³³, sobretudo nas primeiras décadas de expansão da teoria inatista, resultou

³³ O termo interferência foi cunhado por Weinreich (1953), para descrever a introdução de elementos de um idioma nos domínios linguísticos da outra, nas produções de bilingues (cf. Gass & Selinker, 2008). A partir daí, várias designações foram utilizadas para descrever a influência do conhecimento linguístico previamente

em diversos modelos, que se dividem em duas grandes categorias: (i) os que partem do princípio de que o conhecimento de L2 é mediado pela L1 (e.g., Eckman, 1977; Eubank, 1993/1994, 1994, 1996; Schwartz & Sprouse, 1994; 1996; Vainikka & Young-Scholten, 1994, 1996;) e (ii) os que defendem não existir nenhuma transferência do conhecimento da L1 (e.g., Epstein *et al.*, 1996; Flynn 1987).

Atualmente, como mencionam Rothman *et al.* (2019), poucos investigadores se posicionam a favor de não *transfer*, sendo que a maior parte das teorias formais (inatistas) até prevê um *transfer* sistemático, que é altamente previsível, e que, na opinião dos autores, é muito positivo do ponto de vista de se testar a teoria por observação ou experimentação (falseabilidade teórica).

A nossa intenção não será a discussão do conceito e da possibilidade de *transfer*, pois a existência do mesmo parece lógica, não apenas por existirem demasiadas evidências nos estudos empíricos (Madeira, 2017) ou nas abordagens teóricas (e.g., Ellis, 2006; Gass & Selinker, 2008), mas partindo do princípio de uma simples abordagem lógica. De facto, é plausível pensar que o conhecimento que um aprendente possui acerca da sua L1 (ou de outras línguas por si faladas) não pode ser pouco significativo. Como nota Ellis (2006), a aprendizagem de uma L2, na idade adulta, “parte de uma tábua repleta e não de uma tábua rasa” e, enquanto adulto, o aprendente recebe o *input* da L2 através de estruturas que estão neurologicamente sintonizadas à L1. Por palavras de Gass e Selinker (2008), a aquisição L2 envolve integração de novo conhecimento com o conhecimento anterior, e o conhecimento anterior é para ser interpretado num sentido mais amplo, que inclui o conhecimento da L1, de outras línguas, o conhecimento já existente sobre a L2, o conhecimento do mundo, entre outros. Adicionalmente, o *transfer* é uma estratégia disponível para compensar algum vazio no conhecimento da L2 ou da LE, mas, por outro lado, através desta tática, encontrando semelhanças entre a L1 e a L2, o aluno procura desenvolver estratégias de aprendizagem (Kellerman, 1984).

Mais além do debate sobre a possibilidade de *transfer*, logicamente, se a aquisição de L2 contasse apenas com o acesso à GU (e.g., Hipótese de *Full Access (without Transfer)* de Epstein *et al.*, 1996; 1998), igualmente ao caso da L1, (i) a competência linguística final na L2 seria qualitativamente igual ou próxima à da L1 e (ii) as interlínguas dos falantes de L2 não

adquirido na aprendizagem/aquisição de uma nova língua: e.g., transferência (Lado, 1957; Odlin, 1989), empréstimo (Corder, 1981), influência translinguística (Kellerman & Smith, 1986).

teriam propriedades da L1, evidências que encontramos em várias pesquisas (ver, *e.g.*, Bley-Vroman, 1989; Selinker, 1972; Saville-Troike, 2006), sendo idênticas para os aprendentes da mesma L2, independentemente das suas L1³⁴. Contudo, falando ainda teoricamente, num cenário contrário, se a aquisição da L2 contasse apenas com o *transfer* (parcial ou pleno), mas não com o acesso à GU (*e.g.*, Bley-Vroman, 1989), os aprendentes supostamente não adquiririam as propriedades diferentes da sua L1, continuariam a produzir os mesmos erros originados pelo conhecimento da sua L1 ao longo de todo o processo da aquisição da L2, e o estado final de aquisição apresentaria uma mera transição do conhecimento linguístico da L1 para a L2, sem o desenvolvimento na aquisição, i.e., idêntico ao estágio inicial, o que não é o cenário observado na aquisição de uma L2 (ver Gass & Selinker, 2008; Selinker, 1972; White 2003a). White (2003a) afirma que os aprendentes não ficam presos nas representações baseadas na gramática da sua L1, mas, quando a gramática da L1 é incapaz de acomodar propriedades no *input* da L2, recorrem a opções da GU não instanciadas na L1, incluindo às novas configurações de parâmetros, às categorias funcionais e valores de propriedades.

Assim, tanto o acesso à GU, como o *transfer* são variáveis que devem entrar em consideração na aquisição da L2³⁵. Numa linguagem matemática, trata-se de um sistema de equações (mas não de um grupo), no qual ambas as variáveis deverão ter sidas em consideração à partida:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{A aquisição da L2 é mediada pelo } \textit{transfer} \\ \text{A aquisição da L2 conta com o acesso à GU} \end{array} \right.$$

Na solução desta equação, conforme mencionado, é de excluir, à partida, o cenário de nem o *transfer*, nem o acesso à GU serem possíveis³⁶ (*no access / no transfer*), o que significaria que não é possível nenhuma aquisição de L2 (de igual modo, o cenário de *no access / full (parcial) transfer*). Portanto, as duas condicionantes estão acessíveis e envolvidas no processo de aquisição da L2.

Nas teorias de aquisição de L2, são várias as hipóteses que apresentam diversas combinações do *transfer* (pleno ou parcial) e da possibilidade de acesso à GU (pleno ou parcial), (*e.g.*, Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno de Schwartz & Sprouse, 1994;

³⁴ Resumindo os resultados de estudos no âmbito de PL2, Madeira e Alexandre (2022) referem a aquisição dos pronomes clíticos ser um dos aspetos em que ocorrem desvios semelhantes nas interlínguas de aprendentes de diversas L1. A essa questão voltaremos mais adiante.

³⁵ Uma abordagem parecida encontramos em Meisel (2011).

³⁶ Numa abordagem puramente matemática, equivalerem-se a zero.

1996; Hipótese da Marcação Diferencial de Eckman, 1977; Hipótese de Déficit Representacional de Hawkins, 2000; entre outros)³⁷.

Assumindo que o *transfer* é um recurso presente na aquisição de L2, a verdadeira questão torna-se, assim, saber o que é que exatamente um aprendente de uma L1 transfere da L2 e em que estádios de aquisição?

A hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, de Schwartz e Sprouse (1996), que prevê a L1 como ponto de partida na aquisição de L2, assumindo que a gramática do aprendente é reestruturada à medida que ele está a ser exposto aos dados linguísticos suficientes, é um pilar da presente investigação. Esta hipótese assume que o estágio inicial de aquisição de L2 é o estágio final da L1, ou seja, os traços de um dado item ou de uma dada estrutura de L1 são plenamente transferidos para a L2, constituindo o ponto de partida de aquisição de itens ou estruturas equivalentes na língua-alvo. Conforme White (2003b), esta hipótese explica a possibilidade de aquisição de qualquer propriedade linguística através dos mesmos mecanismos cognitivos que na L1, devido ao conhecimento linguístico inato, mesmo que dadas propriedades estejam ausentes na L1. Portanto, do ponto de vista desta hipótese, é possível adquirir a L2 completamente (mas não garantidamente) desde que haja exposição necessária ao *input* linguístico para desencadear a reestruturação de determinadas propriedades gramaticais. O grau de dificuldade e o percurso de desenvolvimento, à luz desta hipótese, é dependente das características que uma dada propriedade apresenta na sua L1 e na L2.

Assumindo a ‘transferência total’, o ‘acesso total’ necessita de uma definição melhor, pois a aquisição de uma L2 na idade adulta, na sua maioria, não é bem-sucedida e, segundo argumentamos, se a aquisição contasse com o acesso total à GU, teoricamente o estágio final de aquisição de L2 deveria ser igual ou pelo menos semelhante à aquisição de uma L1.

Algumas hipóteses (*e.g.*, Hipótese de Interpretabilidade (*Interpretability Hypothesis*) de Tsimpli, 2003, *op. cit.*, Lardiere, 2008; Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007; Tsimpli & Mastropavlou, 2001; Hipótese do Déficit Representacional (*Representational Deficit Approach* (Hawkins, 2003; Hawkins & Liszka, 2003) / (*Failed Functional Feature Hypothesis*); (Hawkins, 1998; 2000; Hawkins & Chan, 1997)) que assumem o *transfer* da L1 ser crucial na aquisição de L2 (enquanto o acesso à GU é parcial) constroem as suas predições à volta do cerne de que nem todas as propriedades da L1 são transferíveis para a L2 e as dificuldades e a variabilidade na aquisição de traços são condicionadas pelos traços (interpretáveis *vs.* não-

³⁷ Para uma apresentação mais detalhada das hipóteses que partem do princípio de tanto o *transfer* como o acesso à GU mediarem o processo de aquisição da L2, ver, *e.g.*, White (2003b), Gass e Selinker (2008).

interpretáveis) que não são instanciados na L1. Estas hipóteses de aquisição são versões modernas de reconfiguração de traços e assumem que o domínio da sintaxe é problemático para a aquisição de uma L2. Uma alternativa aos modelos que analisam a aquisição (não) bem-sucedida a partir de reconfiguração de parâmetros, são também a Hipótese da Ausência Superficial da Flexão (*Missing Surface Inflection Hypothesis*) de Prévost & White (2000), que defende que o déficit não representa falta de conhecimento gramatical, mas que está situado ao nível do uso, difícil de acesso durante a produção, e a Hipótese de Reconfiguração de Traços (*Feature Re-Assembly Hypothesis*) de Lardiere (2008; 2009), que prevê que as dificuldades na aquisição de L2 residem na reconfiguração de traços formais. Destas, no nosso trabalho, será adotada a segunda, a Hipótese de Reconfiguração de Traços, que apresentaremos na secção 1.2.6.

1.2.5. O conhecimento prévio: aquisição de uma L3/Ln

Um dos pontos relevantes para o nosso trabalho é a aquisição de uma L3/Ln, i.e., quando, antes de aprender PL2, além da(s) L1, o aprendente já tem adquirido pelo menos uma língua não materna. A questão que nos interessa, discutida já por vários estudos, é se a aquisição de todas as línguas não nativas (L2), na idade adulta, ocorre de forma semelhante ou se na aquisição de uma nova língua (L3/Ln), além da L1, as outras línguas anteriormente adquiridas também têm impacto?

Antes de apresentar alguns modelos que discutem a aquisição de uma L3/Ln, importa referir que na comunidade académica não existe consenso sobre o conceito da L3/Ln. Madeira (2017) explica que (i) se o critério for simplesmente cronológico, a L3 deverá ser a terceira língua que o indivíduo adquire, i.e., a sua segunda língua não materna, existindo, assim L4, L5, ..., Ln, enquanto (ii), de uma outra perspetiva, a L3 pode ser qualquer língua não materna que uma pessoa aprende após ter adquirido (ou estar no processo de adquirir) pelo menos uma outra língua não materna (L3=L4=L5=...=Ln) ou, ainda, (iii) o critério importante pode ser o nível de proficiência, sendo a L3 a segunda língua não materna melhor dominada e não importando a ordem de aquisição. Contudo, seja qual for a definição, a aquisição de uma L2 e de uma L3/Ln para a maioria dos investigadores é um processo diferente, pois, como sustentado por diversos autores (*e.g.*, Cenoz, 2003; Rothman *et al.*, 2019), os aprendentes que já adquiriram uma língua não materna dispõem de competências metalinguísticas mais desenvolvidas, de ligações entre a mente e a linguagem particulares, de vantagens cognitivas e de conhecimento

linguístico mais alargado que os ajuda a aceder a um maior conjunto de propriedades gramaticais.

Uma vez que, na aquisição de L1, são possíveis dois macro quadros – (i) não existe transferência e (ii) existe transferência da L1 (total ou parcial) – e uma vez que, na secção anterior, fundamentamos a nossa posição de que a transferência é um fenómeno certamente a ter em conta, não vamos considerar a possibilidade de não ocorrer transferência na aquisição de L3. Como referido, Rothman *et al.* (2019) afirmam que nenhum estudo adota a posição de que não ocorre transferência na aquisição de L3/Ln. Assim, se, na aquisição de uma L2, a fonte do conhecimento linguístico é considerada a L1, da perspectiva de influência que o conhecimento linguístico tem no processo de aquisição de uma L3, três abordagens são possíveis:

- (i) a principal fonte da transferência linguística continua a ser a L1 (*e.g.*, García Mayo & Rothman, 2012; Hermas, 2015; Jin, 2009);
- (ii) a transferência ocorre a partir da L2 ou está a ser mediada apenas pela L2 (*e.g.*, Bardel & Falk, 2007; Falk & Bardel, 2011) que funciona como um filtro bloqueador entre a L1 e L3;
- (iii) a transferência ocorre tanto a partir da L1 como da L2 (*e.g.*, Flynn *et al.*, 2004; Rothman, 2010; 2015; Slabakova, 2017; Westergaard *et al.*, 2017), tendo em conta ainda que apenas a transferência não pode dar conta de todos os fenómenos observados na aquisição de uma L3.

1.2.5.1. Quadro de Transferência Absoluta da L1 (*Default L1 Transfer Scenario*)

A possibilidade lógica de que na aquisição de uma L3, igualmente à aquisição de uma L2, a transferência ocorre a partir da L1 é defendida por alguns investigadores (*e.g.*, Hermas, 2010; 2015; Jin, 2009; Lozano-Pozo, 2003). Contudo, por palavras de Rothman *et al.* (2019), os investigadores que adotam este ponto de vista, não articulam os mecanismos que sustentam por que razão isso deve ser o cenário privilegiado, limitando-se a uma ideia de que o estatuto cognitivo da L1 condiciona a seleção de transferência. Conforme Lloyd-Smith *et al.* (2017), para a maioria de aprendentes de L3, a L1 continua a ser a língua dominante, o que pode explicar a abordagem de essa ser mais acessível para a transferência. O estudo de Na Ranong e Leung (2009), testando a aquisição de L3 chinês por 20 falantes de L1 tailandês /L2 inglês, em paralelo com a aquisição de L2 chinês por sete falantes de L1 inglês, conclui que a L1 parece ter um efeito facilitador na aquisição de L3, pois a interpretação do objeto nulo pelos

aprendentes de L3 revelou ser semelhante em chinês e em tailandês. Hermas (2010) e Jin (2009) também apontam para o estatuto privilegiado da L1 para transferência morfossintática na aquisição de L3/Ln. Na Ranong e Leung (2009), todavia, apontaram ainda para o facto de as L1 e L3, no dado contexto, serem tipologicamente relacionadas, o que podia influenciar na seleção da fonte de transferência. A proximidade tipológica entre a L1 e a L3 deste estudo, conforme Rothman *et al.* (2019), podia servir de suporte ainda para o modelo da Primazia Tipológica de Rothman (2010; 2015), que será referida adiante. De uma forma geral, Rothman *et al.* (2019) defendem a ideia de que os dados apresentados pela maioria dos estudos que se posicionam a favor da Hipótese da Transferência Absoluta da L1 (com exceção de estudos de Hermas (2010; 2015)) podiam igualmente ser compatíveis com os modelos formais atualmente disponíveis, nomeadamente o Modelo da Primazia Tipológica ou o Modelo da Proximidade Linguística, quando a L1 e a L3 são tipologicamente próximas.

1.2.5.2. Modelo do Fator do Estatuto da L2 (*L2 Status Factor*) na morfossintaxe

Baseando-se nos trabalhos de Williams e Hammarberg (1998) e de Hammarberg (2001), que sugeriram o Fator de estatuto da L2 (*L2 Status Factor*) no âmbito de léxico, Bardel e Falk (2007) (ver também Bardel & Sánchez, 2017; Falk & Bardel, 2011), olhando para a aquisição de L3 ao nível sintático, desenvolveram o Modelo do Fator do Estatuto da L2, segundo o qual a L2 desempenha um papel determinante no estágio inicial da aquisição da L3, uma vez que bloqueia a transferência da L1. De acordo com Bardel e Falk (2007), na aquisição da L3, o fator do estatuto da L2 é mais forte do que o fator tipológico (contrapor ao Modelo da Primazia Tipológica de Rothman (2010, 2015)). Segundo Rothman *et al.* (2019), a argumentação a favor deste modelo foi revista e atualmente é construída na base do Modelo Declarativo/Procedimental (ver Paradis, 2009, Ullman 2001; 2004), de acordo com o qual as gramáticas da(s) L1 ficam armazenadas na memória procedimental, enquanto as gramáticas adquiridas após período crítico ficam guardadas na memória declarativa, sendo, logo, mais lógico ocorrer transferência entre os sistemas ao nível da mesma camada de memória. Porém, esta dicotomia baseada na memória procedimental e declarativa gera novas questões de seleção da fonte de transferência nas situações particulares, tais como a aquisição de uma língua não materna pelos bilingues simultâneos ou quando o indivíduo apresenta um conhecimento metalinguístico considerável na sua L1. Bardel e Sánchez (2017) sustentam que, nos casos em que ambas as gramáticas apresentam fontes de transferência igualmente possíveis, a atenção

dos investigadores deve ser dada ainda às diferenças individuais dos aprendentes (*e.g.*, ao controlo da atenção, à memória funcional).

1.2.5.3. Modelo de Melhoria Cumulativa (*Cumulative Enhancement Model* - CEM)

De acordo com o Modelo de Melhoria Cumulativa (*Cumulative Enhancement Model* - CEM) de Flynn *et al.* (2004), o processo de aquisição de uma nova língua é cumulativo, onde todas as línguas previamente adquiridas podem potencialmente influenciar a construção do conhecimento linguístico da nova língua, não tendo a L1 um papel privilegiado. O aparecimento deste modelo, conforme Rothman *et al.* (2019), fez com que a aquisição de L2 e de L3 fossem considerados processos distintos, questão que nem sempre estava na mira de investigações até 2004. Porém, o CEM assume que ou não ocorre nenhuma transferência de todo (o conhecimento prévio é neutro) ou a transferência é positiva (o conhecimento prévio é um fator facilitador). Este modelo, conforme Rothman e Cabrelli (2009), ignora a possibilidade de transferência negativa. Além disso, Rothman *et al.* (2019) referem que o modelo CEM não faz previsões em relação ao estado inicial de aquisição de L3, pois assume que o *transfer*³⁸ ocorre apenas quando necessário (de propriedade a propriedade), sendo expectável que aconteça apenas após uma exposição suficiente aos dados do *input* na L3, mesmo se alguma propriedade relevante estiver disponível logo no início de aquisição. Por outro lado, conforme estes autores (*op. cit.*), os aprendentes de uma L3 nem sempre transferem valores adequados quando uma das suas línguas anteriores (sobretudo a L1) fornece a forma correta, o que desafia o modelo CEM.

1.2.5.4. Modelo da Primazia Tipológica (*Typological Primacy Model* - TPM)

Ao contrário do CEM, o modelo da Primazia Tipológica (*Typological Primacy Model*, TPM) de Rothman (2010; 2015) aceita que a transferência tanto da L1 como da L2 pode ser também negativa. Contudo, este modelo assume que a fonte de influência é determinada como única, *i.e.*, o *transfer*, no estágio inicial de aquisição, ocorre ou a partir da L1 ou a partir da L2, sendo possível que esta tomada de posição seja revista mais tarde. Como explicam Rothman *et al.* (2019), isto significa que, caso a transferência inicial seja não facilitadora, pode acontecer que, quando o aprendente está exposto ao *input* suficiente na L3 para determinar que existe

³⁸ Rothman *et al.* (2019) mencionam que o termo *transfer* não foi originalmente usado pelo CEM, mas por nenhum investigador ter se pronunciado sobre isso, pode-se assumir que o termo é adequado para este modelo.

necessidade de reestruturação, a propriedade da outra língua seja transferida em seu lugar. Conforme este modelo, no estágio inicial de aquisição, a proximidade tipológica das línguas é um fator essencial, havendo uma maior possibilidade de ocorrer transferência entre as línguas tipologicamente próximas, o que Rothman (2015) explica como a semelhança ou proximidade baseada na estrutura linguística³⁹.

1.2.5.5. Modelo da Proximidade Linguística (*Linguistic Proximity Model - LPM*)

O modelo de Proximidade Linguística (*Linguistic Proximity Model - LPM*), de Westergaard *et al.* (2017), partilha princípios com o CEM e o TPM, assumindo que o *transfer* não é restrito exclusivamente à L1 ou exclusivamente à L2 para todas as propriedades. Para este modelo, o *transfer* acontece quando há necessidade para tal, i.e., de propriedade em propriedade (tal como no CEM), mas neste processo a proximidade estrutural é determinante para a seleção da fonte de transferência (tal como no TPM). Porém, ao contrário do TPM, este modelo prevê possibilidade de transferência tanto de L1 como de L2 em simultâneo (quando há proximidade estrutural), aceitando a possibilidade de transferência negativa⁴⁰. Segundo Westergaard *et al.* (2017: 671), a transferência negativa ocorre quando o aprendiz erradamente assume que dada propriedade é partilhada entre a L3 e a L1, ou a L2, ou ambas.

Além da proximidade linguística, fatores como o prestígio da L1 e da L2, o nível de proficiência na L2 e o uso mais ou menos recente de cada uma das línguas (cf. Madeira, 2017; Rothman *et al.*, 2019), bem como a ordem de aquisição de línguas e uma autopercepção de facilidade enquanto um indivíduo fala uma dada língua (cf. Rothman *et al.*, 2019) podem igualmente contribuir para a determinação de língua(s) que apresenta(m) a(s) fonte(s) de influência.

Slabakova (2017) apresenta ainda o Modelo de Escalpelo (*Scalpel Model*), que considera a complexidade de processamento, o *input* enganoso (*misleading input*) e a frequência de uma dada construção na L3 como fatores que se unem na determinação da língua a ser selecionada como fonte de transferência na aquisição de L3.

³⁹ Rothman *et al.* (2019) chamam atenção para o facto de muitos investigadores confundirem a proximidade estrutural de duas línguas com a psicotipologia (*psychotypology* de Kellerman (1983)), que é a percepção que os aprendentes têm sobre a proximidade linguística de línguas, esclarecendo que o Modelo de Primazia Tipológica se refere à proximidade ou semelhança baseada na estrutura, mas não na percepção dos aprendentes.

⁴⁰ A definição utilizada pelos autores é influência não facilitadora (*non-facilitative influence*).

A influência das outras línguas anteriormente adquiridas no processo de aquisição de pronomes clíticos em PL2 não foi, ainda, devidamente estudada. Apenas o trabalho de Tian (2022) procura dar conta do efeito das outras línguas anteriormente adquiridas, nomeadamente do inglês L2, no caso de aquisição de PL2 por falantes de chinês L1. O autor rejeita o Modelo do Estatuto da L2 de Bardel e Falk (2007) e o modelo de Modelo de Melhoria Cumulativa de Flynn, Foley e Vinnitskaya (2004), supondo que o Modelo da Primazia Tipológica de Rothman (2010; 2011) explique melhor o processo de aquisição de uma L3.

Outros estudos na área não apresentam nenhuma discussão quanto à influência das outras L2, limitando-se a apresentar suposições de que o processo de aquisição em alguns casos pode ser condicionado pelo conhecimento das outras L2 anteriormente adquiridas (*e.g.*, Fiéis & Madeira, 2016a), ou simplesmente destacam a necessidade de analisar o efeito das outras L2 na aquisição de pronomes clíticos em PL2 (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2013).

Para a nossa investigação, o conceito de L3/*Ln* será relevante pois alguns informantes, além de falarem português como L2, dominam outras línguas que declararam estar a utilizar diariamente em diversos contextos (família, trabalho, entre outros)⁴¹ e, deste ponto de vista, utilizaremos o conceito de L3 como uma variável na nossa análise, procurando compreender se, no desempenho de padrões morfossintáticos de pronomes clíticos, existe alguma diferença notável entre o grupo que não tem outra(s) L2 e o grupo que, além da(s) sua(s) L1 e português, tem outra(s) L2. Dito isto, o português vai ser considerado a L3, se houver pelo menos uma língua não materna anteriormente adquirida, procurando compreender se se observam diferenças significativas entre o desempenho linguístico entre os grupos de PL2 e de PL3. Caso os dados revelem diferenças consideráveis, para a discussão dos resultados, os modelos descritos nesta subsecção serão pontos de referência.

A pergunta de investigação nesse sentido é a seguinte:

Além da L1, as outras línguas anteriormente adquiridas por aprendentes de PL2 condicionam a aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2?

À partida não negaremos a possibilidade de efeito de alguma língua, esperando encontrar influência tanto positiva como negativa quer da(s) L1 quer da(s) L2⁴², tal como

⁴¹ Para a percentagem de uso do português em diversos contextos por informantes desta investigação ver a figura 4.1.

⁴² Nem todas as línguas faladas pelos informantes do nosso estudo serão analisadas. Para que uma L2 seja considerada como variável na análise estabelecemos dois critérios: (i) a competência em dada língua deve ser

predito pelos modelos TPM e LPM, sendo a influência positiva expectável quando existe uma proximidade de estrutura linguística entre os pronomes clíticos de português e de fonte de influência.

1.2.6. Hipóteses de Reconfiguração de Traços

1.2.6.1. Hipótese de Reconfiguração de Traços (HRT)

A Hipótese de Reconfiguração de Traços (HRT) de Lardiere (2007; 2008; 2009), tal como a Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno (TP/AP) de Schwartz e Sprouse (1994/1996), assenta na ideia de que tanto os traços interpretáveis, como os não interpretáveis são passíveis de aquisição, a partir do momento em que o aprendente dá conta de diferenças existentes entre a L1 e L2. Porém, a dificuldade na aquisição reside na reconfiguração de traços formais que são agrupados diferentemente em itens, categorias lexicais e categorias funcionais de língua para a língua. As propriedades – fonológicas, formais e semânticas – são as unidades básicas de cada item lexical de uma dada língua, que, embora sejam traços universais, se agrupam de forma diferente de língua para língua (Lardiere, 2009). Neste modelo, as propriedades sintáticas, tal como sugerido por Chomsky (1995), são limitadas aos itens que compõem categorias como C, T, D, cada um dos quais agrupa traços como $[\pm\text{Qu}]$, $[\pm\text{passado}]$, $[\pm\text{definido}]$, entre outros. Seguindo a Hipótese de TP/AP, a HRT, elaborada a partir da análise morfológica e lexical (Lardiere, 2008; 2009), sugere que os aprendentes de uma L2 inicialmente transferem a codificação lexical das características morfossintáticas e semânticas de L1, assumindo que os aprendentes adultos de L2 trazem para a língua-alvo um sistema de propriedades formais coligidos nos itens lexicais da sua L1. Apurando a proposta da Hipótese TP/AP, a HRT defende que a tarefa dos aprendentes de L2 é reconfigurar as propriedades dos itens lexicais existentes na L1 de modo que passem a apresentar a configuração que a L2 possui. Se as propriedades linguísticas são vistas como reflexos de categorias cognitivas universais, pode-se assumir que as propriedades novas, não disponíveis na L1, estão acessíveis desde que sejam detetadas no *input* (Shimanskaya & Slabakova, 2015). Entre os desafios para o aluno, Lardiere (2009) salienta os seguintes problemas:

igual ou superior ao nível C1 do QECR (2001) (para a aferição do nível recorreu-se ao quadro de autoavaliação apresentado no anexo 2) e (ii) a mesma L2 deve ser falada por pelo menos dois informantes (ver § 4.1.2).

“ • With which functional categories are the selected features associated in the syntax, and how might this distribution differ from the feature matrices of functional categories in the L1?

- In which lexical items of the L2 are the selected features expressed, clustered in combination with what other features?
- Are certain forms optional or obligatory, and what constitutes an obligatory context? More specifically, what are the particular factors that condition the realization of a certain form (such as an inflection) and are these phonological, morphosyntactic, semantic or discourse linked?”

Lardiere (2009: 175)

Para a reconfiguração de traços na L2, como sugere Lardiere (2008; 2009), o aprendiz passa, primeiramente, pela fase de Mapeamento, em que procura encontrar relações entre os traços da L1 e da L2, i.e., equivalências morfológicas e lexicais na L2, supostamente baseadas no significado semântico ou na função gramatical. Ora, pela perspectiva da HRT, embora todos os traços estejam disponíveis na Gramática Universal (GU), a forma como esses são selecionados e agrupados varia de idioma para idioma, resultando numa representação lexical diferente para cada língua e podendo ser agrupados de formas diferentes (Lardiere, 2009). Para ilustrar com um exemplo simples, tomemos o pronome pessoal complemento *lhe*, de 3.^a pessoa, que agrupa os traços morfossintáticos [+singular], [±animado], [±masculino], [+dativo]. A primeira fase pela qual o aprendiz de uma língua passa é a criação de associações entre os traços da L1 e da L2, i.e., encontrar pontos comuns entre os traços associados aos itens lexicais de ambas as línguas. Se a fase de Mapeamento não der resultado, i.e., se o aprendiz não encontrar correspondência entre a L1 e a L2, passará para a etapa seguinte, para a de Reconfiguração, durante a qual terá de reorganizar os traços presentes na sua L1 de modo que passem a apresentar a configuração da L2, havendo necessidade de abandonar os traços que representam a sua L1. Mesmo que haja uma correspondência entre os traços presentes nos itens lexicais da L1 e da L2, Lardiere (2009) argumenta que os aprendizes devem descobrir como os reconfigurar nos itens lexicais de língua-alvo, processo que é gradual. À medida que os aprendizes estão a ser expostos ao *input*, torna-se possível encontrarem novas propriedades não instanciadas na sua L1, evitarem propriedades da L1 não codificadas na L2 e reconfigurarem propriedades da L1 que não coincidem com os mesmos itens lexicais na L2 (Shimanskaya e Slabakova 2015).

De uma forma geral, a HRT vê a não fixação de parâmetros na aquisição de uma L2 como resultado das dificuldades na (re)configuração de traços de acordo com a gramática-alvo e na atribuição de traços morfossintáticos abstratos à forma morfológica de itens lexicais (Lardiere, 2007; 2008; 2009; Shimanskaya, 2015; entre outros). A HRT, apesar de ter identificado os domínios da morfologia e da morfossintaxe como os responsáveis pelas principais dificuldades na aquisição de uma L2, sugere que a aquisição no domínio de sintaxe e no domínio de morfologia são dois processos independentes.

1.2.6.2. Alguns estudos que analisam a HRT

A HRT foi analisada à luz da morfologia funcional (*e.g.*, Hwang e Lardiere, 2013), dos tempos verbais (*e.g.*, Domínguez *et al.*, 2011, *op. cit.*, Pereira, 2020), da classe gramatical dos artigos (*e.g.*, Momenzadeh & Youhanaee, 2015, *op. cit.*, Pereira, 2020), da definitude e especificidade (*e.g.*, Cho & Slabakova, 2014), dos pronomes clíticos (*e.g.*, Shimanskaya & Slabakova, 2015; Pereira, 2020; 2022), entre outros domínios, que, de uma maneira geral, afirmam a viabilidade dessa hipótese, apesar de alguns destes estudos (*e.g.*, Pereira, 2020; Domínguez *et al.*, 2011; Momenzadeh & Youhanaee, 2015, *op. cit.*, Pereira, 2020;) revelarem dificuldades persistentes na etapa de reconfiguração de traços, i.e., não apoiarem a premissa de que é possível a aquisição completa de traços não instanciados na L1.

Da perspectiva de aquisição dos pronomes clíticos, destacamos os estudos de Shimanskaya e Slabakova (2015) e de Pereira (2020; 2022), que apresentam maior interesse do ponto de vista do nosso trabalho. Destes, o primeiro foca-se na reconfiguração de traços, procurando analisar a aquisição dos pronomes clíticos de francês L2 por falantes de inglês L1, partindo do facto de que os pronomes complemento em francês e em inglês apresentam traços morfossintáticos e semânticos diferentes. Conforme já referimos e tal como as autoras mencionam, os estudos existentes confirmam a hipótese, sobretudo ao nível de mapeamento, nos estádios iniciais de aquisição. Shimanskaya e Slabakova (2015) levam o seu estudo além disso, testando a HRT depois do mapeamento e procurando compreender como a correspondência (ou não) da codificação de propriedades formais entre a L1 e a L2 afetam o processamento online da linguagem, levando, assim, à aplicação da HRT além da aquisição de representações gramaticais. Para o nosso trabalho, é relevante sobretudo o primeiro objetivo deste estudo, porque o francês é uma língua que faz uso de pronomes clíticos, sem distinção entre os traços [$\pm$ humano], enquanto o inglês possui apenas pronomes fortes que trazem os traços [$\pm$ humano]. Além disso, o traço [+humano] dos pronomes do inglês é interpretável na

sua morfologia de acordo com o género biológico do antecedente (*he, she*), enquanto a morfologia dos pronomes do francês expressa o género gramatical do antecedente (*le, la*). Os informantes deste estudo (iniciantes, intermédios e avançados) foram submetidos a dois testes: um de seleção de imagens e outro de leitura automonitorizada (*Self-paced reading task*). Tal como esperado à luz da HRT, no nível inicial e intermédio, ao selecionar imagens, os informantes cometeram mais erros relativamente ao género gramatical, o que não se verificou no nível avançado (99% de acertos), evidenciando que a reconfiguração de traços morfossintáticos é possível. Curiosamente, a análise dos erros relativos ao género mostra que, nos níveis iniciais e intermédios, são mais frequentes quando o antecedente é um objeto não animado. Já em contextos em que os antecedentes têm o traço [+humano], a propriedade morfológica do género biológico (*he, she*) pareceu funcionar como facilitador na interpretação dos pronomes clíticos *le* e *la* de francês. Estes resultados mostram que os aprendentes têm dificuldade no uso do género gramatical para interpretar os clíticos ACU de francês, nos níveis iniciais. Já na tarefa de leitura, os falantes com competência mais avançada mostraram-se sensíveis em relação a violações de género gramatical somente com palavras relacionadas o traço [+humano], o que, na opinião das autoras, pode evidenciar um efeito prolongado das propriedades da L1, detetáveis no processamento online da língua durante mais tempo. O estudo de Shimanskaya e Slabakova (2015) conclui que a combinação dos resultados das duas tarefas permite compreender que a forma como as propriedades semânticas e morfossintáticas se combinam em vários itens lexicais da L1 afeta o desenvolvimento da L2, o que vai ao encontro de propostas anteriores (*e.g.*, Lardiere, 2013; Slabakova & García Mayo, 2013), segundo as quais a dificuldade na L2 reside no processamento de propriedades morfossintáticas e semânticas diferentes entre línguas. Além disso, outro contributo relevante é a sugestão das autoras de se considerar um terceiro estágio de desenvolvimento da interlíngua após os estádios de Mapeamento e de Reconfiguração: o uso correto de propriedades, semelhante à gramática-alvo, no processamento online da língua.

Na perspetiva da aquisição dos pronomes clíticos em PL2, Pereira (2022)⁴³, tanto quanto sabemos, é até agora o único a testar a HRT. O autor analisa a aquisição de clíticos em PL2 por falantes nativos de espanhol, recorrendo a duas tarefas (uma de complemento de frases e outra de julgamento de aceitabilidade de respostas a perguntas) e consegue encontrar indícios

⁴³ O artigo foi elaborado resumindo os resultados alcançados na dissertação de mestrado, defendida dois anos mais cedo (Pereira, 2020). No nosso trabalho, evitando a repetição, mais adiante citaremos o estudo de 2022.

da validade da HRT. Conforme o autor, por a ordem da colocação dos pronomes clíticos em espanhol ser a próclise, à luz da HTR, seria expectável que, nas orações finitas, os falantes de espanhol L1 optassem pela próclise, nas fases iniciais de aquisição do PL2, mostrando progresso de competência à medida que são expostos ao *input*, o que os levaria à reconfiguração dos traços da L1. Os resultados alcançados por Pereira (2022) não corroboraram, fundamentalmente, a HRT, mostrando que a ênclise tem uma taxa alta de ocorrência no nível assinalado como ‘Baixo’. Este facto pode indicar que a aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2 segue um trajeto semelhante ao do PL1, caracterizado pela generalização de ênclise nos estádios iniciais de aquisição. Contudo, o autor refere ser provável que “os aprendentes possam detetar precocemente a diferença na colocação dos clíticos em espanhol e português: a ênclise é, possivelmente, uma estrutura saliente, pois é agramatical em espanhol nos contextos em questão” (Pereira 2022: 125). Concordando com esse reparo, acrescentamos, ainda, que os informantes desse estudo incluídos no nível ‘Baixo’ podem não se encontrar no estágio inicial de aquisição. Aliás, olhando para a forma como foram aferidos os níveis de proficiência dos informantes⁴⁴, surgem dúvidas quanto ao estágio de aquisição dos informantes deste estudo. Assim, a assunção do autor de que “o processo de reestruturação da gramática mental dos aprendentes se dá em fases iniciais do processo de aquisição, o que explica a alternância entre as duas possibilidades de colocação (...)” (p. 126), apesar de ser possível, necessita de verificação. Por outro lado, embora os resultados mostrem uma hierarquia na aquisição, os dados coligidos neste trabalho não permitem chegar a conclusões fundamentais quanto à validade da HRT, relativamente ao percurso de aquisição da próclise.

Quanto ao estudo de Shimanskaya e Slabakova (2015), apesar de ter sugerido que a dificuldade na L2 reside no processamento de propriedades morfossintáticas e semânticas entre línguas, igualmente argumentado por Lardiere (2009; 2013), Slabakova e García Mayo (2013), testou as propriedades morfológicas dos pronomes clíticos, partindo da perspetiva de Chomsky (1995) de que as propriedades sintáticas são primitivas morfossintáticas.

Propomo-nos, assim, testar a hipótese de HRT da perspetiva de aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos de PL2 por falantes de arménio L1, centrando-nos tanto na seleção casual, como nos padrões de distribuição sintática dos mesmos. Como foi discutido, da perspetiva da HRT, na aquisição de uma L2, o aprendente primeiramente estabelece uma

⁴⁴ Pereira (2022: 117) dá conta de que os níveis de proficiência foram estabelecidos através da avaliação de um monólogo gravado por informante, tendo sido “ouvidos por duas falantes nativas do PE, as quais julgaram de 0 a 10 as gravações de acordo com critérios com a pronúncia, a adequação das estruturas, a fluência e a adequação do vocabulário”.

correspondência entre formas disponíveis na sua L1 e na L2, associando o conjunto de propriedades existentes na sua L1 aos itens equivalentes da L2. Conforme Shimanskaya (2015), essas propriedades podem ser realizadas quer como itens lexicais, quer ao nível da ordem de palavras. Sendo assim, a HRT apresenta um poder preditivo para a aquisição das propriedades morfossintáticas dos pronomes clíticos do PL2, que diferem das propriedades dos pronomes objeto do arménio. Tal como no estudo de Shimanskaya e Slabakova (2015), trata-se de dois sistemas pronominais diferentes, pois enquanto o português faz uso de pronomes clíticos cujas formas morfológicas não são sensíveis aos traços [$\pm$ humano] e são escolhidos de acordo com o género gramatical do antecedente, os pronomes objeto do arménio, fortes, têm o traço de [$\pm$ humano] na sua forma morfológica, não sendo a questão do género nem gramatical, nem biológico, discutível no caso desta língua. Ao mesmo tempo, os pronomes clíticos do português ocorrem adjacentes a um verbo e a sua colocação pré- ou pós-verbal depende de fatores sintático-semânticos e (ver Frota & Vigário, 1996/2001⁴⁵; Martins, 1994; 2013; Mateus *et al.*, 2003), enquanto os pronomes objeto do arménio gozam de certa liberdade sintática por serem fortes.

Deste modo, e partindo da possibilidade de transferência da L1 e da HRT, levantam-se as seguintes questões:

Será que os falantes de arménio L1 e de PL2 transferem as propriedades morfológicas e sintáticas dos pronomes objeto da L1 para a L2? Se sim, o efeito da L1 será visível apenas nos níveis iniciais ou em estádios mais tardios de aquisição?

Será que as propriedades morfológicas e sintáticas dos pronomes clíticos do português são passíveis de aquisição na idade adulta?

Curiosamente, a evidência científica mostra que a colocação dos pronomes clíticos do português é um domínio em que o percurso de desenvolvimento parece seguir os mesmos padrões da L1 e as dificuldades revelam ser persistentes para os falantes de todas as L1 até agora testadas (cf. Madeira & Alexandre, 2022). Será que isso significa que o *transfer* não ocorre neste domínio sintático? Caso não se verifiquem efeitos de arménio L1 no processo de aquisição dos padrões morfossintáticos em PL2, devemos analisar os padrões de seleção e de

⁴⁵ As ideias do artigo publicado em 2001 foram primeiramente apresentadas em 1996, em *GLOW Workshop*, Athens, em:

Frota, S., & Vigário, M. (1996). On Weight Effects in European Portuguese [Paper given] *GLOW Workshop on Weight Effects*, Grécia.

colocação dos pronomes clíticos na interlíngua dos informantes deste estudo, no sentido de procurar semelhanças entre a aquisição de L1 e L2.

Assim, o objetivo principal desta investigação passará por discutir os padrões de seleção e de colocação dos clíticos nas produções linguísticas de arménios falantes adultos de PL2, em estádios diferentes de aquisição, descrevendo-os o mais detalhadamente possível e compreender os fatores linguísticos que influenciam a seleção e a colocação dos pronomes clíticos por arménios falantes adultos de PL2.

Para que o nosso estudo seja bem fundamentado, é crucial uma análise contrastiva das propriedades morfossintáticas dos pronomes de ambas as línguas em questão. Apesar do declínio da Análise Contrastiva (Lado, 1957), que, como nota Madeira (2017), se deve ao facto de muitos dos erros preditos por essa hipótese não ocorrerem, enquanto nas produções dos falantes não nativos é frequente haver desvios que não são preditos por esta hipótese, e embora uma grande maioria dos estudos sobre a aquisição de L2 se situem no âmbito da teoria inatista, partilhamos a opinião de Lardiere (2008) de que a análise contrastiva das propriedades ajuda os investigadores de L2 a descrever, cuidadosamente, a tarefa que os aprendentes de uma nova língua enfrentam. Acrescentamos ainda a importância da descrição contrastiva das propriedades morfossintáticas dos pronomes objeto das línguas em questão, para afunilarmos e redefinirmos as questões levantadas nesta subsecção. Afinal, como menciona Lardiere (2008), na aquisição de uma língua o que fazemos são as nossas melhores previsões sobre as ligações que o aprendente estabelecerá entre as línguas e a primeira tarefa, citando Lado (1957), passa por disponibilizar uma descrição estrutural de línguas envolvidas.

Dito isto, dedicaremos o capítulo seguinte, à descrição comparativa das propriedades morfossintáticas dos pronomes objeto em português e em arménio, mas antes sugerimos olhar para os estudos realizados no âmbito da aquisição das propriedades morfossintáticas de pronomes clíticos do português (§1.3).

1.3. A aquisição dos pronomes clíticos em PL1 e PL2

De uma forma geral, os pronomes clíticos apresentam um assunto complexo que gera dificuldades não apenas para os falantes não nativos (cf. Fiéis *et al.*, 2013; Fiéis & Madeira, 2016a; 2016b; Gu, 2019, 2022; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022; Rosário, 2005; Tian,

2022; entre outros), mas também para os nativos (cf. Carmona & Silva, 2007; Costa *et al.*, 2015; 2016; Silva, 2008; 2009; entre outros) e ainda para os falantes de português como língua de herança (e.g., Barbosa & Flores, 2011; Tomaz *et al.*, 2019). Entre os estudos realizados na área de aquisição de pronomes clíticos, a maioria absoluta, tanto em PL1, como em PL2, explora as questões relacionadas com a aquisição de padrões de colocação de pronomes clíticos e apenas poucos se preocupam com a aquisição de seleção casual dos mesmos (e.g., Silva, 2008; 2009, para PL1, Madeira & Xavier, 2009; Tian, 2022, para PL2⁴⁶).

Estes estudos, conduzidos sobretudo nas últimas duas décadas, tentaram compreender como se constrói o conhecimento sobre as propriedades morfosintáticas de pronomes clíticos em PL2, procurando verificar (i) se o processo de aquisição, neste aspeto da língua portuguesa, é semelhante na aquisição de L1 e de L2, (ii) se se observam efeitos de desenvolvimento e/ou (iii) influência de transferência das línguas faladas pelos aprendentes, no processo de aquisição.

Alguns estudos conduzidos na área de aquisição de pronomes clíticos de português encontram evidências claras da influência da(s) L1 dos aprendentes (e.g., na subida de clítico, cf. Fiéis *et al.*, 2013; na omissão dos clíticos, cf. Fiéis & Madeira, 2016a; LiangLiang, 2020). Porém, a maioria dos trabalhos que estudam a aquisição de próclise em PL2 afirma que os processos da aquisição das propriedades sintáticas de pronomes clíticos em PL1 e PL2 apresentam características semelhantes, observando-se generalização da ênclise, nas fases iniciais de aquisição, e aquisição gradual da próclise, não sendo a L1 significativo na estabilização dos contextos da próclise (e.g., Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005) e funcionando apenas como um fator facilitador que influencia no ritmo de aquisição (e.g., Fiéis & Madeira, 2016b; Madeira *et al.*, 2006). Reportam-se também semelhanças entre o PL1 e o PL2, no que toca à aquisição das propriedades morfológicas, nomeadamente, a seleção do caso gramatical dos pronomes clíticos (e.g., Madeira *et al.*, 2006), não dando atenção suficiente ao papel da L1 de aprendentes nesse sentido.

Neste subcapítulo, a nossa tarefa será a análise do conteúdo dos estudos realizados no âmbito da aquisição das propriedades morfosintáticas dos pronomes clíticos de português, com a intenção de revelar evidências (i) que suportam a tese de que a aquisição dos pronomes clíticos em PL1 (ver Costa *et al.*, 2015; 2016) e em PL2 segue padrões semelhantes e (ii) que

⁴⁶ O estudo de Tian (2022) analisa a aquisição dos pronomes clíticos junto de falantes de PLE, sendo que a língua portuguesa é a L3 dos aprendentes. Contudo, ao longo das nossas discussões é referido como um estudo no âmbito de PL2, já que não consideramos relevante a distinção entre o PL2 e PLE para alcançar os nossos objetivos. Contudo, sempre que pertinente, referiremos o facto de os informantes deste estudo serem falantes de PLE.

demonstram efeitos da(s) L1 de falantes de PL2 na seleção casual e na aquisição dos padrões distribucionais de pronomes clíticos portugueses.

Apesar de o nosso estudo se enquadrar no âmbito da aquisição de PL2 e apesar de já existirem diversos estudos nesta área que se debruçam sobre a aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2 (*e.g.*, Fiéis & Madeira, 2016a; 2016b; Gu, 2019; 2022; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022; Rosário, 1997; 2005; Tian, 2022), alguns trabalhos realizados no âmbito de PL1 e PLH, no que toca aos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos de português (*e.g.*, Barbosa & Flores, 2011; Costa & Lobo, 2006; Costa *et al.*, 2016; Tomaz *et al.*, 2019), conforme veremos nas duas secções seguintes, também apresentam observações e conclusões pertinentes do ponto de vista da nossa investigação.

Assim sendo, partiremos das semelhanças e das diferenças entre os processos de aquisição dos clíticos em PL1 e PL2 (pontualmente também em PLH), primeiramente analisado as questões de colocação (§1.3.1) e de seguida as questões de seleção casual (§1.3.2), que nos ajudarão a compreender ainda o possível impacto da(s) L1 dos aprendentes de português, e no final deste capítulo (§1.3.3), servirão de base, para recapitularmos as questões da presente investigação, ainda que de uma forma genérica.

1.3.1. A colocação dos pronomes clíticos em PL1 e PL2

A colocação de pronomes clíticos em português é um tema que recebeu considerável atenção dos investigadores, na aquisição tanto da L1, como na L2, havendo necessidade, contudo, de continuar a procurar respostas a algumas questões. Nomeadamente, por que razão a aquisição dos padrões sintáticos de pronomes clíticos é mais tardia comparativamente com outras línguas românicas; e por que razão os aprendentes não nativos demonstram dificuldades em adquirir os pronomes clíticos de português que parecem ser transversais para falantes de diversas L1?

Procuraremos olhar, primeiramente, para algumas questões de aquisição problemáticas, nos trabalhos realizados no âmbito do PL1.

Note-se que, noutras línguas (*e.g.*, catalão e espanhol, cf. Wexler, Gavarró & Torrens, 2003, *op. cit.*, Carmona & Silva, 2007; francês, cf. Grüter, 2006; italiano, cf. Guasti, 1993/1994; 2002; grego standard, cf. Marinis, 2000; Tsakali & Wexler, 2003; e romeno, cf. Babyonyshev & Marin, 2005), as crianças colocam os clíticos em ênclise e em próclise nos

contextos adequados e parece que o padrão de colocação se estabiliza antes dos três anos de idade. Já as crianças portuguesas, tendem a generalizar o padrão enclítico até aos 42 meses (cf., Duarte *et al.*, 1996; Duarte & Matos, 2000), observando-se, como notado por Duarte *et al.* (1996), estabilização dos padrões de colocação proclítica, primeiramente nas frases negativas e nas orações subordinadas finitas, por volta dos 48 meses de idade. Estes estudos sobre o português são observações das produções espontâneas de crianças. Conforme verificado por alguns autores mais tarde, através de estudos empíricos, a variação entre a próclise e a ênclise em PL1 persiste até mais tarde: até aos sete anos de idade (*e.g.*, Costa *et al.*, 2015; 2016; Silva, 2008; 2009), sendo possível encontrar alguns desvios de colocação dos pronomes clíticos do português até aos 12-14 anos (*e.g.*, Santos, 2002⁴⁷).

Na maioria das outras línguas românicas, os padrões de colocação de pronomes pessoais são simples. Em francês, por exemplo, a colocação pré-verbal de pronomes clíticos é o padrão generalizado, sendo a colocação pós-verbal apenas o padrão das imperativas afirmativas; em espanhol e em italiano, a colocação pré- ou pós-verbal dos pronomes clíticos está relacionado com a finitude (a posição pré-verbal, *i.e.*, a próclise ocorre com as formas verbais finitas e a posição pós-verbal, *i.e.*, a ênclise ocorre com as formas verbais infinitas). Portanto, conforme afirmado por Costa *et al.* (2016), em determinados aspetos (*e.g.*, realização, colocação), a aquisição de clíticos na PL1, comparativamente com outras línguas, é mais lenta, devido a uma maior complexidade no *input*, o que já se tinha sido sugerido nos estudos anteriores destes dois autores (Costa & Lobo, 2006; 2007a). Autoras como Carmona e Silva (2007) também concordam com essa perspetiva. Aliás, como referem Costa *et al.* (2016: 366), adquirir pronomes clíticos significa “adquirir formas fonologicamente deficientes, com propriedades sintático-semânticas que os fazem diferir de outras expressões nominais”.

Todos os autores que analisam a aquisição de pronomes clíticos em PL1 concordam que a ênclise é o padrão generalizado nas faixas etárias mais baixas. Costa *et al.* (2015; 2016), a esse respeito, referem ainda que a aquisição da próclise é gradual e sensível aos diferentes contextos sintáticos, apresentando a seguinte escala de aquisição:

- (1) Negação > Sujeitos negativos / Orações completivas finitas > Advérbio *já* > Orações adverbiais finitas > Sujeitos quantificados

Costa *et al.* (2016: 378, formatação nossa)

⁴⁷ A maior dificuldade observada por esta autora toca na colocação mesoclítica dos pronomes, que é reportada também por Costa (2012, *op. cit.* Costa *et al.*, 2016). A nossa investigação não vai dar conta da colocação mesoclítica.

Essa sequência, como defendido pelos autores (*op. cit.*), deve-se à complexidade lexical, i.e., em grupos mais à esquerda, os proclisadores são poucos em número, o que assegura a estabilização mais precoce de próclise, enquanto, nos grupos mais à direita, a próclise é alternável com a ênclise, dependendo das propriedades semânticas e sintáticas⁴⁸, fazendo com que as crianças devam, primeiramente, determinar o conjunto dos quantificadores, advérbios e complementadores que desencadeiam a próclise, dificultando, assim, a tarefa da aquisição. Em contextos que exigem um maior conhecimento lexical, segundo Costa *et al.* (2016), curiosamente, os próprios adultos, exibem alguma variação e oscilação entre a próclise e a ênclise. Partindo do princípio de que estas dificuldades não são características da aquisição de outras línguas românicas, Madeira (2017) considera os erros de colocação de pronomes clíticos erros intralinguísticos. Portanto, seria expectável que se observassem dificuldades semelhantes na aquisição de PL2.

Olhando para alguns estudos realizados no âmbito de PLH (Barbosa & Flores, 2011; Casa Nova, 2014; Tomaz *et al.*, 2019)⁴⁹, vê-se que, apesar de algumas semelhanças entre a PLH e PL1 (*e.g.*, generalização da ênclise nas fases iniciais da aquisição e padrão de estabilização da próclise semelhante ao proposto por Costa *et al.* (2016), relatados por Barbosa e Flores (2011)), existem indícios da influência das outras línguas, nomeadamente do francês, na aquisição dos pronomes clíticos de português (cf. Casa Nova, 2014; Tomaz *et al.*, 2019). Por exemplo, os dados do estudo de Tomaz *et al.* (2019) mostram que a próclise é mais utilizada nas subordinadas completivas de conjuntivo, enquanto o seu menor uso é registado em estruturas com o advérbio *já* em posição pré-verbal, tendo ficado atrás ainda das subordinadas adverbiais e das estruturas com sujeitos quantificados. Já Casa Nova (2014) nota que, ao contrário dos resultados do trabalho de Barbosa e Flores (2011), no seu estudo, o uso da próclise com os sujeitos quantificadores é mais estável. Ao mesmo tempo, as orações subordinadas relativas ocupam o último lugar na escala de aquisição da próclise, sendo, portanto, o padrão de estabilização da próclise (em (2)) diferente da escala apresentada em (1).

- (2) Quantificadores > Negação > Advérbios / Oração subordinada completiva > Oração subordinada relativa

⁴⁸ Para a discussão das condições sintáticas e semânticas que definem a colocação dos clíticos na frase, ver Martins (2013).

⁴⁹ Tal como referido por Barbosa e Flores (2011), o processo de aquisição de L2 muitas vezes se assemelha ao bilinguismo de herança, por os dois tipos de falantes frequentemente apresentarem erros gramaticais do mesmo género (ver também Lipski, 1993; Montrul, 2010). Alguns estudos conduzidos no âmbito de PLH revelam padrões interessantes de aquisição da próclise e, por darem conta da influência de línguas dominantes, ajudam-nos na construção das perguntas e hipóteses desta investigação.

As perguntas que aqui levantamos são as seguintes:

- A) Será que a alteração da ordem dos contextos da próclise observada no caso dos falantes luso-franceses do estudo de Casa Nova (2014) não será causada pela transferência linguística ou a mesma escala de aquisição da próclise é verificada no caso de falantes nativos de diversas línguas?
- B) Será que a não prevalência de ênclise, verificada no caso dos falantes de herança português/francês dos estudos de Casa Nova (2014) e de Tomaz *et al.* (2019), se verifica no caso de falantes de outras línguas?

A) À primeira vista, alguns estudos conduzidos na área de PL2 fornecem evidências de que, em semelhança com a L1, a aquisição da próclise em PL2 ocorre gradualmente (*e.g.*, Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022⁵⁰; Rosário, 2005), como sustentado por Madeira e Xavier (2009), não se observando efeitos significativos da L1. No entanto, olhando para os resultados de vários estudos com um maior detalhe, notamos que existem diferenças a que vale a pena prestar mais atenção.

Para uma comparação mais fácil dos resultados alcançados por vários estudos, sistematizamos, na tabela 1.1, as escalas de aquisição da próclise encontradas por eles.

Tabela 1.1. Escalas de estabilização de próclise conforme alguns estudos em PL1, PLH e PL2

Área	Estudo	Informantes		Escala de estabilização de próclise
		Nível	L1	
PL1	Costa <i>et al.</i> (2016)	N/a	português	Negativas > Sujeitos negativos/Orações completivas finitas > Advérbio <i>já</i> > Orações adverbiais finitas > Sujeitos quantificados
PLH	Casa Nova (2014)	N/a	português /francês	Quantificadores > Negativas > Advérbios / Oração completiva > Oração subordinada relativa
	Tomaz <i>et al.</i> (2019)		português /francês	Subordinação completiva (Conjuntivo) / Negação > Sujeito negativo > Subordinação completiva (Indicativo) > Subordinação adverbial > Sujeitos quantificados > Advérbio <i>já</i>

⁵⁰ Apesar de ter chegado à conclusão de que a próclise é de aquisição gradual, Pereira (2022) nota que no caso de falantes de L1 espanhol, o processo de aquisição difere do da PL1, pois, comparativamente com o estudo de Costa *et al.* (2016), as taxas de ocorrência de próclise foram consideravelmente altas nos contextos de ênclise, enquanto a ênclise ocorreu menos vezes nos contextos de próclise.

P L 2	Rosário (2005)	inter méd .	francês, inglês	Negativas (<i>não</i>), O sintagma focalizado <i>até</i> , O complementador <i>que</i> e O NP quantificado, <i>qualquer pessoa</i> à perífrase aspectual, <i>acabar de</i> ⁵¹
	Gu (2019; 2022)	B/A ⁵²	chinês	Negativas <i>não</i> > Advérbio <i>também</i> > Orações subordinadas adverbiais introduzidas por <i>porque</i> > Sujeito quantificado <i>todos</i>
	Pereira (2022)	+	espanhol	Orações subordinadas <i>querer</i> > Negativas / Sujeito negativo > Advérbio <i>já</i> > Adverbiais com <i>porque</i> / Orações subordinadas <i>achar</i> > Quantificador <i>todos</i>
		-	espanhol	Negativas > Adverbiais com <i>porque</i> / Sujeito negativo > Quantificador <i>todos</i> > Orações subordinadas <i>querer</i> / Advérbio <i>já</i> / Orações subordinadas <i>achar</i>
	Madeira & Xavier (2009) ⁵³	+	espanhol, francês, italiano	Quantificadores > Interrogativas qu- > Negação > Advérbios/Subordinadas
		-	espanhol, francês, italiano	Interrogativas qu- > Negação > Subordinadas
		+	alemão, neerlandês, inglês	Negação / Advérbios focalizadores > Interrogativas qu- / Subordinadas > Orações não finitas
		-	alemão, neerlandês, inglês	Subordinadas > Orações não finitas > Negação > Advérbios focalizadores > Interrogativas qu-
	Madeira <i>et al.</i> (2006)	+	espanhol, italiano	Interrogativas qu- / Negação > Advérbios > Subordinadas / Infinitivas com preposição > Quantificadores
		-	espanhol, italiano, francês	Negação > Interrogativas qu- > Advérbios > Infinitivas com preposição > Quantificadores / Subordinadas
		+	alemão, inglês	Interrogativas qu- > Negação / Advérbios > Subordinadas > Infinitivas com preposição / Quantificadores
		-	alemão	Interrogativas qu- / Negação > Advérbios > Subordinadas / infinitivas com preposição / Quantificadores

⁵¹ A autora não apresenta percentagens da ocorrência da próclise com cada contexto, daí, na tabela 1.1, termos referido apenas os proclisadores encontrados nesse estudo, mas não uma escala de aquisição da próclise.

⁵² Gu (2019; 2022) também analisa a aquisição dos clíticos em dois grupos distintos, mas não revela diferenças significativas nas escalas de aquisição da próclise entre os grupos. Por não termos referências sobre o nível de competência dos informantes destes estudos (a referência é o ano de curso que estão a frequentar (2019) ou o tempo de aprendizagem de português (2021)), na tabela 1.1, optamos por apresentar apenas uma escala de aquisição de próclise para ambos os grupos.

⁵³ Uma vez que o estudo de Madeira e Xavier (2009) analisou os proclisadores num *corpus* escrito, em algumas situações (falantes de línguas românicas com nível baixo de competência em português) revelou apenas três contextos de uso da próclise: nas interrogativas qu-, nas estruturas de negação e nas orações subordinadas, o que pode significar que nos estádios iniciais de aquisição os aprendentes evitam o uso dos clíticos (pode-se confrontar com a informação que fornecemos mais adiante relativamente aos números absolutos de uso dos proclisadores)

	Fiéis <i>et al.</i> (2023)		espanhol	Negação > Completivas de conjuntivo > Completivas de indicativo > Advérbias / sujeitos quantificados

Nos dados da tabela 1.1, vê-se que, de uma forma geral, a escala da aquisição da próclise em PL2/PLH é bastante próxima do padrão sugerido por Costa *et al.* (2015; 2016) em PL1. Notamos que, normalmente, a negação é um dos contextos primeiramente adquiridos, independentemente da L1 dos aprendentes. No entanto, as orações subordinadas parecem apresentar menos homogeneidade, encontrando-se no topo da escala para alguns falantes de línguas germânicas e de espanhol (cf. Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022), mas curiosamente sendo mais problemáticas para outros falantes de línguas românicas (cf. Madeira & Xavier, 2009). Quanto aos quantificadores, por exemplo, no estudo de Madeira e Xavier (2009), o grupo que inclui falantes de francês, tal como mostrado por Casa Nova (2014), estabiliza a próclise primeiramente com os quantificadores (a taxa é de 100% no grupo avançado⁵⁴). O trabalho de Madeira e Xavier (2009) mostra também assimetrias de estabilização da próclise entre os falantes nativos das línguas românicas e das línguas germânicas, nos contextos de negação, para os níveis avançados e nos contextos de interrogativas *qu-*, para os níveis iniciais.

Efetivamente, algumas destas diferenças podem ser condicionadas pela disponibilidade da amostra. Primeiramente, podem ser as diferenças individuais a causar estabilização de alguns contextos de uso da próclise mais facilmente. Por outro lado, como se sabe, cada investigação tem as suas limitações e as escolhas metodológicas nem sempre facilitam a análise dos padrões de aquisição da próclise em PL2. Alguns estudos (*e.g.*, Gu, 2019; 2022; Pereira, 2022) testaram apenas um ou dois proclisadores para cada contexto proclítico, o que, na nossa opinião, poderia afetar os resultados. Se os informantes tivessem generalizado algum padrão distribucional na presença de um dado item lexical (*e.g.*, o complementador *que*, o marcador de negação *não*) ou se ocorresse efeito imediato de explicitação na aprendizagem, os resultados obtidos seriam condicionados por estes fenómenos. Além disso, o facto de diferentes estudos terem testado (ou encontrado nos *corpora* analisados, como em Madeira e Xavier (2009))

⁵⁴ Importa referir que apesar de a taxa de acerto da próclise ser 100% com os quantificadores, no *corpus* analisado encontraram-se apenas duas ocorrências desta condição, o que, na nossa opinião, não é representativo e certamente existe necessidade de estudos para explorar a possibilidade de os quantificadores serem (ou não) mais facilmente estabilizados como proclisadores para os falantes de francês.

conjuntos diferentes de proclisadores⁵⁵ não nos permite chegar a uma conclusão robusta neste sentido.

B) No que toca à preferência de falantes de PL2 entre a próclise e a ênclise, vários estudos mostram que a ênclise parece ser o padrão preferido dos falantes não nativos de português, independentemente da sua L1 (*e.g.*, inglês e francês, cf. Rosário (2005); italiano, espanhol, francês, alemão, neerlandês e inglês, cf. Madeira *et al.* (2006) e Madeira & Xavier (2009); chinês, inglês e espanhol, cf. Fiéis & Madeira (2016a); espanhol, cf. Pereira (2022); chinês, cf. Gu (2019; 2022)), ou seja, a aquisição em PL1 e PL2 ocorre de uma forma semelhante nos estádios iniciais de aquisição. Comparando as taxas de realização da próclise entre os níveis iniciais e mais avançados, geralmente observa-se aumento do uso da próclise, embora nem sempre de modo significativo, nos níveis mais avançados (*e.g.*, Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022). Porém, se no caso de PL1 as crianças generalizam a ênclise (cf. Matos *et al.*, 1996; Costa *et al.*, 2015), conforme mencionado por Fiéis e Madeira (2016a), no caso de PL2, observa-se variação entre os dois padrões de colocação em todos os contextos. Rosário (2005), a esse respeito, refere que a colocação está a ser afetada pela natureza dos clíticos, pois os informantes do seu estudo (ingleses e franceses) associam a ênclise aos clíticos não argumentais e a próclise, aos clíticos argumentais. Podemos assumir que, de facto, o conhecimento sobre a colocação dos pronomes clíticos do francês, no qual o padrão é a colocação proclítica, afeta em algum aspeto a colocação dos clíticos em PL2/PLH? Os estudos de Tomaz *et al.* (2019) e Flores *et al.* (2016) encontram influência evidente do francês na colocação de clíticos, pois os falantes bilingues de português/francês apresentam taxas de próclise superiores às registadas para os monolingues, quer em contextos de ênclise, quer em contextos de próclise, pelos vistos, causado pelo facto de a próclise ser o padrão dominante em francês. Conforme Tomaz *et al.* (2019), a extensão da próclise é mais notória no grupo pré-escolar dos falantes de português/francês, provavelmente por as crianças nessa faixa etária terem recebido menos *input* de francês.

Madeira *et al.* (2006) observam um predomínio de ênclise entre os informantes com menos de um ano de aprendizagem mais acentuado nos falantes de línguas não românicas (62,3%, no grupo de línguas românicas *vs.* 71,25%, no de línguas não românicas), mas, no grupo com mais de um ano de aprendizagem, a ênclise continua a ser o padrão preferido apenas

⁵⁵ Uma tabela com a sistematização dos proclisadores utilizados por diversos estudos, encontramos em Pereira (2022).

pelos falantes de línguas não românicas (63,9%), sendo utilizado pelos falantes de línguas românicas menos vezes (44,7%). Pode-se assumir, talvez, que os falantes de línguas românicas adquirem o padrão proclítico mais cedo comparativamente com os de línguas não românicas. Todavia, isso não significa que os falantes de línguas não românicas (neste caso, holandês, alemão e finlandês, línguas sem pronomes clíticos) demonstram problemas de aquisição de clíticos portugueses até mais tarde. Outro estudo, realizado por Madeira e Xavier (2009), que analisou a aquisição dos pronomes clíticos de PL2 no caso de falantes nativos de línguas românicas (italiano, francês e espanhol) e de línguas germânicas (alemão, holandês e inglês), com os níveis de conhecimento elementar, intermédio e avançado, revela que, apesar de se observar uma nítida oscilação entre a próclise e a ênclise nos níveis iniciais e intermédios tanto de línguas românicas, como de línguas germânicas⁵⁶, nos grupos avançados de falantes, a próclise estabiliza-se mais facilmente no grupo de línguas germânicas (95% de acerto em contrapartida com os 79% do grupo das línguas românicas). Porém, olhando para a realização dos clíticos no estudo de Madeira e Xavier (2009) da perspetiva meramente quantitativa, observamos que, se nos níveis iniciais o número de uso da próclise não difere significativamente (14, no grupo de línguas românicas e 11, no de línguas germânicas), nos níveis intermédios e avançados, este é mais que o dobro no grupo de línguas românicas (15 vs. 7, no nível intermédio e 54 vs. 26, no nível avançado). Logo, a influência da L1 parece ser observada ao nível das taxas gerais de desempenho e de compreensão dos pronomes clíticos de português. Além disso, Rosário (2005) observa uma influência subtil da L1 na aquisição dos pronomes clíticos por falantes de L1 francês e inglês, chegando à conclusão de que, pelo facto de o inglês não ter pronomes clíticos, os resultados obtidos pelos ingleses são geralmente inferiores aos dos franceses, na maioria das construções sintáticas. Já Fiéis e Madeira (2016b), analisando a compreensão dos clíticos ACU de 3.^a pessoa singular em contextos reflexo e não reflexo pelos falantes de inglês, chinês e espanhol, com nível de proficiência intermédio, também atribuem a relativa baixa taxa de compreensão do grupo de chineses à influência da L1 (uma língua sem pronomes clíticos), referindo que o sucesso observado no grupo de ingleses pode dever-se ao facto de todos os informantes deste grupo já terem dominado alguma língua (L2) com clíticos.

Assim, tal como vimos, a(s) L1 que fazem uso de pronomes clíticos podem ser facilitadoras no processo de aquisição dos pronomes clíticos de PL2, enquanto alguns estudos apontam para uma maior resistência de aquisição dos padrões de colocação dos pronomes

⁵⁶ Esta oscilação é facilmente observada nos contextos onde a próclise é obrigatória.

clíticos do português por falantes nativos de inglês (*e.g.*, Fiéis & Madeira, 2016b; Rosário, 2005) e chinês (*e.g.*, Fiéis & Madeira, 2016b; ver também Gu, 2019), línguas que não possuem pronomes clíticos. Ainda nesse sentido, Gu (2019) nota que a colocação preferida dos chineses é enclítica, o que é verificado num outro estudo desta autora (2021), quando o teste é realizado sob pressão de tempo⁵⁷. Como a própria autora refere (2019: 194), em chinês, a posição canónica dos pronomes⁵⁸ é pós-verbal, sendo a colocação pré-verbal justificada apenas na presença da construção *ba*. Parece-nos, assim, legítimo pensar que a preferência pela ênclise por falantes nativos de chinês pode ser analisada à luz do efeito da L1, antes de se afirmar que o facto de a ênclise ser o padrão preferido de chineses aponta para a direção de que a aquisição de clíticos em PL1 e PL2 segue o mesmo padrão.

Deste modo, a análise do conteúdo dos estudos realizados na área de aquisição dos pronomes clíticos de português mostrou que, se em L1 o padrão preferido é a ênclise e a escala de estabilização não gere grandes debates, a imagem na L2 é mais heterogénea, havendo mais oscilação entre a próclise e a ênclise, e ainda certas divergências entre as escalas de estabilização da próclise, em alguns casos significativas, que podem ser explicadas por vários fatores (descritos no subcapítulo 1.2 e não só), mas também à luz do efeito da L1. Após uma análise dos dados apresentados por diversos estudos, chega-se à conclusão de que, nos estudos até agora realizados, o papel da(s) L1 de aprendentes de português, da perspetiva de aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em PL2, necessita de mais atenção. Embora haja bastantes referências de que a causa de certos desvios deve residir na(s) gramática(s) de L1 dos aprendentes (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2013; Fiéis & Madeira, 2016a; Gu, 2019), o papel das L1 dos aprendentes na aquisição dos traços sintáticos de pronomes clíticos em PL2, na idade adulta, não está devidamente estudado. Ainda que a influência do conhecimento prévio, em muitos casos, seja apenas subtil, noutros mostra-se mais evidente, podendo influenciar fortemente a aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos de PL2, sobretudo quando a L1 de aprendentes de português não tem pronomes clíticos. Contudo, são, de facto, poucos ou estudos que analisam a influência da L1 dos aprendentes na aquisição da próclise em PL2, partindo de uma descrição comparativa da estrutura em análise entre a L1 e a L2 de

⁵⁷ Gu (2022), recorreu a dois testes de julgamento de aceitabilidade, um sem e o outro com a pressão de tempo, descobrindo que sem pressão de tempo, nos contextos proclíticos, nenhum dos grupos testados mostrou indícios de generalização da ênclise, enquanto na tarefa com a pressão de tempo, a ênclise revelou-se a ser o padrão preferido dos falantes de L1 chinês, o que nos permite pensar que numa situação mais exigente os aprendentes não recorreram ao conhecimento explícito sobre a língua-alvo, mas à gramática da sua L1.

⁵⁸ Conforme a autora, o chinês não faz uso de pronomes clíticos. A função sintática desses em chinês empregam os pronomes fortes.

aprendentes (Fiéis *et al.*, 2023; Pereira, 2022, para o espanhol L1; Gu, 2019; 2022, para o chinês L1). É, assim, importante conduzir mais estudos com falantes de diversas L1, analisando até que ponto a estrutura frásica da L1 condiciona a aquisição dos padrões de colocação de pronomes clíticos em PL2, na idade adulta.

Julgamos serem também algumas escolhas metodológicas, nomeadamente a lista reduzida dos proclisadores testados e os procedimentos adotados na aferição dos níveis de competência de informantes, a influenciar os resultados de uma parte de estudos até agora realizados. Além disso, tanto quanto por nós é sabido, é apenas o estudo de Fiéis *et al.* (2023) que analisa a distribuição sintática de pronomes clítico em PL2 junto de falantes quase nativos. Assim, apesar de os estudos anteriores parecerem ter indiciado características semelhantes da aquisição dos padrões de colocação dos clíticos em PL1 e PL2, não são suficientes em quantidade, para compreendermos se é possível uma aquisição completa dos traços sintáticos de pronomes clíticos em PL2, mesmo nos contextos que parecem ser de aquisição mais tardia.

Dito isto, defendemos a ideia de que, na área de aquisição de PL2, serão necessários mais estudos cuidadosamente desenhados que englobem um número representativo de contextos proclíticos e de proclisadores, por forma a ajudar-nos a compreender se a escala de aquisição da próclise se aproxima à da L1 ou se se observa uma maior influência da(s) L1 dos indivíduos e se os traços sintáticos de pronomes clíticos em PL2 são passíveis de aquisição completa na idade adulta. Neste sentido, achamos que um estudo que procure englobar os contextos dos proclisadores analisados pelos estudos anteriores – negação (inclusive sujeitos negativos); interrogativas *qu-*; advérbios (inclusive *até* e *já*); orações subordinadas completivas e relativas; sujeitos quantificados (inclusive os quantificadores *muito(s)* e *tudo*); infinitivas introduzidas por uma preposição – junto dos falantes de PL2 que se encontram em estádios diferentes de aquisição de pronomes clíticos – iniciais, intermédios e avançados – será um passo importante, pois possibilitará a comparação dos resultados alcançados com os dados da grande maioria dos estudos existentes.

1.3.2. A seleção dos pronomes clíticos: fenómenos de omissão, substituição, lheísmo e oscilação em PL1 e PL2

Outra evidência que revela a problemática da aquisição dos pronomes clíticos de português diz respeito à omissão dos clíticos até mais tarde comparativamente com outras línguas românicas. Apesar de a presente investigação não pretender estudar o fenómeno de

omissão de clíticos e apesar de alguns autores (e.g., Fiéis & Madeira, 2016b; Madeira & Xavier, 2009) terem reportado taxas baixas de omissão de pronomes pessoais em PL2, achamos pertinente olhar para certas questões analisadas por estudos que se preocuparam com esta questão, pois julgamos serem importantes para a fundamentação da presente investigação.

Autores como Carmona e Silva (2007), Costa *et al.* (2015; 2016) e Varlokosta *et al.* (2016) afirmam que os falantes nativos de outras línguas românicas, em comparação com as crianças portuguesas, produzem os clíticos desde cedo, não se observando omissão dos clíticos após os dois anos de idade, no caso de espanhol e romeno, e após os três anos de idade, no caso do francês, italiano e catalão. Já vários estudos, conduzidos por Carmona e Silva (2007); Costa *et al.* (2015; 2016)⁵⁹; Costa e Lobo (2005; 2006; 2007a); Flores *et al.* (2020); Silva (2008; 2009), evidenciam que a omissão dos clíticos em PL1 persiste até aos seis ou sete anos de idade, não sendo, porém, ainda compatíveis com a gramática adulta, apesar de se observar uma diminuição da taxa de omissão à medida que a idade das crianças aumenta⁶⁰. Todos estes autores, tal como acontece no contexto da aquisição dos padrões de colocação dos clíticos, atribuem a causa da omissão dos clíticos à complexidade do *input*, neste caso, mais especificamente, à sobregeneralização de objeto nulo.

Costa e Lobo (2006), especificam que a complexidade do *input* se deve a dois fenómenos distintos: (i) a colocação de clíticos⁶¹ e (ii) a existência de objetos nulos, sendo assim a tarefa das crianças portuguesas mais complexa (comparativamente com outras línguas que possuem clíticos), pois será necessário conjugar vários fatores para adquirir os clíticos, i.e., (a) aprender os padrões de colocação dos clíticos; (b) compreender a alternância possível entre clíticos e objetos nulos e (c) distinguir os contextos de ilhas fortes, em que os objetos nulos não são permitidos.

Efetivamente, a aquisição dos padrões de colocação de clíticos já foi discutida na secção anterior. Já o objeto nulo sintático, por palavras de Pérez-Leroux *et al.* (2017), é uma construção universal nas fases iniciais de aquisição, de que as crianças partem até ajustarem as opções de realização do objeto disponíveis na sua L1. Contudo, Costa e Lobo (2009; 2010), trazendo evidências da compreensão, justificam que o objeto nulo não é uma construção universal das línguas que o admitem, pois, ao contrário dos falantes de L1 francês, que

⁵⁹ Carmona e Silva (2007) testam os clíticos DAT, Costa e Lobo (2005), os ACU; Silva (2008; 2009) analisam os clíticos ACU, DAT, reflexos e não argumentais (na 1.ªs, 2.ªs e 3.ªs pessoas); Costa *et al.* (2015) – o clítico reflexo *se*.

⁶⁰ De uma forma geral, a taxa de omissão parece diminuir com o aumento da idade, também no contexto de PLH (e.g., Casa Nova, 2014).

⁶¹ Na opinião das autoras, é a complexidade do *input* que explica a generalização da ênclise.

conforme Grüter (2006), em 86% dos casos rejeitaram as construções nulas numa tarefa de compreensão, os falantes de PL1, nas idades precoces (3;2-5;10), já demonstram conhecimento sólido sobre a transitividade verbal e interpretam o objeto nulo e os pronomes clíticos como os adultos. Da perspetiva de compreensão, a diferença entre as gramáticas de crianças e de adultos é principalmente observável nos contextos ilha e nos contextos reflexos, visto as crianças aceitarem objetos nulos, enquanto os adultos os rejeitam (cf. Costa & Grolla, 2017; Costa & Lobo, 2009).

Nos estudos mais recentes (*e.g.*, Costa *et al.*, 2012; Flores *et al.*, 2020; Silva, 2011), seguindo a Hipótese de Interfaces (Sorace & Filiaci, 2006), que prevê uma maior dificuldade na aquisição das propriedades entre interfaces da sintaxe e outros domínios, alguns autores apontam para a direção de dependências interpretativas dos objetos ao nível discursivo-pragmático. Flores *et al.* (2020)⁶², baseando-se na argumentação de Sopata (2016, *op. cit.*, Flores *et al.*, 2020) de que as crianças polacas sobregeneralizam o objeto nulo por não terem completamente adquirido os mecanismos de ligação relevantes para a sua interpretação, *i.e.*, sua recuperação no discurso, assumem que, no caso do PL1, as dificuldades observadas também estão relacionadas com a atribuição da interpretação correta dos diferentes casos de omissão disponíveis na gramática adulta (*pro*, *VP-ellipse*, *variável*)⁶³. Esta abordagem parece explicar ainda a assimetria observada entre a omissão de clíticos de 3.^a, por um lado, e de 1.^a e de 2.^a pessoas gramaticais, por outro (*e.g.*, Carmona & Silva, 2007; Silva, 2008; 2009), visto os pronomes da 1.^a e da 2.^a pessoa não apresentarem dificuldades na atribuição de interpretação ao nível discursivo. Contudo, o estudo de Flores *et al.* (2020) não parece dar uma resposta à sobregeneralização do objeto nulo e à não realização dos clíticos nas frases simples, pois os resultados mostram que, independentemente de acessibilidade imediata do antecedente no discurso, até por volta de 4;4 anos de idade, as crianças portuguesas apresentam taxas muito baixas de realização dos clíticos (<7%). Ao nível de produção, a omissão de clíticos não é um fenómeno característico apenas nos contextos de ilhas, sendo frequentemente observado ainda nas frases simples, independentemente de a posição esperada deles ser enclítica ou proclítica (*e.g.*, Carmona & Silva, 2007; Costa *et al.*, 2015; Silva, 2008).

Sugerimos olhar para os dados coligidos por diferentes estudos, no que diz respeito à seleção de objeto de várias categorias (nulo, clítico, pronomes fortes, DP) e à omissão dos clíticos em PL1 e posteriormente em PL2, de uma perspetiva diferente.

⁶² Os autores testam somente a aquisição do OD.

⁶³ Ver também Costa *et al.* (2012).

A assimetria observada nas taxas de omissão dos clíticos argumentais reflexos e não reflexos parece fornecer-nos pistas interessantes, pois nem todos os tipos de clíticos apresentam o mesmo padrão de omissão. Os estudos mostram que a omissão dos pronomes reflexos não apresenta taxas altas (*e.g.*, Costa *et al.*, 2015; Silva, 2008, 5-11,66%, aos cinco anos de idade). Portanto, as crianças portuguesas compreendem e usam os pronomes reflexos. Já os pronomes argumentais DAT e ACU, em PL1, são mais vezes omitidos do que os clíticos reflexos e não argumentais (Silva, 2008; 2009), sendo os clíticos DAT os mais omitidos (*cf.* Carmona & Silva, 2007; Costa & Lobo, 2005), o que, conforme Carmona e Silva (2007), é um fenómeno verificado ainda na idade adulta. Ao mesmo tempo, o estudo de Silva (2009) revela que, em paralelo com a omissão dos clíticos ACU e DAT, existe uma maior tendência de produção de pronomes fortes no lugar dos DAT (entre 11,11% e 34,07%, dependendo do grupo etário), embora na posição dos ACU também se tenha verificado realização de pronomes fortes, ainda que com taxas mais baixas (entre 2,92% e 13,47%, dependendo do grupo etário). Silva (2008; 2009) observa uma maior produção de clíticos de 1.^a e de 2.^a pessoas do que da 3.^a pessoa (singular e plural) nos ACU e DAT, enquanto no caso de clíticos reflexos e não argumentais, a tendência foi maior uso de formas da 3.^a pessoa. A autora (2009: 540) sustenta: “[p]odemos considerar, portanto, que os contextos de 1.^a e 2.^a pessoas [ACU e DAT] são menos complexos, não havendo variação com objecto nulo”⁶⁴. Desta forma, os padrões observados em relação ao desempenho dos clíticos do português levam os autores acima referidos a considerar que a especificação de pessoa gramatical interfere no desempenho das crianças portuguesas.

Ao mesmo tempo, Duarte *et al.* (1996), no caso de crianças e de alguns adultos portugueses, Gonçalves (1997) em relação aos falantes de português de Moçambique, Alexandre e Gonçalves (2018) em relação aos falantes de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, reportam ter observado o fenómeno de *lheísmo*, particularmente, troca do clítico ACU pelo DAT quando o traço é [+humano]. Os estudos de Carmona e Silva (2007), de Silva (2008; 2009) não nos fornecem dados relevantes sobre a percentagem de substituição do caso gramatical dos clíticos, apesar de Silva (2008) ter referido que ocorrem poucos casos de produção de um clítico DAT em vez de ACU, facto a que não foi dada uma particular atenção.

É de acrescentar que, conforme constata Cristóvão (2006), as crianças portuguesas não apresentam dificuldades na interpretação de pronomes (clíticos) e segundo Costa *et al.* (2016),

⁶⁴ Notamos que as 1.^{as} e as 2.^{as} pessoas não são apenas pessoas gramaticais, mas também pessoas do discurso, logo, mais salientes no *input*.

Silva (2011), as crianças desde cedo compreendem e fazem uma distinção clara entre os clíticos (tanto reflexos, como não reflexos) e pronomes fortes de PE.

Baseando-se nas evidências descritas, na nossa opinião, o que se observa pode ser ainda indicativo de uma estratégia de evitamento (omissão dos clíticos e substituição pelos pronomes fortes ou DP) e de uma oscilação entre as formas ACU e DAT na 3.^a pessoa nas produções das crianças que adquirem português como L1, algo que acontece no caso das crianças falantes de PLH também. Na aquisição de PLH, observam-se taxas maiores de omissão de clíticos, nos grupos de crianças bilíngues, em comparação com os monolíngues (*e.g.*, Nardelli & Lobo, 2018; Tomaz *et al.*, 2019), mesmo quando as outras línguas faladas por estas crianças apresentam restrições fortes em relação ao objeto nulo⁶⁵.

Estas evidências podem significar que as crianças portuguesas já têm conhecimento nítido de que existem pronomes diferentes, porém, ainda não fixaram os contextos em que cada um se usa e, como tal, nos contextos linguísticos em que a resposta-alvo é o clítico DAT ou ACU da 3.^a pessoa, omitem-no mais vezes. Já as formas da 1.^a e da 2.^a pessoa dos pronomes ACU e DAT do português são isomorfas, logo, não se pode observar nenhum obstáculo por parte da estrutura argumental do verbo. Da perspectiva da estrutura argumental dos verbos, é explicável também a maior segurança no uso do pronome reflexo *se* na 3.^a pessoa, cuja forma é invariável no singular e no plural. Por outras palavras, à luz da complexidade lexical do *input*, as crianças portuguesas devem distinguir e memorizar um número reduzido de formas de pronomes da 1.^a e da 2.^a pessoa gramatical (*me, te, nos, vos, se*) que são selecionados por verbos de regências diferentes, enquanto, na 3.^a pessoa, os pronomes (*lhe(s), o(s), a(s)*, bem como as formas morfofonologicamente definidas – *lo(s), la(s), no(s), na(s)*) são distribuídas em função da estrutura argumental de cada verbo, o que deve contribuir para a complicação da tarefa, resultando no atraso de desenvolvimento do conhecimento linguístico. Portanto, a demora na aquisição da estrutura argumental do verbo, a par com os fatores referidos em Lobo e Costa (2006) – colocação de clíticos e existência de objetos nulos –, pode ser um dos fatores a causar taxas altas de omissão e uso não sucedido dos pronomes clíticos, nas fases iniciais de aquisição de português.

Flores *et al.* (2020) concordam que os clíticos do português são difíceis para a aquisição por causa da sua variabilidade na posição e também na **forma** (destaque nosso). Por outro lado, Costa e Lobo (2006) admitem que os clíticos objeto do PE, sendo argumentos, têm de verificar

⁶⁵ Conforme Tomaz *et al.* (2019), o francês não dispõe da construção de objeto nulo. Já em espanhol, segundo Nardelli e Lobo (2017), a omissão de objeto é permitido apenas quando o referente é indefinido.

o Caso morfológico, o que pode explicar a omissão, pois a verificação destes traços pode violar a Restrição de Verificação Única (*Unique Checking Constraint*), proposta por Wexler (1998), segundo a qual um elemento não pode verificar mais do que um traço⁶⁶. No entanto, esta questão não é aprofundada por Costa e Lobo (2006), pois, como fundamentam, não explica porque é que a omissão dos clíticos persiste até mais tarde em contraste com as outras línguas. De facto, em francês, em italiano e em espanhol, a forma dos pronomes clíticos também é diferente no ACU e no DAT, mas, como vimos, nestas línguas, a omissão dos clíticos desaparece por volta dos dois, três anos de idade, se bem que existam estudos (*e.g.*, Chillier *et al.*, 2001, *op cit.*, Tomaz *et al.*, 2019) que exibem assimetrias na realização dos clíticos de casos gramaticais diferentes de francês, chegando à conclusão de que a realização de clíticos ACU por crianças monolíngues é mais tardia do que a de clíticos NOM, pois a taxa de omissão dos ACU é de 31,5% aos 4;0 e de 11,9% aos 4;9 anos de idade. Outros constataam que a omissão de pronomes complemento se revela mais elevada em francês do que em inglês, sendo, provavelmente, causado pelas propriedades morfossintáticas dos pronomes clíticos do francês (*e.g.*, Paradis *et al.*, 2003⁶⁷). Portanto, existe evidência a favor da hipótese de que a diversidade morfológica de pronomes clíticos, pelo menos no caso de francês, causa atrasos na aquisição dos mesmos.

Assim sendo, sugerimos que, na complexidade de *input*, além de colocação de clíticos e existência de objetos nulos (cf. Lobo & Costa, 2006), se tenha em conta mais um componente – a complexidade de estrutura argumental dos verbos portugueses que condiciona a forma morfológica de pronomes clíticos – a contribuir para o atraso da aquisição das propriedades morfossintáticas dos pronomes clíticos de português. Assumimos, pois, que, para os aprendentes de português (nativos e não nativos), a dificuldade não reside apenas na necessidade de adquirirem os traços semânticos de verbos, pois nem sempre é suficiente ter em conta os traços semânticos do verbo previstos no seu significado – que, conforme Luft (2002), ajudam a distinguir os moldes sintáticos de uma frase –, mas é preciso ainda distinguir casos de vários verbos com o mesmo significado ou significado semelhante que apresentam seleção casual diferente (*e.g.*, *perguntar* + OI vs. *questionar* + OD ou *interrogar* + OD; *dizer* + OI vs. *informar* + OD ou *avisar* + OD; *acudir* + OI vs. *ajudar* + OD).

⁶⁶ Wexler (1998) sugere esta hipótese em relação às línguas em que a colocação dos clíticos depende da forma verbal. Porém, esta restrição faz predições erradas em relação a uma língua como o português, em que não existe concordância explícita entre o objeto e o particípio passado, mas em que as taxas de omissão de clíticos são mais elevadas e persistem até mais tarde comparativamente o francês, o catalão ou o italiano (*e.g.*, Costa & Lobo, 2007; 2009).

⁶⁷ Este estudo centra-se na aquisição de pronomes objeto por crianças bilingues francês/inglês.

Conforme tem sugerido a investigação da década passada (*e.g.*, Sorace, 2014; Tsimpli, 2014), os fenómenos adquiridos tardiamente em L1 podem revelar-se difíceis de aquisição também para os falantes de L2, principalmente devido a fatores de *input*. Portanto, a complexidade de estrutura argumental dos verbos portugueses deve constituir um maior obstáculo para os falantes não nativos de português, sobretudo para aqueles em cuja língua a estrutura argumental de verbos e/ou a forma morfológica de pronomes diverge do português, pois, tendo em conta a HRT de Lardiere (2007; 2008; 2009), nas fases iniciais de aquisição é expectável que o conhecimento linguístico adquirido esteja a influenciar a reconfiguração dos traços da língua-alvo, resultando numa taxa maior de omissão de clíticos (como estratégia de evitamento) ou numa oscilação entre as formas de ACU e DAT e até entre os clíticos e os pronomes fortes. Estes fenómenos podem persistir até aos níveis avançados de competência linguística, constituindo fossilizações (Selinker, 1972).

Dito isto, seria importante verificarmos se nos trabalhos conduzidos no âmbito da aquisição de PL2:

- (i) se observa uma grande taxa de omissão dos pronomes clíticos;
- (ii) se existe substituição de clíticos ACU e DAT um pelo outro ou por pronomes fortes;
- (iii) se falantes de diferentes línguas maternas apresentam resultados diferentes no que toca à omissão e à seleção casual dos pronomes clíticos de português;
- (iv) e até que ponto esses fenómenos estão explicados à luz da influência da(s) L1 dos aprendentes de PL2 ou do desconhecimento da estrutura argumental dos verbos portugueses.

Na perspetiva da aquisição de PL2, no que toca à questão de omissão, Fiéis e Madeira (2016a) e Madeira e Xavier (2009) defendem que, ao contrário do que acontece em PL1, os clíticos na maioria são produzidos desde os estádios iniciais em PL2, podendo a omissão ser uma estratégia pouco frequente (a taxa de omissão registada por Madeira e Xavier (2009) foi de 4,7% e por Fiéis e Madeira (2016a), no caso de falantes de inglês L1 e de espanhol L1, respetivamente 1,7% e 4,2, nas frases simples e 0% nas ilhas). Isto acontece apesar de as diferenças encontradas entre a aquisição de PL1 e PL2 a esse respeito poderem significar que os falantes adultos já adquiriram estratégias de uso dos pronomes clíticos noutras línguas, que resultam numa maior taxa de realização dos mesmos em português (os informantes ingleses do estudo de Fiéis e Madeira (2016a) tinham línguas com clíticos como L2). Por outro lado, conforme o estudo de Fiéis e Madeira (2016a), a taxa de omissão dos clíticos, no caso de falantes nativos de chinês foi de 55,9%, nas frases simples e 14,3%, nas ilhas, enquanto, se o

problema de aquisição residisse nas questões interpretativas dos clíticos, tal como defendido por Flores *et al.* (2020), seria expectável observar o fenómeno contrário, i.e., mais omissão nas ilhas. Porém, tal como no caso de PL1 (cf. Costa *et al.*, 2015; Cristóvão, 2006; Silva, 2011), no caso de PL2 também, Fiéis e Madeira (2016a; 2016b) mostram que os falantes de diferentes L1 (chinês, inglês e espanhol), no nível intermédio, não demonstram dificuldades na interpretação de pronomes clíticos (reflexos e ACU de 3.^a pessoa singular), pois no grupo de chinês L1, as taxas de aceitação de clíticos foram significativamente mais elevadas do que as taxas de produção. Esta assimetria observada entre os falantes nativos de diferentes línguas levou as autoras (*op. cit.*) a sugerir que a L1 tem influência na omissão dos clíticos em PL2.

Já o papel da L1 não fica claro da perspetiva de substituição de pronomes clíticos em PL2. Conforme referimos, alguns estudos (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006; Rosário, 2005; Tian, 2022) reportam casos de substituição dos pronomes clíticos entre os clíticos ACU e DAT. Nomeadamente, Rosário (2005) menciona que tanto ingleses, como franceses cometem o fenómeno do *lheísmo*, i.e., trocam o clítico ACU pelo DAT quando o traço é [+humano], algo que já fora identificado por Duarte *et al.* (1996) no caso das crianças e alguns adultos portugueses e por Gonçalves (1997) em relação aos falantes de português de Moçambique. Um estudo mais recente, de Alexandre e Gonçalves (2018), reporta uso dos clíticos DAT no lugar dos ACU e vice-versa, embora residualmente, nas produções de falantes de português de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, se bem que o fenómeno mais observado, sobretudo no caso de *são-tomenses*, seja a substituição de pronomes ACU e DAT por pronomes fortes (ver também Gonçalves, 2013; 2016, quanto a falantes de português de São Tomé). Ao mesmo tempo, tal como no caso de falantes nativos de PE, observa-se mais substituição de clíticos DAT por ACU do que o contrário. As autoras atribuem a pouca frequência de troca dos clíticos ACU e DAT ao efeito da frequência da escola em português.

Por palavras de Tian (2022), os informantes chineses, falantes de PL2, substituem repetidamente clíticos ACU por DAT nos itens em que ocorre o verbo *vestir* que seleciona OI em mandarim e OD em português. Na aquisição de PL2, observa-se ainda o fenómeno de substituição dos pronomes DAT por ACU. Madeira *et al.* (2006: 508) revelam dificuldades a nível da realização morfológica dos clíticos em dois sentidos, encontrando exemplos como em (3), produzidos por falantes de diferentes línguas nativas.

(3) a. Levei-**lhes** para a praia. (L1 francês, L1 alemão)

b. O João só **os** mente quando faz malandrices. (L1 espanhol, L1 espanhol e catalão, L1 alemão)

(Madeira *et al.*, 2006: 508)

Num outro estudo, Madeira e Xavier (2009), nas produções escritas dos seus informantes (falantes nativos de italiano, espanhol, francês, de inglês, alemão, holandês e dinamarquês), identificam apenas uma pequena percentagem de desvio (2,8%) no que toca ao caso gramatical atribuído aos clíticos. Contudo, este estudo não fornece informação sobre quantos dos pronomes clíticos encontrados é que foram da 3.^a pessoa, pois, como percebemos, olhando para os números absolutos deste estudo, no cálculo da percentagem de erro, foram incluídos também os pronomes da 1.^a e 2.^a pessoas, sem variação de forma, sendo expectável que a taxa de erro seja baixa⁶⁸. As próprias autoras referem que os dados coligidos não são suficientes para uma conclusão sólida a este respeito. Um dos grupos analisados por Madeira e Xavier (2009) é constituído por falantes nativos de línguas românicas – de italiano, espanhol e francês – que, tal como já referido, possuem pronomes clíticos tanto de caso DAT como ACU, com uma semelhança morfológica e estrutura argumental de verbos, por exemplo, entre o espanhol e português (ver Pereira, 2022). Seria, portanto, importante sabermos como se distribui a percentagem de desvios encontrados conforme a L1, no estudo de Madeira e Xavier (2009), para percebermos se se detetam efeitos de L1 na seleção do caso gramatical dos pronomes clíticos de PL2 ou não.

Da perspetiva da aquisição de PL2, Tian (2022)⁶⁹, tanto quanto sabemos, é até agora o único a olhar para a questão da estrutura argumental do verbo com atenção e a investigar a questão de assimetrias entre a aquisição dos clíticos DAT e ACU, sugerindo que, no caso dos falantes nativos de chinês (língua sem pronomes clíticos) L1 que aprendem português como L3 (a L2 é o inglês), a aquisição dos pronomes DAT é mais problemático e tardio em contrapartida com os ACU, o que pode ser efeito de L1. Tian (*op. cit.*) recorre a dois testes diferentes (de juízo de aceitabilidade e de produção elicitada), descobrindo que a maior dificuldade dos falantes nativos de chinês reside na aquisição dos clíticos DAT em contextos [-animados] e [-humano, +animado], algo que o autor (*op. cit.*) atribui a transferência negativa da L1. A transferência da L1, no caso dos informantes chineses deste estudo, é referida ainda no caso de alguns verbos (*e.g.*, *resistir*, *suced**er*, *obedecer*) que seleccionam OI em português e

⁶⁸ O estudo reporta ter encontrado no total de 510 ocorrências de clíticos dos quais 14 (2,8% de 510) apresentaram desvio no que toca ao caso gramatical. Para uma percentagem mais precisa de desvio entre os clíticos ACU e DAT, achamos que seria pertinente calcular a taxa de desvio, tendo em conta apenas os clíticos da 3.^a pessoa gramatical.

⁶⁹ Relembra-se que os informantes do estudo de Tian (2022) são alunos universitários da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau que frequentam o Curso da Licenciatura em Línguas Estrangeiras (Língua Portuguesa), ou seja, teremos de ter em conta que este estudo analisa a aquisição de PLE.

OD na L1 (chinês) e L2 (inglês) deles. Assim, a escala de aquisição dos pronomes clíticos de português por falantes de chinês L1, segundo Tian (2022), é a seguinte:

$$(4) \quad OD > OI_{[+humano]} > OI_{[-humano, +animado]} > OI_{[-animado]} > OI_{[OD \text{ na L1 e L2}]}$$

Porém, não se pode assumir que os falantes de chinês L1 associam os clíticos DAT ao traço [+humano]. O teste de produção revelou que os clíticos DAT são mais vezes utilizados (75%) em contextos [-animado] do que em contextos [+humano] (64,18%). Ao mesmo tempo, apesar de Tian (2022) ter afirmado que os clíticos ACU são mais facilmente adquiridos, pois em contextos [-animados] os clíticos ACU foram mais facilmente aceites no teste de juízo de aceitabilidade (4,46 de pontuação média, na escala de 1-5), no teste de produção, observou-se uma dificuldade significativa no uso de clíticos ACU (55,84% de acerto). Esta instabilidade pode significar que os falantes de chinês L1 oscilam entre o DAT e o ACU por desconhecimento das propriedades de regência verbal de alguns verbos do PE, o que, entretanto, não foi confirmado pela análise estatística apresentada nesse estudo. Mesmo assim, o próprio autor refere que o estudo se deparou com algumas limitações (amostra demasiado pequena, nível de informantes não diversificado, alguns problemas no desenho do teste experimental), não permitindo chegar a conclusões mais sólidas acerca do efeito de L1 e de conhecimento de regência verbal de português no processo de aquisição dos clíticos ACU vs. DAT. O facto de o estudo de Tian (2022) analisar a aquisição dos clíticos apenas no nível intermédio não nos permite traçar conclusões, ainda, no que toca ao progresso da aquisição.

Resumindo a discussão desta secção e procurando endereçar as respostas referentes à taxa de omissão e ao fenómeno de oscilação entre casos gramaticais de clíticos em PL2, fica evidente que a aquisição das propriedades lexicais e de estrutura argumental dos verbos portugueses gera dificuldades para os seus falantes, sobretudo não nativos.

De uma forma geral, enquanto as taxas de omissão diferem significativamente em L1 e L2, os processos de aquisição em PL1 e PL2, no que toca à aquisição de traços morfológicos entre os clíticos ACU e DAT, parecem partilhar alguns traços semelhantes (*e.g.*, substituição de clítico por um pronome forte, reduplicação do clítico (cf. Madeira *et al.*, 2006). Contudo, apesar de na realização morfológica de pronomes clíticos o PL1 e PL2 partilharem característica comum – o fenómeno de *lheísmo* – e apesar de, na aquisição de PL2, o fenómeno de *lheísmo*

e de oísmo⁷⁰ serem presentes, baseando-se na evidência científica disponível, é difícil compreender se este fenómeno é resultado da(s) L1 dos aprendentes ou é característico do desenvolvimento natural de língua portuguesa. Nem em PL1, nem em PL2 a complexidade da estrutura argumental dos verbos portugueses como um fator que contribui para a aquisição tardia dos pronomes clíticos desta língua recebeu a devida atenção por parte dos investigadores. Os poucos estudos existentes não permitem chegar a uma conclusão robusta também no que diz respeito ao efeito da L1 dos falantes de PL2 na apropriação da estrutura argumental dos verbos portugueses e na seleção de caso gramatical de pronomes clíticos.

1.3.3. Sumário: algumas questões de aquisição dos pronomes clíticos em PL2

Os estudos até agora realizados mostram que a aquisição dos pronomes clíticos em PL1 e PL2, em alguns pontos (*e.g.*, aquisição tardia, ordem de estabilização de próclise semelhante, fenómeno de lheísmo), partilham semelhanças. Porém estes dois processos não podem ser encarados como idênticos, pois vimos que a omissão dos clíticos, que é um fenómeno muito frequente na aquisição de PL1, apresenta taxas baixas em PL2, havendo, por outro lado, uma tendência maior de oscilação entre as formas casuais ACU e DAT de clíticos portugueses, entre a próclise e a ênclise nos estádios iniciais de aquisição de português por alguns falantes e ainda muitas evidências de que as línguas faladas por aprendentes têm influência não apenas no ritmo de aquisição, mas também na aquisição das propriedades (morfos)sintáticas dos pronomes clíticos de português.

Apesar de atualmente já existirem dezenas de investigações que procuraram compreender como se processa a aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2 e apesar de Madeira e Alexandre (2022) referirem que, de uma forma geral, o conhecimento das propriedades sintáticas sobre os pronomes clíticos segue o mesmo percurso de desenvolvimento em L1 e L2, um olhar sob perspetivas diferentes para os dados coligidos por diversos estudos, como procurámos mostrar nas duas secções anteriores, revela muitas questões que ainda não receberam uma resposta convencional. Nomeadamente,

- se a influência da L1 e das outras línguas faladas contribui apenas para o ritmo de aquisição dos pronomes clíticos de português ou se a aquisição dos padrões de seleção

⁷⁰ A semelhança com os termos ‘lheísmo’, ‘dequeísmo’, sugerimos utilizar o termo ‘oísmo’ para designar o fenómeno de utilização dos clíticos ACU, tanto do género masculino, como feminino, em vez dos clíticos DAT.

e de colocação são vulneráveis à transferência linguística ou se aquisição dos pronomes clíticos em PL2 e em PL1 segue trajetos semelhantes, independentemente da L1 dos aprendentes;

- se as (poucas) diferenças encontradas entre as escalas de estabilização dos padrões proclíticas podem ser explicadas a partir do conhecimento linguístico previamente adquirido ou a partir de outros fatores que influenciam a aquisição em PL2;
- se a complexidade de estrutura argumental dos verbos portugueses também resulta numa aquisição tardia dos pronomes clíticos;
- se as propriedades morfosintáticas de pronomes clíticos são passíveis de aquisição na idade adulta.

Ao mesmo tempo, a grande maioria dos estudos citados nas duas secções anteriores analisam a aquisição dos pronomes clíticos de PL2 por estudantes universitários de cursos de língua portuguesa – curricular ou do programa *Erasmus* – que tiveram acesso ao ensino formal (e.g., Gu, 2019; Madeira & Xavier, 2009; Tian, 2022)⁷¹. Numa parte destes estudos (e.g., Gu, 2019; 2022; Madeira *et al.*, 2006; Tian, 2022), os informantes estão divididos em grupos, tendo em conta o tempo de exposição ao português, noutros (e.g., Fiéis & Madeira, 2016a; 2016b), tendo como referência o nível de cursos de português que frequentavam e, em terceiro (e.g., Pereira, 2022), recorrendo a uma avaliação feita por falantes nativos de português, na base da qual os informantes foram divididos nos grupos de proficiência ‘alto’ e ‘baixo’. São poucos os estudos (e.g., Fiéis *et al.*, 2013; Fiéis *et al.*, 2023; Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005) que utilizaram testes de colocação em nível / aferição de nível para garantir uma aferição mais cuidadosa das proficiências linguísticas dos informantes. A variação entre procedimentos metodológicos adotados por diferentes investigadores juntamente com a limitação da amostra disponível (informantes quase exclusivamente com acesso ao ensino formal ou falta de grupos com níveis diferentes de proficiência linguística) fazem com que a tarefa de analisar o efeito do ensino formal, da idade e de proficiência linguística na variação do desempenho linguístico seja ainda mais desafiante. Haverá, certamente, necessidade de mais estudos que nos ajudem a compreender melhor

⁷¹ Por nós encontrados, apenas dois investigadores (Rosário (2005) e Pereira (2022)) tiveram acesso a informantes que residem em Portugal e entende-se que nem todos tiveram aulas de português.

- se a idade da primeira exposição ao português, o acesso à explicitação, uma exposição mais prolongada à língua-alvo são fatores importantes na aquisição sucedida dos pronomes clíticos em PL2;
- se os indivíduos com uma melhor competência linguística em português apresentam um melhor desempenho na realização dos pronomes clíticos ou os desvios nesta área persistem na interlíngua mesmo de falantes competentes de PL2.

Não fica evidente também o papel de outras línguas anteriormente adquiridas (além da(s) L1) na aquisição de pronomes clíticos em PL2. Apenas o estudo de Tian (2022), analisando a influência do inglês L2 na aquisição de PL2, sugere que, dependendo da estrutura em aquisição, tanto a L1 como as outras línguas não maternas anteriormente adquiridas potencialmente influenciam o processo de aquisição de uma nova língua. Poucos trabalhos (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2013; Fiéis & Madeira, 2016a) notam a possibilidade de outras línguas faladas, além da L1 do aprendente, também terem influência na aquisição de pronomes clíticos PL2, destacando necessidade de investigação futura nesse sentido.

Por último, os estudos realizados no âmbito de aquisição de pronomes clíticos em PL2 são relativamente homogêneos no que toca às L1 dos informantes. Foram analisados casos de falantes de línguas românicas que fazem uso de pronomes clíticos (francês, espanhol, catalão e italiano), de línguas germânicas (alemão, inglês, dinamarquês e holandeses), urálica (finlandês) e de uma língua sino-tibetanas (chinês mandarim), dos quais, curiosamente, os falantes de chinês (*cf.* Fiéis & Madeira, 2016b; Gu, 2019) e de inglês (*cf.* Fiéis & Madeira, 2016a; Rosário, 2005), línguas sem pronomes clíticos, pelo menos em alguns aspetos de aquisição apresentam uma maior dificuldade (*e.g.*, omissão; interpretação; seleção da forma morfológica dos clíticos). Muitos dos estudos de referência no âmbito, embora com amostra de informantes diferentes, baseiam-se sempre nas produções de falantes de mesmas línguas maternas, e logo, não é de admirar que os resultados por eles alcançados sejam idênticos⁷².

Esperamos que o nosso estudo, que pretende analisar a aquisição dos pronomes clíticos de português por falantes adultos de arménio L1, língua sem pronomes clíticos, com a possibilidade de omissão de objeto e com clíticos disponíveis noutras categorias lexicais (*ver* a discussão no subcapítulo 2.2), até agora não estudada neste domínio, contribua para o

⁷² Não queremos subestimar a grande importância académica desses estudos, mas antes queremos chamar a atenção para a necessidade de analisar um leque mais vasto de outras L1, se o objetivo é compreender o papel de diferentes L1 na aquisição de PL2.

enriquecimento de tanto de dados empíricos, como do conhecimento científico acerca da matéria.

Além disso, julgamos ser possível verificar se as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos de português residem no domínio sintático ou se envolvem interfaces entre sintaxe e outros domínios linguísticos (Sorace & Filiaci, 2006; Tsimpli, 2014).

Madeira e Xavier (2009) referem que o desenvolvimento das propriedades morfológicas e das sintáticas dos pronomes clíticos em PL2 são dois fenómenos que ocorrem independentemente, atendendo ao modelo *Missing Surface Inflection Hypothesis* de Prévost & White (2000) e indo ao encontro da hipótese de Rothman (2007), que assume as dificuldades morfológicas continuarem a ocorrer mesmo num cenário de aquisição de propriedades sintáticas. Santoro (2007), para o italiano, também sugere que a aquisição de traços morfológicos e de traços sintáticos de pronomes clíticos ocorrem separadamente, sendo a aquisição morfológica mais tardia. Para PL2, como mencionam Madeira e Alexandre (2022: 294), referindo-se à aquisição dos padrões de colocação de pronomes clíticos de português, a existência das dificuldades “no domínio da sintaxe contraria as predições da Hipótese de Interface (Sorace & Filiaci, 2006), segundo a qual as propriedades sintáticas podem ser plenamente adquiridas”, se bem que Fiéis *et al.* (2023) mostrem finalmente que, na idade adulta, a aquisição completa de traços sintáticos da L2 é possível. Contudo, o estudo de Fiéis *et al.* (2023), um dos poucos que se preocupou com a questão de a aquisição tardia de pronomes clíticos em PL2 residir nas interfaces diferentes, conclui que a aquisição tardia acontece também no caso de fenómenos que envolvem apenas o domínio sintático, como a próclise em completivas de indicativo e em orações adverbiais, ao contrário do que foi sugerido por Tsimpli (2014), que defende serem os fenómenos de aquisição precoce aqueles que envolvem apenas domínio sintático e os fenómenos de aquisição tardia serem aqueles que envolvem interfaces diferentes, tanto na L1, como na L2.

Será que as dificuldades persistentes na aquisição de pronomes clíticos envolvem apenas o domínio de sintaxe?

Por a nossa investigação reunir condições necessárias (i.e., pretender recolher dados no que toca tanto à colocação, como à seleção dos pronomes clíticos no caso de todos os informantes), esperamos ser possível verificar se as dificuldades na aquisição dos pronomes clíticos de português residem nas interfaces morfologia/sintaxe, sendo os processos interligados (*e.g.*, Meisel 1991; Vainikka & Young-Scholten 1994; 1996), ou se as propriedades morfológicas e sintáticas se desenvolvem independentemente (*e.g.*, Madeira &

Xavier, 2009; Santoro, 2007) ou se existem outras interfaces que envolvem a aquisição de pronomes clíticos em PL2, justificando a aquisição tardia desses.

Dito isto, a nossa investigação, terá como foco a aquisição dos padrões de distribuição sintática e de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, por falantes adultos de arménio L1, e procurará endereçar as questões acima referidas, neste ponto, formadas ainda muito genericamente, visando contribuir para a discussão referente à aquisição dos pronomes clíticos de PL2 em quatro pontos principais:

- (i) se o efeito de conhecimento prévio, da(s) L1 ou das outras L2 é significativo no processo de aquisição dos pronomes clíticos de português (PI 1);
- (ii) se a aquisição dos pronomes clíticos de português em PL1 e PL2 ocorre de uma forma semelhante ou se trata de processos distintos (PI 2);
- (iii) se as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos de português residem no domínio sintático ou se envolvem interfaces entre sintaxe e outros domínios linguísticos (PI 3);
- (iv) se se observa um abandono dos traços intrínsecos da L1 e uma aquisição gradual dos traços dos pronomes clíticos de português, conforme esperado à luz da HRT, evidenciando que a reconfiguração das categorias funcionais ausentes em L1 é possível na idade adulta (PI 4);

Questões secundárias, caso a amostra disponível permita uma análise, serão endereçadas na presente investigação. Recorrendo, neste ponto, às questões apresentadas no final da ‘Introdução’, esperamos contribuir também para a discussão acerca das seguintes discussões:

- x) se, na idade adulta, os falantes com melhor competência em PL2 apresentam melhor desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos dessa língua do que os falantes de PL2 iniciais (PI 4.1);
- xi) se, na idade adulta, quanto mais cedo os aprendentes forem expostos à L2, melhores serão os resultados alcançados (PI 4.2);
- xii) se, na idade adulta, uma exposição mais prolongada à língua-alvo garante melhor desempenho nas suas produções quanto à seleção casual e à colocação de pronomes clíticos de PL2 (PI 4.3);

- xiii) se, na idade adulta, o acesso à instrução explícita tem impacto positivo na aquisição das propriedades de seleção e de colocação de pronomes clíticos de PL2 (PI 5);
- xiv) se, além da L1, as outras línguas anteriormente adquiridas também influenciam o processo de aquisição dos pronomes clíticos em PL2 (PI 6).

Tal como mencionado no final da subsecção 1.2.6.2, para a definição precisa das questões e das hipóteses principais desta investigação, uma descrição contrastiva das propriedades morfossintáticas de pronomes objeto de arménio e de português será necessária, a que dedicaremos o capítulo 2.

Capítulo 2. Os padrões morfossintáticos dos pronomes objeto em português e em arménio: um olhar comparativo

Tanto o português, como o arménio fazem uso de pronomes pessoais complemento, mas estes apresentam diferenças no que toca quer à sua seleção casual, quer à sua colocação numa frase.

Da perspetiva de seleção casual, os pronomes complemento de 3.^a pessoa de português apresentam morfologia diferente nos casos ACU e DAT, não dependendo dos traços [$\pm$ humano] do seu antecedente, enquanto em arménio são seleccionadas formas diferentes em função dos traços [$\pm$ humano] do seu antecedente no discurso, sendo que os pronomes ACU e DAT são isomorfos para os antecedentes com traço [+humano]. Já da perspetiva de colocação numa frase, os pronomes objeto de português são clíticos e a sua distribuição na estrutura frásica é condicionada por diversos fatores (sintáticos, semânticos, prosódicos, entre outros), enquanto em arménio os pronomes pessoais são sempre tónicos, apresentando uma maior flexibilidade sintática. Como apresentado no capítulo anterior, na aquisição de uma L2, espera-se que os traços referentes a itens lexicais da L1 sejam transferidos para a língua-alvo, nos estádios iniciais de aquisição, seguindo-se um processo de reagrupamento e de reconfiguração dos traços, de modo que esses passem apresentar o sistema da L2 (Lardiere, 2007; 2008; 2009).

Assim, por forma a compreender em que situações é que é expectável a transferência dos traços aderentes aos pronomes objeto de arménio L1 para o PL2, bem como para justificar a escolha das condições a serem incluídas no teste de elicitação, é necessário primeiramente compreender os sistemas pronominais de português e de arménio, destacando os fatores linguísticos que influenciam a seleção e a colocação de pronomes pessoais em cada língua.

Será este o objetivo do presente capítulo. Num primeiro momento (§2.1), apresentaremos os padrões de seleção e de colocação de pronomes clítico de português e, a seguir (§2.2), faremos uma breve análise dos padrões de seleção e de colocação de pronomes pessoais do arménio. Apesar de os pronomes complemento de arménio serem tónicos, o Vaux desta língua é um clítico, cuja distribuição numa frase também resulta de uma combinação de fatores semânticos, sintáticos e prosódicos que, na nossa opinião, para os falantes de arménio L1, poderá influenciar, significativamente, a aquisição dos padrões de distribuição sintática de pronomes clíticos em português. A essa questão daremos atenção particular (§2.2.8). A apresentação de condicionantes relevantes para a seleção e para a colocação de pronomes pessoais em arménio, culminaremos com algumas questões relevantes (§2.2.7 e §2.2.10) que

nos guiarão na reformulação de perguntas e de predições da presente investigação, já no capítulo seguinte.

2.1. A colocação e a seleção dos pronomes clíticos em português

Ao contrário das outras línguas românicas, nas quais a colocação de pronomes pessoais átonos depende da morfologia verbal, mais precisamente da finitude (*e.g.*, espanhol, italiano, catalão) ou do modo verbal (*e.g.*, francês⁷³) a distribuição sintática de pronomes clíticos de português condiciona-se por vários fatores (sintáticos, semânticos, lexicais, entre outros). Os padrões distribucionais de pronomes clíticos portugueses receberam muita atenção dos investigadores (*e.g.*, Duarte, 1983; Duarte *et al.*, 1996; Duarte *et al.*, 2005; Duarte & Matos, 2000; Madeira, 1993; Martins, 1994; 2013; Mateus *et al.*, 2003; Matos & Colaço, 2014; entre outros), como notado por Costa *et al.* (2015), não apenas por se revelarem de aquisição tardia, comparativamente com a maioria de outras línguas românicas⁷⁴ (*e.g.*, espanhol, francês, italiano), mas também por apresentarem um fenómeno interessante para perceber os processos evolutivos na própria língua⁷⁵.

As questões de seleção dos pronomes complemento do português, por sua vez, não foram alvo de muitos debates científicos, havendo apenas referências na literatura académica às funções gramaticais que desempenham numa oração - os clíticos ACU substituem ao OD da frase e os clíticos DAT ao OI da frase (*e.g.*, Cunha & Cintra, 2017; Martins, 2013) e que na aquisição de PL1 ocorre o fenómeno de lheísmo, i.e., com os antecedentes [+humano], os falantes nativos da língua, nos estádios iniciais de aquisição, selecionam clíticos DAT em vez de ACU (*e.g.*, Duarte *et al.*, 1996).

O presente subcapítulo, começando por apresentar o sistema dos pronomes pessoais de português (§2.2.1), fará uma breve exposição dos padrões de colocação (§2.2.2) e de seleção (§2.2.3) dos pronomes clíticos nessa língua.

⁷³ No que toca ao francês, na literatura, encontramos certa divergência de opiniões. Autores como Fiéis *et al.* (2023: 116) mencionam que, nesta língua, “os clíticos de objeto são sempre proclíticos”, enquanto Tomaz *et al.* (2019) ou Martins (2016) mencionam que a ênclise dos pronomes argumento do francês ocorre nos contextos do imperativo morfológico (ou forma imperativa afirmativa, pela definição de Tomaz *et al.* (2019)), como em *Donne-lui son cadeau* (Martins, 2016: 402).

⁷⁴ Segundo Martins (2016: 401), o português, a esse respeito, partilha características com o galego e parcialmente com o asturiano (ver também os autores referidos por esta autora).

⁷⁵ Sobre as mudanças dos padrões de colocação dos clíticos pode-se encontrar informação em Martins (1994; 2016), Paixão de Sousa (2004); Galves e Paixão de Sousa (2005), referidos por Costa *et al.* (2015).

2.1.1. Os pronomes pessoais do português

O sistema pronominal de todas as línguas românicas construiu-se na base dos pronomes latinos, formando dois grupos: pronomes pessoais tónicos (ou fortes) e átonos (ou fracos)⁷⁶ (Ilari, 2013). Os pronomes pessoais tónicos de português, i.e., possuidores de acento próprio, são os pronomes *eu, tu, ele, ela, você, nós, vós, eles, elas* e *vocês*; os que vêm introduzidos por uma preposição – *mim, ti, si, ele, ela, você, nós, vós, vocês, eles, elas* – e os que, quando contraídos com a preposição *com*, dão origem às formas *comigo, contigo, consigo, connosco* e *convosco*. Já as formas átonas são os pronomes *me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos*, designados também como clíticos, por não possuírem acento próprio e necessitarem de uma palavra acentuada, denominada hospedeiro, para formar uma unidade fonológica, através de cliticização ao último (cf. Martins, 2013; Mateus *et al.*, 2003; Vigário, 2003; entre outros).

Nos pronomes pessoais do português, encontramos ainda vestígios de referência casual, embora o português contemporâneo não seja uma língua dos casos gramaticais⁷⁷. Martins (2013) menciona que, para distinguir entre si os pronomes pessoais, usam-se ainda as designações casuais nominativo (NOM), acusativo (ACU) e dativo (DAT), pois a forma dos pronomes pessoais depende da sua função sintática (relação gramatical). As designações casuais referem-se aos casos associados “aos nomes (e seus modificadores) que desempenhavam estas funções em latim”, destaca a autora (*op. cit.*: 2232).

Numa sequência como em (1), o sujeito da frase expresso pelo SN *o menino*, ao qual é referente o caso NOM do latim, pode ser substituído pelo pronome reto *ele* ((2a)). Já os OD *a prenda* e OI *ao seu avô* da frase em (1), aos quais são referentes respetivamente os casos ACU e DAT do latim, podem receber as formas pronominais *a* ((2b)) e *lhe* ((2c))⁷⁸.

⁷⁶ De uma perspetiva tradicional, para se referir aos pronomes pessoais, usam-se as designações pronomes retos, quando se trata do sujeito da frase, e oblíquos para qualquer caso à exceção dos que desempenham a função do sujeito, inclusive os pronomes complemento direto e indireto (cf. Cunha & Cintra, 2017), distinguindo os oblíquos átonos (complemento direto e indireto) e os oblíquos tónicos (regidos por uma preposição). Contudo, na gramática generativa, existe uma distinção entre os pronomes clíticos e os pronomes oblíquos. Os pronomes clíticos correspondem ao OD e ao OI da frase, enquanto os restantes complementos circunstanciais (de lugar, tempo, meio, causa, modo, etc.), sejam selecionados pelo verbo obrigatoriamente ou opcionalmente, que vêm introduzidos por uma preposição (*de, com, em, para*, etc.), são considerados complementos oblíquos (COBL). No âmbito desta investigação, adotaremos a nomenclatura da gramática generativa.

⁷⁷ Os vestígios do caso genitivo encontram-se também no determinante relativo *cujo(s), cuja(s)*.

⁷⁸ O OD e o OI do português podem ainda ser substituídos pelos pronomes clíticos em simultâneo, formando grupos clíticos, como exemplificado em (i).

(i) [Os meninos]_{SUJ} [deram-**[lha]**]_{OI+OD}.

Tanto no caso de substituição simultânea do OD e OI (i), como na situação de substituição de apenas OI pelos pronomes clíticos (*e.g.*, (2c)), em português observamos uma inversão da ordem básica OD-OI.

Os grupos clíticos não apresentam interesse particular para a nossa investigação pois não diferem dos pronomes clíticos que aparecem isoladamente na frase, no que toca à sua colocação e seleção.

(1) [O menino]_{SUJ=NOM} [deu [a prenda]_{OD=ACU} [ao seu avô]_{OI=DAT}]_{PRED}.

(2) a. [Ele]_{SUJ=NOM} [deu [a prenda]_{OD} [ao seu avô]_{OI}]_{PRED}.

b. [O menino]_{SUJ} [deu-[a]_{OD=ACU} [ao seu avô]_{OI}]_{PRED}.

c. [O menino]_{SUJ} [deu-[lhe]_{OI=DAT} [a prenda]_{OD}]_{PRED}.

Portanto, aos pronomes tónicos que podem ocorrer na posição do sujeito da frase – *eu, tu, ele, ela, você, nós, vós, eles, elas* e *vocês* – atribui-se o caso NOM. Já ao OD e ao OI de uma oração, que podem ser respetivamente expressos através dos clíticos *me, te, se, o(s), a(s), nos, vos* (OD) e *me, te, se, lhe(s), nos, vos* (OI), atribuem-se os casos gramaticais ACU (OD) e DAT (OI).

Os pronomes que executam a função dos complementos oblíquos (COBL) ou dos modificadores (MOD) de uma frase – *mim, ti, si, ele, ela, você, nós, vós, vocês, eles, elas* – introduzidos por uma preposição (*e.g., por, para, de*) e as formas contraídas com a preposição *com* – *comigo, contigo, consigo, connosco* e *convosco* –, em português contemporâneo, não têm nenhum caso gramatical associado, pois, ao contrário do sujeito, do OD e do OI, a sua função sintático-semântica é interpretada no contexto discursivo. Por exemplo, em (3a), o constituinte *do bolo de aniversário* e logo a forma pronominal *dele*, que o substitui, são adjuntos com marcação casual de ablativo (ABL), enquanto a mesma forma pronominal *dele*, em (3b), já é um COBL regido pelo verbo *gostar* ao qual se atribui o caso ACU do latim.

(3) a. A Maria comeu [[do bolo de aniversário/**dele**]_{Adjunto}]_{ABL}.

b. A Maria gosta [[do seu amigo/**dele**]_{CO}]_{ACU}.

Na tabela 2.1, apresentamos os pronomes pessoais do português, agrupados em formas tónicas (fortes) e átonas (clíticos) e com referência aos casos gramaticais a eles associados.

Tabela 2.1. Pronomes pessoais do português

	Formas átonas (clíticos)			Formas tónicas		
	Acusativo	Dativo	Nominativo	Nominativo	Acusativo	Oblíquo
	(objeto direto)	(objeto indireto)	(sujeito)	(sujeito)	(objeto direto)	(complemento preposicionado)
1sg	me	me		eu		mim, comigo
1pl	nos	nos		nós, a gente	a gente	nós, connosco a gente
2sg	te	te		tu, você		ti, contigo você, si, consigo
2pl	vos	vos		vós, vocês		vós, convosco vocês
3sg	o, a, se	lhe	se (impessoal)	ele, ela		ele, ela si, consigo
3pl	os, as, se	lhes		eles, elas		eles, elas

(de Martins, 2013: 2233)

Deste modo, embora o português contemporâneo não faça uso de casos gramaticais, os vestígios deles estão presentes nos pronomes com funções sintáticas centrais de uma frase: ao sujeito está associado o caso NOM, ao OD, o caso ACU e ao OI, o caso DAT do latim.

Na presente investigação, para simplificar a comparação dos pronomes pessoais entre o português e o arménio (língua de casos gramaticais), doravante usaremos as designações pronomes NOM para referir os pronomes pessoais tónicos – sujeitos da frase, pronomes (clíticos) ACU quando se trata dos pronomes átonos com a função do OD da frase e pronomes (clíticos)⁷⁹ DAT, para os pronomes átonos OI da frase.

Entre os pronomes de português, o objeto do nosso estudo serão os pronomes clíticos.

2.1.2. Os padrões distribucionais dos pronomes clíticos do português

Nas línguas românicas, os pronomes clíticos, formas fonologicamente fracas, ocorrem sempre em adjacência a um hospedeiro verbal – em ênclise ou em próclise –, i.e., na posição pré-verbal ou pós-verbal, ou no caso de português, ainda em mesóclise, i.e., no interior da

⁷⁹ Em arménio, os pronomes pessoais são formas tónicas, o que é referido no subcapítulo 2.2. A designação ‘clítico ACU ou DAT’ será referente sempre ao português. Para o arménio, usaremos as designações ‘pronomes (pessoal) ACU’ e ‘pronomes (pessoal) DAT’.

forma verbal. No entanto, as condições que determinam a colocação pré- ou pós-verbal do clítico relativamente ao verbo variam de língua para língua.

Referimos, na secção 1.3.1, que a colocação dos pronomes clíticos do português é um assunto complexo amplamente discutido na literatura. São vários os estudos que descreveram e até propuseram abordagens diferentes da análise dos padrões distribucionais dos pronomes clíticos em português (*e.g.*, Barbosa, 1993; 1996; 2008; Duarte & Matos, 1995; 2000; Frota & Vigário, 1996/2001; Madeira, 1992; 1993; 2003; Martins, 1994; 2013; Raposo, 1995; Raposo & Uriagereka, 2005; Rouveret, 1999; 1992/2018; Uriagereka, 1995, só para citar alguns). Conforme Costa e Lobo (2013: 272), a colocação de clíticos do português é vista como dependente de: ‘‘i) propriedades do domínio funcional periférico (ver Madeira, 1992; Martins, 1994; Rouveret, 1999; 1992/2018; entre outros); ii) desencadeadores sintáticos específicos (ver Duarte & Matos, 2000); iii) uma combinação entre fatores sintáticos e prosódicos (ver Barbosa, 1993; 1996, 2008; Frota & Vigário, 1996/2001)’’.

Apesar das perspectivas diferentes, a grande maioria dos investigadores de língua portuguesa concorda que, nessa língua, a ordem básica da colocação dos pronomes clíticos é a ênclise. Com efeito, tendo em conta que, em português, a posição à esquerda do verbo ocupa o sujeito e a posição à direita do verbo é do objeto da frase, podemos afirmar que, da perspectiva da sintaxe regular da regência⁸⁰, a posição lógica dos pronomes átonos é enclítica, por esses corresponderem aos OD e OI de uma oração. Logo, nas orações declarativas simples, o pronome argumental sucede o verbo ((4)⁸¹).

(4) O André telefona-lhe sempre que possível. declarativa

A ordem básica é enclítica também nas interrogativas globais afirmativas (conhecidas também como interrogativas de *sim* ou *não*) ((5a)), nas imperativas simples ((5b)) e nas exclamativas simples ((5c)).

(5) a. A Maria encontrou-o na garagem? interrogativa
 b. Enviem-lhes o relatório hoje! imperativa
 c. Valha-me Deus! exclamativa

⁸⁰ Entende-se por sintaxe regular da regência uma situação em que nenhum dos complementos regidos pelo verbo é omitido.

⁸¹ Neste e noutros exemplos seguintes, os pronomes clíticos estão marcados a negrito e a relação verbo-clítico está visualmente destacado sendo sublinhado.

Em português, a posição do pronome pessoal é enclítica em afirmativas simples⁸², independentemente de o verbo estar ((5b) e (5c)) ou não ((4) e (5a)) na primeira posição.

Em todas estas situações, se invertermos a ordem verbo-clítico (V-Cl), obteremos uma sequência agramatical, como mostrado em ((6))⁸³.

- (6) a. *O André lhe telefona sempre que possível.
b. *A Maria o encontrou na garagem?
c. *Lhes enviem o relatório hoje!
d. *Me valha Deus!

No entanto, a ênclise não é o padrão em todas as orações de português, como mostram os exemplos de (7).

- (7) a. O André telefonar-lhe-á sempre que possível.
b. A Maria encontrá-lo-ia na garagem?
c. *Quem* lhe telefona sempre que possível?
d. A Maria *já* o encontrou na garagem?
e. *Não* lhes enviem o relatório hoje!
f. *Deus* me valha!

Em (7a) e (7b), os pronomes clíticos ocorrem numa posição mesoclítica, *i.e.*, encontram-se entre o radical e o afixo verbal. Alguns autores (*e.g.*, Martins, 2013; Raposo, 2013b: 905) consideram a mesóclise uma variante morfológica da ênclise. Da perspetiva da norma, nas orações principais, a mesóclise é o padrão obrigatório no futuro do presente ((7a)) e no futuro do pretérito, conhecido também como modo condicional ((7b)). A nossa investigação não abordará a colocação mesoclítica, não apenas por o seu uso ser restrito, mas também, como sustentado por Santos (2002), por ser cada vez menos utilizada por falantes.

Já nos exemplos de (7c)-(7f), estamos perante a posição proclítica de pronomes clíticos. Mateus *et al.* (2003) argumentam que, em PE, a próclise é induzida por fatores de natureza

⁸² Seguindo a abordagem de Martins (2013), usámos a designação ‘afirmativas’ para identificar todas as orações não negativas, sejam declarativas, interrogativas, imperativas ou exclamativas.

⁸³ Estas frases serão aceitáveis noutras variedades de língua portuguesa, nomeadamente em português do Brasil. A presente investigação dá conta apenas do PE.

sintático-semânticas e prosódicas⁸⁴, associada à presença de certos itens na frase, denominados proclisadores ou atacadores da próclise, que nos exemplos de (7) estão destacados a itálico. As autoras (*op. cit.*) discutem que a simples presença dos proclisadores numa oração não basta para que se desencadeie a próclise. Com efeito, os exemplos de (8) evidenciam que a presença dos mesmos itens que desencadeiam próclise nas orações de (7c)-(7f), numa posição pós-verbal, já não produzem o mesmo efeito.

- (8) a. *Lhe telefona *quem*?
b. *A Maria o encontrou na garagem *já*?
c. *Lhes enviem o relatório *não* hoje!
d. *Me valha *Deus*!

O simples posicionamento de um atacador de próclise típico (*e.g.*, *quem*, *não*, *já*) antes do verbo também não é uma condição suficiente para que o pronome clítico ocorra em próclise, como demonstram os exemplos de (9).

- (9) a. **Quem* tinha encontrado o meu livro me telefonou ontem.
b. *Eu *já* sabia que o Pedro estava presente, mas o vi apenas no final da apresentação.
c. **Não* tentar fazer muitas tarefas em simultâneo me ajuda estar mais concentrada.

Para que a próclise seja a opção válida, é necessário que o proclisador esteja na posição pré-verbal e c-comande o hospedeiro do clítico (cf. Mateus *et al.*, 2003), tal como exemplificado em (7c)-(7f).

No que toca aos contextos da próclise, os estudiosos da língua portuguesa (*e.g.*, Cunha & Cintra, 2017; Duarte & Matos, 2000; Martins, 1994; 2013; Mateus *et al.*, 2003) não apresentam divergências de opiniões. A próclise em português, é o padrão típico em contextos sintáticos específicos (cf. Duarte & Matos, 2000; Martins, 2013; entre outros): nas orações negativas, nas orações com sujeitos negativos pré-verbais, nas interrogativas e exclamativas *qu-*, em orações com constituintes focalizados, bem como em subordinadas finitas introduzidas por complementadores.

No nosso trabalho, contornando, neste ponto, a discussão sobre os fatores que desencadeiam a próclise em português, basear-nos-emos na lista dos proclisadores elaborada

⁸⁴ Quanto à natureza prosódica de fatores que desencadeiam próclise de pronomes clíticos em português, os autores sugerem o estudo de Frota e Vigário (1996/2001).

por Martins (2013) – apresentada na tabela 2.2 – por essa ser a mais completa, não procurando ser normativa, mas sim, visando abranger situações diferentes do uso de língua portuguesa⁸⁵.

Tabela 2.2. Contextos de próclise típicos em português

Título da secção (origem da próclise)	Exemplos dos casos estudados
Negação	Os cães <u>não a</u> assustam. <i>Nada a</i> assusta.
Quantificadores	<i>Poucos</i> cães <u>a</u> assustam. <i>Muitos</i> cães <u>a</u> assustam (vs. <i>Muitos</i> cães <u>assustam-na</u> .)
Advérbios focalizadores	<i>Só</i> aquele cão <u>te</u> morderia. <i>Até</i> o gato <u>me</u> mordeu.
Advérbios enfatizadores	<i>Bem</i> <u>te</u> disse que não o soltasses. <i>Lá</i> <u>me</u> <u>está</u> ele a rosnar.
Advérbios focalizados	<i>Sempre</i> <u>o</u> vejo zangado. <i>Ali</i> <u>se</u> construiu o mosteiro (vs. Ali, <u>constrói-se</u> de forma selvagem.) <i>Rapidamente</i> <u>se</u> afastou (vs. Rapidamente, <u>afastou-se</u> .)
Outros focos contrastivos antepostos (não adverbiais)	<i>Nas pernas</i> <u>se</u> <u>fiava</u> ele. <i>Um golpe traiçoeiro</i> <u>a</u> derrubou.
Declarativas enfáticas	<i>Um dia</i> <u>se</u> <u>saberá</u> toda a verdade. <i>Pois</i> <u>te</u> <u>garanto</u> que é assim.
Interrogativas e exclamativas <i>qu-</i>	<i>Quem</i> <u>te</u> contou? <i>Como</i> ele <u>me</u> irrita!
Imperativas com <i>que</i> ; optativas	<i>Que</i> <u>me</u> tragam o apito depressa. <i>Bons olhos</i> <u>te</u> vejam.
Interrogativas retóricas com <i>acaso</i>	<i>Acaso</i> <u>te</u> <u>julgas</u> a salvo?
Próclise e ênclise com a palavra <i>próprio</i>	Eu <i>próprio</i> <u>lhe</u> <u>dei</u> a notícia. Eu <i>próprio</i> <u>dei-lhe</u> a notícia.

(de Martins, 2013: 2242, adaptação nossa)

Conforme se vê, na tabela 2.2, na presença de alguns itens lexicais (e.g., palavra *próprio*; quantificador *muitos*), a próclise não é a única opção válida⁸⁶. Do ponto de vista do nosso trabalho, apresentam interesse apenas alguns quantificadores, que a par com a próclise, aceitam ainda a ênclise. A esses será dada uma maior atenção na subsecção 2.2.8.3.

⁸⁵ Não é a nossa intenção discutir os padrões de colocação dos pronomes clíticos nas variedades do português, pois teremos em conta apenas o português europeu. Contudo, se a nossa investigação visa analisar a importância do *input* na aquisição de PL2, consideramos ter em conta as diferentes situações de colocação de clíticos, bem como as mudanças na própria língua.

⁸⁶ Os itens, na presença dos quais a próclise e a ênclise são padrões igualmente aceitáveis, são pormenorizadamente discutidos por Martins (2013) (ver também Mateus *et al.*, 2003).

São contextos específicos também as orações infinitivas simples introduzidas por preposições, a maioria das quais admite tanto ênclise como próclise de pronomes clíticos ((10))⁸⁷.

- (10) a. Esqueci-me *de* te enviar a mensagem do Hugo.
 b. Esqueci-me *de* enviar-te a mensagem do Hugo.
 c. O André veio *para* ajudá-los.
 d. O André veio *para* os ajudar.

Estas embora não constituam o foco do nosso estudo, estão aqui a ser brevemente referidas, por os distratores do teste do estudo constituírem em orações infinitivas simples introduzidas por preposições.

2.1.3. A seleção casual dos pronomes clíticos em português

Como já mencionámos, em português, os pronomes tónicos *ele(s)*, *ela(s)* ocorrem na posição do sujeito ((11a)). A ocorrência destes pronomes retos, na posição de OD (*e.g.*, (11b)) e de OI, no caso do último, mesmo introduzido pela preposição *a* ou invertendo a ordem OD-OI ((11c)-(11d)), é inaceitável em português.

- (11) a. [**Ela** =A menina]_{SUJ} dedicou [a canção / o poema]_{OD} [à sua avó / ao seu avô]_{OI}.
 b. *A menina dedicou [**ela / ele**]_{OD} [à sua avó / ao seu avô]_{OI}.
 c. *A menina dedicou [a canção]_{OD} [(a) **ela/ele**]_{OI}.
 c. *A menina dedicou [(a) **ela/ele**]_{OI} [a canção]_{OD}.

Nas posições de OD e OI, podem aparecer somente os pronomes clíticos, sendo que o OD pode ser expresso apenas por clíticos ACU (*e.g.*, (12a)) e o OI apenas por clíticos DAT (*e.g.*, (12b)).

- (12) a. A menina dedicou-[**a**]_{OD=ACU} [ao seu avô]_{OI}.
 b. A menina dedicou-[**lhe**]_{OI=DAT} [o poema]_{OD}.

⁸⁷ Apenas as orações infinitivas simples introduzidas pelas preposições *a* e *com* associam-se sempre à ênclise (cf. Martins, 2013).

Na 3.^a pessoa gramatical, os pronomes clíticos portugueses combinam os traços de género e de número (ver (13)-(16)). Na morfologia dos clíticos ACU, os traços de género são explícitos (o(s) [+masculino] vs. a(s)) [+feminino], enquanto para os DAT, a mesma forma (lhe(s)) é utilizada para os antecedentes tanto com traços [+masculino], como com traços [+feminino]. Os ACU substituem um referente nominal⁸⁸ sem preposição que os preceda (*e.g.*, (13b) e (14b)), enquanto os DAT substituem os OI nominais, introduzidos pela preposição *a*⁸⁹ (*e.g.*, (15b) e (16b)).

- (13) a. A menina dedicou [**a canção/as canções**]_{ACU} [ao seu avô]_{OI}.
 b. A menina dedicou-**[a/as]**_{ACU} [ao seu avô]_{OI}.
- (14) a. A menina dedicou-**[o poema/os poemas]**_{ACU} [ao seu avô]_{OI}.
 b. A menina dedicou-**[o/os]**_{ACU} [ao seu avô]_{OI}.
- (15) a. A menina dedicou [a canção]_{ACU} [**à sua avó /ao seu avô**]_{OI}.
 b. A menina dedicou-**[lhe/lhe]**_{DAT} [a canção]_{OI}.
- (16) a. A menina dedicou [a canção]_{ACU} [**aos seus avós**]_{OI}.
 b. A menina dedicou-**[lhes]**_{DAT} [a canção]_{OI}.

Já o pronome *se* normalmente é correferente com o sujeito da frase⁹⁰ (17).

⁸⁸ Entre os clíticos argumentais encontra-se o clítico demonstrativo invariável *o* que substitui a um OD da natureza frásica (ib). O complemento frásico pode ser substituído ainda por uma forma tónica neutra do pronome demonstrativo *isso* numa posição pós-verbal, como se vê em (ic) (Mateus *et al.*, 2003: 288).

- (i) a. O João sabe [**que tem de entregar o trabalho amanhã**]_{OD}.
 b. O João sabe-**[o]**_{OD}.
 c. O João sabe [**isso**]_{OD}. (Mateus *et al.*, 2003: 288).

⁸⁹ Os OI nominais em português vêm obrigatoriamente introduzidos pela preposição *a*. No entanto, a afirmação contrária não é verdade, i.e., nem todos os constituintes introduzidos pela preposição *a* correspondem ao OI da frase. Como se sabe, os pronomes clíticos DAT substituem apenas um OI nominal, não sendo possível a sua ocorrência no lugar dos COBL introduzidos pela preposição *a* (*e.g.*, **O André assistiu-lhe (=à aula)*).

⁹⁰ O pronome *se* pode ser reflexo (iia.), recíproco (iib.) ou impessoal (iic.).

- (ii) a. A criança penteia-**se** sozinha.
 b. A Maria e o André conheceram-**se** na Holanda.
 c. Em Portugal sabe-**se** pouco sobre Arménia.

(17) [O André]_i viu-**[se]**_i no espelho.

A ocorrência dos clíticos ACU, na posição de OI é agramatical ((18a)), tal como é inaceitável o uso de clíticos DAT, na posição de OD ((18b)), embora isso seja um fenómeno observável na aquisição de PL1 (e.g., Duarte *et al.*, 1996) e de PL2 (e.g., Madeira *et al.*, 2006).

(18) a. *A menina perguntou-**[a]**_{OI} sobre o acontecido.

b. *A menina adora-**[lhe]**_{OD}.

A seleção do caso gramatical de pronome clítico em português deriva da regência de cada verbo e não depende dos traços de animacidade do antecedente nominal de pronomes. Assim, em (19), por o verbo *adorar* (sublinhado, nos exemplos) reger um OD, aceita apenas o uso do pronome ACU, quer com um antecedente [-animado] ((19a)), quer com um antecedente [+animado] ((19b)). De mesma forma, na posição do OI selecionado pelo verbo *dedicar*, podem por ele ser selecionados apenas os clíticos DAT, quer o seu antecedente apresente traço [-animado] ((20a)), quer apresente traço [+animado] ((20b)).

(19) a. O André comprou [as flores amarelas [-animado]_i porque **[as/*lhes]**_i adora.

b. A O André passa imenso tempo com [as filhas [+animado]_i, porque **[as/*lhes]**_i adora.

(20) a. O André adora [o seu trabalho [-animado]_i e por isso, **[lhe/*o]**_i a sua vida.

b. O André adora [o seu filho [+animado]_i e por isso, **[lhe/*o]**_i a sua vida.

Ao contrário dos pronomes clíticos da 3.^a pessoa gramatical, na 1.^a e na 2.^a pessoa, os pronomes clíticos ACU e DAT de português são isomorfos (*me, te, nos, vos*). Estes são coreferentes com os pronomes *eu, tu, nós, vós, vocês*, e podem substituí-los mesmo se esses não forem realizados ((21)).

(21) a. **[-(=eu)]**_i tentei passar despercebido, mas o André viu-**[me]**_i.

b. **[Nós]**_i não viemos ao evento porque ninguém **[nos]**_i avisou.

c. **[Vocês]**_i nem têm direito de falar, pois já **[vos]**_i tinha dito para não saírem da casa hoje.

d. É estranho **[-(=tu)]**_i não teres recebido nada, pois enviei-**[te]**_i umas quatro mensagens.

Para distinguir a função sintática e o caso gramatical associado aos pronomes clíticos isomorfos da 1.^a e da 2.^a pessoa gramatical, é necessário ter em conta a regência do verbo. Em (21a) e (21b), os pronomes *me* e *nos* têm marcação casual de ACU, pois são complementos dos verbos *ver* e *avisar* que em português selecionam OD, enquanto em (21c) e (21d), os pronomes *vos* e *tu* têm marcação casual de DAT, sendo complementos dos verbos respetivamente *dizer* e *enviar* que selecionam OI, introduzido pela preposição *a*.

Apesar de o uso correto dos pronomes clíticos depender do conhecimento da seleção argumental dos verbos portugueses, por as formas clíticas da 1.^a e 2.^a pessoa gramatical serem isomorfas, não esperamos que o uso destes, no que toca à sua seleção, gere dificuldades para os falantes não nativos de português. Como tal, e conforme discutido no capítulo anterior (§1.3.2), até é expectável que os falantes de PL2 os usem mais vezes nas suas produções espontâneas. Já por forma a seleccionar um pronome clítico adequado de 3.^a pessoa na posição do OD e OI, é necessário que um falante não nativo esteja familiarizado com a estrutura argumental dos verbos em português. Caso contrário, deverão ser observados efeitos de transferência dos traços aderentes aos itens lexicais da sua L1.

No subcapítulo seguinte, veremos situações em que, ao analisar a aquisição dos padrões de seleção casual e de distribuição sintática de pronomes clíticos em PL2, se espera que haja efeitos de transferência das propriedades morfossintáticas de arménio, partindo das diferenças estruturais que as línguas portuguesa e arménia apresentam.

2.2. Algumas questões sintáticas do arménio

Ao contrário do português, em arménio⁹¹, a colocação e a seleção dos pronomes complemento não são assuntos discutidos na literatura, talvez por esses serem formas tónicas e não dependerem de nenhum hospedeiro e também provavelmente por a ordem sintática de arménio ser relativamente mais flexível, devido à marcação casual presente nas formas de cada constituinte da oração. Alguns autores (*e.g.*, Acharyan, 2005; Dum-Tragut, 2009; Papoyan & Badikyan, 2003) limitam-se a indicar que, nas frases com foco neutro, o complemento verbal (inclusive pronominal) normalmente segue o verbo, mas ao mesmo tempo referem várias vezes que a ordem sintática do arménio é livre. Existem alguns dados quantitativos que indicam que

⁹¹ O arménio é uma língua da família indo-europeia, apresentando um ramo independente. Tem uma história de cerca de quatro, cinco mil anos (*e.g.*, Avetisyan & Zakaryan, 2012; Sevak, 2009). Possui alfabeto próprio desde o século V.

o complemento pronominal do verbo ocorrer mais vezes na posição pós-verbal (*e.g.*, Papoyan & Badikyan, 2003). Por sua vez, a seleção dos pronomes pessoais do arménio também não parece levantar questões para os investigadores, havendo apenas indicação, nas gramáticas e nos manuais de língua (*e.g.*, Acharyan, 2005; Jahukyan, 1974; Sevak, 2009) de que as formas ACU e DAT dos pronomes pessoais dessa língua são isomorfas, mas sensíveis aos traços [$\pm$ animados] e [$\pm$ humanos] dos seus antecedentes.

Este subcapítulo é dedicado à apresentação dos padrões de seleção casual e de distribuição sintática de arménio e a algumas questões morfossintáticas relevantes para o nosso estudo. Por o arménio ser uma língua de casos gramaticais que se expressam na morfologia dos constituintes (inclusive pronomes), começaremos por uma apresentação geral da sintaxe de arménio (§2.2.1) e dos casos gramaticais desta língua (§2.2.2). De seguida, apresentaremos a relevância dos traços [$\pm$ animados] e [$\pm$ humanos], na seleção dos pronomes complemento (§2.2.3 e §2.2.4), dando atenção aos pronomes pessoais e demonstrativos e comparando-os com os pronomes clíticos de português. Os fatores linguísticos discutidos, bem como as restrições semânticas de alguns verbos em arménio (§2.2.5 e §2.2.6) que condicionam a seleção dos pronomes complemento nessa língua, por vezes diferentes de português, ajudar-nos-ão a levantar algumas questões relevantes para a presente investigação, no que toca à seleção dos pronomes clíticos em PL2, embora ainda de uma forma preliminar (§2.2.7). Já a discussão de algumas questões linguísticas de arménio relevantes para o nosso estudo, nomeadamente as que condicionam a distribuição sintática do Vaux em arménio, que são clíticos (§2.2.8) e dos padrões de distribuição sintática dos pronomes complemento (§2.2.9), levar-nos-ão às perguntas de investigação, também traçadas ainda de uma forma inicial, apresentadas da perspetiva de aquisição de colocação de pronomes clíticos em PL2 (§2.2.10).

2.2.1. A sintaxe básica do arménio e a relevância de marcação casual de constituintes frásicos

O arménio é uma língua de casos gramaticais que marcam as funções sintáticas dos constituintes de uma frase. Se a existência de preposições em OI e em muitos COBL (ou MOD) do português nos permite descodificar a sua função sintática, no caso do sujeito e do OD, como notado por Eliseu (2008), é a posição do elemento na estrutura em que está inserido que nos ajuda a perceber a sua função sintática (compare (22a) com (22b)).

- (22) a. [A Maria]_S ama [o André]_{OD}.
 b. [O André]_S ama [a Maria]_{OD}.

Tanto em (22a), como em (22b), os constituintes *a Maria* e *o André* têm a mesma forma morfológica. Autores como Campos e Xavier (1991) referem que em português a direcionalidade da regência é à direita, i.e., o complemento do verbo sucede-o. Portanto, em português, por a ordem simples ser S(sujeito)V(erbo)O(bjeto) nas frases declarativas, compreendemos que em (22a), é a Maria (S) a experienciar sentimentos em relação ao André (OD), enquanto em (22b), é o André (S) quem experiencia sentimentos em relação à Maria (OD).

É verdade que existem situações em que a língua arménia apresenta características parecidas com o português.

Ao contrário do português, em arménio, os constituintes frásicos do mesmo género que os referidos em (22) têm marcação casual que é expressa na forma morfológica de cada palavra, i.e., as palavras têm terminações diferentes para indicar as diversas funções sintáticas que desempenham numa frase.

Assim, em (23a), o artigo definido *û - n* à direita do constituinte *a Maria* e em (23b), à direita do constituinte *o André* indica que esses são os sujeitos das frases. Já a terminação *hû - in*, em ambas as frases é a terminação que se acrescenta ao OD [+humano].

- (23) a. Մարիա**û** սիրում է Անդրե**hû**: SVO
 [Marian^{NOM}]_{SUJ} *sirum* *ē* [Andreⁱⁿ ACU]_{OD}
 [Maria+**a** ^{NOM}]_{SUJ} ama PCP AUX_{3.ªp} [André+**ao** ACU]_{OD}
 ‘A Maria ama o André.’
- b. Անդրե**û** սիրում է Մարիայ**hû**: SVO
 [Andre^{NOM}]_{SUJ} *sirum* *ē* [Mariayⁱⁿ92 ACU]_{OD}
 [André+**o** ^{NOM}]_{SUJ} ama PCP AUX_{3.ªp} [Maria+**à**93 ACU]_{OD}
 ‘O André ama a Maria.’

⁹² Em arménio, quando a palavra termina com as vogais *ui /a/* ou *n /o/* e *lhe* é acrescentado algum morfema à sua direita que também começa com uma vogal, acrescenta-se a semivogal *j /y/* entre a palavra e a terminação.

⁹³ O uso das formas contraídas da preposição *a* e dos artigos definidos *o, a* é deliberada, pois como veremos na secção 2.2.3, os OD com traço [+humano] assumem a forma do DAT.

Desta forma, mesmo que trocássemos a ordem SVO para a SOV ((24a)) ou para a OVS ((24b)), graças às marcações casuais, é possível interpretar as funções sintáticas da frase⁹⁴.

- (24) a. Անդրէն Մարիային սիրում է: SOV
 [Andren NOM]SUJ [Mariayin ACU]OD sirum ē
 [André+o NOM]SUJ [Maria+à ACU]OD amaPCP AUX_{3.ªp}
 ‘O André ama a Maria.’
- b. Մարիային սիրում է Անդրէն: OVS
 [Mariayin ACU]OD sirum ē [Andren NOM]SUJ
 [Maria+à ACU]OD amaPCP AUX_{3.ªp} [André+o NOM]SUJ
 ‘É o André que ama a Maria.’

De facto, existem situações em que a marcação casual, por ser idêntica para o sujeito e o OD, não se revela suficiente para a definição da função sintática de constituintes. Por exemplo, em estruturas onde o OD [-animado] é marcado pelo caso ACU, é a posição sintática que, tal como em português, determina as funções sintáticas de constituintes ((25)).

- (25) Նպատակն արդարացնում է միջոցները:
 Npatakñ ardarats ‘num ē mijots ‘nerě
 [Objetivo+o NOM]SUJ justifica PCP AUX_{3.ªp} [meios+os ACU]OD
 ‘Os fins justificam os meios.’

Mesmo assim, em arménio, o critério principal de determinação da função sintática é a distribuição morfológica, marcada com morfemas (neste caso, sufixos) flexionais, correspondentes a cada caso gramatical de língua.

⁹⁴ Em arménio, como veremos adiante, são mais recorrentes as ordens SVO e SOV. No entanto, a inversão da ordem SVO ou SOV por qualquer uma outra (OVS, OSV, VSO, etc.), apesar de causar interpretações estilísticas diferentes em alguns casos, não influencia a interpretação das funções sintáticas dos constituintes da frase.

2.2.2. Os casos gramaticais do arménio

Os casos gramaticais de arménio são sete, que aqui exemplificamos acompanhados com frases equivalentes em português. Nos exemplos dados, a negrito, está marcado o constituinte em questão e o destaque a vermelho é utilizado para a terminação de cada marcação casual.

- (i) **Մարիա**ն **առել է այս գիրքը:** **nominativo (NOM)**
Marian ^{NOM} *ařel* *ē* *ays* *girk* ‘*ē*’ ^{ACU}
Maria+**a** ^{NOM} **comprou** ^{PCP} **AUX**_{3,p} **este** **livro**+**a** ^{ACU}
 ‘A Maria comprou este livro.’

- (ii) **Սա Մարիայի** գիրքն է: **genitivo (GEN)**
Sa *Mariay* ^{GEN} *girk* ‘*n*’ ^{ACU} *ē*
Isto **Maria** ^{GEN} **livro**+**o** ^{ACU} **AUX**_{3,p}
 ‘Isto é o livro da Maria.’

- (iii) **Ես մի գիրք տվեցի Մարիային:** **dativo (DAT)**
Yes ^{NOM} *mi girk* ‘*’* ^{ACU} *tvets* ‘*i*’ *Mariay* ^{DAT} *in* ^{DAT}
Eu ^{NOM} **um** **livro** ^{ACU} **dei** **Maria**+**à** ^{DAT}
 ‘Eu dei um livro à Maria.’

- (iv) a. **Նա տեսել է Մարիային:** [+humano] **acusativo (ACU)**
Na ^{NOM} *tesel* *ē* *Mariay* ^{ACU} *in* ^{ACU}
Ele ^{NOM} **viu** ^{PCP} **AUX**_{3,p} **Maria**+**à** ^{ACU}
 ‘Ele viu a Maria.’
- b. **Նա տեսել է այս գիրքը:** [-humano] **acusativo (ACU)**
Na ^{NOM} *tesel* *ē* *ays* *girk* ‘*ē*’ ^{ACU}
Ele ^{NOM} **viu** ^{PCP} **AUX**_{3,p} **este** **livro**+**a** ^{ACU}
 ‘Ele viu este livro.’

- (v) **Մարիան գալիս է քաղաքից:** **ablativo (ABL)**
Marian ^{NOM} *galis* *ē* *k’aghak* ‘*its*’ ^{ABL}
Maria+**a** ^{NOM} **vem** ^{PCP} **AUX**_{3,p} **cidade** ^{ABL}
 ‘A Maria vem da cidade.’

- (vi) Մարիան խմորը խառնում է **զդարով**: instrumental (INST)
Marian _{NOM} *khmore* _{ACU} *xaɾnum* *ē* *gdalov* _{INST}
 Maria+a _{NOM} massa+a _{ACU} mexe _{PCP} AUX_{3,p} colher _{INST}
 ‘A Maria mexe a massa com colher.’
- (vii) Մարիան գրիչը թողել է **գրպանում**: locativo (LOC)
Marian _{NOM} *grich* _{ACU} *t’oghel* *ē* *grpanum* _{LOC}
 Maria+a _{NOM} cantea+a _{ACU} deixou _{PCP} AUX_{3,p} bolso _{LOC}
 ‘A Maria deixou a caneta no bolso.’

No que toca à flexão, consoante os casos gramaticais, as palavras do arménio dividem-se em nove grupos diferentes. A maior parte das palavras (como por exemplo as destacadas nos exemplos anteriores) pertence ao grupo *h – i*, ou seja, no caso GEN, à direita da palavra acrescenta-se a terminação *h – i*. Os outros casos gramaticais normalmente formam-se a partir do caso GEN. Por exemplo, a palavra *սեղան* – *seghan* – ‘mesa’, no caso GEN, recebe a forma *սեղանի* – *seghani* – ‘**da** mesa’; no caso ACU, *սեղան(ը)* – *seghan(ě)* – ‘(**a**) mesa’; no caso DAT, *սեղանին* – *seghanin* – ‘**na/à** mesa’; no caso ABL, *սեղանից* – *seghanits* – ‘**da** mesa’, no caso INST, *սեղանով* – *seghanov* – ‘**com a** mesa’; no caso LOC, *սեղանի մեջ* – *seghani mej* – ‘**dentro da** mesa’. Além do grupo *h – i*, existem oito outros grupos de declinação: *nl – u*; *wn – an*; *jan – yan*; *n – o*; *nɔ – oj*; *va – va*; *g – ts*. Nestes grupos, a diferença de declinação ocorre sempre no caso GEN, a partir do qual, maioritariamente, se formam as outras formas flexionadas, acrescentando a terminação casual correspondente à direita de cada palavra. A tabela 2.3 apresenta um exemplo de cada grupo de declinações diferentes conforme os casos gramaticais do arménio.

Tabela 2.3. Os nove grupos de flexão diferentes do arménio

	NOM	GEN	ACU	DAT	ABL	INST	LOC
ի – i	սեղան(ը) <i>seghan</i> (<i>ě</i> ⁹⁵)	սեղանի <i>seghani</i>	սեղան(ը) <i>seghan</i> (<i>ě</i>)	սեղանին <i>seghanin</i>	սեղանից <i>seghanits</i> ‘	սեղանով <i>seghanov</i>	սեղանի մեջ <i>seghani mej</i>
ու – u	այգի(ն) <i>aygi</i> (<i>n</i>)	այգու <i>aygu</i>	այգի(ն) <i>aygi</i> (<i>n</i>)	այգուն <i>aygun</i>	այգուց <i>ayguts</i> ‘	այգով <i>aygov</i>	այգում <i>aygum</i>
ան – an	մանուկ(ը) <i>manuk</i> (<i>ě</i>)	մանկան <i>mankan</i>	մանուկ(ը) <i>manuk</i> (<i>ě</i>)	մանկան(ը) <i>mankan</i> (<i>ě</i>)	մանկանից <i>mankanits</i> ‘	մանկանով <i>mankanov</i>	մանկան մեջ <i>mankan mej</i>
յան – jan	արյուն(ը) <i>aryun</i> (<i>ě</i>)	արյան <i>aryan</i>	արյուն(ը) <i>aryun</i> (<i>ě</i>)	արյան(ը) <i>aryan</i> (<i>ě</i>)	արյունից <i>aryunits</i> ‘	արյունով <i>aryunov</i>	արյան մեջ <i>aryan mej</i>
ո – o	հայր(ը) <i>hayr</i> (<i>ě</i>)	հոր <i>hor</i>	հայր(ը) <i>hayr</i> (<i>ě</i>)	հոր(ը) <i>hor</i> (<i>ě</i>)	հորից <i>horits</i> ‘	հորով <i>horov</i>	հոր մեջ <i>hor mej</i>
ոջ – odz	կին(ը) <i>kin</i> (<i>ě</i>)	կնոջ <i>knoj</i>	կին(ը) <i>kin</i> (<i>ě</i>)	կնոջ(ը) <i>knoj</i> (<i>ě</i>)	կնոջից <i>knojits</i> ‘	կնոջով <i>knojov</i>	կնոջ մեջ <i>Knoj mej</i>
վա – va	երեկ(ը) <i>yerek</i> (<i>ě</i>)	երեկվա <i>yerekva</i>	երեկ(ը) <i>yerek</i> (<i>ě</i>)	երեկվա(ն) <i>yerekva</i> (<i>n</i>)	երեկվանից <i>yerekvanits</i>	երեկվանով <i>yerekvanov</i>	երեկվա մեջ <i>yerekva mej/</i>
g – ts	մերոնք <i>meronk</i> ‘	մերոնց <i>meronts</i> ‘	մերոնք <i>meronk</i> ‘	մերոնց <i>meronts</i> ‘	մերոնցից <i>meronts</i> ‘ <i>its</i> ‘	մերոնցով <i>meronts</i> ‘ <i>ov</i>	մերոնց մեջ <i>meronts</i> ‘ <i>mej</i>
mist o	դուստր(ը) <i>dustr</i> (<i>ě</i>) սեր(ը) <i>ser</i> (<i>ě</i>) etc.	դստեր <i>dster</i> սիրո <i>siro</i> etc.	դուստր(ը) <i>dustr</i> (<i>ě</i>) սեր(ը) <i>ser</i> (<i>ě</i>) etc.	դստերը <i>dster</i> (<i>ě</i>) սիրուն <i>sirun</i> etc.	դստերից <i>dsterits</i> ‘ սիրուց <i>siruts</i> ‘ etc.	դստերով <i>dsterov</i> սիրով <i>sirov</i> etc.	դստեր մեջ <i>dster mej</i> սիրո մեջ <i>siro mej</i> etc.

Com a intenção de facilitar a compreensão e a comparação dos exemplos dados em arménio, ao longo do presente estudo, usaremos sempre palavras que pertencem ao grupo-padrão de flexão, i.e., ao grupo ի – i.

Notamos que, na tabela acima, para todos os grupos, o caso NOM e o caso ACU têm a mesma forma morfológica. O mesmo pode ser dito sobre os casos GEN e DAT, que se diferenciam apenas pela presença do artigo definido *ն* – *n* ou *ը* – *ě* em DAT. Em vista disso, do ponto de vista morfológico, em arménio moderno, distinguem-se cinco casos gramaticais, enquanto da perspectiva da função sintática que desempenham numa frase, esses são sete. Em 1908, na sua obra ‘Os casos do *Ashkharabar*⁹⁶’, o linguista Manuk Abeghyan descreveu os casos do arménio do ponto de vista meramente morfológico, cujo resultado foi a eliminação dos casos GEN e ACU da gramática do arménio, i.e.:

⁹⁵ Os artigos *ն* – *n* e *ը* – *ě* desta tabela são os artigos definidos do arménio e podem ser pessoais e impessoais. Na nota 101 da secção seguinte, demos uma informação mais detalhada sobre os artigos definidos do arménio.

⁹⁶ Dá-se esse nome ao Arménio Moderno.

- i) a neutralização do caso GEN, que passou a ser igual ao DAT;
- ii) a neutralização do caso ACU, que passou a ser igual ou ao caso NOM, quando a entidade tem traços [-animado] ou ao caso DAT, quando a entidade tem traços [+animado];
- iii) a consideração das formas morfológicas dos pronomes pessoais em GEN – diferentes do DAT – como formas não casuais, mas idênticas aos pronomes possessivos.

Esta abordagem meramente morfológica da descrição dos casos gramaticais foi seguida desde então na elaboração dos manuais escolares, dada a sua simplicidade. Porém, como nota Sevak (2009: 246-247), a tentativa de simplificação dos casos de arménio criou uma confusão, pois, por um lado, foram ignorados os conteúdos semânticos e as funções dos casos e, por outro, surgiram contradições entre a morfologia e a sintaxe face a:

- A) palavras com a mesma função sintática, mas com formas morfológicas diferentes que se consideravam de casos diferentes;
- B) palavras com funções diferentes, mas morfológicamente idênticos que se consideravam de casos iguais.

Para exemplificarmos:

- (A) Olhando para as orações em (26), vimos que a mesma palavra *ալոր* – *ak'lor* – ‘galo’ em ambas as sequências ((26a) e (26b)) desempenha a mesma função sintática – a do OD. No entanto, as suas formas morfológicas (i.e., marcações casuais) são diferentes.

- (26) a.

<i>Արամը</i>	<i>տեսել</i>	<i>է</i>	<i>մեր</i>	<i>ալորը</i> :
<i>Aramě</i>	<i>tesel</i>	<i>ē</i>	<i>mer</i> GEN	<i>ak'lorě</i> ACU
Aram+O NOM	viu PCP	AUX _{3.a}	nosso/a GEN	galo+O ACU

‘O Aram viu o nosso galo.’
- b.

<i>Արամը</i>	<i>տեսել</i>	<i>է</i>	<i>մեր</i>	<i>ալորիմ</i> :
<i>Aramě</i>	<i>tesel</i>	<i>ē</i>	<i>mer</i> GEN	<i>ak'lorim</i> ACU
Aram+O NOM	viu PCP	AUX _{3.a}	nosso/a GEN	galo+ao ACU

‘O Aram viu o nosso galo.’

Do ponto de vista da ‘Gramática morfológica’⁹⁷, trata-se de dois casos gramaticais diferentes, pois as formas morfológicas do nome *արոր* – *ak’lor* – ‘galo’ são diferentes: à palavra, em (26a), atribui-se o caso NOM e em (26b), o caso DAT.

(B) Já em ambas as orações de (27), ocorre a mesma forma morfológica do nome *երեխա* – *yerekha* – ‘criança’, sendo as suas funções sintáticas diferentes: em (27a), essa corresponde ao OD da frase e em (27b), ao OI. Mas da perspectiva da ‘Gramática morfológica’, tanto em (27a), como em (27b), à palavra *criança* atribui-se o caso DAT, visto em ambas as frases apresentadas esta ter a mesma morfologia⁹⁸.

- (27) a. *Նա* *կանչեց* *երեխային*:
 na _{NOM} *kanch’ets’* *yerekhayin* _{ACU}
 ele/a _{NOM} *chamou* *criança+à* _{ACU}
 ‘Ele chamou a criança.’
- b. *Նա* *գիրքը* *տվեց երեխային*:
 na _{NOM} *girk’ě* _{ACU} *tvets’ yerekhayin* _{DAT}
 ele/a _{NOM} *livro+o* _{ACU} *deu* *criança+à* _{DAT}
 ‘Ele deu o livro à criança.’

A possibilidade da forma morfológica dupla do OD *o nosso galo*, em (26), bem como a mesma forma morfológica do constituinte *a criança*, com funções sintáticas diferentes em (27), prendem-se com o fator animacidade em arménio.

2.2.3. A definitude e a animacidade em arménio

Quando falamos das declinações casuais em arménio e das funções sintáticas que as palavras desempenham numa oração, é necessário ter em conta dois traços substanciais: (i) os traços de definitude e (ii) os traços de animacidade⁹⁹.

⁹⁷ Esta designação sugerimos nós para referir à Հոլովական տեսություն – *Holovakan tesut’yun* – ‘Teoria de casos’, descrita por linguista Manuk Abeghyan no seu artigo ‘Աշխարհաբարի հոլովները’ – *Ashkharabari holovnerē* – ‘Os casos de Ashkharabar’, publicado em 1908.

⁹⁸ Sevak (2009: 247) argumenta que, embora os formalistas (apologistas da *Gramática morfológica*) aceitem este significado, para eles, este último é informação ou conteúdo condicional dentro da forma.

⁹⁹ Em arménio: (i) որոշիչ և անորոշ առում – *voroshich’ yev anorosh arum*, (ii) իրի և անձի առում – *iri yev andzi arum*.

- i) A definitude pressupõe a existência de algo ou alguém que ambos os interlocutores identificam no contexto (Baldé, 2011).

Segundo autores como Lyons (1999) e Ionin (2003), os traços de definitude são definidos morfologicamente ou discursiva-pragmaticamente.

Em arménio, tal como em português, o sistema de determinação é explícito gramaticalmente e manifesta-se através dos determinantes – artigos definidos ($\text{ը} - \check{e}$ ou $\text{ն} - n$ ‘o(s)/a(s)’), ambos utilizados com entidades quer plurais que singulares¹⁰⁰) ou de indefinido ($\text{մի} - mi$ – ‘um/uma’¹⁰¹) – cuja função consiste na codificação de traços de definitude. Os artigos definidos em arménio ocorrem tipicamente com os casos NOM, ACU e DAT em contextos [+definido]¹⁰², como exemplificado em (28).

¹⁰⁰ Como referido na nota seguinte, os artigos definidos do arménio podem ser também pessoais. No que toca à descodificação de traços de definitude, todos os artigos funcionam da mesma forma.

¹⁰¹ Em arménio, não existe artigo indefinido para entidades plurais. $\text{մի գիրք} - mi girq$ – ‘um livro’, $\emptyset \text{ գրքեր} - \emptyset grqer$ – ‘Ø livros’.

Os artigos definidos do arménio podem ser pessoais e impessoais. Existem também artigos definidos $u - s$ e $\eta - d$, com valor de possessivo, usam-se respetivamente para a 1.^a e 2.^a pessoa (e.g., $\text{գիրքս} girqs$ – ‘o meu livro’; գիրքդ girqd – ‘o teu livro’). Os artigos $\text{ն} - n$ e $\text{ը} - \check{e}$ podem ser usados para qualquer pessoa. Quando a palavra termina numa vogal, o artigo definido é o $\text{ն} - n$ (e.g., Մարիան Marian – ‘a Maria’), já no caso de a palavra terminar por uma consoante, o artigo definido é o $\text{ը} - \check{e}$ (e.g., Ջակլինը Jhaclinē – ‘a Jaqueline’). É ainda recomendável usar o artigo $\text{ն} - n$, se a palavra a seguir começar com uma vogal (e.g., Ջակլինն ու Marian – ‘a Jaqueline e a Maria’).

¹⁰² São exceções as palavras que pertencem aos grupos de declinação casual $\text{ւն} - an$ e $g - ts$, que no caso DAT não recebem artigo definido. Essa particularidade é um vestígio do arménio clássico na língua contemporânea. Os casos GEN (ia), ABL (ib), INST (ic) e LOC (id) não podem receber artigo definido a menos que executem a função do sujeito da oração.

- (i) a. $\text{Իմ տունը մեծ է, իսկ Արամին՝ փոքր:}$
Im tunē mets ē, isk Araminē p'oqr
 Minha GEN casa+a NOM grande AUX_{3,p}, mas Aram+do GEN pequeno/a
 ‘A minha casa é grande, mas a do Aram é pequena.’
- b. $\text{Իտալիայից բերած գինին համով էր, բայց Ֆրանսիայից՝ չէ:}$
Italiayic berats ginin hamov ēr, bayts Fransiayicē ch'ē
 Itália ABL trazido vinho NOM saboroso AUX_{3,p}, mas França+o ABL não
 ‘O vinho que trouxemos da Itália era gostoso, mas o da França não.’
- c. $\text{Խնձորով տոթը տաք է, բայց տանձով՝ արդեն սառել է:}$
Khndzorov tort'ē tak' ē, bajts tandzovē arden sarel ē.
 Maça INST bolo NOM quente AUX_{3,p}, mas pera+a INST já arrefeceu PCP AUX_{3,p}
 ‘A tarte de maçã está quente, mas a de pera já arrefeceu.’
- d. $\text{Այս դանակը սուր չէ, բայց դարակի մեջին՝ լավ է կտրում:}$
Ays danakē sur tchē, bajts daraki mejinē lav ē ktrum
 Este faca NOM afiado não+ AUX_{3,p}, mas (gavetaGEN dentro+a)LOC bem AUX_{3,p} corta PCP
 ‘Esta faca não está afiada, mas a da gaveta corta bem.’

- (28) a. Արամը և մի տղա գնեցին քո գիրքը և մի գրիչ:
Aram^ǎ *yev mi tgha gnets'in k'o girk'ǎ* *yev mi grich'* _{ACU}
 Aram+**o** _{NOM} e um rapaz _{NOM} compraram teu _{GEN} livro+**o** _{ACU} e **uma** caneta _{ACU}
 'O Aram e um rapaz compraram o teu livro e uma caneta.'
- b. Արամը հաց է տվել այս աղջնակին և մի տղայի:
Aram^ǎ _{NOM} *hats' ē tvel ays aghjnakin* _{DAT} *yev mi txayi* _{DAT}
 Aram+**o** _{NOM} pão AUX_{3.p} deu_{PCP} esta menina+**a** _{DAT} e **um** menino_{DAT}
 'O Aram deu pão a esta menina e a um menino.'

A definitude, apesar de ser um aspeto importante na morfologia de arménio, não é relevante da perspetiva da presente investigação, pois não se encontra nenhuma referência na literatura de que a mesma interfere na retoma anafórica dos complementos nominais pelos pronomes pessoais¹⁰³. Da mesma forma, em português, a definitude (nem a especificidade) não interfere na substituição de um SN por um pronome pessoal, como se vê em (29).

- (29) a. A Maria viu **o Sr. presidente da Câmara/-o** na rua. [+específico, +definido]
 b. A Maria ontem viu **um colega meu que tu não conheces/-o**. [+específico, -definido]
 c. A Maria viu **o seu vizinho que eu não conheço/-o**. [-específico, +definido]
 d. A Maria viu **um homem muito bonito/-o** na rua. [-específico, -definido]

Por essa razão, a definitude não será um traço a ser considerado no nosso estudo.

- ii) A animacidade é um traço intrínseco semântico que atribui valores [+animado] ou [-animado] aos itens lexicais.

Yamamoto (1999) resume a dimensão de animacidade a uma distinção cognitiva entre entidades [+animadas] e [-animadas]. O valor [+animado] é normalmente atribuído a seres humanos ou animais superiores (como *cão*, *cavalo*, *gato*), capazes de manifestar emoções e

¹⁰³ Apesar de não termos encontrado nenhuma referência de que o traço de definitude seja relevante para ser retomado por um pronome pessoal, julgamos existirem contextos que a ocorrência de um pronome pessoal no lugar de um referente nominal [-definido] gere marginalidade. Essa questão é tida em consideração, no final da secção 2.2.7, onde são discutidas algumas condições para o teste do estudo experimental.

compreensão ou vida interior cognitiva, enquanto o valor [-animado] é referente aos animais não superiores (como *sapo, minhoca, formiga*) e entidades não animadas, sejam concretas ou abstratas (como *pedra, casa, felicidade*) (Raposo, 2013a: 383). Numa escala de hierarquização, Comrie (1989, p. 185) coloca a dimensão de humanidade ([±humano]) em lugar superior à animacidade que, tal como o nome indica, é um traço semântico associado a seres humanos. Na hierarquia superior, encontram-se os pronomes pessoais da 1.^a e da 2.^a pessoas gramaticais que, ao contrário dos pronomes da 3.^a pessoa, têm o traço de [+humano] intrinsecamente presente.

Em arménio, o traço de animacidade é crucial para a marcação do caso ACU, em que uma entidade com traços [+animado] recebe a forma de DAT e uma entidade com traços [-animado], a do NOM. Por forma a evitar possíveis confusões, doravante usaremos a etiqueta ‘ACU de pessoa’ para os SN [+animado] e ‘ACU de objeto’ para os SN [-animado], na posição do OD¹⁰⁴, referindo-se ao ‘DAT’ quando se trata do OI da frase.

Assim, no ACU de pessoa ([+animado]), as entidades [+definidas] recebem a terminação *hñ* – *in*, enquanto ao caso ACU de objeto ([–animado]) se acrescenta o artigo definido *p* – *ě* (ou *h* – *n*) ((30)).

- (30) Արամը տեսաւ իր **հարևանին** ու նրա նոր **գիրքը**:
*Aramě tesav ir harevanin*_{[+animado] ACU de pessoa} *u nra nor girk*_{‘ě}_{[–animado] ACU de objeto}
 Aram_{NOM} viu seu **vizinho**_{+o}_{[–animado] ACU de pessoa} e dele_{GEN} novo **livro**_{+o}_{[–animado] ACU de objeto}
 ‘O Aram viu o seu vizinho e o novo livro dele.’

Quando a entidade tem traço [–definido], o SN recebe a terminação *h* – *i* em ACU de pessoa (31a), sendo a terminação do ACU de objeto nula – Ø ((31b)). Se o SN estiver em singular, pode vir introduzido pelo artigo indefinido *մի* – *mi* – ‘um/uma’.

- (31) a. Արամը տեսաւ է **մի** **հարևանի**:
*Aramě*_{NOM} *tesel* *ē* *mi* *harevani*_{[+animado] ACU de pessoa}
 Aram_{+o}_{NOM} viu_{PCP} AUX_{3.p} **um** **vizinho**_{[+animado] ACU de pessoa}
 ‘O Aram viu um vizinho.’

¹⁰⁴ Além do OD e OI, em arménio, constituintes com outras funções sintáticas podem receber marcação casual de ACU e de DAT. Por o foco do nosso trabalho incidir sobre os pronomes clíticos do português com a função sintática de OD e OI, serão apenas essas funções a serem referidas aqui.

b.	Արամը	խանութում	տեսել է	մի	գիրք Ø:
	<i>Aramē</i> NOM	<i>khanut‘um</i>	<i>tesel ē</i>	mi	girk‘Ø [-animado] ACU de objeto
	Aram+o NOM	loja LOC	viu PCP AUX _{3.p}	um	livro Ø[-animado] ACU de objeto
	‘O Aram viu um livro na loja.’				

É uma particularidade do arménio a personificação de um objeto [-animado]. Em alguns contextos, o locutor pode atribuir valor de [+animado] a um objeto [-animado], pois, como argumentado por Sevak (2009), esse valor pode demonstrar a atitude do falante em relação ao objeto, independentemente do traço [±animado] intrinsecamente presente no OD (*e.g.* (32)).

- (32) a. Սոխակը գտավ իր **վարդին**
Sokhakē NOM *gtav* *ir* GEN **vardin**[-animado] ACU de pessoa
 Rouxinol+o NOM encontrou seu/sua GEN **rosa**[-animado] ACU de pessoa
 ‘O rouxinol encontrou a sua rosa.’
- b. Այս ամսվա **մեկին** դիմավորեցինք մեծ շուքով:
Ays amsva GEN **mekin**[-animado] ACU de pessoa *dimavorets‘ink‘ mets shuk‘ov.*
 Este mês GEN **um**[-animado] ACU de pessoa encontrámos grande luxo INST
 ‘Começámos o início deste mês com grande luxo.’

Sevak (2009: 263) refere ainda que o contrário – a atribuição do valor [-animado] a um objeto [+animado] –, exemplificado em (33), é menos frequente e acontece normalmente com o verbo *ter*.

- (33) Ամեն մարդ նւնի յուր **ծնողը**:
Amen mard NOM *uni* *hur* GEN **tsnoghē**[-animado] ACU de objeto
 Cada pessoa NOM tem seu/sua GEN **progenitor**[-animado]¹⁰⁵ ACU de objeto
 ‘Cada pessoa tem o seu progenitor’.

¹⁰⁵ É verdade que em arménio a palavra *ծնող* – *tsnogh* pode ter traço [-animado], se, por exemplo, se tratar de um animal não superior ou até de um nome abstrato, como ‘maldade’. Nesse último caso, a leitura da palavra pode ser diferente: *ays chariqi tsnuxe* - ‘o primórdio/a origem desta malignidade’. No contexto dado em (36), o traço associado à palavra é [+animado] por ser acompanhado com a palavra ‘pessoa’ no GEN (i.e., progenitor de uma pessoa).

À luz desta explicação fica clara a atribuição da marca do caso ACU de pessoa (=DAT) ao constituinte *o nosso galo*, nos exemplos dados na secção anterior, que retomamos em (34).

- (34) a.

Արամը	տեսել է	մեր	ալորը:
<i>Aramě</i> NOM	<i>tesel ē</i>	<i>mer</i> GEN	<i>ak'lorě</i> [-animado] ACU de objeto
Aram+ NOM	viu PCP AUX _{3.p}	nosso/a GEN	galo [-animado] ACU de objeto

‘O Aram viu o nosso galo.’
- b.

Արամը	տեսել է	մեր	ալորին:
<i>Aramě</i> NOM	<i>tesel ē</i>	<i>me r</i> GEN	<i>ak'lorin</i> [-animado] ACU de pessoa
Aram+o NOM	viu PCP AUX _{3.p}	nosso/a GEN	galo [-animado] ACU de pessoa

‘O Aram viu o nosso galo.’

É importante mencionar que a personificação dos animais não superiores e por vezes dos conceitos abstratos é recorrente em arménio oriental (cf. Dum-Tragut, 2009: 342; Harutyunyan, 1983: 128). Aliás, a forma preferida dos falantes do arménio oriental é a do (34b), sendo a forma do (34a) mais recorrente em arménio ocidental.

A personificação em arménio, no entanto, é normalmente admissível com os verbos cujo conteúdo semântico permite selecionar complemento com traço [+animado] (compare (35a) e (35b)).

- (35) a.

Մարիան	<u>համբուրեց</u>	ծառին:
<i>Marian</i> NOM	<i>hamburets</i> ‘	<i>tsarin</i> [-animado] ACU de pessoa
Marian NOM	<u>beijou</u>	árvore [-animado] ACU de pessoa

‘A Maria beijou a árvore.’
- b.

*Մարիան	<u>տնկեց</u>	ծառին:
* <i>Marian</i> NOM	<i>tnkets</i> ‘	<i>tsarin</i> [-animado] ACU de pessoa
*Maria NOM	<u>plantou</u>	árvore [-animado] ACU de pessoa

‘A Maria plantou a árvore.’

Ao mesmo tempo, a personificação dos animais não superiores ocorre obrigatoriamente com os verbos, cujo conteúdo semântico permite selecionar complementos apenas com traço [+animado] (e.g., (36)).

- (36) a. Արամը խաբեց աքլորին:
Aram NOM *khabets* ‘ *ak’lorin* [-animado] ACU de pessoa
 Aram NOM enganou galo+o [-animado] ACU de pessoa
 ‘O Aram enganou (= despistou) o galo.’
- b. *Արամը խաբեց աքլորը:
 **Aram* NOM *khabets* ‘ *ak’lorē* [-animado] ACU de objeto
 *Aram NOM enganou galo+o [-animado] ACU de objeto
 ‘O Aram enganou (= despistou) o galo.’

Assim, a personificação é uma estratégia recorrente nas gramáticas dos falantes de arménio L1, sendo, contudo, legitimada pelo conteúdo verbal. Se o mesmo permitir complemento [+animado], um falante de arménio oriental tipicamente vai recorrer à personificação dos animais não superiores, e por vezes, de conceitos e alguns objetos¹⁰⁶.

Retomando os exemplos de (27) da secção anterior em (37), vimos que é o traço de [+animado] presente no OD *a criança* que define a sua forma morfológica em (37a), igual à forma do OI da frase em (37b).

- (37) a. Նա կանչեց երեխային:
na NOM *kanch’ets* ‘ *yerekhayin* [+animado] ACU de pessoa
 ele/a NOM chamou criança [+animado] ACU de pessoa
 ‘Ele chamou a criança.’
- b. Նա գիրքը տվեց երեխային:
na NOM *girk’ē* ACU *tvets* ‘ *yerekhayin* [+animado] DAT
 ele/a NOM livro ACU deu criança [+animado] DAT
 ‘Ele deu o livro à criança.’

Um exemplo com o verbo նվիրել – *nvirel* – ‘dedicar’, que seleciona um OI [-animado] e outro [+animado], demonstra que, ao contrário do OD da frase, a animicidade não influencia a forma do OI ((38)), i.e., os OI [±animado] são morfológicamente idênticos.

¹⁰⁶ Relembramos que por [+animado] entendemos seres humanos e animais superiores. Porém, objetos como *árvore*, *livro*, *pedra*, *flor*, *montanha* e outros referentes à natureza também podem ser personificados. Na nossa opinião, essa possibilidade remete-se à mitologia e lendas arménias em que uma grande parte dos protagonistas eram representantes da natureza.

- (38) Արամը նվիրեց իր կյանքը երեխաներին և աշխատանքին:
Aramě _{NOM} *nvirets* ‘ir *kyank* ‘ě _{ACU} *yerekhaner* *in* _{DAT} *yev* *ashkhatank* ‘*in* _{DAT}
 Aram_{NOM} dedicou sua_{GEN} vida+a _{ACU} **crianças** _{DAT} e **trabalho** _{DAT}
 ‘O Aram dedicou a sua vida às crianças e ao trabalho.’

Resumidamente, em arménio, as entidades com traço [-animado] recebem a forma de ACU de objeto (igual ao NOM), na posição do OD, e a forma de ACU de pessoa (igual ao DAT), na posição de OI; enquanto as entidades [+animado], quer na posição do OD, quer na posição do OI, recebem a mesma forma (ACU de pessoa igual ao DAT), como demonstra a tabela 2.4.

Tabela 2.4. O traço de animacidade e a forma morfológica dos OD e OI em arménio

Traço de animacidade dos complementos verbais	OD	OI
[- animado]	ACU de objeto = NOM	DAT
[+ animado]	ACU de pessoa = DAT	DAT

Logo, supomos que nas gramáticas mentais de falantes de arménio L1 existirá distinção entre os OD e OI [$\pm$ animado], traços que podem ser transferidos para o PL2, no processo da aquisição de seleção casual de pronomes pessoais.

Assumindo que ocorre transferência dos valores da L1 para a L2, i.e., o OD [+animado] recebe a forma do OI, e tendo em conta que os OI em português vêm introduzidos pela preposição *a*, é expectável, nas produções dos falantes de arménio L1 e PL2, encontrar construções agramaticais como exemplificados em (39a) e (39b). As formas nominais introduzidas pela preposição *a*, desviantes da norma, por sua vez, devem dar lugar ao fenómeno de lheísmo, como mostrado em (39c) e (39d).

- (39) a. *Ele ama [**ao Pedro**]_[+animado].
 b. *A Maria viu [**ao seu pai**]_[+animado].
 c. *Ele ama-lhe.
 d. *A Maria viu-lhe.

Por o fenómeno de lheísmo ser observado na aquisição de PL1 (e.g., Duarte *et al.*, 1996), bem como na aquisição de PL2 (e.g., Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009),

importa compreendermos em que contextos é que isso será expectável como efeito de transferência de arménio para português.

Antes de avançar com essa discussão, interessa-nos ainda compreender quais são os pronomes complemento de arménio, que podem desempenhar as funções sintáticas de OD e de OI numa frase e se existem restrições de uso dos mesmos, nesta língua.

2.2.4. Os pronomes pessoais e demonstrativos do arménio

2.2.4.1. Os pronomes pessoais do arménio

Os pronomes pessoais de arménio, apresentados na tabela 2.5, no que diz respeito à sua morfologia, não demonstram o mesmo padrão que as outras palavras, i.e., os casos NOM e ACU dos pronomes pessoais não apresentam a mesma forma, nem os casos GEN e DAT. Em vez disso, são idênticas às formas dos pronomes pessoais em ACU e DAT.

Tabela 2.5. Pronomes pessoais do arménio

Caso	Pessoa gramatical					
	1sg	2sg	3sg	1pl	2pl	3pl
NOM	ես <i>yes</i>	դու <i>du</i>	նա / ինքը <i>na / ink'ě</i>	մենք <i>menk'</i>	դուք <i>duk'</i>	նրանք / իրենք <i>nranq / irenk'</i> ¹⁰⁷
GEN	իմ <i>im</i>	քո <i>k'o</i>	նրա / իր <i>nra / ir</i>	մեր <i>mer</i>	ձեր <i>dzer</i>	նրանց / իրենց <i>nranqs' / irenqs'</i>
ACU	ինձ <i>indz</i>	քեզ <i>k'ez</i>	նրան / իրեն <i>nran / iren</i>	մեզ <i>mez</i>	ձեզ <i>dzez</i>	նրանց / իրենց <i>nranqs' / irenqs'</i>
DAT	ինձ <i>indz</i>	քեզ <i>k'ez</i>	նրան / իրեն <i>nran / iren</i>	մեզ <i>mez</i>	ձեզ <i>dzez</i>	նրանց / իրենց <i>nranqs' / irenqs'</i>
ABL	ինձնից <i>indznits'</i>	քեզնից <i>k'eznits'</i>	նրանից / իրենից <i>nranqsits' / irenqsits'</i>	մեզնից <i>meznits'</i>	ձեզնից <i>dzeznits'</i>	նրանցից / իրենցից <i>nranqs'its' / irenqs'its'</i>
INST	ինձնով <i>indznov</i>	քեզնով <i>k'eznov</i>	նրանով / իրենով <i>nranov / irenov</i>	մեզնով <i>meznov</i>	ձեզնով <i>dzeznov</i>	նրանցով / իրենցով <i>nranqs'ov / irenqs'ov</i>
LOC	իմ մեջ / ինձնում <i>im mej / indznum</i>	քո մեջ / քեզնում <i>k'o mej / k'eznum</i>	նրա մեջ / նրանում <i>nra mej / nranum</i> իր մեջ / իրենում <i>ir mej / irenum</i>	մեր մեջ / մեզնում <i>mer mej / meznum</i>	ձեր մեջ / ձեզնում <i>dzer mej / dzeznum</i>	նրանց մեջ / իրենց մեջ <i>nranqs' mej / irenqs' mej</i> նրանցում / իրենցում <i>nranqs'um / irenqs'um</i>

¹⁰⁷ Os pronomes ինքը – *ink'ě* [+singular] e իրենք – *irenk'* [+plural], no caso NOM, utilizam-se como equivalentes aos pronomes նա – *na* [+singular] e նրանք – *nrank'* [+plural]. Contudo, noutros casos, são reflexos, i.e., referentes com o sujeito da frase (e.g., Արամը լվաց իր ավտոն – *Araměi lvats iri avton* – [Aram_{NOM}]_i lavou seu_i carro_{ACU} – ‘O Aram lavou o seu carro’).

Tal como em português, numa oração, os pronomes pessoais ACU de arménio desempenham a função de OD e os pronomes pessoais DAT a função de OI como exemplificamos em (40).

- (40) a. Մայրը զրկեց երեխային/նրան: OD
Mayrě grkets' yerekhayin/nran^{ACU}
 Mãe_{NOM} abraçou criança^{ACU}/**a**^{ACU}
 'A mãe abraçou a criança/-a.'
- b. Մարիան տեսավ ինձ: OD
Marian tesav indz^{ACU}
 Maria_{NOM} viu **me**^{ACU}
 'A Maria viu-me'
- c. Մայրը հարցրեց Մարտինին/նրան: OI
Mayrě harts'rets' Martinin/nran^{DAT}
 Mãe^{+a}_{NOM} perguntou Martin^{DAT}/**lhe**^{DAT}
 'A mãe perguntou ao Martim/-lhe.'
- d. Մարիան պատմեց ինձ: OI
Marian patmets' indz^{DAT}
 Maria^{+a}_{NOM} contou **me**^{DAT}
 'A Maria contou-me'

Tendo em conta as funções gramaticais dos pronomes pessoais em ambas as línguas, podemos afirmar que os equivalentes dos pronomes clíticos do português, em arménio, são os pronomes pessoais flexionados em casos ACU e DAT que, como já vimos, são isomorfos. Retomamo-los na tabela 2.6, apresentando os seus equivalentes em português¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Recorda-se que os pronomes pessoais de arménio, ao contrário dos portugueses, são formas tónicas. Algumas questões sobre a colocação dos pronomes pessoais de arménio serão discutidas na secção 2.2.9.

Tabela 2.6. Pronomes pessoais ACU e DAT em arménio e em português

Pessoa gramatical	Acusativo		Dativo	
	Arménio	Português	Arménio	Português
1sg	իմձ – <i>indz</i>	me	իմձ – <i>indz</i>	me
2sg	քեզ – <i>k'ez</i>	te	քեզ – <i>k'ez</i>	te
3sg	նրան – <i>nran</i>	o, a	նրան – <i>nran</i>	lhe
	իրեն – <i>iren</i>	se / o, a	իրեն – <i>iren</i>	se / lhe
1pl	մեզ – <i>mez</i>	nos	մեզ – <i>mez</i>	nos
2pl	ձեզ – <i>dzez</i>	vos	ձեզ – <i>dzez</i>	vos
3pl	նրանց – <i>nrants'</i>	os, as	նրանց – <i>nrants'</i>	lhes
	իրենց – <i>irents'</i>	se/ os, as	իրենց – <i>irents'</i>	lhes

Todavia, em contrapartida com os pronomes clíticos de português, que podem substituir uma entidade [$\pm$ animado] ((41)), em arménio estes são referentes a antecedentes com traço [+animado], resistindo à substituição de um antecedente com traço [-animado]¹⁰⁹ ((42)), o que explica o facto de as formas ACU e DAT dos pronomes pessoais de arménio serem morfologicamente idênticas (recorda-se que as entidades com traço [+animado] na posição do OD recebem a forma do OI).

(41) a. A Maria viu **o seu pai/o livro de Saramago**.

b. A Maria viu-**o/o**.

c. O botão pertence **à Maria/a este vestido**.

d. O botão pertence-**lhe/lhe**.

(42) a. Մարիան տեսավ իր հայրիկին /Մարամագուի գիրքը:
*Marian tesav ir hayrikin*_{[+animado] ACU} /*Saramagu*_{GEN} *girk'ě*_{[-animado] ACU}
 Maria+a NOM viu **seu pai**_{[+animado] ACU} /**Saramago**_{GEN} **livro**_{[-animado] ACU}
 ‘A Maria viu o seu pai/o livro de Saramago.’

¹⁰⁹ No uso coloquial de arménio moderno, embora não seja gramaticalmente correto, sobretudo a geração mais nova utiliza o pronome de 3.^a pessoa ինք – *ink'ě* – ‘ele’ e as suas formas morfológicas de outros casos para substituir antecedente com traço [-humano], como em (i):

(i) a. **Ինքը** (=նկարը) իմ առաջին աշխատանքն է: Ես **իրեն** շատ եմ հավանում:
Ink'ě (=nkare) im arajin ashkhatank'n ē. Yes **iren** shat ēm havanum
Ele_{NOM} (=quadro_{NOM}) meu primeiro trabalho AUX 3.^ap Eu **o**_{ACU} muito AUX_{3,p} gosto
 ‘Isto é o meu primeiro trabalho. Eu gosto muito dele.’

b. Մարիան տեսավ	նրան _[+animado] / *նրան _[-animado] :
<i>Marian tesav</i>	<i>nran</i> _[+animado] / *nran _[-animado]
Maria+a _{NOM} viu	ele _{ACU} _[+animado] / *ele _{ACU} _[-animado]
‘A Maria viu-o/o.’	

c. Կոճակը պատկանում է	Մարիային	/այս շորին:
<i>Kochakě patkanum ē</i>	<i>Mariayin</i> _[+animado] _{DAT}	<i>/ays shorin</i> _[-animado] _{DAT}
Botão+o _{NOM} pertence	AUX _{3.p} Maria _[+animado] _{DAT}	/este vestido _[+animado] _{DAT}
‘O botão pertence à Maria/a este vestido.’		

d. Կոճակը պատկանում է	նրան/??նրան:
<i>Kochakě patkanum ē</i>	<i>nran</i> _[+animado] / *nran _[-animado]
Botão+o _{NOM} pertence	AUX _{3.p} ele _[+animado] _{DAT} / *ele _[-animado] _{DAT}
‘O botão pertence-lhe / lhe.’	

Para se referir às entidades com traço [-animado], em arménio, em vez dos pronomes pessoais usam-se os pronomes demonstrativos.

2.2.4.2. Os pronomes demonstrativos do arménio na posição do OD e OI

Para as entidades [-animados], em arménio, na 3.^a pessoa, usam-se os pronomes demonstrativos *uu* – *sa* – ‘isto [+singular]’, *ηu* – *da* – ‘isso [+singular]’, *սրանք* – *srank* – ‘isto [+plural]’, *ըրանք* – *drank* – ‘isso [+plural]’ e o demonstrativo invariável *այն* – ‘aquilo’ (e.g., Papoyan e Badikyna, 2003).

Os pronomes demonstrativos *uu* – *sa* – ‘isto [+singular]’, *ηu* – *da* – ‘isso [+singular]’, *սրանք* – *srank* – ‘isto [+plural]’, *ըրանք* – *drank* – ‘isso [+plural]’, igualmente aos pronomes pessoais, podem ser declinados conforme casos gramaticais, como apresentado na tabela 2.7. Notamos que, ao contrário dos pronomes pessoais com traço [+animado] intrinsecamente presente, os casos ACU e DAT dos pronomes demonstrativos ([-animado]) não são isomorfos. No caso dos pronomes demonstrativos, tal como acontece com as outras palavras, são idênticas as formas dos casos NOM e ACU e as formas dos casos GEN e DAT.

Tabela 2.7. Pronomes demonstrativos do arménio

Caso	Singular		Plural	
NOM	սա – <i>sa</i>	դա – <i>da</i>	սրանք – <i>srank</i> ‘	դրանք – <i>drank</i> ‘
GEN	սրա – <i>sra</i>	դրա – <i>dra</i>	սրանց – <i>sran</i> ts‘	սրանց – <i>sran</i> ts‘
ACU	սա – <i>sa</i>	դա – <i>da</i>	սրանք – <i>srank</i> ‘	դրանք – <i>drank</i> ‘
DAT	սրան – <i>sran</i>	դրան – <i>dran</i>	սրանց – <i>sran</i> ts‘	դրանց – <i>dran</i> ts‘
ABL	սրանից – <i>sran</i> its‘	դրանից – <i>dran</i> its‘	սրանցից – <i>sran</i> ts‘its‘	դրանցից – <i>dran</i> ts‘its‘
INST	սրանով – <i>sran</i> ov	դրանով – <i>dran</i> ov	սրանցով – <i>sran</i> ts‘ov	դրանցով – <i>dran</i> ts‘ov
LOC	սրա մեջ – <i>sra mej</i> / սրանում – <i>sranum</i>	դրա մեջ – <i>dra mej</i> / դրանում – <i>dranum</i>	սրանց մեջ – <i>sran</i> ts‘ <i>mej</i> / սրանցում – <i>sran</i> ts‘ <i>um</i>	սրանց մեջ – <i>dran</i> ts‘ <i>mej</i> / դրանցում – <i>dran</i> ts‘ <i>um</i>

Assim, no exemplo de (43), ao constituinte singular *սրանից* – *at‘orin* – ‘à cadeira’, substituirá o pronome DAT *դրան* – *dran* – ‘a essa’, como demonstrado em (43a) e ao constituinte plural *սրանցից* – *at‘ornerin* – ‘às cadeiras’, substituirá o pronome DAT *դրանց* – ‘a essas’¹¹⁰, como demonstrado em (43b).

- (43) a. *Մարիան հենվեց դրան (=սրանից):*
Marian _{NOM} *henvets*‘ *dran* _{DAT} (=at‘orin _{DAT})
 Maria+a _{NOM} encostou-se *aquela* _{DAT} (=cadeira _{DAT})
 ‘A Maria encostou-se a ela (= à cadeira).’
- b. *Մարիան հենվեց դրանց (=սրանցից):*
Marian _{NOM} *henvets*‘ *drants*‘ _{DAT} (=at‘ornerin _{DAT})
 Maria+a _{NOM} encostou-se *aquelas* _{DAT} (=cadeiras _{DAT})
 ‘A Maria encostou-se a elas (= às cadeiras).’

¹¹⁰ Identicamente ao português, as formas *սա* – *sa* [+singular] e *սրանք* – *srank*‘ [+plural] – ‘isto’ denotam uma entidade que se encontra perto do falante e os pronomes *դա* – *da* [+singular] e *դրանք* – *drank*‘ [+plural] – ‘isso’, uma entidade que se encontra perto do seu interlocutor. Os SN introduzidos por determinante *այս* – ‘este’ (e.g., *այս սեղանին* – *ays segghanin* – ‘a esta mesa’ ou *այս սեղաններին* – *ays segghannerin* – ‘a estas mesas’) serão substituídos pelo pronome *սա* – *sa* [+singular] ou *սրանք* – *srank*‘ [+plural], enquanto os introduzidos por determinante *այդ* – ‘esse’ (e.g., *այդ սեղաններին* – *ayd segghanin* – ‘a essa mesa’ ou *այդ սեղաններին* – *ayd segghannerin* – ‘a essas mesas’) serão substituídos pelo pronome *դա* – *da* – ‘isso’ [+singular] ou *դրանք* – *drank*‘ – ‘isso’ [+plural]. Além dos determinantes, é possível identificar o grau de proximidade do referente através do tempo verbal. Quando, no contexto discursivo, não se identifica nenhuma referência a esse respeito, o uso tanto do pronome *սա* – *sa* [+singular] e *սրանք* – *srank*‘ [+plural], como do pronome *դա* – *da* [+singular] e *դրանք* – *drank*‘ [+plural] é aceitável.

Já na posição do OD ((44)), os pronomes ACU *uu* – *sa* e *ηu* – *da* substituem a um SN [+singular] (e.g., (44a)) e os *upwñp* – *srank* ‘e *ηpwñp* – *drank*’, a um SN [+plural] (e.g., (44b)).

- (44) a. *Մարիան տեսավ դա/սա (=աթոռը) խանութում:*
Marian _{NOM} *tesav* *da/sa* _{ACU} (=at ‘orě _{ACU}) *khanutum* _{LOC}
 Maria+a _{NOM} viu *isso/isto* _{ACU} (=cadeira _{ACU}) loja _{LOC}
 ‘A Maria viu a cadeira na loja.’
- b. *Մարիան տեսավ դրանք/սրանք (=աթոռները) խանութում:*
Marian _{NOM} *tesav* *drank/srank* _{ACU} (=at ‘ornerě _{ACU}) *khanutum* _{LOC}
 Maria+a _{NOM} viu *essas / estas* _{ACU} (=cadeiras _{ACU}) loja _{LOC}
 ‘A Maria viu as cadeiras na loja.’

Na posição do OD com traços de [-animado], [+singular], é mais recorrente o pronome demonstrativo *այն* – *ayn* – ‘isso/aquilo’ ((45a)). Numa frase, esse pronome pode executar só a função do sujeito ((45b)) ou do OD [+singular] ((45a)), i.e., tem apenas casos NOM e ACU.

- (45) a. *Երեկ տեսել եմ այն/դա/սա (=աթոռը) բակում:*
yerek *tesel em* *ayn/da/sa* _{ACU} (=at ‘orě) _{ACU} *bakum* _{LOC}
 ontem vi AUX_{1.p} *aquilo/aquilo/aquilo* (=cadeira+a) _{ACU} quintal _{LOC}
 ‘Ontem vi a cadeira no quintal.’
- b. *Այն (=Իմ տունը) մեծ է:*
Ayn (=Im *tuně*) _{NOM} *mets ē*
Aquela (=minha casa+a) _{NOM} grande AUX_{3.p}
 ‘Aquela (=A minha casa) é grande.’

Visto os pronomes demonstrativos não serem referentes a entidades [+animado] e [+humano], o uso dos pronomes *uu* – *sa*, *ηu* – *da*, *upwñp* – *srank* ‘, *ηpwñp* – *drank* ‘ com um anafórico [+humano] é indicação do contexto pejorativo ((46a)). O pronome *այն* – *ayn* não se usa com traço [+humano] de todo ((46b)).

- (46) a. Ես տեսա **դրան** (= հարևանին):
Yes tesa dran ACU de objeto (= *harevanin* ACU de pessoa)
 Eu vi **isso** ACU de objeto (= vizinho ACU de pessoa)
 ‘Eu vi isso (= o vizinho)’.
- b. *Ես տեսա **այն** (=հարևանին):
 **Yes tesa ayn* ACU de objeto (= *harevanin* ACU de pessoa)
 *Eu vi **isso** ACU de objeto (= vizinho ACU de pessoa)
 ‘Eu vi isso (= o vizinho)’.

Com os animais superiores ([+animado, -humano]), em arménio é possível usar tanto pronomes pessoais, como pronomes demonstrativos, dependendo da atitude do falante (§2.2.3). Sendo a forma preferida dos falantes nativos do arménio a do ACU de pessoa com os SN [+animado, -humano], o mais natural será a frase em (47a), não sendo, no entanto, a de (47b) gramaticalmente incorreta, mas sim pouco recorrente.

- (47) a. Ես տեսա նրան (= կատվին):
Yes tesa nran (= *katvin* ACU de pessoa)
 Eu vi **ele**_{ACU} (= o gato ACU de pessoa)
 ‘Eu vi-o.’
- b. Ես տեսա այն (= կատուն):
Yes tesa ayn (= *katun* ACU de objeto)
 Eu vi **aquilo**_{ACU} (= o gato ACU de objeto)
 ‘Eu vi-o.’

Desta maneira, ao contrário do português, em que os mesmos pronomes clíticos (*o(s)*, *a(s)*, *lhe(s)*) podem substituir um SN com traços de [+animado] e [+humano], em arménio, o traço de animacidade, presente no SN, define a forma do pronome que o vai substituir.

Levanta-se, assim, a seguinte questão:

Será que os falantes de arménio L1 e de PL2, no processo da aquisição dos pronomes ACU e DAT, transferem essa particularidade do arménio para o português?

Mais precisamente, retomando a perguntada feita na subsecção 1.2.6.2, relativamente à possibilidade de transferência das propriedades morfológicas de pronomes objetos da L1 para a L2, questionamos:

Será que, para os falantes de arménio L1, os pronomes clíticos ACU e DAT do português são igualmente aceitáveis no lugar de um SN com traços [$\pm$ animado], ou os arménios darão preferência ao uso de uma forma com referente [+animado] e de outra com antecedente [-animado]?

Se assim for, a qual dos pronomes clíticos do português será associado o traço [+animado] e [-animado]?

Tendo em conta que, em arménio, o caso ACU recebe a forma do DAT quando o constituinte tem traço [+animado], espera-se que na interlíngua dos falantes de arménio L1, o traço [-animado] seja associado ao clítico ACU e o traço [+animado] ao clítico DAT do português (Predição 1.1).

Por outro lado, sendo os pronomes pessoais ACU e DAT isomorfos em arménio, os falantes nativos desta língua podem alternar entre os pronomes pessoais do português, sobretudo nos estádios iniciais de aquisição (Predição 1.1.2). No entanto, mesmo que, nas produções linguísticas dos falantes de arménio L1, se verifique uma oscilação entre os pronomes ACU e DAT de português, será difícil concluir que isso se deve somente à influência da L1, pois vimos, na secção 1.3.2, que o fenómeno de oscilação entre os clíticos ACU e DAT é observado, na aquisição de PL2 por falantes de outras L1 e ainda na aquisição de PL1. Logo, apenas o facto de ocorrer oscilação entre os clíticos ACU e DAT de português, nos estádios iniciais de aquisição, não se pode assumir como um argumento a favor da hipótese de influência de arménio. É preciso assumir um maior controlo sobre as condições testadas, em que será esperada oscilação entre os clíticos ACU e DAT devido a transferência dos traços aderentes aos pronomes pessoais de arménio para português. Por o traço de animacidade, em arménio, ser crucial neste contexto, seria importante analisar várias condições em que o verbo seleciona complementos [$\pm$ animados]. Interessa-nos, assim, primeiramente analisar a restrição semântica de alguns verbos de arménio, comparando-os com os verbos de português.

2.2.5. Restrição semântica dos verbos em arménio: algumas particularidades relevantes

Nas secções anteriores, vimos que, por exemplo, o verbo կտրել – *ktrel* – ‘cortar’ seleciona tipicamente um OD [-animado], enquanto o verbo խաբել – *khabel* – ‘enganar’ vem acompanhado com o OD [+animado], já os verbos տալ – *tal* – ‘dar’ e ձնել – *dzonel* – ‘dedicar’ selecionam um OD e um OI. Notamos, no entanto, que existe diferença entre alguns aspetos da seleção categorial destes verbos. Em arménio, o OD do verbo տալ – *tal* – ‘dar’ pode ter traço [$\pm$ animado] associado (e.g., *Deu o seu filho*_[+animado] *ao seu irmão* ou *Deu o seu livro*_[-animado] *ao seu irmão*), mas o OI normalmente apresenta traço [+animado] (veja-se **Dei o meu livro à minha mesa*_[-animado]). Por sua vez, o verbo ձնել – *dzonel* – ‘dedicar’ pode selecionar OI [$\pm$ animado], mas o OD por si regido não pode ter traço [+humano] (veja **Dediquei o meu pai*_[+humano] *aos meus filhos*). Esta diferença prende-se com as restrições de seleção semântica que os vários verbos apresentam (Raposo, 2013a).

De uma perspetiva geral, tanto em português, como em arménio, a restrição semântica dos complementos resulta do conteúdo semântico do verbo, que normalmente reflete o conhecimento do mundo, partilhado ainda entre outras línguas. Portanto, os argumentos selecionados por um verbo podem revelar-se sensíveis à questão de animacidade em ambas as línguas¹¹¹.

Procurando classificar os verbos (tanto em português, como em arménio) do ponto de vista da restrição semântica, podemos notar que existem verbos como *perguntar*, *convidar* ou *ajudar* que selecionam uma entidade apenas com traços [+animado] na posição do objeto da frase (veja **A Maria ajudou a mesa*_[-animado]). Por outro lado, existem verbos, como *imprimir*, *regar*, *beber*, que podem selecionar apenas complementos [-animados] (veja **A Maria imprimiu a sua gata*_[+animado]). Uma terceira categoria dos verbos, como *dedicar*, *pertencer*, *perder*, pode selecionar complementos [$\pm$ animados] (veja *A carteira azul pertence à minha mãe*_[+animado] / *a este conjunto*_[-animado]).

Se o traço de animacidade, no que toca à seleção dos pronomes pessoais, é fundamental nas gramáticas dos falantes nativos de arménio, mas não relevante em português¹¹², ao analisar

¹¹¹ Traços semânticos de [$\pm$ animado], [$\pm$ humano], [$\pm$ concreto], [$\pm$ adulto], entre muitos são importantes da perspetiva da seleção dos argumentos pelos verbos. Do ponto de vista deste trabalho, apresentam interesse apenas os traços [$\pm$ animado] e [$\pm$ humano], pois, como se espera, a relevância desses na morfossintaxe de arménio será um dos fatores a influenciar a aquisição e o uso dos pronomes clíticos ACU e DAT em PL2. As restrições semânticas dos verbos do português estão discutidas por exemplo, em Raposo (2013a) e do arménio, por exemplo, em Harutyunyan (1983).

¹¹² Ver a nota 5.

a aquisição dos pronomes clíticos em PL2 por falantes nativos do arménio, será importante testar a ocorrência dos mesmos com verbos com restrições semânticas diferentes – com os verbos que selecionam complementos somente [+animados], somente [-animados] e [+animados].

Antes de verificarmos que verbos é que apresentam restrições semânticas diferentes em arménio e em português, devemos ter em conta mais uma questão que possa interferir nos resultados do teste experimental.

Apesar de termos referido anteriormente (§2.2.3) que, em arménio, os animais, mesmo não superiores, com a função de OD, mais recorrentemente assumem a forma de objeto de pessoa, i.e., de [+animado], não descartamos a possibilidade de que alguns falantes nativos de arménio oriental possam recorrer ao ACU de objeto ([-animado]) com animais não superiores (como em Հալքի բաղնիք տեսա – *Havē bakum tesa* – ‘Vi **a** galinha no quintal’) e superiores (como em Կապի՞ց ձիւն ու մտաւ բալ – *Kapets‘ dzin u mtav bak* – ‘Atou **o** cavalo e entrou para o quintal’). Para que essa particularidade de arménio não interfira na nossa análise, sugerimos no estudo experimental incluir contextos em que os antecedentes de pronomes clíticos de português são entidades com traço [+humano].

Por outro lado, a personificação é uma estratégia recorrente nas gramáticas de falantes de arménio L1 que nos pode servir de prova (ou não) de que eles, ao adquirirem a seleção casual de pronomes clíticos em PL2, transferem o seu conhecimento da L1. Portanto, achamos pertinente no teste experimental, na função de OD, incluir entidades (poucas em número, para não influenciar a análise) com traços [+animado, -humano] (e.g., *gato, cão*) e com traços [-animado, -humano] que em arménio podem tipicamente ser personificados (e.g., objetos – *boneca*, nomes coletivos – *cidade, família*). Essas entidades, porém, não devem ser complementos dos verbos que tipicamente selecionam uma entidade com traço [+animado, +humano] (e.g., *ensinar, ofender*), para que a personificação não resulte das restrições semânticas do verbo (§2.2.3). Os OD com o potencial de personificação deverão ser complementos dos verbos que podem selecionar um objeto com traço [+humano] (e.g., *perder, ver, dedicar*). Caso se observe algum padrão específico do uso de pronomes clíticos nesses contextos, esses serão apresentados como uma condição separada na discussão dos resultados – ‘personificação’¹¹³. Caso contrário, os mesmos serão tratados juntamente com os complementos [-humano].

¹¹³ Apesar de o termo ‘personificação’ ser uma figura de estilo que se usa no âmbito da literatura, optámos por deixá-lo, pois o termo աճիւն տեսա – *andzi arum* – ‘personificação’ é utilizado no âmbito da linguística arménia (e.g., Sevak, 2009).

Assim, embora a restrição semântica dos verbos, no que toca ao traço de animacidade, seja igual em português e em arménio, é um valor importante no desenho do teste experimental que usaremos para a recolha dos dados. No momento seguinte, é de ter em conta um aspeto importante – o facto de existirem verbos que em arménio e em português apresentam diferenças do ponto de vista da regência verbal.

2.2.6. Algumas semelhanças e diferenças da regência verbal entre português e arménio¹¹⁴

Quando se fala da regência verbal em arménio e em português, são tidos em consideração aspetos oracionais que levam à classificação (diferente) dos verbos à luz da transitividade. De uma forma simplificada, o critério sintático¹¹⁵ de classificação dos verbos de arménio como (in)transitivos não é a obrigatoriedade de complementação, tal como em português¹¹⁶, mas sim a existência de um OD. Por não existir uma correspondência direta entre os critérios de classificação dos verbos entre arménio e português e por os mesmos não serem relevantes da perspetiva do nosso trabalho, contornaremos a questão de transitividade, concentrando-nos apenas no facto de que em ambas as línguas, da perspetiva da regência verbal, são tidas em consideração as funções semânticas dos complementos de verbo¹¹⁷. No caso de arménio, na interpretação das funções semânticas, é relevante a marcação casual dos complementos, pois, como notado por Ignácio (2002), na nomenclatura da Gramática de Casos, os argumentos exigidos pelo verbo (com determinadas funções semânticas) são denominados papéis temáticos ou casos que, nas línguas de casos gramaticais, se expressa através da marcação morfológica. Em português, essa função é cumprida pelas preposições. Contudo, tanto o caso gramatical dos complementos verbais em arménio, como a seleção desta ou daquela preposição em português é prevista nos traços semânticos dos verbos.

¹¹⁴ Importa salientar que em arménio, vários estudiosos de língua usam termos e abordagens diferentes na discussão da regência: կարավարում – *karavarum* – ‘regência’, վարում – *varum* – ‘regência’, խնդրարտություն – *khndrarutyun* – ‘complementação’, արժույթայնություն – *arjhutaynutyun* – ‘valência’, entre outros, mas todos se concentram na questão da transitividade do verbo, tendo em conta a relação que se estabelece entre o regente e o regido (Harutyunyan, 1983).

¹¹⁵ Além da sintaxe, a transitividade dos verbos de arménio é discutida no domínio morfológico (e.g., Abrahamyan, 1962; Dum-Tragut, 2009; Jahukyan, 1974).

¹¹⁶ Sobre a regência verbal e (in)transitividade dos verbos de português ver autores como Luft (2002), Gonçalves e Raposo (2013). Sobre a complementação obrigatória e opcional, para o arménio, ver autores como Jahukyan (1974), Dum-Tragut (2009) e para o português - Luft (2002), Vilela e Koch (2001).

¹¹⁷ Quando se fala da regência verbal, além dos casos gramaticais dos complementos, em arménio são discutidos a (in)transitividade do verbo (em arménio, բայի տիպ), e a valência verbal (entende-se a ocorrência (ou não) de sujeito e o número dos complementos).

Por exemplo, os verbos direcionais (e.g., գնալ – *gnal* – ‘ir’, հասնել – *hasnel* – ‘chegar’, ուղեւորվել – *ughevorvel* – ‘dirigir-se’) em português selecionam um complemento introduzido pela preposição *a* ou *para* ((48a)), enquanto em arménio o caso gramatical do complemento verbal, com a função semântica do destino físico é o ACU, sem marcação¹¹⁸ ((48b)).

(48) a. O André foi **para** casa.

b. Անդրեն գնաց **տունØ**:
Andren *gnats* ‘ **tunØ**_{ACU}
 Andre _{NOM} foi **casaØ** _{ACU}
 ‘O André foi para casa.’

Verbos como տեսնել – *tesnel* – ‘ver’, կորցնել – *korts’nel* – ‘perder’, նորոգել – *norogel* – ‘reparar’, կարդալ – *kardal* – ‘ler’, entre outros, que em português selecionam OD, em arménio têm marcação casual de ACU ((49b) e (49d)). Assumiremos, portanto, que no caso destes verbos, a regência em arménio e em português é igual (ACU).

(49) a. A Maria está a ler **o livro de Saramago**. PT

b. Մարիան կարդում է **Սարամագուի գիրքը**: AM
Marian *kardum ē* *Saramagui* *girk’ē* _{ACU de objeto}
 Maria _{NOM} lê _{PCP} _{AUX_{3,p}} **Saramago**_{GEN} **livro** _{ACU de objeto}
 ‘A Maria está a ler o livro de Saramago.’

c. A Maria perdeu **o seu pai** no ano passado. PT

d. Մարիան կորցրել է **իր հայրիկին** անցյալ տարի: AM
Marian *korts’rel ē* *ir hayrikin* _{ACU de pessoa} *ants’yal tari*
 Maria _{NOM} perdeu _{PCP} _{AUX_{3,p}} **seu**_{GEN} **pai** _{ACU de pessoa} _{passado ano}
 ‘A Maria perdeu o seu pai no ano passado.’

¹¹⁸ Se o destino indicar uma atividade, mas não um espaço físico (e.g., գնալ **համերգի** - *gnal hamergi* – ‘ir a um concerto’ ou հասնել **դասին** - *hasnel dasin* – ‘chegar à aula’), o caso gramatical do complemento verbal é o DAT.

No entanto, verbos como խուսափել – *khusap* ‘el – ‘evitar’ ((50a)) ou հետևել – *hetevel* – ‘seguir’ ((50b)) em português selecionam OD (ACU), mas, em arménio, complementos com marcação casual respetivamente do ABL ((50a)) e do DAT ((50b)).

- (50) a. Մայրս խուսափում է **շներից:**
Mayrs GEN 1.^a pessoa *khusap* ‘um ē *shnerits*‘ ABL
 Mãe GEN 1.^a pessoa evita PCP AUX_{3,ªp} **cães** ABL
 ‘A minha mãe evita os cães.’
- b. Ես միշտ հետևում եմ տատիս **խորհուրդներին:**
Yes misht hetevwum ēm tatis *khordnerin* DAT
 Eu sempre sigo PCP AUX_{1,ªp} avó GEN 1.^a pessoa **conselhos** DAT
 ‘Eu sigo os conselhos da minha avó sempre.’

Igualmente ao verbo հետևել – *hetevel* – ‘seguir’, muitos verbos (*e.g.*, նայել – *nayel* – ‘olhar’, մոտենալ – *motenal* – ‘aproximar-se’, դնել – *dnel* – ‘colocar’, հարվածել – *harvatsel* – ‘bater’, վստահել – *vstahel* – ‘confiar’, սպասել – *spasel* – ‘esperar’) em arménio selecionam um complemento em DAT, enquanto em português a regência desses verbos varia caso a caso. Entre estes verbos, destacamos um grupo, em que entram os que selecionam OD (ACU) em português, mas em arménio, um complemento em DAT (*e.g.*, հետևել – *hetevel* – ‘seguir’ (= ‘acompanhar’), դիմանալ – *dimanal* – ‘resistir’, ձերբակալել – *dzerbakalel* – ‘prender’, ողջունել – *voghjunel* – ‘cumprimentar’, հրավիրել – *hravirel* – ‘convidar’, սովորեցնել – *sovorets* ‘nel – ‘ensinar’, վիրավորել – *viravorel* – ‘ofender’) (ver (51)).

- (51) a. Ես դիմանում եմ **դժվարություններին:**
Yes dimanum ēm *djhvarut* ‘yunnerin DAT
 Eu resisto PCP AUX_{1,ªp} **dificuldades** DAT
 ‘Eu resisto a dificuldades.’
- b. Մայրս վիրավորել է **մեր հարևանին:**
Mayrs GEN 1.^a pessoa *xusapum ē* *mer harevanin* DAT
 Mãe GEN 1.^a pessoa evita PCP AUX_{3,ªp} **nosso** GEN **vizinho** DAT
 ‘A minha mãe ofendeu o nosso vizinho.’

Um último grupo de verbos, com regências diferentes entre o arménio e o português, que apresenta interesse para a presente investigação, inclui aqueles que selecionam um OD em ambas as línguas, mas em que, em arménio o OD pode apresentar forma diferente, conforme os traços de animacidade do complemento. Entram neste grupo os verbos como *նղղել* – *ughghel* – ‘corrigir’, *կորցնել* – *kots* ‘nel’ – ‘perder’, *տեսնել* – *tesnel* – ‘ver’, *գտնել* – *gtnel* – ‘encontrar’, *հասկանալ* – *haskanal* – ‘entender’ e muitos outros ((52)).

- (52) a. *Մայրս* *տեսել է մեր հարևանին* *այգում*:
Mayrs GEN 1.^a pessoa *tesel ē* *mer harevanin* ACU de pessoa *aygum* LOC
 Mãe GEN 1.^a pessoa viu PCP AUX_{3.p} **nosso** GEN **vizinho** ACU de pessoa *jardim* LOC
 ‘A minha mãe viu o nosso vizinho no jardim.’
- b. *Մայրս* *տեսել է իմ պայուսակը* *այգում*:
Mayrs GEN 1.^a pessoa *tesel ē* *im payusakē* ACU de objeto *aygum* LOC
 Mãe GEN 1.^a pessoa viu PCP AUX_{3.p} **meu** GEN **saco** ACU de objeto *jardim* LOC
 ‘A minha mãe viu o meu saco no jardim.’

A tabela 2.8 resume os verbos referidos nesta secção, apresentando as diferenças de regência entre português e arménio.

Tabela 2.8. Alguns verbos com regência diferente entre português e arménio

Verbo	Complementação em arménio	Regência em português
<i>խուսափել</i> – <i>khusap</i> ‘el’ – ‘evitar’	ABL	ACU
<i>նեղանալ</i> – <i>neghanal</i> – ‘chatear-se’	ABL	COBL, introduzido pela prep. <i>com</i>
<i>կառչել</i> – <i>karch</i> ‘el’ – ‘agarrar-se’	ABL	COBL, introduzido pela prep. <i>a</i>
<i>հիանալ</i> – <i>hianal</i> – ‘admirar’, etc.	INST	ACU
<i>հավանել</i> – <i>havanal</i> – ‘gostar’	ACU	COBL, introduzido pela prep. <i>de</i>
<i>դիպել</i> – <i>dipch</i> ‘el’ – ‘tocar’ (<i>to touch</i>)	DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i>
<i>դնել</i> – <i>dnel</i> – ‘colocar’	DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i>
<i>հարվածել</i> – <i>harvatsel</i> – ‘bater’	DAT	DAT/COBL, introduzido pela prep. <i>a/em</i>
<i>նստել</i> – <i>nstel</i> – ‘sentar-se’	DAT	
<i>վստահել</i> – <i>vstahel</i> – ‘confiar’	DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i>
<i>հավատալ</i> – <i>havatal</i> – ‘acreditar’	DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i>
<i>կասկածել</i> – <i>kaskatsel</i> – ‘duvidar’	DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i>
<i>նայել</i> – <i>mayel</i> – ‘olhar’	DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i>

անցնել – <i>ants'nel</i> – ‘passar’ սպասել – <i>spasel</i> – ‘esperar’ հարմարվել – <i>harmarvel</i> – ‘acomodar-se’ հասնել – <i>hasnel</i> – ‘chegar’ մոտենալ – <i>motenal</i> – ‘aproximar-se’, etc.	DAT DAT DAT DAT DAT	COBL, introduzido pela prep. <i>em</i> COBL, introduzido pela prep. <i>para</i> COBL, introduzido pela prep. <i>para</i> COBL, introduzido pela prep. <i>por</i> COBL, introduzido pela prep. <i>a</i> COBL, introduzido pela prep. <i>de</i>
հետևել – <i>hetevel</i> – ‘seguir’ (=acompanhar) դիմանալ – <i>dimanal</i> – ‘resistir’ հասնել – <i>hasnel</i> – ‘alcançar’ ձերբակալել – <i>dzerbakalel</i> – ‘prender’ ողջունել – <i>voghjunel</i> – ‘cumprimentar’ հրավիրել – <i>hravirel</i> – ‘convidar’ վախեցնել – <i>vakhets'nel</i> – ‘assustar’ սովորեցնել – <i>sovorets'nel</i> – ‘ensinar’ վիրավորել – <i>viravorel</i> – ‘ofender’ օգնել – <i>ognel</i> – ‘ajudar’ ներել – <i>nerel</i> – ‘perdoar’, etc.	DAT	ACU
հարգել – <i>hargel</i> – ‘respeitar’ ատել – <i>atel</i> – ‘odiar’ սիրել – <i>sirel</i> – ‘amar’ ուղղել – <i>ughghel</i> – ‘corrigir’ հանել – <i>hanel</i> – ‘tirar’ հրել – <i>hrel</i> – ‘empurrar’ կորցնել – <i>kots'nel</i> – ‘perder’ ունենալ – <i>unenal</i> – ‘ter’ տեսնել – <i>tesnel</i> – ‘ver’ գտնել – <i>gtnel</i> – ‘encontrar’ թողնել – <i>t'oghnel</i> – ‘deixar’ հավանել – <i>havanel</i> – ‘gostar’ հասկանալ – <i>haskanal</i> – ‘entender’ ընտրել – <i>entrel</i> – ‘escolher’, etc.	ACU de pessoa [+animado] e ACU de objeto [- animado]	ACU

Entre os verbos que em arménio regem OI (DAT), mas em português OD (ACU), destacam-se aqueles cuja regência em arménio é fácil de explicar à luz da restrição semântica dos seus complementos. O conteúdo semântico de verbos como *ensinar*, *prender*, *ajudar*, *cumprimentar*, *assustar*, *ofender*, *convidar*, entre outros, faz com que esses selecionem sempre um complemento [+animado] ou [+humano]. Como já referido, em arménio, o caso atribuído aos complementos [+animado] e [+humano] é o DAT. Logo, a regência destes verbos, em arménio, com o tempo, passou a ser considerada o DAT.

Do ponto de vista do nosso trabalho, os verbos que em arménio selecionam um complemento em DAT, mas em português regem complementos em ACU, juntamente com aqueles que em arménio selecionam OD em ACU, mas com marcação casual diferentes (ACU

de pessoa e de coisa), apresentam um maior interesse, pois esperamos que com estes verbos será possível testar a influência da L1, na seleção de pronomes clíticos de PL2.

Ao analisar as diferenças entre estruturas argumentais dos verbos do arménio e do português, surge outra pergunta:

Será que a complexidade da estrutura argumental dos verbos portugueses contribui para uma aquisição tardia das propriedades de pronomes clíticos em PL2, evidenciando que as dificuldades de aprendentes de PL2, nativos de arménio, residem em interfaces que envolvem a sintaxe e outros domínios linguísticos? (ver PI 3)

2.2.7. Algumas questões de seleção dos pronomes clíticos de português relevantes para o estudo experimental

Tendo em conta a discussão anterior, e no sentido de afunilamos as questões relacionadas com a transferência dos traços presentes na L1 no processo de aquisição de L2, levantamos a seguinte pergunta:

Será que os falantes nativos de arménio, à luz da hipótese de transferência da L1, usam os clíticos DAT do português com os verbos que, em português, selecionam OD, mas em arménio OI [+humano] (como *ensinar*, *convidar*, *ofender*, *ajudar*¹¹⁹)?

Em paralelo, procurando compreender a possibilidade de transferência dos traços associados aos pronomes pessoais de arménio para o português, questionamos ainda:

Será que, para os falantes de arménio L1, os clíticos DAT do português são sempre associados ao traço [+humano]? (ver PI 1.1)

É nossa previsão que os falantes de arménio L1 associem os clíticos DAT do português ao traço [+humano] (Predição 1). Mais especificamente, se os falantes nativos de arménio transferirem os traços da sua gramática materna para português, espera-se que, na posição de OD selecionado por verbos como *ensinar*, *convidar*, *ofender*, escolham pronomes DAT (*lhe*, *lhes*). Assumindo que aos clíticos DAT de português será associado o traço [+humano], espera-se que o clítico DAT ocorra também com os verbos que selecionam OI [+humano] tanto em português, como em arménio (como *dizer*, *perguntar*, *oferecer*).

Por outro lado, se os falantes de arménio L1 e PL2 reservarem o traço [+humano] para os clíticos DAT do português, os mesmos não devem ser escolhidos para substituir as entidades

¹¹⁹ Obviamente, os verbos *ensinar*, *ajudar*, *ofender* podem selecionar complementos com traços [+animado, -humano], mas conforme justificamos na secção 2.2.5, o nosso estudo analisará os complementos com traço [+humano].

com traço [-humano]. Logo, com os verbos que em ambas as línguas selecionam complementos [±humano] (como *perder, ver, receber*), na posição de OD, a escolha deve cair sobre os clíticos ACU, quando o SN referente tiver traço [-humano] e sobre os clíticos DAT, se o antecedente apresentar traço [+humano]. Na mesma linha pensativa, o mesmo padrão (ACU=[-humano]; DAT=[+humano]) deverá ser verificado também com os verbos que selecionam OI [±humano] (como *pertencer, faltar, dedicar*).

Predição 1 (reformulada): Em PL2, os falantes de arménio L1 associam os clíticos ACU ao traço [-humano] e os clíticos DAT ao traço [+humano], quer na posição do OD, quer na posição do OI, sobretudo nos estádios iniciais de aquisição, sendo ainda possível que essas dificuldades persistam nos estádios mais avançados de aquisição, apresentando fossilizações.

Se os falantes de arménio L1 e PL2 associarem o traço [-humano] aos clíticos ACU de português, espera-se que os verbos que selecionam OD [-humano] (como *beber, ler, imprimir, abrir*) não sejam problemáticos, i.e., os clíticos escolhidos com estes verbos devem ser os ACU. Em contrapartida, os verbos que selecionam OI [-humano] em português (como *anexar, adicionar, misturar, acrescentar*) deverão criar uma maior confusão para os falantes nativos do arménio. Estes verbos, juntamente com os que selecionam OI [±humano] (como *pertencer, faltar, dedicar*), quando acompanhados com um complemento [-humano], serão mais problemáticos para a nossa análise, pois a influência da L1 no caso desses poderá ocorrer em dois níveis:

- (i) se os falantes nativos do arménio associarem o traço [-humano] aos clíticos ACU, a resposta prevista será o ACU; todavia,
- (ii) se os falantes nativos transferirem o traço de caso associado aos complementos regidos por estes verbos, poderão optar por DAT, pois a regência destes verbos é igual em ambas as línguas ((53)).

(53) Անդրեն մի կառույց է կցել դրան (= իր ավտոտանակին):
Andren mi karuyts ‘ACU *ē* *kts* ‘el *dran* (= *ir* GEN *avtotnakin* DAT)
 Andre NOM uma construção ACU AUX_{3.ªp} anexar PCP *lhedat* (= *sua* GEN *garagem* DAT)
 ‘O André anexou-**lhe** (= à sua garagem) uma construção.’

Este facto, pode levar a oscilação entre os casos ACU e DAT dos clíticos de português, logo nas fases iniciais de aquisição até o *input* levar os falantes fixarem um dos valores. Importa

referir que a oscilação, nos níveis iniciais, é expectável com todos os verbos, mas deve ser mais evidente sobretudo com os que seleccionam complementos $[\pm\text{humano}]$. Se bem que, caso um falante nativo de arménio transfira o conhecimento da sua L1, conforme já argumentámos, deverá optar por formas diferentes para clíticos ACU e DAT em português. Logo, é expectável que os falantes de arménio L1, quando o traço do OI é $[-\text{humano}]$ com os verbos que seleccionam OI com traço $[-\text{humano}]$ (e.g., *anexar, adicionar, misturar, acrescentar*), mas também com os verbos que seleccionam complementos com traço $[\pm\text{humano}]$ (e.g., *pertencer, faltar, dedicar*), nos estádios iniciais de aquisição de PL2, optem mais vezes por clíticos ACU; porém, o facto de em arménio também o caso associado aos complementos destes verbos ser o DAT deverá acelerar o processo de aquisição e, com esses verbos, nos estádios intermédios de aquisição de pronomes clíticos de PL2, em comparação com os verbos que seleccionam OI com traço $[\pm\text{humano}]$ em arménio e OD em português (e.g., *ensinar, convidar, ofender*), a oscilação entre os clíticos ACU e DAT deverá ser maior.

Deste modo, por forma a verificar a possível transferência da gramática da L1 no processo da aquisição dos pronomes clíticos do português por parte dos falantes nativos do arménio, para o estudo experimental serão considerados os seguintes verbos com os seguintes traços de complementação (tabela 2.9).

Tabela 2.9. Verbos e condições de complementação no estudo experimental

Regência	Traço do complemento testado	Verbo
TD	$[-\text{humano}]$	<i>beber, imprimir, ler</i>
TD	$[\pm\text{humano}]$	<i>ofender, convidar, ensinar</i>
TD	$[\pm\text{humano}]$	<i>perder, receber, ver</i>
TDI	$[-\text{humano}]$	<i>anexar, adicionar, acrescentar</i>
TDI	$[\pm\text{humano}]$	<i>perguntar, oferecer, dizer</i>
TI ou TDI	$[\pm\text{humano}]$	<i>pertencer, faltar, dedicar</i>

Importa mencionar, que a nossa análise incide sobre os complementos indiretos dos verbos transitivos diretos e indiretos (TDI) da tabela 2.9, razão pela qual esses verbos doravante serão referidos como verbos que seleccionam OI.

Conforme se deduz da tabela 2.9, os clíticos-alvo serão 50% ACU e 50% DAT. Com esta medida, asseguraremos um equilíbrio absoluto entre eles, crucial para a nossa análise, inclusive para a verificação da possibilidade de os clíticos DAT serem utilizados mais vezes,

nas produções de falantes de PL2 que adquiriam a língua em contexto de imersão. Ora, na assimetria do uso de pronomes clíticos ACU e DAT de português, poderá ainda ter impacto o fenómeno de personificação. Segundo explicitámos na secção 2.2.5, a presença das entidades que podem resultar na personificação de objetos e uso de pronomes DAT, onde o esperado é o ACU, será levada ao mínimo, apenas no sentido de suportar a hipótese de os falantes de arménio L1 transferirem os traços intrínsecos aos itens lexicais para o PL2, no processo de aquisição de seleção casual de pronomes clíticos. Assim, assumindo que haverá um desequilíbrio entre o uso de pronomes ACU e DAT, a favor dos DAT, será importante verificar o contexto em que ocorre mais frequentemente o uso de clíticos DAT. Se o mesmo acontecer juntamente com os verbos que legitimam a personificação em arménio, poderá funcionar como um argumento a favor da hipótese de transferência da L1. Se não se encontrar nenhuma relação entre o uso de pronomes DAT e os contextos que legitimam a personificação de OD em arménio, deverá haver uma ligação entre a generalização dos clíticos DAT e o facto de esses serem foneticamente mais salientes no *input*.

No panorama da assimetria esperada entre o uso de clíticos ACU e DAT, importa ter em conta ainda o contexto em que ocorre(u) a aquisição do português. Nas produções dos falantes de PL2 que não tiveram acesso ao ensino explícito, deverá verificar-se mais generalização dos DAT com referentes [+humanos] e dos ACU com referentes [-humanos]. Ao contrário disso, nas produções dos falantes que tiveram acesso ao ensino formal, prevemos observar mais oscilação entre os clíticos ACU e DAT, nos estádios iniciais e intermédios de aquisição, por todos os clíticos lhes serem introduzidos durante a instrução.

Por último, em todas as condições testadas, os SN a serem substituídos por um pronome clítico serão [+definidos]. Conforme mencionámos, a questão da definitude do referente anafórico não é relevante em português, nem foi alvo de discussões em arménio. No entanto, em alguns contextos do arménio, um constituinte [-definido] pode dificultar a substituição do mesmo por pronomes pessoais ((54)), divergindo a opinião de falantes nativos desta língua¹²⁰.

(54)	/ʔʌ́hɪ́	unɪutɪ ɛ	նրան	(=ինչ-որ մարդու):
	/ʔAnin	tesel ē	nran	ACU de pessoa (=inch‘-vor mardu ACU de pessoa)
	/ʔAni NOM	viu PCP AUX _{3,p}	ele	ACU de pessoa (=alguma pessoa ACU de pessoa)

¹²⁰ Por forma a sustentar esta posição, recorremos a um pequeno teste de julgamento de gramaticalidade com a participação de oito falantes nativos do arménio. 37,5% dos participantes aceitaram a ocorrência do pronome pessoal նրան – *nran* – ‘ele_{DAT/ACU}’ na posição do objeto da frase, enquanto os outros 62,5% demonstraram-se céticos em relação a isso. O teste aplicado é disponibilizado no anexo 5, onde apresentamos ainda a tradução dos itens testados para o português.

‘A Ani viu- o (= uma pessoa qualquer).’

Por forma a descartar qualquer influência deste valor na seleção dos clíticos em PL2, no teste de eliciação, optámos por SN [+definidos] que em ambas as línguas podem ser substituídas por um pronome pessoal.

2.2.8. Questões de ordem sintática do arménio

Para avançarmos com a nossa discussão, no que diz respeito à colocação de pronomes pessoais de português, nas produções linguísticas de falantes de arménio L1, é necessário saber se existem restrições sintáticas que condicionam a distribuição dos pronomes pessoais dessa língua. Para isso, interessa-nos compreender ainda algumas particularidades sintáticas da língua arménia que não são partilhadas com o português.

Se em português, a alteração da ordem V-Cl, nas orações declarativas como em (55a) causa agramaticalidade ((55b) – (55e)), em arménio, o movimento sintático do pronome complemento, tanto para a esquerda, como para a direita, mesmo quando se observa interpolação entre o verbo e o pronome pessoal, não causa agramaticalidade, conforme mostrado nos exemplos de (56), onde o pronome pessoal está marcado a vermelho e o verbo que o selecciona aparece a negrito.

- (55)
- a. A minha mãe normalmente **vê**-o no jardim.
 - b. * A minha mãe normalmente o **vê** no jardim.
 - c. * A minha mãe o normalmente **vê** no jardim.
 - d. * O a minha mãe normalmente **vê** no jardim.
 - e. * A minha mãe normalmente **vê** no jardim o.

(56)

a. V -Pron

Մայրս	սովորաբար	տեսնում է	<u>նրան</u>	այգում:
<i>Mayrs</i>	<i>sovorabar</i>	<i>tesnum ē</i>	<i>nran</i>	<i>aygum</i>
minha mãe	NOM	normalmente	vê	PCP
			AUX	3.ªp
			<u>ele</u>	ACU
				jardim
				LOC

‘A minha mãe normalmente vê-o no jardim.’

b. **Pron-V**

Մայրս	սովորաբար	նրան	տեսնում է	այգում:
<i>Mayrs</i>	<i>sovorabar</i>	<i>nran</i>	<i>tesnum ē</i>	<i>aygum</i>
minha mãe _{NOM}	normalmente	ele _{ACU}	vê _{PCP} AUX _{3.ªp}	jardim _{LOC}

‘A minha mãe normalmente vê-o no jardim.’

c. **Pron - Adv - V**

Մայրս	նրան	սովորաբար	տեսնում է	այգում:
<i>Mayrs</i>	<i>nran</i>	<i>sovorabar</i>	<i>tesnum ē</i>	<i>aygum</i>
minha mãe _{NOM}	ele _{ACU}	normalmente	vê _{PCP} AUX _{3.ªp}	jardim _{LOC}

‘A minha mãe normalmente vê-o no jardim.’

d. **V- MOD - Pron**

Մայրս	սովորաբար	տեսնում է		այգում	նրան:
<i>Mayrs</i>	<i>sovorabar</i>	<i>tesnum</i>	<i>ē</i>	<i>aygum</i>	<i>nran</i>
minha mãe _{NOM}	normalmente	v _{PCP}	AUX _{3.ªp}	jardim _{LOC}	ele _{ACU}

‘É ele que a minha mãe normalmente vê no jardim.’

e. **Pron - S - Adv - V**

Նրան մայրս	սովորաբար	տեսնում է	այգում:
<i>nran mayrs</i>	<i>sovorabar</i>	<i>tesnum ē</i>	<i>aygum</i>
ele _{ACU} minha mãe _{NOM}	todos dias	vê _{PCP} AUX _{3.ªp}	jardim _{LOC}

‘Ele, a minha mãe normalmente vê no jardim.’

O movimento sintático dos pronomes pessoais do arménio é devido às suas características prosódicas – os pronomes pessoais de arménio são tónicos.

Ao contrário do português, os pronomes complemento de arménio, por serem itens lexicais tónicos, podem ainda aparecer isoladamente no discurso (compare (57a) e (58a)) ou, identicamente a outros constituintes frásicos, ser focalizados (compare (57b) e (58b)).

- (57) a. P: - Ո՞ւմ է մայրս սովորաբար տեսնում է այգում:
 - *Um ē mayrs sovorabar tesnum aygum?*
 - quem_{AUX}_{3.ªp} minha mãe_{NOM} habitualmente **vê**_{PCP} jardim_{LOC}
 - ‘Quem é que a minha mãe vê habitualmente no jardim?’

R: - **Նրան:**

- *nran*

- **ele** _{ACU}

- ‘Ele.’

- b. **Նրան** է մայրս սովորաբար տեսնումս այգում:
nran ē mayrs sovorabar tesnum_{PCP} aygum
ele _{ACU} **AUX_{3,p}** minha mãe habitualmente vê _{PCP} jardim _{LOC}
‘É ele que a minha mãe normalmente vê no jardim.’

(58) a. P: - Quem a minha mãe habitualmente vê-o no jardim?

R: - *O/A.

- b. *O a minha mãe vê habitualmente no jardim.

Os exemplos acima mostram que, nas declarativas simples, a alteração da ordem V-Pron de arménio, ao contrário da ordem V-Cl de português, não causa agramaticalidade, mas em alguns casos pode resultar na alteração do significado da frase (*e.g.*, (56d), (56e)).

Como referido por Papoyan e Badikyan (2003: 13), apesar de a ordem sintática em arménio ser flexível, não é aleatória. Na secção 2.2.1, vimos que tal liberdade se deve à marcação casual de constituintes da oração. Todavia, existem moldes sintáticos fixos, cuja alteração pode causar mudança do significado da frase (compare (59a) e (59c); (60a) e (60b)) ou mesmo agramaticalidade (compare (59a) e (59b); (61a) e (61b)).

- (59) a. Արամի **հոր** ավտոն կազնած է փողոցի մյուս կողմում:
Arami hor avton kangnats ē p‘oghots ‘i myus koghmun
Aram _{GEN} **pai** _{GEN} avton _{NOM} parado _{PCP} **AUX_{3,p}** rua _{GEN} outro lado _{LOC}
‘O carro do pai do Aram está estacionado noutro lado da rua.’

- b. ***Հոր** Արամի ավտոն կազնած է փողոցի մյուս կողմում:
**Hor Arami avton kangnats ē p‘oghots ‘i myus koghmun*
***Pai** _{GEN} Aram _{GEN} avton _{NOM} parado _{PCP} **AUX_{3,p}** rua _{GEN} outro lado _{LOC}
‘O carro do pai do Aram está estacionado noutro lado da rua.’

- c. Արամի հոր ավտոն է կազնած փողոցի մյուս կողմում:
Arami hor avton ē kangnats p'oghots 'i myus koghmum
 Aram GEN pai GEN avton NOM AUX_{3,p} parado PCP rua GEN outro lado LOC
 ‘É o carro do pai do Aram que está estacionado noutro lado da rua.’

- (60) a. **Ուրախ** երեխան խոսում էր անդադար:
Urakh yerekhan khosum ēr andadar
Feliz criança NOM falava PCP AUX_{3,p} sem parar
 ‘A criança feliz falava sem parar.’

- b. Երեխան **ուրախ** խոսում էր անդադար:
Yerekhan urakh khosum ēr andadar
 criança NOM **feliz** falava PCP AUX_{3,p} sem parar
 ‘Feliz, a criança falava sem parar.’

- (61) a. Մտավ նա, **ում** Արամը հանդիպել էր երեկ:
Mtav na, um Aramē handipel ēr yerek
 Entrou ele, **quem** Aram NOM encontrou PCP AUX_{3,p} ontem
 ‘Entrou a pessoa que o Aram tinha encontrado ontem.’

- b. *Մտավ նա, Արամը հանդիպել էր երեկ **ում**:
 **Mtav na, Aramē handipel ēr yerek um*
 *Entrou ele, Aram NOM encontrou PCP AUX_{3,p} ontem **quem**
 ‘Entrou a pessoa que o Aram tinha encontrado ontem.’

Os exemplos que demos acima são apenas alguns dos múltiplos casos em que a ordem sintática é considerada fixa em arménio. Papoyan e Badikyan (2003) afirmam que existem diversas situações de sintaxe fixa, entre eles os moldes sintáticos¹²¹ ‘possuidor + possuidor + possuído (em arménio: *hատկացուցիչ + հատկացուցիչ + հատկացյալ*)’; ‘atributo + nome (em arménio: *որոշիչ + որոշյալ*)’; e verbo + objeto (ou complemento) e adjunto (em arménio:

¹²¹ O termo usado na gramática arménia é կաղապարներ – *kaghaparnēr* - ‘moldes’ (ver Papoyan & Badikyan (2003: 4)).

ստորոցալ + խնդիր կամ պարագա)¹²²; e a posição dos sujeitos expressos por pronomes relativos e interrogativos, como exemplificados em cima.

Em (59a), o SN que desempenha a função do sujeito da frase é um molde ‘possuidor (Արամի – *Arami*_{GEN} – ‘do Aram’) + possuidor (հոր – *hor*_{GEN} – ‘do pai’) + possuído (ավտոն – *avton* – ‘o carro’). A alteração da ordem dos possuidores resulta em agramaticalidade¹²³. O molde ‘possuidor + possuído’ não apresenta interesse para a presente investigação, por isso, não será discutido adiante.

No que diz respeito ao molde ‘atributo + nome’, é do nosso interesse saber que o atributo normalmente ocupa a posição à esquerda do nome¹²⁴. Em (60a), a posição da palavra ուրախ – *urakh* – ‘feliz’ – à esquerda do nome – é indicação de que o mesmo o modifica (é um adjetivo), i.e., a criança está feliz. Ora, em (60b), a mesma palavra ուրախ – *urakh* – ‘feliz’, posicionando-se à esquerda do verbo, adquire o valor de um advérbio, logo, entendemos que não é a criança que está feliz, mas sim fala alegremente.

Em (61b), tal como seria em português, a alteração da ordem complementador-subordinada, causa agramaticalidade.

Já em (59c), a alteração da ordem Vpcp-Vaux não causa agramaticalidade, mas antes resulta como focalização do sujeito.

Em alguns casos, nomeadamente, quando a intenção do locutor é enfatizar um dos constituintes, como vimos em (59c), em arménio, dá-se a inversão da ordem básica.

Uma vez que a nossa análise diz respeito à aquisição de pronomes complemento de português, o nosso foco incidirá sobre o molde ‘verbo + complemento’ de arménio, que analisaremos mais detalhadamente à luz da ordem sintática (básica e invertida). Algumas particularidades sintáticas, nomeadamente, a distribuição do Vaux do arménio, numa sintaxe invertida receberá particular atenção, pois, tal como veremos adiante, ajudar-nos-á a compreender os traços existentes nas gramáticas mentais de falantes de arménio L1, que

¹²² O complemento de um verbo, em arménio, pode ser um խնդիր – *khndir* – ‘objeto’ (direto, indireto ou indireto circunstancial, que equivale aos COBL de português), ou um պարագա – *paraga* – que, num sentido lato, é equivalente aos modificadores ou adjuntos de português. Do ponto de vista semântico, os objetos complementos do verbo denotam objetos ligados a ação, enquanto os modificadores mostram características e circunstâncias, nem sempre sendo a distinção entre eles muito clara (Papoyan & Badikyan, 2003).

Para a distinção entre os objetos (em arménio, խնդիր – *khndir*) e modificadores, պարագա – *paraga*) de arménio, ver autores como Jahukyan (1974), Papoyan e Badikyan (2003), entre outros.

¹²³ A alteração da ordem ‘possuidor + possuído’, quando existe apenas um possuidor, não resulta na agramaticalidade da frase, desde que não haja interpolação entre eles. Tal como no molde ‘atributo+nome’, no registo literário, sobretudo por questões estilísticas, a ordem ‘possuído + possuidor’ é bastante recorrente.

¹²⁴ A inversão da ordem ‘atributo+nome’, i.e., a ordem ‘nome+atributo’ também é aceitável em arménio, tendo marcação gráfica, sobretudo se for complexo. Quando o atributo composto por mais que uma palavra segue o nome que modifica, é dele separado pelo sinal de pontuação “”.

poderão influenciar (ou não) a aquisição de distribuição sintática de pronomes pessoais em português.

A nossa discussão começaremos por esclarecer se a ordem básica de arménio é SVO ou SOV, pois como mostramos na secção 2.2.1, tanto uma como outra são possíveis nesta língua.

2.2.8.1. O arménio é uma língua SVO ou SOV?

Asilbekyan (2012) afirma que em arménio são possíveis seis ordens sintáticas de S(ujeito), V(erbo) e O(bjeto direto). De facto, o arménio permite a combinação livre de constituintes nas orações simples declarativas. Podemos observar, nos exemplos seguintes, que as ordens SVO ((62a)), SOV ((62b)), VOS ((62c)), OSV ((62d)), OVS ((62e)) e VSO ((62f)) são possíveis.

- (62) a. Արամը գնում է դպրոց: SVO
 Aramě *gnum* *ē* *dprots* ‘
 Aram NOM vai PCP AUX_{3.p} escola ACU
 ‘O Aram vai para a escola.’
- b. Արամը հաց է ուտում: SOV
 Aramě *hats* ‘ *ē* *utum*
 Aram NOM pão ACU AUX_{3.p} come PCP
 ‘O Aram está a comer pão.’
- c. Գնում էին կռիվ մեր հայրերը: VOS
 gnum ein *křiv* *mer* *hayrerě*
 iam_{PCP} AUX_{3.p} batalha ACU nosso pais NOM
 ‘Os nossos pais estavam a ir para a batalha.’
- e. Գրքերը Արամը տարել է: OSV
 grk’erě *Aramě* *tarel* *ē*
 livros ACU Aram NOM levou PCP AUX_{3.p}
 ‘Os livros, o Aram levou(-os).’

f.	Սիրունկ	ենք	մենք	մեր	հայրենիքը:	VSO
	<i>sirum</i>	<i>enk</i> ‘	<i>menk</i> ‘	<i>mer</i>	<i>hayrenik</i> ‘ě	
	amamos _{PCP}	AUX _{1.ªp}	nós _{NOM}	nossa	pátria _{ACU}	
	‘Amámos a nossa pátria.’					

Destas, no entanto, são mais recorrentes as ordens SVO e SOV, sendo, na língua contemporânea, a mais recorrente a ordem SVO (cf. Asilbekyan, 2012; Papoyan & Badikyan, 2003). Assim demonstram também os dados recentes. Faghiri e Samvelian (2020), analisando as produções orais e escritas de nativos de arménio¹²⁵, descobrem que de facto os arménios recorrem à ordem SVO em 78,9% e SOV em 16,3% das orações, enquanto as outras ordens em conjunto aparecem em menos que 5% de frases. Se há consenso entre os estudiosos da língua arménia, que as ordens SVO e SOV são as mais recorrentes em arménio, a discussão em torno da questão de qual dessas é a ordem básica dessa língua continua aberta. Autores como Dum-Tragut (2002), Minassian (1980: 263), Tamrazyan (1994: 7), entre outros, consideram o arménio uma língua SOV, enquanto Abrahamyan *et al.* (1975), Papoyan e Badikyan (2003), Sevak (2009) e outros expressam-se a favor da ordem SVO. Alguns estudos (*e.g.*, Dum-Tragut, 2009; Dryer, 2013, em *The world atlas of language structures online* (WALS)) defendem ainda a ideia de que o arménio não tem uma ordem dominante e que não é possível especificar se essa língua é SOV ou SVO.

Badikyan (1976) especifica que a ordem básica de arménio é SVO quando o OD é [+definido], enquanto a ordem SOV deve ser reservada para os OD [-definido] e para as orações com foco marcado.

De facto, a ordem SVO é recorrente em arménio, mas quando o OD da oração tem traço [-definido], é mais natural a ordem SOV ((63a)), embora a ordem SVO ((63b)) não seja inaceitável (ver, *e.g.*, Badikyan, 1976: 157, Dum-Tragut, 2009: 562¹²⁶).

(63)	a.	Ես	(մի) նամակ	եմ	գրում:	SOV
		<i>Yes</i>	(mi) <i>namak</i>	<i>em</i>	<i>grum</i>	
		eu _{NOM}	(uma) carta _{ACU}	AUX _{1.ªp}	escrevo _{PCP}	
		‘Estou a escrever uma carta.’				

¹²⁵ O estudo baseou-se no corpus de falantes nativos de arménio (*Eastern Armenian National Corpus – EANC*), disponível em: <http://eanc.net/>.

¹²⁶ Esta assunção de Dum-Tragut é referente a todos os OD indefinidos e não especificados, sejam substantivo simples ou inseridos por um determinante. Papoyan e Badikyan (2003), quando o OD é [-definido], aceitam a ordem SVO, mas referem que essa ordem é estranha em arménio.

b.	Ես	գրում	եմ	(մի) նամակ:	SVO
	<i>yes</i>	<i>grum</i>	<i>em</i>	(mi) <i>namak</i>	
	eu	escrevo _{PCP}	AUX _{1.p}	(uma) carta _{ACU}	
	‘Estou a escrever uma carta.’				

Ora, apesar de a ordem SOV ser mais natural quando em arménio o OD é [-definido], nas orações de (63), observamos que, ao contrário da ordem SVO (((63b))), na ordem SOV ((63a)), o Vaux e o Vpcp têm ordem invertida. Sem a inversão da ordem Vpcp-Vaux, uma frase com o OD [-definido] à esquerda do verbo será agramatical ((64)).

(64)	*Ես	(մի) նամակ	գրում	եմ:	SOV
	* <i>Yes</i>	(mi) <i>namak</i>	<i>grum</i>	<i>em</i>	
	*eu _{NOM}	(uma) carta _{ACU}	escrevo _{PCP}	1. ^a p AUX	
	‘Estou a escrever uma carta.’				

Autores como Papoyan e Badikyan (2003), Tamrazyan (1994) argumentam que a ordem Vpcp-Vaux se altera na sintaxe invertida. Com efeito, como mostra Tamrazyan (1994: 9), nas orações declarativas simples, o Vaux deve seguir o Vpcp, se não a frase será agramatical. Tal agramaticalidade é mais óbvia nas orações constituídas apenas por um verbo. Compare as orações de (65a) com (65b) ou de (66a) com (66b).

(65)	P:	– Գնում	ե՛ս	դպրոց:	
		– <i>Gnum</i>	<i>es</i>	<i>dprots</i> ‘?’	
		– vais _{PCP}	AUX _{2.p}	escola _{ACU}	
		– ‘Vais à escola?’			
	R:	– (a) Այո: Գնում	եմ:	/ (b) *Այո: Եմ	գնում:
		– <i>ayo.</i> <i>gnum</i>	<i>em</i>	/	* <i>ayo.</i> <i>Em</i> <i>gnum</i>
		– sim. vou _{PCP}	AUX _{1.p}	/	*sim. AUX _{1.p} vou _{PCP}
		– ‘Sim. Vou.’		/	‘Sim. Vou.’
(66)	a.	Անձրեւում	է:		
		<i>Andzrevum</i>	<i>ē</i>		

	Chove _{PCP}	AUX _{3.p}
	‘Chove.’	
b.	*Է	սխմարում:
	* $\bar{E}$	<i>andzrevum</i>
	*AUX _{3.p}	chove _{PCP}
	‘Chove.’	

Não pretendendo desenvolver uma discussão exaustiva sobre a ordem básica de arménio, o que sai do foco do presente estudo, interessa-nos apenas responder a uma questão:

Em arménio, se a ordem básica com os complementos verbais que apresentam traço [-definido] é SOV, como explicar a inversão da ordem Vpcp-Vaux, pois, conforme vimos, na sintaxe básica, o Vaux segue o Vpcp?

Para responder à questão referida, é necessário retomar alguns aspetos.

A argumentação de vários autores que defendem o arménio ser uma língua SOV, baseia-se sobretudo no facto de a posição de foco em arménio contemporâneo ser à esquerda do verbo finito¹²⁷. Aliás, conforme Comrie (1988), que se preocupa sobretudo com o foco contrastivo, a regra básica de arménio é o foco preceder imediatamente o verbo finito. Veremos adiante, que essa regra não pode ser assumida como absoluta¹²⁸. Contudo, a inversão da ordem básica Vpcp-Vaux é realmente explicável pelo facto de o OD apresentar o foco marcado da frase. O OD [-definido], por ser primeiramente introduzido no discurso, constitui em foco informacional da frase, posicionando-se à esquerda do verbo e desencadeando inversão da ordem Vpcp-Vaux.

Em arménio contemporâneo, essa inversão não é típica apenas para o OD [-definido]. Observamo-la ainda com OD [+definido], em posição pré-verbal, como em (67a), se bem que, ao contrário do OD [-definido], a posição pré-verbal do OD [+definido], sem que haja inversão da ordem Vpcp-Vaux, já é uma possibilidade em arménio, embora se observe alteração do significado da frase (compare (64) e (67b)). Em (67c), o OD [+definido] também segue o verbo e já não ocorre inversão da ordem Vpcp-Vaux, mas existe diferença de significado entre (67b) e (67c).

¹²⁷ A correlação entre a posição pré-verbal de foco e a ordem OV está descrita e fundamentada em uma série de trabalhos do final do século anterior (e.g., Kim, 1988, Herring & Paolillo, 1995).

¹²⁸ O próprio autor (*op. cit.*) admite que o foco pode igualmente estar à direita do verbo e que à esquerda do verbo é obrigatoriamente a posição de foco para os pronomes interrogativos.

- (67) a. Ես նամակն եմ գրում: SOV
Yes namake em grum
 eu_{NOM} carta_{ACU} AUX_{1.ªp} escrevo_{PCP}
 ‘É a carta que estou a escrever.’
- b. Ես նամակը գրում եմ: SVO
yes namakě grum em
 eu_{NOM} carta_{ACU} escrevo_{PCP} AUX_{1.ªp}
 ‘Estou a escrever a carta (mas não a ler, por exemplo).’
- c. Ես գրում եմ նամակը: SVO
yes grum em namakě
 eu_{NOM} escrevo_{PCP} AUX_{1.ªp} carta_{ACU}
 ‘Estou a escrever a carta.’

Quando o verbo seleciona um OI, a ordem básica do arménio continua a ser SVO (e.g., (68a)), independentemente de o OI ter traços [$\pm$ definidos], e a ordem SOV, quando em simultâneo se observa inversão da ordem Vpcp-Vaux, pode ser indicação de que o OI é o foco contrastivo da frase (como em (68b)), enquanto, sem a inversão da ordem Vpcp-Vaux, o OI interpreta-se apenas como foco informacional da oração (como em (68c)).

- (68) a. Երեկ զանգել եմ մի անծանոթի /մամային: SVO
yerek zangel em mi antsanot‘i / mamayin
 ontem liguei_{PCP} AUX_{1.ªp} um desconhecido_{DAT} / mamã_{DAT}
 ‘Ontem liguei a um desconhecido / à mamã.’
- b. Երեկ մի անծանոթի /մամային եմ զանգել: SOV
yerek mi antsanot‘i_{DAT} / mamayin_{DAT} em zangel
 ontem um desconhecido_{DAT} / mamã_{DAT} AUX_{1.ªp} liguei_{PCP}
 ‘É a um desconhecido / à mamã que liguei ontem.’
- c. Երեկ մի անծանոթի /մամային զանգել եմ: SOV
yerek mi antsanot‘i_{DAT} / mamayin_{DAT} zangel em

ontem um desconhecido _{DAT} / *mamã* _{DAT} liguei _{PCP} AUX_{1.p}

‘Liguei (mas não encontrei) a um desconhecido / à mamã ontem.’

Portanto, tanto a posição do objeto como a inversão da ordem Vpcp-Vaux numa frase são relevantes para a sua interpretação. Nos exemplos de (63a), (67a) e (68b), os complementos verbais apresentam tipicamente o foco da frase, sendo acompanhados pelo Vaux. Entre eles, os de (67a) e (68b) são interpretados como foco contrastivo.

Assim, parece-nos plausível considerar que a ordem básica de arménio é SVO. Reformulando a assunção de Badikyan (1976), argumentaremos que a ordem SOV não é a ordem básica de arménio, pois nesse caso normalmente observamos alteração da ordem básica Vpcp-Vaux. A ordem SOV antes é a ordem natural das orações com OD [-definido] e das orações com foco contrastivo marcado. Samvelian *et al.* (2023), referindo que o arménio clássico é uma língua de SVO (cf. Donabedian-Demopoulos, 2010; Hayrapetyan, 2005) argumentam ainda que em arménio moderno a ordem SOV para os OD [-definido] / nomes simples é fruto de contacto com o persa, o que, porém, não resultou no abandono da ordem SVO para os OD [+definido].

Quanto ao uso das ordens SVO e SOV, Papoyan e Badikyan (2003: 20) afirmam que a ordem SVO é mais comum na linguagem oficial e académica, enquanto a inversão dessa ordem é uma estratégia estilística, mais recorrente na linguagem literária. Ao contrário da ordem básica, que apenas relata acontecimentos, a ordem invertida permite transmitir os sentimentos do locutor. Na opinião de Abeghyan (1965), a ordem invertida da sintaxe torna a língua mais vívida e musical. A inversão da ordem básica em arménio, porém, não é apenas uma questão estilística. Vimos que a inversão da ordem básica em arménio é uma operação sintática que permite marcar algum constituinte da frase, ao nível da sintaxe, interferindo ainda na interpretação da frase. Em arménio, a alteração da ordem VO para OV, como vimos, pode resultar na inversão da ordem Vpcp-Vaux também, e conforme explicitaremos adiante, gerar ainda alterações prosódicas da frase. Jahukyan (1974), Papoyan e Badikyan (2003: 13, 22), entre outros, defendem que, nas línguas de ordem livre, para a comunicação ser mais rica e mais expressiva, um papel importante tem ainda o tom e sobretudo o tom entoacional mais elevado numa frase – o acento lógico, que é visto pelos autores como um componente da sintaxe, possuindo ao mesmo tempo efeitos estilísticos e podendo interferir na interpretação das funções semânticas numa frase. Jahukyan (1974) nota que o tom e o acento lógico, além de transmitirem as ideias subjetivas do falante (sentimentais, de conhecimento, etc.), usam-se para expressar relações discursivo-sintáticas. Conforme esse autor, a função do acento lógico

é chamar a atenção do interlocutor para um dado elemento frásico. Papoyan e Badikyan (2003) defendem que o acento lógico de uma frase tem a função de marcar o rema, i.e., a informação nova da frase¹²⁹. Por palavras de Abeghyan (1971), o acento lógico é o mais forte entre os acentos de uma frase (acento tonal de palavra e acento gramatical).

Sugerimos, nas subsecções seguintes, analisar a sintaxe invertida e básica de arménio, dando uma atenção às particularidades prosódicas que as sintaxes invertida ou básica apresentam.

2.2.8.2. A focalização dos constituintes em arménio

Em arménio, as funções semânticas dos constituintes de uma oração e a sintaxe estão interligadas. Como é sabido, o tema de uma oração é a informação conhecida, enquanto o rema é a informação nova para a qual o falante pretende chamar atenção, que visa destacar no discurso¹³⁰. Em arménio, esse destaque é possível através de várias operações: (i) do uso de formas verbais finitas; (ii) da inversão da ordem dos constituintes, (iii) do movimento do Vaux e (iv) da marcação prosódica (cf. Papoyan & Badikyan, 2003).

Olharemos para essas estratégias com algum detalhe.

Nas orações com a ordem básica de arménio, o constituinte que transmite a informação principal é o predicado, que segue o sujeito, não sublinhando ou não destacando nada, i.e., a função dele limita-se a relatar acontecimentos, a afirmar ou a negar algo. Portanto, nestas estruturas, o rema da frase é o verbo, sobre o qual recai o acento lógico – ou seja, o constituinte prosodicamente mais proeminente é o núcleo do predicado (Papoyan & Badikyan, 2003).

Conforme vimos na subsecção anterior, em arménio são possíveis as ordens: SVO, SOV, VOS, OSV, OVS e VSO. Obviamente, além das funções sintáticas centrais, uma frase pode contar ainda com outros constituintes (como adjuntos, COBL). Porém, com a intenção de simplificar a nossa análise, e também por o foco do nosso trabalho incidir sobre os pronomes objeto, olharemos para as frases declarativas simples em que estão realizadas as funções sintáticas centrais.

¹²⁹ O equivalente do acento lógico do arménio, em português, será o acento do foco prosódico ou foco contrastivo (*focal stress*, em Vigário, 2003), que, porém, conforme Frota e Vigário (1996/2001), não depende da intenção do falante. Ao apresentar dados sobre a língua arménia, usaremos a designação tanto ‘acento do foco prosódico’, como ‘acento lógico’. A sua distribuição, conforme Papoyan e Badikyan (2003), em alguns casos, por exemplo, nas frases em que o verbo é constituído apenas por um elemento (Vpcp) é livre e depende da intenção do enunciador. Contudo, conforme mostraremos adiante, essa assunção nem sempre é verdade e de facto, o acento lógico de uma frase de arménio aproxima-se ao acento do foco prosódico do português, em estruturas onde o verbo é constituído por Vpcp e Vaux.

¹³⁰ Abeghyan (1971) designa o rema e o tema da frase respetivamente como predicado e sujeito psicológicos.

Matematicamente, com três constituintes (S+V+OD) é possível criar seis orações ($1 \times 2 \times 3 = 6$) e com quatro constituintes (S+V+OD+OI) 24 orações ($1 \times 2 \times 3 \times 4 = 24$). No entanto, nem sempre todas as combinações têm valor gramatical¹³¹. Por outro lado, o movimento de constituintes pode criar diferenças estilísticas e de significado, conforme já foi referido e tal como exemplificamos em (78). Vários autores (*e.g.*, Comrie, 1988; Jahukyan, 1974), entre os quais Papoyan e Badikyan (2003), argumentam que, na inversão da ordem básica de uma oração, se observa focalização de outros constituintes frásicos, tornando-se o rema da frase o constituinte que precede o verbo finito ou o próprio verbo finito se esse estiver na primeira posição. Nas frases de (69), os constituintes que na opinião destes autores seriam o rema da frase são destacados a letras maiúsculas.

- (69) a. Երեխաները ԳՆԱՅԻՆ դպրոց: SVO
 Yerekhanerě *GNATS'IN* *dprots* '
 Crianças NOM FORAM escola ACU
 'As crianças foram para a escola.'
- b. Երեխաները ԴՊՐՈՅ գնացին: SOV
 Yerekhanerě *DPROTS* '
 Crianças NOM ESCOLA ACU foram
 'Foi para a escola que as crianças foram.'
- c. Դպրոց ԵՐԵԽԱՆԵՐԸ գնացին: OSV
 Dprots '
 escola ACU CRIANÇAS NOM foram
 'Foram as crianças que foram para a escola.'
- d. ԴՊՐՈՅ գնացին երեխաները: OVS
 DPROTS '
 ESCOLA ACU foram crianças NOM
 'Foi para a escola que as crianças foram.'

¹³¹ Papoyan e Badikyan (2003) mencionam que, nas frases com verbos bitransitivos, a ordem OI+V+S+OD e a ocorrência do verbo na primeira posição são marginalmente aceitáveis ou gerem mesmo agramaticalidade em arménio. As razões para a agramaticalidade nestes casos ficam fora do foco do nosso trabalho, pelo que contornaremos essa questão.

- e. ԳՆԱՑԻՆ երեխաները դպրոց: VSO
GNATS'IN yerekhanerě dprots'
 FORAM crianças NOM escola ACU
 'As crianças (afinal) foram para a escola.'
- f. ԳՆԱՑԻՆ դպրոց երեխաները: VOS
GNATS'IN dprots' yerekhanerě
 FORAM escola ACU crianças NOM
 'As crianças (afinal) foram para a escola.'

No entanto, as frases de (69d)-(69f) podem criar grandes divergências de interpretação entre os nativos¹³², embora as frases de (69a)-(69c) também exibam variações nos juízos. Assim, em (69d), caso o constituinte focalizado não seja graficamente assinalado, além da leitura *Foi para a escola que as crianças foram*, é legítima a interpretação *Foram as crianças que foram para a escola*¹³³. Em (69e), em paralelo com a leitura de *As crianças afinal foram para a escola*, é possível *Foi para a escola que as crianças foram*¹³⁴.

Como mencionámos, numa frase com ordem básica, normalmente não se observa nenhum destaque do rema, ou seja, nela, estão simplesmente a ser relatados factos. Conforme Papoyan e Badikyan (2003: 23-26), uma das estratégias gramaticais de marcação do rema na frase é o acento lógico (conforme os autores, de distribuição livre) que é o tom mais elevado da entoação numa frase, cuja função consiste em destacar a informação nova no enunciado. Dito de outra forma, a palavra prosodicamente proeminente, destacada pelo falante, será o rema, que carregará o acento lógico da frase, independentemente da sua posição sintática. À luz desta explicação, retomamos os exemplos de (69d), (69e) e (69f) respetivamente em (70), (71) e (72), destacando, com letras maiúsculas, os constituintes a que também pode ser atribuído o acento lógico, independentemente de esses precederem ou não o verbo finito na oração.

¹³² Ao longo da nossa pesquisa, quanto ao julgamento de aceitabilidade e de gramaticalidade de frases em arménio, bem como no que toca à interpretação das mesmas, tal como já referido na nota 120, recorremos sempre à ajuda de oito falantes nativos de arménio, adultos e licenciados, aos quais agradecemos a ajuda.

¹³³ Nesse caso, o constituinte destacado com letras maiúsculas seria երեխաները – *yerekhanerě* – ‘as crianças’ (ver (70)).

¹³⁴ Nesse caso, o constituinte destacado com letras maiúsculas seria դպրոց – *dprots* – ‘escola’ (ver (71)).

- (70) Դպրոց զնացին ԵՐԵԽԱՆԵՐԸ: OSV
dprots ‘ *gnats* ‘in *YEREKHANERĖ*
escola _{ACU} foram CRIANÇAS _{NOM}
‘Foram as crianças que foram para a escola.’
- (71) Զնացին երեխաները ԴՊՐՈՅ: VSO
Gnats ‘in *yerekhanerĕ* *DPROTS* ‘
foram crianças _{NOM} ESCOLA _{ACU}
‘Foi para a escola que as crianças foram.’
- (72) Զնացին դպրոց ԵՐԵԽԱՆԵՐԸ: VOS
Gnat ‘sin *dprots* ‘ *YEREKHANERĖ*
foram escola _{ACU} CRIANÇAS _{NOM}
‘Foram as crianças que foram para a escola.’

Neste ponto, ao leitor deve ter surgido a seguinte dúvida:

Porque é que o acento lógico não é naturalmente atribuído ao verbo numa frase como em (70), ao sujeito da frase em (71) ou ao objeto, no exemplo de (72), todos numa posição medial?

Conforme referido, a distribuição do acento lógico em arménio considera-se livre, sujeita à intenção do enunciador. Portanto, teoricamente, em todas as frases, qualquer constituinte pode ser destacado no discurso: é possível, às frases de (70), atribuir uma leitura como *As crianças afinal foram para a escola* e interpretar as de (71) como *Foram as crianças que foram para a escola* e as de (72) como *Foi para a escola que as crianças foram*. Estas leituras, apesar de gramaticalmente possíveis, não são expectáveis. Primeiramente, em (70), o verbo está na 2.^a posição, i.e., na sua posição natural. Notamos, entretanto, que os elementos foneticamente destacados, normalmente movimentam-se da sua posição básica. Em (69b), (69d), (69e) e (69f), os constituintes que receberam o acento lógico, encontram-se deslocados para a esquerda e em (69c), para a direita. Logo, não se justifica o destaque prosódico de um constituinte na sua posição básica, enquanto na estrutura existem outros elementos deslocados. Se um falante de arménio L1 quisesse enfatizar o verbo, atribuindo-lhe o tom mais elevado ao nível da prosódia, fá-lo-ia mais facilmente com a ordem-básica, pois numa ordem invertida, os constituintes deslocados é que pretendem receber o acento lógico da frase.

Esta pequena discussão permite-nos afirmar, sem pretendermos aprofundar esta questão no presente trabalho, que, em arménio, a interpretação das frases ocorre na interface sintaxe-prosódia.

Nos exemplos dados em (69)-(72), nota-se que a mudança do padrão prosódico da frase através de acentuação de algum constituinte diferente do verbo resulta na alteração do significado da frase, não servindo apenas de estratégia para marcar o rema da frase, conforme defendem Papoyan e Badikyan (2003), mas atribuindo ainda a função de foco contrastivo ao constituinte prosodicamente marcado. Com efeito, segundo defende Dum-Tragut (2009), em arménio, o foco contrastivo é marcado através do acento enfático ou contrastivo que na gramática tradicional é referido como acento lógico que é atribuído a um certo elemento da oração para chamar a atenção para ele e para o contrastar com outros elementos, quer dentro da própria frase quer no contexto discursivo todo. Portanto, em arménio, o foco prosódico ou o acento lógico acompanha o foco contrastivo da oração.

Conforme referimos, vários estudos defendem que a posição de foco contrastivo é à esquerda do verbo finito, o que eventualmente justifica a ordem SOV em arménio, quando o objeto se move para a esquerda do verbo, abandonando a sua posição básica pré-verbal. Já o sujeito da frase, para ser focalizado, não pode deslocar-se para mais esquerda, por a sua posição natural ser a primeira numa frase. Em vez disso, para ser marcado, o sujeito, desloca-se tipicamente para a direita (*e.g.*, (69d) ou (70) e (72)), sendo para o sujeito a posição natural de foco contrastivo a da periferia direita, o que faz com que, para um falante nativo de arménio, na distribuição sintática dos constituintes de uma frase a seguir da posição à esquerda do núcleo de predicado, a última posição da frase também seja uma posição com traço [+foco]. Torna-se, desta forma, claro o facto de a posição de foco numa frase em arménio ser naturalmente ou à esquerda do verbo ou a periferia direita. Numa frase com a sintaxe invertida, caso o falante tenha a intenção de destacar o último elemento frásico, atribuir-lhe-á o tom mais elevado ao nível prosódico (destacados com letras maiúsculas em (70)-(72)). Se não o fizer, o tom mais alto recairá naturalmente sobre o constituinte à esquerda do verbo, ou no próprio verbo deslocado para a periferia esquerda, conforme mencionado por Papoyan e Badikyan (2003)¹³⁵.

Portanto, até este ponto, na marcação do foco contrastivo, o destaque prosódico tem mais peso que a inversão sintática.

¹³⁵ Essa afirmação é feita para as orações simples, constituídas por S, V, O(s) e CO(s).

Como estratégia de focalização, o destaque prosódico de algum constituinte é crucial sobretudo nos contextos em que o verbo se constitui de um elemento só, ou seja, quando na forma verbal não existe um Vaux (como em todos os exemplos até agora apresentados na presente subsecção)¹³⁶. Já na presença do Vaux, a função de marcar algum constituinte frásico normalmente cabe-lhe a ele. Ora, nas estruturas em que o rema é o núcleo do predicado, i.e., em que não existe nenhuma intenção por parte do locutor de enfatizar nenhum constituinte, o Vaux, que, nos exemplos seguintes, marcamos a vermelho, segue o Vpcp, o mais proeminente na oração em (73).

- (73) Երեխաները երեկ ԳՆԱՅԵԼ են դպրոց:
Yerekhanerě yerek GNATS‘EL_{PCP} en_{AUX} dprots‘
 Crianças_{NOM} ontem FORAM¹³⁷_{PCP} AUX_{3.p} escola_{ACU}
 ‘As crianças ontem foram para a escola.’

Quando o enunciador tenciona dar ênfase a um outro constituinte da oração (inclusive modificadores, adjuntos, COBL) e marcá-lo como foco contrastivo, o Vaux cliticiza-se à direita desse ((74)), sendo possível ainda interpolação entre o Vaux e Vpcp (como em (74a)).

- (74) a. ԵՐԵԽԱՆԵՐՆ են երեկ գնացել դպրոց:
YEREKHANERN en_{AUX} yerek gnats‘el_{PCP} dprots‘
 CRIANÇAS_{NOM} AUX_{3.p} ontem foram_{PCP} escola_{ACU}
 ‘Foram as crianças que ontem foram para a escola.’
- b. Երեխաները ԵՐԵԿ են գնացել դպրոց:
Yerekhanerě YEREK en_{AUX} gnats‘el_{PCP} dprots‘

¹³⁶ Em arménio, o núcleo do predicado, numa forma finita, pode ser expresso através de um elemento verbal ou através de dois elementos verbais, em que o primeiro é designado por Vpcp e o segundo por Vaux. O Vaux de arménio é um clítico (e.g., Abeghyan, 1972; Tamrazyan, 1994) que contém informação sobre o tempo verbal e pessoa gramatical. As formas verbais que apresentam apenas um elemento são as do Pretérito do indicativo (e.g., գնացի – *gnatsi* – ‘fui’); do Presente do condicional, idêntico ao Futuro do indicativo do português (e.g., կգամ – *kgnam* – ‘irei’); do Pretérito do condicional (e.g., կգայի – *kgnayi* – ‘teria ido’); do Futuro do conjuntivo (e.g., գնամ – *gnam* – ‘eu for’); do Pretérito do conjuntivo (e.g., գնայի – *gnayi* – ‘eu fosse’) e do Imperativo (e.g., գնա՛ – *gna* – ‘vai’), entre outros. Noutros casos, o Vaux faz parte da forma verbal (e.g., գնում եմ – *gnum em* – ‘estou a ir’/‘vou’, գնալու եմ – *gnalu em* – ‘irei’, գնացել էի – *gnatsel ei* – ‘tinha ido’, etc.). Além dos predicados verbais, o arménio, igualmente ao português, conta ainda com os predicados verbo-nominais. Por o foco desta discussão ser o molde verbo+complemento, não analisaremos os predicados verbo-nominais.

¹³⁷ Quer a forma verbal *gnatsin*, quer *gnatsel en* são equivalentes ao ‘foram’, i.e., Pretérito Perfeito do português.

Crianças_{NOM} ONTEM 3.^ap_{AUX} foram_{PCP} escola_{ACU}
 ‘Foi ontem que as crianças foram para a escola.’

c. Երեխաները երեկ ԴՊՐՈՑ են գնացել:
Yerekhanerě yerek DPROTS‘ en_{AUX} gnats‘el_{PCP}
 Crianças_{NOM} ontem ESCOLA_{ACU} 3.^ap_{AUX} foram_{PCP}
 ‘Foi para a escola que as crianças ontem foram.’

Ao mesmo tempo, o acento lógico da frase, desloca-se para o constituinte que antecede o Vaux. Portanto, o constituinte prosodicamente proeminente na frase (em maiúsculas) é o que precede o Vaux, independentemente de estar imediatamente à esquerda do Vpcp ((74b), (74c)) ou não ((74a)).

Notamos, no entanto, que, apesar de ser admitida a interpolação entre o Vpcp e o Vaux ((74a)), o Vaux move-se apenas para a esquerda. A sua deslocação para a direita causa agramaticalidade ((75)). Quer isso dizer que os constituintes prosodicamente proeminentes se encontram geralmente à esquerda do verbo finito.

(75) *Երեխաները երեկ գնացել ԴՊՐՈՑ են:
 **Yerekhanerě yerek gnats‘el_{PCP} DPROTS‘ en_{AUX}*
 *Crianças_{NOM} ontem foram_{PCP} ESCOLA_{ACU} AUX_{3.^ap}
 ‘Foi para a escola que as crianças foram ontem.’

Para que o acento lógico recaia sobre o constituinte que se encontra à direita do verbo, normalmente, é preciso que o mesmo também se movimente para a esquerda do verbo, como em (74c). Assim, numa sintaxe invertida, na presença do Vaux, o constituinte marcado como foco contrastivo e prosodicamente mais proeminente é aquele que precede o Vaux e está à esquerda do verbo. Porém, existem situações em que se observa concorrência de elemento focalizado. Um contexto típico seria a situação quando o objeto da frase, seguido pelo Vaux, se desloca para a esquerda e o sujeito ocupa a posição da periferia direita, sendo ambos posições de foco contrastivo, como exemplificado em (76). Num caso destes, independentemente da posição do Vaux, a focalização pode ser feita através do tom mais elevado (acentu lógico), como em (76b).

(76) a. Երեկ ԴՊՐՈՑ են գնացել երեխաները:

Yerek DPROTS‘ *en* AUX gnats‘el PCP yerekhanerě
ontem ESCOLA ACU *AUX*_{3.p} foram PCP crianças+as NOM
‘Foi para a escola que as crianças ontem foram.’

- b. Երեկ դպրոց *են* գնացել երեկ ԵՐԵԽԱՆԵՐԸ:
Yerek dprots‘ *en*AUX gnats‘el PCP YEREKHANDERĚ
ontem escola ACU *AUX*_{3.p} foram PCP CRIANÇAS NOM
‘Foram as crianças que ontem foram para a escola.’

De igual modo, já que a periferia direita também é uma posição típica de foco, um falante de arménio pode optar por destacar prosodicamente o último constituinte da frase, embora o Vaux não o siga ((77)).

- (77) P: - Ինչքան գիտեմ՝ երեխաները դպրոց *են* գնացել երեկ ՑԵՐԵԿԸ:
- Inch ‘k‘an gitem erekhanerě dprots‘ *en* gnats‘el yerek TS‘EREKĚ
- Tanto sei crianças NOM escola ACU *AUX*_{3.p} foramPCP ontem TARDE
- ‘Tanto quanto sei, as crianças foram para a escola ontem à tarde.’
- R: - Ոչ: Երեխաները դպրոց *են* գնացել երեկ ԱՌԱՎՈՏՅԱՆ:
- Voch‘. Yerekhanerě dprots‘ *en*AUX gnats‘elPCP yerek ARAVOTYAN
- Não. Crianças NOM escola ACU *AUX*_{3.p} foramPCP ontem MANHÃ
- ‘Não! As crianças foram para escola ontem de manhã.’

Tendo em conta os dados apresentados, podemos afirmar que a hierarquia das estratégias de focalização do arménio é a seguinte:

- (78) Acento lógico (Marcação prosódica) ≥ Vaux > Inversão da ordem > Verbo finito.

A questão que fica por esclarecer é se o Vaux se movimenta para a esquerda para marcar um elemento focalizado da frase, i.e., a sua função sintática é a marcação e destaque prosódico do constituinte [+foco] ou é a existência do traço [+foco], mais precisamente, é a proeminência prosódica atribuída aos certos constituintes frásicos que desencadeia o movimento do Vaux de arménio?

Será difícil dar uma resposta definitiva a essa questão, no âmbito da presente investigação, até porque a fronteira entre as duas possibilidades é ténue. A adjacência do Vaux por forma a marcar o foco contrastivo de uma frase pode ter surgido como uma estratégia de língua escrita, quando o enunciador não tinha possibilidade de assegurar esse destaque através da prosódia. De qualquer forma, defendemos a ideia de que a função sintática do Vaux não é a marcação do foco contrastivo da frase (tal como argumentado por autores como Jahukyan, 1974; Papoyan & Badikyan, 2003), mas antes esse cliticiza-se ao constituinte focalizado de uma frase (igualmente defendido por Hodgson (2013)), desde que este se encontre à esquerda do verbo e desde que carregue o acento do foco prosódico da oração, i.e., seja o elemento frásico prosodicamente mais proeminente.

Em primeiro lugar, no ato de fala, o constituinte prosodicamente proeminente é produzido antes do Vaux e é lógico assumir que é a sua proeminência que desencadeia o movimento do Vaux, clítico, pois, conforme menciona Abeghyan (1971: 71), em arménio ‘quanto mais fortemente acentuada a sílaba anterior, mais facilmente é feita a adjacência de sílabas sem acento próprio e melhor é a rítmica do total’¹³⁸.

Como argumento a favor da posição de que a função do Vaux de arménio não é a marcação do foco contrastivo, referiremos ainda a inversão obrigatória da ordem Vpcp-Vaux nas interrogativas qu- (ver a secção seguinte), sendo os pronomes interrogativos normalmente interpretados como foco informacional da oração (ver Rooth, 1992).

Outro argumento é o facto de que existem situações linguísticas em que a focalização de um constituinte frásico não é feita com adjacência do Vaux, mas através da proeminência prosódica, como na periferia direita de uma oração, discutido anteriormente.

Observam-se as seguintes orações também ((79)).

- (79) a. Նա ԵՐԵԹ որդի է մեծացրել:
Na YEREK ‘ vordi ē metsats ‘rel
 Ele TRÊS filho AUX3.ªp criou PCP
 ‘Ele criou três filhos (mas não dois ou quatro).’
- b. Ես ՄԵՎԱԿԻ գրքերն եմ կարդում:
Yes SEVAKI grk‘ern em kardum

¹³⁸ Tradução nossa do arménio. Originalmente: ‘Որքան ավելի զորեղ է շեշտված նախորդ վանկը, այնքան ավելի թեթև է կատարվում հաջորդ անշեշտ վանկերի այս միացումը նախորդ շեշտված վանկի հետ և այնքան ավելի սերտ է լինում նրանց ռիթմական ամբողջությունը:’

Eu SEVAK_{GEN} livros AUX_{1.ª} lei_{OP CP}
 ‘Estou a ler os livros de Sevak (mas não de outro escritor).’

Nota-se, contudo, que nos exemplos de cima, o Vaux moveu-se para a esquerda da sua posição básica e está em próclise ao verbo, que receberá a nossa atenção mais adiante.

Como mais um argumento a favor da nossa posição, usaremos ainda o facto de as posposições em arménio também poderem hospedar o Vaux, embora nem sempre sejam o elemento focalizado na oração¹³⁹ (compare (80a) e (80b), (80c) e (80d), (80e) e (80f)).

- (80) a. Գրքերը քեզ ՀԱՄԱՐ է բերել:
 Grk'erě k'ez HAMAR ē berel
 Livros_{ACU} tu_{DAT} PARA AUX_{3.ª} trouxe_{PCP}
 ‘É para ti que ele trouxe os livros.’
- b. Գրքերը ԹԵՉ համար է բերել:
 Grk'erě K'EZ hamar ē berel
 Livros_{ACU} TU_{DAT} para AUX_{3.ª} trouxe_{PCP}
 ‘É para ti que ele trouxe os livros.’
- c. Դեպքը Արամի ՀԵՏ է պատահել:
 Depk'ě Arami HET ē patahel
 Caso_{ACU} Aram_{GEN} COM AUX_{3.ª} aconteceu_{PCP}
 ‘É com o Aram que aconteceu o caso.’
- d. Դեպքը ԱՐԱՄԻ հետ է պատահել:
 Depk'ě ARAMI het ē patahel
 Caso_{ACU} ARAM_{GEN} com AUX_{3.ª} aconteceu_{PCP}
 ‘É com o Aram que aconteceu o caso.’
- e. Քն ՇՆՈՐՀԻՎ եմ հաղթել մրցույթում:

¹³⁹ A própria posposição pode ser o foco contrastivo da frase quando se equivale a advérbios de lugar ou de tempo (e.g., *unuly – tak* – ‘abaixo’, *ընթացքում – ěntatsk'um* – ‘durante’).

<i>K'o SHNORHIV</i>	<i>em hagt'el</i>	<i>mrts'uytum</i>
TU GEN GRAÇAS	AUX _{1.p} venci PCP	competição LOC
'É graças a ti que venci na competição.'		

f.

ՔՈ շնորհիվ	եմ հաղթել	մրցույթում:
<i>K'O shnorhiv</i>	<i>em hagt'el</i>	<i>mrts'uytum</i>
TU GEN graças	AUX _{1.p} venci PCP	competição LOC
'É graças a ti que venci na competição.'		

Em contrapartida, sugerimos olhar ainda para uma sequência em que o constituinte que hospeda o Vaux é introduzida por uma preposição ((81)). Como mostramos, a preposição em arménio não pode ser hospedeira do Vaux ((81b)), nem ser portadora do acento do foco prosódico, mesmo que o constituinte focalizado seja aquele que ela introduz ((81c)).

(81) a.

Առանց	քեզ	ե	գնացել	հանդիպման:
<i>Ařants'</i>	<i>K'EZ</i>	<i>ē</i>	<i>gnats'el</i>	<i>handipman</i>
Sem	tu DAT	AUX _{3.p}	foi PCP	encontro DAT
'Foi a reunião sem ti.'				

b.

*Առանց	ե	քեզ	գնացել	հանդիպման:
* <i>Ařants'</i>	<i>ē</i>	<i>k'ez</i>	<i>gnats'el</i>	<i>handipman</i>
*Sem	AUX _{3.p}	tu DAT	foi PCP	encontro DAT
'Foi a reunião sem ti.'				

c.

*ԱՌԱՆՅ	քեզ	ե	գնացել	հանդիպման:
* <i>ARANTS'</i>	<i>k'ez</i>	<i>ē</i>	<i>gnats'el</i>	<i>handipman</i>
*SEM	tu DAT	AUX _{3.p}	foi PCP	encontro DAT
'Foi a reunião sem ti.'				

Seja a posposição prosodicamente desatacada ou não, nos exemplos de (89), o constituinte focalizado é todo o SP de que essa faz parte. A possibilidade de as posposições serem prosodicamente destacadas pode ser explicada pelo facto de essas, conforme Abeghyan (1971), serem originalmente substantivos (*e.g.*, չափ – *ch'ap* – ‘medida’, տեղ – *tegh* – ‘lugar’, entre outros). Os exemplos de (80), porém, demonstram que as posposições nem

sempre são originalmente substantivos. Em arménio clássico, esses eram utilizados como preposições (cf. Abeghyan, 1971). Conforme Abeghyan (*op. cit.*), as palavras gramaticais (*e.g.*, preposições, posposições, conjunções), ao contrário das palavras lexicais, numa hierarquia de acentos gramaticais de oração, possuem acentos mais fracos. O facto de, num constituinte focalizado, o último elemento ser o prosodicamente proeminente explica a possibilidade de as posposições serem hospedeiras do Vaux em arménio. Aliás, as posposições nestas situações parecem apresentar um caso de interpolação entre o proclisador e o Vaux, e a possibilidade da sua proeminência prosódica pode ter sido resultado do facto de em arménio o acento tonal do sintagma ser atribuído ao elemento da periferia direita ou, simplesmente, de uma generalização da regra de que o elemento que antecede imediatamente o Vaux deverá ser prosodicamente o mais marcado.

Adicionalmente, para suportar a ideia de que a função sintática do Vaux de arménio não é a marcação de foco contrastivo, sugerimos olhar para orações de foco neutro, onde o núcleo do predicado é um verbo composto e onde o Vaux se posiciona à esquerda do elemento verbal¹⁴⁰, como em (82).

- (82) a. Երեխան միայնակ **ԳՈՒՐՍ** է եկել փողոց:
Yerekhan miaynak DURS ē ekel p'oghots'
 Criança_{NOM} sozinho **FORA** **AUX_{3.ªp} saiu** rua_{ACU}
 'A criança saiu sozinho para a rua.'
- b. Տնօրենն ինձ **ԹՈՒՅԼ** է տվել չգալ վաղվա ժողովին:
Tnōrenn indz T'UYL ē tvel ch'gal vaghva jhoghovin
 Diretor_{NOM} me_{DAT} **FRACO** **AUX_{3.ªp} dar** não vir amanhã_{GEN} reunião_{DAT}
 'O diretor permitiu-me não vir à reunião de amanhã.'

Abeghyan (1971) refere que o acento tonal dos verbos compostos carrega o primeiro elemento não verbal e quando o elemento verbal é composto por mais de uma sílaba, essa

¹⁴⁰ Os verbos compostos de arménio são formados por dois elementos em que o segundo é um verbo lexical simples e o primeiro é um substantivo (*e.g.*, լաց լինել – *lats linel* – 'chorar'), um advérbio (*e.g.*, դուրս գալ – *durs gal* – 'sair (ir para fora)') ou uma adposição (*e.g.*, ման գալ – *man gal* – 1. 'procurar'; 2. 'passear') (Dum-Tragut, 2009). Em alguns casos, o primeiro elemento dos verbos compostos de arménio, ou expressam um significado diferente se aparecerem sozinhos noutra situação discursiva (*e.g.*, o primeiro elemento do verbo թույլ տալ – *tuyl tal* – 'permitir' թույլ – *tuyl* significa 'fraco') ou são intraduzíveis (*e.g.*, o primeiro elemento do verbo ման գալ – *man gal* – 1. 'procurar'; 2. 'passear' – *ման* – *man* – é vazio do conteúdo semântico).

possui um acento secundário mais fraco, marcado com acento grave (*e.g.*, մա՛նն ածե՛լ – *ma'n atse'l* – ‘passear alguém’, ե՛ւն դառնա՛լ – *e't dāṛnal* – ‘voltar, regressar’).

Não é em vão que, em arménio moderno, são os elementos não verbais dos verbos compostos que são graficamente marcados por acento, no modo imperativo (*e.g.*, թո՛ւյլ տուր – *t'uyl tur* – ‘permite!’, մա՛նն արի – *ma'n ari* – ‘procura!’, դո՛ւրս գնա – *du'rs gna* – ‘sai!’, *e.o.*), ou seja, são esses, mas não os verbais, os elementos prosodicamente proeminentes nas frases imperativas.

Então, nas orações de (82) não existe nenhuma intenção de focalizar o primeiro elemento dos verbos compostos, mas antes essas frases apresentam situações de foco neutro.

Comparando as orações de (82) com as de (83), onde o Vaux se posiciona à direita do elemento verbal, nota-se que o foco contrastivo da oração pode ser a ação expressa pelo verbo.

- (83) a. Երեկսան միայնակ դուրս եկել է փողոց:
Yerekhan miaynak durs EKEL ē p'oghots'
 Criança NOM sozinho fora SAIU AUX3.ªp rua ACU
 ‘A criança sozinha saiu para a rua (mas não apanhou autocarro, por exemplo).’
- b. Տնօրենն ինձ թույլ Տվել է չգալ վաղվա ժողովին:
Tnōrenn indz t'uyl TVEL ē ch'gal vaghva jhoxovin
 Diretor NOM me DAT fraco DAR AUX3.ªp não vir amanhã GEN reunião DAT
 ‘O diretor permitiu-me não vir à reunião de amanhã.’

Fica claro que o Vaux de arménio se clitiza à palavra portadora do acento lógico que naturalmente se posiciona nos constituintes focalizados (inclusive foco contrastivo), coincidindo com o seu acento tonal, existindo lugar para a interpolação entre a palavra portadora do acento lógico e o Vaux.

Em suma, defendemos a ideia de que, em arménio, primeiro surge o foco contrastivo na frase, a que é atribuído o acento lógico da frase, cuja proeminência prosódica é desencadeadora da próclise do Vaux, desde que o elemento com traço [+foco] se encontre à esquerda do Vpcp. Apresentam uma exceção a esta regra os verbos compostos, que, quando focalizados, permitem a deslocação do Vaux para a direita, para esse se adjungir ao elemento verbal do verbo composto.

Essa hipótese, porém, tem as suas limitações. Veremos, na subsecção seguinte, que a presença de alguns advérbios marcadores de foco, mesmo em posição pré-verbal (como na presença dos advérbios *lu – yevs* – ‘também’ ou *նւյնիսկ – nuynisk* – ‘também’) não desencadeia (nem sempre desencadeia) próclise do Vaux em arménio, apesar de o constituinte prosodicamente proeminente nessas estruturas, em certos contextos, não ser o verbo.

2.2.8.3. A distribuição sintática do Vaux em algumas orações de foco marcado

Vimos que, em arménio, o movimento do Vaux para a esquerda tipicamente acontece quando existe um constituinte frásico focalizado em posição pré-verbal e que, nas frases de foco neutro, o Vaux, regra geral, segue o Vpcp¹⁴¹.

Nesta subsecção, mostraremos alguns contextos linguísticos de arménio em que tipicamente ocorre movimento do Vaux para a esquerda, procurando encontrar paralelos com as estruturas em que ocorre próclise de pronomes clíticos em português.

Primeiramente, esclarecemos algumas particularidades do Vaux do arménio.

O Vaux do arménio contém traços de tempo verbal e de pessoa gramatical que, juntando ao Vpcp à sua direita, forma verbo finito. Margaryan (1997) menciona a posição básica do Vaux do arménio é em ênclise com o verbo. Quando deslocado da sua posição básica, o Vaux do arménio, conforme vimos em vários exemplos, além do verbo, pode ligar-se a constituintes de outras classes gramaticais (*e.g.*, pronomes, adjetivos, substantivo, advérbios, posposições). Autores como Kahnemuyipour e Megerdumian (2011), Tamrazian (1994: 14) afirmam que o Vaux do arménio é um clítico, pois não possui de um acento próprio e necessita de um hospedeiro¹⁴². Com efeito, o Vaux do arménio tem natureza dependente e não pode aparecer isoladamente no discurso ((84)), nem pode ocupar a posição inicial de uma oração ((85)).

(84) P: - Ո՞վ է Արամը:
 - Ov ē Aramě?
 - Quem AUX3.ªp Aram
 - ‘Quem é o Aram?’

R: a. - Ես եմ: / b. * - Եմ:
 - Yes em / * - Em

¹⁴¹ Com exceção de verbos compostos (*e.g.*, *մամ եմ գալիս* – *man em_{AUX} galis_{PCP}* – ‘estou a passear’).

¹⁴² Para a discussão mais detalhada de o Vaux de arménio ser um clítico, ver Tamrazian (1994). Esta autora defende que o Vaux de arménio é um clítico sintático.

- Eu	AUX 1. ³ p	/	* - AUX 1. ³ p
- ‘Sou eu.’		/	- ‘Sou.’

- (85) ***Է** զալիս Արամը:
* **Է** *galis* *Aramě*
***AUX**3.³p vir PCP Aram_{NOM}
‘Vem o Aram.’

Tamrazian (1994) argumenta que este clítico ocupa a posição à direita do verbo nas declarativas de foco neutro ((86a)), enquanto a sua posição muda em relação ao Vpcp quando na frase aparece um elemento focalizado, como é o caso de interrogativas parciais (interrogativas qu-), ilustradas em (86b). Na presença de um pronome ou advérbio interrogativo, a posição básica do Vaux já não é permitida ((86c)).

- (86) a. Արամը ուտում է սորթը:
 Aramě *utum* *ē* *tort'ě*
 Aram_{NOM} come PCP AUX3.³p bolo_{ACU}
 ‘O Aram está a comer o bolo.’

- b. Ո՞վ է ուտում սորթը:
 Օվ *ē* *utum* *tort'ě*
 Quem_{NOM} AUX3.³p come PCP bolo_{ACU}
 ‘Quem é que está a comer o bolo?’

- c. *Ո՞վ ուտում է սորթը:
 *Օվ *utum* *ē* *tort'ě*
 *Quem_{NOM} come PCP AUX3.³p bolo_{ACU}
 ‘Quem está a comer o bolo?’

Da mesma forma, na resposta à pergunta Ո՞վ է ուտում սորթը – *Օվ e utum tort'ě?* – ‘Quem é que está a comer o bolo?’, o sujeito será o item focalizado da frase, sobre o qual recairá o acento lógico ((87a)). Nesse caso, como resposta, a frase de ((87b)) será agramatical.

- (87) a. Արամն է ուտում սորթը:
Aramn *ē* *utum* *tort'ē*
Aram NOM *AUX*_{3,p} *come* PCP bolo ACU
 ‘É o Aram que está a comer o bolo.’

- b. *Արամն ուտում է սորթը:
 **Aramn* *utum* *ē* *tort'ē*
 **Aram* NOM *come* PCP *AUX*_{3,p} bolo ACU
 ‘É o Aram que está a comer o bolo.’

A agramaticalidade de (86c) e (87b) evidencia que a posição enclítica do Vaux é realmente impossível quando na frase existe algum elemento focalizado em posição pré-verbal.

Sugerimos olhar para outros contextos em que se observa movimento do Vaux para a esquerda ((88)-(93)). Nos exemplos seguintes, está marcado a vermelho o constituinte que desencadeia próclise, enquanto o Vaux em próclise e o Vpcp estão destacados a negrito e os constituintes prosodicamente mais proeminentes na frase aparecem em letras maiúsculas.

- (88) a. Կատուն ՉԻ կերել այս սորթից:
Katun *CH'I* *kerel* *ays tort'its'*
 Gato NOM *neg*+*AUX*_{3,p}¹⁴³ *comeu* PCP deste bolo ABL
 ‘O gato não comeu deste bolo.’

- b. Կատուն ԵՐԲԵՔ ՉԻ կերել այս սորթից:
katun NOM *ERBEK' CH'I* *kerel* *ays tort'its'*
 gato NOM *NUNCA neg*+*AUX*_{3,p}¹⁴⁴ *comeu* PCP este bolo ABL
 ‘O gato nunca comeu deste bolo.’

- c. ՈՉ ԿԱՏՈՒՆ է կերել սորթը, ՈՉ ԵՍ Եմ կերել:
Voch' KATUN *ē* *kerel* *tort'ē*, *voch' YES em kerel*

¹⁴³ A negação em arménio forma-se a partir do marcador de negação (prefixo) չ – *ch'* – ‘não’ que se anexa à esquerda do verbo. Na presença do Vaux, a partícula de negação fica adjacente a esse, observando-se uma inversão da ordem ‘Vpcp-Vaux’ (compare գնում եմ – *gnum em* – ‘vou’ e չեմ գնում – *tchem gnum* – ‘não vou’). Na terceira pessoa singular, ocorre ainda alteração fonética do Vaux (e.g. գնում է – *gnum e* – ‘vai’ mas չի գնում – *ch'i gnum* – ‘não vai’).

¹⁴⁴ O arménio é uma língua de dupla negação, o que significa que na presença de uma palavra com traço [+neg], o verbo assume a forma negativa também.

Nem GATO_{NOM} AUX_{3.p} **comeu** PCP bolo_{ACU} **nem** EU 3.^a_{PAUX} **comi** PCP

‘Nem o gato comeu o bolo, nem eu.’

- (89) a. Միայն ԿԱՏՈՒՆ է կերել այս սորթից:
miain KATUN ē kerel ays tort‘its‘
 só GATO_{NOM} AUX_{3.p} **comeu** PCP este bolo_{ABL}
 ‘Só o gato é que comeu deste bolo.’

- b. Անգամ ԿԱՏՈՒՆ է կերել այս սորթից:
Angam_ KATUN ē kerel ays tort‘its‘
 até GATO_{NOM} AUX_{3.p} **comeu** PCP este bolo_{ABL}
 ‘Até o gato comeu deste bolo.’

- c. Նույնիսկ ԿԱՏՈՒՆ է կերել այս սորթից:
Nuynisk KATUN ē kerel ays tort‘its‘
 Mesmo GATO_{NOM} AUX_{3.p} **comeu** PCP este bolo_{ABL}
 ‘Mesmo o gato comeu deste bolo.’

- d. Երևի ԿԱՏՈՒՆ է կերել սորթը:
erevi KATUN ē kerel tort‘ē
 Talvez GATO_{NOM} AUX_{3.p} **comeu** PCP bolo_{ACU}
 ‘Talvez tenha sido o gato que comeu o bolo.’

- (90) a. Կատուն ԱՅՍՏԵՂ է կերել սորթը:
Katun AYSTEGH ē kerel tort‘ē
 gato_{NOM} AQUI_ AUX_{3.p} **comeu** PCP bolo_{ACU}
 ‘É aqui que o gato comeu o bolo.’

- b. Կատուն ՄԻԱՆԳԱՄԻՑ է կերել սորթը:
katun MIANGAMITS‘ ē kerel tort‘ē
 gato_{NOM} DE UMA VEZ SÓ AUX_{3.p} **comeu** PCP bolo_{ACU}
 ‘É de uma vez só que o gato comeu o bolo.’

- (91) a. Կատուն ՍԵՂԱՆԻ ՎՐԱ է կերել սորթը:

katun *SEGHANI VRA* *ē* *kerel* *tort'ē*
gato NOM MESA GEN SOBRE NOM AUX_{3.p} comeu PCP bolo ACU
‘Foi em cima da mesa que o gato comeu o bolo.’

- b. *Կատուն* *ՄԻ ՓԱՔՐԻԿ ԿՏՈՐ* *է* *կերել* *սորթից:*
katun *MI P'OK'RIK KTOR* *ē* *kerel* PCP *tort'its'*
gato NOM UM PEQUENO PEDAÇO ACU AUX_{3.p} comeu PCP bolo ABL
‘Foi um pedaço que o gato comeu do bolo.’

- (92) a. *Կատուն* *ՇԱՏ* *է* *կերել* *այս* *սորթից:*
Katun *SHAT ē* *kerel* *ays* *tort'its'*
gato NOM MUITO AUX_{3.p} comeu PCP este bolo ABL
‘O gato comeu muito deste bolo.’

- b. *Շատ / քիչ* *ԿԱՏՈՒՆԵՐ* *են* *կերել* *այս* *սորթից:*
shat / k'ich' *KATUNER* *en* *kerel* *ays* *tort'its'*
muitos / poucos GATOS NOM AUX_{3.p} comeram PCP este bolo ABL
‘Foram muitos (poucos) os gatos que comeram deste bolo.’

- c. *Որոշ* *ԿԱՏՈՒՆԵՐ* *են* *կերել* *այս* *սորթից:*
vorosh *KATUNER* *en* *kerel* *ays* *tort'its'*
alguns GATOS NOM AUX_{3.p} comeram PCP este bolo ABL
‘Foram alguns gatos que comeram deste bolo.’

- (93) *Կատուն* *ԻՆՔՆ* *է* *կերել* *սորթ:*
Katun *INK'N* *ē* *kerel* *tort'ē*
gato NOM PRÓPRIO AUX_{3.p} comeu PCP bolo ACU
‘O próprio gato comeu o bolo.’

Vimos, assim, que além das interrogativas *qu-*, a próclise do Vaux em arménio ocorre também: nas orações negativas ((88)); na presença de marcadores de foco e de ênfase, advérbios de foco ((89)-(90)); com focos contrastivos antepostos ((91)); com os quantificadores ((92)); e com a palavra *próprio* ((93)). Notamos ainda que as situações acima dadas ((88)-(92)) em que tipicamente ocorre próclise do Vaux de arménio são as mesmas da

posição pré-verbal dos pronomes clíticos de português¹⁴⁵. Importa ainda mencionar que, nos exemplos acima, os elementos prosodicamente mais proeminentes na oração acumulam o traço [+foco]. Em situações particulares, os elementos prosodicamente destacados apresentam o foco contrastivo da oração ((89a), (90); (91); (92b); (92c)). Na perspectiva entoacional, como explicitámos, o valor do foco contrastivo é assegurado pela presença do acento lógico. Quanto aos pronomes interrogativos ou negativos, Papoyan e Badikyan (2003) defendem que o acento lógico normalmente coincide com o acento tonal desses itens lexicais, fazendo com que eles sejam pronunciados com uma subida de frequência da voz (ver também Abeghyan, 1971). Portanto, para o caso de arménio, pode-se assumir que o acento lógico é veiculado como uma marca prosódica que acompanha tanto o foco contrastivo, como os pronomes interrogativos e negativos ou outros marcadores de foco, sendo entendido como um traço prosódico do foco contrastivo.

Para o paradigma português, na definição de Lobo e Martins (2020: 2620), o foco contrastivo introduz “um valor de oposição relativamente a uma asserção, a uma pressuposição ou a uma expectativa, explícita ou implicitamente presentes no domínio discursivo”. Segundo as autoras, a marcação do foco contrastivo é possível do ponto de vista sintático, ocorrendo uma deslocação para a esquerda, ou através de uma estratégia exclusivamente prosódica (acento prosódico contrastivo), o que não pode acontecer com o foco informacional que ocorre tipicamente na margem direita da frase, recebendo um acento prosódico neutro.

Quanto às interrogativas parciais, Lobo (2003) menciona que:

(...) apesar de o foco das respostas a interrogativas-Qu, frequentemente designado como 'foco informacional' ou 'foco apresentativo', ser normalmente distinguido das construções de foco contrastivo, também nas respostas a interrogativas Qu parece ser estabelecido implicitamente um contraste.

Lobo (2003: 173)

Embora se encontrem fundamentos teóricos para assumirmos que, tanto para o arménio, como para o português o valor do foco contrastivo é acumulado ainda por pronomes interrogativos e negativos, desencadeadores da próclise, não desenvolveremos uma discussão

¹⁴⁵ Não se pode, contudo, assumir que existe uma correspondência absoluta dos contextos da próclise categórica do Vaux de arménio e dos pronomes clíticos de português, como mostraremos nas subsecções seguintes.

nesse sentido, e, por forma a evitar confusões e discussões na interpretação do foco contrastivo, doravante, para nos referirmos ao traço proclisador do Vaux de arménio, usaremos a designação [+foco] ou (acento do) foco prosódico que é um marca presente em todos os proclisadores em análise.

Quanto à colocação dos pronomes clíticos do PE, encontramos em Madeira (1992), um reparo idêntico ao padrão encontrado para a colocação do Vaux de arménio ao afirmar que os constituintes focalizados pré-verbais do português são desencadeadores da próclise dos pronomes complemento.

Vimos que, em arménio, nas estruturas de negação (e.g., չ – *ch* – ‘não’, երբեք – *erbek* – ‘nunca’, ոչ – *voch* – ‘nem’) e nas interrogativas qu- (e.g., որտեղ – *vortegh* – ‘onde’, ով – *ov* – ‘quem’, երբ – *erb* – ‘quando’), a próclise é categórica (ver (94a) - (94c)), aliás, tal como em português (cf. Martins, 2013; 2016), quanto à posição do pronome clítico. A próclise do Vaux em arménio é a única possibilidade também na presença de alguns marcadores de foco e advérbios focalizados (e.g., միայն – *miayn* – ‘só’, նաև – *nayev* – ‘também’, երևի – *yerevi* – ‘talvez’, հազվադեպ – *hazvadep* – ‘raramente’), como mostra a agramaticalidade dos exemplos de ((94d) - (94g)).

- (94)¹⁴⁶a. *Կատուն կերել չի այս տորթից:
 **Katun* *kerel* *ch*’i *ays tort‘its* ‘
 *gato _{NOM} **comeu** _{PCP} **não**+AUX_{3.ªp} deste bolo _{ABL}
 ‘O gato não comeu deste bolo.’
- b. *Կատուն երբեք կերել չի այս տորթից:
 **katun* *erbek*’ *kerel* *ch*’i *ays* *tort‘its* ‘
 *gato _{NOM} **nunca** **comeu** _{PCP} **neg**+AUX_{3.ªp} este bolo _{ABL}
 ‘O gato nunca comeu deste bolo.’
- c. * Երբ կատուն կերել է այս տորթից:
 * *erb* *katun* *kerel* *ē* *ays* *tort‘its* ‘
 * **quando** gato _{NOM} **comeu** _{PCP} **AUX**_{3.ªp} este bolo _{ABL}
 ‘Quando é que o gato comeu deste bolo?’

¹⁴⁶ Alguns exemplos dados (e.g., (94a), (94b), (94e)) são possíveis em certos dialetos de arménio, mas consideram-se agramaticais do ponto de vista da norma.

- d. */? **Միայն** կատուն **կերել** է այս տորթից:
 */? *miayn* *katun* *kerel* *ē* *ays* *tort‘its‘*
 */? **սօ** gato NOM **comeu** PCP **AUX**_{3.՝p} este bolo ABL
 ‘Só o gato é que comeu deste bolo.’
- e. */? **Նաև** կատուն **կերել** է այս տորթից:
 */? *Nayev* *katun* *kerel* *ē* *ays* *tort‘its‘*
 */? **Também** gato NOM **comeu** PCP **AUX**_{3.՝p} este bolo ABL
 ‘Também o gato comeu deste bolo.’
- f. */? **Երևի** կատուն **կերել** է տորթը:
 */? *Erevi* *katun* *kerel* *ē* *tort‘ē*
 */? **Talvez** gato NOM **comeu** PCP **AUX**_{3.՝p} bolo ACU
 ‘Talvez tenha sido o gato que comeu o bolo.’¹⁴⁷
- g. * կատուն **հազվադեպ** **կերել** է այս տորթից:
 * *katun* *hazdadep* *kerel* *ē* *ays* *tort‘its‘*
 * gato NOM **raramente** **comeu** PCP **AUX**_{3.՝p} este bolo ABL
 ‘O gato comeu muito deste bolo.’

Já na presença de outros advérbios focalizadores (*e.g.*, **անգամ** – *angam* – ‘até’, ‘ainda’ em (95a), **նույնիսկ** – *nuynisk* – ‘mesmo’, ‘até’ em (95b)); com alguns constituintes antepostos ((95c) e (95d)); com os quantificadores ((95e) e (95f)) e com a palavra *próprio* (95g), a ênclise, em arménio também é uma opção¹⁴⁸.

- (95) a. **Անգամ** կատուն **ԿԵՐԵԼ** է այս տորթից:
 Angam *katun* *KEREL* *ē* *ays* *tort‘its‘*
 até gato NOM **COMEU** PCP **AUX**_{3.՝p} este bolo ABL

¹⁴⁷ Nessa estrutura, a ênclise é aceitável na leitura de o advérbio *talvez* modificar o verbo da frase, mas não o SN *gato*. Em (94f), embora a posição correta do advérbio seja à esquerda do verbo, por a ordem de arménio ser flexível, muitos falantes dessa língua admitem que o advérbio *talvez* esteja na posição do adjetivo. Portanto, quando o Vaux clitiza ao Vpcp à direita, observa-se alteração do significado da frase de (89d) – ‘O gato talvez tenha comido o bolo’.

¹⁴⁸ Para uma discussão detalhada sobre a opcionalidade entre a próclise e a ênclise dos pronomes clíticos do português, ver Martins (2013).

‘Até o gato comeu deste bolo.’

- b. **Նույնիսկ** կատուն **ԿԵՐԵԼ** է այս տորթից:
Nuynisk *katun* *KEREL* *ē* *ays* *tort‘its‘*
Mesmo gato NOM **COMEU** PCP **AUX**_{3.ªp} este bolo ABL
 ‘Mesmo o gato comeu deste bolo.’

- c. Կատուն **այստեղ** **ԿԵՐԵԼ** է տորթը:
katun *aystegh* *KEREL* *ē* *tort‘ē*
 gato NOM **aqui** **COMEU** PCP **AUX**_{3.ªp} bolo ACU
 ‘O gato comeu o bolo aqui.’

- d. Կատուն **միանգամից** **ԿԵՐԵԼ** է տորթը:
katun *miangamits‘* *KEREL* *ē* *tort‘ē*
 gato NOM **aqui** **COMEU** PCP **AUX**_{3.ªp} bolo ACU
 ‘O gato comeu o bolo de uma vez só.’

- e. **Որոշ** կատուներ **ԿԵՐԵԼ** են այս տորթից:
vorosh *katuner* *KEREL* *en* *ays* *tort‘its‘*
alguns gatos NOM **COMERAM** PCP **AUX**_{3.ªp} este bolo ABL
 ‘Alguns gatos comeram deste bolo.’

- f. **Շատ** կատուներ **ԿԵՐԵԼ** են այս տորթից:
shat *katuner* *KEREL* *en* *ays* *tort‘its‘*
muitos gatos NOM **COMERAM** PCP **AUX**_{3.ªp} este bolo ABL
 ‘Muitos / poucos gatos comeram deste bolo.’

- g. Կատուն **ինքը** **ԿԵՐԵԼ** է տորթը:
katun *ink‘ē* *KEREL* *ē* *tort‘ē*
 gato NOM **próprio** **COMEU** PCP **AUX**_{3.ªp} bolo ACU
 ‘O gato ele próprio (=sozinho, sem alguém o alimentar) comeu o bolo.’

Embora na presença de alguns elementos frásicos em posição pré-verbal a ênclise seja aceitável, não se pode dizer que as orações com o Vaux em ênclise e em próclise ao Vpcp têm

sempre o mesmo significado. Conforme já explicado, em arménio, nas orações, onde o Vaux antecede o Vpcp, observa-se focalização do constituinte a que cliticiza o Vaux, enquanto nas orações onde o Vaux se adjunge ao Vpcp à sua direita, i.e., encontra-se na sua posição canónica, observa-se focalização da ação expressa pelo verbo ou não se observa focalização de nenhum constituinte frásico, sendo a frase um simples relato de situação (asserção) (compare (95a) e (89b), retomado em (96a)); compare (95b) e (89c), retomado em (96b); compare (95c) e (90a), retomado em (96c); compare (95d) e (90b), retomado em (96d); compare (95e) e (92b), retomado em (96e); compare (95f) e (92c), retomado em (96f)).

- (96) a. **Անգամ** **ԿԱՏՈՒՆ** **է** **կերել** այս տորթից:
Angam_ KATUN ē kerel ays tort‘its‘
até GATO_{NOM} AUX_{3.ªp} **comeu** PCP este bolo ABL
 ‘Até o gato comeu deste bolo.’
- b. **Նույնիսկ** **ԿԱՏՈՒՆ** **է** **կերել** այս տորթից:
Nuynisk KATUN ē kerel ays tort‘its‘
Mesmo GATO_{NOM} AUX_{3.ªp} **comeu** PCP este bolo ABL
 ‘Mesmo o gato comeu deste bolo.’
- c. **Կատուն** **ԱՅՍՏԵՂ** **է** **կերել** տորթը:
Katun AYSTEGH ē kerel tort‘ē
 gato_{NOM} **AQUI_** AUX_{3.ªp} **comeu** PCP bolo ACU
 ‘É aqui que o gato comeu o bolo.’
- d. **Կատուն** **ՄԻԱՆԳԱՄԻՑ** **է** **կերել** տորթը:
katun MIANGAMITS‘ ē kerel tort‘ē
 gato_{NOM} **DE UMA VEZ SÓ** AUX_{3.ªp} **comeu** PCP bolo ACU
 ‘É de uma vez só que o gato comeu o bolo.’
- e. **Որոշ** **ԿԱՏՈՒՆԵՐ** **են** **կերել** այս տորթից:
vorosh KATUNER en kerel ays tort‘its‘
alguns GATOS_{NOM} AUX_{3.ªp} **comeram** PCP este bolo ABL
 ‘Foram alguns gatos que comeram deste bolo.’

- f. **Շատ / քիչ** ԿԱՏՈՒՆԵՐ **են** **կերել** այս սորթից:
shat / k'ich KATUNER *en kerel* ays tort'its'
muitos / poucos GATOS NOM **AUX_{3.ª} comeram** PCP este bolo ABL
 'Foram muitos (poucos) os gatos que comeram deste bolo.'

Resumindo, a presença de um constituinte com traço [+foco], em posição pré-verbal, e a proeminência prosódica atribuída a esse constituinte, desencadeiam próclise do Vaux em arménio.

Contudo, frases como (95a) e (95b) podem gerar questões, já que, segundo Abeghyan (1971), advérbios como նույնիսկ – *nuynisk* – ‘mesmo’, ‘até’, naturalmente possuem o acento lógico da frase.

Nas subsecções seguintes, procuraremos esclarecer essas dúvidas, bem como destacar algumas estruturas de arménio em que a próclise do Vaux é obrigatória ou é opcional, comparando-as com as estruturas em que a língua portuguesa permite ou não a próclise dos pronomes clíticos, com a intenção de seleccionar um conjunto de proclisadores para a nossa análise.

➤ Advérbios

Vimos anteriormente, que alguns advérbios de arménio, quando modificam um SN, podem admitir tanto a ênclise, como a próclise (*e.g.*, անգամ – *angam* – ‘até’, նույնիսկ – *nuynisk* – ‘mesmo’) ou (quase) exclusivamente a próclise (*e.g.*, միայն – *miayn* – ‘só’, նաև – *nayev* – ‘também’, էլ – *el* – ‘também’). Em relação ao português, Martins (2016) menciona que os marcadores de foco inclusivos *também*, *até*, *mesmo* e exclusivos *só*, *apenas* são proclisadores categóricos. Existe, assim, uma divergência entre o arménio e o português, quanto ao estatuto proclisador dos marcadores de foco inclusivos e exclusivos, uma grande parte dos quais, em arménio, a par com a próclise, podem admitir ênclise.

Para o arménio, Abeghyan (1971), a par com os pronomes e advérbios interrogativos destaca alguns advérbios (*e.g.*, միայն – *miayn* – ‘só’, մինչև անգամ – *minch'ev angam* – ‘até, ainda que’, մինչև իսկ – *minch'ev isk* – ‘até, ainda que’, նույնիսկ – *nuynisk* – ‘até, ainda’, մասնավոր – *manavand* – ‘sobretudo’) como itens lexicais que naturalmente possuem o acento lógico da frase. Contudo, essa definição, para o arménio contemporâneo, não é

absolutamente correta¹⁴⁹. Notamos que, nas estruturas em que o Vaux ocorre em próclise, o acento lógico recai sobre o sujeito da oração (*e.g.*, (96a), (96b), (96e), (96f)), enquanto nas estruturas com o Vaux em ênclise, não se observa focalização do sujeito e o constituinte prosodicamente proeminente é o verbo da oração (*e.g.*, (95)). Nota-se também que nas estruturas em que se observa focalização do sujeito, o hospedeiro do Vaux não é o próprio marcador de foco, mas normalmente os constituintes por ele modificados. Os marcadores de foco, conforme indica a sua designação, servem para enfatizar o constituinte que modificam, seja um SN ou um verbo. Assim, no caso de SN, o constituinte prosodicamente proeminente é o sujeito, o que é legitimado pela presença dos modificadores de foco.

Alguns advérbios inclusivos de arménio (*e.g.*, *lu* – *yevs* – ‘também’, *նույնպէս* – *nuynpes* – ‘também’), porém, ao contrário do que acontece em português com os pronomes clíticos, admitem apenas a ênclise do Vaux ((97)).

- (97) a. *Կատունի **ԵՎՍ** է կերել այս տորթից:
 *Katun **YEVS** ē kerel ays tort‘its‘
 *gato NOM **TAMBÉM** AUX_{3.p} comeu PCP este bolo ABL
 ‘Também o gato comeu deste bolo.’
- b. *Կատունի **ՆՈՒՅՆՊԵՍ** է կերել այս տորթից:
 *Katun **NUYNPES** ē kerel ays tort‘its‘
 *gato NOM **TAMBÉM** AUX_{3.p} comeu PCP este bolo ABL
 ‘Também o gato comeu deste bolo.’

Estes, como se nota, em contrapartida com os advérbios *ւնկաւ* – *angam* – ‘até’, *նույնիսկ* – *nuynisk* – ‘mesmo’, ‘até’, *միայն* – *miayn* – ‘só’, ‘apenas’, *նաև* – *nayev* – ‘também’, entre outros, ocupam a posição à direita do SN que modificam. Será essa particularidade sintática a base de distribuição do Vaux com advérbios focalizadores em arménio? Na realidade, esse critério puramente sintático por si só não parece explicar a distribuição de Vaux nessa língua, pois o marcador de foco *էլ* – *el* – ‘também’, que também segue o SN que modifica, é um proclisador categórico do Vaux (*e.g.*, *Ես ԷԼ եմ գնում* – *Yes*

¹⁴⁹ O autor elaborou a sua obra nos primeiros anos do século XX. Por palavras do próprio, a obra já se encontrava pronta para a publicação em 1914. Não pomos de parte a hipótese de que no final do século XIX e no início do século XX, a entoação da língua arménia pudesse ser diferente. Esse assunto não foi estudado por nós.

EL em_{AUX1.ªp} *gnum*_{PCP} – ‘Eu também vou’). Além disso, no final da subsecção 2.2.8.2, vimos que as preposições, ao contrário das posposições, não podem ser hospedeiras do Vaux.

A chave de distribuição de Vaux em arménio junto de advérbios focalizadores diferentes é uma questão fonológica. Do ponto de vista fonológico, a particularidade das estruturas como em (97) reside no facto de tanto o Vpcp, como o advérbio poderem ser o elemento prosodicamente proeminente na oração. Ora, quando o elemento destacado ao nível prosódico é o Vpcp, a ênclise do Vaux é clara e expectável ((98a)). Já quando o elemento prosodicamente proeminente é o advérbio, como em (98b), a não legitimação da próclise parece-nos explicável pela quebra prosódica que o segue, criando uma fronteira prosódica que separa o advérbio e o Vpcp entre dois sintagmas entoacionais diferentes.

- (98) a. [[Կատունն էլ / նոյնպէս]φ [ԿԵՐԵԼ է]φ [այս տո՛րթից]φ:]_I
 [[*Katun* *yevs* / *nuynpes*]φ [*KEREL* *ē*]φ [*ays* *tort'its*]φ]_I
 [[gato _{NOM} *também*]φ [COMEU _{PCP} AUX_{3.ªp}]φ [este bolo _{ABL}]φ]_I
 ‘Também o gato comeu deste bolo.’
- b. [[Կատունն ԵՎՍ / ՆՈՒՅՆՊԵՍ]φ:]_I [[կերել է]φ [այս [տո՛րթից]φ:]_I
 [[*Katun* *YEVs* / *NUYNPEs*]φ:]_I [[*kerel* *ē*]φ [*ays* *tort'its*]φ]_I
 [[gato _{NOM} *TAMBÉM*]φ:]_I [[*comeu* _{PCP} AUX_{3.ªp}]φ [este bolo _{ABL}]φ]_I
 ‘Também o gato comeu deste bolo.’

Esta perspetiva explica o facto de (i) o marcador de foco էլ – *el* – ‘também’ ser um proclisador categórico ((99)) e (ii) a ênclise ser marginalmente aceitável nos exemplos de (94d), (94e) e (94f) que retomaremos a seguir (em (100a)-(100c)).

Primeiro, o marcador de foco էլ – *el* – ‘também’, é o constituinte prosodicamente mais proeminente numa oração, mas esse e o Vpcp não podem ser separados em sintagmas entoacionais diferentes, o que explica a próclise categórica do Vaux (compare (99a) e (99b)), a menos que não haja outro sintagma entoacional (I) a intercalar-se entre os dois, legitimando a ênclise ((99c)) e impedindo a próclise do Vaux (compare (99c) e (99d)).

- (99) a. [Կատունն ԷԼ է կերել այս տո՛րթից:]_I
 [*Katun* *ĒL* *ē* *kerel* *ays* *tort'its*]_I
 [gato _{NOM} *TAMBÉM* AUX_{3.ªp} *comeu* _{PCP} este bolo _{ABL}]_I
 ‘Também o gato comeu deste bolo.’

- b. * [Կատուն **ԷԼ** **կերել** **է** այս սորթից:]_I
 * [Katun **EL** **kerel** **ē** ays tort'its']_I
 * [gato _{NOM} **TAMBÉM** **comeu** _{PCP} **AUX3.՝ք** este bolo _{ABL}]_I

‘Também o gato comeu deste bolo.’

- c. [Կատուն **ԷԼ**]_I [մի քանի օր առաջ]_I [**կերել** **է** այս սորթից:]_I
 [Katun **ĒL**]_I [mi k'ani ōr araj]_I [**kerel** **ē** ays tort'its']_I
 [gato _{NOM} **TAMBÉM**]_I [um quanto dia antes]_I [**comeu** _{PCP} **AUX3.՝ք** este bolo _{ABL}]_I

‘Também o gato, há uns dia, comeu deste bolo.’

- d. * [Կատուն **ԷԼ**]_I [մի քանի օր առաջ]_I [**է** **կերել** այս սորթից:]_I
 * [Katun **ĒL**]_I [mi k'ani ōr araj]_I [**e kerel** ays tort'its']_I
 * [gato _{NOM} **TAMBÉM** [um quanto dia antes]_I [**AUX3.՝ք** **comeu** _{PCP} [este bolo _{ABL}]_I

‘Também o gato, há uns dia, comeu deste bolo.’

- (100) a. ? [Միայն ԿԱՏՈՒՆ]_I [**կերել** **է** այս սորթից:]_I
 ? [**miayn** KATUN]_I [**kerel** **ē** ays tort'its']_I
 ? [**só** GATO _{NOM}]_I [**comeu** _{PCP} **AUX3.՝ք** este bolo _{ABL}]_I

‘Só o gato é que comeu deste bolo.’

- b. ? [**Նաև** ԿԱՏՈՒՆ]_I [**կերել** **է** այս սորթից:]_I
 ? [**Nayev** KATUN]_I [**kerel** **ē** ays tort'its']_I
 ? [**Também** GATO _{NOM}]_I [**comeu** _{PCP} **AUX3.՝ք** este bolo _{ABL}]_I

‘Também o gato comeu deste bolo.’

- c. ? [**Երևի** ԿԱՏՈՒՆ]_I [**կերել** **է** սորթը:]_I
 ? [**Erevi** KATUN]_I [**kerel** **ē** tort'ē]_I
 ? [**Talvez** GATO _{NOM}]_I [**comeu** _{PCP} **AUX3.՝ք** bolo _{ACU}]_I

‘Talvez tenha sido o gato que comeu o bolo.’

Nos exemplos de (100), porém, a leitura atribuída seria a topicalização do sujeito. A mesma leitura é atribuída ao sujeito em (98a) e (98b), em cima. Se, como modificadores de SN, os advérbios focalizadores de arménio, em função da sua posição sintática e

consequentemente das particularidades prosódicas da oração podem ou não desencadear próclise do Vaux, ao modificarem o verbo da oração, i.e., quando funcionam como advérbios enfatizadores numa frase, uma parte dos marcadores de foco, como *արդեն* – *arden* – ‘já’, *անգամ* – *angam* – ‘até’, *միայն* – *miayn* – ‘só’, *դեռ(ևս)* – *derevs* – ‘ainda’, *երևի* – *yerevi* – ‘talvez’, admite apenas a ênclise do Vaux, como demonstra a agramaticalidade dos exemplos de (101), e o hospedeiro do Vaux é o constituinte por eles modificado¹⁵⁰.

(101) a. *Կատուն *արդեն* է *կերել* սորթը:
 *katun *arden* ē *kerel* tort‘ē
 *gato NOM *já* AUX_{3.ªp} **comeu** PCP bolo ACU
 ‘O gato já comeu o bolo.’

b. *Կատուն *անգամ* է *կերել* սորթը:
 *katun *angam* ē *kerel* tort‘ē
 *gato NOM *até* AUX_{3.ªp} **comeu** PCP bolo ACU
 ‘O gato até comeu o bolo.’

c. *Կատուն *միայն* է *կերել*:
 *katun *miayn* ē *kerel*
 *gato NOM *só* AUX_{3.ªp} **comeu** PCP
 ‘O gato só comeu.’

d. *Շենքը *դեռ* է *պատկանում* հարևանին:
 *shenk‘ē *der* ē *patkanum* harevanin
 *prédio NOM *ainda* AUX_{3.ªp} **pertence** PCP vizinho DAT
 ‘O prédio ainda pertence ao vizinho.’

e. *Կատուն *երևի* է *կերել* սորթը:
 *Katun *erevi* ē *kerel* tort‘ē
 *Gato NOM *talvez* AUX_{3.ªp} **comeu** PCP bolo ACU

¹⁵⁰ Os advérbios mencionados, quando funcionam como enfatizadores, ocupam a posição à esquerda do verbo, enquanto na leitura de focalizadores, ocupam sempre a posição à esquerda do sintagma que modificam.

‘Talvez tenha sido o gato que comeu o bolo.’

A ênclise, como único padrão aceitável, na presença desses advérbios enfatizadores explica-se pelo facto de esses elementos frásicos atribuírem ênfase à palavra que modificam, i.e., normalmente a palavra que os segue.

Já em português, os marcadores de foco *ainda*, *até*, *já*, *só*, *talvez* desencadeiam sempre próclise (cf. Martins, 2013, 2016), independentemente de funcionarem como advérbios enfatizadores (e.g., (102)) ou focalizadores (e.g., (103)).

- (102) a. Até os pintou sozinho.
b. Só o vimos porque estávamos muito perto ao palco.
c. Já lhe telefonei umas vezes.

- (103) a. Até a criança o encontrou.
b. Só o Pedro lhe disse a verdade.
c. Ainda os meninos me pareciam tristes.

Deste modo, alguns advérbios modificadores de foco do arménio, quando modificam um SN, podem apresentar, o mesmo valor proclisador que os seus equivalentes em português, mas, ao modificarem o verbo da oração, admitem só a ênclise, enquanto em português, a única opção na presença deles é a próclise.

➤ Quantificadores

Os quantificadores, quanto à colocação do Vaux, em arménio apresentam uma situação mais complexa que os advérbios enfatizadores.

Martins (2013) argumenta que, em português, quantificadores como *muito* e *pouco* quando funcionam como advérbios, desencadeiam sempre próclise ((104)).

- (104) a. Muito me contaste naquela noite. vs. *Muito contaste-me naquela noite.
b. Pouco se sabe sobre esse caso. vs. *Pouco sabe-se sobre esse caso.

O mesmo padrão verifica-se em arménio ((105)).

- (105) a. ՇԱՏ *tu* կերել / *կերել *tu* այսօր:
SHAT *es* *kerel* / **kerel* *es* *aysōr*
MUITO AUX_{2.ªp} comeste PCP / *comeste PCP AUX_{2.ªp} hoje
 ‘Comeste muito hoje.’
- b. ԹԻՉ *ե* հայտնի / *հայտնի *ե* այդ դեպքի մասին:
K‘ICH‘ *ē* *haytni* / **haytni* *ē* *ayd depk‘i masin*
POUCO AUX_{3.ªp} conhecido PP / *conhecido PP AUX_{3.ªp} esse caso_{GEN} sobre
 ‘Pouco se sabe sobre esse caso.’

Também não se verificam diferenças significativas entre o português e o arménio, numa leitura pronominal dos quantificadores *muito(s)* e *pouco(s)*. Em arménio, numa leitura pronominal, com o quantificador շատերը – *shaterě* – ‘muitos’, tanto a próclise ((106a)), como a ênclise são opções gramaticalmente válidas ((106b)), enquanto o quantificador քչերը – *k‘ch‘erě* – ‘poucos’ admite apenas próclise.

- (106) a. ՇԱՏԵՐՆ / ԹՉԵՐՆ *են* կերել այս տորթից:
SHATERN / K‘CH‘ERN *en* *kerel* *ays tort‘its‘*
MUITOS / POUCOS _{NOM} AUX_{3.ªp} **comeram** PCP este bolo _{ABL}
 ‘Muitos / poucos comeram deste bolo.’
- b. Շատերը / *Քչերը **ԿԵՐԵԼ** *են* այս տորթից:
*Shaterě / *K‘ch‘erě* **KEREL** *en* *ays tort‘its‘*
muitos / *poucos _{NOM} **COMERAM** PCP **AUX_{3.ªp}** este bolo _{ABL}
 ‘Muitos / poucos comeram deste bolo.’

Encontramos poucas diferenças entre o português e o arménio apenas com os quantificadores numa leitura adjetival.

Em português, segundo Martins (2013), o quantificador *muitos* desencadeia próclise quando lhe atribuímos uma leitura meramente quantificacional ((107a)), ao contrário de uma leitura referencial, quando o padrão aceite é a ênclise¹⁵¹ ((107b)).

¹⁵¹ Conforme a autora, na leitura meramente quantificacional, os quantificadores têm traço [-específico], enquanto na leitura referencial, i.e., é identificável pelo falante, o traço a eles associado é o [+específico] (ver também Martins (1994)).

(107) a. Muitas pessoas **se vacinam** todos os anos. (= o número de pessoas vacinadas é todos os anos grande) (de Martins, 2013: 2249, formatação nossa)

b. Muitas pessoas **vacinam-se** todos os anos. (= há muitas pessoas que todos os anos se vacinam) (de Martins, 2013: 2249, formatação nossa)

Já o quantificador *poucos* é referido por Martins (2013; 2016) como indutor da próclise categórica.

De facto, em arménio também, o quantificador շատ – *shat* – ‘muito(s)’, quando funciona como adjetivo, igualmente ao português, pode admitir tanto próclise, numa leitura quantificacional, como ênclise, numa leitura referencial ((108)), enquanto o quantificador քիչ – *k’ich* – ‘pouco(s)’, quando funciona como adjetivo, normalmente resiste à ênclise ((109)). No entanto, igualmente ao quantificador *muitos*, o quantificador *poucos* também pode adquirir uma leitura referencial, admitindo marginalmente a ênclise ((109b)).

(108) a. Շատ ԿԱՏՈՒՆԵՐ **են** կերել այս սորթից:
shat KATUNER **en** kerel ays tort‘its‘
muitos GATOS NOM AUX_{3.p} comeram PCP este bolo ABL
 ‘Foram muitos os gatos que comeram deste bolo. (= o número de gatos que comeram deste bolo é grande).’

b. Շատ կատուներ **ԿԵՐԵԼ** **են** այս սորթից:
shat katuner **KEREL** **en** ays tort‘its‘
muitos gatos NOM **COMERAM** PCP AUX_{3.p} este bolo ABL
 ‘Muitos gatos comeram deste bolo. (= há muitos gatos que comeram deste bolo.)’

(109) a. Քիչ ԿԱՏՈՒՆԵՐ **են** կերել այս սորթից:
K‘ich KATUNER **en** kerel ays tort‘its‘
poucos GATOS NOM AUX_{3.p} comeram PCP este bolo ABL
 ‘Foram poucos os gatos que comeram deste bolo. (= o número de gatos que comeram deste bolo é pequena).’

- b. */??Զիչ կատուններ **ԿԵՐԵԼ** են այս սորթից:
 */??K'ich' *katuner* **KEREL** *en* *ays* *tort'its'*
 */??poucos gatos NOM **COMERAM** PCP AUX_{3,p} este bolo ABL
 ‘Poucos gatos comeram deste bolo. (= há poucos gatos que comeram deste bolo.)’

Contudo, numa estrutura como a de (110), a ênclise é facilmente aceitável por falantes nativos de arménio¹⁵², uma vez que o quantificador *poucos* adquire um valor referencial.

- (110) a. Շատ քիչ երեխաներ այսօր **ՍՏԱՅԵԼ** են իրենց դասագրքերը:
Shat k'ich' yerekhaner aysōr STATS'EL en irents' dasagr k'erē
 Muito pouco crianças NOM hoje **RECEBERAM** PCP AUX_{3,p} seus manuais ACU
 ‘Muito poucas crianças hoje receberam os seus manuais.’

- b. Երևի թե քիչ երեխաներ այսօր **ՍՏԱՅԵԼ** են իրենց դասագրքերը:
Yerevi t'e k'ich' yerekhaner aysōr STATS'EL en irents' dasagr k'erē
 Talvez pouco crianças NOM hoje **RECEBERAM** PCP AUX_{3,p} seus manuais ACU
 ‘Talvez poucas crianças hoje tenham recebido os seus manuais.’

Importa mencionar que, em arménio, nas estruturas em que ocorre próclise na presença de quantificadores *muito(s)* e *pouco(s)* em posição pré-verbal – seja numa leitura adverbial ((105a), (105c)), pronominal ((106a)) ou adjetival ((108a), (109a)) –, o sujeito é o constituinte prosodicamente proeminente na oração, enquanto, nas estruturas com colocação enclítica do Vaux, o acento lógico da frase é atribuído ao verbo, independentemente da leitura pronominal ((106b)), ou adjetival ((108b), (110)). Nos contextos em que o Vaux se encontra em ênclise, em arménio existe uma quebra prosódica que segue o sujeito, criando uma fronteira prosódica que o separa do resto da oração, onde está situado o Vpcp.

Os quantificadores բոլոր – *bolor* – ‘todos’ e որոշ – *vorosh* – ‘alguns’¹⁵³ do arménio, igualmente ao quantificador շատ – *shat* – ‘muito(s)’, quando funcionam como adjetivos, admitem tanto próclise, como ênclise ((111)).

¹⁵² Conforme mencionado nas notas anteriores (120 e 132), os julgamentos sobre a aceitabilidade das frases em arménio foram feitos por oito falantes de arménio L1 licenciados.

¹⁵³ Existe diferença entre os quantificadores որոշ – *vorosh* – ‘alguns’ e ինչ-որ – *inch-vor* – ‘algum’ de arménio. Որոշ – *Vorosh* – ‘alguns’ seleciona apenas nomes em plural (e.g., որոշ մարդիկ – *vorosh mardik* – ‘algumas pessoas’ ou որոշ գրքեր – *vorosh grqer* – ‘alguns livros’), enquanto ինչ-որ – *inch-vor* – ‘algum’ pode

- (111) a. Որոշ կատուներ / Բոլոր կատուները **ԿԵՐԵԼ** **են** այս տորթից:
Vorosh katuner / Bolor katwunerě **KEREL** **en** ays tort‘its‘
Alguns gatos NOM / Todos gatos NOM **COMERAM** PCP **AUX**_{3.ªp} este bolo ABL
‘Alguns gatos / Todos os gatos comeram deste bolo.’

- b. ՈՐՈՇ կատուներ / ԲՈԼՈՐ կատուներն **են** **կերել** այս տորթից:
VOROSH katuner / BOLOR katwunern **en** **kerel** ays tort‘its‘
ALGUNS gatos NOM / TODOS gatos NOM **AUX**_{3.ªp} **comeram** PCP este bolo ABL
‘Foram alguns gatos / todos os gatos que comeram deste bolo.’

Igualmente aos quantificadores anteriores, nas estruturas onde ocorre próclise do Vaux de arménio, os quantificadores *բոլոր* – *bolor* – ‘todos’ e *որոշ* – *vorosh* – ‘alguns’ também são focalizados. Tal como acontece com os advérbios marcadores de foco, o hospedeiro do Vaux é o SN que esses modificam.

O quantificador *ամեն ինչ* – *amen intch* – ‘tudo’ do arménio, identicamente, admite tanto próclise, como ênclise ((112)).

- (112) a. Կատուն ԱՄԵՆ ԻՆՉ է **կերել:**
 Katun AMEN INCH՝ *ē* **kerel**
 gato NOM TUDO ACU **AUX**_{3.ªp} **comeu** PCP
 ‘O gato comeu TUDO.’
- b. Կատուն ԱՄԵՆ ԻՆՉ **կերել** է:
 Katun AMEN INCH՝ **kerel** *ē*
 gato NOM TUDO ACU **comeu** PCP **AUX**_{3.ªp}
 ‘O gato comeu tudo.’¹⁵⁴

ser utilizado com nomes tanto no singular como no plural (e.g., *ինչ-որ մարդիկ* – *inch-vor mardik* – ‘algumas pessoas’, *ինչ-որ մարդ* – *inch vor mard* – ‘alguma pessoa, alguém’, ou *ինչ-որ գրքեր* – *inch-vor grqer* – ‘alguns livros’, *ինչ-որ գիրք* – *inch-vor girq* – ‘algum livro’).

¹⁵⁴ Ambas as orações de (112) podem ter ainda a leitura *O gato já experimentou/comeu tudo na sua vida*. Nessa leitura também, tanto a ênclise como a próclise do Vaux são admitidas.

Porém, ao contrário do que acontece com os quantificadores $\text{pn} \text{np}$ – *bolor* – ‘todos’ e $\text{np} \text{n}_2$ – *vorosh* – ‘alguns’, as opiniões de falantes de arménio L1¹⁵⁵ aqui divergem. Para uma parte, em (112a), existe focalização do OD, enquanto em (112b) o rema da frase é o verbo, tal como noutras estruturas de foco neutro arménio. Outros defendem a ideia de que não existe diferença significativa entre as duas frases de (112), pois pelo seu conteúdo semântico, $\text{u}\text{ł}\text{ł}\text{ł}\text{ł}$ $\text{h}\text{ł}\text{ł}$ – *amen inch* – ‘tudo’, num leque grande de situações discursivas, é o elemento focalizado da frase (pragmaticamente legitimado), independentemente da posição do Vaux. Se da perspetiva prosódica, na oração de (112a), o quantificador *tudo* é, sem dúvida, o mais proeminente na frase, em (112b) também, o quantificador *tudo*, apesar da posição do Vaux, pode ser prosodicamente o mais destacado¹⁵⁶. Por outras palavras, entre as orações *O gato comeu TUDO* e *O gato comeu tudo* não há diferença pragmaticamente justificada: em ambos os casos nada restou, tudo foi comido. A focalização do quantificador $\text{u}\text{ł}\text{ł}\text{ł}\text{ł}$ $\text{h}\text{ł}\text{ł}$ – *amen inch* – ‘tudo’, através da inversão do Vaux, aliás, conforme defende uma parte de falantes de arménio L1, é natural apenas em situações particulares (como em (113)), quando existe necessidade de um destaque absoluto.

- (113) a. Այս երեխային ԱՄԵՆ ԻՆՉ Է Կարելի
Ays yerekhayin *AMEN INCH' ē* *kareli*
 Esta criança_{NOM} TUDO_{ACU} AUX_{3.p} permitido_{PP}
 ‘Tudo é permitido a esta criança (= permissão exclusiva, sem qualquer exceção).’

De qualquer forma, todos os falantes de arménio L1 por nós consultados admitem a gramaticalidade de ambas as frases em (112).

Em português, conforme refere Martins (2013; 2016), os quantificadores *algum*, *todo*, não são proclisadores categóricos, podendo admitir tanto próclise como ênclise¹⁵⁷, tal como em arménio; já o quantificador *tudo*, ao contrário do arménio, é um proclisador categórico, salvo nas situações em que ocorre em posição pós-nominal, pois assim adquire uma leitura de grupo (cf. Martins, 2013: 2248), como em (114b).

- (114) a. Agora **tudo** isso *lhe era* diferente (CRPC, F. Namora, Trigo *op. cit.*

¹⁵⁵ Ver a nota 120.

¹⁵⁶ Recordar-se que a hierarquia de focalização em arménio é:
 Acento lógico (Marcação prosódica) ≥ Vaux > Inversão da ordem > Verbo finito.

¹⁵⁷ Veja-se a discussão de Martins (2013).

Martins, 2013: 2247, formatação nossa)

- b. Isso **tudo** *perdeu-se* (Helculano, *apud* Said Ali [1908] 1966: 50 *op. cit.* Martins, 2013: 2248, formatação nossa)

Quanto ao quantificador *alguém*, de natureza pronominal, em português, conforme esclarece Martins (2013), tal como o quantificador *tudo*, este é tipicamente introdutor de próclise, por ter uma natureza não referencial ((115a)), mas em situações particulares, quando é modificado por uma oração relativa restritiva com o verbo no conjuntivo, admite apenas colocação enclítica (compare (115b) e (115c)).

- (115) a. *Alguém, o qual assistiu ao acidente, **contou-lhe** tudo.
- b. Alguém *que [chegue/tenha chegado tarde]* **perde-se**, com certeza, no meio dessa argumentação. (Martins, 2013: 2247, formatação nossa)
- c. *Alguém *que [chegue/tenha chegado tarde]* **se perde**, com certeza, no meio dessa argumentação. (Martins, 2013: 2247, formatação nossa)

Quando modificado por uma relativa restritiva, o pronome *ինչ-որ մէկը* – *inch* ‘*vor mekě*’ – ‘alguém’ do arménio, na posição pré-verbal, tal como em português, admite apenas ênclise ((116a)). Porém, na ausência de uma relativa restritiva, ao contrário do português, em arménio, tanto próclise ((116b)) como ênclise ((116c)) são possíveis com este pronome. Mais uma vez, a diferença entre as duas orações é o facto de em (116b) o sujeito ser o rema, prosodicamente o mais proeminente, na oração.

- (116) a. *ինչ-որ մէկը, որ ուշ է եկել, է կերել սորթը:
 *Inch ‘*vor mekě*, *vor ush e ekel* *ē kerel* *tort* ‘*ě*
 *alguém_{NOM} que tarde AUX_{3.p} chegou PCP AUX_{3.p} **comeu** PCP bolo_{ACU}
 ‘Alguém que chegou tarde comeu o bolo.’
- b. ինչ-որ մէկը է կերել սորթը:
 INCH ‘*VOR MEKE* *ē* *kerel* *tort* ‘*ě*
 ALGUÉM_{NOM} AUX_{3.p} **comeu** PCP bolo_{ACU}
 ‘Alguém comeu o bolo.’

- c. Ինչ-որ մեկը **ԿԵՐԵԼ** **է** սորթը:
Inch' vor mekě **KEREL** **ē** tort'ě
alguém _{NOM} **COMEU** _{PCP} **AUX_{3.p}** bolo _{ACU}
 ‘Alguém comeu o bolo.’

Mesmo no caso de, na oração de (116a), o enunciador atribuir o tom mais elevado ao sujeito da oração, a ênclise continuará a ser a única opção válida, por o sujeito prosodicamente preminente e o Vpcp se encontrarem em sintagmas entoacionais distintos e por o Vaux clítico do arménio não ter possibilidade de atravessar fronteiras prosódicas, conforme explicitamos em (117).

- (117) ***[ԻՆՉ-ՈՐ ՄԵԿԸ]**_I, [np n₁₂ t t_{kl}]_I, [t k_{er}el] _I սորթը]_I
 ***[INCH' VOR MEKĚ]**_I [vor ush ē ekel]_I [ē kerel tort'ě]_I
 ***[ALGUÉM** _{NOM}]_I [que tarde AUX_{3.p} chegou _{PCP}]_I [**AUX_{3.p} comeu** _{PCP} bolo _{ACU}]_I
 ‘Alguém que chegou tarde comeu o bolo.’

Resumidamente, os quantificadores em arménio, independentemente de funcionarem como advérbios, pronomes ou adjetivos, são proclisadores quando são os elementos focalizados da frase. O quantificador *phz* – *k'ich* – ‘pouco(s)’, salvo poucas situações, normalmente adquire leitura de foco numa oração.

➤ Orações subordinadas

Ao contrário do português, em que, nas frases subordinadas, a próclise é historicamente o padrão aceite (cf. Martins, 1994; 2013), em arménio, a simples presença de uma conjunção ou pronome relativo, não legitima a próclise, sendo a ênclise o único padrão aceitável ((118)).

- (118) a. Մարիան տեսավ, որ կատունը կերել էր հացը:
 Marian tesav, **vor** katun kerel ēr hats'ě
 Maria _{NOM} viu _{PCP} **que** gato _{NOM} **comeu** _{PCP} **AUX_{3.p}** pão _{ACU}
 ‘A Maria viu que o gato tinha comido o pão.’

- b. Մարիան գնաց, **որովհետև** կատուն **ԿԵՐԵԼ** էր հացը:
Marian gnats ‘, **vorovhetev** *katun KEREL ēr hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} foi_{PCP} **porque** gato_{NOM} **COMEU** _{PCP} **AUX_{3.p}** pão_{ACU}
 ‘A Maria foi-se embora porque o gato tinha comido o pão.’

- c. Մարիան գնաց այնտեղ, **որտեղ** կատուն **ԿԵՐԵԼ** էր հացը:
Marian gnats ‘*ayntegh*, **vortegh** *katun KEREL ēr hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} foi_{PCP} lá **onde** gato_{NOM} **COMEU** _{PCP} **AUX_{3.p}** pão_{ACU}
 ‘A Maria foi para onde o gato tinha comido o pão.’

- d. Մարիան գնաց, **երբ** կատուն **ԿԵՐԵԼ** էր հացը:
Marian_{NOM} gnats ‘, **erb** *katun KEREL ēr hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} foi_{PCP} **quando** gato_{NOM} **COMEU** _{PCP} **AUX_{3.p}** pão_{ACU}
 ‘A Maria foi-se embora, quando o gato tinha comido o pão.’

Em arménio, a colocação proclítica do Vaux, nas orações subordinadas, apesar de não gerar agramaticalidade, altera o significado da frase, focalizando o constituinte a que se adjunge ((119)), tal como em orações raízes.

- (119) a. Մարիան հասկացավ, **որ** ԿԱՏՈՒՆ էր կերել հացը:
Marian_{NOM} haskats ‘*av*, **vor** *KATUN ēr kerel hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} percebeu_{PCP} **que** GATO_{NOM} **AUX_{3.p}** **comeu** _{PCP} pão_{ACU}
 ‘A Maria compreendeu que tinha sido o gato que comeu o pão.’
- b. Մարիան գնաց, **որովհետև** ԿԱՏՈՒՆ էր կերել հացը:
Marian_{NOM} gnats ‘, **vorovhetev** *KATUN ēr kerel hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} foi_{PCP} **porque** GATO_{NOM} **AUX_{3.p}** **comeu** _{PCP} pão_{ACU}
 ‘A Maria foi-se embora porque foi o gato que comeu o pão.’
- c. Մարիան գնաց այնտեղ, **որտեղ** ԿԱՏՈՒՆ էր կերել հացը:
Marian_{NOM} gnats ‘*ayntegh*, **vortegh** *KATUN ēr kerel hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} foi_{PCP} lá **onde** GATO_{NOM} **AUX_{3.p}** **comeu** _{PCP} pão_{ACU}
 ‘A Maria foi para o sítio, onde foi o gato que comeu o pão.’

- d. Մարիան գնաց, էրբ ԿԱՏՈՒՆ էր կերել հացը:
Marian gnats ‘, erb KATUN *ēr kerel hats* ‘*ě*
 Maria_{NOM} foi_{PCP} quando GATO_{NOM} AUX_{3.ªp} **comeu** _{PCP} pão_{ACU}
 ‘A Maria foi-se embora, quando foi o gato que comeu o pão.’

Contudo, se não houver nenhum constituinte realizado entre o complementador e o verbo da oração encaixada, a próclise do Vaux do arménio causará agramaticalidade ((120)).

- (120) a. *Մարիան հասկացալ, նր էր հիվանդանում:
 **Marian haskats* ‘*av*, vor *ēr hivandanum*
 *Maria_{NOM} compreendeu_{PCP} que AUX_{3.ªp} **adoece** _{PCP}
 ‘A Maria percebeu que está a adoecer.’
- b. *Մարիան գնաց, որովհետև էր հոգնել:
 **Marian gnats* ‘, vorovhetev *ēr hognel*
 *Maria_{NOM} foi_{PCP} porque AUX_{3.ªp} **cansou** _{PCP}
 ‘A Maria foi-se embora porque estava cansada.’
- c. *Մարիան գնաց այնտեղ, որտեղ էր հանդիպել Արամին:
 **Marian gnats* ‘*ayntegh*, vortegh *ēr kerel Aramin*
 *Maria_{NOM} foi_{PCP} lá onde AUX_{3.ªp} **encontrou** _{PCP} Aram_{ACU}
 ‘A Maria foi para onde se tinha encontrado com o Aram.’
- d. *Մարիան եկել է, էրբ է կարողացել:
 **Marian ekel e*, erb *ē karoghats* ‘*el*
 *Maria_{NOM} veio_{PCP} AUX_{3.ªp} quando AUX_{3.ªp} **conseguiu** _{PCP}
 ‘A Maria veio quando conseguiu.’

Portanto, os complementadores do arménio nunca podem legitimar a próclise, na ausência de proclisadores em posição pré-verbal nas orações encaixadas. A razão para isso também se prende com questões prosódicas. Os complementadores que em arménio introduzem relativas, explicativas e causais não podem ser prosodicamente os mais proeminentes na oração, porque normalmente não podem ser focalizados, mais precisamente,

não podem ser foco contrastivo da frase, ou não podem carregar o acento lógico da oração. A focalização é atribuída à oração encaixada, mas não ao complementador ou à conjunção. Em situações discursivas específicas, por exemplo, quando o interlocutor não ouve ou não compreende a proeminência do complementador ou da conjunção subordinada é uma possibilidade; porém, mesmo assim, logo a seguir ao destaque prosódico do complementador ocorre quebra prosódica. E tal como explicitámos anteriormente o Vaux não atravessa a fronteira de I. Voltaremos na subsecção 5.1.2.2 à questão de em arménio os complementadores não poderem ser prosodicamente os mais proeminentes.

Para finalizar esta subsecção, do ponto de vista sintático-lexical, em arménio, além das interjeições¹⁵⁸, das preposições, dos complementadores (e conjunções subordinadas) e da maioria dos advérbios de atitude¹⁵⁹, todas as outras classes gramaticais – nomes, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, advérbios e mesmo posposições (e.g., մասին – *masin* – ‘sobre’, համար – *hamar* – ‘para’, տակ – *tak* – ‘abaixo’, հետ – *het* – ‘com’) podem ser hospedeiros do Vaux, pois podem ser focalizados e/ou prosodicamente proeminentes numa oração¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Algumas interjeições (e.g., ա՛խ – *akh* – ‘ah (exprime dor ou tristeza)’, օ՛ֆ – *of* – ‘uf (exprime incerteza)’, վա՛յ – *vay* – ‘ai (exprime espanto, aflição ou tristeza)’) quando acompanhados por um verbo, formam verbos compostos. Quando conjugados, o Vaux segue a interjeição, se bem que Acharyan (2005) argumenta que esses elementos não são interjeições, mas antes substantivos (e.g., (i)).

- (i) Տառը ա՛խ էր աւնում ու գլխին տալիս:
Tatē *akh* *ēr* *anum* *u* *glxin* *talis*
 Avó_{NOM} **ah** **AUX_{3.p}** fazer e cabeça_{DAT} dar
 'A avó suspirava e batia na cabeça com as mãos.'

¹⁵⁹ Em arménio, os advérbios de atitude formam uma classe gramatical independente e, do ponto de vista de colocação do Vaux, apresentam particularidades idênticas aos advérbios focalizadores (ver §2.2.8.3. *Advérbios*). Apenas alguns advérbios de atitude, os que podem ser focalizados, podem ser hospedeiros do Vaux de arménio (e.g., (ii)).

- (ii) Նա **հաստատապես էր** որոշել գնալ կռվի:
Na ***hastatapēs*** *ēr* *voroshel* *gnal* *kṛvi*
 Ele **certamente** **AUX_{3.p}** decidiu ir batalha_{DAT}
 'Ele tinha decidido ir à batalha com certeza (=não existe dúvida alguma).'

¹⁶⁰ O caso de posposições necessita de uma análise mais cuidadosa. Ao contrário das posposições, as preposições (e.g., առանց – *arants* – ‘sem’, դեպի – *depi* – ‘a, para’, հանում – *hanun* – ‘graças’), que juntamente com os primeiros formam uma classe gramatical independente em arménio, chamada կապեր – *kaper* – conectores, conforme vimos, não podem ser hospedeiros do Vaux. Em paralelo, alguns conectores que podem ser tanto pré como posposições (e.g., հանդեպ – *handep* – ‘perante’, շնորհիվ – *shnorhiv* – ‘graças’) podem hospedar o Vaux enquanto posposições. Em função de preposições, o sintagma preposicional e o verbo da oração encontram-se em sintagmas entoacionais diferentes, o que explica a ênclise do Vaux ou, no caso de se observar inversão da ordem Vpcp-Vaux, o hospedeiro do Vaux é a palavra introduzida pela preposição, mas não a própria preposição. Embora as posposições possam ser prosodicamente proeminentes numa oração (e.g., քեզ ՀԱՄԱՐ եմ բերել – *Qez_{tuDAT} HAMAR_{PARA} em_{AUX1.3.pess} berel_{trouxe} – ‘É para ti que trouxe.’), o fenómeno de serem apenas as posposições hospedeiros do Vaux de arménio é interessante do ponto de vista linguístico, pois conforme referido, pode indicar para o facto de a posição de certos itens (em relação às palavras que modificam) em que aparecem ser relevante para o seu estatuto proclisador, ou para as estruturas de interpolação do advérbio no meio do proclisador e do Vaux - hipóteses que deixamos abertas para investigação futura.*

➤ Foco contrastivo anteposto

Quanto ao foco contrastivo anteposto, apesar de, na opinião de Raposo (2013), a diferença entre os advérbios que executam função do foco ((121a)) e do tópico ((121b)) da frase, nem sempre ser clara semanticamente, Martins (2013: 2261), sustenta que as frases em que o advérbio tem a função do foco contrastivo são facilmente parafraseáveis com o recurso à clivagem ((121a)).

(121) a. **Atravessando a várzea se chega** ao mar. (= é atravessando a várzea (e não de qualquer outro modo) que se chega ao mar.) (Martins, 2013: 2267, formatação adaptada por nós)

a. **Atravessando a várzea, chega-se** ao mar. (= se se atravessar a várzea, chega-se ao mar.) (Martins, 2013: 2267, formatação adaptada por nós)

O mesmo padrão é facilmente destacável em arménio, se compararmos os exemplos de (91), retomados em (122a) e (122b), com os de (123a) e (123b).

(122) a. Կատուն **ՍԵՂԱՆԻ ՎՐԱ** է կերել տորթը:
Katun SEGHANI VRA ē kerel tort'ē
 gato NOM **MESA GEN SOBRE NOM** AUX3.ªp **comeu PCP** bolo ACU
 ‘Foi em cima da mesa que o gato comeu o bolo.’

b. Կատուն **ՄԻ ՓՈԶՐԻԿ ԿՏՈՐ** է կերել տորթից:
katun MI P'OK'RIK KTOR ē kerel PCP tort'its'
 gato NOM **UM PEQUENO PEDAÇO ACU** AUX3.ªp **comeu PCP** bolo ABL
 ‘Foi um pedaço que o gato comeu do bolo.’

(123) a. Կատուն, **սեղանի վրա,** **ԿԵՐԵԼ** է տորթը:
Katun seghani vra KEREL ē tort'ē
 gato NOM **mesa GEN sobre NOM** **COMEU PCP** AUX3.ªp bolo ACU
 ‘Por cima da mesa, o gato comeu o bolo.’

b. **Մի փոքրիկ կտոր,** կատուն **ԿԵՐԵԼ** է տորթից:
mi p'ok'rik ktor, katun KEREL ē tort'its'
um pequeno pedaço, gato NOM **COMEU PCP** AUX3.ªp bolo ABL
 ‘Um pedaço pequeno do bolo, o gato comeu.’

O arménio e o português apresentam características idênticas, quanto ao estatuto proclisador de focos contrastivos antepostos não adverbiais.

Ao mesmo tempo, notamos que, nos exemplos de (122), os constituintes marcados a vermelho, que desencadeiam a próclise do Vaux em arménio, estão focalizados e, portanto, carregam o acento lógico da oração, enquanto nos exemplos de (123), conforme já referido, o constituinte com o tom mais elevado ao nível da prosódia será o núcleo do predicado. Em paralelo, identicamente a outras situações já apresentadas, tanto em arménio, como em português, a ênclise do Vaux e do pronome clítico respetivamente é legitimada pela quebra prosódica que os separa do tópico da oração.

Antes de avançar com as questões que nos levam a selecionar contextos para a elaboração de um teste de eliciação, no sentido de testar a influência de traços que condicionam a colocação de clíticos (Vaux) em arménio L1, na aquisição da próclise de pronomes clíticos em PL2, falta-nos compreender se existem particularidades de distribuição de pronomes pessoais de arménio (não clíticos) numa frase.

2.2.9. A distribuição dos pronomes pessoais complemento do arménio

A literatura disponível da área não nos fornece muitos dados a respeito da posição dos pronomes pessoais de arménio. Tanto quanto se sabe, essa questão não foi alvo de estudos académicos, facto talvez explicado pelas particularidades da ordem sintática do arménio, mais livre que a do português, e pelo facto de os pronomes pessoais do arménio serem itens lexicais tónicos. Com efeito, Papoyan e Badikyan (2003: 152) referem que a ordem dos complementos verbais em arménio é relativamente livre, não existindo uma restrição específica. Os autores mencionam, ainda (*op. cit.*), que, ao contrário disso, as suas análises quantitativas indicam haver uma tendência de colocação pós-verbal dos mesmos. Quanto aos pronomes complementos, Papoyan e Badikyan (*op. cit.*) referem que os mesmos, identicamente os complementos nominais, sobretudo se forem OD, normalmente seguem o verbo. Acharyan (2005), também a esse respeito, indica apenas que os pronomes pessoais complemento seguem o verbo (p. 219; 291), mas ao longo do trabalho refere várias vezes que a ordem em arménio contemporâneo é livre (*e.g.*, p. 220; 225).

Os pronomes complemento de arménio, quando hospedam o Vaux da oração, tal como outros constituintes, recebem o tom entoacional mais alto no ato de fala, não necessitando de

estar em adjacência ao Vpcp ((124a)-(124c)), e nesse aspeto aproximam-se ao foco anteposto (não adverbial). Normalmente, conforme já explicámos, enquanto focalizados, os pronomes pessoais complemento do arménio estão a ser seguidos pelo Vaux, embora a focalização dos mesmos seja possível também somente através da proeminência prosódica, pois os pronomes pessoais complemento do arménio podem igualmente receber o acento lógico da frase, se ocuparem a periferia direita, mas nesse caso o Vaux não os acompanhará, visto o seu movimento à direita ser impossível ((124d)).

- (124) a. Մայրս սովորաբար **ՆՐԱՆ** է տեսնում այգում:
mayrs sovorabar NRAN ē tesnum aygum
 minha mãe habitualmente **ELE** _{ACU} AUX_{3.p} **vê** _{PCP} jardim _{LOC}
 ‘É ele (mas não uma outra pessoa) que a minha mãe normalmente vê no jardim.’
- b. **ՆՐԱՆ** է մայրս սովորաբար տեսնում այգում:
NRAN ē mayrs sovorabar tesnum aygum
ELE _{ACU} **AUX_{3.p}** minha mãe habitualmente **vê** _{PCP} jardim _{LOC}
 ‘É ele (mas não uma outra pessoa) que a minha mãe normalmente vê no jardim.’
- c. Մայրս **ՆՐԱՆ** է սովորաբար տեսնում այգում:
mayrs NRAN ē sovorabar tesnum aygum
 minha mãe **ELE** _{ACU} **AUX_{3.p}** habitualmente **vê** _{PCP} jardim _{LOC}
 ‘É ele (mas não uma outra pessoa) que a minha mãe normalmente vê no jardim.’
- d. Մայրս սովորաբար տեսնում է այգում **ՆՐԱՆ**:
Mayrs sovorabar tesnum ē aygum NRAN
 minha mãe habitualmente **vê** _{PCP} **AUX_{3.p}** jardim _{LOC} **ELE** _{ACU}
 ‘É ele (mas não uma outra pessoa) que a minha mãe normalmente vê no jardim.’

Alguns autores, como Papoyan e Badikyan (2003:152), mencionam que os pronomes complemento aparecem na posição pré-verbal quando são enfatizados. Na realidade, essa

afirmação não pode ser encarada como absoluta para todas as situações. Os pronomes complemento do arménio, tal como os objetos nominais, podem aparecer tanto à esquerda, como à direita do verbo, sem que haja alteração do significado da frase (ver §2.2.8.1), como exemplificado em (125). A deslocação do pronome DAT para a esquerda do verbo finito, sem que haja intenção de focalização do mesmo, por exemplo, é recomendável quando o OD tem natureza frásica (e.g., (125b)), aliás, tal como acontece na inversão da ordem OD-OI em português com o OD frásico (e.g., Mateus *et al.*, 2003). Em arménio, mesmo que o OD não seja frásico, muitas vezes o OI pronominal de um verbo bitransitivo ocupa a sua posição esquerda ((125c)). Naturalmente, posiciona-se à esquerda do verbo também o OD pronominal ((126a)), mesmo que a sua ocorrência à direita do verbo seja uma opção gramatical ((126b)).

(125) a. Արամի հետ խոսել էմ: Նա ասել է **ինձ**, որ գնալու է Պորտու:

Arami het khosel em. Na asel ē indz, vor gnalu ē Portu

Aram_{GEN} com falei_{PCP} AUX_{1.ªp}. Ele_{NOM} disse_{PCP} AUX_{3.ªp} **me** _{DAT} que irá_{PCP} AUX_{3.ªp}

Porto_{ACU}

‘Falei com o Aram. Ele disse-me que vai ao Porto.’

b. Արամի հետ խոսել էմ: Նա **ինձ** ասել է, որ գնալու է Պորտու:

Arami het khosel em. Na indz asel ē, vor gnalu ē Portu

Aram_{GEN} com falei_{PCP} AUX_{1.ªp}. Ele_{NOM} **me** _{DAT} disse_{PCP} AUX_{3.ªp} que irá_{PCP} AUX_{3.ªp}

Porto_{ACU}

‘Falei com o Aram. Ele disse-me que vai ao Porto.’

c. Ես **նրան** պատմել եմ ճշմարտությունը:

Yes nran patmel em chshmartut‘yuně

Ele_{NOM} **lhe** _{DAT} contei_{PCP} AUX_{3.ªp} verdade_{ACU}

‘Contei-lhe a verdade.’

d. Ես ճշմարտությունը պատմել եմ **նրան**:

Yes chshmartut‘yuně patmel em nran

Ele_{NOM} verdade_{ACU} contei_{PCP} AUX_{3.ªp} **lhe** _{DAT}

‘Contei-lhe a verdade.’

(126) a. Գիրքը չեմ գտնում: Մարիան **այն** դրել էր սեղանին:

Girk'ě ch'em gtnum. Marian ayn drel ēr seghanin

Livro_{ACU} não AUX_{1,ap} encontro PCP Maria NOM **aquilo** ACU pôs PCP AUX_{3,ap} mesa DAT

‘Não encontro o livro. A Maria tinha-o posto na mesa.’

b. Գիրքը չեմ գտնոււմ: Մարիան դրել էր **այն** սեղանին:

Girk'ě ch'em gtnum. Marian drel ēr ayn seghanin

Livro_{ACU} não AUX_{1,ap} encontro PCP Maria NOM pô SPCP AUX_{3,ap} **aquilo** ACU mesa DAT

‘Não encontro o livro. A Maria tinha-o posto na mesa.’

Em (125b), (125c) e (126a), o posicionamento do pronome pessoal à esquerda do verbo não é uma questão de focalização, pois, como vimos, na presença do Vaux, o foco da frase é normalmente acompanhado por esse, mas é também, antes, uma questão prosódica. Portanto, em primeiro lugar, a afirmação de Badikyan (1976) de que a ordem básica do arménio é SVO quando o OD é [+definido], enquanto a ordem SOV deve ser reservada para os OD [-definido] e para as orações com foco marcado, também desta perspetiva, não pode ser encarada como uma afirmação absoluta, pois com OD [+definido] pronominal, [±humano], a ordem SOV é identicamente natural. A distribuição de constituintes frásicos em arménio, na realidade, é uma questão que envolve a interface sintaxe-fonologia. Ora, Acharyan (2005: 226) refere que em arménio as palavras mais curtas vêm em primeiro lugar. Embora essa afirmação tenha sido feita em relação aos termos coordenados, a mesma parece ser verdadeira também para os complementos verbais. Assim, em (125b), (125c) e (126a), o posicionamento do pronome pessoal naturalmente à esquerda do verbo é uma questão prosódica – o sintagma entoacional (I) mais pesado, tal como em português (cf. Frota & Vigário, 1996/2001), realiza-se no final, sendo a ordem aceitável ‘leve-pesado’.

Se existir um equilíbrio de peso entre os sintagmas entoacionais, a ordem natural, numa oração de foco neutro, será OD-V-OI, sejam os complementos verbais expressos por nomes ou pronomes ((127)).

- (127) a. Ես **գիրքը** տվել եմ **Մարկին:** OD-V-OI
Yes girk'ě tvel em Markin
 Eu **livro** ACU dei PCP AUX_{1,ap} **Marcos** DAT
 ‘Eu dei o livro ao Marcos.’

b. Ես **գիրքը** տվել եմ **նրան:**

Yes *girk'ě* tvel em nran
 Eu_{NOM} **livro**_{ACU} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} **lhe**_{DAT}
 ‘Eu dei-lhe o livro.’

c. Ես այն տվել եմ Մարկին:
 Yes *ayn* tvel em *Markin*
 Eu_{NOM} **aquilo**_{ACU} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} **Marcos**_{DAT}
 ‘Eu dei-o ao Marcos.’

d. Ես այն տվել եմ նրան:
 Yes *ayn* tvel em *nran*
 Eu_{NOM} **aquilo**_{ACU} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} **lhe**_{DAT}
 ‘Eu dei-lho.’

Todavia, apesar de, em arménio, a distribuição simétrica de OD e OI para cada lado do verbo que os seleciona ser recomendável, outras distribuições também são aceitáveis, sobretudo se o contexto linguístico permitir uma interpretação da oração como de foco neutro. Em (128), estamos perante uma situação em que o contexto discursivo (o facto de o enunciador ter sido informado da situação pelo sujeito da segunda oração dos exemplos) não legitima qualquer leitura de foco atribuída a nenhum dos objetos do verbo, independentemente da sua posição na oração, fazendo com que as orações de (128a)-(128d) sejam interpretadas identicamente.

(128) a. Տեղյակ եմ: Արամն ինձ ասել է դա: OD-V-OI
Teghyak em. Aramn indz asel ē da
 Informado AUX_{1.ªp}. Aram_{NOM} **me**_{DAT} disse_{PCP} AUX_{3.ªp} **isso**_{ACU}
 ‘Eu sei. O Aram já mo disse.’

b. Տեղյակ եմ: Արամը դա ասել է ինձ: OD-V-OI
Teghyak em. Aramē da asel ē indz
 Informado AUX_{1.ªp}. Aram_{NOM} **isso**_{ACU} disse_{PCP} AUX_{3.ªp} **me**_{DAT}
 ‘Eu sei. O Aram já mo disse.’

c. Տեղյակ եմ: Արամը դա ինձ ասել է: OD-OI-V

Teghyak em. Aramě da indz asel ē
 Informado AUX_{1.p}. Aram_{NOM} **isso**_{ACU} **me**_{DAT} disse_{PCP} AUX_{3.p}
 ‘Eu sei. O Aram já mo disse.’

- d. *Տեղյակ եմ: Արամն ինձ դա ասել է:* OI-OD-V
Teghyak em. Aramě indz da asel ē
 Informado AUX_{1.p} Aram_{NOM} **me**_{DAT} **isso**_{ACU} disse_{PCP} AUX_{3.p}
 ‘Eu sei. O Aram já mo disse.’

A distribuição relativamente livre de complementos verbais com o mesmo peso (nominais e pronominais) é aceitável ainda em situações nas quais a periferia direita da oração é ocupada por algum modificador ((129)). Nesses casos, o posicionamento do pronome complemento em relação ao verbo poderá ser uma questão estilística ou de preferência do enunciador. Por outras palavras, se nenhum dos constituintes for prosodicamente proeminente, entre os exemplos de (129), que apresentam casos de verbos bitransitivos, não haverá diferença significativa de interpretação, apesar de essas ordens não serem as mais naturais para uma frase de foco neutro¹⁶¹.

¹⁶¹ Realçamos que a interpretação equivalente é possível apenas quando nenhum constituinte é prosodicamente proeminente. Pode-se argumentar que na periferia direita, numa sintaxe invertida, os constituintes deslocados adquirem o traço [+foco]. Concordando com isso, relembramos que a estratégia de focalização com maior peso é a atribuição da marcação prosódica, i.e., do tom mais elevado a certo constituinte. Portanto, nos exemplos de (129) basta atribuir o acento lógico a qualquer constituinte que não esteja na periferia direita, para que esse último deixe de ser interpretado como [+foco] (e.g., (i)).

- (i) a. *Ես տվել եմ ԳԻՐԶԸ նրան:*
Yes tvel em GIRK'É nran
 Eu_{NOM} dei_{pcp} AUX_{1.p} LIVRO_{ACU} lhe_{DAT}
 ‘Eu dei-lhe o livro.’
- b. *Ես նրան ՏՎԵԼ ԵՄ գիրքը:*
Yes nran TVEL EM girk'ē
 Eu_{NOM} lhe_{DAT} DEI_{PCP} AUX_{1.p} livro_{ACU}
 ‘Eu dei-lhe o livro.’

Além disso, se a periferia direita da oração for ocupada, por exemplo, por um modificador de tempo ou de lugar, a esse será atribuído o traço [+foco] e a distribuição dos complementos verbais diferentemente da ordem OD-V-OI não causará diferenças de interpretação ((ii)).

- (ii) a. *Ես տվել եմ գիրքը նրան ԵՐԵԿ:*
Yes tvel em girk'ē nran yerek
 Eu_{NOM} dei_{pcp} AUX_{1.p} livro_{ACU} lhe_{DAT} ontem
 ‘Eu dei-lhe o livro ontem.’
- b. *Ես նրան տվել եմ գիրքը երեկ:*
Yes nran tvel em girk'ē yerek

- (129) a. Ես տվել եմ այն Մարկին երեկ: V-OD-OI
Yes tvel em ayn Markin yerek
 Eu_{NOM} dei_{PCP} AUX_{1.p} **aquilo**_{ACU} **Marcos**_{DAT} ontem
 ‘Eu dei-o ao Marcos ontem.’
- b. Ես տվել եմ գիրքը նրան երեկ: V-OD-OI
Yes tvel em girk‘ě nran yerek
 Eu_{NOM} dei_{PCP} AUX_{1.p} **livro**_{ACU} **lhe**_{DAT} ontem
 ‘Eu dei-lhe o livro ontem.’
- c. ?Ես տվել եմ այն նրան երեկ: V-OD-OI
?Yes tvel em ayn nran yerek
 ?Eu_{NOM} dei_{PCP} AUX_{1.p} **aquilo**_{ACU} **lhe**_{DAT} ontem
 ‘Eu dei-lho ontem.’
- d. Ես Մարկին տվել եմ այն երեկ: OI-V-OD
Yes Markin tvel em ayn yerek
 Eu_{NOM} **Marcos**_{DAT} dei_{PCP} AUX_{1.p} **aquilo**_{ACU} ontem
 ‘Eu dei-o ao Marcos ontem.’
- e. Ես նրան տվել եմ գիրքը երեկ: OI-V-OD
Yes nran tvel em girk‘ě yerek
 Eu_{NOM} **lhe**_{DAT} dei_{PCP} AUX_{1.p} **livro**_{ACU} ontem
 ‘Eu dei-lhe o livro.’
- f. Ես նրան տվել եմ այն երեկ: OI-V-OD
Yes nran tvel em ayn yerek
 Eu_{NOM} **lhe**_{DAT} dei_{PCP} AUX_{1.p} **aquilo**_{ACU} ontem
 ‘Eu dei-lho ontem.’
- g. Ես գիրքը նրան տվել եմ երեկ: OD-OI-V
Yes girk‘ě nran tvel em yerek

Eu_{NOM} **lhe**_{DAT} dei_{pcp} AUX_{1.p} **livro**_{ACU} ontem
 ‘Eu dei-lhe o livro ontem.’

Eu_{NOM} **livro**_{ACU} **lhe**_{DAT} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} ontem
 ‘Eu dei-lhe o livro ontem.’

h. Ես **այն** **նրան** տվել եմ երեկ: OD-OI-V
 Yes *ayn* *nran* *tvel* *em* *yerek*
 Eu_{NOM} **aquilo**_{ACU} **lhe**_{DAT} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} ontem
 ‘Eu dei-lho ontem.’

i. Ես **այն** **Մարկին** տվել եմ երեկ: OD-OI-V
 Yes *ayn* *Markin* *tvel* *em* *yerek*
 Eu_{NOM} **aquilo**_{ACU} **Marcos**_{DAT} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} ontem
 ‘Eu dei-o ao Marcos ontem.’

j. Ես **նրան գիրքը** տվել եմ երեկ: OI-OD-V
 Yes *nran* *girk’ē* *tvel* *em* *yerek*
 Eu_{NOM} U **lhe**_{DAT} **livro**_{ACU} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} ontem
 ‘Eu dei-lhe o livro.’

k. Ես **նրան այն** տվել եմ երեկ: OI-OD-V
 Yes *nran* *ayn* *tvel* *em* *yerek*
 Eu_{NOM} U **lhe**_{DAT} **aquilo**_{ACU} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} ontem
 ‘Eu dei-lho ontem.’

l. Ես **Մարկին այն** տվել եմ երեկ: OI-OD-V
 Yes *Markin* *ayn* *tvel* *em* *yerek*
 Eu_{NOM} U **Marcos**_{DAT} **aquilo**_{ACU} dei_{PCP} AUX_{1.ªp} ontem
 ‘Eu dei-o ao Marcos ontem.’

Para os verbos transitivos diretos ou indiretos, as ordens OV e VO são igualmente aceitáveis em arménio ((130))¹⁶².

¹⁶² Recorda-se que, na periferia direita, o pronome pode adquirir a leitura de foco contrastivo, sendo necessário, nesse caso, de o mesmo ser acompanhado por acento do foco prosódico.

- (130) a. Այդ գիրքը պէտք չէ գնել: Ես **այն** կարդացել եմ:
*Ayd girk'ē petk' ch'ē gnel. Yes **ayn** kardats 'el em.*
 Esse livro preciso não+AUX_{3,p} comprar. Eu_{NOM} **isso**_{ACU} li_{PCP} AUX_{1,p}
 'Não é preciso comprar esse livro. Já o li.'
- b. Այդ գիրքը պէտք չէ գնել: Ես կարդացել եմ **այն**:
*Ayd girk'ē petk' ch'ē gnel.. Yes kardats 'el em **ayn***
 Esse livro preciso não+AUX_{3,p} comprar. Eu_{NOM} li_{PCP} AUX_{3,p} **isso**_{ACU}
 'Não é preciso comprar esse livro. Já o li.'
- c. Մի' անհանգստացիր: Արամը զանգել է **ինձ**:
*Mi anhangstats 'ir! Aramē zangel ē **indz***
 Não preocupes_{IMP}! Aram_{NOM} ligou_{PCP} AUX_{3,p} **me**_{DAT}
 'Não te preocupes! O Aram ligou-me.'
- d. Մի' անհանգստացիր: Արամն **ինձ** զանգել է:
*Mi anhangstats 'ir! Aramy **indz** zangel ē*
 Não preocupes_{IMP}! Aram_{NOM} **me**_{DAT} ligou_{PCP} AUX_{3,p}
 'Não te preocupes! O Aram ligou-me.'

Deste modo, fica evidente que, ao contrário dos pronomes pessoais de português, os seus equivalentes em arménio gozam de mais liberdade sintática na oração, podendo aparecer tanto à direita, como à esquerda do verbo, receber o acento lógico ou ocupar a periferia esquerda da frase. A liberdade posicional dos pronomes pessoais do arménio deve-se ao facto de esses serem unidades tónicas e não necessitarem de cliticização ou de um hospedeiro.

Entretanto, a distribuição do Vaux do arménio não é completamente aleatória, sendo subjacente também aos fatores sintáticos e prosódicos. Esse, tal como os pronomes pessoais do português, sendo um clítico sintático, obedece a restrições sintáticas, e a sua distribuição em arménio depende da existência de proclisadores em posição pré-verbal¹⁶³. Os proclisadores do arménio, descritos nesta secção, permitem-nos encontrar paralelos com os proclisadores de pronomes clíticos em português, existindo, porém, diferenças entre as duas línguas. O proclisador dos pronomes clíticos de português não é o hospedeiro prosódico (e sintático) dos

¹⁶³ Para a discussão de o Vaux de arménio ser considerado um clítico sintático ver Tamrazian (1994).

mesmos, que é sempre o verbo, independentemente de esses estarem em próclise ou em ênclise (e.g., Vigário, 2003). Já os proclisadores do Vaux do arménio são tipicamente itens com traço [+foco] ou modificadores que atribuem o traço [+foco] aos itens que modificam. O hospedeiro e o proclisador no Vaux de arménio, porém, podem não ser os mesmos itens. Conforme vimos anteriormente, existem situações em que o Vaux adjaz ao próprio proclisador (retomadas em (131)) ou ao sintagma fonológico de que o proclisador faz parte (retomadas em (132)). Nos exemplos retomados em (131) e (132) marcámos as fronteiras prosódicas, o que nos permite concluir que o hospedeiro do Vaux de arménio é o sintagma fonológico onde está localizado o proclisador.

- (131) a. [ʃu]φ [tɾɛtɾ ɒɾɿɸ ɛ ʌɛðuɟɾɛɿ]φɪ
 [Na]φ [yɾɛkʻ VORDI ē metsats ʻrel]φɪ
 [Ele]φ [três FILHO AUX_{3.ᵖ} criou PCP]φɪ
 ‘Ele criou três filhos (mas não filhas).’
- b. [ɛu]φ [ʊɛɸuɿɸ ɳɾɸɸɾ ɛu kɳɾɳɳɳ]φɪ
 [Yes]φ [Sevaki GRKʻERN em kardum]φɪ
 [Eu]φ [Sevak_{GEN} LIVROS AUX_{1.ᵖ} leioɾ CP]φɪ
 ‘Estou a ler os livros de Sevak (mas não os apontamentos).’
- (132) a. [ʃu]φ [ɛɾɛɸ ɳɳɳɳ ɛ ʌɛðuɟɾɛɿ]φɪ
 [Na]φ [YEREKʻ vordi ē metsats ʻrel]φɪ
 [Ele]φ [TRÊS filho AUX_{3.ᵖ} criou PCP]φɪ
 ‘Ele criou três filhos (mas não dois ou quatro).’
- b. [ɛu]φ [ʊɛɸɸɸɸ ɳɳɳɳɳ ɛu kɳɾɳɳɳ]φɪ
 [Yes]φ [SEVAKI grkʻern em kardum]φɪ
 [Eu]φ [SEVAK_{GEN} livros AUX_{1.ᵖ} leioɾCP]φɪ
 ‘Estou a ler os livros de Sevak (mas não de outro escritor).’

Em relação ao hospedeiro do Vaux do arménio ser o sintagma fonológico a que pertence o proclisador, achamos pertinente mencionar que, na grande maioria dos exemplos até agora apresentados, o Vaux gravita aparentemente à volta do Vpcp pelo simples facto de termos obtido, conforme referido na subsecção 2.2.8.2, estruturas com funções sintáticas centrais

realizadas. O Vaux do arménio, quando deslocado à esquerda, pode afastar-se do verbo, como mostram os exemplos de (133), havendo possibilidade de interpolação de um ou mais elementos entre o Vaux e o Vpcp (cf. (133a) e (133b), respetivamente).

(133) a. [[ԱՐԱՄԻ Է]φ [անալոսովանից]φ [[**խաղում** Մարիայի հետ]φ]I:

[[*ARAM e*]φ [*aravotvanits' khakhum*]φ [*Mariayi het*]φ]I

[[*ARAM AUX_{3.p}*]φ [desde manhã **brinca** PCP]φ [*Maria_{GEN} com*]φ]I

‘É o Aram que está a brincar com a Maria desde manhã.’

b. [[ԶՈ շնորհիվ **ենք**]φ [եւ ու երեխաներս]φ [այդքան լավ **սովորում** անգլերեն]φ]I:

[[*K'O shnorhiv enk'*]φ [*yes u yerekhaners*]φ *aydk'an lav sovorum angleren*]φ]I

[[*TU_{DAT} graças AUX_{1.p}*]φ [eu e crianças+art_{GEN}]φ tão bem **estudamos** PCP inglês]φ]I

‘É graças a ti que eu e os meus filhos aprendemos inglês tão bem.’

Portanto, nas estruturas de próclise, é legítimo assumir que a direção de cliticização do Vaux de arménio é à direita do sintagma fonológico de que faz parte o proclisador, mas não à esquerda do verbo, como acontece com os pronomes clíticos do PE contemporâneo (ver Vigário, 2003; Vigário e Frota, 1998)¹⁶⁴.

Nas estruturas de foco marcado, o acento lógico da oração coincide com o acento tonal do focalizado. Alternativamente, em alguns casos específicos (*e.g.*, posposições), servem de hospedeiros do Vaux itens lexicais sem traço [+foco], mas que também são elementos prosodicamente proeminentes na oração. Casos típicos são as posposições շնորհիվ – *shnorhiv* – ‘graças’, *համար* – *hamar* – ‘para’ que, na nossa opinião, pelo seu valor semântico não acumulam o traço [+foco], mas que são prosodicamente destacadas, devido à posição – na margem direita – que ocupam dentro do sintagma fonológico que inclui o proclisador do Vaux¹⁶⁵. Portanto, a presença de um constituinte com traço [+foco] em posição pré-verbal

¹⁶⁴ No presente trabalho, por não ser esse o foco da nossa discussão, não avançaremos para a apresentação de evidências fonológicas para discutir a questão de o hospedeiro do Vaux de arménio ser o sintagma fonológico, deixando essa discussão para a investigação futura. De qualquer forma, do ponto de vista desta investigação, tendo em conta as evidências apresentadas, parece-nos suficiente assumirmos que a direção de cliticização em arménio e em PE contemporâneo são diferentes.

¹⁶⁵ Ficam fora dessa generalização apenas alguns marcadores de foco (*e.g.*, *ևս* – *yevs* – ‘também’, *ևսլիսլիս* – *nuynpes* – ‘também’) do arménio que se posicionam na margem direita do sintagma fonológico focalizado, na presença dos quais, mesmo em posição pré-verbal, a única opção em arménio é a ênclise, cuja explicação foi dada na subsecção 2.2.8.3. *Advérbios*.

desencadeia próclise do Vaux de arménio, de que é hospedeiro o sintagma fonológico focalizado, estando o Vaux do arménio em ênclise ao seu hospedeiro.

Sintetizando esta secção, os exemplos mostrados ajudaram-nos a chegar a cinco conclusões fundamentais que nos servirão de base para a elaboração do teste de elicitación destinado à recolha de dados para análise:

- (i) os pronomes complemento de arménio são unidades lexicais tónicas e gozam de liberdade distribucional dentro de uma frase, podendo ocorrer numa posição pré- e pós-verbal ou ocupar a periferia esquerdo da frase;
- (ii) nas gramáticas arménias, a próclise e a ênclise são parâmetros ativos, embora numa categoria diferente (Vaux);
- (iii) a próclise do Vaux do arménio, um clítico que tipicamente ocorre na presença de um constituinte focalizado em posição pré-verbal e que o c-comanda, é uma operação que ocorre nos domínios de sintaxe e de fonologia;
- (iv) os constituintes que desencadeiam a próclise do Vaux em arménio ou são elementos portadores do acento lógico da frase (i.e., são itens lexicais [+foco] e, logo, são prosodicamente os mais proeminentes) ou são itens lexicais que atribuem proeminência prosódica aos seus modificados, e o Vaux clítico de arménio normalmente adjunge-se ao sintagma fonológico que carrega o acento lógico da oração, não podendo, porém, atravessar fronteiras de sintagmas entoacionais nem se deslocar para a direita¹⁶⁶;
- (v) a lista dos proclisadores do Vaux do arménio coincide, na sua grande maioria, com a lista apresentada por Martins (2013) dos elementos que desencadeiam a próclise de pronomes clíticos em português, havendo, todavia, algumas diferenças cruciais entre os proclisadores nestas duas línguas.

¹⁶⁶ A deslocação à direita é uma opção válida apenas para os verbos compostos (ver §2.2.8.2).

2.2.10. Algumas questões de colocação dos pronomes clíticos de português relevantes para o estudo experimental

Tendo em conta as diferenças distribucionais encontradas entre os pronomes pessoais do arménio (fortes, de colocação livre) e do português (clíticos, de colocação condicionada), levantamos a seguinte questão genérica:

Será que, à luz da hipótese de transferência, os falantes de arménio L1 recorrem à colocação aleatória de pronomes clíticos em PL2, nas fases iniciais de aquisição? (ver PI 1.3)

Se ocorrer influência da L1, prevemos que a colocação de pronomes clíticos de português nas produções dos falantes de arménio L1 seja aleatória, sobretudo nas fases iniciais da aquisição da língua, verificando-se uma oscilação entre ênclise e próclise, até o *input* os levar à reconfiguração dos valores paramétricos certos na L2. Havendo transferência dos traços distribucionais de pronomes pessoais da sua L1 e sendo o arménio uma língua em que, nas orações com um objeto pronominal, as ordens tanto SVO como SOV são recorrentes, é expectável que, sobretudo numa fase inicial de aquisição de PL2, os falantes de arménio L1, generalizem apenas um dos padrões de colocação de pronomes clíticos dessa língua, optando ou pela ênclise ou pela próclise, além da oscilação entre a próclise e a ênclise. A aquisição de pronomes clíticos de PL2 por falantes de arménio L1 poderá igualmente ser caracterizada pela generalização da ênclise, em estádios iniciais de aquisição, pois, segundo vários estudiosos dessa língua, a ordem SVO é mais recorrente em arménio (*e.g.*, Asilbekyan, 2012; Faghiri & Samvelian, 2020; Papoyan & Badikyan, 2003), igualmente quando o complemento do verbo é pronominal (*e.g.*, Acharyan, 2005; Papoyan & Badikyan, 2003). Não se espera, porém, que a generalização de ênclise seja absoluta, pois, conforme mostrámos na secção anterior, tanto a posição pré-, como pós-verbal dos complementos pronominais é natural em arménio.

Ao mesmo tempo, tendo em conta que a próclise e a ênclise são valores paramétricos ativos nas gramáticas de falantes de arménio L1, embora numa outra categoria, questionamos:

Será que os falantes de arménio L1, no processo de aquisição da próclise em português, transferem os parâmetros que condicionam a colocação do Vaux clítico na sua L1 para uma outra categoria dos clíticos na L2? (ver PI 1.4)

Se ocorrer influência do conhecimento implícito previamente adquirido, é de esperar que os falantes de arménio L1 e PL2 adquiram mais rapidamente os parâmetros da colocação proclítica dos pronomes clíticos em contextos de negação e nas interrogativas *qu-*, nos quais tipicamente existe um elemento pré-verbal prosodicamente marcado, enquanto noutros contextos linguísticos a aquisição deva ser mais lenta. Seria, pois, importante, analisar os

contextos linguísticos em que a distribuição de clíticos em português e em arménio não segue o mesmo padrão. Por o arménio e o português seguirem o mesmo padrão de colocação de clíticos na presença de alguns advérbios focalizadores, julgamos que, no caso de os incluirmos no nosso teste a par com os contextos de negação e de interrogativas parciais, correr-se-á o risco de não ser possível identificar a influência de L1, i.e., a escala de aquisição de próclise em PL1 e por falantes de arménio L1 e PL2 pode ser praticamente idêntica. Mesmo se escolhermos um conjunto de advérbios que em arménio admitem apenas ênclise do Vaux (e.g., *luu – yeys* – ‘também’, *նւնյնսկտս – nuynpes* – ‘também’), outros equivalentes seus (e.g., *նուկ – nayevev* – ‘também’) admitem tanto próclise como ênclise nessa língua. Não será, portanto, exequível analisar a influência do arménio no processo de aquisição de próclise, por exemplo, na presença do proclisador *também* de português, pois não será possível compreender se um falante de arménio L1, ao optar pela próclise ou pela ênclise na presença desse advérbio de inclusão, se baseia no traço [$\pm$ proclisador] do advérbio *luu – yeys*, *նւնյնսկտս – nuynpes*, *էլ – el* ou *նուկ – nayevev*, todos com o mesmo significado, ‘também’. Em vez disso, achamos mais pertinente testar a aquisição da próclise na presença dos advérbios enfatizadores que em arménio e em português se comportam diferentemente enquanto proclisadores. Dado que, na presença de advérbios enfatizadores *արդէն – arden* – ‘já’, *սկսած – angam* – ‘até’, *միայն – miayn* – ‘só’, *դեռ(լու) – derevs* – ‘ainda’, a ênclise é a única opção em arménio, supomos que, nos níveis iniciais de aquisição, os falantes de arménio L1 e PL2 recorrerão mais vezes à colocação enclítica dos pronomes pessoais do português na presença destes advérbios em posição pré-verbal.

Ao mesmo tempo, a aquisição mais rápida do padrão proclítico na presença dos advérbios focalizadores homónimos, por serem prosodicamente proeminentes numa frase tanto em arménio, como em português, pode fazer com que os falantes de arménio L1, em PL2, transfiram o conhecimento sobre os padrões de colocação para as frases com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal. Quer isto dizer que, nos níveis iniciais de aquisição, na presença dos advérbios focalizadores, o padrão dominante expectável será a ênclise ou ocorrerá uma oscilação entre a próclise e a ênclise. Nos níveis intermédios, quando o *input* os levar à reconfiguração de traços, deverá continuar a verificar-se oscilação entre a próclise e a ênclise e que, paulatinamente, dê lugar ao padrão proclítico, nos níveis avançados.

Já as orações encaixadas introduzidas com conjunções subordinadas ou pronomes relativos, por neles a ênclise ser o único padrão aceitável em arménio (na ausência de outros proclisadores), esperamos apresentarem mais dificuldade para os falantes de arménio L1 e PL2, sendo a ênclise o padrão preferido deles em português também. Prevemos ainda que,

nestas estruturas, mesmo nos níveis intermédios e avançados, quando a frequência do *input* já tiver sido mais intensa, quanto mais o verbo se afastar do complementador, maior seja a tendência para recorrer aos traços presentes na L1, i.e., para a ênclise de clíticos verbais.

O leitor pode questionar por que razões prevemos que nas frases com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal a próclise seja adquirida mais cedo, enquanto nas subordinadas a oscilação persista até mais tarde nos níveis avançados. Tal como argumentámos, nas gramáticas dos falantes de arménio L1, a colocação proclítica deve associar-se à presença de um elemento focalizado. Conforme referimos, o conhecimento adquirido sobre os padrões de colocação na presença dos advérbios focalizadores, nos níveis intermédios, poderá ser generalizado para os advérbios enfatizadores com traço [+foco], em português. Teoricamente, o mesmo fenómeno deve ser esperado nas subordinadas, nas quais a colocação proclítica pode ser fruto da generalização de regra nas orações interrogativas parciais, pois os pronomes/advérbios interrogativos que iniciam as interrogativas parciais são homónimos, muitas vezes, dos complementadores que introduzem as subordinadas. Contudo, conforme referido na subsecção 2.2.8.3. *Orações subordinadas*, em arménio, os complementadores, ao contrário dos advérbios, nunca podem ser hospedeiros do Vaux. Já alguns advérbios enfatizadores, tais como os advérbios temporais միշտ – *mist* – ‘sempre’, հազիվ – *haziv* – ‘mal’, ou os advérbios quantificacionais շատ – *shat* – ‘muitos’, քիչ – *k’ich* – ‘poucos’, entre outros, podem sê-lo, conforme demonstram os exemplos de (134).

- (134) a. Ես **միշտ** եմ գնում հորս ներկայացումներին:
*Yes **misht** em gnum hors nerkayats ‘umnerin*
 Eu_{NOM} **sempre** AUX_{1.ªp} vou_{PCP} pai_{GEN+art.1.ªp} apresentações_{DAT}
 ‘Vou sempre às apresentações do meu pai.’
- b. Արամը **հազիվ** էր մտել աշխատասենյակ, երբ տնօրենը կանչեց նրան:
*Aramě **haziv** ēr mtel ashkhatasenyak, erb tnōreně kanch ‘ets ‘ nran*
 Aram_{NOM} **mal** AUX_{3.ªp} entrou_{PCP} escritório, quando diretor_{NOM} chamou ele_{DAT}
 ‘O Aram mal tinha entrado para o escritório, quando o diretor o chamou.’
- c. **Շատ** եմ սիրում կիթառ նվագել:
***Shat** em sirum kit‘ar nvagel*
 Muito AUX_{1.ªp} gosto_{PCP} guitarra tocar
 ‘Gosto muito de tocar guitarra.’

- d. Շունս վերջերս քիչ է ուտում:
Shuns verjers k'ich' ē utum
 Cão_{NOM+art.1.ªp} ultimamente pouco AUX_{3.ªp} come_{PCP}
 'O meu cão ultimamente tem comido pouco.'

A próclise na presença de advérbios enfatizadores já é um parâmetro ativo nas gramáticas de falantes de arménio L1 e a tarefa deles, ao adquirir a próclise na presença destes itens lexicais, de uma forma simplificada, limita-se à memorização de um conjunto de palavras que a desencadeiam em português, identicamente à argumentação de Costa *et al.* (2016), para a aquisição de PL1, enquanto, na presença de complementadores, a tarefa dos aprendentes de PL2 nativos de arménio seja mais complexa, pois primeiramente devem ativar nas suas gramáticas o parâmetro 'próclise' como uma opção válida em português.

Espera-se assim que, em PL2, a aquisição de próclise por parte de falantes de arménio L1 seja mais rápida na presença de advérbios enfatizadores em posição pré-verbal do que nas orações subordinadas.

Quanto à colocação de clíticos na presença de quantificadores, na expectativa de as diferenças descritas entre arménio e português, na subsecção 2.2.8.3: *Quantificadores*, nos permitirem verificar a influência de arménio L1 na aquisição de PL2, julgamos serem mais convenientes os quantificadores *tudo*, *alguém*, *poucos* e *muitos*,¹⁶⁷. Os quantificadores *tudo* e *alguém*, segundo Martins (2016), são proclisadores típicos em português, enquanto em arménio, admitem a próclise apenas quando é necessário destacar o sujeito como foco contrastivo da frase, o que é legitimado no discurso anterior. Para que essa particularidade da gramática arménia não tenha influência na nossa análise, no estudo experimental devemos considerar apenas contextos discursivos, em que não exista necessidade de focalização do sujeito da frase. Julgamos, assim, os falantes de arménio L1 e PL2 apresentarem maior oscilação nas estruturas com os sujeitos quantificados *alguém* e *tudo*. O quantificador *poucos*, em português, também é um proclisador categórico (Martins, 2016); já em arménio pode admitir ênclise em certas estruturas. Assim, nas fases iniciais de aquisição, espera-se que, na presença dos quantificadores *poucos*, *tudo* e *alguém*, se observe uma oscilação entre a ênclise e a próclise ou a colocação enclítica seja o padrão dominante nas produções de falantes de

¹⁶⁷ Testaremos os quantificadores *muitos* e *poucos* com função adjetival, pois como referido (ver §2.2.8.3), na função pronominal e adverbial, não se destacam diferenças entre arménio e português, quanto ao seu estatuto proclisador.

arménio L1 e PL2, pelo facto de a ordem básica de arménio ser Vpcp-Vaux. Por os quantificadores em arménio admitirem tanto a ênclise, como a próclise, a colocação aleatória dos pronomes pessoais de português poderá prolongar-se até aos níveis intermédios. Nos níveis mais avançados de aquisição, o *input* deve resultar na aquisição do estatuto proclisador desses quantificadores, enquanto com o quantificador *muitos*, a oscilação entre a ênclise e a próclise deve prolongar-se até mais tarde, devido a, nos dados linguísticos de português, tanto a ênclise, como a próclise serem recorrentes.

O quantificador *muitos*, pela nossa previsão, deve ser o mais problemático (também para os falantes de PL1). Embora referido por Martins (1994, 2013) que a distribuição dos clíticos na presença do quantificador *muitos* depende da sua leitura referencial ou quantificacional, esse tipo de análise (mesmo intuitiva) por parte de falantes de PL2 ou L1, tendo em conta o contexto a ser testado¹⁶⁸. Reconhecendo este ponto como o mais frágil para uma análise sólida da influência de L1, tomámos, contudo, a decisão de incluímos, no nosso estudo, o quantificador *muitos*, por esse ser um dos quantificadores que mais variação admite em português (ver a discussão de Martins (2013)) e, assim, por ser importante da perspectiva de verificarmos a hipótese de a aquisição em PL1 e PL2 seguir o mesmo padrão. Devido a, em arménio e em português, as possibilidades de colocação de clíticos na presença do quantificador *muitos* serem teoricamente iguais, para a presença desse não influenciar a análise de colocação de clíticos junto dos quantificadores na posição pré-verbal, o mesmo vai ser discutido separadamente. Na expectativa de encontrar influência de L1, procurando estabelecer alguma lógica que nos possa permitir medir tal influência, escolhemos contextos (quatro, no total), dois dos quais são situações discursivas mais emotivas (guerra, competição), em que é expectável que os falantes de arménio L1 atribuam o acento lógico da oração ao quantificador *muitos*. Nas equivalentes destes dois itens em português, na nossa opinião, os falantes atribuirão com maior probabilidade uma leitura de foco (contrastivo) ao quantificador *muitos*, optando pela colocação proclítica do pronome¹⁶⁹, enquanto nos outros dois a colocação de pronomes deve ser predominantemente enclítica, por não se legitimar a leitura de foco (contrastivo) na dada situação discursiva¹⁷⁰.

Para encontrar efeitos de arménio L1 na aquisição de próclise com os sujeitos quantificados, devemos procurar diferenças entre as taxas de próclise na presença de vários

¹⁶⁸ O teste elicitado utilizado para a presente investigação foi de preenchimento de espaços, disponível no anexo 1.

¹⁶⁹ Trata-se dos itens n.º 91 e n.º 106 do teste elicitado (anexo 1).

¹⁷⁰ Trata-se dos itens n.º 61 e n.º 64 do teste elicitado (anexo 1).

quantificadores. Resumidamente, por todos os quantificadores a ser testados (*muitos, tudo, poucos, alguém*) permitirem variação entre a próclise e a ênclise, em arménio, mas a ordem neutra da frase ser V-cl (quando não há focalização do sujeito quantificado), prevemos:

- (vi) nos níveis mais baixos de proficiência em português, encontrar ou preferência pela ênclise (justificada pela ordem SVO, mais recorrente, de arménio) ou oscilação entre ênclise e próclise;
- (vii) nos níveis intermédios, quando os dados linguísticos desencadeiam a fase de reconfiguração de traços, encontrar mais oscilação com todos os proclisadores;
- (viii) nos níveis avançados de aquisição, encontrar estabilização de próclise mais cedo com os quantificadores *poucos, tudo e alguém*, que são proclisadores típicos em português (cf. Martins, 2016) mas admitem variação de colocação em arménio, comparativamente com o quantificador *muitos*, que tanto em português, como em arménio admite variação e na presença do qual a oscilação entre e próclise e ênclise devem ser sentidas até mais tarde.

Como referido, o foco contrastivo anteposto ao verbo, em português, é um atacante da próclise também (e.g. Mateus *et al.*, 2003; Martins, 2013). Porém, tal como argumentado por Martins (2013), a próclise só ocorre quando há focalização. Conforme a autora (*op. cit.*), um constituinte deslocado para a esquerda do verbo, além de ser focalizado, pode ser topicalizado, o que legitima apenas a posição pós-verbal dos pronomes clíticos em português. Na ausência do contexto discursivo, seria (quase) impossível garantir que algum falante atribuisse uma leitura focalizada ou topicalizada ao constituinte marcado a negrito no teste elicitado. Na escrita, o constituinte deslocado topicalizado separa-se do resto da frase por uma vírgula. Contudo, não podemos assumir que os nossos informantes conheçam essa regra gramatical. Ao mesmo tempo, conforme já foi mostrado, em arménio, na focalização de algum constituinte e na ausência de um Vaux, o acento lógico tem mais peso do que a ordem sintática invertida. Logo, é possível que os falantes nativos de arménio não atribuam o traço [+foco] a um constituinte contrastivo anteposto em português. Tal facto dificultaria a nossa análise, não sendo possível atribuir a colocação de pronomes clíticos a alguma causa. Por isso, não incluímos essa condição no nosso estudo experimental.

Por sua vez, em arménio, os complementadores, ao contrário dos do português, nunca admitem a próclise. Assim, esperar-se-á que a próclise nas orações subordinadas seja adquirida

em último lugar, havendo sempre tendência para a colocação enclítica de pronomes pessoais complemento de português, nas produções de falantes de arménio L1.

Nas frases negativas e interrogativas *qu-*, pelo contrário, a próclise deve ser adquirida em primeiro lugar, pois em arménio esse é o único padrão legítimo de colocação do Vaux.

Deste modo, por forma a verificarmos a possibilidade de influência dos traços sintáticos do arménio (associados à colocação do Vaux clítico), na aquisição de padrões de colocação dos pronomes clíticos em português, as condições que serão incluídas no estudo experimental são as da tabela 2.10.

Tabela 2.10. Condições da próclise no estudo experimental

Condição de próclise	Proclisadores
Frases negativas	<i>não, nunca, ninguém, nem</i>
Interrogativas -Qu	<i>como, quem, onde, quando</i>
Frases com advérbios enfatizadores	<i>já, até, ainda, só</i>
Orações subordinadas introduzidas por um complementador	<i>que, porque, onde, quando</i>
Sujeitos quantificados	<i>poucos, muitos, alguém, tudo</i>

Por fim, igualmente aos padrões de seleção, questionamos:

Será que os falantes de arménio L1 que tiveram acesso ao ensino formal têm melhor desempenho na colocação dos pronomes clíticos de PL2? (ver PI 5)

Assumindo que os padrões de distribuição sintática em português é um tópico a ser abordado durante a instrução de PL2, esperar-se-á encontrar diferenças entre o desempenho dos falantes de arménio L1 que aprenderam a língua em contexto de ensino formal e dos falantes que a adquiriam em contexto de imersão.

Capítulo 3. Perguntas e hipóteses de investigação

O objetivo do presente capítulo é elaborar as perguntas e as previsões/hipóteses da presente investigação, sintetizando a discussão dos dois capítulos anteriores. Todas as perguntas levantadas até aqui, neste ponto, serão apresentadas já reformuladas, tendo em conta a discussão havida. Assim, a nossa investigação visa verificar se a aquisição dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos em PL1 e PL2 segue um trajeto semelhante; dar conta da influência de arménio L1, na aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2; verificar a possibilidade de as propriedades não instanciadas na L1 serem passíveis de aquisição na idade adulta; compreender se as dificuldades persistentes na aquisição das propriedades morfossintáticas dos pronomes clíticos do português residem apenas no domínio sintático ou em interfaces diferentes; bem como verificar o impacto do ensino explícito, da idade da primeira exposição à L2 e das outras L2 anteriormente adquiridas na aquisição tardia, procurando responder às seguintes questões:

Pergunta de Investigação 1 (PI 1): Será que os falantes de arménio L1 transferem as propriedades morfológicas e sintáticas de pronomes objetos e de Vaux de arménio, no processo de aquisição de PL2 e, se sim, será que o efeito da L1 é visível apenas nos estádios iniciais ou em todos os estádios de aquisição?

Assumindo as premissas da HRT (Lardiere, 2008; 2009), prevê-se que os aprendentes de uma L2 recorram sempre aos traços existentes num determinando item lexical na sua L1, nos estádios iniciais de aquisição. Tendo em conta as semelhanças e as diferenças descritas antes entre arménio e português, para ser possível responder à Pergunta de investigação 1, levantamos as seguintes subquestões, da perspetiva de seleção casual (PI 1.1-PI 1.2) e da perspetiva de distribuição sintática de pronomes objeto da frase (PI 1.3-PI 1.4):

1. Será que os falantes de arménio L1 associam o traço [+humano] aos clíticos DAT e o traço [-humano] aos clíticos ACU?
2. Será que, para os falantes de arménio L1, na posição do OD de português, existe diferença (morfológica) entre as entidades [+humano] e [-humano], ou a seleção de caso gramatical de pronomes clíticos em PL2 é aleatória?
3. Será que os falantes de arménio L1, nos estádios iniciais de aquisição de PL2, recorrem à colocação aleatória de pronomes clíticos e/ou utilizam próclise?

4. Será que os falantes de arménio L1 transferem os parâmetros que condicionam a colocação do Vaux clítico na sua L1 para a categoria de pronomes clíticos da L2, adquirindo primeiramente a colocação proclítica nos contextos de negação e com as interrogativas parciais, demonstrando uma maior dificuldade na aquisição de próclise nas orações subordinadas?

Ao mesmo tempo, por alguns estudos indicarem que as L1 de aprendentes não afetam significativamente a aquisição da próclise em PL2 (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009) e tendo vários estudos (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2023; Gu, 2019, 2022; Madeira *et al.*, 2006) mostrado que, em PL2, a aquisição dos padrões de colocação de clíticos por adultos, de um modo geral, segue o trajeto identificado nas crianças monolíngues e bilingues de PL1 (ver Costa *et al.*, 2015; Flores & Barbosa, 2014; Flores *et al.*, 2016), em alternativa à Pergunta de investigação 1, assumimos a possibilidade de a aquisição dos padrões de distribuição sintática em PL2, para os falantes de arménio L1, seguir o mesmo percurso que em PL1.

Em paralelo com a aquisição dos padrões de colocação de pronomes clíticos, levantamos ainda a possibilidade de os desvios na seleção causal de pronomes clíticos de português também não serem fruto do conhecimento anteriormente adquirido, pois o fenómeno de *lheísmo* foi reportado na aquisição de PL1 (*e.g.*, Duarte *et al.*, 1996; Silva, 2008) e nas produções de falantes de outras L1 (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006; Rosário, 2005; Tian, 2022), mas conforme concluímos, na secção 1.3.2, é difícil compreender se esse fenómeno é resultado da(s) L1 dos aprendentes ou é causado pela complexidade lexical de português.

Assim, a segunda pergunta à que a presente tese procurará dar resposta é a seguinte:

Pergunta de Investigação 2 (PI 2): Será que a aquisição de seleção casual e de distribuição sintática de pronomes clíticos de português, para os falantes de arménio L1 e PL2, ocorre de uma forma semelhante à do PL1?

Seguindo a mesma lógica que para a Pergunta de Investigação 1, também a partiremos em subquestões da perspectiva de seleção casual (PI 2.1) e da distribuição sintática de pronomes objeto numa frase (PI 2.2):

1. Será que, para os falantes de arménio L1, a aquisição dos padrões de seleção casual de pronomes clíticos em PL2 ocorre de uma forma semelhante à do PL1?

2. Será que, para os falantes de arménio L1, a aquisição dos padrões de colocação sintática de pronomes clíticos em PL2 ocorre de uma forma semelhante à do PL1, sendo caracterizada pela generalização da ênclise nos estádios iniciais de aquisição?
3. Será que os falantes de arménio L1 adquirem os padrões de colocação sintática de pronomes clíticos em PL2 primeiramente nos contextos de negação e nas orações completivas finitas?

Portanto, as respostas às questões e subquestões levantadas sugerimos procurar à luz de duas hipóteses principais:

(Hipótese 1) Assumindo que ocorre transferência da L1 (*e.g.*, Schwartz & Sprouse, 1994/1996; Odlin, 1989) e partindo das premissas de HRT (Lardiere, 2007; 2008; 2009; Shimanskaya & Slabakova, 2015) e prevendo encontrar influência de arménio L1 no processo de aquisição de PL2, sobretudo nos estádios iniciais de aquisição e

(Hipótese 2) Seguindo a sugestão dos trabalhos anteriores (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2023; Gu, 2019, 2022; Madeira *et al.*, 2006) de que a aquisição de traços distribucionais de pronomes clíticos em PL2 apresenta trajeto semelhante à aquisição em PL1, a acrescentar ainda a possibilidade de semelhança de aquisição dos padrões de seleção causal de pronomes clíticos em PL2 e em PL1.

Dito isso, as hipóteses da presente investigação são as seguintes:

Hipótese 1 (H1): A L1 terá impacto significativo no processo de aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2, esperando-se encontrar mais influência da L1 nos estádios iniciais de aquisição da L2 e fixação dos traços dos pronomes clíticos em português nos níveis avançados de aquisição.

Hipótese 2 (H2): Para os falantes de arménio L1, a aquisição dos padrões sintáticos e de caso gramatical dos pronomes clíticos em PL2 será idêntica à aquisição em PL1.

Por forma a validar as Hipóteses de investigação 1 e 2, é necessário procurar evidências a respeito tanto da seleção, como da colocação de pronomes clíticos em PL2 por falantes de arménio L2. Apresentamos, abaixo, as predições referentes a cada hipótese:

Da perspetiva de seleção de pronomes clíticos de português, assumindo que a L1 tem um efeito significativo na aquisição em PL2 (H1), prevemos os seguintes cenários:

Predição 1.1: Os falantes de arménio L1, em PL2, associam os clíticos DAT ao traço [+humano] e os clíticos ACU ao traço [-humano], quer na posição de OD, quer na posição de OI, sobretudo nos estádios iniciais de aquisição.

Predição 1.1.1: A atribuição do traço [+humano] ao clítico DAT e do traço [-humano] ao clítico ACU, resulta numa aquisição mais rápida de seleção argumental:

- a. Com os verbos que regem argumentos em DAT apenas com traço [+humano] (como *dizer, perguntar, oferecer*) e com os verbos que podem selecionar complemento DAT [$\pm$ humano] (como *dedicar, pertencer, faltar*), quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [+humano];
- b. Com os verbos que regem argumentos em ACU apenas com traço [-humano] (como *ler, beber, imprimir*) e com os verbos que podem selecionar complemento ACU [$\pm$ humano] (como *perder, receber, ver*), quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [-humano].

A convergência entre a seleção argumental entre os verbos que tanto em português, como em arménio selecionam um complemento em DAT ou um complemento em ACU (dos acima mencionados), deve fazer com que a seleção casual dos pronomes clíticos seja primeiramente adquirida com os verbos:

- *ler, beber, imprimir;*
- *dizer, perguntar, oferecer.*

Predição 1.1.2: Ao contrário dessas situações, outras devem provocar mais dificuldades para os falantes de arménio L1 e PL2, no que toca à seleção casual de pronomes clíticos, resultando em oscilação entre os clíticos ACU e DAT, mais acentuada nos estádios intermédios de aquisição:

- a. Com os verbos que regem argumentos em DAT apenas com traço [-humano] (como *anexar, adicionar, acrescentar*), e com os verbos que podem selecionar complemento DAT [$\pm$ humano] (como *dedicar, pertencer, faltar*), quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [-humano];
- b. Com os verbos que regem argumentos em ACU apenas com traço [+humano] (como *ofender, convidar, ensinar*) e com os verbos que podem selecionar complemento ACU [$\pm$ humano] (como *perder, receber, ver*), quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [-humano].

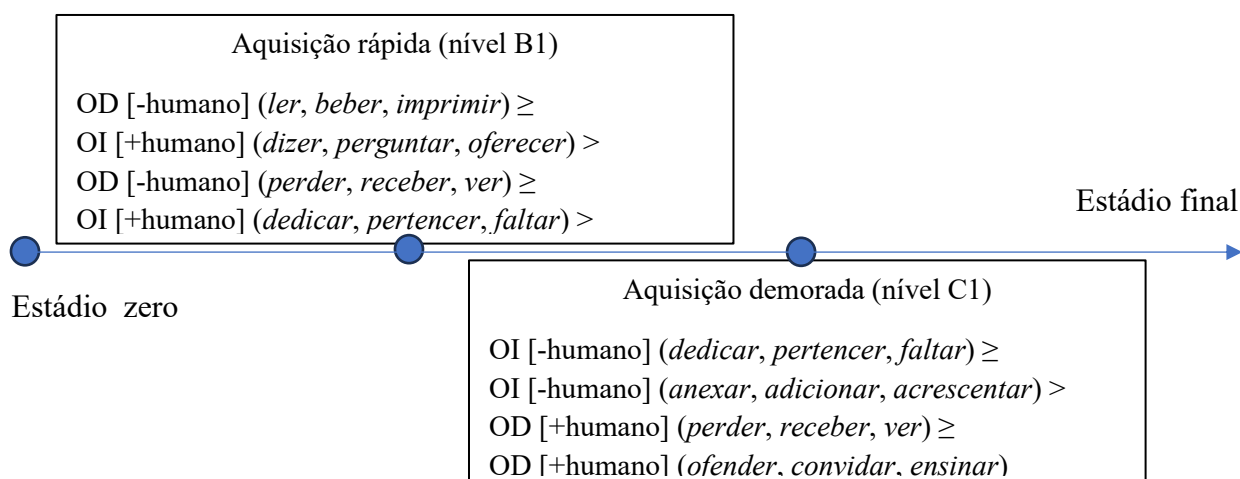
O facto de alguns verbos selecionarem complementos com traço [$\pm$ humano], tanto em arménio, como em português, deverá permitir aos aprendentes de PL2, nativos de arménio, à partida, aceitarem a possibilidade de estes selecionarem tanto clíticos de ACU, como de DAT, e os dados fornecidos por *input* devem acelerar o processo de aquisição da seleção argumental destes verbos em PL2. Já com os verbos que apresentam seleção casual divergente em português e em arménio, as evidências de uso fornecidas pelos dados linguísticos em português deverão primeiramente ultrapassar a barreira estabelecida pelos traços da L1.

Assim, prevemos que, entre os últimos mencionados, a oscilação entre os clíticos ACU e DAT persista até aos estádios mais avançados de aquisição, sobretudo com os verbos:

- *ofender, convidar, ensinar* que em arménio selecionam pronomes pessoais DAT¹⁷¹, mas, em português, pronomes clíticos ACU;
- *anexar, adicionar, acrescentar* que, apesar de tanto em arménio como em português selecionarem complementos DAT, em arménio não selecionam como complemento os pronomes pessoais, pois esses são reservados para as entidades com traço [+humano]¹⁷².

Resumidamente, prevemos que a escala de aquisição de seleção casual de pronomes clíticos seja a representada na figura 3.1:

Figura 3.1. A escala prevista de aquisição de seleção casual de pronomes clíticos em PL2



¹⁷¹ Recorda-se que as formas morfológicas dos pronomes pessoais DAT e ACU em arménio são idênticas, para os complementos [+humano]. A nossa investigação não pretende discutir se, em arménio, o caso gramatical associado aos complementos dos verbos *ofender, convidar, ensinar* é ACU ou DAT.

¹⁷² De uma forma simples, em arménio, traço [+humano] = DAT, conforme mostramos anteriormente (ver §2.2.2-§2.2.4).

Predição 1.1.3: Os falantes de arménio L1, reconhecem o traço de animacidade (ou recorrem ao fenómeno de personificação), optando pelos clíticos DAT, sobretudo nos níveis iniciais de aquisição, quando o antecedente do clítico é uma entidade com traços [+animado, -humano] (*e.g.*, *cão*, *gato*) ou quando o antecedente do clítico é uma entidade coletiva (*e.g.*, *trabalho*, *família*).

Do ponto de vista de colocação de pronomes clíticos de PL2, assumindo a possível influência da L1 na aquisição (Hipótese 1), esperamos observar o seguinte:

Predição 1.2: Nos estádios iniciais de aquisição, nas produções de falantes de arménio L1, a colocação de pronomes clíticos de português será aleatória ou, para alguns falantes, haverá sobregeneralização de apenas um padrão, ao nível individual (exclusivamente próclise ou exclusivamente ênclise), sendo também esperada a utilização da próclise inclusive nas estruturas de ênclise categórica.

Predição 1.3: O padrão de aquisição de próclise será condicionado pelas particularidades gramaticais do arménio, sendo esperada a seguinte escala:

Interrogativas *qu-* / Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores (*já*, *até*, *ainda*, *só*) $\geq$ Quantificadores (*tudo*, *poucos*, *alguém*) > Quantificador *muitos* > Orações adverbiais finitas (*porque*, *onde*, *quando*) $\geq$ Orações completivas finitas (de indicativo *que*)

Tendo em conta que o acesso ao ensino explícito pode influenciar na fixação de um conjunto de proclisadores e condicionar a sobregeneralização da regra de *que*, na presença de palavras como *porque*, *onde*, *que*, *quando*, a colocação é proclítica, no teste de elicitação em algumas condições testadas ocorre interpolação entre o proclisador e o verbo da frase. Esperamos, assim, que quanto mais o verbo se afastar do complementador, maior será a tendência para a colocação enclítica dos pronomes.

Na perspetiva da complexidade da estrutura argumental dos verbos portugueses (H2), é expectável que a aquisição dos padrões de seleção de pronomes clíticos siga um percurso semelhantes em PL1 e em PL2, dando lugar aos seguintes cenários:

Predição 2.1: Os falantes de arménio L1, nos estádios iniciais de aquisição de PL2, recorrem ao fenómeno de lheísmo, i.e., substituem os clíticos ACU pelos DAT nos contextos [+humano], não se verificando o contrário, i.e., a substituição recorrente de clíticos DAT por clíticos ACU.

Predição 2.2: A ênclise será o padrão generalizado para os falantes de arménio L1, sobretudo nos níveis iniciais de aquisição, sendo a estabilização da próclise gradual. Neste cenário, nos estádios iniciais de aquisição de pronomes clíticos de PL2, os falantes adultos de arménio L1 não generalizam a próclise, nem apresentam oscilação entre ênclise e próclise.

Predição 2.3: O padrão de aquisição da próclise será semelhante ao da L1 (cf. Costa *et al.*, 2016):

Negação > Sujeitos negativos / Orações completivas finitas (de indicativo *que*)
> Advérbios (*já*) > Orações adverbiais finitas (*porque*) > Sujeitos quantificados (*todos*)

No caso da nossa investigação, que, ao contrário do estudo de Costa *et al.* (2016), dá conta de interrogativas *qu-* e analisa advérbios e quantificadores diferentes, a escala de aquisição de próclise esperada à luz da Hipótese 2 será a seguinte:

Negação > Sujeitos negativos / Orações completivas finitas (de indicativo *que*)
> Interrogativas *qu-* > Advérbios enfatizadores (*já, até, ainda, só*) > Orações adverbiais finitas (*porque, onde, quando*) > Quantificadores (*tudo, poucos, alguém*) > Quantificador *muitos*

A posição das interrogativas globais nesta escala é justificada pelo argumento de Duarte *et al.* (1996), segundo o qual a próclise é estabilizada primeiramente nas estruturas de negação e nas orações introduzidas por um complementador, o que é confirmado também por outros estudos (*e.g.*, Costa *et al.*, 2015; 2016).

Ao assumir que a influência da(s) L1 dos aprendentes de PL2 é crucial no processo de aquisição de pronomes clíticos na língua-alvo, a questão de a aquisição tardia ser condicionada pelo facto de esse ocorrer nas interfaces de sintaxe e de outros domínios linguísticos não pode ficar fora da nossa atenção.

Por a nossa investigação dar conta da aquisição de padrões tanto de seleção, como de colocação de pronomes clíticos, julgamos que junta as condições necessárias para contribuir para a discussão em torno de as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos em português residirem apenas no domínio sintático ou envolverem interfaces diferentes.

Pergunta de Investigação 3 (PI 3): Será que a complexidade da estrutura argumental dos verbos portugueses contribui para uma aquisição tardia das propriedades de pronomes clíticos em PL2, evidenciando que as dificuldades de aprendentes de PL2 nativos de arménio residem em interfaces que envolvem a sintaxe e outros domínios linguísticos?

Partindo da sugestão de Tsimpli (2014), prevemos que as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos de PL2 sejam explicáveis pelo facto de, além da sintaxe, envolverem domínios linguísticos diferentes.

Predição 3.1: Assumimos que os falantes de arménio L1 e PL2 transferirão para a língua-alvo os traços tanto morfológicos, como sintáticos associados aos pronomes pessoais da sua L1, o que resultará nas dificuldades de aquisição de pronomes clíticos no domínio morfossintático, como resultado da complexidade da estrutura argumental dos verbos e dos padrões de colocação de pronomes clíticos portugueses.

Predição 3.2: Por outro lado, prevemos que todos os traços intrínsecos aos clíticos existentes na L1 serão diretamente transferidos para a L2, indicando que a aquisição tardia dos padrões distribucionais de pronomes clíticos em PL2, para os falantes de arménio L1, envolve a interface sintaxe-fonologia¹⁷³.

¹⁷³ A colocação de clíticos (Vaux) em arménio envolve a interface sintaxe-prosódia, conforme mostrámos nas secções 2.2.8-2.2.10.

Apesar da existência de um número considerável de estudos na área da aquisição de pronomes clíticos em PL2, ainda não existem muitas evidências de se os traços distribucionais (com exceção de Fiéis *et al.*, 2023) e também morfológicos¹⁷⁴ dos pronomes clíticos podem ser plenamente adquiridos na idade adulta. Por alguns estudos questionarem a Hipótese do Período Crítico e concluírem que, na área da morfossintaxe, o desempenho de falantes nativos e de alguns falantes adultos de L2 não apresenta diferenças significativas (*e.g.*, Hopp, 2007; White & Genesee, 1996), na presente investigação procuraremos responder ainda à seguinte questão:

Pergunta de Investigação 4 (PI 4): Será que os padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos do português são passíveis de aquisição na idade adulta?

Assumindo como ponto de partida a afirmação de Selinker (1972) de que 5% dos aprendentes adultos conseguem desenvolver a mesma gramática mental que os falantes nativos, e tendo em conta que, entre os participantes do presente estudo, existem falantes com competência linguística avançada em PL2 (§4.1), esperamos conseguir encontrar dados suficientes para contribuir para a discussão à volta da questão de o conhecimento dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2 serem plenamente adquiridos na idade adulta. Partindo do princípio de que, na amostra disponível, há informantes com competência linguística igual ou semelhante à de um falante de PL1.

Predição 4: Prevemos encontrar evidências de aquisição (quase) completa, por comparação com os dados do grupo de controlo, em todos os contextos.

Assumindo que a aquisição (quase) completa das propriedades da L2 é possível na idade adulta, importa compreender qual dos fatores garante desenvolvimento na aquisição dos pronomes clíticos do português: o progresso nas competências linguísticas em geral, a idade da primeira exposição, o tempo da exposição à L2? Retomamos, neste momento, as questões levantadas nesse sentido, nos capítulos 1 e 2, juntando-as à Pergunta de Investigação 4, por forma a obtermos uma imagem mais detalhada.

¹⁷⁴ Conforme referido, no subcapítulo 1.3, a seleção casual de pronomes clíticos, ao contrário da colocação sintática, não recebeu muita atenção por parte dos investigadores, embora vários estudos tenham demonstrado que os desvios ao nível morfológico também são caraterísticos para a aquisição de PL2.

Primeiramente, atendendo às premissas da HRT (Lardiere, 2008; 2009), e assumindo que, na idade adulta, a aquisição (quase) completa das propriedades da L1 é possível, é de esperar uma aquisição gradual das propriedades da L2. Nesse sentido, procuramos encontrar resposta ainda a seguinte questão:

Pergunta de Investigação 4.1 (PI 4.1): Será que os falantes de PL2 com competência linguística mais avançada apresentam melhor desempenho nos padrões de seleção casual e de colocação de pronomes clíticos do que os falantes de PL2 iniciais?

Além disso, visaremos dar respostas às perguntas abaixo:

Pergunta de Investigação 4.2 (PI 4.2): Será que após o período crítico, quanto mais cedo os aprendentes forem expostos à L2, melhores serão os resultados alcançados?

Pergunta de Investigação 4.3 (PI 4.3): Será que, após o período crítico, os aprendentes com uma exposição mais prolongada à língua-alvo são mais precisos nas suas produções quanto à seleção casual e à colocação de pronomes clíticos de PL2?

Não apresentaremos predições para estas três perguntas de investigação secundárias (PI 4.1, PI 4.2 e PI 4.3), devido a não existirem estudos suficientes no âmbito da aquisição dos pronomes clíticos que reportem correlação entre a idade da primeira exposição ao português, a frequência ou o tempo da exposição ao *input*, o nível de competência alcançado em língua-alvo e o desempenho no uso dos pronomes em PL2¹⁷⁵.

Portanto, além das quatro perguntas principais de investigação, embora os dados coligidos pelo presente estudo sejam poucos, o nosso estudo procurará contribuir também para a discussão em torno da importância da idade da primeira exposição à língua-alvo, do tempo da exposição aos dados linguísticos, do nível de competência em língua-alvo na aquisição de PL2. Ainda visando estabelecer ligação entre outros fatores e a aquisição dos pronomes clíticos em português, procuraremos apresentar dados e discussões no que toca à saliência do *input*,

¹⁷⁵ Poucos estudos (*e.g.*, Madeira & Xavier, 2009) apresentam alguns dados gerais a respeito do tempo da exposição aos dados linguísticos e do nível de competência alcançado em PL2, quanto ao uso dos pronomes clíticos nessa língua.

bem como à importância das outras L2 anteriormente adquiridas, no processo de aquisição de PL2.

Assim, apesar de não haver consenso entre os investigadores de que o acesso ao ensino explícito é a chave para o sucesso na aquisição completa de L2, as diferenças existentes entre o tipo de *input* recebido na imersão e através da instrução explicitada têm-se revelado importantes para a aquisição de uma língua nova (§1.2.2 e §1.2.3). Tendo em conta que, para adquirir determinadas estruturas linguísticas, o *input* estruturado, o acesso a evidência negativa e positiva, entre outras estratégias, podem servir de efeitos facilitadores na aquisição de uma nova língua na idade adulta, a inclusão ou a exclusão de dado tópico no programa curricular de ensino de PL2 pode ajudar-nos a verificar o impacto da instrução formal na aprendizagem de uma língua. Verificamos que os padrões de colocação dos pronomes clíticos normalmente são abordados nos manuais destinados ao ensino de PL2/PLE, enquanto os padrões de seleção casual dos pronomes clíticos não é neles um tópico presente neles¹⁷⁶. Assim, quanto ao impacto do ensino explícito, questionámos:

Pergunta de Investigação 5 (PI 5): Será que o acesso à instrução explícita tem impacto positivo na aquisição das propriedades de seleção e de colocação de pronomes clíticos de PL2?

Predição 5.1: Na perspetiva de aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos de português, os informantes que aprenderam a língua portuguesa através de aulas, apresentam melhor desempenho em comparação com os que a adquiriram por imersão.

Predição 5.2: Da perspetiva de seleção gramatical de pronomes clíticos, não existe diferenças significativas entre o desempenho de informantes com e sem acesso à instrução formal.

Para medir o impacto do ensino explícito na aquisição de PL2, será preciso ter em conta a questão de pouca saliência fonética dos pronomes clíticos ACU no *input* ao contrário dos DAT. Partindo do princípio de que, durante a explicitação da gramática, ambas as formas

¹⁷⁶ Foram analisados os manuais destinados ao ensino de PL2/PLE para níveis A1/A2: i) Carla Oliveira *et al.* (2006), *Aprender português 1, Níveis A1/A2: Curso inicial de língua portuguesa para estrangeiros*; ii) Carla Oliveira e Luísa Coelho (2014), *Gramática aplicada, Português para estrangeiros: Níveis B2, C1 (QECR)*; iii) Ana Tavares (2011), *Português XXI: Livro do aluno 1*; iv) Ana Tavares (2011), *Português XXI: Livro do aluno 2*.

casuais devem ter sido introduzidas, a saliência fonética dos pronomes clíticos já não é relevante. Assim questionamos:

Pergunta de Investigação 5.1 (PI 5.1): Será que podemos assumir que os pronomes clíticos ACU serão adquiridos mais tardiamente por causa da sua baixa saliência fonética no *input*?

Predição 5.1.1: Nas produções linguísticas dos falantes que adquiriram a língua portuguesa em contexto de imersão, o uso dos clíticos DAT é maior, observando-se uma separação mais clara entre a escolha dos clíticos em função dos traços dos seus antecedentes (ACU=[-humano]; DAT=[+humano]).

Predição 5.1.2: Nas produções linguísticas de falantes de PL2 que aprenderam a língua em contexto formal, verifica-se maior oscilação entre os pronomes clíticos ACU e DAT, apesar dos traços [$\pm$ humano] dos seus antecedentes.

Por fim, por uma das hipóteses do presente estudo se prender com a questão da influência da L1 na aquisição da L2 e tendo em conta que uma parte dos nossos informantes são bilingues arménio/russo, importa verificar se os desvios encontrados nas produções linguísticas dos falantes de arménio L1, na L2, são explicáveis somente à luz das propriedades do arménio ou se outras línguas anteriormente adquiridas, além do arménio, (também) medeiam o processo de aquisição do português na idade adulta.

Pergunta de Investigação 6 (PI 6): Além do arménio L1, as outras línguas anteriormente adquiridas condicionam a aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2?

Por não haver muitos dados quanto à influência das outras L2 no processo de aquisição de pronomes clíticos em PL2 (com exceção do estudo de Tian (2022)), conforme apresentámos na secção 1.2.5, à partida aceitamos a possibilidade de influência tanto da(s) L1, como da(s) L2 dos aprendentes de PL2, procurando verificar a plausibilidade dos modelos principais de aquisição de uma L3. Nesse sentido, prevemos três cenários possíveis, embora contraditórios.

Cenário 1. Seguindo o quadro de Transferência Absoluta da L1 (e.g., Hermas, 2010; 2015; Jin, 2009; Lozano-Pozo, 2003), no processo de aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2, há influência apenas da(s) L1 dos aprendentes.

Predição 6.1: Nas produções de falantes de arménio L1, os desvios do uso de pronomes clíticos em PL2 são explicáveis à luz das propriedades da L1.

Cenário 2. Partindo do Modelo do Fator do Estatuto de L2, de Bardel e Falk (2007), no processo de aquisição dos padrões morfossintáticos de pronomes clíticos em PL2, encontraremos influência apenas da(s) outra(s) L2 dos aprendentes.

Predição 6.2: Nas produções de falantes de arménio L1, os desvios do uso de pronomes clíticos em PL2 são explicáveis à luz das propriedades das outras L2.

Cenário 3. Conforme defendem o Modelo da Melhoria Cumulativa, de Flynn *et al.* (2004), o Modelo de Primazia Tipológica, de Rothman (2010; 2015) e o Modelo da Proximidade Linguística, de Westergaard *et al.* (2017), tanto a L1, como as outras L2 anteriormente adquiridas influenciam o processo de aquisição de uma nova língua.

Predição 6.3: Nas produções de falantes de arménio L1, os desvios do uso de pronomes clíticos em PL2 são explicáveis à luz das propriedades tanto da(s) L1, como da(s) outra(s) L2 anteriormente adquirida(s) pelos aprendentes.

Confirmando-se este último cenário, será crucial verificar qual o tipo de *transfer* (negativo e/ou positivo), pois entre os três modelos principais, o Modelo da Melhoria Cumulativa, de Flynn *et al.* (2004) não prevê a possibilidade de *transfer* negativo.

Capítulo 4. Metodologia

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia usada para a investigação experimental/empírica – seleção de participantes, recolha e tratamento dos dados obtidos.

Inicialmente tinha sido decidido recorrer à recolha de dados através de produção espontânea oral e escrita dos falantes de arménio L1 e PL2, para a condução da presente investigação, dado que não encontrámos *corpora* dos falantes nativos de arménio. Mais tarde, visto a autora do presente trabalho fazer parte da comunidade arménia em Portugal, o que facilitava o acesso a falantes de arménio L1 e PL2, optou-se por fazer a recolha de dados (semi)espontâneos através de entrevistas pessoais. Uma vez analisados os dados obtidos, verificou-se que os casos de uso dos pronomes clíticos não foram suficientes para uma análise fundamentada, pelo que se tomou a decisão de recorrer à recolha de dados complementares através dos dados elicitados (ou de produção provocada).

Estruturamos o presente capítulo em três partes. Num primeiro momento (§4.1), apresentam-se os participantes do estudo: os falantes de PL1 (§4.1.1) e os falantes de PL2 – os seus perfis sociolinguísticos (§4.1.2) e os seus níveis de proficiência em PL2 (§4.1.3) –, na base dos quais definiremos as variáveis e os grupos para a análise quantitativa. De seguida (§4.2), são descritos os procedimentos adotados para a recolha dos dados de produções (semi)espontâneas e para a elaboração dos *corpora* oral (§4.2.1) e escrito (§4.2.2), construídos no âmbito desta investigação, e os padrões do uso dos pronomes clíticos nos *corpora* (§4.2.3). O terceiro e o último subcapítulo (§4.3) apresenta o teste de eliciação utilizado para a recolha de dados que serviram de análise, descrevendo as condições para testar a colocação e a seleção de pronomes clíticos em PL2 (§4.3.1 e §4.3.2) e findando-o com outras considerações que achamos pertinente referir (§4.3.3).

4.1. Participantes

No presente estudo participaram falantes de PL1, variedade europeia (n=17), constituindo o grupo de controlo e falantes de PL2, variedade europeia, nativos de arménio (n=36).

Do grupo de falantes de PL2, quatro informantes foram excluídos. Em primeiro lugar, porque declararam que não compreendiam uma parte considerável dos itens dados no teste de eliciação, bem como o significado dos pronomes clíticos ACU – *o(s)*, *a(s)* –, pelo que estes indivíduos não continuaram a realização das tarefas no âmbito do nosso estudo. Além disso, os

resultados do teste de colocação em nível destes quatro sujeitos foram consideravelmente baixos (A1.1; A1.2 e A2.1).

Segundo Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996), é assumido que os aprendentes de uma L2, após um ou mais meses de imersão linguística, já não se encontram no estágio inicial de aquisição. No caso de aquisição de pronomes clíticos de português, porém, essa assunção não poderia servir de critério para a inclusão de participantes no presente estudo. Primeiramente, porque o arménio não faz uso de pronomes clíticos, não seria expectável ocorrer transferência (positiva) que acelerasse o processo de aquisição¹⁷⁷. Além disso, a aquisição de pronomes clíticos do português demonstrou ser um domínio de aquisição tardia mesmo em L1, havendo registos de taxas altas de omissão até aos cinco anos de idade (*e.g.*, Costa & Lobo 2007a; Sopata 2016) e atendendo à sugestão de Tsakali & Wexler (2003), de que a omissão de clíticos é uma consequência da *Unique Checking Constraint* (UCC), um princípio sujeito a maturação, não seria expectável, após um mês de imersão linguística, encontrar uso suficiente de pronomes clíticos nas produções de falantes de arménio L1. Tomou-se, portanto, a decisão de analisar a aquisição de pronomes clíticos de português a partir do nível A2.2, conforme o QECR (2001), assumindo-se que, até a esse ponto, os aprendentes de PL2 teriam uma exposição suficiente à língua-alvo para compreenderem a função e o uso de pronomes clíticos dessa língua.

Assim, no âmbito da presente investigação, para a análise foram considerados os dados linguísticos recolhidos junto de 49 informantes (17 falantes de PL1 e 32 falantes de PL2¹⁷⁸).

¹⁷⁷ Não analisámos, neste ponto, a possibilidade de transferência das outras línguas anteriormente adquiridas, além de russo (sem pronomes clíticos), por ser uma língua falada por uma grande parte de arménios

¹⁷⁸ Incluímos, neste *corpus*, os dados de produções espontâneas e de produção provocada da autora do presente trabalho, na qualidade de falante de arménio L1 e PL2, uma vez que não são muitos os arménios falantes de PE e cada caso é valioso do ponto de vista do nosso trabalho. Em 2022, de acordo com os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (em: <https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2022%20vF2a.pdf>, consultado a 21 de abril de 2025), residiam em Portugal 98 arménios, mais 28 obtiveram título de residência. Nesta estatística, já não se incluem os cidadãos portugueses, naturais da Arménia, alguns dos quais participaram no nosso estudo. Apresentam ainda um maior interesse os casos de falantes quase nativos em PL2, poucos, no caso de falantes de arménio L1.

Por forma a garantirmos uma maior objetividade na análise, tivemos em conta os desvios produzidos pela autora deste trabalho, na sua qualidade de aprendente de PL2, enquanto elaborava o teste de elicitación e, antes da revisão do teste, pelas orientadoras da presente investigação.

Ver também a nota 188, quanto às produções (semi)espontâneas escritas da autora deste estudo.

4.1.1. Os falantes de PL1

O grupo de controlo da presente investigação foi constituído por 17 falantes de PL1, adultos, licenciados, com idades compreendidas entre 23 e 77 anos (média de 40,7 anos), sendo nove indivíduos do sexo masculino e oito do sexo feminino.

Estabelecemos o requisito de nenhum dos informantes do grupo de controlo ser formado na área de linguística e ter vivido mais do que seis meses noutro país de língua oficial portuguesa.

A todos os membros do grupo de controlo foi pedido para realizar o teste de elicitación, tendo de indicar o tempo de realização da tarefa, o sexo e a sua idade. O teste foi-lhes enviado em formato *Microsoft Word Document*, após a realização do qual o deviam enviar por *e-mail*.

4.1.2. Os falantes de PL2: perfil sociolinguístico

Os 32 arménios falantes de PL2 que participaram no nosso estudo são residentes há mais de dois anos, tanto em Portugal Continental, como na Ilha da Madeira, têm idade compreendida entre 21 e 76 anos (média de 44 anos), sendo 20 de sexo feminino e 12 de sexo masculino. Todos os informantes autorizaram a recolha das produções escritas e a gravação dos registos de voz para análise linguística no âmbito desta e doutras investigações científicas. A 11 de novembro de 2020, obtivemos um parecer favorável da Comissão de Ética para a Investigação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a recolha de dados junto dos nossos informantes (nº. 11_CEI2020, disponível no anexo 3).

Para traçar o perfil sociolinguístico de cada informante, recorreremos a um rápido questionário, com duração prevista de 15 minutos (anexo 2). Neste questionário, foram tidas em consideração variáveis como os contextos de uso de língua portuguesa, a intensidade do *input*, o acesso ao ensino explícito, a idade da primeira exposição ao português, o bilinguismo, as outras línguas faladas, variáveis que, em simultâneo com o nível de competência em português, estão a ser consideradas na análise dos resultados. Na base da informação recolhida, a todos os informantes foram atribuídos códigos, por forma a anonimizar os dados pessoais. Os códigos contêm informação sobre a língua materna, idade da primeira exposição ao português, o tempo de exposição ao português, a proficiência linguística dos informantes e o acesso ao ensino formal. Assim, num exemplo de código atribuído - ‘inf.1-hy-20/6-

B2.2(Ens)¹⁷⁹, a etiqueta ‘inf.1’ é o número do informante na nossa lista, o ‘hy’ corresponde ao código da língua arménia conforme ISO 639-1; enquanto os algarismos ‘20’ e ‘6’ são, respetivamente, a idade da primeira exposição e o tempo de exposição, em anos, à língua portuguesa. Por fim, o ‘B2.2’ é o nível de proficiência conforme o QECR (2001)¹⁸⁰ e a etiqueta ‘Ens’ ou ‘Ims’ entre parêntesis significam, respetivamente, aprendizagem da língua através de ensino formal ou aquisição em contexto de imersão linguística, ambos independentemente da sua intensidade e duração. No caso de bilinguismo arménio/russo, mencionámos os códigos das ambas as línguas conforme ISO 639-1 (*e.g.*, inf.7- hy/ru -18/21-C1.2(Ims)).

87,5% dos informantes do grupo de PL2 são licenciados. Em termos de profissão, ocupam cargos em diversas áreas, tal como demostra a tabela 4.1.

Tabela 4.1. Formação e profissões dos falantes de PL2

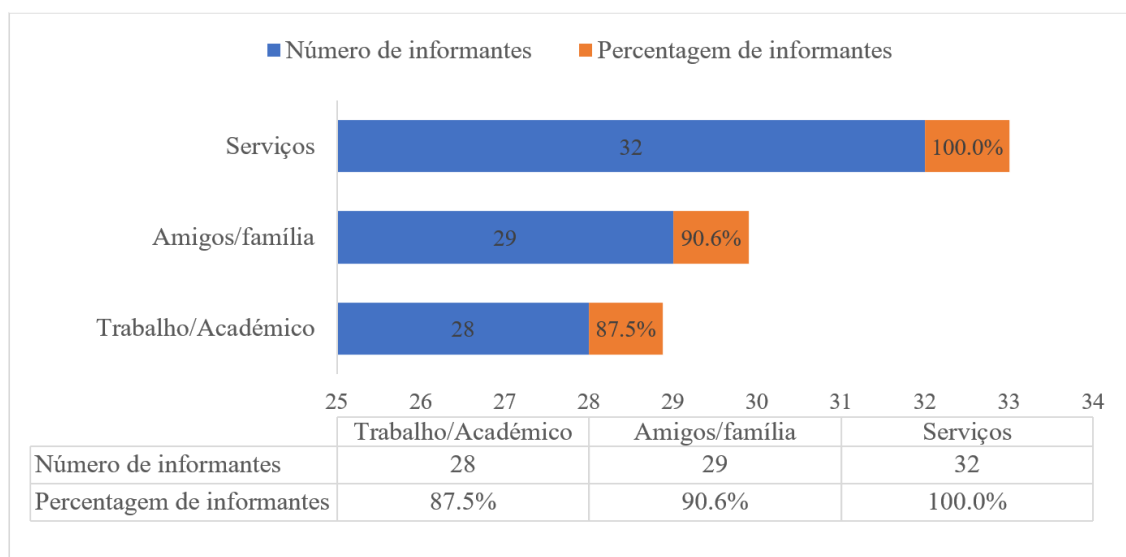
Área da formação base dos informantes	Número dos informantes
Artes	13
Direito e Relações Internacionais	2
Economia e Finanças	2
Engenharia e Ciências Exatas	4
Línguas e Literaturas	4
Outras	3
Sem formação	4
TOTAL	32

Todos os informantes declararam usar a língua portuguesa diariamente, tendo-a adquirido sobretudo em contexto de imersão. Todos a usam em vários serviços do país: além dos serviços (90,6 %, n=29), usam-na ainda entre os amigos e/ou familiares (87,5%, n=28) e também em contexto académico e/ou de trabalho (figura 4.1).

¹⁷⁹ Nas apresentações dos resultados, serão referidos apenas os números de informantes (*e.g.*, inf.1), pois os dados fornecidos ao longo de cada secção fornecerão informação pertinente para cada tópico analisado.

¹⁸⁰ Sobre o teste de colocação em nível, ver a secção 4.1.3.

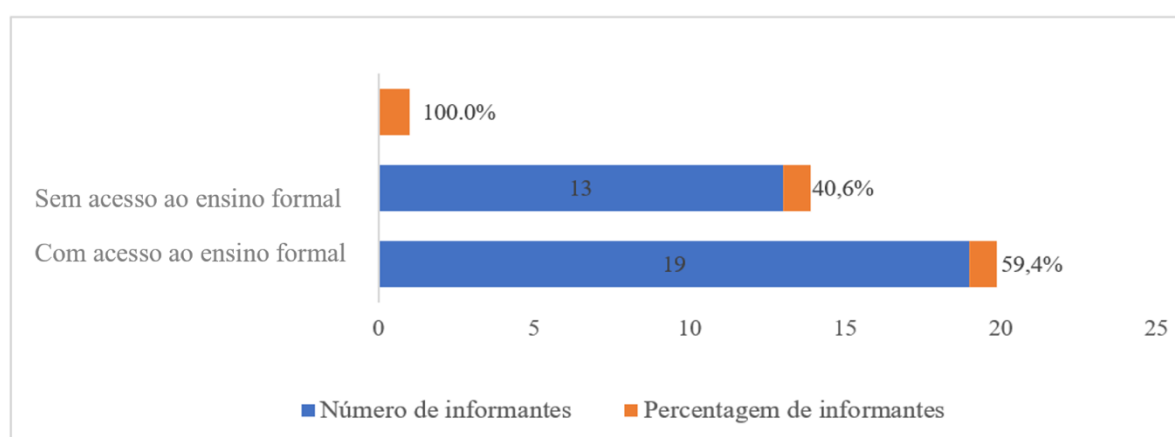
Figura 4.1. Contextos de uso do português pelo grupo de PL2



A exposição ao português varia entre os 2 e os 31 anos (média de 16anos). Conforme mostra a figura 4.2, 40,6% (n=13) dos informantes adquiriu português sem acesso ao ensino formal, enquanto 59,4% (n=19) além da exposição à língua portuguesa no seu dia a dia, teve aulas regulares da mesma com ou sem instrução¹⁸¹.

Nenhum dos informantes declarou ter contacto diário com outras variedades de português ou ter permanecido noutro país onde se falam outras variedades nacionais de português.

Figura 4.2. Número/Percentagem dos informantes do grupo de PL2 com e sem acesso ao ensino formal



¹⁸¹ Incluíram-se nesta percentagem os casos dos informantes autodidatas, ou seja, aqueles que, no processo da sua aprendizagem de língua, recorreram à ajuda dos manuais escolares e gramáticas do português, mas não tiveram aulas com um professor.

Quanto às línguas faladas, 21,9% (n=7) dos participantes do grupo experimental são bilíngues, sendo o arménio e o russo as suas línguas maternas, adquiridas naturalmente enquanto crianças¹⁸². Tendo em conta que, além da L1, as outras línguas faladas também poderiam condicionar a aquisição de português (cf. Rothman, *et al.* (2019)), recolhemos dados ainda sobre essas. Além do português, os informantes, regra geral, falam inglês e russo. Alguns falantes falam ainda espanhol, francês, georgiano, romeno. Para a aferição dos níveis de proficiência das línguas faladas (com exceção do português), recorremos à tabela de autoavaliação do QECR (2001) (anexo 2). As línguas faladas pelos informantes deste estudo, bem com a língua de escolarização, são apresentadas mais detalhadamente na tabela 4.2.

Tabela 4.2. Línguas anteriormente adquiridas pelos falantes de PL2

Código do informante	Língua materna	Escolarização	Línguas faladas além da(s) L1		Línguas aprendidas até aos 18 anos
				Nível	
inf.1-hy-20/5-B2.2(Ens)	Arménio	Arménio	Inglês Russo Espanhol	C1 C1 B1	Russo Inglês
inf.2-hy- 32/25-B2.2(Ims)	Arménio	Arménio	Russo Inglês	C1 B2	Russo Inglês
inf.3-hy-23/31-B1.2(Ims)	Arménio	Arménio	Russo Inglês	C1 B2	Russo Inglês
inf.4-hy-31/31-B1.2(Ims)	Arménio	Arménio	Russo Inglês	C1 B2	Russo Inglês
inf.5-hy-26/5-C1.2(Ens)	Arménio	Arménio	Russo Inglês	B1 B1	Russo Inglês
inf.6-hy-28/7-C1.1(Ens)	Arménio	Arménio	Russo Francês Ucraniano	C2 C1 A2	Russo Inglês
inf.7-hy/ru-49/21-C1.2(Ims)	Arménio Russo	Arménio Russo	Inglês Francês	C1 B2	Russo Francês
inf.8-hy-29/31-B2.2(Ims)	Arménio Arménio Occidental	Arménio	Inglês Russo Francês	B2 C1 B2	Russo Inglês
inf.9-hy-20/21-B1.1(Ims)	Arménio	Russo Romeno	Russo Romeno Inglês	C1 C1 A1	Russo Romeno

¹⁸² Consideramos bilíngues os falantes que adquiriram ambas as línguas naturalmente enquanto crianças, pois tal como sustenta Schwartz (2004), a aquisição deve ocorrer até aos sete anos de idade, i.e., de uma forma natural e antes de escolarização.

inf.10-hy-16/5-B2.2(Ens)	Arménio	Arménio	Russo Georgiano Inglês	C1 C1 B1	Português Russo Georgiano Inglês
inf.11-hy-28/21-B1.1(Ims)	Arménio	Russo	Russo	C1	Russo Georgiano
inf.12-hy-29/20-B1.2(Ens)	Arménio	Russo	Russo Alemão	C1 A1	Russo
inf.13-hy-22/5-B1.2(Ims)	Arménio	Arménio	Inglês Russo Francês	C2 C2 B1	Russo Inglês
inf.14-hy-22/21-C1.1(Ims)	Arménio	Arménio Inglês	Inglês Russo	C2 C1	Russo Inglês
inf.15-hy/ru-31/16-B1.1(Ens)	Arménio Russo	Arménio	Inglês Francês	A1 B1	Russo
inf.16-hy/ru-44/19-B1.1(Ens)	Arménio Russo	Arménio Russo	Inglês Georgiano	A2 A1	Russo
inf.17-hy/ru-47/20-B1.2(Ens)	Arménio	Arménio	Inglês	A1/A2	Russo
inf.18-hy-33/24-B1.2(Ims)	Arménio	Arménio	Russo	C1	Russo
inf.19-hy-30/24-C1.1(Ens)	Arménio	Arménio	Russo	C1	Russo
inf.20-hy/ru-25/14-C1.1(Ens)	Arménio Russo	Arménio	Inglês Francês	B2/C1 A1	Russo Inglês
inf.21-hy-21/23-B2.1(Ims)	Arménio	Arménio	Russo	A2/B1	Russo
inf.22-hy-18/26-B2.2(Ens)	Arménio	Arménio Português– 12ºano	Inglês Espanhol Russo	B1/B2 A2/B1 A1/A2	Russo Inglês
inf.23-hy/ru-24/5-B1.1(Ens)	Arménio Russo	Arménio	Inglês	B2	Russo Inglês
inf.24-hy-26/20-B2.2(Ens)	Arménio	Arménio Russo	Russo Inglês	C2 B2	Arménio Russo
inf.25-hy50/26-B1.1(Ims)	Arménio	Arménio	Russo Alemão	B1 A2	Russo
inf.26-hy-27/3-B1.1(Ens)	Arménio	Arménio	Russo Inglês Francês	C1/C2 C2 A2	Russo Inglês
inf.27-hy-26/3-B1.1(Ens)	Arménio	Arménio	Russo Inglês	C1/C2 C1/C2	Russo Inglês
inf.28-hy/ru-27/20-B2.2(Ens)	Arménio Russo	Arménio Russo	Russo Inglês Francês	C1 A2 A2	Inglês Russo
inf.29-hy-31/4-B2.1(Ens)	Arménio	Arménio	Inglês Russo	C1 C1	Inglês Russo
inf.30-hy-31/7-B1.1(Ims)	Arménio	Arménio	Russo Espanhol Inglês	C1 B2 B1	Russo Inglês
inf.31-hy-30/3-B1.2(Ens)	Arménio	Arménio	Russo Inglês	C1 C1	Russo Inglês

inf.32-hy-25/21-C1.2(Ens)	Arménio	Arménio	Inglês Russo Francês Espanhol	C1 B2 B1 B1	Russo Francês

Do ponto de vista da possível influência das outras L2, para a nossa análise foram consideradas apenas as línguas cuja proficiência é igual ou superior a C1, por o nível da proficiência ser determinante na seleção da fonte de transferência (cf. Madeira, 2017; Rothman *et al.*, 2019). Para a possível transferência linguística, é preciso que o falante em questão consiga utilizar a língua (a outra L2) de uma forma autónoma, fluente e espontânea. Além disso, para que seja possível observar algum padrão de transferência linguística das outras línguas faladas para o PL2, assumimos que a mesma língua deve ser falada pelo menos por dois falantes por cada nível de competência em PL2. Deste modo, para a análise de dados, como variáveis na possível transferência para a L2, foram tidos em consideração apenas o inglês e o russo.

Em relação ao russo, uma vez que essa língua teve estatuto oficial na Arménia durante a escolarização de uma parte dos informantes¹⁸³, e visto a grande maioria dos informantes (com exceção de cinco – um no nível B1, dois, no nível B2 e dois, no nível C1) mencionarem terem dominado essa língua com nível de competência igual ou superior a C1, a influência dessa língua na aquisição de PL2 seria difícil de verificar, seguindo o mesmo critério que no caso de inglês L2. Portanto, tomamos a medida de incluir no grupo de análise de russo L2 apenas os informantes bilingues arménio-russo e os informantes que tiveram a sua escolarização em russo e/ou afirmaram ter melhor conhecimento do russo em comparação com o arménio.

4.1.3. O nível de proficiência dos informantes em PE

Para a aferição dos níveis de proficiência dos informantes em português, recorreremos a um teste de avaliação desenhado pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (anexo 4)¹⁸⁴. O teste permite aferir o conhecimento dos falantes de PLE/PL2 entre os níveis A1 e C2, segundo o QECR (2001). É constituído por 60

¹⁸³ Entre 1922 e 1991, a Arménia fez parte da União Soviética, cuja língua oficial era o russo. Nessa altura, a língua russa, a par da língua arménia, tinha estatuto oficial na República Soviética Socialista da Arménia.

¹⁸⁴ Agradecemos à Professora Doutora Paula Morão o facto de, na sua qualidade de Diretora do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (em 2020), nos ter disponibilizado o teste de colocação em nível.

perguntas, de escolha múltipla, divididas em três partes: estrutura de língua (50 itens); compreensão de escrita (5 itens) e compreensão de oralidade (5 itens).

Apesar de os informantes terem feito o teste individualmente (durante as entrevistas pessoais)¹⁸⁵, foram asseguradas as mesmas condições para a realização do teste para todos. O tempo pré-estabelecido para a realização do teste foi de 1h e 30min. Era possível ouvir duas vezes a parte que diz respeito à compreensão de oralidade, com um intervalo de três minutos entre cada audição. O mesmo tempo foi dado antes e depois da audição para os informantes lerem e refletirem sobre as perguntas dadas e reverem as suas respostas caso fosse necessário.

A duração média da realização do teste foi de 58 minutos.

Neste teste não foram avaliadas as produções orais e escritas dos informantes. Contudo, é importante salientar que, após a recolha de dados (semi)espontâneos (produção oral e escrita), notamos que o conhecimento demonstrado de alguns falantes não corresponde aos resultados do teste de colocação em nível. Foram observados casos de conhecimento mais e menos avançado, comparativamente com os resultados do teste¹⁸⁶. De qualquer forma, para a presente investigação, com a intenção de assegurar as mesmas condições para todos os informantes, optamos por agrupá-los nos níveis de proficiência do português para a análise das suas produções na base do teste de colocação em nível. Assim, para a análise dos dados, para a variável ‘proficiência em PL2’, foram considerados os grupos apresentados na (tabela 4.3):

Tabela 4.3. Proficiência dos informantes em PL2

B1- Nível intermédio limiar	B2- Nível intermédio vantagem	C1-Nível avançado
50,0%	28,1%	21,9%
n=16	n=9	n=7
TOTAL: 32 informantes		

¹⁸⁵ Optamos por esta medida para que as identidades dos nossos informantes não fossem reveladas. Embora a participação fosse anónima, visto a comunidade arménia ser pequena, existia o risco de os participantes se conhecerem, o que podia pôr em causa o compromisso assumido.

¹⁸⁶ Durante a realização do teste, alguns falantes referiram nunca terem feito testes e não os saberem fazer, apesar de usarem a língua portuguesa fluentemente em diversos contextos. O contrário também aconteceu – 12,5% dos informantes (n=4) referiram que, fruto do trabalho (ensino de línguas), estão familiarizados com a realização de testes idênticos, mas têm noção de não dominar a língua bem e não a usar corretamente em vários contextos.

4.2. Produção (semi)espontânea

4.2.1. Produção oral

Para a recolha das produções orais, junto dos falantes de PL2, criámos um guião de entrevista (anexo 3), com a intenção de incentivar os informantes a relatar durante cerca de 15 a 20 minutos a sua experiência em Portugal. Todas as entrevistas foram moderadas pela autora da presente investigação. 21 das entrevistas foram realizadas presencialmente. No entanto, devido aos constrangimentos da pandemia covid-19, cinco entrevistas foram realizadas através da internet, recorrendo às plataformas *Zoom* e *Skype*. Todas elas foram gravadas e armazenadas num disco externo. Para a gravação das entrevistas realizadas por *Zoom* ou *Skype*, usámos as possibilidades das próprias aplicações. Já para as presenciais, foi usado o *smartphone* Huawei P10. O gravador esteve visível em todos os casos, exceto nos casos em que as entrevistas foram feitas através das plataformas online, durante os quais os informantes foram antecipadamente avisados de que a conversa iria ser gravada.

Em termos da interatividade, as entrevistas foram interativas ou semi-interativas, não elicitadas (cf. Mendes, *et.al*, 2016), i.e., a moderadora dirigia uma pergunta ao informante, incentivando-o a falar sobre algum tópico e moderava a conversa, lançando novas perguntas, caso o interlocutor parasse de falar.

As entrevistas tiveram duração entre 9':30'' a 1:01':15'' (média de 23':12''), com extensão de entre as 860 e as 4137 palavras (média de 2348 palavras)¹⁸⁷. Foram recolhidas e armazenadas 25 entrevistas (com 15 mulheres e 10 homens), com duração total de 9:40':14''.

Os níveis de competência dos informantes que participaram na recolha de dados orais apresentamos na tabela 4.4.

¹⁸⁷ As transcrições do *corpus* oral, feitas em formato *.docx*, baseiam-se na prosódia, abordagem adotada pelos projetos CHILDES (MacWhinney, 2000) e C-ORALROM (Cresti and Moneglia, 2005), i.e., em vez de sinais de pontuação, caraterísticos do registo escrito, foram usados símbolos que representam a entoação prosódica, como *'/'* (que assinala uma quebra prosódica breve no interior do discurso) ou *'//'* (que assinala uma quebra prosódica no fim do discurso). Na contagem das palavras estão incluídos todos os fenómenos de disfluência, tais como as repetições, as pausas preenchidas, as reformulações, as palavras, os enunciados interrompidos ou abandonados e todos os outros eventos que desempenham um papel estrutural na organização discursiva.

Tabela 4.4. Níveis dos informantes em PL2: produção oral (semi)espontânea

B1- Nível intermédio limiar	B2- Nível intermédio vantagem	C1-Nível avançado
40%	40%	20%
n=10	n=10	n=5
TOTAL: 25 informantes		

4.2.2. Produção escrita

Para a recolha das produções escritas (semi)espontâneas, pediu-se aos informantes que elaborassem dois textos – um argumentativo, outro narrativo –, ambos com extensão de cerca de 300 palavras. Os temas dos textos foram sugeridos por nós (ver o anexo 3), havendo possibilidade de o informante escolher outro tema, caso todos os temas sugeridos gerassem desconforto para si.

Nesta etapa, participaram 22 informantes (14 mulheres e 8 homens)¹⁸⁸. Os níveis dos informantes que participaram na recolha de dados da produção escrita espontânea estão demonstrados na tabela 4.5.

Tabela 4.5. Níveis dos informantes em PL2: produção escrita (semi)espontânea

B1- Nível intermédio limiar	B2- Nível intermédio vantagem	C1-Nível avançado
36,3%	45,5%	17,9%
n=8	n=10	n=4
TOTAL: 22 informantes		

Os informantes não tiveram restrição de tempo e, visto a nossa análise não incidir sobre erros ortográficos, podiam consultar dicionários tanto físicos como disponíveis online. Os

¹⁸⁸ O *corpus* das produções escritas inclui textos elaborados pela autora da presente investigação. Tal decisão, em primeiro lugar, deve-se à dificuldade de obtenção de amostras, sobretudo dos informantes que se encontram em estádios avançados de aquisição, o que nos levou a não negligenciar nenhum testemunho. As produções escritas pela autora deste estudo são anteriores ao afinilamento do objeto de estudo (ou seja, ter-se decidido que ia estudar a seleção e distribuição dos pronomes clíticos), mas já após ter completado o nível que lhe foi atribuído na base dos resultados do teste de colocação em nível, pelo que não era expectável que o uso de pronomes clíticos fosse condicionado pelo tema escolhido. De uma forma geral, procurou-se encarar a seleção das produções linguísticas da autora do presente estudo com o mesmo rigor que no caso dos outros informantes.

textos podiam ser escritos tanto à mão como em computador ou *smartphone*¹⁸⁹. Uma parte dos informantes pediu para elaborar os textos em casa, justificando que precisava de tempo para pensar e organizar as ideias. Desse modo, perdeu-se o controlo de alguns casos. Esses foram analisados e comparados com as produções orais dos mesmos informantes e, caso apresentassem padrão muito distinto dessas, foram excluídos da análise (18% das produções escritas foram excluídas). Após essa experiência insatisfatória, tomaram-se medidas para controlar as produções escritas dos restantes informantes. A recolha de dados com estes (23% (n=6), com extensão de cerca de 4030 palavras) foi feita através das plataformas *Zoom* e *Skype*, o que nos permitiu acompanhar e gravar as suas produções escritas em tempo real. Deste modo, foram registados todos os apagamentos, reformulações, correções e outras escolhas discursivas dos informantes ao longo da escrita¹⁹⁰.

Com base nas produções, criámos um *corpus* com extensão de cerca de 18 640 palavras. Uma vez que a nossa intenção era a análise de aquisição dos pronomes clíticos, a respeito de que não se observaram muitos registos analisáveis nos *corpora* por nós criados (ver a secção seguinte), juntámos a estas produções escritas ainda textos recolhidos dos *e-mails* de trabalho, ensaios ou relatórios elaborados no contexto académico disponibilizados pelos próprios informantes e das páginas do *Facebook* de quatro dos informantes, com uma extensão de cerca de 2560 palavras. Portanto, o *corpus* escrito disponível para análise conta com cerca de 21 020 ocorrências (*tokens*) ou palavras.

4.2.3. Uso dos pronomes clíticos nas produções espontâneas recolhidas

A pesquisa realizada com os pronomes clíticos *me*, *te*, *o*, *os*, *a*, *as*¹⁹¹, *lhe*, *lhes*, *nos*, *vos* e *se* nos *corpora* por nós criados, demonstrou 520 casos de uso de pronomes clíticos, nas produções linguísticas de 25 informantes (escrita de 22 e oralidade de 25 informantes). Destes, foram excluídas as estruturas com completivas infinitivas ou com perífrases verbais (n=78),

¹⁸⁹ Inicialmente, tinha sido decidido permitir elaboração dos textos apenas à mão. No entanto, uma grande parte dos informantes mostrou-se receoso em relação a isso, argumentando que dá muitos erros ortográficos e tem vergonha de escrever assim. Uma vez que o nosso trabalho não incide sobre erros ortográficos, tomou-se a decisão de os permitir recorrer aos seus *smartphones* e computadores para a realização da tarefa. Assim, do ponto de vista dos erros ortográficos, a maioria dos textos não pode servir de base para análises. Os que permitem esse tipo de análise, no *corpus* disponibilizado à comunidade científica, terão uma etiqueta a explicitar o tal facto.

¹⁹⁰ Estas produções, além dos erros ortográficos, apagamentos, correções e reformulações, fornecem dados importantes sobre o pensamento dos informantes, em tempo real, sobretudo no que toca às estratégias de evitamento que os mesmos usam, podendo servir de base para estudos valiosos em diversos campos linguísticos e psicolinguísticos.

¹⁹¹ As formas morfológicamente alteradas dos pronomes ACU (*-no(s)*, *-na(s)*, *-lo(s)*, *-la(s)*) também foram tidas em consideração.

com o redobro de clítico (n=4) e com a colocação mesoclítica de pronome (n=1). Assim, para a nossa análise foram consideradas no total de 437 estruturas com o uso de pronomes clíticos.

Entre estas 437 estruturas, mais de metade dos pronomes clíticos – 54,4% – são formas morfológicas de clítico *se* (n=238) – reflexo, recíproco, impessoal –, que não possibilitam analisar a seleção casual de clíticos em PL2. Também é impossível uma análise da seleção casual dos pronomes complemento em mais de 154 estruturas, nas quais os clíticos ACU e DAT aparecem na 1.^a e 2.^a pessoa (*me, te, nos, vos*).

Isto deve-se a dois fatores: (i) à metodologia escolhida para a recolha de dados e (ii) ao nível de proficiência dos informantes na L2. Primeiramente, o facto de o guião da entrevista oral ter sido elaborado para incentivar os informantes a falarem das suas experiências pessoais fez com que os pronomes da 1.^a pessoa fossem mais recorrentes nas suas produções linguísticas. Como continuação lógica deste fenómeno, os informantes menos competentes em português, tanto na oralidade, como na escrita, direccionaram o seu discurso para o relato pessoal, pois, no âmbito desse tema, dominam léxico suficiente para ter uma conversa coesa e minimamente fluente. Além disso, por em arménio e em português o objeto nulo ser uma opção válida, é possível que os falantes de arménio L1, nas suas produções em PL2, omitem os clíticos ACU e DAT, como estratégia de evitamento, conforme mencionámos na secção 1.3.2. Nesse sentido, os dados dos nossos *corpora* são compatíveis com os resultados mostrados por trabalhos anteriores, que evidenciam um maior número de uso de pronomes clíticos reflexos e não reflexos da 1.^a e da 2.^a pessoa gramatical (*e.g.*, Carmona & Silva, 2007; Silva, 2008; 2009).

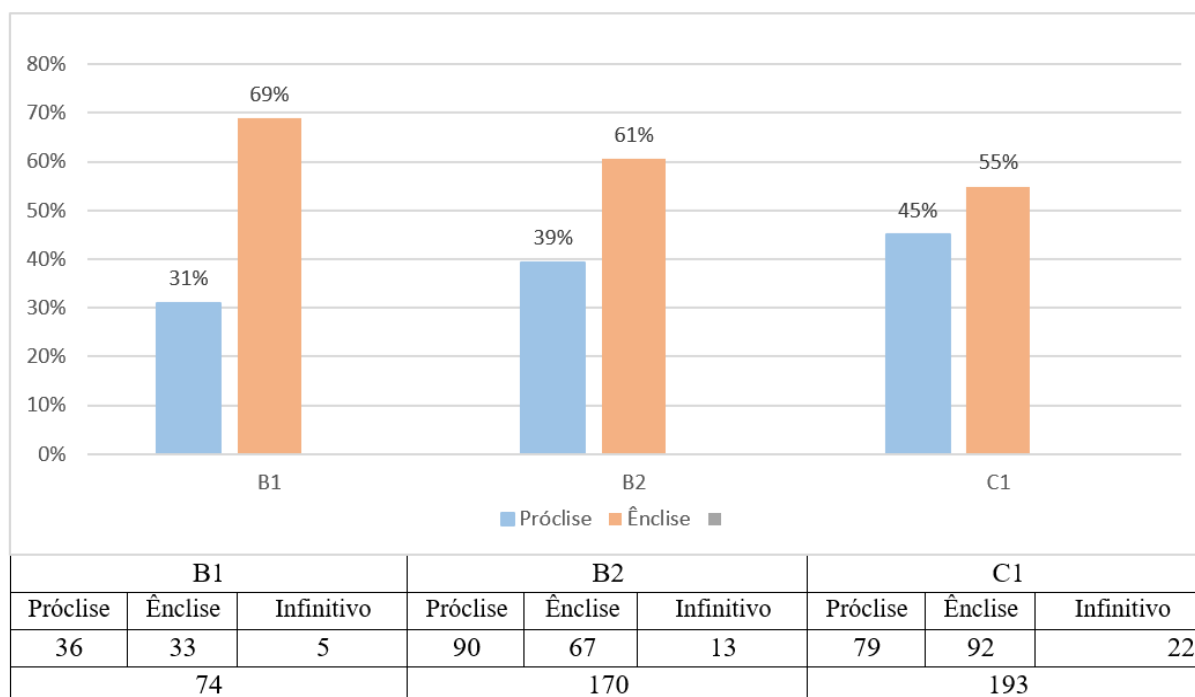
Portanto, entre todas as estruturas com a ocorrência de pronomes clíticos, nos dados por nós coligidos, em apenas 46 casos são clíticos ACU ou DAT de 3.^a pessoa gramatical. Porém, conforme mostramos na tabela 4.6, os clíticos ACU e DAT de 3.^a pessoa são frequentes apenas nas produções de um falante. Nas produções linguísticas dos informantes fora desta tabela não encontramos de todo uso de pronomes clíticos de 3.^a pessoa gramatical.

Tabela 4.6. Número de uso dos pronomes clíticos de 3.^a pessoa nas produções (semi)espontâneas dos falantes de armênio L1 e PL2

Código do informante	DAT	ACU
inf.1-hy-20/5-B2.2(Ens)	1	3
inf.2-hy- 32/25-B2.2(Im)	2	2
inf.5-hy-26/5-C1.2(Ens)	21	11
inf.7-hy/ru-49/21-C1.2(Im)	0	1
inf.10-hy-16/5-B2.2(Ens)	0	1
inf.17-hy/ru-47/20-B1.2(Ens)	0	1
inf.20-hy/ru-25/14-C1.1(Ens)	0	1
inf.22-hy-18/26-B2.2(Ens)	0	2
TOTAL	24	22

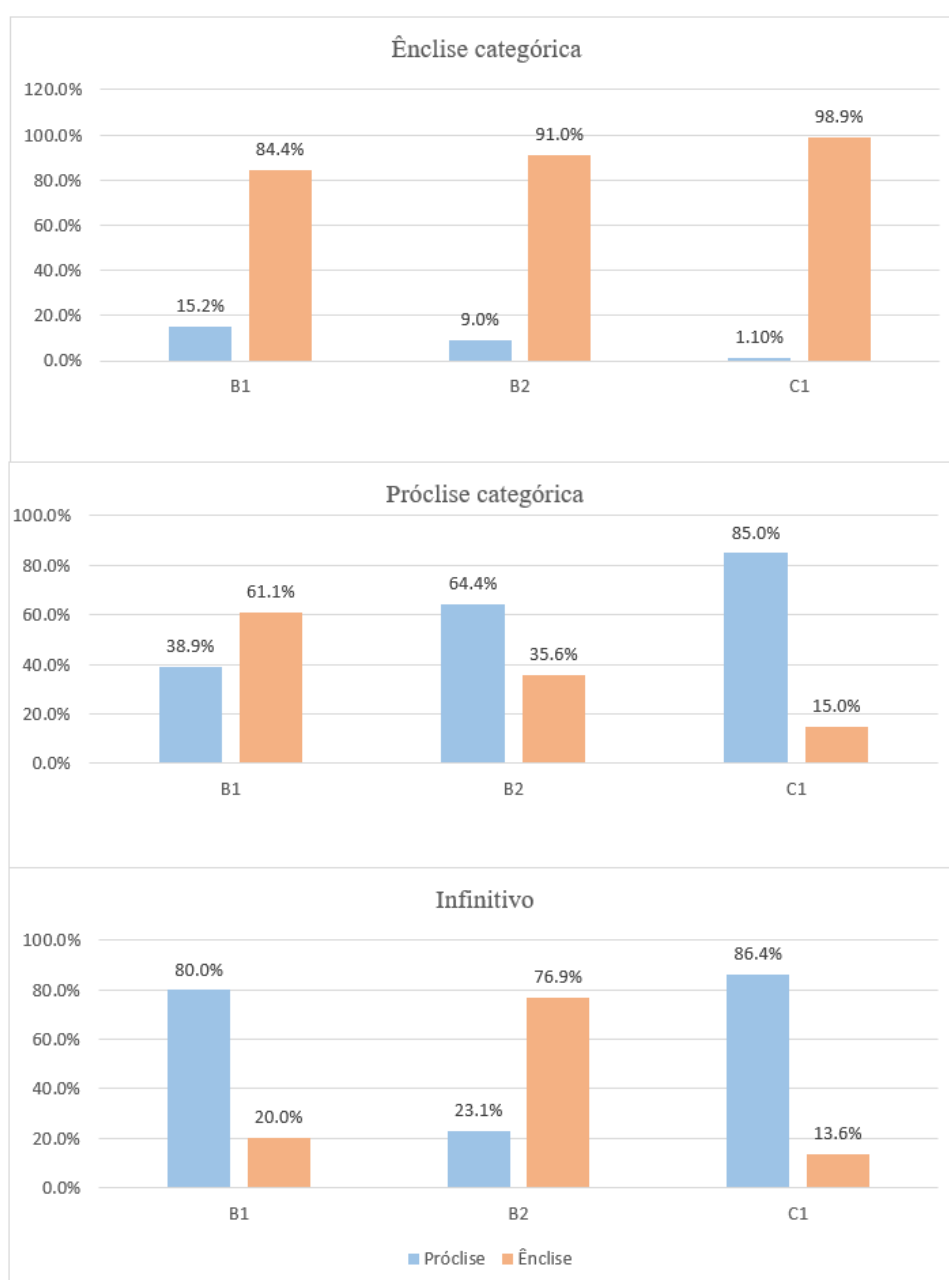
Da perspectiva de colocação de pronomes clíticos, uma análise grupal, no que toca à preferência em colocação de pronomes clíticos seria possível, pois registámos um número representativo de pronomes clíticos tanto na ênclise, como na próclise, em três níveis de proficiência linguística em PL2, como se vê na figura 4.3.

Figura 4.3. Preferência de colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas dos falantes de armênio L1 e PL2



Olhando de perto para a preferência pela ênclise ou pela próclise em contextos de ênclise categórica, de próclise categórica e de infinitivos (não) flexionados, veremos que os falantes de arménio L1 recorrem mais vezes à ênclise, no nível mais baixo de competência em PL2 – B1 (figura 4.4)¹⁹².

Figura 4.4. Preferência de colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2: estruturas de ênclise categórica, próclise categórica e de infinitivo

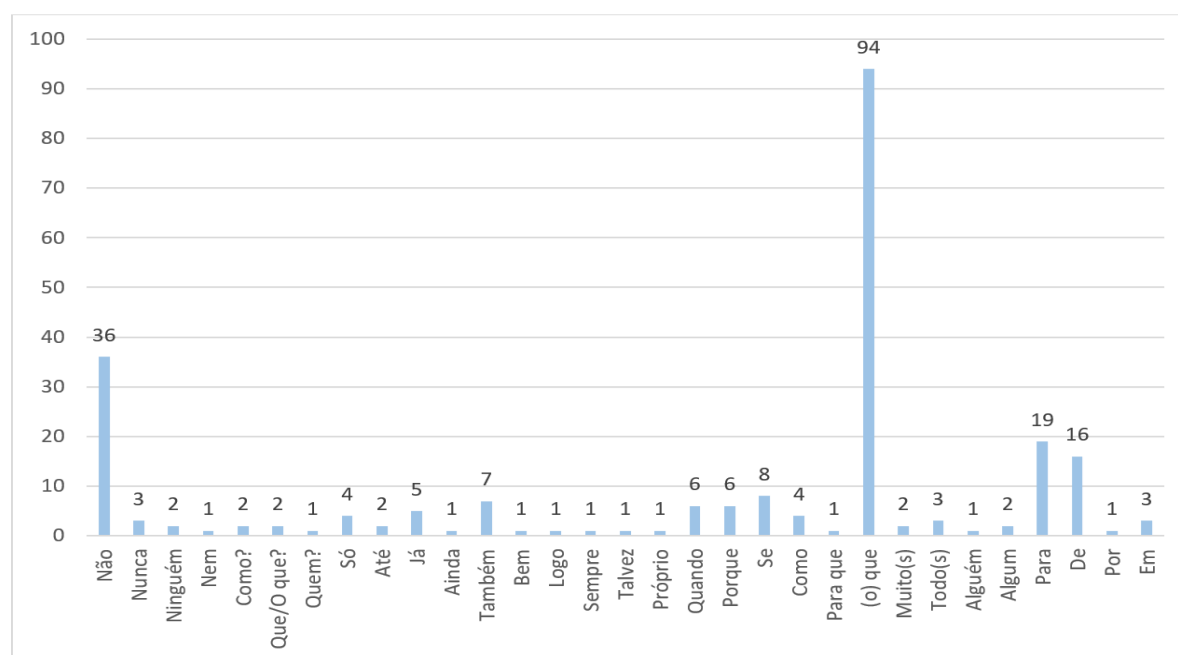


¹⁹² O número de contextos de infinitivo, no nível B1, não é consideravelmente grande (n=5) para que destaquemos estas estruturas, nas discussões deste ponto.

Estes dados genéricos apoiam as conclusões de estudos anteriores de que, na aquisição de PL2 por adultos, à semelhança de PL1, a ênclise é adquirida antes da próclise (*e.g.*, Costa *et al.*, 2015; Fiéis *et al.*, 2023; Flores & Barbosa, 2014; Flores *et al.*, 2016; Tomaz *et al.*, 2019), observando-se uma predominância inicial deste padrão, nos contextos de próclise categórica e sendo a próclise de aquisição gradual (*e.g.*, Gu, 2019; 2022; Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022). Contudo, ao contrário do que é relatado por estudos anteriormente realizados, o uso da próclise, mesmo no nível B1, em contextos da próclise obrigatória é consideravelmente alto para que afirmemos que os falantes de arménio L1 generalizam a ênclise nos estádios iniciais da aquisição dos pronomes clíticos em PL2. Antes, ao nível grupal, observa-se uma oscilação entre a próclise e a ênclise, no nível B1, o que parece ir ao encontro da predição à luz da Hipótese 1 da presente investigação (Predição 1.2). Neste ponto, infelizmente, por o número de uso de pronomes clíticos por cada informante não ser representativo, não é possível traçar conclusões quanto ao uso aleatório da próclise ou da ênclise, ao nível individual.

Ao mesmo tempo, tal como demonstra a figura 4.5, apesar de um número representativo (n=31), a maioria de proclisadores encontrados nas produções (semi)espontâneas de falantes de arménio L1 e PL2 ocorre entre uma e oito vezes.

Figura 4.5. Número dos proclisadores encontrados nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2



Se tivermos em conta que esse número é referente a todos os níveis (B1, B2 e C1), em alguns casos, como demonstramos na tabela 4.7, a ocorrência por nível é ainda mais baixa. Desta lista, deveríamos excluir ainda as preposições que admitem tanto a próclise como a ênclise (ver Martins, 2013). Seguindo essa lógica, apenas os casos de marcador negativo *não* e de complementador *que* seriam analisáveis do ponto de vista de aquisição de próclise.

Tabela 4.7. Número de ocorrência dos proclisadores nas produções (semi)espontâneas dos falantes de arménio L1 e PL2, conforme cada nível

Estrutura em análise	Proclisador	Nível			Total dos proclisadores
		B1	B2	C1	
Negação	<i>Não</i>	3	21	12	36
	<i>Nunca</i>	1	2		3
	<i>Ninguém</i>	1	1		2
	<i>Nem</i>		1		1
Interrogativas qu-	<i>Como?</i>	1		1	2
	<i>Que/O que?</i>			2	2
	<i>Quem?</i>			1	1
Advérbios	<i>Só</i>	1	2	1	4
	<i>Até</i>		2		2
	<i>Já</i>	1	1	3	5
	<i>Ainda</i>	1			1
	<i>Também</i>	3	4		7
	<i>Bem</i>		1		1
	<i>Logo</i>		1		1
	<i>Sempre</i>			1	1
	<i>Talvez</i>			1	1
	<i>Próprio</i>		1		1
	<i>Quando</i>		4	2	6
Complementadores	<i>Porque</i>	3		3	6
	<i>Se</i>	1	4	3	8
	<i>Como</i>		2	2	4
	<i>Para que</i>			1	1
	<i>(o) que</i>	16	38	40	94
	<i>Muito(s)</i>	1	1		2
Quantificadores	<i>Todo(s)</i>	2	1		3
	<i>Alguém</i>		1		1
	<i>Algum</i>		1	1	2
	<i>Para</i>	2	4	13	19
Preposições	<i>De</i>	2	6	8	16
	<i>Por</i>	1			1
	<i>Em</i>		2	1	3

Assim, revelou-se impossível desenhar a escala de aquisição de próclise, em todos os níveis, no caso de falantes de arménio L1 e PL2, a partir dos dados encontrados nos *corpora* criados.

Dito isto, tomou-se a decisão de avançar para a recolha de dados necessários através da produção elicitada. Tal como sustenta Thornton (1998), quando o objetivo é estudar uma estrutura sintática em particular e quando a sua frequência de ocorrência no discurso espontâneo é limitada, é preferível o uso de técnicas de elicitación. No caso da produção provocada, conforme este autor (*op. cit.*), cria-se um contexto capaz de “provocar” a produção de uma determinada estrutura sintática através de um contexto cuidadosamente desenhado para o efeito.

Nesse sentido, tal como já introduzido no início do presente capítulo, elaborou-se um teste de elicitación, de preenchimento de espaços, cujo objetivo era testar a colocação e seleção dos casos gramaticais dos pronomes clíticos.

4.3. Teste de elicitación

No teste de elicitación (anexo 1), tal como referido anteriormente, foram tidas em consideração quer a colocação de pronomes clíticos, quer a seleção dos casos gramaticais dos mesmos (ACU *vs.* DAT). De forma a não acrescentar o número de itens do teste e consequentemente o tempo para a sua execução, decidiu-se testar os padrões de colocação e de seleção dos pronomes clíticos do português simultaneamente, i.e., no mesmo item. Por isso, escolhemos para o efeito um teste de preenchimento de espaços. Os clíticos-alvos a serem testados eram os da 3.^a pessoa gramatical, tanto singulares, como plurais.

Como distratores, foram utilizadas orações de infinitivo (não) flexionado, em que o pronome clítico em falta era o da 1.^a ou da 2.^a pessoa singular.

Assim, foi solicitado aos informantes que preenchessem um dos espaços adjacentes ao verbo da frase, escolhendo um dos clíticos dados (*me, te, o, os, a, as, lhe, lhes*), os quais iriam substituir a expressão nominal sublinhada na frase anterior (*e.g.*, (11)).

(11) a. Ligou **a tua tia** e pediu a tua ajuda.

Amanhã _____ ajuda _____ a preencher o formulário.

Resposta esperada: Amanhã ajuda-**a** preencher o formulário.

- b. **Os primos** confirmaram a sua presença?

Alguém _____ telefonou _____ para perguntar?

Resposta esperada: Alguém **lhes** telefonou para perguntar?

- c. Ninguém queria que **eu** trabalhasse no Porto.

O meu tio convenceu os meus familiares para _____ deixarem _____ ir.

Resposta esperada 1: O meu tio convenceu os meus familiares para **me** deixarem ir.

Resposta esperada 2: O meu tio convenceu os meus familiares para deixarem-**me** ir.

O teste contou com um total de 108 itens, sendo a ordem de apresentação aleatória.

Tal como mencionámos, em todos os itens (com exceção dos distratores) os pronomes clíticos esperados eram da 3.^a pessoa (singular e plural).

Apesar de a seleção do género dos clíticos não ser do interesse do nosso trabalho, mas por forma a manter a heterogeneidade e o equilíbrio entre o número dos pronomes verbais selecionados, apareceram constituintes a serem substituídos pelos pronomes clíticos de seguintes géneros (tabela 4.8).

Tabela 4.8. Número dos clíticos no teste de elicitação consoante o género e o número gramatical

Género do clítico	Número do clítico	Clítico-alvo	Número de incidências
Masculino	singular	<i>o / lhe</i>	21
	plural	<i>os / lhes</i>	21
Feminino	singular	<i>a / lhe</i>	23
	plural	<i>as / lhes</i>	19

A linguagem e o léxico escolhidos foram simples, para que a possível incompreensão das frases não interferisse na execução da tarefa, sobretudo para os informantes com níveis de proficiência mais baixos. Seguindo a abordagem de Baldé (2019), verificámos, em alguns manuais de ensino de PLE/PL2¹⁹³, se os verbos testados e uma grande maioria das palavras utilizadas ocorrem nos níveis A1, A2 e B1. O léxico escolhido foi verificado em *RefLex PLE* (Pinto *et al.*, 2024). Ainda nesse sentido, no final do teste, foi disponibilizado um pequeno

¹⁹³ Foram analisados os manuais destinados ao ensino de PLE para níveis A1/A2: Carla Oliveira *et al.* (2006), *Aprender Português, Níveis A1/A2. Curso Inicial de PLE*; Ana Tavares (2011), *Português XXI Livro do aluno 1*; Ana Tavares (2011), *Português XXI Livro do aluno 2*.

glossário português-armênio que incluía as traduções de algumas palavras menos recorrentes no dia a dia (*e.g.*, *ementa*, *botão*). Além disso, os informantes podiam perguntar à moderadora o significado das palavras desconhecidas, uma vez que preenchiam o teste durante as entrevistas individuais¹⁹⁴.

Uma vez que não era nossa intenção analisar as alterações morfológicas ocorrentes tanto no verbo, como no clítico, no caso de o complemento-alvo ser de 3.^a pessoa em ACU (*e.g.*, ‘Decidi recebê-**lo** amanhã’), regra geral, foram evitadas as formas verbais que terminassem em letras <m>, <s>, <n>, <r> e <z>. De uma forma geral, nos itens com a colocação enclítica, foram usadas a 1.^a e a 3.^a pessoas do singular do presente do indicativo e a 1.^a, 2.^a e a 3.^a pessoas do pretérito perfeito. No entanto, caso o clítico-alvo fosse do caso DAT e/ou na posição proclítica, foram usadas também as formas da 1.^a e da 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo e do pretérito perfeito do modo indicativo.

Antes de aplicar o teste de elicitación, o mesmo foi pilotado junto de dois falantes nativos adultos e de um falante adulto de PL2 (nível B2). Por ter ocorrido como esperávamos, avançou-se para a etapa de aplicação do teste junto dos falantes de armênio L1 e PL2.

4.3.1. Colocação dos pronomes clíticos

No âmbito desta pesquisa, foram estudados padrões enclíticos e proclíticos de colocação dos pronomes clíticos em PE. O teste de elicitación contou com o total de 108 itens.

A escolha recaiu sobre as condições da próclise, apresentadas na secção 2.2.9 e retomadas na tabela 4.9. Para cada condição da próclise foram escolhidos quatro proclisadores, como a ocorrência de quatro vezes cada (no total, n=16 itens para cada condição da próclise), para garantir uma análise representável. Além destes, o teste contou também com 16 itens com o uso da ênclise (14 declarativas afirmativas simples e duas interrogativas globais) e com 12 itens distratores. Estes últimos foram construídos por orações infinitivas, nas quais a presença de uma preposição (*em*, *de*, *por* e *para*) antes do verbo legitimava o uso tanto de ênclise como de próclise.

A tabela 4.9. resume o número das condições testadas no teste de elicitación.

¹⁹⁴

Apenas dois dos informantes perguntaram o significado da palavra *ementa*.

Tabela 4.9. Número das estruturas do teste de elicitación para a análise de colocação dos pronomes clíticos em PL2

Contextos de uso	Proclisadores	Número dos itens
Declarativas afirmativas simples e interrogativas globais	N/A	16
Frases negativas	<i>não, nunca, ninguém, nem</i>	16
Interrogativas qu-	<i>como, quem, onde, quando</i>	16
Frases com advérbios enfatizadores	<i>já, até, ainda, só</i>	16
Orações subordinadas introduzidas por um complementador	<i>que, porque, onde, quando</i>	16
Frases com quantificadores	<i>poucos, muitos, alguém, tudo</i>	16
Distratores	<i>em, de, por, para</i>	12
TOTAL		108

4.3.2. Seleção do caso gramatical dos pronomes clíticos

Uma vez que em arménio a seleção do caso gramatical não depende apenas da regência verbal, mas também do traço de animacidade associado aos objetos selecionados pelo verbo, tal como referido no capítulo 2, no teste de produção elicitada, com a intenção de testar as nossas hipóteses, optámos por três condições experimentais: (i) verbos que selecionam apenas complementos [+humano]; (ii) verbos que selecionam apenas complementos [-humano] e (iii) verbos que selecionam complementos [$\pm$ humano]. Para todas as condições foram testados casos tanto de seleção de OD como de OI. Assim, foram testados os verbos apresentados na tabela 4.10.

Tabela 4.10. Verbos testados e os traços dos seus complementos

Traço de complementos	Clítico testado		Verbos
[+humano]	OD	ACU	<i>ofender, convidar, ensinar</i>
	OI	DAT	<i>perguntar, oferecer, dizer</i>
[-humano]	OD	ACU	<i>beber, imprimir, ler</i>
	OI	DAT	<i>anexar, adicionar, acrescentar</i> ¹⁹⁵
[$\pm$ humano]	OD	ACU	<i>perder, receber, ver</i>
	OI	DAT	<i>pertencer, faltar, dedicar</i>

¹⁹⁵ Por lapso, o verbo *acrescentar*, que pode selecionar um complemento [+humano], ocupou o lugar do verbo *misturar* na elaboração do teste. Embora isso não influenciasse crucialmente os resultados obtidos, nos trabalhos futuros, é preciso ter em conta esta alteração necessária.

Cada um dos verbos apareceu no teste quatro vezes, sendo, deste modo, cada condição testada no total de 12 vezes. Os verbos que foram testados com complementos [$\pm$ humano] apareceram o dobro de vezes – quatro vezes com complementos [+humano] e quatro vezes com complementos [-humano], de forma a garantir número igual para cada condição.

À semelhança da colocação dos pronomes clíticos, os itens do teste também contaram com distratores. Para o efeito, serviram as mesmas orações infinitivas, referidas na secção anterior, nas quais os pronomes pessoais nas respostas-alvo eram sempre os da 1.^a e 2.^a pessoa singular.

A tabela 4.11 resume os verbos testados nas condições diferentes à luz dos traços [$\pm$ humano] dos seus complementos.

Tabela 4.11. Condições dos traços de humanidade testadas

Condição	Verbos testados e o número de incidências						
OD +humano	<i>ofender</i>	4	<i>ensinar</i>	4	<i>convidar</i>	4	12
OI +humano	<i>oferecer</i>	4	<i>perguntar</i>	4	<i>dizer</i>	4	12
OD -humano	<i>ler</i>	4	<i>beber</i>	4	<i>imprimir</i>	4	12
OI - humano	<i>anexar</i>	4	<i>adicionar</i>	4	<i>acrescentar</i>	4	12
OD ±humano	<i>perder</i>	8	<i>receber</i>	8	<i>ver</i>	8	24
OI ±humano	<i>pertencer</i>	8	<i>dedicar</i>	8	<i>faltar</i>	8	24
Distratores							12
TOTAL							108

4.3.3. Outras considerações

Na realização do teste de elicitación, participaram todos os 32 informantes falantes de PL2 (20 de sexo feminino e 12 de sexo masculino) no grupo experimental, e 17 informantes falantes de PL1 (8 de sexo feminino e 9 de sexo masculino), no grupo de controlo.

O teste de respostas provocadas e o teste de colocação em nível foram realizados durante as entrevistas individuais, na maioria presencialmente e em alguns casos através da plataforma *Zoom*. Apenas três informantes preferiram fazer o teste em casa, tendo registado o tempo de realização do mesmo.

Embora o teste incluísse uma instrução escrita em arménio e em português, os informantes de PL2 tiveram uma breve instrução oral – em arménio – antes de realizarem o

teste, bem como tiveram oportunidade de esclarecer as dúvidas relacionadas com a realização da tarefa. Durante a instrução, foi sugerido aos informantes de PL2 que preenchessem o teste da forma mais intuitiva/espontânea possível e sem tentar comparar as estruturas dadas.

Apesar de não termos estabelecido um limite de tempo para a realização do teste, seguindo a sugestão de Ellis (2005) e de Yuan e Ellis (2003) de que a precisão gramatical dos aprendentes é melhor quando têm mais tempo na realização de tarefas (evidenciando acesso ao conhecimento explícito), a duração prevista para a realização do teste foi de uma hora, tendo em conta dois critérios: (i) o tempo de que os sujeitos necessitaram, em média, para a completção de cada item durante a pilotagem (cerca de 14 segundos, os dois falantes nativos e cerca de 27 segundos, o falante não nativo) e (ii) seguindo a sugestão de Fulcher (1997), segundo a qual a realização de testes linguísticos, incluindo a organização e a recolha de respostas, não deve ultrapassar uma hora.

O tempo médio de realização do teste foi de 63 minutos (duração mínima: 23 minutos, duração máxima: 134 minutos). Somente 31% dos informantes (n=10) necessitaram de tempo superior ao previsto (média: 91 min). Cinco dos informantes (quatro do nível B1.2-B2.1 e um do grupo C1.1) necessitaram de tempo significativamente superior (87-134 minutos) para a realização do teste. Dois deles preferiram completar o teste durante um encontro presencial com o investigador, enquanto os outros três precisaram de dois encontros em dias diferentes para a completção do teste.

Em alguns casos, os informantes preferiram realizar os testes (de elicitção e de colocção em nível), bem como as produções orais e escritas, durante um único encontro (previsto ter uma duração total de 2h e 30min¹⁹⁶), enquanto outros preferiram realizar os testes e fazer a produção (semi)espontânea em duas sessões ou mais.

Por último, o facto de o teste de elicitção ser preenchido durante as entrevistas individuais permitiu recolhermos dados (meta)linguísticos e mais informação relevante sobre

¹⁹⁶ Regra geral, foi possível respeitar o tempo previsto, sendo o tempo médio de realização de todas as tarefas 2h e 48min. Caso os informantes decidissem terminar a realização das tarefas solicitadas um atrás da outra, a cada uma hora ou sempre que quisessem, foram feitas pausas prolongadas (no mínimo, 20 min). Em geral, e por a grande maioria dos informantes serem pessoas conhecidas da autora deste trabalho, os encontros combinados para a realização das tarefas solicitadas duravam algumas horas, havendo lugar, entre a realização de várias tarefas, para pausas de almoço, de café ou convívio e conversas sobre outros assuntos. Optando por esse meio, procurámos garantir que os informantes não sentiam pressão ou cansaço durante a realização das tarefas. Optámos também por intercalar a realização dos dois testes necessários para a recolha de dados (o teste de elicitção e o teste de colocção em nível) com a recolha de dados da produção oral (semi)espontânea. Somente três dos cinco informantes referidos que necessitaram tempo significativamente a mais para a realização do teste de elicitção (9,3% dos informantes todos) mencionaram que os testes eram difíceis e cansativos.

Do tempo indicado, foi excluído o tempo da realização do(s) texto(s) escrito(s), para o *corpus* escrito, pois, conforme mencionado, alguns falantes elaboraram textos em casa, sem controlo de tempo ou disponibilizaram, a nosso pedido, textos por si escritos já existentes à data de encontro presencial.

a(s) estratégia(s) que os informantes usavam para a execução da tarefa. No final do teste, questionámos sobre o conhecimento da gramática (se alguma vez estudaram os pronomes clíticos); a influência do *input* (nomeadamente, se ouvem e reconhecem esses itens no discurso de falantes nativos); alguma assunção sua ou generalização da regra gramatical (se na sua opinião existe uma regra de utilização de uma ou de outra forma de pronomes); se fizeram muitas escolhas aleatórias por não saberem a resposta correta; tradução mental das línguas conhecidas (nomeadamente, se se basearam no conhecimento da sua L1); entre outras, armazenando essas informações no anexo 7. Algumas destas questões foram levantadas pelos próprios informantes durante a realização do teste, na expectativa de encontrar uma regra de uso dos pronomes clíticos testados (e.g., ‘O pronome *lhe* é utilizado apenas para as pessoas?’, ‘Quando há uma pergunta, o pronome colocamos antes do verbo?’). Nenhuma dessas perguntas foi respondida.

Além disso, foi possível observar quais os itens mais problemáticos para os informantes que apresentavam mais dificuldades, obrigando-os a pensarem mais tempo sobre os mesmos, hesitarem entre as respostas ou alterarem-nas. Quanto à hesitação, por às vezes a troca da resposta dada ou a oscilação demonstrada ser demasiado rápida, não foi possível registar o tempo de hesitação. Por isso, optamos apenas por assinalar os itens nos quais os informantes demonstraram oscilação, demora na resposta, pensaram em voz alta ou questionaram/olharam para a moderadora à espera de alguma dica ou pista. Essa questão será referida na discussão de resultados, como ‘(fenómeno de) hesitação’.

Todos os dados metalinguísticos recolhidos foram registados através de notas pessoais, num campo destinado a ‘Observações’¹⁹⁷, no ficheiro de análise dos dados, os quais foram tidos em consideração, sempre que necessário, durante a análise dos resultados. Contudo, deixaremos para estudos futuros uma análise detalhada destes dados metalinguísticos.

Importa mencionar ainda que os participantes desta pesquisa facilmente perceberam qual era o objeto de estudo, pois não foi possível mascará-lo, uma vez que, por o teste ser demasiado extenso, optamos por não incluir mais distratores.

Os dados recolhidos através do teste de eliciação foram inseridos num ficheiro *Excel*, tendo em conta o perfil de cada informante, e organizados de acordo com as variáveis a serem analisadas. No capítulo seguinte, apresentaremos os resultados do estudo experimental.

¹⁹⁷ Disponibilizamos os dados do campo ‘Observações’ no anexo 7.

Capítulo 5. Apresentação e discussão dos resultados do estudo experimental

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados do teste de elicitación, organizados em três subcapítulos. Primeiramente apresentamos e discutimos os resultados do grupo de controlo (§5.1), depois os do grupo de falantes de arménio L1 e PL2 (§5.2), dedicando o terceiro subcapítulo ao resumo da discussão dos resultados (§5.3). Os subcapítulos 5.1 e 5.2 são divididos em secções principais referentes a cada área analisada: seleção casual (§5.1.1 e §5.2.2) e distribuição sintática dos pronomes clíticos em PL1 e em PL2 (§5.1.2 e §5.2.1). Na análise dos dados do grupo de PL2, foram tidos ainda em consideração alguns fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar o processo de aquisição dos pronomes clíticos em português na idade adulta, que apresentamos no final do subcapítulo 5.2, na secção 5.2.3, destacando as seguintes variáveis: acesso ao ensino explícito (§5.2.3.1), nível de conhecimento de português (§5.2.3.2), idade da primeira exposição ao português (§5.2.3.3), outras L2 anteriormente adquiridas, neste caso, o russo e o inglês (§5.2.3.4), e dando ainda uma breve atenção a outros fatores que podem explicar alguns padrões nos resultados do grupo de PL2, nomeadamente ao contexto sociolinguístico em que ocorre a aquisição (§5.2.3.5).

5.1. Resultados do grupo de controlo (PL1)

De uma forma geral, os resultados do grupo de controlo vão ao encontro das nossas expectativas.

O teste de elicitación foi preenchido por 17 falantes de PL1, licenciados. Portanto, tendo em conta que o teste contém 108 itens, dos quais 12 são distratores, o número total de itens analisados equivaleu a 1632 ($n=96$ por informante). O tempo médio de realização do teste foi de 28 min.

Importa mencionar, desde início, que os desvios de colocação e de seleção, nas produções de falantes de PL1, ocorrem independentemente um de outro. Apenas em um caso, há sobreposição de desvios, i.e., o desvio na seleção casual e o desvio na distribuição sintática do clítico testado ocorrem em simultâneo, no mesmo item, evidenciando, assim, que a seleção casual e a colocação dos pronomes clíticos em PL1, na idade adulta, ocorrem independentemente um do outro, em domínios separados.

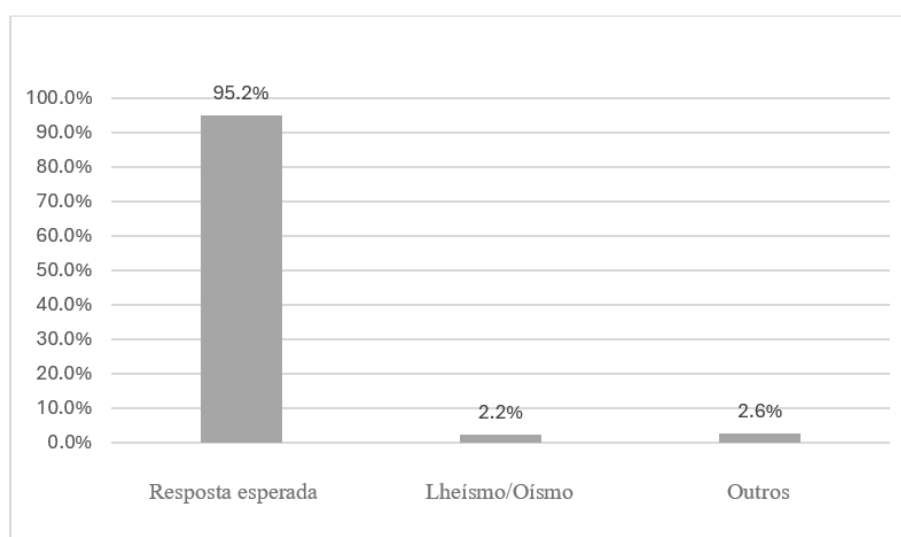
Nas duas secções seguintes, apresentamos e discutimos os resultados do grupo de controlo (PL1) – primeiramente, tendo em conta as questões de seleção de caso (ACU vs. DAT) e, de seguida, olhando para os padrões de colocação de pronomes átonos de português.

5.1.1. Seleção dos pronomes clíticos por falantes do grupo de controlo (PL1)

Na seleção dos pronomes clíticos de português, os falantes de PL1 adultos não apresentam desvios significativos.

De todos os itens testados (n=1632), 95,2% (n=1553) corresponderam a respostas previstas, como se vê na figura 5.1.

Figura 5.1. Respostas esperadas e desviantes na seleção casual dos pronomes clíticos: dados do grupo de controlo (PL1)



Apenas 2,2% de respostas dadas pelo grupo de falantes de PL1 apresentava casos de lheísmo e de oísmo (n=36), tendo ocorrido utilização quer do clítico DAT no lugar de ACU (com os verbos *ensinar*, *convidar* e *ofender*), quer do ACU no lugar de DAT (com o verbo *anexar*), como demonstrado na tabela 5.1¹⁹⁸.

¹⁹⁸ As percentagens nesta tabela são calculadas para o uso de cada verbo que ocorreu quatro vezes no teste, o que significa que, no grupo de PL1, cada verbo foi testado num total de 68 vezes por 17 informantes.

Tabela 5.1. Desvios na seleção casual dos pronomes clíticos: dados do grupo de controlo (PL1)

Verbos	Lheísmo	Oísmo
<i>ensinar</i>	n=16 (23,5%)	-
<i>convidar</i>	n=1 (1,5%)	-
<i>ofender</i>	n=2 (2,9%)	-
<i>anexar</i>	-	n=17 (25%)
Total	n=19	n=17

Os falantes de PL1 recorrem aos clíticos DAT de 3.^a pessoa com os verbos *ensinar*, *convidar* e *ofender*. Como se nota, os três verbos com os quais os falantes de PL1 selecionaram clíticos DAT, apresentam uma restrição semântica, regendo complemento somente com traço [+animado]. Portanto, em algum ponto, para alguns falantes de PL1 o clítico DAT associa-se ao traço [+animado], tal como esperamos acontecer nas gramáticas de falantes de arménio L1 e PL2. Admitimos, porém, que a escolha do verbo *ensinar* como um dos verbos para testar a seleção casual dos pronomes clíticos em português não foi a mais adequada para a presente investigação, como mostraremos a seguir.

Com os verbos *convidar* e *ofender*, ocorreram no total três casos de seleção de clítico ACU (2,3%), enquanto com o verbo *ensinar*, em 42,6% dos casos (n=29), os falantes nativos de português preferiram o uso do clítico DAT, tendo sido registados também dois casos de abandono de tarefa¹⁹⁹. Dos 29 casos de uso de clíticos DAT com o verbo *ensinar*, 13 são expectáveis. Conforme explicita Luft (2002: 251-252), o verbo *ensinar* pode ser tanto um transitivo direto, como um transitivo indireto. Na estrutura *ensinar alguém a + infinitivo*, o verbo *ensinar* funciona como um transitivo direto (p. 251), selecionando, portanto, um clítico ACU, se bem que o autor admita a estrutura *ensinar-lhe a + infinitivo*, como uma variação na língua portuguesa, mencionando que o mesmo possa ter surgido como ‘resultado de cruzamento: (1) *ensinar algo a alguém* + (2) *ensinar alguém a...* > (3) *ensinar a alguém a ...*’ (*ibidem*). O autor continua:

‘Há quem restrinja esta sintaxe para casos em que o infinitivo se acompanha de objeto direto (não-reflexivo), ao modelo dos verbos factitivos (*deixar, fazer, mandar*) e sensitivos (*ouvir, sentir, ver*) – restrição “que nem sempre os exemplos clássicos

¹⁹⁹ Os itens abandonados são aqueles em que se testava também a colocação de clíticos na presença do quantificador *tudo*. Portanto, não se sabe qual foi a razão para o abandono da tarefa, se a dificuldade na seleção ou na colocação do clítico, se simplesmente uma distração.

confirmam” (Nascentes, 1960: 109): “*Ensinando-lhes a pedir beijos*” (Camilo: Torres) (...), e “*Andrade ensinou-lhes a ler*” (Machado: Nascentes) (...). No Brasil, o contraste *o/lhe* = culto/vulgar sugere a preferência, no registo formal ou tenso, por *ensiná-lo a* + Infinitivo; mesmo valendo naturalmente para *ensiná-lo/ensinar-lhe* (sem compl. de coisa).’

Luft (2002: 251-252)

Apenas durante a análise dos dados, notamos que por lapso, a estrutura argumental do verbo *ensinar*, num dos itens testados (ver (1d), abaixo), não correspondeu a *ensinar alguém a* + *infinitivo*, sendo, neste caso, o clítico esperado o DAT plural – *lhes* (cf. Luft, 2002). Nos restantes casos, embora o clítico esperado fosse ACU, em 23,5% dos casos (n=16) também registamos uso de clíticos DAT. Assim, apesar de três dos quatro itens por nós testados (retomados em (1)) apresentarem uma situação em que a estrutura do verbo em questão é *ensinar alguém a* + *infinitivo*, sendo expectável a seleção dos clíticos ACU como complemento do verbo *ensinar*, de facto, nestas estruturas, como variação, seria possível também a seleção dos clíticos DAT.

(1)²⁰⁰ a. É impressionante quão bem **a tua mulher** fala russo.

Como _____ ensinaste _____ a falar em tão pouco tempo?

Resposta esperada: Como a ensinaste a falar em tão pouco tempo?

b. Não sabia que **o teu marido** sabe arménio.

Quando _____ ensinaste _____ a ler arménio?

Resposta esperada: Quando o ensinaste a ler arménio?

c. **As minhas filhas** aprenderam a nadar sozinhas.

Ninguém _____ ensinou _____ a nadar.

Resposta esperada: Ninguém as ensinou a nadar.

d. Além de ser inteligente, o Pedro não gosta de deixar **os seus filhos** ao cuidado dos outros. Ele tudo _____ ensinou _____ sozinho.

Resposta esperada: Ele tudo lhes ensinou sozinho.

²⁰⁰ Os itens de (1), por ordem, correspondem aos itens n.º (6), (46), (53) e (105) do teste de elicitación (anexo 1).

Logo, na análise dos dados recolhidos junto do grupo de PL2, é necessário dar uma atenção especial ao verbo *ensinar*.

Quanto à seleção dos clíticos ACU no lugar de DAT, este fenómeno, que designamos oísmo, foi detetado apenas com o verbo *anexar*. 15 dos 17 desvios encontrados dizem respeito aos itens número (34) e número (99) do teste de elicitación, retomados respetivamente em (2) e (3).

- (2) **O seu processo** já está completo.

A nossa funcionária _____ anexou _____ a carta do diretor.

Resposta esperada: A nossa funcionária anexou-lhe a carta do diretor.

Resposta obtida: A nossa funcionária anexou-o a carta do diretor.

- (3) Vocês não processaram **o meu pedido** como deve ser.

A secretária nem _____ anexou _____ a carta do banco.

Resposta esperada: A secretária nem lhe anexou a carta do banco.

Resposta obtida: A secretária nem o anexou a carta do banco.

Uma vez que os informantes preenchiam o teste num ficheiro de *Microsoft Word Document*, alguns optaram por deixar sugestões. Dois dos informantes do grupo de controlo, que preencheram o espaço por clítico ACU, mencionaram que no item (2) faltava o acento, i.e., em vez de *a carta do diretor*, deveria ser *à carta do diretor* e em (3), identicamente, a opção correta deveria ser *à carta do banco*. Pode ter sido essa leitura que originou uma resposta desviante nos outros casos registados também, pois apenas um informante (5,9%, na nossa investigação) demonstrou tendência de generalização de clítico ACU com o verbo *anexar* (três das quatro condições testadas).

Além dos casos de seleção de clítico ACU com o verbo *anexar*, registámos também um caso de abandono da tarefa com o verbo *acrescentar* que julgamos ser fruto de desatenção, pois nos restantes casos em que ocorria este verbo, o informante selecionou o clítico esperado.

Um outro tipo de desvio de seleção foi registado (na categoria ‘Outros’ da figura 5.1), embora com baixa frequência (1,9 %, n=34). 16 dos 34 casos registados (48,5%) ocorreram nas frases distratores. Trata-se de troca do antecedente marcado a vermelho por um outro existente na frase anterior. Para exemplificarmos, num dos itens do teste de elicitación (em (4)), o referente marcado a vermelho é *a Maria*, logo, para substituí-lo, é esperado que seja

selecionado o clítico de 3.^a pessoa do singular *lhe*. Porém, houve informantes que selecionaram o clítico de 1.^a pessoa do singular *me*.

- (4) **A Maria** disse para nos juntarmos no fim de semana. Vamos encontrar-nos no restaurante, onde _____ ofereceste _____ o anel de noivado.

Resposta esperada: Vamos encontrar-nos no restaurante, onde lhe ofereceste _____ o anel de noivado.

Resposta obtida: Vamos encontrar-nos no restaurante, onde me ofereceste o anel de noivado.

O contrário também aconteceu. Foi selecionado o clítico *lhe* onde o referente marcado a vermelho era o pronome de 2.^a pessoa singular *tu*, como em (5).

- (5) Amanhã queres ir **tu** ou vai a Ana?

Estava a pensar em _____ perguntar _____ ainda ontem, mas não tive tempo.

Resposta esperada: Estava a pensar em perguntar-te / te perguntar ainda ontem, mas não tive tempo.

Resposta obtida: Estava a pensar em perguntar-lhe / lhe perguntar ainda ontem, mas não tive tempo.

Mais, alguns informantes selecionaram o clítico ACU *a* de 3.^a pessoa do singular, em vez do ACU *os* de 3.^a pessoa do plural, talvez por terem assumido que o referente anterior é *a vossa confirmação*, mas não *os diplomatas* (ver (6)).

- (6) **Os diplomatas** já estão à espera da vossa confirmação há quase uma hora.

Quando, finalmente, _____ receberão _____?

Resposta esperada: Quando, finalmente, os receberão?

Resposta obtida: Quando, finalmente, a receberão?

Registamos também três casos de troca de género gramatical e um caso de troca de número gramatical entre o antecedente marcado e o clítico selecionado, que julgamos ser fruto de desatenção.

Tal como referido anteriormente, no total, cinco itens foram abandonados, os quais juntamente com os casos acima mencionados foram incluídos na categoria ‘Outros’ (cf. figura 5.1).

Todos estes casos, por não serem significativos, não influenciaram a nossa análise e não receberão nenhuma atenção particular.

Desta forma, pode-se concluir que os falantes adultos de PL1, na seleção casual dos pronomes clíticos do português não apresentam desvios significativos.

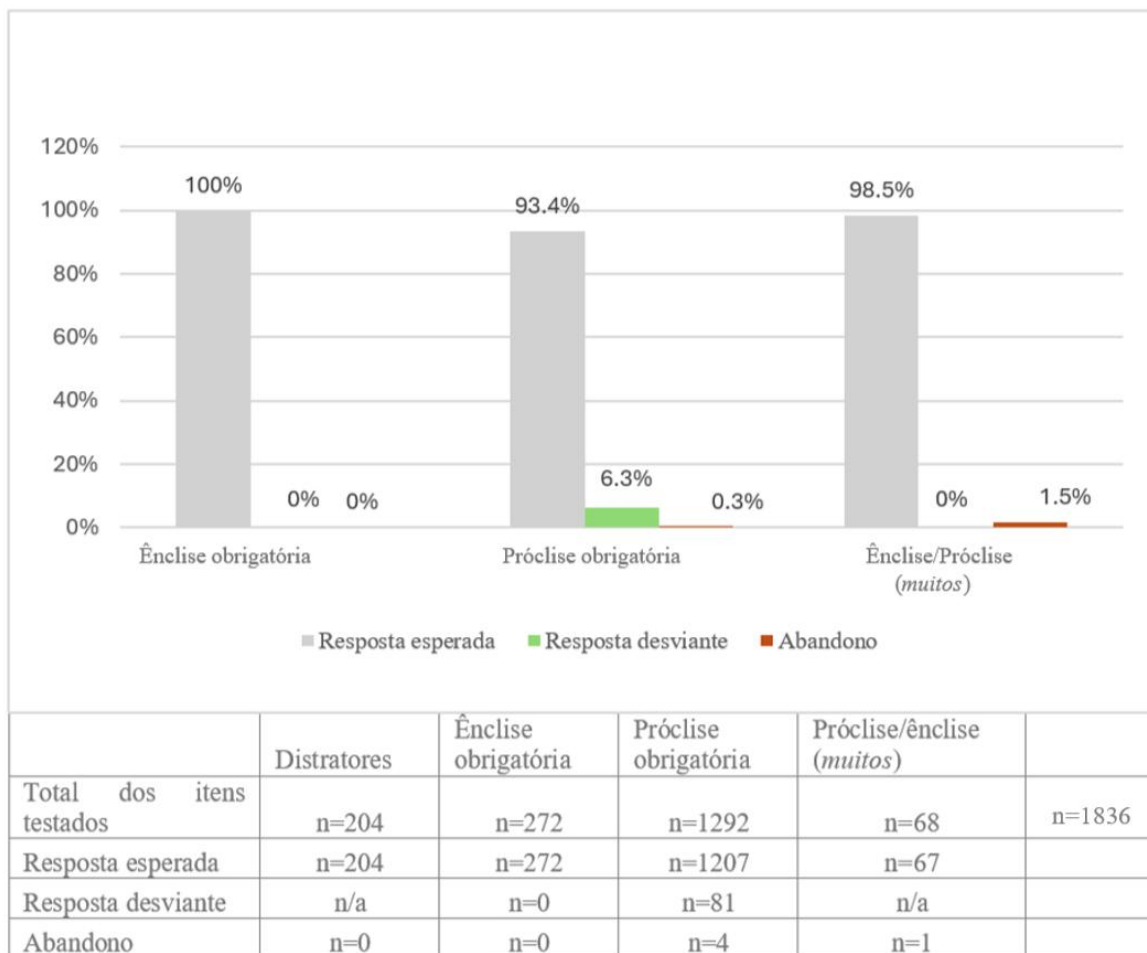
5.1.2. Colocação dos pronomes clíticos por falantes do grupo de controlo (PL1)

À semelhança da análise da seleção casual dos pronomes clíticos do português, a análise da distribuição sintática dos mesmos, no grupo de PL1, baseou-se num total de 1632 respostas obtidas, das quais 272 (n=16 por teste) foram contextos de ênclise obrigatória, 1292 (n=76 por teste) contextos de próclise obrigatória e 68 (n=4 por teste) com o quantificador *muitos*, que podia permitir tanto a posição proclítica, como a enclítica dos pronomes pessoais complemento²⁰¹.

Na figura 5.2, resumimos os dados obtidos, destacando a totalidade das respostas esperadas e desviantes para cada contexto testado, no que toca à colocação de clíticos, no grupo de controlo deste estudo.

²⁰¹ As razões pelas quais o quantificador *muitos* foi separado dos outros, foram discutidas na subsecção 2.2.8.3.

Figura 5.2. Respostas esperadas e desviantes na colocação dos pronomes clíticos: dados do grupo de controlo (PL1)



Se não contarmos com os distratores e com as orações introduzidas pelo quantificador *muitos* (por não ser possível medir a taxa de desvio), a precisão na colocação de pronomes complemento no grupo de controlo é de 94,6% nas estruturas de ênclise categórica e de próclise categórica juntamente.

Como vimos na figura 5.2, os falantes de PL1 não utilizam a próclise nas situações de ênclise, conforme esperado, enquanto o fenómeno contrário acontece, embora com pouca frequência – em apenas 6,3% dos casos testados (n=81). Além das respostas desviantes, foi registado ainda num total de cinco casos de abandono de tarefa, i.e., os itens não foram preenchidos no teste. Não sabemos se a razão do abandono se prende com a dificuldade na realização da tarefa (na colocação ou na seleção casual dos pronomes clíticos) ou é fruto de desatenção. Quatro dos casos de abandono registados são referentes ao uso dos quantificadores

muitos (n=1) e *tudo* (n=3) e só um caso do advérbio *já* (n=1). Mesmo assim, o número de abandono da tarefa não é representativo para que dediquemos atenção especial a esta questão.

Os desvios de colocação, nas estruturas de próclise categórica, foram registrados em todos os contextos testados: negação, interrogativas parciais, advérbios enfatizadores, quantificadores e complementadores. A tabela 5.2. apresenta o número de desvios por cada proclisador, que são agrupados em contextos mencionados.

Tabela 5.2. Colocação dos pronomes clíticos nos contextos de próclise categórica e com quantificador *muitos*: dados do grupo de controlo (PL1)

Contexto	Proclisador	Ênclise	Total ênclise	Total próclise
Negação	<i>não</i>	0	n=7 (2,6%)	n=265 (97,4%)
	<i>nem</i>	0		
	<i>ninguém</i>	5		
	<i>nunca</i>	2		
Interrogativas parciais	<i>como</i>	2	n=8 (2,9%)	n=264 (97,1%)
	<i>quem</i>	1		
	<i>quando</i>	1		
	<i>onde</i>	4		
Advérbios enfatizadores	<i>até</i>	2	n=7 (2,6%)	n=264 ²⁰² (97,1%)
	<i>já</i>	2		
	<i>só</i>	1		
	<i>ainda</i>	2		
Quantificadores	<i>alguém</i>	7	n=16 (7,8%)	n=185 ²⁰³ (90,6%)
	<i>tudo</i>	3		
	<i>poucos</i>	6		
	<i>muitos</i>	50	n=50 (73,5%)	n=17 (25%)
Complementadores	<i>onde</i>	2	n=43 (15,8%)	n=229 (84,2%)
	<i>quando</i>	1		
	<i>porque</i>	28		
	<i>que</i>	12		
Número total de ocorrência de ênclise nos contextos de próclise			n=81 (6,3%)	n=1207 (93,4%)

Com o quantificador *muitos*, os falantes de PL1 preferem a colocação enclítica em 73,5% (n=50), recorrendo à próclise apenas em 25% (n=17)²⁰⁴.

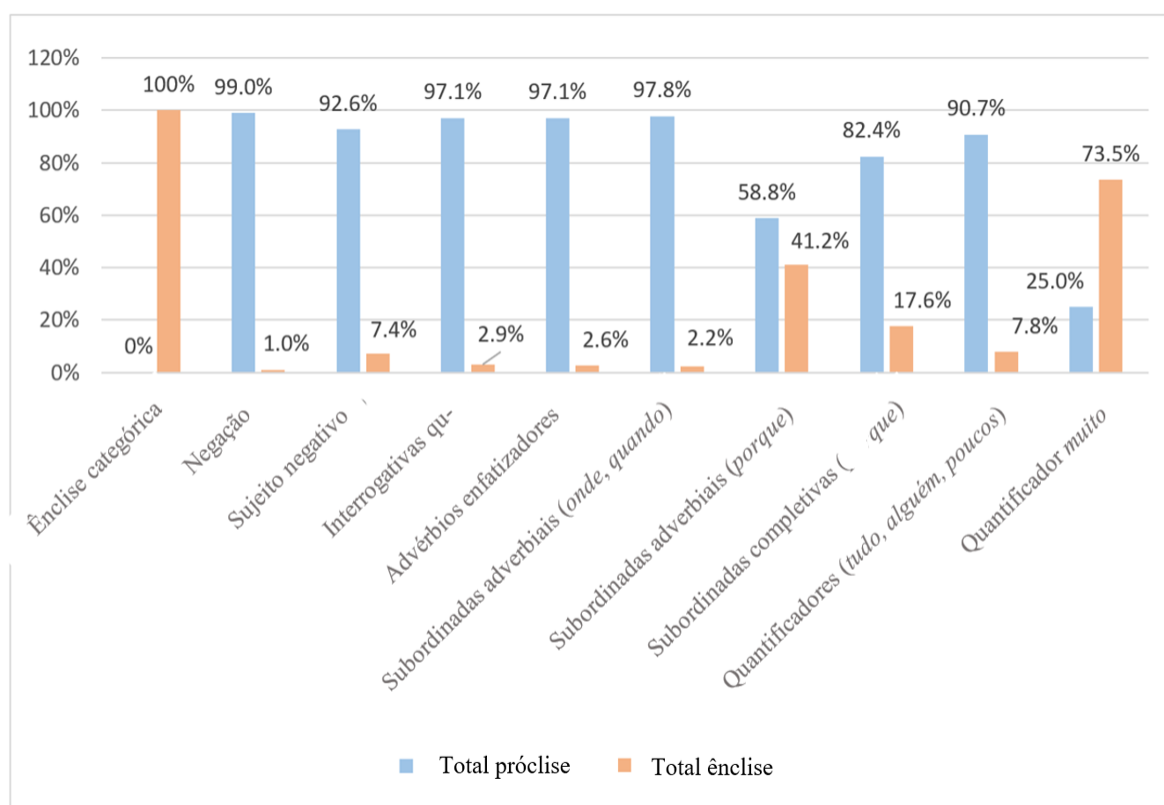
²⁰² Um caso de abandono foi registado com o advérbio *já*, não incluído nesta tabela.

²⁰³ Três casos de abandono foram registados com o quantificador *tudo*, não incluídos nesta tabela.

²⁰⁴ Mais um caso de abandono foi registado com o quantificador *muitos*.

A figura 5.3 resume os dados de distribuição sintática dos pronomes clíticos no grupo de controlo (PL1).

Figura 5.3. Colocação dos pronomes clíticos, conforme os contextos da ênclise e da próclise: dados do grupo de controlo (PL1)



Procurando comparar os dados da nossa investigação no que toca ao uso da próclise ((7a)) com a escala de aquisição da próclise sugerida por Costa *et al.* (2016), que retomamos em (7b), veremos que os sujeitos negativos e as orações completivas finitas são dos contextos em que os falantes adultos de PL1 demonstram dificuldades, embora sejam dos primeiros contextos da próclise a serem adquiridos pelos falantes de PL1.

- (7) a. **Resultados (grupo de controlo – PL1):** Negação > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) / Interrogativas qu- / Orações adverbiais finitas (*onde, quando*) > **Sujeitos negativos** / Sujeitos quantificados (*poucos, tudo, alguém*) > **Subordinadas completivas finitas (que)** > Subordinadas adverbiais finitas causais (*porque*) > Quantificador *muitos*

- b. Negação > Sujeitos negativos / Orações completivas finitas > Advérbio *já* > Orações adverbiais finitas (*porque*) > Sujeitos quantificados (*todos*)

(Costa *et al.*, 2016)

Embora, em (7a), se trate do uso da próclise por adultos portugueses e, em (7a), da aquisição da próclise por crianças portuguesas, a comparação sugerida permite-nos destacar os contextos de próclise categórica em que ocorre uma maior variação entre a próclise e a ênclise. Mais adiante, ao discutirmos os dados dos falantes de arménio L1 e PL2, voltaremos a esta questão.

Contudo, importa mencionar que a totalidade dos desvios registados em contextos de negação – com o sujeito negativo *ninguém* e marcador de negação *nunca* –, bem como uma parte de desvios em contextos de interrogativas parciais e advérbios enfatizadores dizem respeito a dois dos informantes do grupo de controlo. Nesse sentido, Martins (2013: 2243) afirma que nas frases em que, em posição pré-verbal, ocorrem palavras negativas, como *ninguém* ou *nunca*, o carácter negativo da frase é assegurado e, mesmo que *não* esteja ausente, a próclise manifesta-se regularmente²⁰⁵.

Portanto, existem falantes (no nosso estudo, 11,8%, n=2) que, na idade adulta, apresentam desvios na colocação dos pronomes clíticos, mesmo em contextos de negação, interrogativas parciais e advérbios que desencadeiam próclise, o que conforme vários autores (*e.g.*, Duarte *et al.*, 1996; Costa *et al.*, 2015; 2016) são dos primeiros proclisadores a serem adquiridos pelas crianças portuguesas.

Se excluíssemos os resultados destes dois informantes, obteríamos a seguinte imagem (tabela 5.3).

²⁰⁵ Fiéis *et al.* (2023) mencionam que alguns trabalhos mostraram a existência de variação no PE, em certos contextos de próclise, referindo-se a Martins (1994; 2016). As autoras afirmam: ‘Verifica-se que, com a negação, a próclise é categórica, mas que, com sujeitos negativos, há alguma variação entre a posição enclítica ou proclítica’ (p. 117).

Tabela 5.3. Colocação dos pronomes clíticos nos contextos de próclise categórica e com quantificador *muitos*: dados do grupo de controlo (PL1) (excluindo dois informantes com maiores desvios)

Contexto	Proclisador	Ênclise	Total ênclise	Total próclise
Negação	<i>não</i>	0	n=0 (0%)	n=240 (100%)
	<i>nem</i>	0		
	<i>ninguém</i>	0		
	<i>nunca</i>	0		
Interrogativa parcial	<i>como</i>	0	n=3 (1,3%)	n=237 (98,7%)
	<i>quem</i>	1		
	<i>quando</i>	0		
	<i>onde</i>	2		
Advérbios	<i>até</i>	0	n=1 (0,4%)	n=238 ²⁰⁶ (99,2%)
	<i>já</i>	0		
	<i>só</i>	0		
	<i>ainda</i>	1		
Quantificador	<i>alguém</i>	1	n=6 (3,3%)	n=172 ²⁰⁷ (95,6%)
	<i>tudo</i>	1		
	<i>poucos</i>	4		
	<i>muitos</i>	44	n=44 (73,3%)	n=16 (26,7%)
Complementador	<i>onde</i>	1	n=28 (11,7%)	n=212 (88,3%)
	<i>quando</i>	0		
	<i>porque</i>	21		
	<i>que</i>	6		
Número total de ocorrência de ênclise nos contextos de próclise			n=38	

A escala do uso da próclise, no nosso estudo ((8a)) estaria, assim, mais próxima do padrão de aquisição sugerido por Costa *et al.* (2016) (retomada em (8b)).

(8) a. Resultados (grupo de controlo – PL1, após a exclusão de dois informantes):

Negação / Sujeitos negativos / Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) / Orações adverbiais finitas (*onde, quando*) > Interrogativas qu- > **Subordinadas completivas finitas (*que*)** / Sujeitos quantificados (*tudo, poucos, alguém*) > Subordinadas adverbiais finitas causais (*porque*) > Quantificador *muitos*

²⁰⁶

Um caso de abandono foi registado com o advérbio *já*, não incluído nesta tabela.

²⁰⁷

Dois casos de abandono foram registados com o quantificador *tudo*, não incluídos nesta tabela.

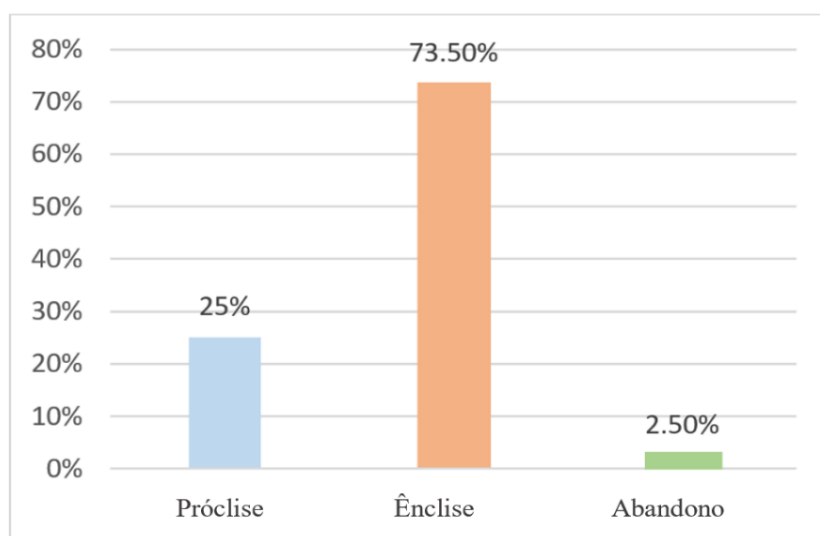
- b. Negação > Sujeitos negativos / Orações completivas finitas > Advérbio *já* > Orações adverbiais finitas (*porque*) > Sujeitos quantificados (*todos*) (Costa *et al.*, 2016)

Contudo, mesmo após excluirmos do grupo PL1 os dados dos dois informantes com os desvios nas estruturas negativas, nas interrogativas parciais e com os advérbios enfatizadores, as orações completivas finitas não revelam ser dos primeiros contextos em que se estabiliza a próclise. Aliás, como se nota na tabela 5.2, na distribuição sintática dos pronomes clíticos, os falantes de PL1 do nosso estudo apresentam variação mais marcada na presença do quantificador *muitos* (ênclise: 73,5%) e das conjunções *que* (ênclise: 17,6%) e *porque* (ênclise: 41,2%), aos quais dedicaremos a nossa atenção adiante.

5.1.2.1. O caso do quantificador *muitos*

Por termos separado o quantificador *muitos* dos outros – *tudo*, *alguém*, *poucos* –, apresentamos, na figura 5.4, a distribuição dos pronomes clíticos na presença deste quantificador.

Figura 5.4. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com quantificador *muitos* em posição pré-verbal: dados gerais do grupo de controlo (PL1)



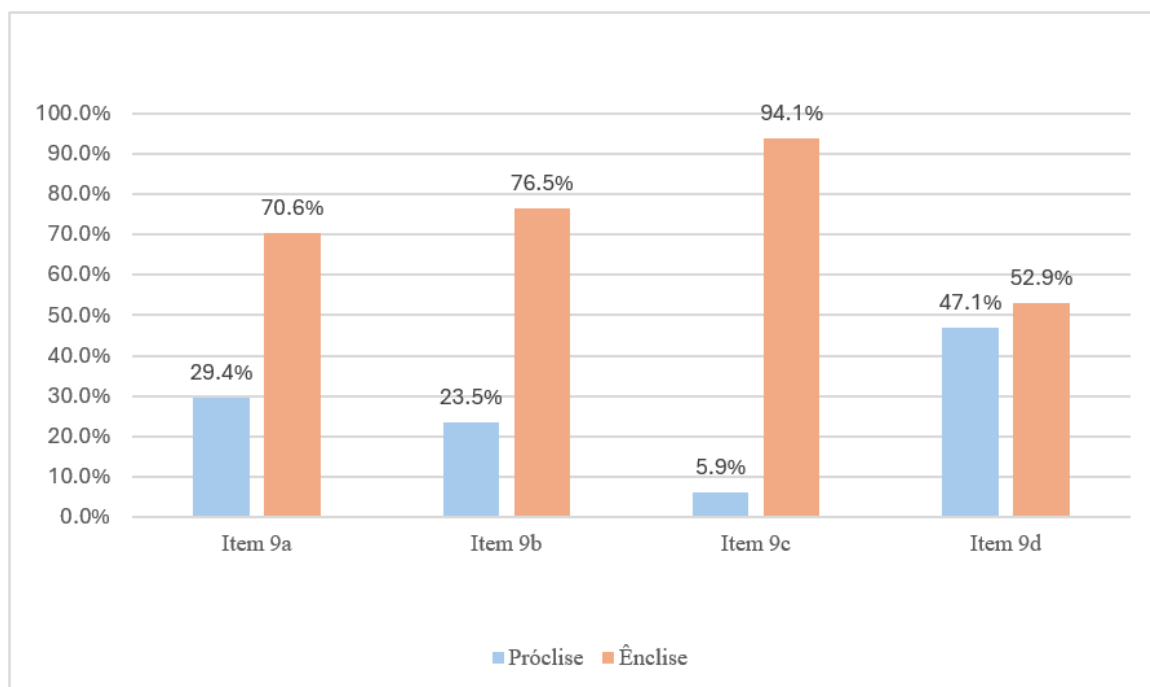
Conforme mencionado anteriormente (§2.2.8.3), o quantificador *muitos* pode ter leitura referencial – sem a possibilidade de próclise – ou puramente quantificacional – com próclise obrigatória. Nos itens testados (retomados em (9)), nos quais, tal como referido, o constituinte

marcado a vermelho é o antecedente do clítico esperado, assinalamos a negrito o constituinte introduzido pelo quantificador *muitos*, que aparece sempre na sua forma plural, como modificador de um nome (*muitas pessoas, muitos atletas, muitas crianças*) ou pronome (*muitos deles*).

- (9) a. Todas **as nossas encomendas** foram enviadas a tempo.
No entanto, **muitas pessoas** _____ receberam _____ com bastante atraso.
- b. Todos os alunos devem entregar **os seus projetos** em papel.
Muitos deles _____ imprimiram _____ ontem.
- c. Usualmente, **os pais dos atletas** têm grande importância para eles.
Muitos atletas _____ dedicam _____ as suas vitórias.
- d. **Os pais destas crianças** faleceram anos atrás.
Muitas crianças _____ perderam _____ durante a guerra.

Em todos os contextos incluídos no teste, o quantificador *muitos* tem carácter quantificacional. Todavia, de facto, em simultâneo, o quantificador *muitos* pode ter possibilidade de identificação do seu conteúdo referencial (ver Martins, 2013; 2016), i.e., ter uma interpretação [+específico]. Em (9a), pode-se recorrer, por exemplo, aos registos de entregas e identificar o conjunto de pessoas que não recebeu a sua encomenda a tempo; em (9b), olhando para a lista dos nomes dos alunos; em (9c), recorrendo, por exemplo, às gravações de competições; já em (9d), o traço [+específico] é interpretável através do determinante *destas* no constituinte marcado a vermelho. Curiosamente, é neste último, que parece haver mais facilmente uma leitura [+específico] e que se verificou uma menor tendência de colocação enclítica de pronomes (figura 5.5), ao contrário do esperado.

Figura 5.5. Colocação dos pronomes clíticos com quantificador *muitos* por cada item testado: dados do grupo de controlo (PL1)



Portanto, parece-nos questionável que seja apenas a interpretação [$\pm$ específico] a influenciar a colocação dos clíticos na presença do quantificador *muitos*. Argumentamos que a posposição ou a anteposição dos pronomes clíticos com o quantificador *muitos* seja antes determinada por fatores prosódicos, tal como em arménio, sendo o acento de foco prosódico que se atribui ao sujeito quantificado da frase a motivar a próclise na frase, como mostrado em (10a). Por outras palavras, sugerimos que, em (10a), a colocação proclítica do pronome esteja justificada pela proeminência prosódica do SN introduzido pelo quantificador *muitos*, o qual se encontra no mesmo I que o verbo da oração, ao contrário do exemplo em (10b), onde a quebra prosódica que segue o sujeito legitima a ênclise do pronome.

- (10) a. [[MUITAS CRIANÇAS] ϕ [os perderam] ϕ [durante a guerra] ϕ]_I
 b. [Muitas crianças]_I [[PERDERAM-nos] ϕ [durante a guerra] ϕ]_I

A proeminência prosódica do SN *muitas crianças*, por sua vez, está a ser legitimada pelo contexto discursivo. Os falantes de PL1 podiam enfatizar o sujeito da frase e atribuir o traço [+foco] ao quantificador *muitos* neste contexto discursivo, certamente mais emotivo que

nos outros, i.e., procurando destacar que foram muitas as crianças que perderam os pais durante a guerra, algo que estávamos à espera de encontrar nas respostas de falantes de PL2.

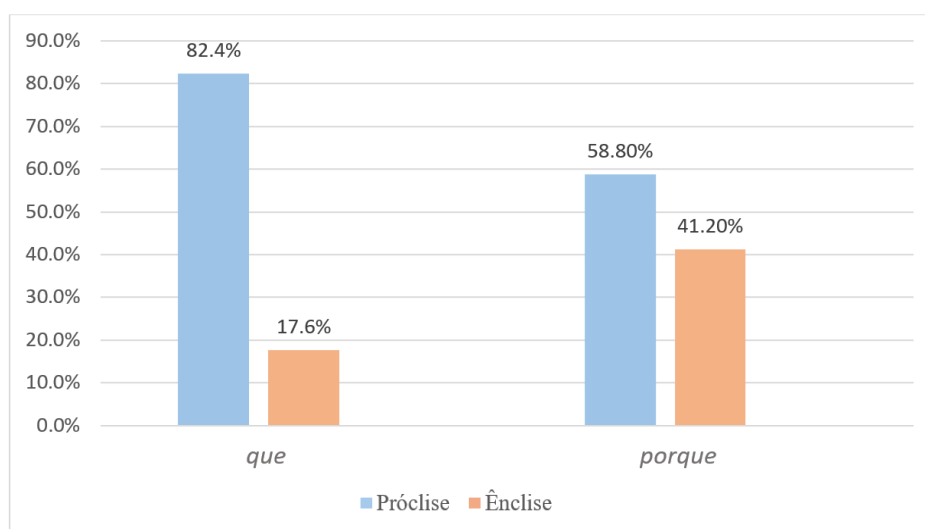
Em relação ao item (9c), não se verificou a mesma tendência, sendo este o contexto em que os falantes de PL1 optaram por próclise menos vezes (5,9%). Nos contextos discursivos de (9a) e (9b), a leitura referencial atribuída ao quantificador *muitos* foi maior: respetivamente, 29,4% e 23,5% (26,5%, em média).

Há que mencionar, ainda, que em 34 dos casos de colocação enclítica, na presença do quantificador *muitos*, o pronome-alvo era ACU. Dos 34 casos registados, em 67,6% (n=23), os falantes de PL1, ao optarem pela ênclise, recorreram a alteração morfológica do clítico, enquanto em 32,4% (n=11), não o fizeram, apresentando, um desvio da gramática-padrão. Estes dados podem ser relevantes para outros estudos, mas, por não serem do interesse desta investigação, não serão por nós discutidos.

5.1.2.2. O caso dos complementadores *que* e *porque*

Na figura 5.6, mostramos a colocação de clíticos por falantes de PL1, nas subordinadas introduzidas pelos complementadores *que* e *porque*, na presença dos quais se verificou uma maior variação entre a próclise e a ênclise, entre todos os contextos de próclise categórica.

Figura 5.6. Colocação dos pronomes clíticos na presença dos complementadores *que* e *porque*: dados gerais do grupo de controlo (PL1)



Mateus *et al.* (2003), Lobo (2003; 2013) e Martins (2013; 2016), entre outros, afirmam que, em PE, nas orações dependentes, o padrão de colocação de clíticos é pré-verbal. Sugerimos olhar para os itens por nós testados com mais atenção (retomados em (11)), nos quais destacamos a vermelho o antecedente do clítico-alvo e a negrito, o complementador em questão.

- (11)²⁰⁸ a. Não sabia que **os teus pais** têm uma casa na nossa aldeia. A tua avó disse **que** a casa ao lado da estrada _____ pertence _____.
- b. O Pedro e a Ana estavam a falar sobre **os seus pais**. Eles disseram **que**, no verão passado, _____ ofereceram _____ uma casa.
- c. Vários poetas falaram sobre a beleza **da cidade de Lisboa**. Acho **que** Alexandre O'Neill _____ dedicou _____ um poema.
- d. Não consigo encontrar **o cartão** em lado nenhum. Acho **que** _____ perdeste _____ a caminho da loja.

Primeiramente, nos itens do nosso teste, o complementador *que* introduz complementos dos verbos *dizer* e *achar* ((11)), cuja realização é obrigatória, conforme demonstramos em (12).

- (12) a. Não sabia que os teus pais têm uma casa na nossa aldeia. #A tua avó disse.
- b. O Pedro e a Ana estavam a falar sobre os seus pais. #Eles disseram.
- c. Vários poetas falaram sobre a beleza da cidade de Lisboa. #Acho.
- d. Não consigo encontrar o cartão em lado nenhum. #Acho.

Notamos que, embora em (12) as segundas frases de cada linha sejam aceitáveis como frases válidas, como, por exemplo, num diálogo (*e.g.*, E: – *Ninguém me disse que havia festa hoje na casa do tio*. R: – *A tua avó disse.*) ou como resposta a uma pergunta (*e.g.*, P: – *Achas bem o Zé ter-se ido embora sem me dizer nada?* R: – *Acho.*), nos contextos discursivos dados, a não realização de complemento dos verbos *dizer* e *achar* torna a frase inaceitável. Logo, as

²⁰⁸ Os itens de (11) estão sob os números (41), (60), (78) e (86) no teste provocado (anexo 1).

relativas introduzidas pelo complementador *que* nas orações de (11) são dependentes e nelas a colocação de pronomes pessoais átonos deve ser proclítica da perspectiva da norma.

Contudo, segundo Martins (2013), nas orações subordinadas finitas, existem situações em que a ênclise também é uma opção. A autora nota que, embora a próclise seja o padrão dominante de colocação de clíticos, a ênclise é marginalmente permitida:

‘em orações completivas com o verbo no indicativo, nomeadamente as que são selecionadas por verbos declarativos (*afirmar, concluir, declarar, dizer, jurar, prometer*, etc.), por verbos apresentativos (*acontecer, ocorrer, suceder*, etc.), por verbos de crença e conhecimento (*achar acreditar, considerar, pensar, saber, supor*, etc.), por verbos de percepção (*ouvir, sentir, ver*) e pelo verbo parecer’.

Martins (2013: 2274-2277)

Nos exemplos por nós testados, a conjunção *que* introduz orações completivas com os verbos *dizer* e *achar* no indicativo. Portanto, poderemos assumir que a colocação enclítica nos exemplos testados, embora não aceitável pela norma, é fruto de uma variação existente na língua. A pergunta que neste ponto nos surge é a seguinte: o que motiva a colocação enclítica nas subordinadas introduzidas pelo complementador *que* para alguns falantes de PL1?

Um maior número de colocação enclítica de pronomes átonos (83,3% dos casos registados, n=10) verificou-se nos itens em que não há adjacência entre o clítico e a conjunção *que*, mais precisamente, ocorre realização do sujeito da frase ((11a) e (11c)). Em (11b), embora não se verifique adjacência entre o complementador e o pronome, o modificador temporal *no verão passado* pode ser omitido, sem prejuízo para a gramaticalidade da frase, enquanto, como mostramos em (13a) e (13c), a realização dos argumentos verbais respetivamente *a casa ao lado da estrada* e *Alexandre O’Neill* é obrigatória.

- (13) a. Não sabia que **os teus pais** têm uma casa na nossa aldeia. # A tua avó disse **que** *lhes* pertence.
- b. O Pedro e a Ana estavam a falar sobre **os seus pais**. Eles disseram **que** *lhes* ofereceram uma casa.
- c. Vários poetas falaram sobre a beleza **da cidade de Lisboa**. # Acho **que** *lhe* dedicou um poema.

Recordamos que este fenómeno era expectável nas produções de falantes de PL2.

Será que a realização entre o proclisador e o clítico explica a colocação pós-verbal de pronome?

Curiosamente, com o complementador *porque* identicamente, o maior número de colocação enclítica (35,7%) verificou-se no contexto em que havia interpolação entre esse e o clítico. Infelizmente, os dados por nós coligidos, por serem reduzidos, não nos permitem dar uma resposta definitiva a esta pergunta, que deixamos em aberto para investigações futuras, se bem que a discussão a seguir pareça fornecer-nos algumas pistas nesse sentido²⁰⁹.

No que toca ao complementador *porque*, Martins (2013) menciona que o mesmo desencadeia próclise nas orações subordinadas casuais, enquanto nas orações explicativas admite ênclise. Ora, a diferença entre *porque* casual e *porque* explicativo nem sempre é clara, por terem valores semanticamente próximos. Nas gramáticas tradicionais de diferentes línguas, inclusive em português, existem estruturas de coordenação que, ao lado das estruturas de subordinação, podem exprimir a causa (Lobo, 2003; 2013). Cunha e Cintra (2017), por exemplo, discutem o mesmo conjunto de conjunções (*pois, que, porque, porquanto*) nas estruturas de coordenação explicativas e subordinação causal. Por outro lado, o comportamento sintático do conector *porque* nem sempre segue o mesmo padrão. Alguns autores (e.g., Matos & Raposo, 2013) consideram as orações adverbiais explicativas e causais não integradas como estruturas de coordenação, embora tenham admitido que estas apresentam alguns pontos em comum com estruturas de subordinação, enquanto outros (e.g., Lobo, 2003; 2013; Mateus *et al.*, 2003) sugerem diferenças entre as orações coordenadas explicativas e subordinadas causais.

Podiam os nossos informantes atribuir uma leitura explicativa às frases introduzidas pelo complementador *porque* nas estruturas dadas no teste (retomadas em (14)) e optar pela colocação enclítica dos pronomes clíticos nelas?

- (14) a. A Ana adora estar com **as filhas**. Ela não vem aos encontros da empresa porque _____ dedica _____ o seu tempo livre.
- b. Ontem vi **os teus filhos** no jardim. Preocupei-me porque _____ vi _____ a conversarem com uma pessoa estranha.

²⁰⁹

Daremos atenção a esta questão também na análise dos dados obtidos no grupo de falantes de PL2.

- c. Durante muitos anos **o meu trabalho** foi tudo para mim. Estou desapontado porque _____ dediquei _____ a minha vida e acabei sem nada.
- d. Não posso vir, porque tenho de ir comprar tintas. Estou a escrever **os trabalhos da faculdade**. Acabou a tinta porque hoje à tarde _____ imprimi _____ várias vezes.

Para respondermos a essa questão, devemos procurar distinguir as estruturas casuais e explicativas. Para a distinção entre *porque* explicativo e causal, na literatura, sugerem-se testes de natureza sintática e semântica (e.g., Lobo 2001; 2003; 2013; Mateus *et al.*, 2003; Peres 1997; Matos & Raposo, 2013). Primeiramente, de uma perspetiva tradicional, o complementador *porque* causal inicia uma frase subordinada, e a conjunção *porque* explicativa coordena duas orações autónomas e independentes. Conforme Mateus *et al.* (2003: 572), a conjunção *porque* aproxima-se aos complementadores, visto coordenar apenas frases, ao contrário de conjunções coordenativas que coordenam outras classes gramaticais, e por serem sensíveis à natureza (in)finita das frases que iniciam. Este critério, porém, não nos é útil, pois tanto na hipotaxe como na parataxe, o conector *porque* liga apenas orações de natureza finita.

Autores que discutem os critérios de distinção entre as orações subordinadas e coordenadas introduzidas pelo conector *porque* sugerem testes de clivagem, de escopo de negação e de escopo de operadores *só* e *até* (e.g., Lobo, 2001; Mateus *et al.*, 2003; Peres, 1997). Conforme esses autores, as orações subordinadas, ao contrário das orações coordenativas explicativas, admitem a clivagem, o escopo de negação e dos operadores *só* e *até*. Contudo, Lobo (2003) defende que estes critérios, juntamente com os testes de respostas a interrogativas qu- e de negativas alternativas, não possibilitam uma distinção entre estruturas de coordenação e de subordinação, por alguns conectores com o mesmo valor semântico os admitirem, mas outros não (ver (15)-(19)).

(15) <clivagem>

- a. Foi porque estava doente que o Zé faltou à aula.
- b. *Foi uma vez que estava doente que o Zé faltou à aula. (ok temporal)

(16) <escopo da negação de foco>

- a. O Zé não faltou à aula porque estava doente. (Faltou por outra razão)

b. *O Zé não faltou à aula uma vez que estava doente (Faltou por outra razão) (ok temporal)

(17) <escopo de operadores de foco>

a. O Zé só faltou à aula porque estava doente.

b. *O Zé só faltou à aula uma vez que estava doente. (ok temporal)

(18) <resposta a interrogativas qu->

P: - Porque é que o Zé faltou às aulas?

R: a. - Porque estava doente.

b. - *Uma vez que estava doente.

(19) <negativas alternativas>

a. O Zé não faltou às aulas porque estava doente, mas porque não acordou a horas.

b. *O Zé não faltou às aulas uma vez que estava doente, mas uma vez que não acordou a horas. (ok temporal) (exemplos de Lobo, 2003: 151-153)

Além de uns dos conectores causais não admitirem estes testes, alguns desses – escopo de operadores de foco, resposta a interrogativas qu-, negativas alternativas – são ainda aplicáveis a orações coordenadas explicativas, como as de (20), introduzidas pela conjunção *porque*, conforme mostramos de seguida ((21)-(25)).

(20) a. O diretor está cá, porque vi a luz acesa.

b. Choveu, porque o chão está molhado.

c. A criança está magoada, porque está a chorar.

(21) <clivagem>

a. *É porque vi a luz acesa que o diretor está cá.

b. *É porque o chão está molhado que choveu.

c. *É porque está a chorar que a criança está magoada.

(22) <escopo da negação de foco>

a. O diretor **não** está cá, porque vi a luz acesa.

b. ***Não** choveu, porque o chão está molhado.

- c. ??A criança não está magoada, **porque** está a chorar.

(23) <escopo de operadores de foco>

- a. ***Até**/***Só** choveu porque o chão está molhado.
Choveu **até**/***só** porque o chão está molhado.
- b. O diretor **até**/***só** está cá porque vi a luz acesa.
O diretor está cá **até**/***só** porque vi a luz acesa.
- c. A criança **até**/***só** está magoada, porque está a chorar.
A criança está magoada, **até**/***só** porque está a chorar.

(24) <resposta a interrogativas qu->

- a. P: – Porque é que achas que o diretor está cá?
R: – Porque vi a luz acesa.
- b. P: – Porque é que achas que choveu?
R: – Porque o chão está molhado.
- b. P: – Porque é que achas que a criança está magoada?
R: – Porque está a chorar.

(25) <negativas alternativas>

- a. O diretor está cá, não porque vi a luz acesa, mas porque vi o carro dele na rua.
- b. Choveu, não porque o chão está molhado, mas porque o poço está cheio.
- c. A criança está magoada, não porque está a chorar, mas porque tem uma ferida.

Portanto, continuando a linha de pensamento de Lobo (2003), admitimos que estes testes nem sempre permitem uma distinção clara entre as estruturas de coordenação e de subordinação.

Outro critério sintático que sugerem Mateus *et al.* (2003) é a possibilidade de correferência com o sujeito nulo, que, porém, também não contribui para a nossa discussão, porque das quatro orações dadas apenas uma permite esse tipo de análise.

- (26) Ela_i nem vem aos encontros da empresa porque [-]_i dedica o seu tempo livre às suas filhas.

Lobo (2003), para distinguir as estruturas coordenadas explicativas e subordinadas causais introduzidas pelo conector *porque*, propõe basear-se nos seguintes testes de natureza sintática²¹⁰:

- i) anteposição;
- ii) coordenação/coocorrência com conjunção de coordenação;
- iii) ligação de constituintes não frásicos;
- iv) colocação de clíticos.

Quanto à ligação de constituintes não frásicos, já nos expressámos acima.

Também excluiremos da nossa discussão de momento o teste da colocação de clíticos, por a nossa intenção ser o contrário: definir qual seria a distribuição de pronomes átonos nas frases por nós testadas. A essa questão daremos atenção mais adiante.

Deste modo, as frases que sujeitaremos aos testes de anteposição e de coordenação/coocorrência com conjunção de coordenação serão as de (27). Nas orações integradas de (27), o OD e o OI retomam o antecedente marcado a vermelho nas frases que as precedem no teste aplicado (retomadas em (14)).

- (27) a. Ela não vem aos encontros da empresa porque dedica o seu tempo livre às filhas.
- b. Preocupe-me porque vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha.
- c. Estou desapontado porque dediquei a minha vida ao meu trabalho e acabei sem nada.
- d. Acabou a tinta porque hoje à tarde imprimi os trabalhos da faculdade várias vezes.

²¹⁰ Com exceção a colocação de clíticos, Mateus *et al.* (2003: 552-553; 569-572) sugerem os mesmos critérios para a distinção entre coordenadas explicativas e subordinadas causais, acrescentando ainda que as subordinadas empregam uma função sintática na frase subordinante (*e.g.*, sujeito, complemento direito, complemento preposicionado ou adjunto) e uma função temática (tema, adjunto de fim, de causa, etc.).

(i) Conforme Lobo (2003), em primeiro lugar, as orações subordinadas admitem a ocorrência em posição inicial de frase, o que se verifica nos exemplos do nosso teste ((28)), embora em alguns casos marginalmente ((28b)), em contraste com as orações introduzidas pela conjunção coordenativa *porque* ((29)).

- (28) a. **Porque** dedica o seu tempo livre às suas filhas, ela nem vem aos encontros da Empresa.
- b. ?**Porque** vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, preocupe-me²¹¹.
- c. **Porque** dediquei a minha vida ao meu trabalho e acabei sem nada, estou desapontado.
- d. **Porque** hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes, acabou a tinta.
- (29) a. ***Porque** vi a luz acesa, o diretor está cá. (de Lobo, 2003: 48, destaque nosso)
- b. ***Porque** o chão está molhado, choveu.
- c. ***Porque** está a chorar, a criança está magoada. (de Matos & Raposo, 2013: 1814, adaptação nossa)

No entanto, a (im)possibilidade desta operação depende do complementador, embora com o mesmo valor semântico. A anteposição é um critério que parece funcionar com o conector *porque*, mas não com os conectores *pois* e *que* (71), conforme mencionado por Matos e Raposo (2013).

Se, nas estruturas de (28), substituirmos o conector *porque* pelo conector *pois*, a posição inicial de subordinada não será possível ((30a)-(30d)), o que é verificado nas estruturas explicativas também ((31)).

- (30) a. ***Pois** dedica o seu tempo livre às suas filhas, ela nem vem aos encontros da empresa.

²¹¹ A marginalidade de (28b) parece ser uma questão léxico-semântica. O verbo *preocupar-se* xxxx

- b. ***Pois** vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, preocupe-me.
- c. ***Pois** dediquei a minha vida ao meu trabalho e acabei sem nada, estou desapontado.
- d. ***Pois** hoje à tarde imprimi os trabalhos da faculdade várias vezes, acabou a tinta.

(31) a. ***Pois** estamos todos de acordo, não haverá votação.

(de Lobo, 2003: 48, adaptação nossa)

- b. ***Pois** durante uma semana choveu torrencialmente, as inundações foram devastadoras. (de Matos e Raposo, 2013: 1816, adaptação nossa).

(ii) Aplicando o segundo teste sugerido por Lobo (2003), vemos que as orações do nosso teste, introduzidas pelo conector *porque*, de facto, podem ser coordenadas / coocorrentes com conjunções coordenativas, que em (32) destacamos a negrito, sublinhando o complementador que introduz o segundo termo coordenado.

- (32) a. Ela nem vem aos encontros da empresa **porque** dedica o seu tempo livre às filhas **e porque** prefere expô-las a atividades diversificadas.
- b. Preocupe-me **porque** vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha **e porque** ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. Estou desapontado **porque** dediquei a minha vida ao meu trabalho, acabando sem nada,²¹² **e porque** não tive tempo para viajar e conhecer outras culturas.
- d. Acabou a tinta **porque** hoje à tarde imprimi os trabalhos da faculdade várias vezes **e porque**, pelos vistos, já não havia muita.

Mais uma vez, o conector *pois* distingue-se do conector *porque* por não admitir a coocorrência com a conjunção *e* (cf. Matos e Raposo, 2013), como se vê em (33), i.e., a admissibilidade desta operação, em primeiro lugar, também depende do conector.

²¹² Nas estruturas em análise, sugerimos trocar a oração coordenada *e acabei sem nada* por gerúndio *acabando sem nada* para que não seja a acumulação de vários termos coordenados dentro do primeiro termo coordenado introduzido pelo complementador *porque* a prejudicar o julgamento de gramaticalidade das frases subjacentes a testes sintáticos.

- (33) a. *Ela nem vem aos encontros da empresa **pois** dedica o seu tempo livre às filhas **e pois** prefere expô-las a atividades diversificadas.
- b. *Preocupei-me **pois** vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha **e pois** ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. *Estou desapontado **pois** dediquei a minha vida ao meu trabalho **e pois** não tive tempo para viajar e conhecer outras culturas.
- d. *Acabou a tinta **pois** hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes **e pois**, pelos vistos, já não havia muita.

Por outro lado, o complementador *porque*, não pode ser coocorrente com todas as conjunções. Os exemplos de (34) a (36) evidenciam que o complementador *porque* é coocorrente com as conjunções correlativas com valor copulativo, como *quer... quer, não só... mas também, nem... nem*²¹³, já com as conjunções correlativas com valor distributivo, como *ora... ora, ou... ou*, ((37)-(38)), a coocorrência nem sempre resulta.

- (34) a. Ela não vem aos encontros da empresa **quer porque** dedica o seu tempo livre às filhas, **quer porque** não gosta dos colegas.
- b. Preocupei-me **quer porque** vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, **quer porque** ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. Estou desapontado **quer porque** dediquei a minha vida ao meu trabalho, acabando sem nada, **quer porque** não tive tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.
- d. Acabou a tinta **quer porque** hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes, **quer porque**, pelos vistos, já não sobrava muito.
- (35) a. Ela não vem aos encontros da empresa **não só porque** dedica o seu tempo livre às filhas, **mas também porque** não gosta dos colegas.

²¹³ Neste último caso, a oração principal deverá ser negativa também (ver (36b)-(36d)).

- b. Preocupei-me não só porque vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, mas também porque ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. Estou desapontado não só porque dediquei a minha vida ao meu trabalho, acabando sem nada, mas também porque não tive tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.
- d. Acabou a tinta não só porque hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes, mas também porque, pelos vistos, já não sobrava muito.
- (36) a. Ela não vem aos encontros da empresa nem porque dedica o seu tempo livre às filhas, nem porque está de viagem.
- b. Não me preocupe nem porque vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, nem porque ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. /?Não estou desapontado nem porque dediquei a minha vida ao meu trabalho, acabando sem nada, nem porque não tive tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.
- d. /?Não acabou a tinta nem porque hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes, nem porque, pelos vistos, já não sobrava muito.
- (37) a. Ela nem vem aos encontros da empresa ora porque dedica o seu tempo livre às filhas, ora porque está de viagem.
- b. ??/*Preocupei-me ora porque vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, ora porque ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. *Estou desapontado ora porque dediquei a minha vida ao meu trabalho, acabando sem nada, ora porque não tive tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.

- d. ??/*Acabou a tinta **ora porque** hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes, **ora porque**, pelos vistos, já não havia muita.
- (38) a. Ela não vem aos encontros da empresa **ou porque** dedica o seu tempo livre às filhas **ou porque** não gosta dos colegas.
- b. *Preocupe-me **ou porque** vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha **ou porque** ela tinha um aspeto duvidoso.
- c. *Estou desapontado **ou porque** dediquei a minha vida ao meu trabalho, acabando sem nada, **ou porque** não tive tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.
- d. Acabou a tinta **ou porque** hoje à tarde imprimir os trabalhos da faculdade várias vezes **ou porque** não tinha muito.

Sem procurar apresentar uma discussão exaustiva neste sentido, limitar-nos-emos a referir que a (a)gramaticalidade de certas estruturas não é uma questão puramente sintática, mas léxico-semântica. Mateus *et al.* (2003: 571) mencionam que os conectores contrastivos podem coocorrer com as conjunções, desde que haja compatibilidade semântica. Por exemplo, em (37d), a agramaticalidade da estrutura parece resultar da incompatibilidade do aspeto (perfeito) do verbo com o valor distributivo da conjunção correlativa *ora...ora*. Se a ação da oração principal e das orações integradas for expressa por um verbo de aspeto imperfeito, a coordenação correlativa (*ora...ora*) das orações introduzidas pelo conector *porque* será admissível ((39)).

- (39) Acabava a tinta **ora porque** imprimia os trabalhos da faculdade várias vezes, **ora porque** já não havia muita.

Em (37b), (37c), (38b) e (38c), também, o verbo *preocupar-se* e a locução verbal *estar desapontado* na 1.^a pessoa gramatical, tendo aspeto perfeito, não podem ser compatíveis com o valor distributivo da conjunção correlativa *ora...ora* e *ou...ou*. Se optássemos por um verbo de aspeto imperfeito e alterássemos o sujeito da oração principal, a coocorrência do

complementador *porque* com as conjunções correlativas *ora...ora* e *ou...ou* resultaria em estruturas gramaticais ((40)).

- (40) a. Preocupava-se **ora porque** via os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, **ora porque** se atrasavam bastante.
- b. Preocupava-se **ou porque** via os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha, **ou porque** se atrasavam bastante.
- c. Estava desapontado, **ora porque** trabalhava muito e não ganhava nada, **ora porque** não tinha tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.
- d. Estava desapontado, **ou porque** trabalhava muito e não ganhava nada, **ou porque** não tinha tempo para viajar e conhecer culturas diferentes.

Tendo em mente que a coordenação / coocorrência com as conjunções, apenas ao nível sintático, não apresenta um padrão homogêneo de distribuição do conector *porque*, sugerimos olhar para o comportamento sintático da conjunção *porque* explicativa.

Num primeiro momento, Lobo (2003: 48) menciona que, nas orações finitas, com ‘o conector *porque* os juízos de gramaticalidade nem sempre são claros. Isto talvez se deva ao facto de um mesmo conector parecer poder assumir duas funções diferentes – coordenativo e subordinativo –, não estando o seu estatuto gramatical completamente fixado’. Mais adiante a autora dá um exemplo, que retomamos em (41), em que a coordenação / coocorrência com conjunções coordenativas considera inaceitável ou marginalmente aceitável, remarcando a mesma posição na tabela que resume o ‘[e]statuto mais coordenativo ou mais subordinativo dos conectores causais/explicativos’ (Lobo, 2003: 49, 51).

- (41) ?*/*A Teresa está cá, **porque** eu vi o carro dela **e porque** a Laura disse. (de Lobo, 2003: 49, destaque nosso)

Nas orações explicativas que apresentamos em (42), a conjunção *porque* parece aceitar mais facilmente a coordenação / coocorrência com conjunção coordenativa *e*.

- (42) a. Eu sei que a Teresa está cá, **porque** vi o carro dela **e porque** a Laura disse-me.
 b. A Teresa está cá, **porque** eu vi o carro dela na rua **e porque** a luz está acesa.
 c. Choveu, **porque** o chão está molhado **e porque** o poço está cheio.
 d. A criança está magoada, **porque** está a chorar **e porque** tem o braço arranhado.

Além da conjunção *e*, igualmente ao complementador *porque* causal, a conjunção *porque* explicativa também aceita a coocorrência das conjunções correlativas *quer...quer*, *não só...mas porque*, com valor copulativo ((43)-(45)), mas rejeita a coocorrência das conjunções correlativas *ora...ora* e *ou...ou*, com valor distributivo ((46)-(47)).

- (43) a. A criança está magoada **quer porque** está a chorar, **quer porque** tem o braço arranhado.
 b. Choveu **quer porque** o chão está molhado, **quer porque** o poço está cheio.
 c. A Teresa está cá **quer porque** eu vi o carro dela na rua, **quer porque** a luz está acesa.
- (44) a. A criança está magoada **não só porque** está a chorar, **mas também porque** tem o braço arranhado.
 b. Choveu **não só porque** o chão está molhado, **mas também porque** o poço está cheio.
 c. A Teresa está cá **quer porque** eu vi o carro dela na rua, **quer porque** a luz está acesa.
- (45) a. A criança não está magoada **nem porque** está a chorar, **nem porque** tem o braço arranhado.
 b. Não choveu **nem porque** o chão está molhado, **nem porque** o poço está cheio.
 c. A Teresa não está cá **nem porque** eu vi o carro dela na rua, **nem porque** a luz está acesa.

- (46) a. *A criança está magoada ou porque está a chorar, ou porque tem o braço arranhado.
- b. *Choveu ou porque o chão está molhado, ou porque o poço está cheio.
- c. *A Teresa está cá ou porque eu vi o carro dela na rua, ou porque a luz está acesa.
- (47) a. *A criança está magoada, ora porque está a chorar ora porque tem o braço arranhado.
- b. *Choveu, ora porque o chão está molhado ora porque o poço está cheio.
- c. *A Teresa está cá, ora porque eu vi o carro dela na rua ora porque a luz está acesa.

Deste modo, achamos que os testes sintáticos sugeridos na literatura, não podem servir de critérios definidos para a distinção entre as estruturas de coordenação e de subordinação na presença do conector *porque*. Achamos que a teoria no que diz respeito a propriedades sintáticas das estruturas de coordenação e de subordinação e dos critérios sintáticos para a distinção entre elas merecia ser revista, concordando com Lobo (2013), quando afirma que é o contexto discursivo-semântico que permite estabelecer uma distinção clara entre estas duas estruturas.

Do ponto de vista semântico, é possível identificar orações com valor explicativo e com valor causal, enquanto dentro das estruturas de subordinação, podem encontrar-se quer orações com valor casual, quer orações com valor explicativo (Lobo, 2013). Assim, além dos critérios formais sintáticos, Lobo (2003; 2013) sugere olhar para a semântica, pois ‘existe uma relação explícita ou implícita de causalidade ou causa-efeito (ou ausência dela) entre a oração subordinada e a oração matriz’ (Lobo, 2003: 69), geralmente expressa através de uma ordenação temporal entre os eventos da subordinada e da matriz, i.e., ‘o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas expresso na causal precede o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas expresso na matriz’ (*ibidem*). A autora explica que ‘entre as duas orações ligadas podem estabelecer-se nexos que envolvem a causa, a razão, a justificação ou a explicação’ (Lobo, 2013: 2007). Em três dos exemplos por nós dados ((48)-(50)), com efeito,

as paráfrases dadas (nas linhas (b) e (c)) ajudam-nos a observar a causa/a razão que precede o intervalo de tempo em que decorre o efeito expresso pelo estado de coisas na oração principal.

- (48) a. Preocupei-me porque vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha.
- b. Vi os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha e isso fez com que eu ficasse preocupado.
- c. A razão de eu ter ficado preocupado prende-se com o facto de eu ter visto os teus filhos a conversarem com uma pessoa estranha.
- (49) a. Estou desapontado porque dediquei a minha vida ao meu trabalho e acabei sem nada.
- b. Dediquei a minha vida ao meu trabalho e acabei sem nada e como resultado disso estou a sentir-me desapontado.
- c. A razão de eu me sentir desapontado é ter dedicado a minha vida ao trabalho e por ter acabado sem nada.
- (50) a. Acabou a tinta porque hoje à tarde imprimi os trabalhos da faculdade várias vezes.
- b. Hoje à tarde imprimi os trabalhos da faculdade várias vezes e por isso, acabou a tinta.
- c. A causa de ter acabado a tinta foi hoje a tarde ter imprimido os trabalhos da faculdade várias vezes.

No último contexto ((51)), embora o conteúdo da oração causal não seja temporalmente anterior à situação descrita na oração principal, interpreta-se como razão de enunciação, como uma motivação ou justificação para a situação descrita na oração principal pois expressa a inferência por parte do falante de uma relação entre estados de coisas (ver Lobo, 2003; 2013).

- (51) a. Ela não vem aos encontros da empresa porque dedica o seu tempo livre às suas filhas.

- b. O facto de ela dedicar o seu tempo livre às suas filhas levou-a a não aparecer nos encontros da empresa.
- c. A razão/O motivo por que ela nem vem aos encontros da empresa é dedica o seu tempo livre às suas filhas.

Dito isto, embora os testes sintáticos levantem algumas questões (às quais não nos interessa dar respostas definitivas no âmbito deste trabalho), o teste semântico demonstra que os exemplos por nós testados são estruturas de subordinação causal, nas quais a colocação proclítica é obrigatória ((52)).

- (52)
- a. A Ana adora estar com as filhas. Ela não vem aos encontros da empresa porque **lhes dedica** o seu tempo livre.
 - b. Ontem vi os teus filhos no jardim. Preocupei-me porque **os vi** a conversarem com uma pessoa estranha.
 - c. Durante muitos anos, o meu trabalho foi tudo para mim. Estou desapontado porque **lhe dediquei** a minha vida e acabei sem nada.
 - d. Não posso vir, porque tenho de ir comprar tintas. Estou a escrever os trabalhos da faculdade. Acabou a tinta porque hoje à tarde **os imprimi** várias vezes.

Se, nas estruturas dadas, o complementador *porque* introduz uma oração subordinada causal, em que a colocação do pronome é proclítica, o que, então, motiva os falantes de PL1 que em 41,2% dos casos optem pela colocação enclítica dos pronomes clíticos nestas estruturas?

Conforme referido, a interpolação entre o complementador *porque* e o pronome clítico, tal como no caso do complementador *que*, é uma questão a ser considerada. Em 35,7% das estruturas de subordinação adverbial em que os falantes de PL1 optaram pela ênclise de pronome clítico, havia interrupção de adjacência entre o complementador e o clítico. Essa percentagem, porém, é consideravelmente menor em comparação com as estruturas

introduzidas pelo complementador *que*, onde a interpolação ocorria em 83,3% dos casos em que registamos colocação pós-verbal dos clíticos. Se, no caso de orações completivas, a interpolação como fator principal que motivava os falantes de PL1 a optarem pela colocação pós-verbal dos pronomes clíticos podia ser uma hipótese, no caso de orações subordinadas causais, esse fenómeno não justifica a preferência de falantes nativos de português pela ênclise, pois, em 64,3% dos casos de colocação pós-verbal do pronome clítico nas subordinadas causais, o hospedeiro do clítico seguia imediatamente o complementador *porque*.

Nota-se que, nas orações onde a subordinada causal encabeçada pelo complementador *porque* é anteposta, a colocação enclítica de pronomes não é permitida ((53)).

- (53) a. A Ana adora estar com as filhas. Porque lhes dedica / *dedica-lhes o seu tempo livre, ela nem vem aos encontros da empresa.
- b. Ontem vi os teus filhos no jardim. Porque os vi / *vi-os a conversarem com uma pessoa estranha, preocupei-me.
- c. Durante muitos anos o meu trabalho foi tudo para mim. Porque lhe dediquei / *dediquei-lhe a minha vida e acabei sem nada, estou desapontado.
- d. Não posso vir, porque tenho de ir comprar tintas. Estou a escrever os trabalhos da faculdade. Porque hoje à tarde os imprimiri / *imprimi-os várias vezes, acabou a tinta.

Quando as subordinadas se movimentam à esquerda, a posição à esquerda é sentida como mais marcada (Lobo, 2001). Identicamente ao foco contrastivo anteposto (ver Martins, 2013), na periferia esquerda da frase, estes elementos ocupam a posição sintática de foco, ao mesmo tempo adquirindo o tom entoacionalmente marcado na oração. Surge, assim, a seguinte questão:

Será que, tal como em arménio, é a leitura de foco, i.e., é a proeminência prosódica de algum constituinte em posição pré-verbal ou a sua ausência que influencia a colocação de clíticos pelos falantes de PL1, nas subordinadas causais?

Retomaremos essa questão após a apresentação dos dados do grupo de PL2 nestas estruturas, na subsecção 5.2.1.5.

5.1.3. Distratores

Como distratores, na presente investigação foram incluídas orações infinitivas simples introduzidas pelas preposições *em*, *para*, *de* e *por*, com a distribuição apresentada na tabela 5.4.

Tabela 5.4. Número total de ocorrências de cada preposição nas orações infinitivas: dados do grupo de controlo (PL1)

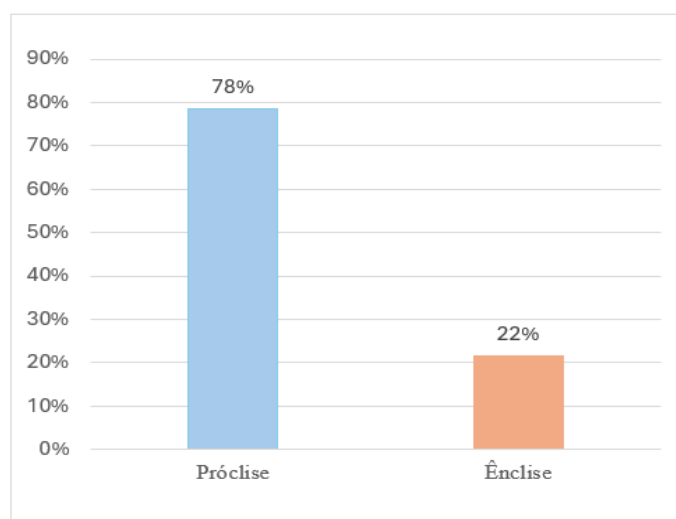
Preposição	<i>em</i>	<i>para</i>	<i>de</i>	<i>por</i>
Número de ocorrências	n=51	n=85	n=51	n=17

Não é a nossa intenção discutir a colocação dos pronomes clíticos nas orações infinitivas introduzidas por uma preposição, por estes não se encontrarem no foco do nosso trabalho. Contudo, os dados coligidos podem ser úteis para pesquisas futuras, portanto, apresentamo-los a seguir, de uma forma muito sucinta.

Conforme Martins (2013), a colocação dos pronomes clíticos nas infinitivas preposicionadas varia entre a ênclise e próclise, com a exceção das infinitivas introduzidas pelas preposições *a* e *com* que admitem apenas a posição pós-verbal de clíticos.

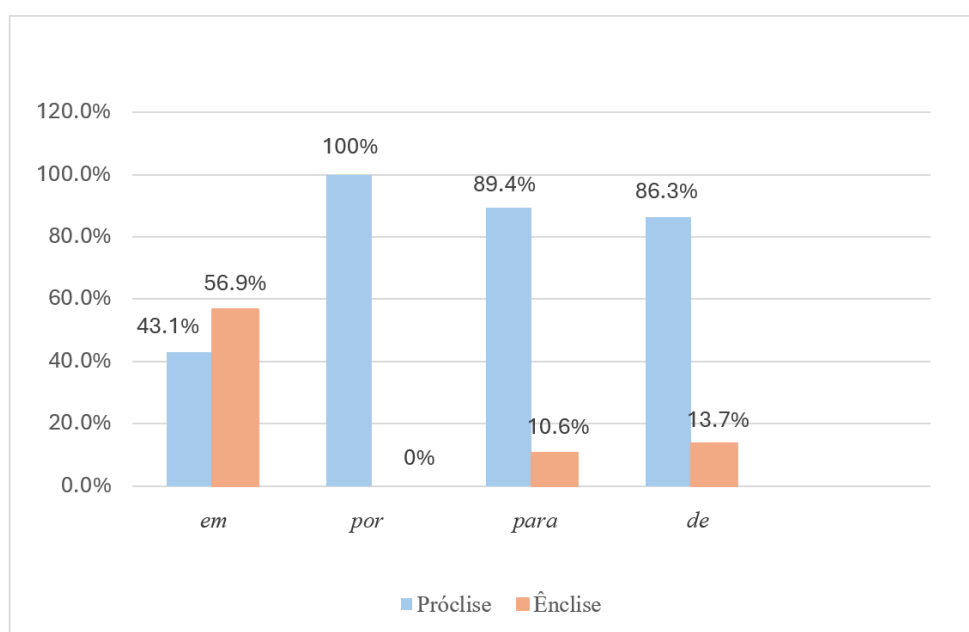
A figura 5.7 demonstra que os falantes de PL1 informantes do presente estudo, nas infinitivas introduzidas por uma preposição, preferem a colocação próclítica.

Figura 5.7. Percentagens da próclise e da ênclise, nas estruturas de infinitivo introduzidas por uma preposição: dados do grupo de controlo (PL1)



Os informantes do grupo de controlo da presente investigação, como se mostra, na figura 5.8, preferem a colocação proclítica de pronomes pessoais na presença das preposições *para*, *de* e *por*, sendo que, com a preposição *por*, a preferência da próclise é 100%.

Figura 5.8. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de infinitivo introduzidas por cada preposição: dados do grupo de controlo (PL1)



Já na presença da preposição *em*, observamos uma maior tendência de colocação enclítica de pronome pessoal. Talvez uma parte dessa preferência se prenda com a necessidade de evitar o fenómeno de cacofonia²¹⁴, pois, num dos itens testados, que retomamos em (54), o clítico-alvo é *me*.

(54) Quando **eu** era mais jovem, pensava em _____ dedicar _____ só aos treinos.

²¹⁴ O dicionário online *Infopédia* (Porto editora), descreve a palavra *cacofonia* como: ‘Termo de origem grega (*kakophonia*, som desagradável, antónimo de eufonia), que consiste na combinação desagradável de sons, provocada por uma disposição inadequada e desarmonica dos elementos fónicos que formam uma palavra ou um conjunto de palavras. Por vezes, esse desacordo sonoro provém da dificuldade em pronunciar as palavras, tal como acontece nos jogos de linguagem infantil.’ Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$cacofonia](https://www.infopedia.pt/artigos/$cacofonia), consultado a 25 de novembro de 2024.

5.2. Resultados do grupo de falantes de PL2

Nesta parte do trabalho, apresentaremos a análise quantitativa relativamente à seleção casual e à distribuição sintática dos pronomes clíticos do português por falantes de arménio L1.

Tal como já referido, no capítulo 4, na tarefa de realização do teste de elicitación, participaram 32 falantes de arménio L1 e PL2, tendo 16 deles competências equivalentes ao nível B1, nove ao nível B2 e sete ao nível C1 (tabela 4.3). Portanto, sendo o teste de elicitación composto por 108 itens, junto dos falantes de PL2, na sua totalidade foram testados 3,456 itens. Excluindo o número total dos itens distratores (n=384, n=12 itens por cada teste), a nossa análise quantitativa baseou-se no total de 3072 itens para cada tópico estudado (tabela 5.5).

Tabela 5.5. Número dos itens analisados por cada tópico estudado: dados do grupo de PL2

N.º de informantes	Colocação dos pronomes clíticos em PL2			Seleção casual dos pronomes clíticos em PL2		
	Contexto testado	N.º de itens testados por informante	N.º total de itens testados	Contexto testado	N.º de itens testados por informante	N.º total de itens testados
n=32	Ênclise categórica	n=16	n=512	Clítico-alvo ACU	n=48	n=1536
	Próclise categórica	n=76	n=2432	Clítico-alvo DAT	n=48	n=1536
	Próclise/ênclise (<i>muitos</i>)	n=4	n=128			
	Total dos itens analisados		n=3072	Total dos itens analisados		n=3072
	Distratores	n=12	n=384	Distratores	n=12	n=384
	Total dos itens testados (com distratores)		n=3456	Total dos itens testados (com distratores)		n=3456

O presente subcapítulo está dividido em três secções. Nas primeiras duas, discutiremos primeiramente os padrões relativamente à distribuição sintática (§5.2.1) e os padrões de seleção casual dos pronomes clíticos ACU e DAT do português (§5.2.2), nas produções provocadas de falantes de arménio L1, analisando a aquisição de colocação e de seleção dos pronomes clíticos em cada nível de competência em PL2 (B1, B2 e C1), tanto de uma perspetiva grupal, como de uma perspetiva individual. Na última secção (§5.2.3), apresentaremos a importância do ensino explícito (§5.2.3.1), da competência linguística em língua-alvo (§5.2.3.2), da idade da primeira exposição à L2 (§5.2.3.3), das outras línguas anteriormente adquiridas (§5.2.3.4), no

desempenho linguístico no que toca à seleção e à colocação dos pronomes clíticos em português, dando ainda uma atenção breve a outros fatores que podem explicar alguns padrões nos resultados do grupo de PL2 (§5.2.3.5). Dedicaremos o último subcapítulo (§5.3), ao resumo de discussão dos resultados apresentados, endereçando as perguntas e as previsões de investigação.

5.2.1. Colocação dos pronomes clíticos por falantes de PL2

Conforme mostrámos na tabela 5.5, após a exclusão dos itens distratores, o teste contou com 96 itens a serem analisados, dos quais 16 apresentavam estruturas de ênclise obrigatória – mais especificamente, declarativas simples (n=14) e interrogativas globais (n=2) – e os restantes 80 visavam testar a utilização de próclise (i) nas negativas (inclusive sujeitos negativos); (ii) nas interrogativas parciais; (iii) nas orações com advérbios enfatizadores em posição pré-verbal; (iv) nas subordinadas adverbiais e completivas e (v) nas orações com sujeitos quantificados, sendo que em quatro itens deste último grupo, introduzidos pelo quantificador *muitos*, tanto a ênclise, como a próclise eram expectáveis. Entre os 76 contextos de próclise categórica, cada contexto, tal como as estruturas de ênclise obrigatória, englobava 16 itens, pois, para cada contexto, a colocação dos clíticos testava-se na presença de quatro proclisadores, cada um com quatro ocorrências.

Tendo em conta que, no grupo de PL2, o teste provocado foi aplicado a 32 informantes, o número total de itens analisáveis equivaleu a 3072 itens testados. Destes, em 512, a colocação de pronome clítico deveria ser enclítica, em 2432, proclítica e apenas em 128, na presença do quantificador *muitos*, tanto a ênclise, como a próclise eram permitidas. Os distratores foram excluídos da nossa análise quantitativa geral. Contudo, igualmente à apresentação dos resultados do grupo de PL1, os resultados obtidos neste grupo, no que toca aos distratores, serão brevemente apresentados, no final desta secção e da secção referente à seleção dos pronomes clíticos no grupo de PL2, sem avançarmos com uma discussão acerca dos resultados obtidos nestes itens.

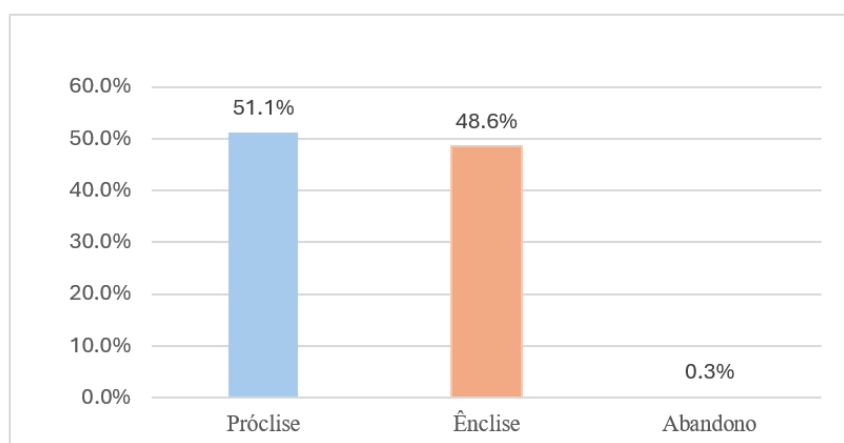
A tabela 5.6. resume os dados gerais aqui apresentados. Nela mostramos o número de respostas esperadas e desviantes, e ainda o do abandono da tarefa.

Tabela 5.6. Número das respostas esperadas e desviantes nos contextos de ênclise, de próclise obrigatória e com o quantificador *muitos*: dados gerais do grupo de PL2

	Distratores	Ênclise obrigatória	Próclise obrigatória	Próclise/ênclise (<i>muitos</i>)	
Total dos itens testados	n=384	n=512	n=2432	n=128	n=3456
Resposta esperada	n=383 (99,7%)	n=406 (79,3%)	n=1426 (58,6%)	n=128 (100%)	
Resposta desviante	n/a	n=104 (20,3%)	n=1000 (41,1%)	n/a	
Abandono	n=1 (0,3%)	n=2 (0,4%)	n=6 (0,3%)	n=0 (0%)	

Os dados gerais deste grupo, indicam que os falantes de arménio L1 e PL2, nas suas produções, utilizam tanto a próclise, como a ênclise, havendo um equilíbrio entre o uso dos dois padrões (figura 5.9).

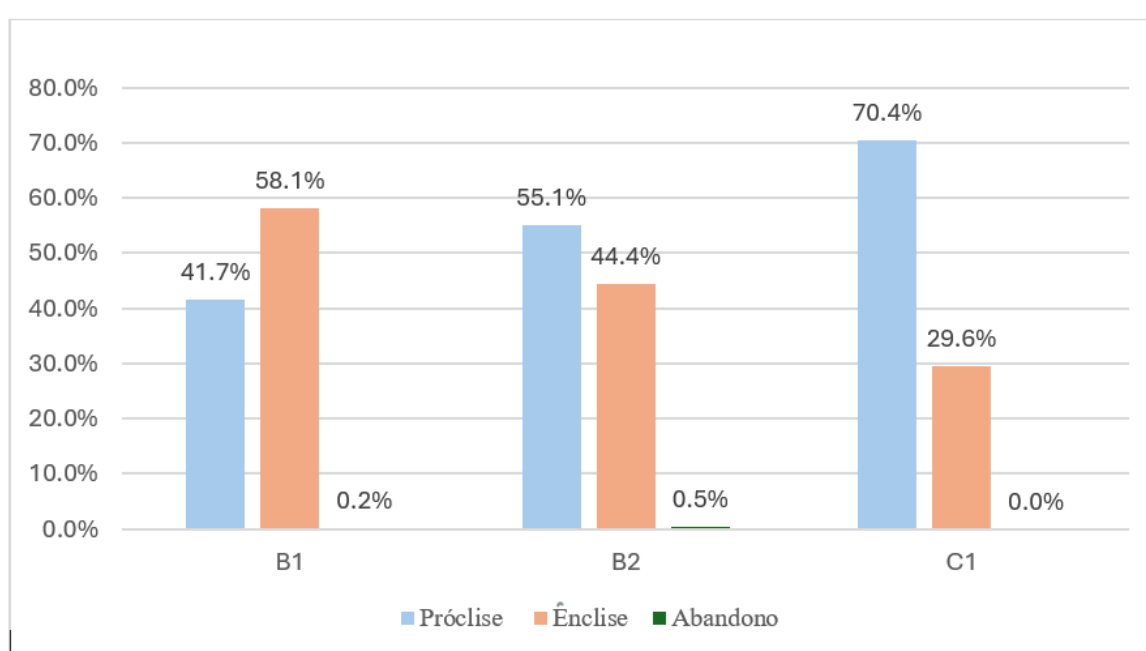
Figura 5.9. Colocação dos pronomes clíticos no grupo de PL2: dados gerais



O gráfico abaixo (figura 5.10) demonstra que tanto a próclise, como a ênclise são padrões utilizados em todos os níveis de competência em PL2, sendo que, no nível B1, existe uma maior tendência de utilização de ênclise. Isso indica que mesmo no nível B1, o mais baixo no nosso estudo, os falantes de PL2 já têm conhecimento de que a colocação dos pronomes clíticos do português assume mais que um padrão, mas não dominam as suas normas de distribuição. Relembramos que nas produções (semi)espontâneas também encontramos

evidência da utilização da próclise em todos os níveis de competência em PL2 (B1: 31%; B2: 39% e C1: 45%). Embora não possamos comparar diretamente os dados das produções (semi)espontâneas com os dados das produções elicitadas dos nossos informantes, por os contextos de ocorrência de pronomes clíticos das produções (semi)espontâneas não serem controlados²¹⁵, podemos concluir que a próclise em PL2 é um padrão amplamente utilizado pelos falantes de arménio L1, expectável à luz da Hipótese 1 da presente investigação.

Figura 5.10. Colocação dos pronomes clíticos por cada nível do grupo de PL2



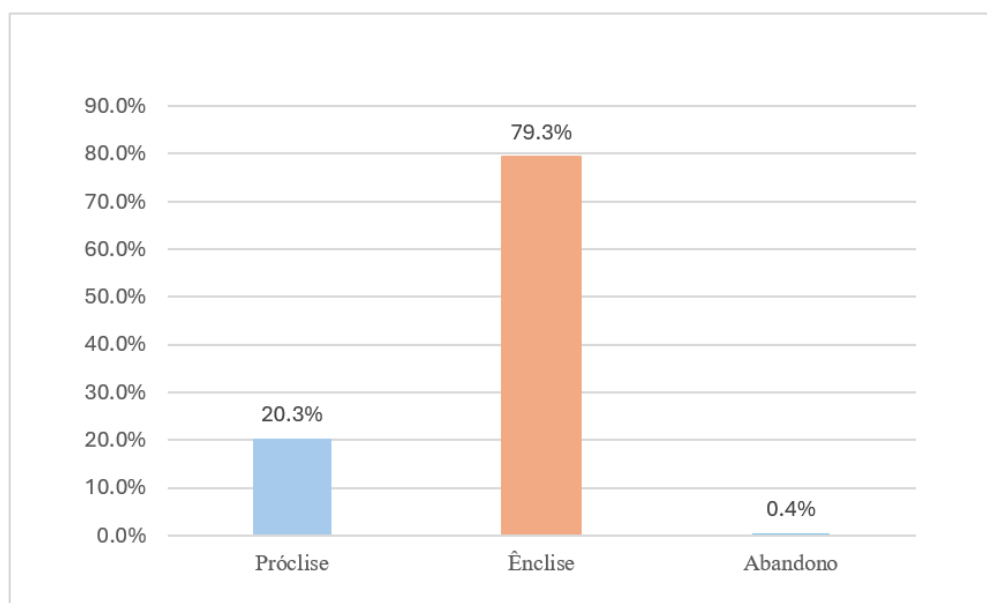
Uma evidência sobre o conhecimento de que existem regras de colocação dos pronomes clíticos, mas de que os falantes de PL2 não as dominam ainda, é o fenómeno de hesitação, i.e., quando o informante aceita tanto a próclise como a ênclise ou fica na dúvida entre as duas possibilidades como resposta correta. Apesar de existente, por a taxa de hesitação registada ser insignificante – 2,0% (n=63)²¹⁶, não lhe daremos atenção particular na nossa análise.

²¹⁵ A percentagem de contextos da ênclise e da próclise categórica, nas produções (semi)espontâneas e nas produções provocadas não são equivalentes. Recorda-se ainda que os dados coligidos nas produções (semi)espontâneas revelaram-se insuficientes para uma análise sólida da colocação de pronomes clíticos por falantes de arménio L1 (§4.2.3).

²¹⁶ Assinalamos, em notas pessoais (ver §4.3.3), os itens em que os informantes se demonstraram hesitantes durante as entrevistas pessoais, ou o próprio falante, marcou/declarou tanto a ênclise, como a próclise como padrões aceitáveis num dado item.

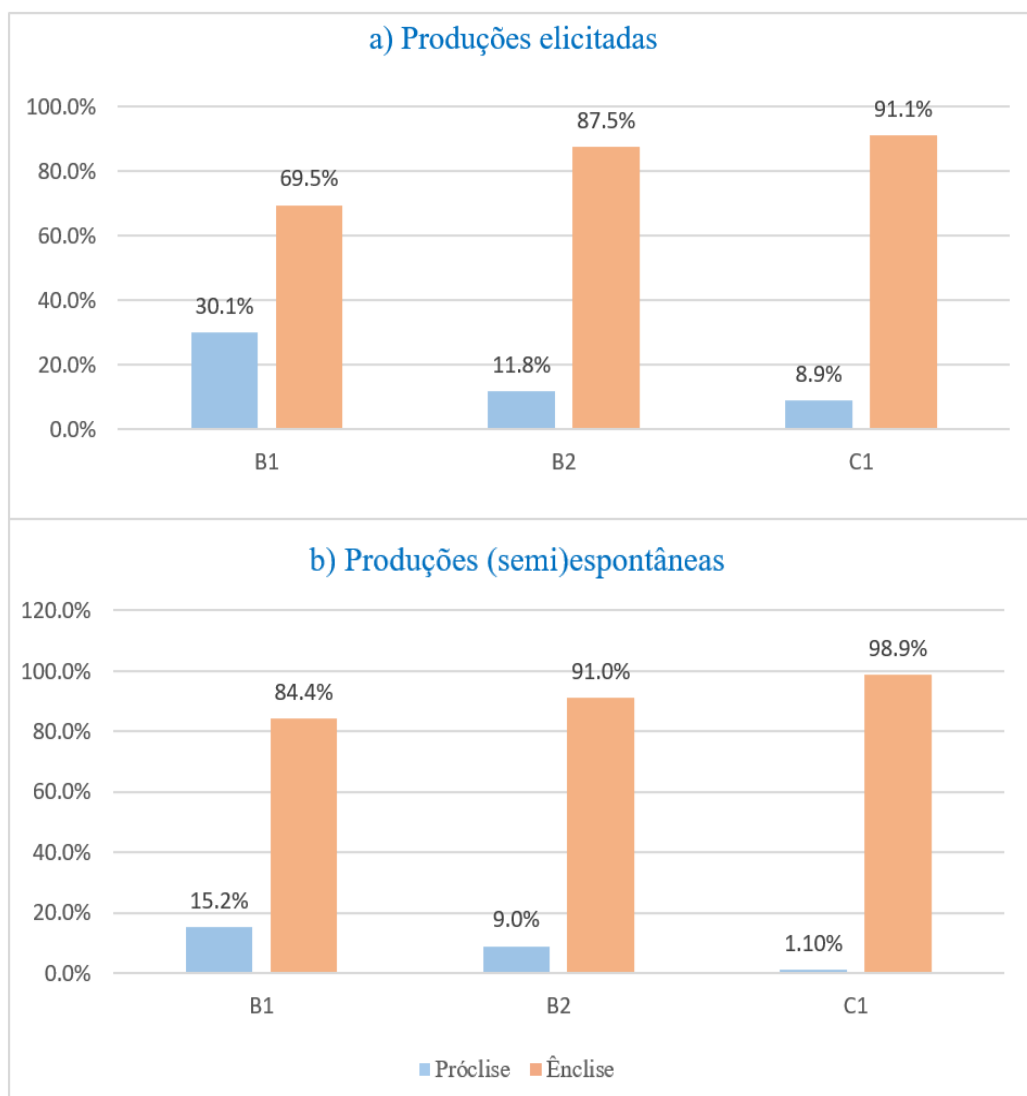
No que toca aos contextos da ênclise categórica, os informantes do grupo de PL2 têm preferência pela ênclise, mas ao contrário dos falantes de PL1, recorrem também à próclise, embora com uma taxa não muito alta – 20,3% (n=104) (figura 5.11, ver também a tabela 5.6).

Figura 5.11. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas de ênclise categórica: dados gerais do grupo de PL2



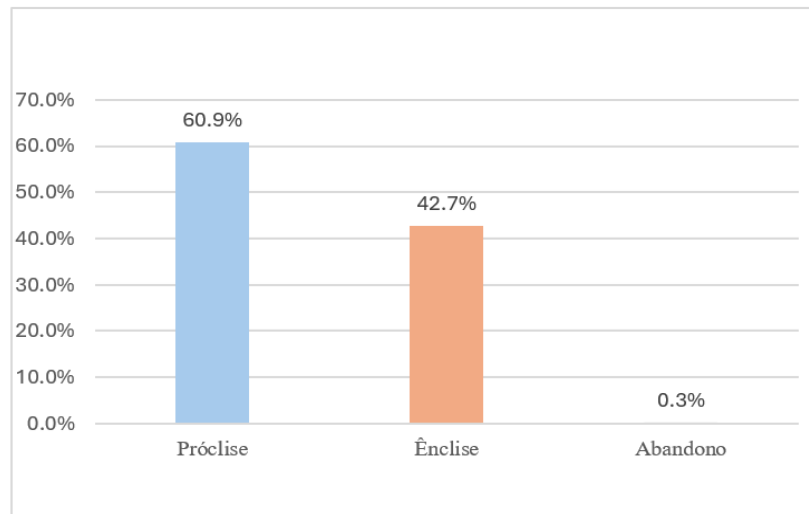
A tendência de utilização da próclise nos contextos de ênclise obrigatória é decrescente, à medida que o nível de competência em PL2 aumenta (figura 5.12 (a)). Mesmo assim, no nível C1, embora já com uma taxa mais pequena (8,9%), ainda se observa colocação proclítica de pronomes pessoais nos contextos de ênclise categórica. Estes dados demonstram-se compatíveis com os dados das produções (semi)espontâneas que apresentámos na figura 4.4 (retomada na figura 5.12 (b)).

Figura 5.12. Colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas e elicitadas dos falantes de PL2, nos contextos de ênclise categórica: por cada nível de competência em PL2



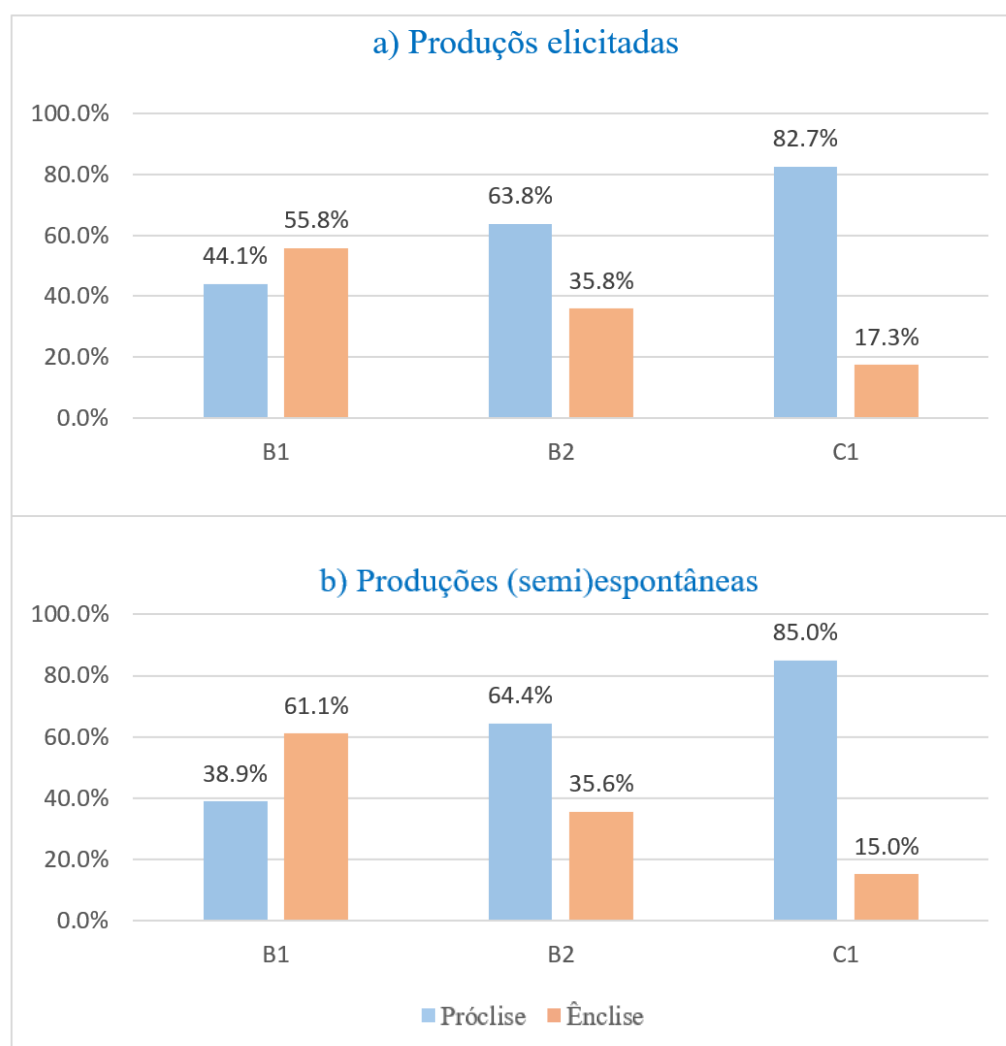
Se, nas estruturas de próclise obrigatória, a taxa de ênclise foi muito baixa para o grupo de PL1 (6,3%), para os falantes de PL2, é elevada – 42,7%, como demonstra a figura 5.13 abaixo.

Figura 5.13. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas de próclise categórica: dados gerais do grupo de PL2



Contudo, observa-se uma diminuição da taxa de ênclise nas estruturas da próclise categórica à medida que o nível de competência dos falantes de PL2 aumenta. Os dados apresentados na figura 5.14 (a) evidenciam que, a partir do nível B2, a próclise começa a ser o padrão dominante (63,8%), mas a taxa de desvio, no nível C1 (17,3%), ainda é maior, comparativamente aos resultados do grupo de PL1 (6,3%). Mais uma vez, estes dados são compatíveis com os dados das produções (semi)espontâneas, apresentados na figura 4.4 e retomados na figura 5.14 (b)).

Figura 5.14. Colocação dos pronomes clíticos nas produções (semi)espontâneas e elicitadas dos falantes de PL2, nos contextos de próclise categórica: por cada nível de competência em PL2



Resumindo os dados gerais até agora apresentados, podemos dizer que no grupo de falantes de PL2: (i) não se observa generalização de ênclise; (ii) a aquisição de próclise é, de facto, gradual; (iii) nos níveis B1 e B2, observa-se oscilação entre a próclise e a ênclise (ver a figura 5.10); e (iv) a partir do nível B2, começa a estabilizar-se o uso da próclise, embora no nível C1 ainda haja desvios de colocação.

Estes dados, à primeira vista, corroboram a H1 que previa uma oscilação entre a próclise e a ênclise, nos estádios iniciais e intermédios de aquisição, e uso de próclise nas estruturas enclíticas, evidenciando o efeito da L1²¹⁷. Antes de tudo, os dados agrupam resultados dos três

²¹⁷ Descartaremos a possibilidade de a preferência pela próclise dos informantes ser explicada à luz de contacto com outras variedades da língua portuguesa, nomeadamente com português do Brasil (PB), onde o padrão generalizado de colocação dos clíticos é a próclise, pois nenhum dos informantes mencionou ter tido

grupos de competência em PL2 – B1, B2, C1 –, ou seja, são genéricos. Por outro lado, embora não se trate de generalização, o padrão preferido no nível B1 é a ênclise (58,1%). Apesar de o nível B1 ser o mais baixo na nossa investigação, não se pode afirmar que (todos) os informantes desse nível se encontram no estágio inicial de aquisição dos pronomes clíticos em PL2. Caso os informantes do nível B1 se encontrem nos estádios intermédios de aquisição e tendo sido registado um decréscimo do uso de ênclise à medida que o nível de competência dos informantes em PL2 aumenta, existe probabilidade de que o padrão dominante nos estádios iniciais de aquisição dos pronomes clíticos seja a ênclise (apoiando a H2). Por forma a verificar a veracidade de cada uma das hipóteses da presente investigação, é preciso olhar para os dados obtidos com maior detalhe. Ao mesmo tempo, a aquisição gradual de proclisadores, é prevista tanto pela H1, como pela H2, sendo a escala de aquisição de próclise determinante na avaliação de plausibilidade de cada hipótese. É também nesse sentido que analisaremos os dados do grupo de falantes de PL2.

Nas subsecções seguintes, apresentaremos a análise, separadamente, para cada nível de competência em PL2.

5.2.1.1. Nível B1

Conforme vimos na secção anterior, na figura 5.10, existe um certo equilíbrio entre o uso de próclise e de ênclise, no nível B1 – 41,7% vs. 58,1%. Esse equilíbrio demonstra que ocorreram desvios na distribuição sintática dos pronomes clíticos, neste nível, tendo em conta que a maior parte das estruturas testadas são proclíticas (em 81,5% esperava-se uso da próclise, em 14,8%, da ênclise e em 3,7 %, de ambos os padrões).

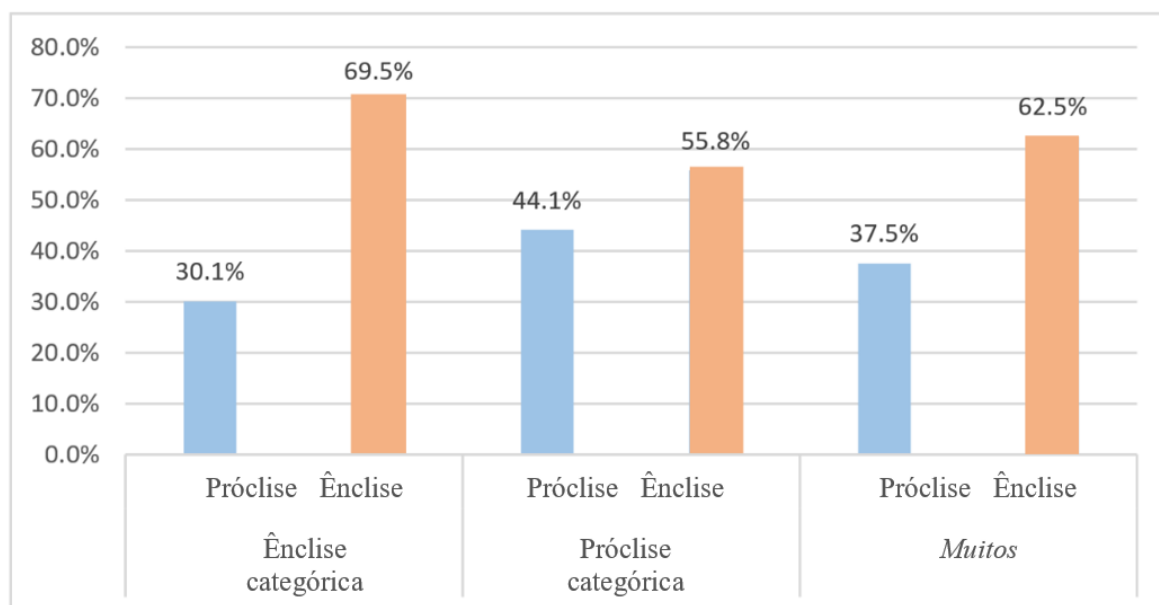
Na figura 5.15²¹⁸, que apresenta a distribuição dos pronomes clíticos nas estruturas de ênclise categórica, de próclise categórica e na presença do quantificador *muitos*, em posição pré-verbal, que valida ambos os padrões, é evidente que: (i) a taxa de uso da próclise, nas estruturas de ênclise obrigatória, ainda é bastante alta (30,1%); (ii) nas estruturas proclíticas, a ênclise é utilizada mais vezes (55,8%); (iii) na presença do quantificador *muitos*, tal como os

contacto significativo com essa variedade (ver o anexo 2). A possibilidade do impacto do PB foi igualmente descartada para o grupo de falantes de PL1, por não termos encontrado nenhum caso de utilização da próclise nas estruturas da ênclise. Conforme mostrámos na secção 5.1.2, os desvios na colocação dos pronomes clíticos nesse grupo de informantes ocorrem apenas em estruturas de próclise categórica.

²¹⁸ Por a taxa de abandono de tarefa ser insignificativa, sempre abaixo de 0,5%, nas estruturas tanto de próclise categórica, como de ênclise categórica, mais adiante, não a referiremos nos gráficos apresentados.

falantes de PL1, o padrão preferido dos falantes de PL2 é a ênclise (62,5%), mas com uma percentagem mais elevada de próclise (B1: 37,5% vs. PL1: 25%).

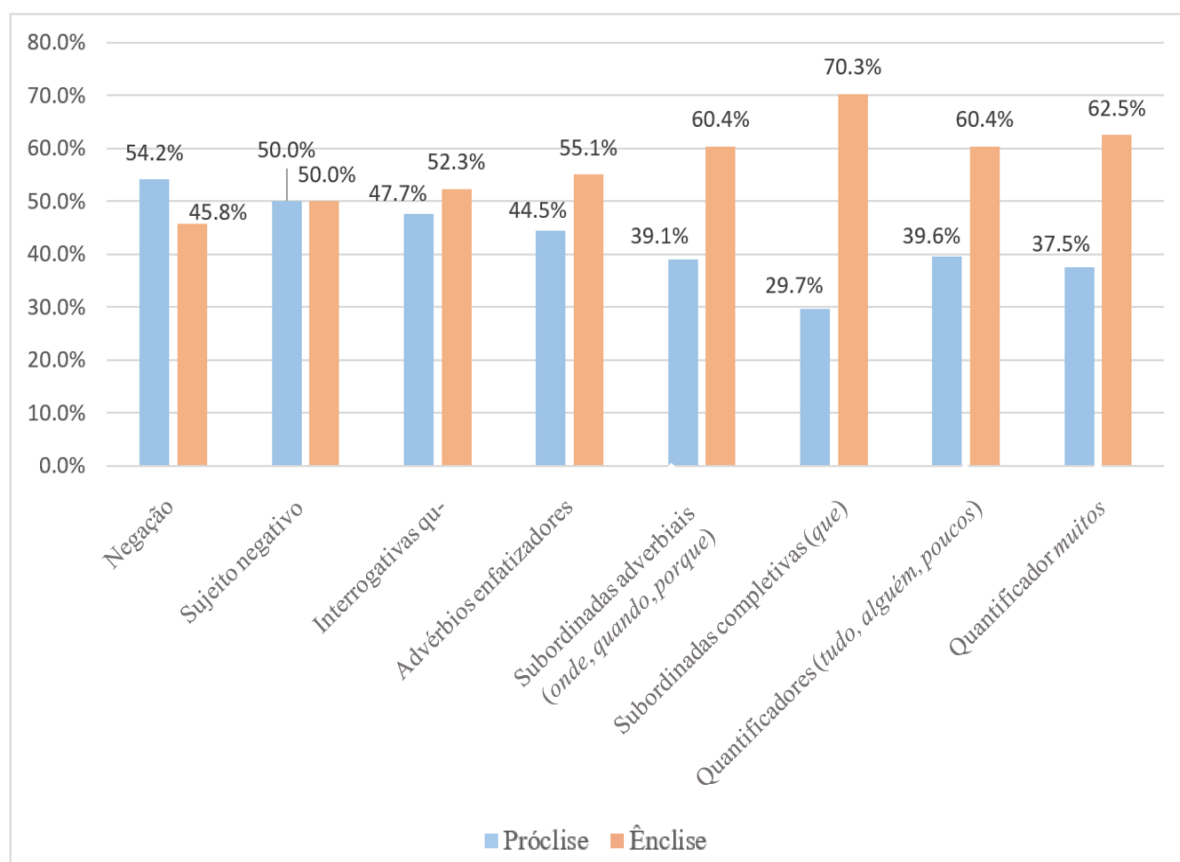
Figura 5.15. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B1: dados gerais



Conforme referimos, por a plausibilidade das hipóteses desta investigação se basear na escala de aquisição da próclise e na possibilidade (ou não) de generalização de algum padrão específico, olharemos para os dados desses dois prismas.

Em primeiro lugar, olhando para os dados de uma perspectiva grupal, notamos que, ao lado de uma taxa significativa de próclise, nas estruturas de ênclise categórica (ver a figura 5.15), se observa oscilação entre a próclise e a ênclise quase em todos os contextos da próclise obrigatória (ver a figura 5.16), o que vai ao encontro da H1 e não confirma a H2. A percentagem mais alta de ênclise (55,8%), comparativamente com a taxa de próclise (44,1%), neste nível, não resulta de uma generalização de ênclise, mas antes de preferência notável de ênclise nas subordinadas adverbiais e completivas e também nas frases com os quantificadores em posição pré-verbal (inclusive o quantificador *muitos*), expectável à luz de interferência de arménio L1, enquanto, na perspectiva de a aquisição de próclise em PL1 e em PL2 seguir o mesmo trajeto, o expectável seria a estabilização de próclise mais cedo, pelo menos nas subordinadas completivas, a par com as estruturas negativas e na presença de advérbios enfatizadores em posição pré-verbal.

Figura 5.16. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica e na presença do quantificador *muitos*, no nível B1



A escala de aquisição de próclise no nível B1 (55a), é a prevista à luz da H1 que retomamos em (55b), embora com algumas ressalvas.

- (55) a. **Resultados (B1):** Negação > Sujeitos negativos > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (*poucos, alguém, tudo, muitos*)²¹⁹ ≥ Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*)²²⁰ > Subordinadas completivas (*que*)

²¹⁹ Por a taxa de próclise com o quantificador *muitos* ser muito próximo à taxa de próclise com os outros quantificadores (*tudo, alguém e poucos*), nesta escala, não o apresentamos separadamente.

²²⁰ Apesar de os dados do grupo de controlo terem demonstrado que existe uma diferença notável entre a preferência de colocação dos pronomes clíticos em subordinadas adverbiais introduzidas pelos complementadores *onde, quando* e pelo complementador *porque*, na análise dos dados do grupo dos falantes de PL2, não separaremos estes contextos, pois as predições da presente investigação foram feitas para todos os complementadores. Na subsecção 5.2.1.5, apresentaremos as diferenças de preferência pela ênclise ou pela próclise entre estes dois tipos de subordinadas, nos dados obtidos no grupo de falantes de PL2.

- b. **Predição 1.3 (H1):** Interrogativas $qu- \geq$ Negação $>$ Sujeitos negativos $>$ Advérbios enfatizadores $\geq$ Quantificadores $>$ Subordinadas completivas (*que*) / adverbiais (*porque, onde, quando*)

Ao nível individual, a análise de dados também revela fenômenos interessantes. No nível B1, para dois dos informantes (inf.15, inf.25), a colocação proclítica é categórica, o que quer dizer que nas estruturas de próclise apresentam uma taxa de acerto de 100%, o que, porém, não é fruto de conhecimento. A ênclise é o único padrão utilizado por mais dois informantes (inf.30, inf.23). Um informante (inf.16), também parece generalizar a ênclise, pois mostra casos residuais de próclise (3,7%: $n=4$, de 108 testados). Outro caso parecido é do inf.27, que utiliza a ênclise em 3,7% dos itens testados ($n=4$, de 108 testados), generalizando a próclise identicamente aos inf.15 e inf.25. Juntem-se, ainda, mais dois casos, num dos quais (inf.4), o informante generaliza o uso de ênclise em 90,7% (próclise: $n=10$, de 108 testados) e o outro (inf.9) generaliza o uso de próclise em 89,8% (ênclise: $n=11$, de 108 testados)²²¹.

Assim, estamos perante uma situação de generalização de um dos padrões de colocação dos pronomes clíticos do português, explicada à luz da H1, como influência de arménio (ver a Predição 1.3). No nosso estudo, a percentagem desses informantes é 25,0% de falantes de PL2 ($n=8$), o que equivale a 50% dos informantes do nível B1. Importa realçar que quatro desses informantes generalizaram o padrão proclítico, o que não é de todo a esperar caso a aquisição da próclise em PL1 e PL2 siga o mesmo trajeto. Embora não uma generalização absoluta, mas uso predominante de próclise, quer em contextos de ênclise categórica, quer em contextos de próclise, foi verificado também no caso de falantes bilingues de português/francês (*e.g.*, Casa Nova, 2014; Tomaz *et al.*, 2019), o que os autores destes estudos atribuíram a um efeito de interferência do francês, cujo padrão básico é a próclise dos pronomes clíticos. Logo, nos estádios iniciais/intermédios de aquisição de padrões de colocação sintática dos pronomes clíticos do português, a influência de L1 é evidente pelo menos no caso de alguns aprendentes.

O fenómeno de generalização de um dos padrões de colocação dos pronomes clíticos, no caso de falantes de arménio L1, não acontece fora do nível B1.

A generalização de apenas um dos padrões de colocação dos pronomes clíticos revela-se um fenómeno característico de aquisição dos pronomes clíticos em PL2, que, conforme explicitámos, seria expectável à luz de influência de arménio L1. Porém, os resultados dos

²²¹ O inf.9, mesmo optando por ênclise em algumas das declarativas simples ($n=5$ de 16), generaliza o uso da próclise nos restantes contextos.

informantes que generalizam (quase) exclusivamente um dos padrões de colocação de pronomes complemento de português podem distorcer a imagem grupal da sua distribuição sintática nas produções de falantes de arménio L1. Para os resultados dos informantes que generalizam a anteposição ou a posposição de pronomes não influenciarem a nossa análise, sugerimos olhar para os dados do nível B1, excluindo estes casos.

Excluindo as produções dos informantes que generalizam um padrão de colocação dos pronomes clíticos, veremos que, no nível B1, o padrão dominante é a ênclise (total: 66,0%) em quase todos os contextos, mas, nos contextos de negação (inclusive sujeitos negativos), de interrogativas qu- e de advérbios enfatizadores, a próclise é mais utilizada, comparativamente com as estruturas com complementadores e quantificadores em posição pré-verbal (figura 5.17).

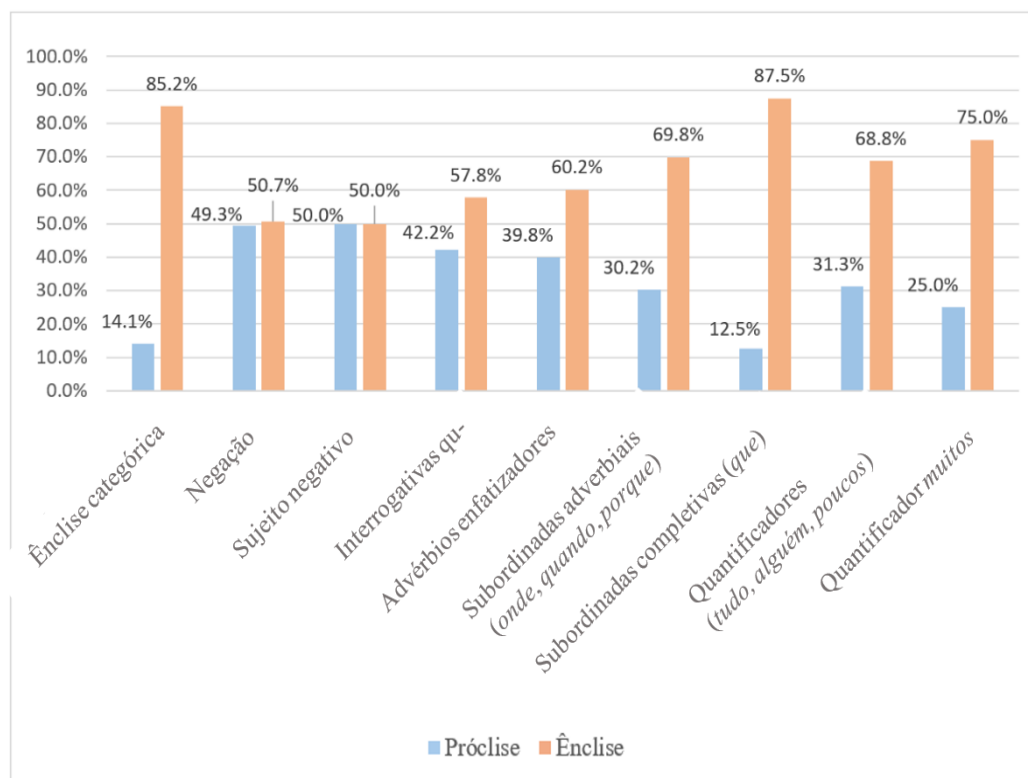
Será que os dados revelados pelo nosso estudo, no nível B1, mesmo tendo excluído os casos de generalização de próclise ou de ênclise, serão explicáveis à luz da influência de arménio L1?

De uma perspetiva geral, outros estudos anteriores relatam uma situação parecida. Fiéis e Madeira (2016a) mencionam que, ao contrário das crianças portuguesas, que generalizam a ênclise, no caso de PL2, observa-se variação entre os dois padrões de colocação em todos os contextos, o que é também confirmado pelos dados do nível B1 do nosso estudo. Em paralelo, Madeira *et al.* (2006) observam que, após um ano de aprendizagem, a taxa de ênclise é de 63,9% nas produções de falantes de línguas não românicas²²², muito próxima dos dados do nível B1 da presente investigação (ênclise: 66,0%).

²²²

Recorda-se que pelos falantes de línguas românicas desse estudo ênclise é utilizada em 44,7%.

Figura 5.17. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B1 (excluindo os casos de generalização)



O quadro dos resultados do nível B1, após a exclusão dos casos de generalização, em contextos de ênclise, tal como na aquisição de PL1 (cf. Costa *et al.*, 2015; 2016), exhibe uma preferência clara por ênclise. Porém, ainda não se pode afirmar que os falantes do nível B1, que não generalizam um padrão específico (ênclise ou próclise), adquiriram próclise nos contextos de negação e nas interrogativas qu-. Embora, nestes contextos, a taxa de próclise seja mais alta em comparação com os outros contextos, estas estruturas de próclise, que são categóricas nas gramáticas nativas adultas, ainda geram bastante oscilação nas gramáticas dos informantes do nível B1 do grupo de PL2.

Portanto, embora haja evidência de que a ênclise é o padrão generalizado e que a estabilização de próclise ocorre gradualmente, seguindo, em alguns pontos (nas negativas, nas interrogativas qu- e talvez nas estruturas com os advérbios enfatizadores) o mesmo trajeto que em PL1, a escala de aquisição de próclise, no nível B1, mesmo após a exclusão dos casos de generalização, continua a ser semelhante à escala prevista à luz da H1 (compare (56a) e (56b)), pois a próclise nas orações subordinadas apresenta taxas baixas (12,5% - 31,3%).

- (56) a. **Resultados (B1: excluindo os casos de generalização):** Sujeitos negativos $\geq$ Negação > Interrogativas qu-> Advérbios enfatizadores > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) $\geq$ Subordinadas completivas (*que*) > Quantificador *muitos* > Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*)
- b. **Predição 1.3 (H1):** Interrogativas qu- $\geq$ Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores $\geq$ Quantificadores > Subordinadas completivas (*que*) / adverbiais (*porque, onde, quando*)

Continuando a olhar para a colocação de clíticos ao nível individual (após a exclusão dos casos de generalização), notamos ainda (ver a figura 5.18) que nas estruturas de ênclise categórica, não existe predominância de próclise para nenhum dos falantes de PL2. Antes pelo contrário, dois falantes de PL2 (inf.3 e inf.26), nas estruturas de ênclise obrigatória, não utilizam a próclise de todo.

PL2.

Figura 5.18. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B1, de uma perspectiva individual, após a exclusão dos casos de generalização



O padrão preferido de quatro informantes (inf.17, inf.12, inf.3 e inf.18) é a ênclise em quase todos os contextos de próclise obrigatória. Apenas nos contextos de negação (inclusive

sujeitos negativos), o inf.17 apresenta equilíbrio entre a próclise e a ênclise. Mais dois informantes (inf.13, inf.31) parecem já demonstrar uma preferência pela colocação proclítica, nos contextos de negação, de interrogativas qu- e de advérbios enfatizadores, enquanto nas subordinadas adverbiais, a ênclise é nitidamente predominante para eles. Até a esse ponto, tanto no caso destes últimos dois (inf.13 e inf.31), como no caso dos inf.17, inf.12, inf.3 e inf.18, estamos perante uma situação em que o processo de aquisição da próclise corrobora tanto a H1, demonstrando efeitos previstos da L1 na aquisição, como a H2, evidenciando paralelos entre a aquisição de PL1 e PL2. Entretanto, nas subordinadas completivas, todos os informantes deste grupo demonstram uma preferência (às vezes absoluta) pela ênclise, o que contradiz a H2, que previa a aquisição de próclise nas subordinadas completivas acontecesse a par com os contextos de negação e de interrogativas qu-. Além disso, nos contextos com os quantificadores em posição pré-verbal, os inf.13 e inf.31 preferem a próclise (com exceção do quantificador *muitos*, no caso do inf.31), enquanto seria expectável que a próclise neste contexto fosse adquirida em último lugar, caso as escalas de estabilização de próclise seguissem o mesmo trajeto em PL1 e PL2 (ver a Predição 2.3). Já à luz de influência de L1, foi previsto que a aquisição de próclise com os quantificadores acontecesse mais cedo, a par dos advérbios enfatizadores (ver a Predição 1.3).

Podemos, então, assumir esse fenómeno como um argumento a favor da hipótese que prevê influência de arménio L1 no processo de aquisição de colocação dos pronomes clíticos em PL2?

Antes de responder a essa questão, sugerimos olhar também para o caso do inf.26, que demonstrou padrão de preferência parecido com os inf.13 e inf.31, apresentando uma maior precisão na colocação de clíticos de português comparativamente com os outros informantes do nível B1. Primeiramente, importa mencionar que essa maior precisão pode ser explicada pelo efeito imediato de explicitação, pois, no dia de realização do teste, o inf.26 declarou ter estudado, pouco tempo antes, as regras de colocação de clíticos, durante as aulas privadas de português que se encontrava a frequentar. Mesmo tendo demonstrado uma precisão grande de colocação de clíticos nos contextos de declarativas simples, de negação e de interrogativas qu-, notou-se que o inf.26, nas estruturas com os advérbios enfatizadores e quantificadores (*tudo*, *alguém* e *poucos*), em posição pré-verbal, ainda apresenta certa oscilação, enquanto com os complementadores aceita quase exclusivamente a ênclise. Assim, a escala de aquisição da próclise, no caso de três informantes do nível B1, cujos resultados à primeira vista se destacam do padrão geral, também segue a escala de prevista à luz da H1 ((57a)):

- (57) a. **Resultados (B1: inf.13, inf.31 e inf.26):** Negação (inclui sujeitos negativos) > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) > Quantificador *muitos* ≥ Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Subordinadas completivas (*que*)
- b. **Predição 1.3 (H1):** Interrogativas qu- ≥ Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores ≥ Quantificadores > Subordinadas completivas (*que*) / adverbiais (*porque, onde, quando*)

Voltando à questão de há pouco, parece-nos plausível assumir que, no caso de três informantes do nível B1 (inf.13, inf.31 e inf.26), separadamente analisados, observam-se efeitos de arménio L1, na aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em PL2.

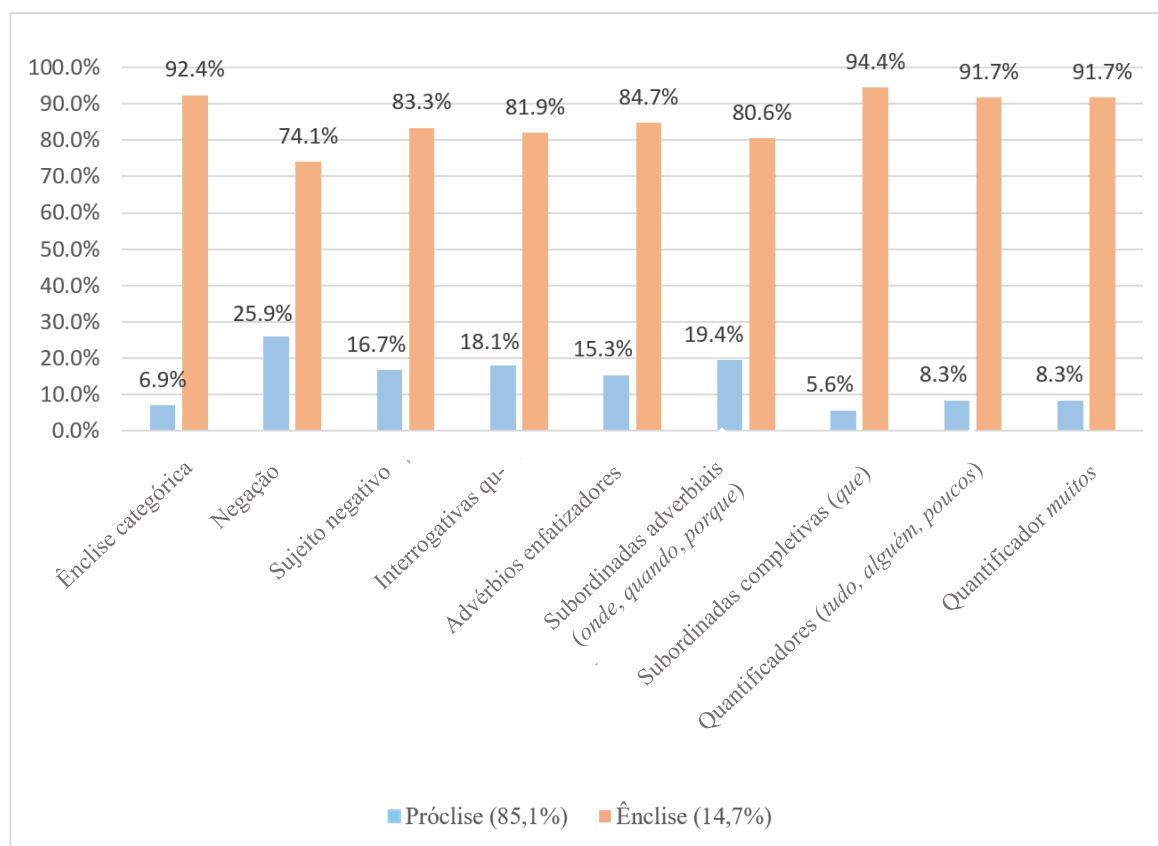
Assim, olhando para os dados do nível B1 de diferentes perspectivas, a escala de aquisição da próclise no nível B1, corrobora a H1, evidenciando influência de arménio L1, no processo de aquisição de padrões de colocação de clíticos em PL2.

Não obstante, olhando para os resultados dos informantes em cujas produções a ênclise é dominante (28,1% dos informantes do nosso estudo, n=9) – dos que generalizam ênclise (inf.30, inf.16, inf.23, inf.4) e dos que, mesmo recorrendo a próclise, têm preferência pela ênclise (inf.18 inf.17, inf.12, inf.11, inf.3) –, notamos que a escala de aquisição de próclise ((58a)) tem pontos significativos em comum com a escala sugerida da perspectiva da H2 (retomada em (58b)), conforme deduzimos dos dados da figura 5.19.

- (58) a. **Resultados (B1: informantes que generalizam a ênclise):** Negação > Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Interrogativas qu- / Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (*alguém, tudo, poucos, muitos*)²²³ > Subordinadas completivas (*que*)
- b. **Predição 2.3 (H2):** Negação > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (*que*) > Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Sujeitos quantificados

²²³ A taxa da próclise com o quantificador *muitos* é igual à taxa da próclise com os outros quantificadores (*poucos, tudo e alguém*) – 8,3%, por isso, nesta escala, não o apresentamos separadamente.

Figura 5.19. Escala de aquisição da próclise pelos informantes que generalizam/preferem a ênclise, no nível B1



A diferença entre a percentagem de utilização da próclise para cada contexto de próclise categórica não é grande e à primeira vista a escala de estabilização da próclise, embora de forma volátil, parece ir ao encontro da H2, que prevê que a aquisição em PL1 e PL2 segue o mesmo trajeto. De facto, o tempo médio de exposição ao português de sete falantes dos nove que generalizam a ênclise é 24 anos, o que é um tempo considerável para que pensemos que o *input* pode ter desencadeado o processo de aquisição da próclise, que segue o mesmo padrão que em PL1, apesar de estes informantes apresentarem fossilizações a vários níveis²²⁴ e, provavelmente, terem ficado estagnados nos estádios iniciais de aquisição de padrões dos pronomes clíticos do português.

Mesmo assim, embora os resultados deste último grupo sejam mais compatíveis com a H2 da presente investigação, não são completamente isentos dos efeitos de arménio L1.

Em primeiro lugar, é importante ter em consideração que, neste grupo também, a taxa de próclise nas subordinadas completivas introduzidas pelo complementador *que* é a mais baixa

²²⁴ Ver a subsecção 5.2.1.5.

(5,6%), conforme esperado, caso se verifique influência de arménio L1. Em comparação com as subordinadas completivas, a taxa mais alta das subordinadas adverbiais (19,4%) pode ser explicada pela generalização do conhecimento já adquirido sobre a colocação de clíticos nas estruturas de interrogativas parciais, pois dois dos complementadores testados (*quando* e *onde*) são homónimos aos advérbios interrogativos, o que também pode ser explicado à luz de influência de arménio L1 no processo de aquisição de PL2²²⁵.

Nota-se influência de arménio L1 ainda nas estruturas de ênclise categórica, nas quais alguns falantes recorrem à próclise, embora com uma taxa pequena (6,9%). Embora a generalização da ênclise seja característica dos estádios iniciais de aquisição de próclise em PL1, seria expectável, também como resultado de influência de arménio L1, pois segundo mostramos no capítulo 2 (§2.2.8 e §2.2.9), nesta língua, a ordem sintática SVO é incomparavelmente mais utilizada que a ordem SOV (SVO: 78,9% vs. SOV: 16,3%, cf. Faghiri & Samvelian (2020)).

Por último, a aquisição mais tardia do traço proclisador de sujeitos negativos (*ninguém*), também parece explicável pela influência de arménio L1. Na realidade, o sujeito negativo *նչ մեկը* – *voch' mekě* ou *նչ np* – *voch' vok'* – ‘ninguém’ do arménio, em alguns contextos (e.g., (59a)), não apresenta o foco contrastivo da frase, em comparação com as outras (e.g., (59b)).

- (59) a. *Ոչ np / ոչ մեկը* *ՉԻ ԳՆԱՅԵԼ* *համերգին:*
Voch' vok' / voych mekě *CH'I GNATS'EL* *hamergin.*
Ninguém_{NOM} / ninguém_{NOM} *NÃO_{AUX} FOI_{PCP}* *concerto_{DAT}*
‘Ninguém foi ao concerto.’
- b. *Մեզնից (և) ՈՉ ՈՔ / ՈՉ ՄԵԿԸ* *չի գնացել* *համերգին:*
Meznits' (yev) VOCH' VOK' / VOCH' MEKĚ *ch'i gnats'el* *hamergin.*
Nós_{SABL} (e) NINGUÉM_{NOM} / NINGUÉM_{NOM} *não_{AUX} foi_{PCP}* *concerto_{DAT}*
‘Nenhum de nós foi ao concerto.’

Seguindo a linha de pensamento de Martins (2013)²²⁶, notamos que, à semelhança com os quantificadores em (59a), o sujeito negativo *ninguém* tem leitura de grupo, apresentando traço [+quantificacional], enquanto em (59b) o traço associado a esse é

²²⁵ A esta questão voltaremos ao apresentar os dados do nível B2.

²²⁶ A autora nota que o sujeito negativo *ninguém*, em simultâneo com o valor negativo, tem natureza quantificacional.

[+referencial]. Ao mesmo tempo, em arménio, numa frase como em (59b), o acento lógico (de foco prosódico) recai sobre o sujeito negativo. O tom entoacional mais alto é nitidamente sentido, sobretudo na presença da conjunção *լ – yev* – ‘e’, que, passando por um processo de gramaticalização, nos contextos deste género perde o seu conteúdo lexical e semântico de conjunção, adquirindo a função de reafirmar o traço [+foco] do sujeito negativo *ninguém*. É, assim, esperado que os falantes de arménio L1 atribuirão uma leitura de foco contrastivo ao sujeito negativo, recorrendo à próclise. A colocação proclítica do Vaux na presença de sujeito negativo *ninguém* é sempre legitimada pela presença do marcador negativo *չ – ch* – ‘não’, pois o arménio rege dupla negação e, na presença de um sujeito negativo, o verbo deve estar na sua forma negativa. Porém, a sua proeminência prosódica é legitimada num dado contexto (*e.g.*, (59b)). Ao contrário de (59b), em que não existe possibilidade de dupla interpretação, em (59a) é possível que o sujeito tenha uma leitura de foco contrastivo da frase, sendo prosodicamente destacado pelo enunciador. Contudo, é legítimo atribuir o tom mais elevado ao verbo da oração, mas não ao sujeito negativo, o que explica o uso de ênclise nas estruturas com sujeito negativo em PL2.

Esta particularidade de o sujeito negativo ser ou não o foco contrastivo da oração parece ser partilhada pelas línguas arménia e portuguesa, o que pode explicar ainda o facto de alguns falantes de PL1 (n=2, 12%, na presente investigação) recorrerem, em 62,5%, à ênclise, na presença do sujeito negativo *ninguém*. A variação entre a próclise e a ênclise em português em orações com o sujeito negativo *ninguém* é referida também por Martins (2016; 1994), conforme corroboram Fiéis *et al.* (2023). Martins (2013: 2243) afirma que, nas frases em que, em posição pré-verbal, ocorrem palavras negativas, como *ninguém* ou *nunca*, o carácter negativo da frase é assegurado e mesmo que *não* esteja ausente, a próclise manifesta-se regularmente. O que nos parece legitimar a próclise em estruturas com o sujeito negativo *ninguém* é também a sua particularidade fonológica. O facto de a palavra *ninguém* ser aguda em português resulta na sua proeminência prosódica no ato de fala e, sobretudo se o hospedeiro do pronome clítico o seguir imediatamente, o intervalo prosódico proeminente atrai a próclise do clítico que passou a ser manifestado regularmente. Os falantes de PL2, por sua vez, nos estádios iniciais de aquisição da próclise, não encaram o sujeito negativo como um potencial proclisador por ainda não se terem apropriado das particularidades fonológicas dessa unidade lexical, recorrendo, assim, ainda aos traços da sua L1, na distribuição dos pronomes complemento numa oração e optando ora pela ênclise, ora pela próclise.

Dito isto e resumindo a discussão apresentada relativamente à aquisição da próclise no nível B1 do presente estudo, não pretendemos negar a plausibilidade de os processos de

aquisição em PL1 e PL2 seguirem os mesmos passos, pelo menos para um grupo de falantes de arménio L1 e PL2 deste nível, conforme previsto pela H2. Todavia, o nosso estudo, no nível B1, demonstra evidências mais fortes a favor da H1, no que toca à colocação dos pronomes clíticos do português.

Na tabela 5.7, apresentam-se as escalas de estabilização de próclise, no nível B1, tendo em conta as diferentes perspetivas de análise que já descrevemos, retomando também as escalas previstas pela H1.5 e H2.3. Nas duas colunas de esquerda, a resposta ‘SIM’ com letras maiúsculas indica que há indícios óbvios, enquanto as letras minúsculas assinalam indícios menos óbvios de compatibilidade com a hipótese indicada.

Tabela 5.7. Compatibilidade das escalas de estabilização da próclise com a H1 e com a H2, no nível B1 dos falantes de PL2

Compatibilidade com a hipótese		Escala de aquisição da próclise no nível B1
Pr.1.3	Pr.2.3	
N/A	N/A	Pr.1.3 (H1): Interrogativas qu- ≥ Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores ≥ Quantificadores > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>)
N/A	N/A	Pr.2.3 (H2): Negação > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Sujeitos quantificados
SIM	não	Resultados (B1): Negação > Sujeitos negativos > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) / Quantificador <i>muitos</i> ≥ Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) / Subordinadas completivas (<i>que</i>)
SIM	não	Resultados (B1: excluindo os casos de generalização): Sujeitos negativos ≥ Negação > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) ≥ Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Quantificador <i>muitos</i> > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>)
SIM	não	Resultados (B1: inf.13, inf.31 e inf.26): Negação (inclui sujeitos negativos) > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Quantificador <i>muitos</i> ≥ Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>)
sim	SIM	Resultados (B1: informantes que generalizam/preferem a ênclise): Negação > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Interrogativas qu- / Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) / Quantificador <i>muitos</i> > Subordinadas completivas (<i>que</i>)

É importante ter em conta que a escala de estabilização da próclise apresentada na última linha da tabela 5.7 é próxima à escala de uso da próclise no grupo de controlo (PL1) da presente investigação, retomada em (60).

- (60) **Resultados do grupo de controlo (PL1):** Negação > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) / Interrogativas *qu-* / Orações adverbiais finitas (*onde, quando*) > Sujeitos negativos / Sujeitos quantificados (*poucos, tudo, alguém*) > Subordinadas completivas finitas (*que*) > Subordinadas adverbiais finitas causais (*porque*) > Quantificador *muitos*

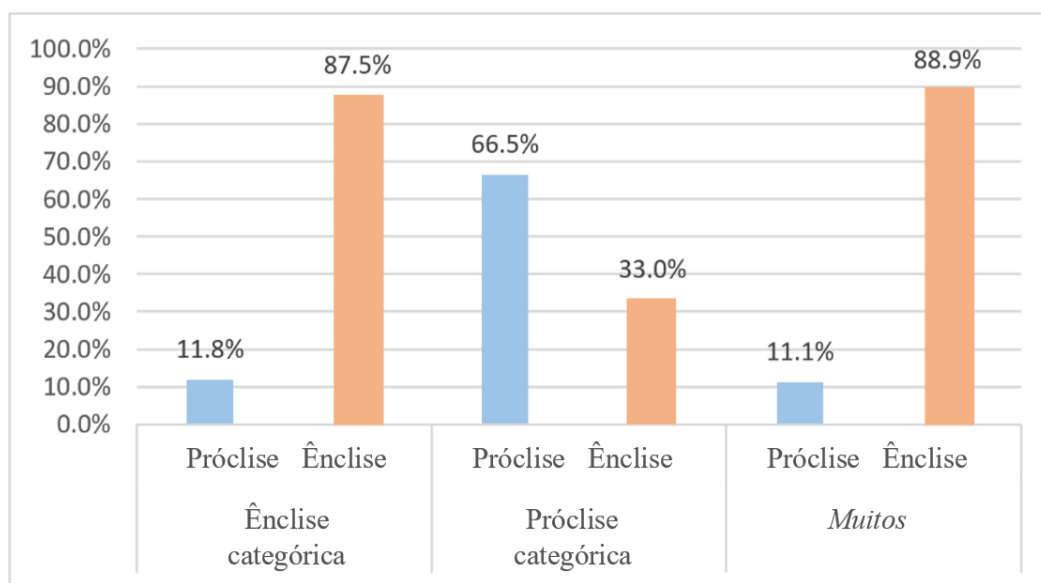
5.2.1.2. Nível B2

No nível B2, o padrão mais utilizado é a próclise, embora ainda haja efeitos de oscilação entre próclise e ênclise – 55,1% vs. 44,4%.

Nos contextos de ênclise categórica, a taxa de próclise, comparativamente com o nível B1 (30,1%), já é significativamente mais baixa (11,8%), tal como se vê, na figura 5.20. Observa-se também uma preferência maior pela colocação enclítica com o quantificador *muitos* (88,9%), em comparação com o nível B1 (62,5%). Pelos vistos, a exposição aos dados linguísticos ajudou os falantes de PL2 a compreender que a ênclise é o padrão básico de colocação dos pronomes clíticos nesta língua, a que estão a recorrer mais vezes quando não detetam nenhum elemento proclisador na frase.

Quanto aos contextos de próclise categórica, encontramos uma inversão do padrão dominante: se, no nível B1, a ênclise ainda era o padrão preferido de falantes de arménio L1 (taxa de próclise: 44,1%), no nível B2, o padrão dominante já é a próclise (66,5%).

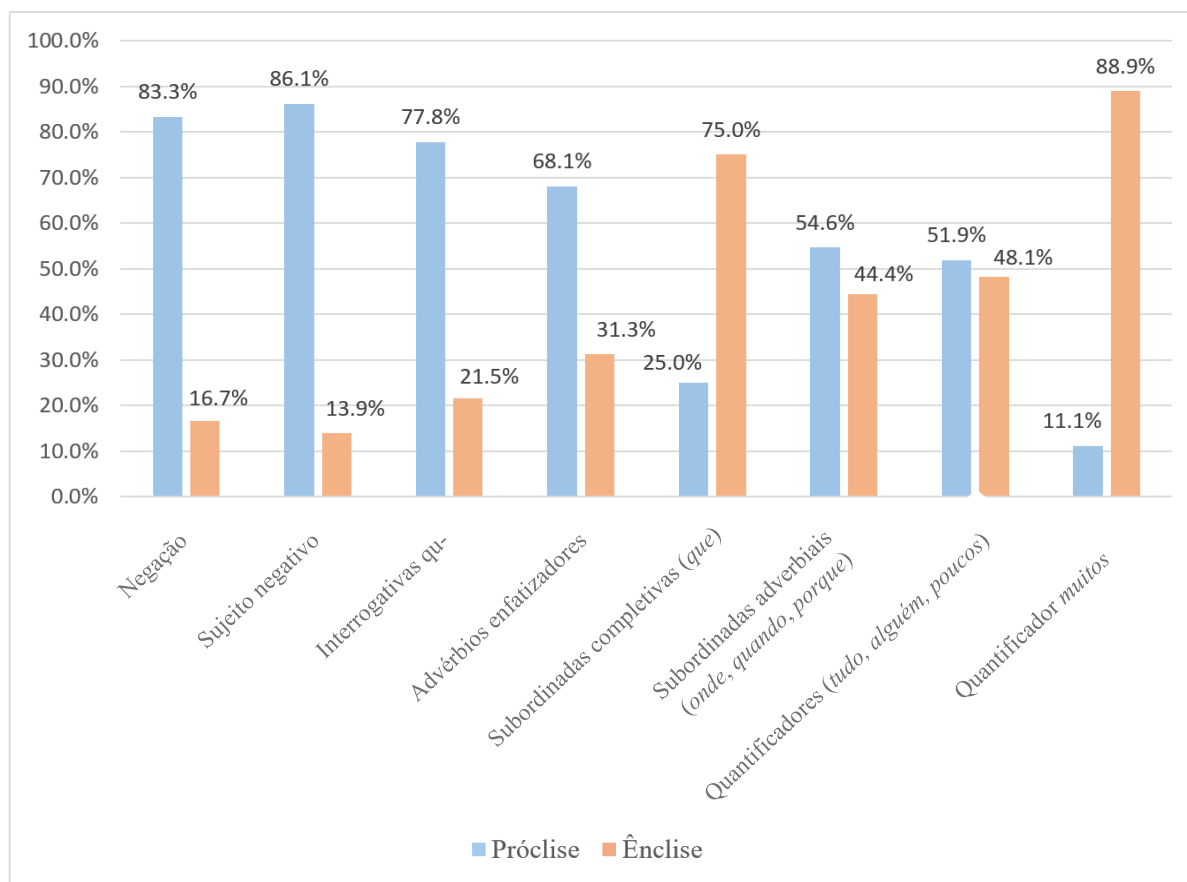
Figura 5.20. Colocação dos pronomes clíticos no nível B2: dados gerais



De uma forma geral, estes dados vão ao encontro da HRT de Lardiere (2009), indicando que, neste nível, há indícios de reconfiguração de traços nas interlínguas dos falantes de PL2. Por outro lado, as alterações dos indicadores (a diminuição da taxa de próclise nas estruturas enclíticas e o aumento da taxa de próclise nas estruturas proclíticas) podem significar que o processo de fixação dos padrões proclíticos de PL2 se aproxima do processo de aquisição de PL1, ocorrendo estabilização gradual de próclise nos contextos obrigatoriamente proclíticos. Tal como fizemos para o nível B1, olharemos para os dados obtidos neste nível com mais detalhe, por forma a compreender que evidências existem a favor de cada hipótese levantada.

De uma perspetiva global, olhando para os contextos de próclise categórica (figura 5.21), nota-se que a próclise se estabelece mais facilmente nas estruturas com os sujeitos negativos (próclise: 86,1%), nos contextos de negação (próclise: 83,3%), nas interrogativas parciais (próclise: 77,8%) e de seguida, nas estruturas com advérbios enfatizadores, em posição pré-verbal (próclise: 68,1%), nos quais, já no nível B1, os falantes de PL2 demonstravam oscilação entre a próclise e a ênclise. As estruturas com os sujeitos quantificados (próclise: 51,9%) e as orações subordinadas adverbiais (próclise: 54,6%) continuam a ser mais problemáticas, observando-se, nelas, certo equilíbrio entre a próclise e a ênclise. Já as estruturas que geram mais dificuldades, do ponto de vista de aquisição de próclise, tal como no nível B1, são as estruturas de subordinadas completivas (próclise: 25%).

Figura 5.21. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica e na presença do quantificador muitos, no nível B2



Comparando os resultados do nível B2 com os do nível B1, da perspectiva de aquisição da próclise, chegamos a três observações importantes²²⁷: (i) enquanto nas estruturas de negação, nas interrogativas parciais e na presença dos advérbios enfatizadores há uma diferença significativa entre as taxas de próclise entre os níveis B1 e B2, a oscilação entre a próclise e a ênclise persiste até ao nível B2, na presença dos quantificadores *poucos*, *tudo*, *alguém* e nas subordinadas adverbiais; (ii) a taxa de desvio nas subordinadas completivas é ainda muito grande e semelhante nos níveis B1 (70,3%) e B2 (75%); (iii) a escala de aquisição da próclise é quase idêntica nos níveis B2 ((61a)) e B1 ((61b)).

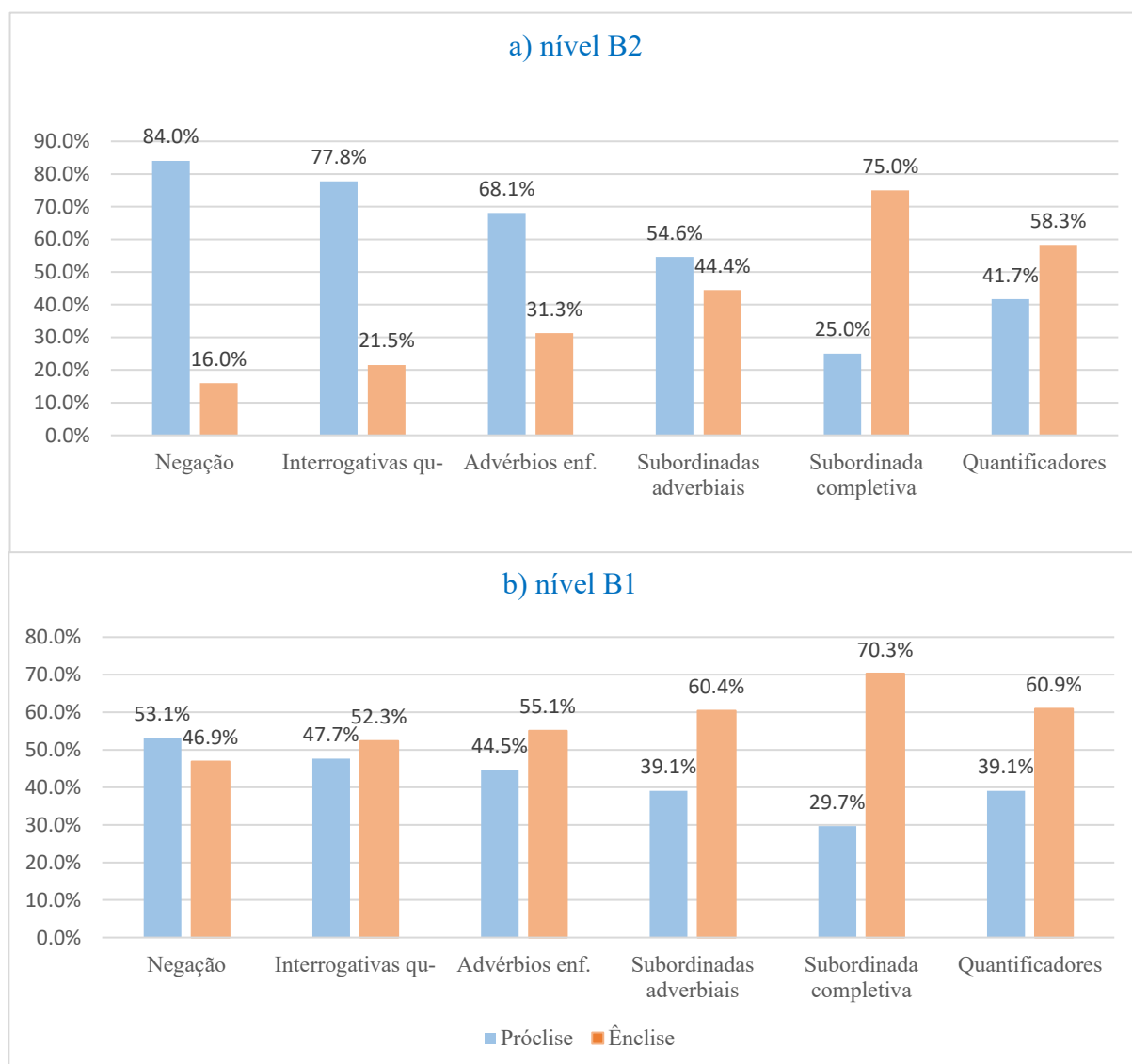
²²⁷ Para a comparação dos resultados, teremos em base os dados gerais do nível B1, sem excluir os casos de generalização, porque o padrão de aquisição de próclise revelou-se praticamente idêntico, mesmo após termos excluído os casos de falantes que generalizam a próclise ou a ênclise. De qualquer forma, os resultados no nível B1 foram discutidos de ângulos diferentes que permite ao leitor, caso pretenda, comparar os resultados do nível B2 com os do nível B1 de uma forma livre e das perspectivas diferentes.

- (61) a. **Resultados (B2):** Sujeitos negativos > Negação > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > **Quantificadores** (*poucos, tudo, alguém*) / Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Subordinadas completivas (*que*) > **Quantificador *muitos***
- b. **Resultados (B1):** Negação > Sujeitos negativos > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > **Quantificadores (inclusive *muitos*)** ≥ Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) / Subordinadas completivas (*que*)

Assim, a escala de aquisição da próclise no nível B2 ((61a)) também corrobora a H1 que previa aquisição mais tardia da próclise nas subordinadas completivas e adverbiais, bem como nas orações com sujeitos quantificados. Destes últimos, deve-se uma maior atenção às estruturas de subordinação introduzidas com o complementador *que*, nas quais a próclise, caso os processos de aquisição em PL1 e PL2 seguissem passos semelhantes, deveria ser adquirida mais cedo, a par com os contextos de negação e de interrogativas parciais.

A próclise na presença de quantificadores, num cenário de aquisição em PL1 e PL2 seguir um trajeto semelhante, deveria ser estabilizada em último lugar, enquanto os resultados do nível B2, tal como no nível B1, demonstram que a próclise nessas estruturas é adquirida antes das orações subordinadas introduzidas pelo complementador *que* e em paralelo com as subordinadas adverbiais. Sobressai desse padrão apenas o quantificador *muitos*, a próclise na presença do qual é adquirida em último lugar. Porém, esse padrão seria expectável, por, conforme referido (§5.1.2.1), nas estruturas testadas, ao quantificador *muitos* possivelmente ser atribuída uma leitura [+referencial], sem a possibilidade de próclise. Por isso, o quantificador *muitos*, tal como justificamos nos capítulos anteriores, está a ser analisado separadamente dos outros quantificadores. Uma vez que esse quantificador é um dos mais problemáticos para a aquisição dos padrões de próclise (ver Martins, 2013), em primeiro lugar, pode surgir a dúvida de ser a separação deste quantificador a influenciar os resultados aqui apresentados. Mesmo se juntarmos o quantificador *muitos* aos outros quantificadores, não se observarão diferenças significativas nas escalas de aquisição da próclise nos níveis B1 e B2. As orações subordinadas introduzidas pelo complementador *que* continuam a ocupar a última posição na escala de estabilização da próclise. No nível B1 também, mesmo neste cenário, a aquisição da próclise nas estruturas com os sujeitos quantificados não ocorre em último lugar (ver a figura 5.22).

Figura 5.22. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica, analisando o quantificador *muitos* juntamente com os outros



A única diferença que se nota é a maior variação entre as taxas de próclise nas subordinadas adverbiais e nas estruturas com sujeitos quantificados. No nível B1 (figura 5.22 b)), essa diferença é praticamente inexistente, enquanto no nível B2 (figura 5.22 a)) notamos uma diferença de 13,9% entre elas, ocorrendo a aquisição de próclise com os sujeitos quantificados em último lugar, caso tiremos da consideração as subordinadas completivas. Isso permite-nos pensar que a escala de aquisição de próclise do nível B2 tem alguns pontos em comum com a escala prevista pela H2 (ver (62)), i.e., a próclise está a ser adquirida mais cedo nas orações subordinadas adverbiais que nas estruturas com sujeitos quantificados.

- (62) a. **Resultados (B2: juntando o quantificador *muitos* aos outros):** Negação (inclui sujeitos negativos) > Interrogativas *qu-* > Advérbios enfatizadores $\geq$ **Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Quantificadores (*tudo, poucos, alguém, muitos*) > Subordinadas completivas (*que*)**
- b. **Predição 2.3 (H2):** Negação > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (*que*) > Interrogativas *qu-* / Advérbios enfatizadores (*já, até, ainda, só*) > **Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Sujeitos quantificados (*tudo, poucos, alguém, muitos*)**

Apesar de existirem estes indícios que legitimam a escala sugerida pela H2, este fenómeno é explicável também à luz da H1. Na fase de reconfiguração, que é um processo gradual, à luz da HRT de Lardiere (2009), conforme defendem Shimanskaya e Slabakova (2015), é expectável que a exposição ao *input* tenha possibilitado aos aprendentes de L2 encontrarem novas propriedades e recursos não instanciados na sua L1, que os ajudarão a fixar os valores da L2. Se olharmos para as taxas dos padrões de colocação dos clíticos, nas subordinadas adverbiais, podemos registar uma inversão das taxas da próclise e da ênclise entre os níveis B2 e B1, o que provavelmente indica que os falantes do nível B2, através de exposição ao *input*, reconfiguraram (estão no processo de reconfiguração) (d)os traços da L1 e já têm maior conhecimento sobre as regras de colocação dos pronomes clíticos do português nas subordinadas adverbiais. Talvez a aquisição de próclise nas interrogativas parciais tenha resultado como um efeito facilitador na aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais, pois, em português, uma parte dos complementadores subordinados são homónimos aos pronomes/advérbios interrogativos (*e.g., quando, onde, quem, porque*)²²⁸. Como resultado, as subordinadas adverbiais devem ter subido na escala de aquisição de próclise, ultrapassando as estruturas com sujeitos quantificados e as subordinadas introduzidas pelo complementador *que*.

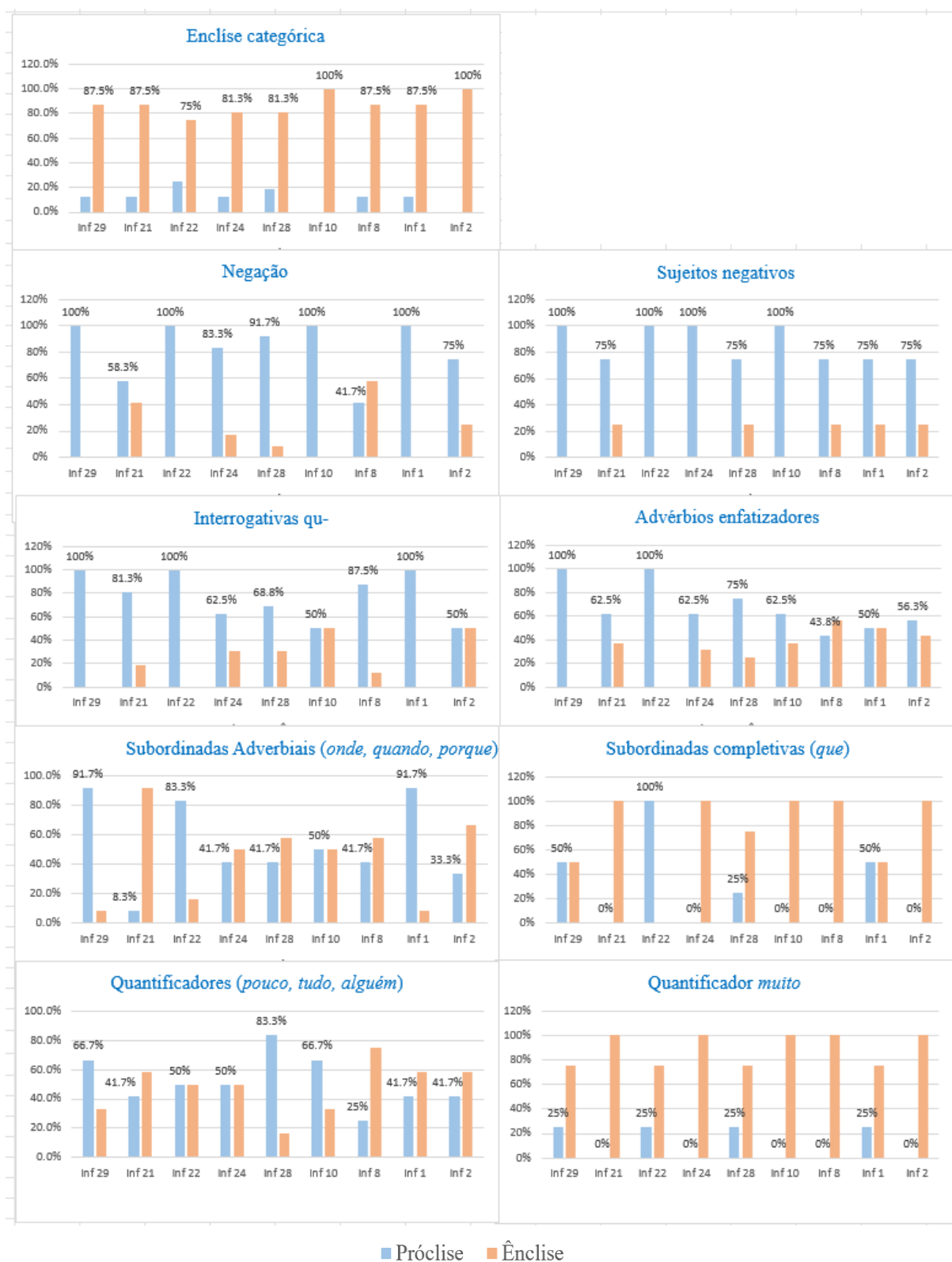
Assim, da perspetiva global, no nível B2 identicamente ao nível B1, até a este ponto, mesmo havendo indicadores que aproximem a escala de aquisição de próclise à prevista pela H2, o impacto de arménio L1 é significativo.

²²⁸ O mesmo fenómeno foi notado no nível B1. Será, portanto, importante, em investigações futuras, analisar a aquisição de próclise nas subordinadas introduzidas por complementadores não homónimos aos pronomes e advérbios interrogativos.

Conforme referimos, caso excluamos as subordinadas completivas da nossa análise, pode ser argumentado que as escalas de aquisição em PL1 e PL2 são praticamente idênticas. Se nos contextos de negação, interrogativas parciais e de advérbios enfatizadores, a sequência de aquisição de próclise é praticamente a mesma à luz da H1 e da H2, por o arménio e o português partilharem características em comum (voltaremos a essa questão no subcapítulo 5.3), uma chave para resolver o problema ‘H1 ou H2’ pode estar na análise mais detalhada dos padrões de colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com os sujeitos quantificados (a que dedicaremos a subsecção 5.2.1.4) e nas orações subordinadas (a que voltaremos na subsecção 5.2.1.5). Antes disso, importa ainda olharmos para os dados do nível B2 da perspetiva individual e para os resultados do nível C1.

No nível B2, ao nível individual, os resultados (figura 5.23) fornecem-nos algumas pistas interessantes.

Figura 5.23. Colocação dos pronomes clíticos, no nível B2, de uma perspectiva individual



O inf.8, nas estruturas de ênclise obrigatória, demonstra preferência pela ênclise (ênclise: 87,5%), mas nas estruturas de próclise categórica (próclise: 48,7%; ênclise: 51,3%), apresenta resultados próximos aos do nível B1, onde, no caso de alguns informantes, se observou uma oscilação entre a próclise e ênclise em quase todos os contextos de próclise obrigatória. Além das interrogativas parciais (próclise: 87,5%) e das estruturas com o sujeito negativo (próclise: 75,0%), este falante recorre mais vezes à ênclise, nas outras estruturas de próclise categórica, apresentando oscilação entre próclise e a ênclise e, logo, desvios de colocação significativos.

O caso do inf.21, embora também demonstre um equilíbrio entre o uso da próclise e da ênclise nos contextos proclíticos (próclise: 51,3%; ênclise: 48,7%), é um pouco diferente. Este falante de PL2, que prefere ênclise nas estruturas de ênclise categórica (ênclise: 87,5%), recorre mais vezes à próclise nos contextos de negação (próclise: 58,3%), inclusive com os sujeitos negativos (próclise: 75,0%), nas interrogativas parciais (próclise: 81,3%) e nas estruturas com os advérbios enfatizadores (próclise: 62,5%), demonstra algum equilíbrio entre a próclise e a ênclise (a próclise é utilizada mais vezes) nas frases com quantificadores na posição pré-verbal (próclise: 47,1%), aceita (quase) exclusivamente o padrão enclítico nas orações subordinadas (adverbiais (próclise: 8,3%) e completivas (próclise: 0%)), o que é explicável como fruto de transferência dos traços da sua L1.

Os resultados do inf.2, que apresenta uma taxa absoluta de precisão nas estruturas de ênclise categórica (ênclise: 100%), nas estruturas de próclise obrigatória, diferem significativamente dos demonstrados pelo inf.21 apenas no que toca às interrogativas parciais e certamente às subordinadas adverbiais. Se o inf.21, nas interrogativas *qu-*, apresenta uma taxa alta de próclise, o inf.2, nestas estruturas, oscila entre próclise (50%) e ênclise (50%). Nas subordinadas adverbiais, o inf.21 recorre quase absolutamente à ênclise (91,7%), e o inf.2 prefere a ênclise em 66,7% dos itens testados, o que é explicável à luz da transferência dos traços da sua L1.

São ainda mais curiosos os resultados do inf.10, que domina as regras de colocação de clíticos, tanto nas declarativas simples e interrogativas globais (ênclise: 100%), como nos contextos de negação, inclusive sujeitos negativos (próclise: 100%), enquanto, nas subordinadas introduzidas pelo complementador *que*, a ênclise é a sua única opção. Este informante demonstra preferência pela próclise também nas estruturas com os quantificadores *poucos*, *tudo* e *alguém* (próclise: 66,7%) e advérbios enfatizadores, em posição pré-verbal (próclise: 62,5%), mas nas interrogativas *qu-* e nas subordinadas adverbiais, tal como o inf.2, oscila entre a ênclise e a próclise (próclise: 50%).

A aquisição de próclise nas interrogativas parciais revelou-se problemático para quase metade dos informantes do nível B2, quando, tanto à luz da H1 (influência da L1), como da perspectiva de H2 (PL1=PL2), não era expectável que estas estruturas gerassem dificuldades para os falantes do grupo PL2, nos níveis intermédios, quando já demonstram estabilização de próclise nas estruturas de negação²²⁹.

Estamos perante um fenómeno bastante interessante, no qual, em simultâneo, se observa influência tanto da L1 como da L2, característico para o estágio de Reconfiguração, a que chamaremos ‘dupla generalização’. Conforme já referimos anteriormente, alguns pronomes e advérbios interrogativos, nas subordinadas adverbiais perdem o seu traço [+interrogativo] e funcionam como conjunções que as introduzem. Ora, se há pouco sugerimos a possibilidade de a aquisição do estatuto proclisador dos pronomes e advérbios interrogativos resultar como um efeito facilitador, acelerando o processo de aquisição da próclise nas subordinadas adverbiais, aqui parece estarmos perante o fenómeno contrário. Os traços de arménio L1 no que toca à colocação de clíticos nas subordinadas adverbiais, sendo transferidos para o PL2 no estágio de Mapeamento, já no estágio de Reconfiguração de traços, quando o falante de PL2 já detetou semelhanças entre a colocação de clíticos na presença de proclisadores (*e.g., quando, onde, porque*, entre outros), podem ter resultado como um efeito negativo que influencia a fixação do valor proclisador dos pronomes e advérbios interrogativos homónimos nas interrogativas parciais. Por outras palavras, o facto de os complementadores não serem proclisadores em arménio influencia para que os seus homónimos – pronomes e advérbios interrogativos em português – também sejam vistos como não proclisadores por falantes de arménio L1. Ao mesmo tempo, a aquisição da próclise nas interrogativas parciais deve fazer com que estes falantes reconfigurem os traços associados à distribuição dos clíticos nas subordinadas adverbiais, aumentando a taxa da próclise nestas estruturas. A sobreposição destas duas generalizações que ocorrem em simultâneo, nas interlínguas de falantes de arménio L1 e PL2, resulta numa oscilação entre próclise e ênclise, tanto nas interrogativas parciais, como nas subordinadas adverbiais.

De uma forma simples, à luz de transferência positiva de arménio L1, nas interrogativas parciais, a próclise deveria ser o padrão preferido para os falantes PL2, mas, fruto de transferência negativa, que resulta numa taxa maior de ênclise nas subordinadas adverbiais, os falantes de arménio L1 e PL2 começam a oscilar entre próclise e ênclise nestas estruturas.

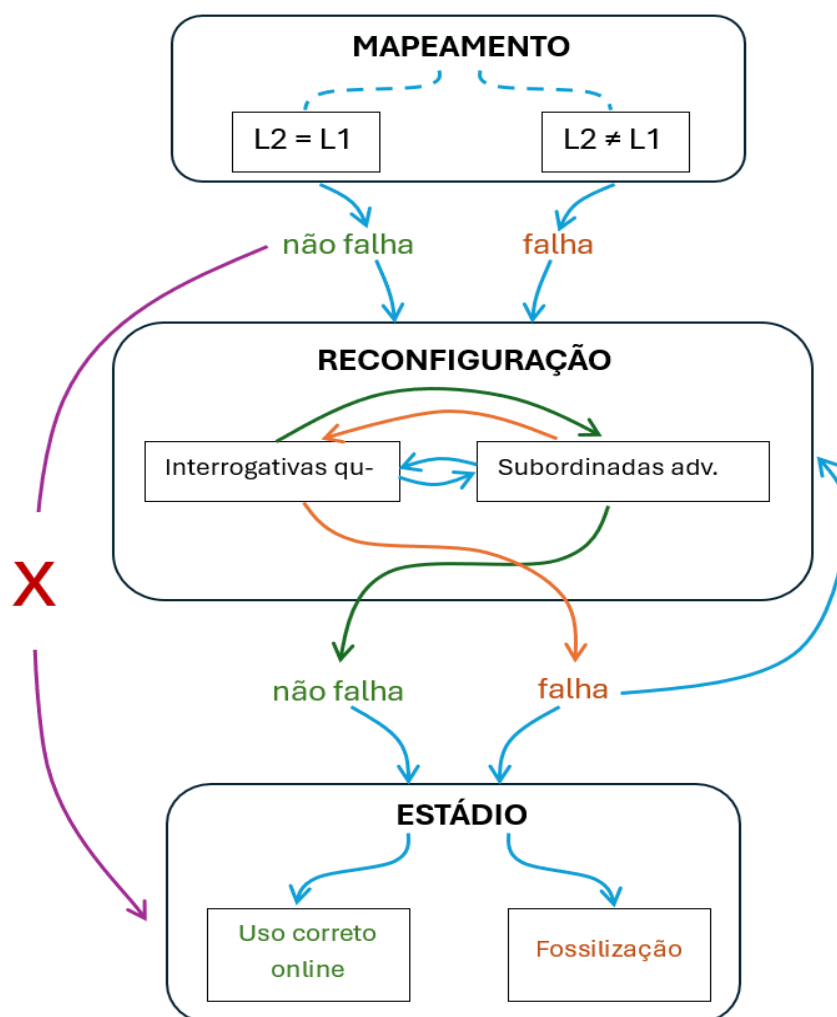
²²⁹ Nos níveis iniciais de aquisição, oscilação entre a próclise e ênclise é esperado nestas estruturas, porém, a par com os outros contextos, nomeadamente, declarativas simples, estruturas de negação.

Quando a exposição ao *input* os ajuda a compreender que o padrão utilizado nas interrogativas parciais em português é a próclise, reconfiguram os traços de colocação nas subordinadas adverbiais, o que também resulta na oscilação entre a próclise e a ênclise nestas estruturas. Este ciclo decorre no estágio de Reconfiguração de traços sugerida pela HRT. O papel do *input* é fulcral neste processo, para que a reconfiguração não falhe e o falante de L2 passe para o estágio de Uso correto online, sugerido por Shimanskaya e Slabakova (2015), como a última etapa de desenvolvimento no modelo de HRT. É expectável, portanto, que nos níveis mais avançados, em primeiro lugar, ocorra aquisição da próclise nas interrogativas parciais, (i.e., desapareça o efeito de transferência negativa dos traços de colocação nas subordinadas adverbiais), após a qual a taxa de próclise nas subordinadas adverbiais subirá, resultando, mais tarde, também na aquisição completa de próclise nestas últimas estruturas. Isso será a etapa intercalar do fenómeno de generalização dupla. Na última etapa do fenómeno de generalização dupla, deverá haver aquisição de próclise, tanto nas interrogativas parciais, como nas subordinadas adverbiais, ou, caso a reconfiguração falhe nessa última etapa, fossilização nas subordinadas adverbiais²³⁰.

Na figura 5.24, apresentamos o ciclo de aquisição de próclise nas interrogativas qu- e nas subordinadas adverbiais, quando ocorre sobreposição de traços, tanto na L1, quanto na L2.

²³⁰ A fossilização das interrogativas parciais, pelo menos com taxas altas, não é expectável, pois tanto em arménio, como em português a colocação de clíticos nas interrogativas parciais é proclítica. Porém admitimos que uma parte de falantes de arménio L1 e PL2 pode continuar a demonstrar desvios na colocação dos pronomes clíticos, nas interrogativas parciais, por o arménio aceitar tanto a posição pré- como a posição pós-verbal dos pronomes pessoais.

Figura 5.24. Ciclo de aquisição da próclise nas interrogativas qu- e nas subordinadas adverbiais: efeito de dupla generalização



É curioso que, se o mapeamento de traços não falhar, i.e., se o falante encontrar correspondência entre os traços da L2 e da L1, teoricamente, através de transferência positiva, a sua gramática deverá passar para o último estágio de aquisição, i.e., para o Uso correto online, mesmo necessitando algum tempo adicional para isso (ver a discussão de Shimanskaya e Slabakova (2015)). Contudo, mesmo quando se deteta correspondência de traços entre a L2 e a L1, o falante não contorna a etapa de reconfiguração, e nesta fase, a transferência negativa de traços de uma outra categoria bloqueia a passagem para o estágio final de aquisição, obrigando a reconfiguração/revisão dos traços que não precisavam de ser reconfigurados, i.e., mediada pela transferência negativa, ocorre uma ‘reconfiguração invertida ou negativa’ de traços, originando taxas altas de desvio não expectáveis nas interrogativas parciais.

Como explicar esse fenómeno?

Uma abordagem pode ser a assunção de que neste caso específico se trata de mapeamento de traços equivalentes, mas em categorias sintáticas diferentes em arménio L1 e PL2. A colocação de clíticos nas interrogativas parciais, em questão, apresenta características idênticas em arménio e em português, conforme anteriormente explicitámos; porém, trata-se de clíticos de classe gramatical diferente – Vaux *vs.* pronomes pessoais. Como notam Shimanskaya e Slabakova (2015), se os traços linguísticos são assumidos como reflexos de categorias universais cognitivas, qualquer traço novo, não instanciado na L1, pode ser adquirido na L2, desde que seja detetável no *input*. Os traços sintáticos de clíticos nas interrogativas parciais em arménio e em português são idênticos, logo, não novos para a L2. Porém, podem ser dificilmente detetados no *input*, pois, tal como prevê Lardiere (2009), os aprendentes de uma L2, no estágio de Mapeamento, tendem associar os traços específicos instanciados na sua L1 aos seus equivalentes lexicais mais próximos. Portanto, os traços sintáticos de clíticos, embora façam parte da gramática mental de falantes de arménio L1, podem não ser detetáveis por eles no estágio de Mapeamento, por não serem associados aos pronomes pessoais – fortes e de distribuição sintática livre, mas ao Vaux do arménio. Deste modo, o estágio de Mapeamento pode falhar por não haver correspondência entre os traços sintáticos de pronomes pessoais entre a L1 e L2, lexicalmente equivalentes.

De qualquer forma, observam-se indícios de aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos, nas interrogativas parciais, em PL2, para metade dos informantes do nível B2, o que é evidência de que esses informantes estão no estágio (caso ainda apresentem desvios (*e.g.*, inf.8, inf.21)) / ultrapassaram o estágio de Reconfiguração (caso não apresentem desvios (*e.g.*, inf.29, inf.22, inf.1)), como resultado de (i) exposição aos dados linguísticos na L2 e/ou (ii) deteção de traços equivalentes na L1 e na L2, no estágio de Mapeamento. Para a validação desta última possibilidade, estudos futuros serão necessários.

Se o estágio de Reconfiguração dos traços falhar, o falante ficara estagnado nele, havendo duas possibilidades (i) fossilização, que, tal como o estágio de Uso correto online, corresponderá ao estágio final de aquisição, ou (ii) uma constante revisão de traços até a reconfiguração não falhar e o falante de PL2 passar para o último estágio, bem-sucedido, de aquisição. Para o modelo HRT, sugerimos, assim, considerar o fenómeno de fossilização, como último estágio de desenvolvimento, não sucedido, a par com o estágio de Uso correto online, sugerido por Shimanskaya e Slabakova (2015) (figura 5.24), tendo em conta que nem todos os aprendentes conseguem adquirir as propriedades de L2 na idade adulta.

Portanto, apesar de os dados dos inf.21 e inf.2, em números absolutos e globais (que se referem à distribuição da próclise e da ênclise ao nível de todos os contextos testados),

demonstrarem uma nítida oscilação entre próclise e ênclise (inf.21 – próclise: 51,3%; ênclise: 48,7%; inf.2 – 50% da próclise vs. 50% da ênclise), em contrapartida com o inf.8, que ainda demonstra maiores indicadores de efeitos da L1, permitem-nos pensar que os inf.21 e inf.2 se encontram num estágio diferente de aquisição do inf.8, que também oscila entre próclise e ênclise. Na interlíngua dos inf.21 e inf.2, existe uma sobreposição dos traços de L1 e L2 que indica uma fase mais avançada de reconfiguração de traços, enquanto a grande maioria das escolhas do inf.8 podem ser explicáveis apenas pela influência de arménio L1. A interlíngua dos inf.2, inf.21 e mais ainda do inf.10 são, assim, mais próximas às gramáticas de falantes nativos, no que toca à utilização da próclise em português.

Os inf.24 e inf.28 também, apesar de uma taxa baixa de ênclise ainda (correspondentemente 16,7% e 8,3%), nas estruturas de negação (incluindo os sujeitos negativos, no caso do inf.28 – 25,0%), apresentam fixação de próclise nestes contextos, mas a situação nas subordinadas adverbiais e interrogativas parciais é parecida com a descrita no caso dos inf.10 e inf.2, i.e., as taxas de próclise ainda relativamente mais baixas nas interrogativas parciais (inf.24: 62,5%; inf.28: 68,8%), em paralelo com a oscilação nas subordinadas adverbiais (inf.24: próclise: 41,7%; ênclise: 50,0%²³¹; inf.28: próclise: 41,7%; ênclise: 58,3%), eventualmente resultam do fenómeno de dupla generalização.

No padrão de uso de próclise apresentado pelo inf.1, que demonstra uma grande precisão de colocação dos pronomes clíticos nas declarativas simples, interrogativas globais (ênclise: 87,5%) e parciais (próclise: 87,5%), nas estruturas de negação (próclise: 100%) e nas subordinadas adverbiais (próclise: 91,7%), encontramos oscilação entre a próclise e ênclise, nas subordinadas introduzidas pelo complementador *que* (próclise: 50%; ênclise: 50%), nas estruturas com os quantificadores (próclise: 41,7%; ênclise: 58,3%) e com os advérbios enfatizadores na posição pré-verbal (próclise: 50%; ênclise: 50%), o que é explicável à luz da influência de arménio L1. Este informante apresenta taxas altas de próclise tanto nas interrogativas parciais (próclise: 100%), como nas subordinadas adverbiais (próclise: 91,7%), o que indica que o estágio de Reconfiguração não falhou e a nossa predição de aquisição de próclise nas interrogativas *qu-* e nas subordinadas adverbiais ser um processo interligado é correta. Os poucos desvios nas subordinadas adverbiais podem ser efeito de arménio L1 ou demonstrar que o informante necessita de algum tempo adicional para o uso correto no processamento online de língua, sugerida por Shimanskaya e Slabakova (2015). Apesar de o inf.1 ser um dos poucos em cujas produções linguísticas (semi)espontâneas encontramos um

²³¹ Este informante apresenta taxa de abandono de tarefa de 8,3%.

número considerável de uso dos pronomes clíticos (n=34), apenas em um caso o uso de pronome clítico ocorre nas estruturas em análise – nas interrogativas parciais, que, obviamente, não nos permite tirar conclusões quanto à razão de desvios observáveis nas subordinadas adverbiais.

Assim, de uma forma geral, no nível B2, observa-se uma correlação entre o uso da próclise nas interrogativas parciais e subordinadas adverbiais: quando um aprendente de PL2 demonstra uma maior precisão na colocação proclítica num destes contextos linguísticos, noutro são também observáveis taxas altas de acerto, sendo o contrário também verdade. Apenas no caso de dois falantes (inf.21 e inf.8) não se verificou essa correlação, observando-se um efeito maior da L1 na colocação de clíticos nas subordinadas adverbiais, mas segundo justificamos, as gramáticas destes informantes, sobretudo a do inf.8, apresentam nítidos traços de arménio L1 e ainda se afastam consideravelmente das gramáticas de falantes nativos de português.

Portanto, entre os informantes do nível B2 do nosso estudo, encontramos dois tipos de falantes quanto à aquisição de próclise nas interrogativas qu- e subordinadas adverbiais: (i) os que demonstram sinais do fenómeno de dupla generalização (inf.10, inf.2, inf.1, inf.29, inf.24, inf.28) e (ii) os que se baseiam apenas nos traços de arménio L1 (inf.21, inf.8). Podemos separar os informantes do grupo (i) em dois subgrupos: (a) os que têm taxas altas de precisão em ambas as estruturas (inf.1, inf.29), tendo ultrapassado a fase de dupla generalização e (b) os que estão na fase de dupla generalização, mas ainda recorrem aos traços da L1, uns mais (inf.10, inf.2), outros menos (inf.24, inf.28). Entre todos, os falantes do primeiro subgrupo do grupo (i) encontram-se mais a frente na aquisição da próclise nas estruturas em questão²³².

No nível B2, o caso do inf.29 é particularmente interessante (93,8% de precisão nas estruturas da próclise obrigatória). Este falante, tal como o inf.26 do nível B1, referiu ter estudado as regras de colocação proclítica pouco tempo antes da realização do teste solicitado e mencionou saber uma lista de proclisadores categóricos. Supomos, assim, a razão dessa alta precisão se prender o efeito imediato de explicitação de estrutura na L2.

²³² O caso destes dois informantes (inf.1 e inf.29) poderá ser discutido separadamente, mas a razão que os incluímos neste grupo é o facto de ambos terem desvios significativos nas subordinadas completivas. Se a precisão alta de colocação nas interrogativas parciais e nas subordinadas adverbiais fosse indicação de que a aquisição da próclise, no caso deles, ocorre em semelhança com o PL1, não seria expectável que ainda apresentassem desvios nas subordinadas introduzidas pelo complementador *que*. Assim, defendemos a ideia de que a reconfiguração dos traços nas interrogativas parciais e subordinadas adverbiais não falhou, permitindo os falantes passarem para a última fase de aquisição e apresentem taxas altas da próclise nestas estruturas.

De qualquer forma, tal como no caso do inf.26, do nível B1, o inf.29, a par com os desvios de colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de ênclise categórica (próclise: 12,5%), ainda apresentava desvios consideráveis nas subordinadas completivas (ênclise: 50%) e nas orações com sujeitos quantificados (33,3%). Se os desvios nestas últimas estruturas podem ser tanto fruto do efeito da L1 (H1), como ser causados pela complexidade do *input* da L2 (H2)²³³, os desvios nas subordinadas introduzidas pela conjunção *que*, tal como os nas declarativas simples, são expectáveis sobretudo da perspectiva de influência da sua L1.

Aliás, as orações subordinadas introduzidas pelo complementador *que*, no nível B2, do ponto de vista da fixação do valor proclítico, são problemáticas para todos os falantes, com exceção do inf.22. Este informante é o único a demonstrar precisão absoluta na colocação de clíticos nos contextos de próclise categórica, com exceção das estruturas com sujeitos quantificados e das subordinadas adverbiais, confirmando, assim a escala de aquisição predita pela H2 ((63)).

- (63) a. **Resultados Inf.22 (nível B2):** Negação > Sujeitos negativos / Subordinação completiva (*que*) > Interrogativas *qu-* / Advérbios enfatizadores > Subordinação adverbial (*porque, onde, quando*) > Sujeitos quantificados
- b. **Predição 2.3 (H2):** Negação > Sujeitos negativos / Subordinação completiva (*que*) > Interrogativas *qu-* / Advérbios enfatizadores > Subordinação adverbial (*porque, onde, quando*) > Sujeitos quantificados

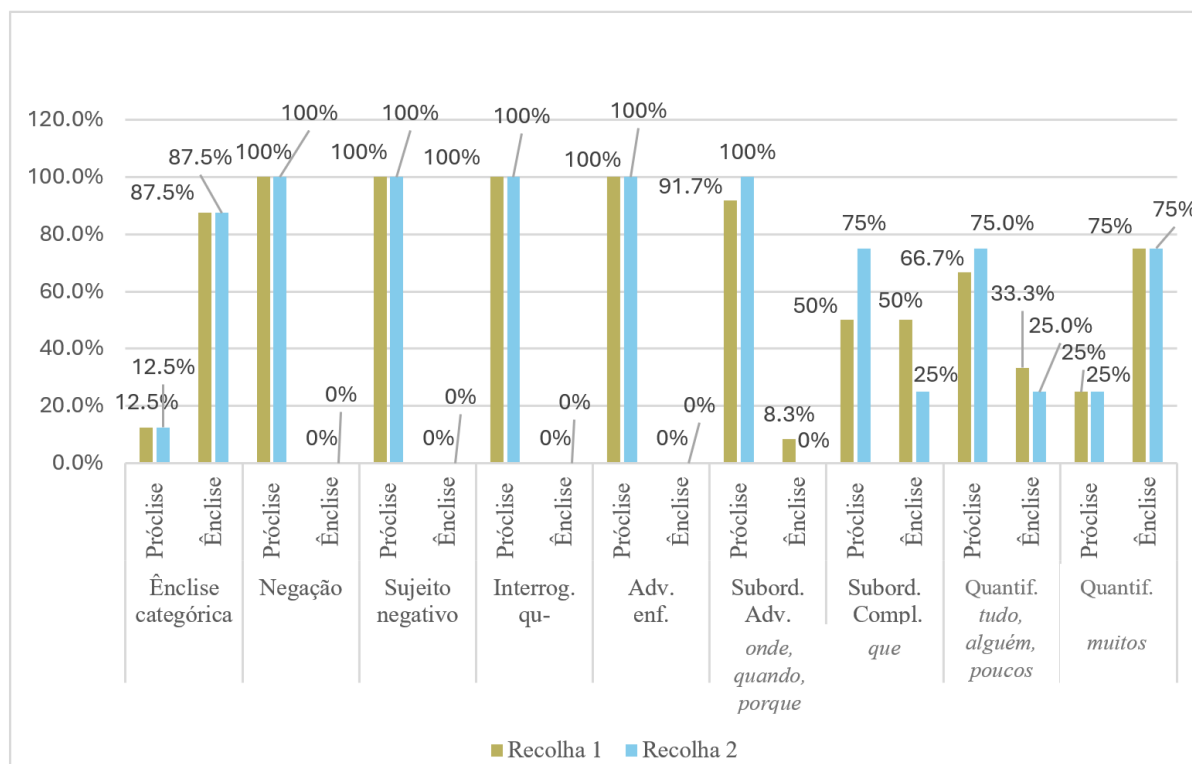
Mesmo assim, nas produções provocadas do inf.22, o efeito da L1 ainda é sentido, pois nos contextos de ênclise categórica, identicamente ao inf.29, recorre a próclise (25%), o que não é expectável na aquisição de PL1 e que não aconteceu no grupo de controlo da presente investigação.

Por os resultados do inf.22 e inf.29 (e de certo modo, do inf.1) demonstrarem padrões semelhantes quanto à aquisição de próclise em vários contextos e por haver uma condição que os unia – o acesso ao ensino explícito, porém, com uma diferença significativa entre as idades da primeira exposição ao português (inf.22: 18 anos; inf.29: 31 anos), e outro que os separava – o tempo de exposição desigual ao português (inf.22: 26 anos, inf.29: 4 anos), ambas

²³³ Os padrões de próclise, nas estruturas com os sujeitos quantificados, serão analisados mais detalhadamente na ótica da H1 e da H2, na subsecção 5.2.1.4.

relevantes para o nosso estudo (ver o capítulo 3), solicitámos ao inf.29 a repetição do teste de elicitación, com uma diferença de 38 meses entre as duas recolhas de dados²³⁴. A figura 5.25, apresenta os resultados das duas recolhas de dados junto do inf.29.

Figura 5.25. Resultados das duas recolhas de dados com o inf.29 do nível B2



Conforme demonstra a figura 5.25, o inf.29, três anos depois, continua a ter desvios nas estruturas de ênclise categórica (12,5%) e a apresentar taxas de precisão absoluta nas estruturas de negação (inclusive com os sujeitos negativos), nas interrogativas qu- e nas estruturas com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal. Os resultados da segunda recolha demonstram avanço na aquisição de próclise, nas subordinadas completivas (próclise: 1.^a recolha: 8,3%; 2.^a recolha: 0,0%), o que confirma a nossa predição sobre o fenómeno de ‘dupla generalização’, de que a aquisição completa de próclise nas interrogativas parciais resultaria na aquisição completa de próclise também nas subordinadas adverbiais, nos estádios mais avançados de aquisição de PL2. O avanço na estabilização de próclise é notável também nas subordinadas completivas (próclise: 1.^a recolha: 50%; 2.^a recolha: 75%) e nas estruturas com quantificadores *poucos*, *tudo* e *alguém* (próclise: 1.^a recolha: 66,7%; 2.^a recolha: 75%).

²³⁴ Temos conhecimento de que o inf.29, durante esse período todo não tinha tido mais acesso ao ensino explícito.

A comparação dos resultados do inf.29 entre as duas recolhas, confirma, já da perspectiva da análise longitudinal, que a aquisição de próclise ocorre gradualmente, mas, no caso deste falante de PL2, não se observa nenhuma diferença entre a escala de estabilização de próclise, em que continuamos a notar o efeito de arménio L1, embora menos, com o aumento de exposição ao *input*. A diminuição do efeito da L1, aparentemente, faz com que a escala de aquisição de próclise em PL2 se aproxime dos padrões observados em PL1. Além disso, os resultados deste informante vêm mostrar que o acesso ao ensino explícito é um fator importante para a aquisição bem-sucedida na idade adulta. Ao ensino formal, bem como aos outros fatores que julgamos serem cruciais na aquisição de PL2, daremos mais atenção na secção 5.2.3.1.

A tabela 5.8, baseando-se nos dados do nível B2 apresentados a nível individual, demonstra a escala de aquisição de próclise para cada falante, referindo a possibilidade de compatibilidade com cada hipótese levantada. Nas duas colunas de esquerda, a resposta ‘SIM’ com letras maiúsculas indica que há indícios óbvios, enquanto as letras minúsculas assinalam indícios menos óbvios de compatibilidade com a hipótese indicada.

Tabela 5.8. Compatibilidade das escalas de estabilização da próclise com a H1 e com a H2, no nível B2 dos falantes de PL2

Compatibilidade com a hipótese		Informant	Escala de aquisição da próclise no nível B2: Ao nível individual
Pr.1.3	Pr.2.3		
N/A	N/A		Pr.1.3 (H1): Interrogativas qu- ≥ Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores ≥ Quantificadores > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>)
N/A	N/A		Pr.2.3 (H2): Negação > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Sujeitos quantificados
SIM	sim	N/A	Resultados (B2, grupal): Sujeitos negativos > Negação > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Quantificador <i>muitos</i>
não	SIM	Inf. 22	Negação > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Quantificador <i>muitos</i>
SIM	sim	Inf. 29	Recolha 1 e 2: Negação / Sujeitos negativos / Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Quantificador <i>muitos</i>

SIM	sim	Inf. 1	Negação / Sujeitos negativos > Interrogativas qu- > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Advérbios enfatizadores / Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 21	Interrogativas qu- > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Negação > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 8	Interrogativas qu- / Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Negação / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 24	Sujeitos negativos > Negação > Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Quantificadores <i>poucos, tudo, alguém</i> > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 28	Negação > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Interrogativas qu- > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 10	Negação / Sujeitos negativos > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Advérbios enfatizadores > Interrogativas qu- / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 2	Negação / Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Interrogativas qu- > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Quantificador <i>muitos</i>

Deste modo, no grupo B2, tanto da perspetiva grupal, como da perspetiva individual (com exceção de um caso – inf.22) a escala de aquisição da próclise revelou ter mais pontos em comum com a escala predita à luz da H1. A análise individual detalhada revelou que a influência de arménio L1 é observada no caso de todos os informantes. Porém, comparativamente com os resultados do nível B1, nas interlínguas dos falantes deste nível, encontramos, nitidamente, mais traços da L2. De facto, no nível B2, a exposição ao *input* desencadeou reconfiguração de traços para todos os falantes de PL2, garantindo aquisição (quase) completa em alguns casos (analisando a aquisição de próclise tanto de propriedade a propriedade (*e.g.*, estruturas de negação, interrogativas qu-), como ao nível individual (*e.g.*, inf.22; inf.29). No entanto, as interlínguas dos falantes do nível B2 encontram-se em diferentes estádios de reconfiguração. No nível B2, ao nível individual, existe uma maior diversidade do trajeto de aquisição da próclise. Se uma parte dos falantes de PL2, nos estádios intermédios de aquisição, continuam a recorrer mais vezes aos traços instanciados na sua L1, outros demonstram indícios de aproximação gradual às gramáticas de falantes de PL1, algo que foi observado ainda no nível B1. cremos, portanto, que, as características individuais, bem como a

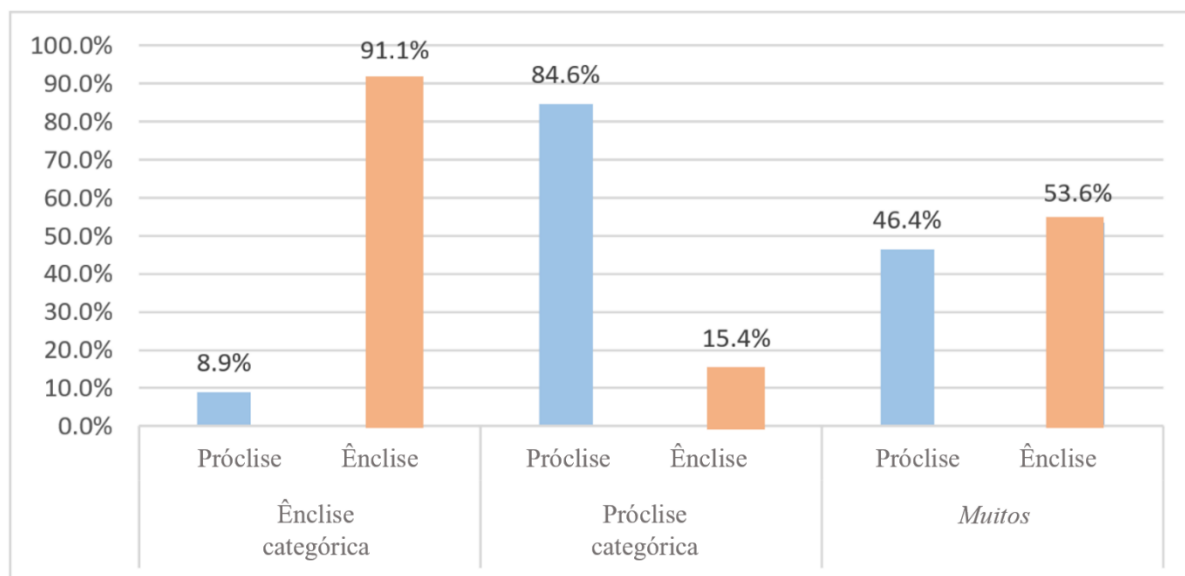
situação sociolinguística de cada um dos informantes (resume-se à qualidade do *input*) também sejam fatores definitivos no processo de aquisição, a que procuraremos dar brevemente atenção, na seção 5.2.3.5.

5.2.1.3. Nível C1

Nas produções provocadas de falantes de PL2 do nível C1, a próclise já é o padrão nitidamente predominante - 70,7% vs. 29,6%, que está mais próximo ao padrão esperado, mas é evidente que ainda há uso maior de ênclise que esperado (recorda-se que pela constituição do teste, esperava-se 81,5% de uso da próclise, 14,8%, da ênclise e 3,7 % de ambos os padrões).

Conforme se vê na figura 5.26, nas estruturas de ênclise categórica, ainda encontramos colocação proclítica de pronomes pessoais (8,9%). Na presença do quantificador *muitos*, a distribuição de ênclise e de próclise é bastante equilibrada (próclise: 46,4%, ênclise: 53,6%), estando mais próxima ao padrão do nível B1 (próclise: 37,5%, ênclise: 62,5%) que ao do nível B2 (próclise: 11,1%, ênclise: 88,9%)²³⁵.

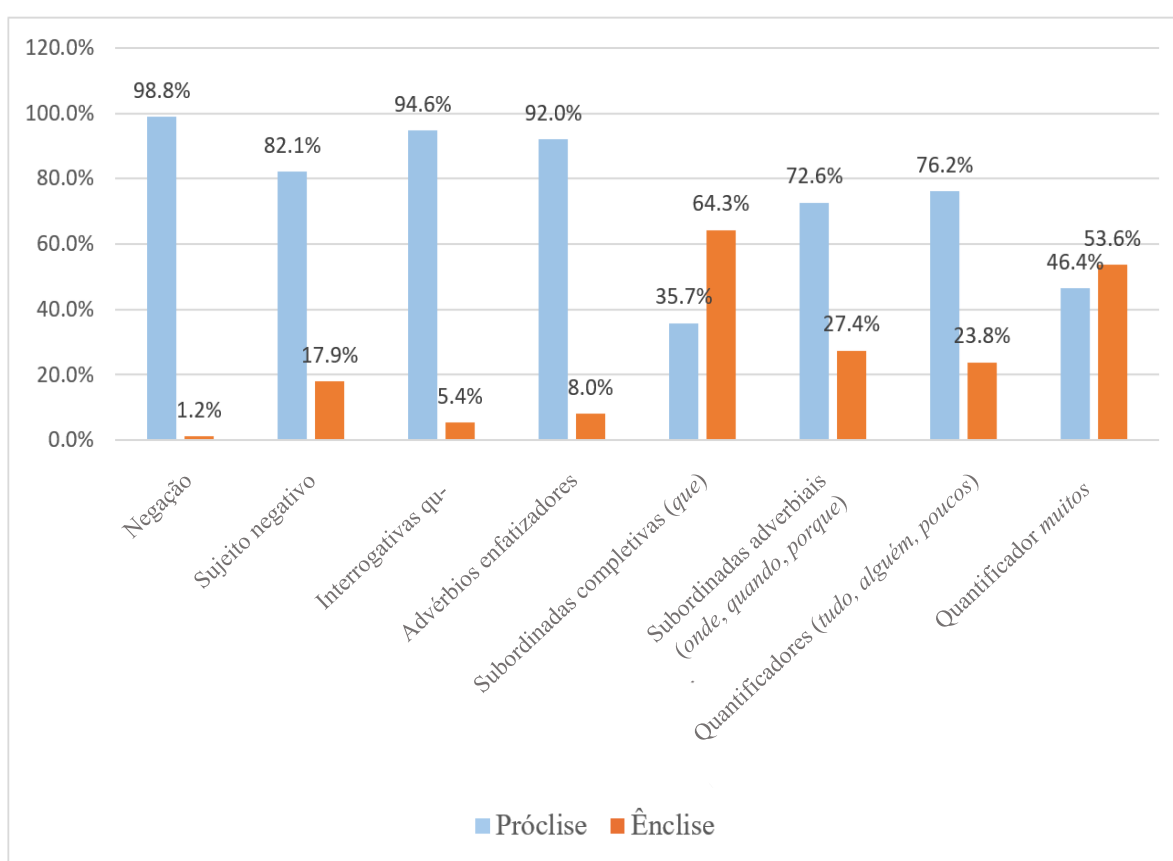
Figura 5.26. Colocação dos pronomes clíticos no nível C1: dados gerais



²³⁵ Discutiremos a distribuição dos pronomes clíticos nas estruturas com o sujeito quantificado introduzido pelo quantificador *muitos*, na subseção 5.2.1.4.

Passando aos contextos de próclise categórica (figura 5.27), notamos que a negação (próclise: 98,8%), as interrogativas parciais (próclise: 94,6%) e as estruturas com advérbios enfatizadores em posição pré-verbal (próclise: 92,0%) são contextos em que a próclise é (quase) adquirida, apesar de alguns desvios. As orações com sujeitos quantificados (próclise: 76,2%) e as subordinadas adverbiais (próclise: 72,6%) ocupam as posições mais à direita na escala de aquisição da próclise e já com taxas de ênclise mais baixas que no nível B2. Já as estruturas mais problemáticas continuam a ser as subordinadas introduzidas pelo complementador *que* (próclise: 35,7%), igualmente aos níveis B1 e B2.

Figura 5.27. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de próclise categórica e na presença do quantificador *muitos*, no nível C1

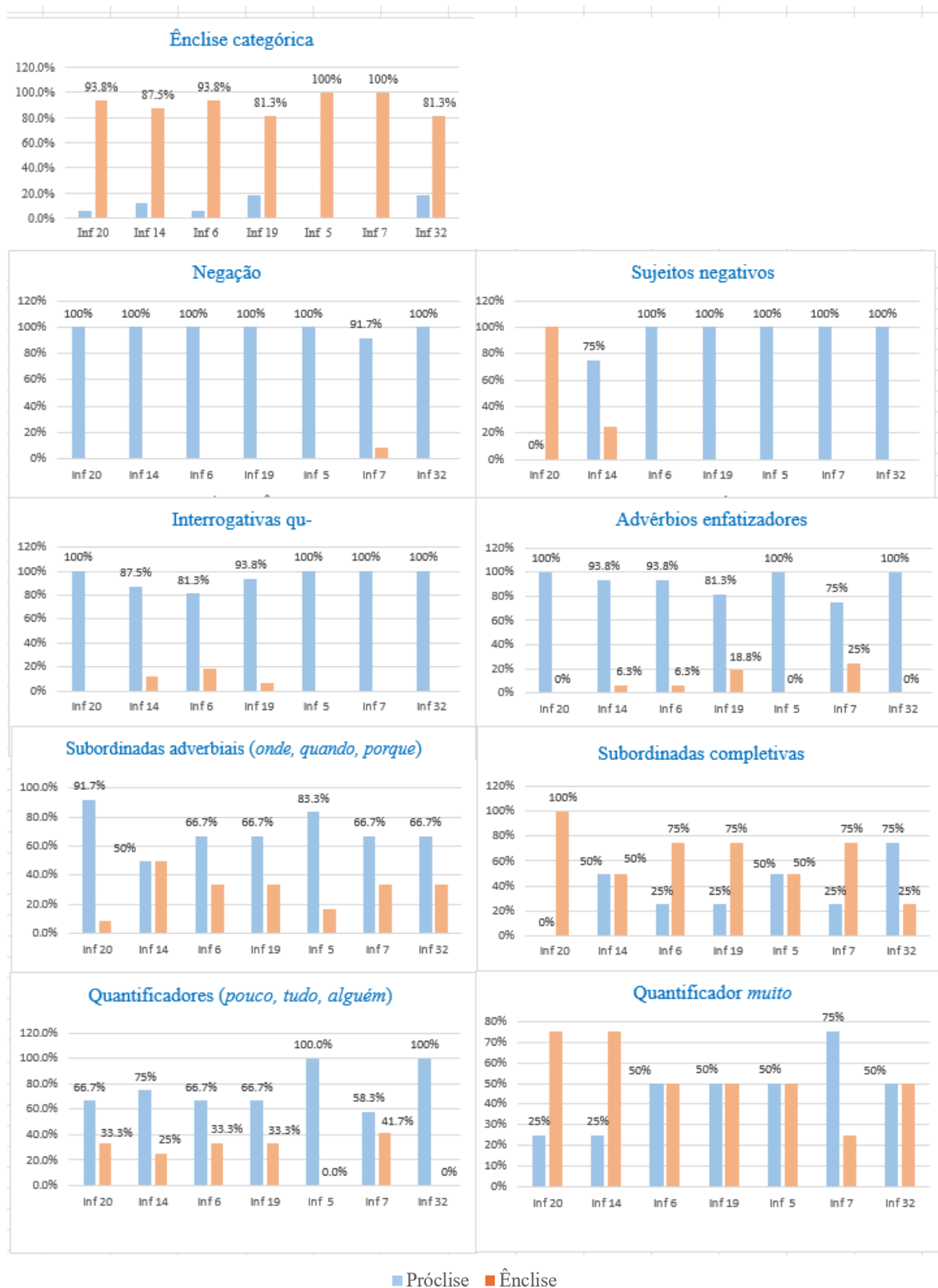


Sugerimos, portanto, olhar para os dados da perspectiva individual.

A análise individual dos dados revelou que a utilização da próclise nas estruturas de ênclise categórica acontece nas produções dos 71,4% dos informantes (n=5 de 7) do nível C1 (ver a figura 5.28). No nível B2, essa percentagem é ligeiramente maior – 77,8% (n=7 de 9). Logo, uma grande maioria de falantes de PL2, mesmo nos níveis mais avançados, ainda se

baseia no conhecimento da L1 no que toca à colocação dos pronomes clíticos nas estruturas de ênclise categórica.

Figura 5.28. Colocação dos pronomes clíticos, no nível C1, de uma perspectiva individual



Quanto aos contextos de próclise obrigatória, em primeiro lugar, olhando para o contexto de sujeitos negativos, vimos que os desvios registados dizem respeito apenas a dois dos informantes do nível C1, sendo que um deles generaliza a ênclise em todas as orações com sujeitos negativos. Isto, conforme já mostramos na subsecção dedicada à seleção dos pronomes clíticos por falantes do nível B1, é facilmente explicável à luz da influência da L1. Contudo, não nos podemos esquecer de que no grupo de falantes de PL1 também encontramos casos de generalização de ênclise (12,5% dos informantes) nas orações com sujeitos negativos. Portanto, no nível C1, é possível explicar a ênclise nas frases com sujeitos negativos ou como fruto do *input* ou como influência da L1.

Se excluíssemos o caso do informante que utiliza a ênclise em todas as frases com sujeitos negativos, a escala de aquisição do nível C1 ((65a)) seria praticamente idêntica à do nível B2 ((65b)).

- (65) a. **Resultados (C1: excluindo o caso de generalização de ênclise com sujeitos negativos):** Negação > Sujeitos negativos / Interrogativas *qu-* / Advérbios enfatizadores > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) / Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Subordinadas completivas (*que*) > Quantificador *muitos*
- b. **Resultados (B2):** Sujeitos negativos > Negação > Interrogativas *qu-* > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) / Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > Subordinadas completivas (*que*) > Quantificador *muitos*

Tanto a escala inicial, como esta última do nível C1, indicam alguns efeitos de influência de arménio L1 na aquisição de próclise em PL2, havendo também espaço para assumirmos que a aquisição de próclise em PL1 e em PL2 segue o mesmo trajeto. Procuraremos esclarecer ao longo desta e das próximas duas secções qual destas perspetivas tem mais peso.

Em primeiro lugar, no nível C1, a análise da perspetiva individual revela que, nas interrogativas parciais, 42,9% dos informantes (n=3) ainda recorrem à ênclise de vez em quando (em média: 5,4%). Olhando com atenção para os itens nos quais os informantes optaram pela ênclise, notamos que na grande maioria (83,3% das vezes) entre o pronome

interrogativo e o clítico havia realização de algum modificador (temporal ou locativo). Ao discutir a possibilidade da H1, no capítulo 3, tivemos em conta que o acesso ao ensino explícito poderia ajudar os falantes de PL1 a memorizarem um conjunto de proclisadores categóricos, resultando numa generalização de regra que, na presença de certos itens lexicais (*e.g., porque, onde, que, quando*), o padrão correto é a próclise, o que nos levou a recorrer à interpolação entre o proclisador e o verbo da frase, em alguns itens do teste, na expectativa de encontrar mais colocação enclítica nestas frases.

No nível B2, em apenas 26,7% das vezes em que os informantes recorreram à ênclise nas interrogativas parciais, havia interpolação entre o proclisador e o verbo. Tal como foi argumentado, o fenómeno de dupla generalização poderia explicar a alta taxa de ênclise nas interrogativas *qu-*, no nível B2. No nível C1, observa-se identicamente uma correlação entre as taxas de próclise mais baixas nas interrogativas parciais (81,3%-93,8%) e as taxas mais altas de ênclise nas subordinadas adverbiais (33,3%-50%), nas produções de três informantes que ainda apresentam desvios nas interrogativas parciais, expectáveis da perspectiva de dupla generalização. Assim, numa fase mais avançada de aquisição de próclise, o efeito de arménio L1 é explicável tanto à luz da estrutura frásica (a interpolação interfere na colocação correta do clítico, conforme predito pela H1), como à luz do fenómeno de dupla generalização. Porém, o efeito de arménio L1 é sentido nas produções de alguns falantes de PL2, o que nos faz pensar, mais uma vez, na importância de características individuais na aquisição de uma nova língua na idade adulta.

Em paralelo com a fixação da próclise como padrão dominante nas interrogativas parciais, tal como previmos ao sugerir o fenómeno de dupla generalização, no nível C1, a taxa de próclise nas subordinadas adverbiais subiu. Com exceção de um falante (inf.14) que ainda oscila entre a ênclise e a próclise (50% vs. 50%), o padrão dominante nas subordinadas adverbiais é a próclise para todos os informantes do nível C1, enquanto, no nível B2, apenas 33,3% (n=3 de 9) dos informantes utilizava maioritariamente a próclise nestas estruturas.

A influência de arménio L1 é sentida ainda na distribuição sintática dos pronomes clíticos nas subordinadas completivas e nas orações com sujeitos quantificados. Devido a nas escalas de aquisição de próclise a posição destas estruturas ser crucial na validação das hipóteses H1 e H2 e por os resultados obtidos demonstrarem diferenças subtis à primeira vista, dedicaremos as duas secções seguintes à discussão mais detalhada dos padrões de próclise nas orações com sujeitos quantificados (§5.2.1.4) e na subordinação adverbial e completiva (§5.2.1.5) nas produções de falantes de PL2.

A par com o impacto de arménio L1, tal como acontece no nível B2, no nível C1 também são observados indícios de influência do *input* recebido no processo de aquisição de próclise por alguns falantes de PL2. Todos os desvios encontrados nas frases com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal foram com os advérbios *ainda* e *até* e dizem respeito sobretudo a dois informantes do nível C1. Para comparar, nos níveis B1 e B2 foram registados desvios com todos os advérbios testados. Podemos, portanto, assumir que o valor proclisador dos advérbios *só* e *já* é adquirido mais cedo, tal como acontece na aquisição PL1 (cf. Costa *et al.*, 2015; 2016).

Por fim, as subordinadas introduzidas pelo complementador *que* apresentam uma situação em que, com exceção de um caso (inf.32, taxa de ênclise: 25,0%), a taxa de ênclise é incomparavelmente mais alta (70,8%) do que a taxa média de ênclise no grupo de controlo (17,6%).

Será isso mesmo causado pela qualidade do *input* recebido? Uma vez que em todos os itens testados o complementador *que* introduzia o complemento frásico dos verbos *dizer* e *achar* que, segundo Martins (2013), a par com outros verbos declarativos e de crença, aceitam, marginalmente, a ênclise, e visto que durante a análise da colocação dos pronomes clíticos no grupo de PL1 se revelou que para alguns falantes nativos de português a ênclise é aceitável nestas estruturas, essa possibilidade não pode ser negada. Contudo, conforme referido, a taxa média de ênclise no grupo de controlo é muito baixa (17,6%), para que assumamos como resultado do *input* linguístico recebido a dificuldade na aquisição de próclise em subordinadas completivas. Ao mesmo tempo, por influência do arménio L1 ter sido comprovada na aquisição da próclise, de várias perspetivas, desde o nível B1, faz-nos pensar que as taxas altas de ênclise nas subordinadas completivas são fruto da influência da L1. Aliás, como argumentaremos adiante (em §5.2.1.4, §5.2.1.5 e §5.3), em certos aspetos, as línguas portuguesa e arménia partilham particularidades gramaticais que, a nosso ver, influenciam a colocação dos pronomes clíticos nas produções de falantes de arménio L1 e PL2 e também podem explicar a preferência de falantes de PL1 pela ênclise, com uma parte de quantificadores (*e.g.*, *alguém*, *todos*, *muitos*), nas subordinadas causais e completivas.

Neste momento, apresentando as conclusões relativamente aos padrões de colocação dos pronomes clíticos no nível C1, podemos afirmar que, de uma forma geral, os informantes deste nível estão numa fase mais avançada na aquisição de próclise. No nível C1, tal como no nível B2, existe alguma heterogeneidade entre os resultados de diferentes falantes, mas essa heterogeneidade já não é tão marcada, pois, neste nível, as interlínguas dos informantes estão mais próximas à gramática de falantes de PL1 e, por isso, apresentam mais características em

comum. A influência do arménio L1 é sentida mais fortemente ao nível individual e em contextos particulares (*e.g.*, inf.20 – sujeitos negativos).

Nos estádios mais avançados de aquisição, quando em certos contextos (*e.g.*, negação, interrogativas parciais, advérbios enfatizadores) a próclise já é (quase) adquirida, as escalas de aquisição de próclise, em nenhum caso do nível C1, revelam indicadores fortes que apontem para a semelhança entre os processos de fixação do padrão proclítico em PL1 e PL2, e que em simultâneo neguem o efeito de arménio L1 (tabela 5.8). Tal como referido, apenas nas estruturas com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal a aquisição de próclise revela semelhanças fortes entre PL1 e PL2, o que, porém, não influencia a distribuição dos contextos na escala de aquisição de próclise, que continua a ser semelhante à da H1 (Predição 1.3). Por essa razão, na segunda coluna da tabela 5.9, assumimos como compatível com a H2 (assinalada com etiqueta ‘sim’) a escala de aquisição de próclise, apenas no caso dos informantes que não apresentam desvios de colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com advérbios enfatizadores em posição pré-verbal (inf.20, inf.5, inf.32). A etiqueta ‘SIM’ na primeira coluna da tabela 5.9, que significa existência de compatibilidade forte entre a escala de aquisição de próclise e a H1, é justificada pelo facto de as subordinadas completivas continuarem a apresentar o maior desafio para este grupo de falantes, na aquisição de próclise dos pronomes clíticos, expectável à luz da H1. Além disso, no caso de cinco informantes do nível C1 (inf.14, inf.5, inf.6, inf.19, inf.32), se excluirmos o quantificador *muitos* da análise, a penúltima posição na escala de aquisição de próclise é ocupada pelas subordinadas adverbiais, como igualmente previsto pela H1.

Tabela 5.9. Compatibilidade das escalas de estabilização da próclise com a H1 e com a H2, no nível C1 dos falantes de PL2

Compatibilidade e com a hipótese		Informante	Escala de aquisição da próclise no nível B2: Ao nível individual
Pr.1.3	Pr.2.3		
N/A	N/A		Pr.1.3 (H1): Interrogativas qu- ≥ Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores ≥ Quantificadores > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>)
N/A	N/A		Pr.2.3 (H2): Negação > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Sujeitos quantificados
SIM	não	N/A	Resultados (C1, grupal): Negação > Interrogativas qu- ≥ Advérbios enfatizadores > Sujeitos negativos > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) ≥ Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Quantificador <i>muitos</i>
SIM	sim	Inf. 20	Negação / Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Quantificador <i>muitos</i> > Sujeitos negativos / Subordinadas completivas (<i>que</i>)
SIM	não	Inf. 14	Negação / Advérbios enfatizadores > Interrogativas qu- > Sujeitos negativos / Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 6	Negação / Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores > Interrogativas qu- > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificador <i>muitos</i> > Subordinadas completivas (<i>que</i>)
SIM	não	Inf. 19	Negação / Sujeitos negativos > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) / Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificador <i>muitos</i> > Subordinadas completivas (<i>que</i>)
SIM	sim	Inf. 5	Negação / Sujeitos negativos / Advérbios enfatizadores / Interrogativas qu- / Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) / Quantificador <i>muitos</i>
SIM	não	Inf. 7	Sujeitos negativos / Interrogativas qu- > Negação > Advérbios enfatizadores / Quantificador <i>muitos</i> > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>)
SIM	sim	Inf. 32	Negação / Sujeitos negativos / Interrogativas qu- / Advérbios enfatizadores / Quantificadores (<i>poucos, tudo, alguém</i>) > Subordinadas completivas (<i>que</i>) > Subordinadas adverbiais (<i>porque, onde, quando</i>) > Quantificador <i>muitos</i>

Não obstante, olhando para as escalas de aquisição de próclise nos níveis B1, B2 e C1 (retomadas em (66a)-(66c)), se note que a maior diferença que se observa no trajeto de aquisição de próclise em PL1 (sugerida por Costa *et al.*, 2015) e no grupo de falantes de arménio L1 e PL2, nos três níveis analisados, é referente à posição das subordinadas completivas na escala de aquisição de próclise, pois, se as excluirmos da nossa análise, em PL1

também a aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais e com os sujeitos quantificados ocorre em último lugar (ver a escala de aquisição de próclise prevista pela H2 – Pr.2.3, na tabela 5.8). Ao mesmo tempo, retomada a escala de aquisição de próclise pelo grupo de controlo da presente investigação (em (66d)), relembramos que a aquisição de próclise nas subordinadas completivas e nas adverbiais causais é igualmente problemática também em PL1.

- (66) a. **Resultados (B1):** Negação > Sujeitos negativos > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) / Quantificador *muitos* ≥ Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) / **Subordinadas completivas (*que*)**
- b. **Resultados (B2):** Sujeitos negativos > Negação > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) / Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > **Subordinadas completivas (*que*)** > Quantificador *muitos*
- c. **Resultados (C1):** Negação > Interrogativas qu- ≥ Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > Sujeitos negativos > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) ≥ Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > **Subordinadas completivas (*que*)** > Quantificador *muitos*
- d. **Uso da próclise no grupo de controlo (PL1):** Negação / Sujeitos negativos / Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > Interrogativas parciais / Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) > Subordinadas adverbiais (*porque, onde, quando*) > **Subordinadas completivas (*que*)** > Quantificador *muitos*

Até este ponto, nas escalas de aquisição da próclise, os complementadores *porque, onde, quando* que introduzem subordinadas adverbiais foram apresentados no mesmo grupo. A escala de aquisição de próclise, sugerida por Costa *et al.* (2016), que sugere aquisição da próclise tardia nas subordinadas adverbiais, dá conta apenas do complementador *porque*. Se o separarmos dos outros complementadores, notaremos que a aquisição da próclise, na presença dos complementadores *onde* e *quando* acontece mais cedo, tanto no grupo de falantes de PL1 como de PL2 ((67)).

- (67) a. **Resultados (B1):** Negação > Sujeitos negativos > Interrogativas qu- ≥ **Subordinadas adverbiais (onde, quando)** > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > Quantificadores (*poucos, alguém, tudo*) ≥ Quantificador *muitos* ≥ Subordinadas completivas (*que*) > **Subordinadas adverbiais finitas causais (porque)**
- b. **Resultados (B2):** Sujeitos negativos > Negação > Interrogativas qu- > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > **Subordinadas adverbiais (onde, quando)** > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) > **Subordinadas adverbiais finitas causais (porque)** > Subordinadas completivas (*que*) > Quantificador *muitos*
- c. **Resultados (C1):** Negação > Interrogativas qu- ≥ Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) > **Subordinadas adverbiais (onde, quando)** / Sujeitos negativos > Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) ≥ **Subordinadas adverbiais finitas causais (porque)** > Subordinadas completivas (*que*) > Quantificador *muitos*
- d. **Uso da próclise no grupo de controlo (PL1):** Negação > Advérbios enfatizadores (*já, ainda, até, só*) / Interrogativas parciais / **Subordinadas adverbiais (onde, quando)** > Sujeitos negativos / Quantificadores (*poucos, tudo, alguém*) > Subordinadas completivas finitas (*que*) > **Subordinadas adverbiais finitas causais (porque)** > Quantificador *muitos*

Se, em relação ao caso de subordinadas completivas já nos expressamos justificando a influência de arménio L1, a dificuldade de aquisição de próclise observada nas subordinadas adverbiais finitas e nas orações com sujeitos quantificados não pode ser assumida apenas como fruto de influência de arménio L1, mas pode igualmente ser explicada como uma característica do processo de aquisição de português.

Devemos, assim, conceder uma maior atenção às subordinadas adverbiais finitas, mas também a estruturas com sujeitos quantificados, para compreendermos qual das hipóteses da presente investigação apresenta maior peso na aquisição de próclise dos pronomes clíticos do PL2 para os falantes de arménio L1, dado que, até este ponto, apesar de a influência de arménio L1 ser inegável, a aquisição da próclise em PL1 e em PL2 indubitavelmente segue trajetos semelhantes.

5.2.1.4. Os quantificadores *tudo*, *alguém*, *poucos* e *muitos*

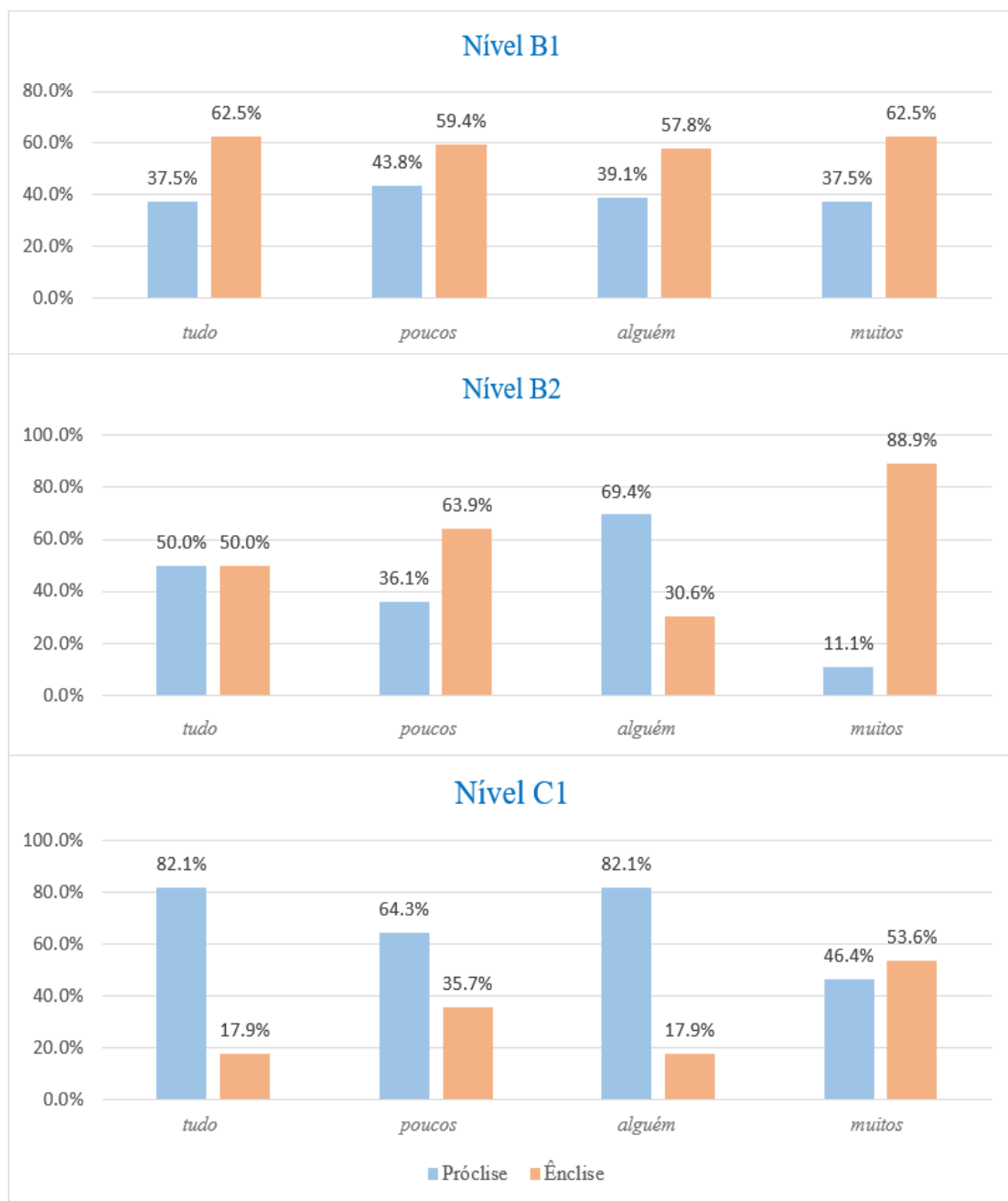
Infelizmente, o nosso estudo, pelas razões explicitadas na subsecção 2.2.8.3, não testou o valor proclisador do quantificador *todos*, em que se baseou o estudo de Costa *et al.* (2016), que afirma que a próclise é adquirida tardiamente nas estruturas com os sujeitos quantificados. Em vez disso, a nossa investigação teve em conta a aquisição de próclise na presença dos quantificadores *muitos*, *poucos*, *alguém* e *tudo*.

Conforme Martins (2013), numa leitura grupal, o quantificador *todos* admite ênclise, tal como o quantificador *alguém*, se estiver numa oração relativa restritiva com o verbo no conjuntivo. Já os quantificadores *tudo* e *poucos*, testados no presente estudo, refere a autora num outro estudo (Martins, 2016), são proclisadores categóricos, enquanto, na língua arménia, o estatuto proclisador dos quantificadores *alguém*, *tudo* e *poucos* não é categórico (ver §2.2.8.3). Se a complexidade lexical, referida por Costa *et al.* (2016), fosse o único fator a explicar a aquisição tardia de próclise na presença de sujeitos quantificados, deveria haver uma diferença entre a aquisição de próclise com vários quantificadores e, pelo menos no caso de quantificadores *tudo* e *poucos*, a próclise, deveria estabilizar-se mais cedo, por esses serem proclisadores categóricos em português.

Vemos, porém, na figura 5.29, que demonstra a preferência de colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com sujeitos quantificados nos níveis B1²³⁶, B2 e C1, que o estatuto proclisador destes, sobretudo no caso dos quantificadores *poucos* e *tudo*, é adquirido apenas no nível C1. No caso do quantificador *tudo*, proclisador categórico em PE, a oscilação entre próclise e ênclise no nível B2 pode ser explicada pelo facto de em arménio esse admitir tanto a próclise, como a ênclise.

²³⁶ Se excluirmos os casos de falantes do nível B1 que generalizam ou a próclise ou a ênclise, não apenas na presença de quantificadores, mas também em todos os contextos do teste provocado, a imagem será a seguinte: *tudo* – próclise: 31,3%, ênclise: 68,8%; *poucos* – próclise: 31,3%, ênclise: 68,8%; *alguém* – próclise: 34,4%, ênclise: 65,5%; *muitos* – próclise: 25%, ênclise: 75%.

Figura 5.29. Colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com sujeitos quantificados



Como então explicar a aquisição de próclise mais rápida na presença do quantificador *alguém* em relação ao quantificador *poucos*?

Vimos, pois, que a próclise se estabiliza mais cedo com o quantificador *alguém*, já a partir do nível B2, o que não foi previsto também da perspectiva de influência de arménio L1. Referimos, na secção 2.2.10, que por forma a garantir possibilidade de observar efeitos de arménio L1, nos contextos linguísticos testados, na ótica das gramáticas de falantes de arménio L1, o sujeito quantificado não pode ser o foco na frase, o que expectavelmente resultaria ou na oscilação entre a próclise e ênclise ou na colocação enclítica dos pronomes clíticos nestas estruturas²³⁷.

Em primeiro lugar, apesar de os dados da perspectiva grupal mostrarem que, nas estruturas com o sujeito quantificado *alguém*, a ênclise é generalizada no nível B1 e a próclise é adquirida gradualmente nos níveis B2 e C1, não podemos afirmar que a aquisição de próclise, nestas estruturas, ocorre de uma forma semelhante em PL1 e em PL2, pelo menos para uma parte de falantes de PL2. Os dados que apresentamos na figura 5.30, da perspectiva individual, vão, parcialmente, ao encontro da H1, i.e., evidenciam efeito de arménio L1, no caso de pelo menos 50% de falantes do nível B1²³⁸, de 33,3% do nível B2 e de 28,5% dos informantes do nível C1, que demonstram uma nítida oscilação entre a próclise e a ênclise com o quantificador *alguém*. Mais cinco falantes (quatro, no nível B1 e um, no nível B2), i.e., 20,8% dos informantes, generalizam a ênclise com este quantificador. Portanto, o comportamento linguístico de 58,3% dos informantes da presente investigação, de facto, corresponde ao esperado à luz da H1 (nota-se que o comportamento linguístico de todos os falantes do nível B1, no que concerne ao quantificador *alguém*, corresponde ao padrão previsto pela H1).

²³⁷ Os itens testados, nos quais o clítico alvo está sublinhado e o seu antecedente marcado a vermelho, foram os seguintes:

1. Ontem encontrámos **esta carteira** na loja. Alguém a perdeu aqui.
2. Ontem, **a avó Maria** também esteve no centro comercial? Alguém a viu na loja do primeiro andar?
3. **As primas** já confirmaram que vinham, mas acho que não disseram quando. Alguém lhes perguntou se podem estar aqui no sábado?
4. Recebemos **dois e-mails do presidente** durante o dia de ontem. Alguém, nesta sala, os leu?

²³⁸ Deste gráfico foram excluídos os casos de falantes que generalizam ou a ênclise ou a próclise em todos os contextos testados, mas não apenas na presença dos quantificadores.

Figura 5.30. Colocação dos pronomes clíticos com o sujeito quantificado *alguém*



Por outro lado, conforme concluímos no final da secção 2.2.9, a próclise em arménio é desencadeada por um constituinte com traço [+foco] que ou é o mais proeminente na frase ao

nível da prosódia ou é um constituinte a que a presença de algum elemento (*e.g.*, advérbio, quantificador) atribui a proeminência prosódica. Ao mesmo tempo, o pronome *alguém*, igualmente ao sujeito negativo *ninguém*, é uma palavra aguda, cuja proeminência prosódica pode ser mais facilmente notada pelos aprendentes de PL2, resultando na aquisição mais rápida da próclise nas estruturas onde o sujeito é o pronome *alguém*. De mesma forma, a aquisição mais rápida da próclise com o quantificador *tudo* seria expectável pela sua proeminência prosódica, mas, desta vez, sendo esse traço transferido de arménio L1, pois conforme mencionamos na subsecção 2.2.8.3. *Quantificadores*, para uma parte de falantes de arménio L1, a proeminência prosódica do quantificador *tudo* é um traço intrínseco. Pode isso significar que a proeminência prosódica dos quantificadores *tudo* e *alguém* em português, em diversos contextos discursivos, embora através de mecanismos diferentes, é adquirida/notada antes do quantificador *poucos*, resultando na aquisição mais rápida do estatuto proclisador desses itens lexicais (82,1%, em C1, conforme vimos, na figura 2.29).

Contudo, embora tenhamos referido que o comportamento linguístico de todos os falantes do nível B1, quanto à colocação dos pronomes clíticos do PL2, corresponde ao padrão predito pela H1 (generalização de ênclise/próclise ou oscilação entre ênclise e próclise), os gráficos referentes aos três níveis de competência em PL2, na figura 5.29, demonstram que nos níveis mais baixos de proficiência linguística, apesar de não existir uma predominância forte da ênclise, esta é o padrão mais utilizado para os falantes de arménio L1, tal como sugerem outros estudos anteriores para a aquisição de PL1 e PLH (*e.g.*, Costa *et al.*, 2016; Flores & Barbosa, 2014; Flores *et al.*, 2016; Tomaz *et al.*, 2019) e de PL2 por falantes de português nativos de outras línguas (*e.g.*, Gu, 2019; 2022; Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009), seguida de um desenvolvimento gradual de próclise na presença de quantificadores em posição pré-verbal.

Como, então, explicar o facto de falantes de diferentes línguas demonstrarem o mesmo padrão de colocação de clíticos em português (inclusive falantes de PL1), nos estádios iniciais de aquisição da L2?

Voltaremos a essa questão na subsecção 5.2.1.5.

Assim, de uma perspetiva global, no que toca a colocação dos pronomes clíticos em PL2, na presença dos quantificadores *poucos*, *tudo*, *alguém*, em posição pré-verbal, até a este ponto, apesar de encontrarmos evidências claras de influência de arménio L1, os dados apoiam

também a H2, i.e., a aquisição de próclise em PL1 e em PL2 segue trajetos semelhantes, mas de uma perspectiva individual, o efeito de arménio L1 é mais claramente observável.

No caso do quantificador *muitos* as preferências de colocação dos pronomes clíticos em PL2 também podem ser explicáveis tanto da perspectiva do *input* linguístico recebido, como na ótica da influência de arménio L1.

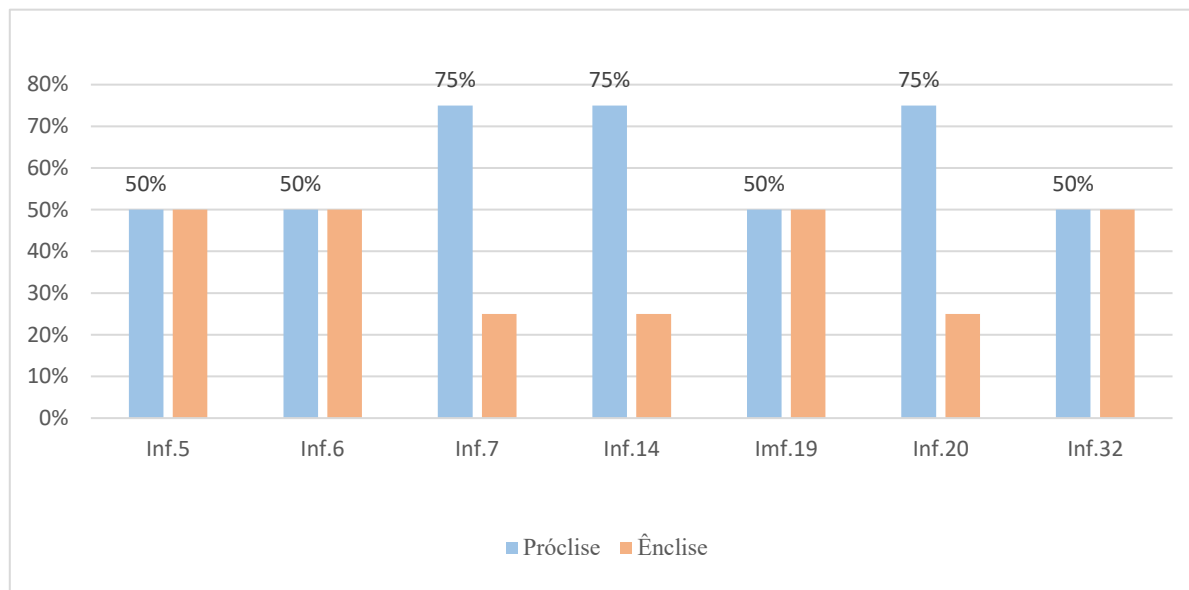
A alteração do padrão de distribuição sintática dos pronomes clíticos na presença do quantificador *muitos*, entre os níveis B1, B2 e C1, indica que o *input* leva os falantes de PL2 a reverem, ciclicamente, os traços sintáticos de distribuição de clíticos nestas estruturas, tal como acontece no estágio de dupla generalização²³⁹. Mais precisamente, no nível B1, que é uma fase mais precoce de aquisição no nosso estudo, existe maior probabilidade de a colocação dos pronomes clíticos ser aleatória (próclise: 62,5%, ênclise: 37,5%). No nível B2, quando a exposição aos dados linguísticos da L2 leva os falantes a compreender que existem regras de colocação dos pronomes clíticos que diferem em português e em arménio, a reverem os traços sintáticos dos pronomes clíticos nas estruturas com sujeitos quantificados, e por não detetarem nenhum elemento com traço [+foco] (sendo este último o traço proclisador nas gramáticas mentais de falantes de arménio L1), e a recorrerem à ênclise. Numa fase ainda mais avançada do estágio de Reconfiguração, tendo já sido notado, em dados linguísticos disponíveis, que em português tanto a próclise, como a ênclise são padrões aceitáveis de colocação dos pronomes clíticos com estes quantificadores em posição pré-verbal, três cenários são possíveis a nosso ver: (i) generalizar ou a ênclise ou a próclise; (ii) regressar à fase de oscilação; (iii) atribuir um traço [+foco] ao quantificador *muitos*, nos contextos em que haja tal possibilidade de leitura e optar pela colocação proclítica.

Os primeiros dois cenários são indicativos de que a aquisição se encontra numa fase inicial ou intermédia de reconfiguração. Porém, no nível C1, a exposição ao *input* deve ter sido suficiente para que tal não seja plausível. Assim, julgamos ser mais provável o terceiro cenário.

Olhando para as respostas dos informantes do nível C1 (figura 5.31) quanto à distribuição dos pronomes clíticos nas estruturas com quantificador *muitos* em posição pré-verbal, veremos que nenhum dos informantes utiliza exclusivamente a colocação enclítica ou proclítica.

²³⁹ Esta assunção é feita em relação aos dados grupais. Será importante verificá-la, na investigação futura, ao nível individual, analisando a aquisição da L2 de uma perspectiva longitudinal.

Figura 5.31. Colocação dos pronomes clíticos com o sujeito quantificado *muitos*: nível C1 do grupo de PL2



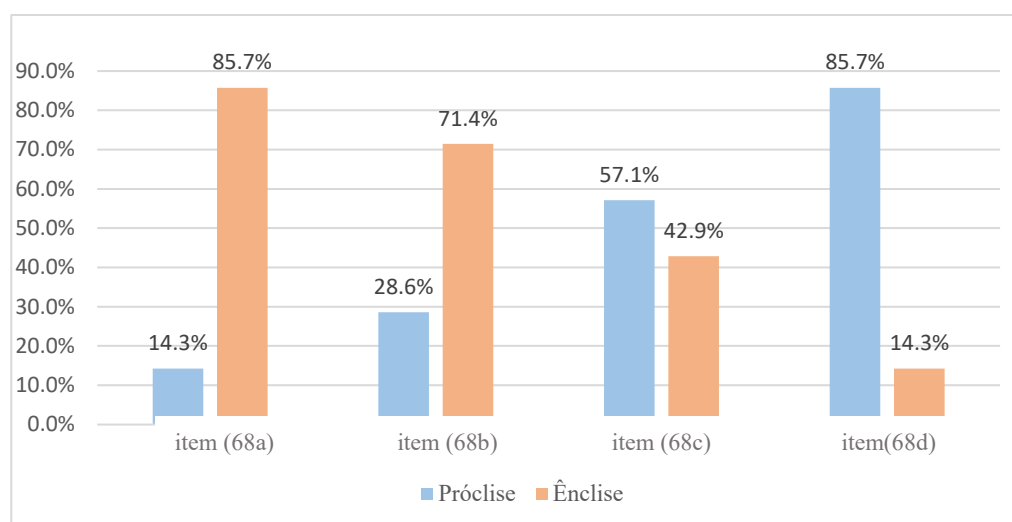
É verdade que o número dos itens testados com este quantificador para cada informante é pouco representativo, mas da figura 5.31 fica claro que o cenário (i) não é justificado. Sobram, portanto, duas possibilidades: a de oscilação e a de atribuição do traço [+foco], nos contextos em que isso seja a primeira opção nas gramáticas de falantes de arménio L1.

Retomamos, em (68), os itens do teste provocado com o quantificador *muito* na posição pré-verbal.

- (68) a. Todas **as nossas encomendas** foram enviadas a tempo.
No entanto, muitas pessoas _____ receberam _____ com bastante atraso.
- b. Todos os alunos devem entregar **os seus projetos** em papel.
Muitos deles _____ imprimiram _____ ontem.
- c. Usualmente, **os pais dos atletas** têm grande importância para eles.
Muitos atletas _____ dedicam _____ as suas vitórias.
- d. **Os pais destas crianças** faleceram anos atrás.
Muitas crianças _____ perderam _____ durante a guerra.

A figura 5.32 demonstra a preferência de colocação dos pronomes clíticos com o quantificador *muitos* por cada item do teste provocado, no nível C1. Curiosamente, nos itens (68c) e (68d), em conjunto, a colocação proclítica dos pronomes pessoais observa-se mais vezes – 71,4% (n=10 de 14), sendo que a próclise no item (68d) é mais recorrente – 85,7% (n=6 de 7), em comparação com os itens (68a) e (68b), nos quais, em conjunto, a taxa da próclise é 21,4% (n=3 de 14). Recorda-se que os itens (68c) e (68d) foram assinalados por nós como contextos discursivos mais emotivos, nos quais era expectável que os falantes de arménio L1 atribuísssem um traço [+foco] ao quantificador *muitos*, recorrendo à colocação proclítica de pronomes pessoais em português.

Figura 5.32. Colocação dos pronomes clíticos com o quantificador *muitos* por cada item do teste: nível C1 do grupo de PL2



Dito isto, achamos que, no nível C1, a distribuição de colocação dos pronomes clíticos na presença do quantificador *muitos* em posição pré-verbal, está a ser afetada pelo traço [+foco], o traço proclisador nas gramáticas de falantes nativos de arménio²⁴⁰.

²⁴⁰ Reforçamos a ideia de que os dados recolhidos pelo presente estudo, no que toca à colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com o quantificador *muitos*, são poucos em número, necessitando de verificação na investigação futura. Notamos ainda que, nos itens (68c) e (68d), os antecedentes do pronome clítico são entidades humanas. Poderia o traço [$\pm$ humano] influenciar na preferência de colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com sujeito quantificado (*muitos*)? É outra questão que deixamos para estudos futuros.

Recorda-se que no grupo de falantes de PL1 também, entre os quatro contextos testados, foi no item (68d) que os falantes nativos de português preferiram a próclise mais vezes – em 47,1% dos casos. Mais uma vez surge a mesma questão.

Como explicar o facto de falantes de diferentes línguas (desta vez os falantes de PL1 e de arménio L1 e PL2) demonstrarem um padrão parecido de colocação de clíticos em português na presença do quantificador *muitos*?

Será mesmo o traço [+foco] que resulta na proeminência prosódica do constituinte em orações de foco marcado que, em português, igualmente ao arménio, desencadeia a próclise dos clíticos especiais?

A esta questão, conforme referido, voltaremos adiante.

Neste ponto, conseguimos responder apenas à questão de a aquisição (quase) completa da próclise ser possível na idade adulta. Os dados do presente estudo mostram que a próclise, nas estruturas com quantificadores em posição pré-verbal é passível a aquisição completa na idade adulta, pois dois falantes de PL2 (inf.5 e inf.32), nas estruturas com sujeitos quantificados (*poucos*, *tudo* e *alguém*), demonstram uma aquisição completa da próclise – a 100%, apresentando uma situação ainda melhor que a taxa média de acerto no grupo de PL1 (97%).

5.2.1.5. Os introdutores de subordinadas *onde*, *quando*, *porque* e *que*

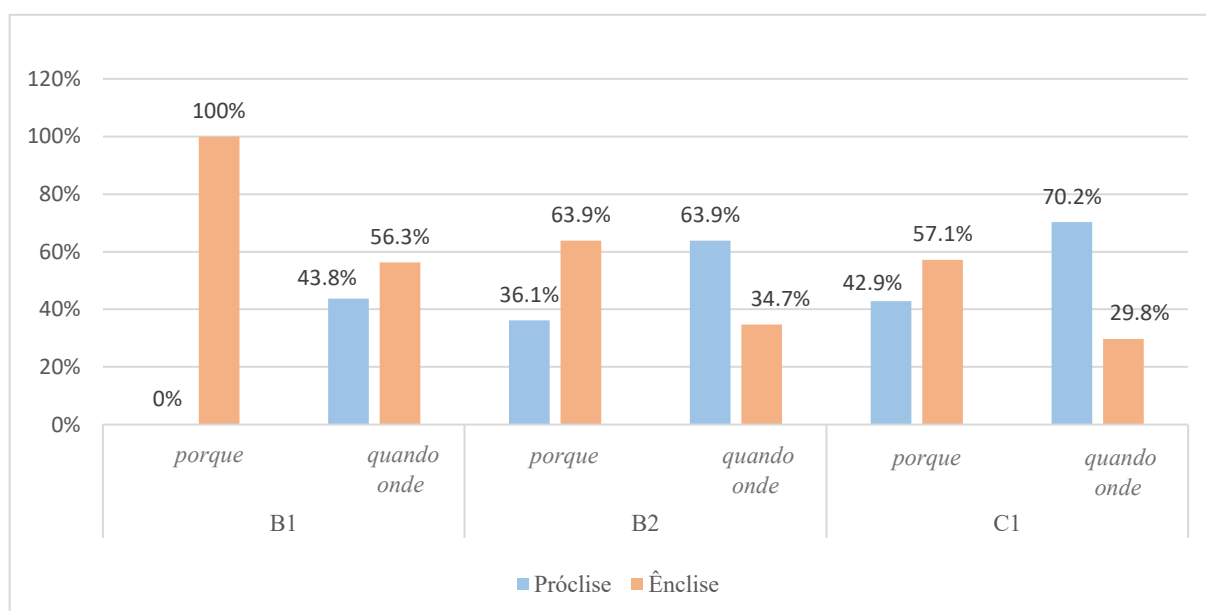
Os dados do presente estudo mostram que a aquisição de traços sintáticos dos pronomes clíticos nas orações subordinadas completivas, salvo dois casos (inf.22, no nível B2 e inf.32, no nível C1), gera dificuldades significativas para os falantes de arménio L1 e PL2, o que é expectável à luz de transferência da L1 dos falantes. Já a próclise na subordinação adverbial, em alguns casos, sobretudo no nível B2, revelou-se menos problemática em comparação com a subordinação completiva. Na subsecção 5.2.1.2, apresentámos a ideia de ser o fenómeno de dupla generalização o responsável pela estabilização mais rápida de próclise nas subordinadas adverbiais (comparativamente com as subordinadas completivas), em paralelo com a desaceleração de aquisição de próclise nas interrogativas *qu-*, que resulta numa oscilação entre a ênclise e a próclise nos estádios intermédios de aquisição. Porém, não explicámos (i) quais as diferenças de aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais de diferentes tipos (causais, locativas, temporais), (ii) como a aquisição tardia de próclise nessas estruturas pode ser vista como fruto de efeito de arménio L1 e (iii) porque é que a ênclise nas subordinadas adverbiais

causais e completivas é um padrão aceitável tanto para os falantes de PL1, como para os de PL2?

Procuraremos responder a essas questões ao longo desta subsecção.

Apresentamos a distribuição dos pronomes clíticos nas subordinadas adverbiais na figura 5.33, na qual se vê que a colocação enclítica de pronomes pessoais na subordinação introduzida pelo complementador *porque* é mais recorrente que nas orações encabeçadas pelos complementadores *onde* e *quando*, em todos os níveis, com um avanço na aquisição, mais notável do nível B1 para o nível B2 e menos entre os níveis B2 e C1, na presença de todos os complementadores testados.

Figura 5.33. Colocação dos pronomes clíticos com os complementadores *porque*, *quando* e *onde*: por cada nível de PL2



Se os desvios de colocação dissessem respeito apenas às estruturas de subordinação adverbial causal (*porque*), podíamos assumir que a aquisição da próclise nestes contextos partilha características comuns em PL2 e PL1 (recorda-se que no grupo PL1, com o complementador *porque* a taxa de ênclise é 41,2%). Porém, mesmo sendo possível observar aumento progressivo da taxa de próclise entre os níveis B1-C1, ao contrário do grupo de PL1, onde a taxa de ênclise nas subordinadas adverbiais finitas (*quando*, *onde*) foi de 2,2%, no nível C1 a taxa de ênclise, nestas estruturas também, ainda é consideravelmente alta (29,8%), explicável como efeito de arménio L1 (estádio avançado do fenómeno de dupla generalização, interligado à aquisição de próclise nas interrogativas parciais).

Em primeiro lugar, um fenómeno particular que julgámos indicar efeito de arménio L1 foi a grande tendência para a colocação enclítica dos pronomes clíticos, quando o verbo se afasta do complementador. Este fenómeno, com efeito, é observável em todos os níveis de competência em PL2 (figura 5.34). Conforme previsto, na ótica da H1, no grupo de PL2, a interpolação entre o complementador e o hospedeiro do pronome clítico influencia significativamente a preferência de colocação do clítico, nas subordinadas adverbiais introduzidas pelo complementador *quando* e também nas subordinadas completivas com *que*, porém, apenas no nível C1.

Figura 5.34. Efeito de interpolação entre o proclisador e o hospedeiro verbal: dados do grupo de PL2



No entanto, o mesmo fenómeno verificou-se também no grupo de PL1, se bem que somente na subordinação completiva e na subordinação adverbial causal²⁴¹ (ver §5.1.2.2). Já a quebra de adjacência entre o proclisador e pronome clítico nas subordinadas causais, para o grupo de falantes de PL2, revela-se irrelevante para a colocação de pronomes clíticos. Portanto, supomos que, pelo menos nas orações subordinadas adverbiais introduzidas pelos complementadores *porque*, *quando* e *onde*, a distribuição sintática dos pronomes clíticos, nas produções de falantes de arménio L1 e PL2 seja explicada como efeito de arménio L1. Analisaremos, então, o caso destes com maior detalhe mais adiante.

Segundo explicado na subsecção 2.2.8.3, os complementadores não são proclisadores em arménio. Nesta língua, na subordinação, para a inversão da ordem canónica Vpcp-Vaux, é necessária a presença de um proclisador com traço [+foco] em posição pré-verbal. Assim, se, nas subordinadas completivas, a preferência pela ênclise no grupo de PL2 (nível B1: 87,5%-94,4%²⁴²; nível B2: 75%; nível C1: 64,3%) pode, à partida, ser explicada à luz de influência de arménio L1, pois no grupo de PL1 a taxa de ênclise nestas estruturas é incomparavelmente baixa (17,6 %), à das subordinadas adverbiais causais, devemos dar maior atenção, pois nestes as taxas de ênclise são igualmente altas tanto no grupo de falantes de PL1 (41,2%), como no grupo de falantes de PL2 (nível B1: 100%; nível B2: 63,9%; nível C1: 57,1%).

Mostrámos, na subsecção 5.1.2.2, que no que toca às subordinadas introduzidas pelo complementador *porque*, os itens testados não são orações coordenativas explicativas para que justificassem a colocação pós-verbal de pronomes nelas. Vimos também que, nas subordinadas encabeçadas pelo complementador *porque* antepostas, a colocação enclítica de pronomes não é aceitável. Retomamos, neste ponto da nossa discussão, a questão levantada no final da subsecção 5.1.2.2:

Será que é a leitura de foco (proeminência prosódica de algum constituinte em posição pré-verbal) ou a sua ausência que influencia a colocação de clíticos pelos falantes de PL1 nas subordinadas causais?

²⁴¹ Apenas um caso de colocação enclítica de pronome complemento foi registado no grupo de PL1, nas subordinadas adverbiais introduzidas pelo complementador *quando*.

²⁴² A percentagens são referentes ao grupo de informantes do nível B1 após a exclusão dos casos de generalização de um padrão de colocação de clíticos e ao grupo de informantes do nível B1, que generalizam a ênclise em todos os contextos testados.

Conforme nota Rooth (1992), o foco pressupõe sempre o estabelecimento de um contraste com um conjunto de elementos que potencialmente poderiam ter surgido naquele mesmo contexto.

‘Poderá assim definir-se Foco como o constituinte que recebe uma marcação entoacional e/ou sintáctica particular (não sendo necessariamente informação nova) que permite identificá-lo como proeminente para o processamento da informação, contrastando-o com informação anterior ou posterior relevante ou identificando-o/isolando-o relativamente a um conjunto de entidades que potencialmente poderiam ter surgido no mesmo contexto. Deste ponto de vista, ainda que o constituinte focalizado possa ser informação conhecida (já referida anteriormente no discurso), o papel que ele desempenha quando focalizado é novo, na medida em que o contraste que com ele se estabelece é novo. O contraste não é conhecido nem esperado. Não é pressuposto.’

Lobo (2003: 177-178)

As explicativas, defende Lobo (2003), ao contrário das subordinadas adverbiais, resistem à focalização, em virtude de uma propriedade discursiva que lhes está inerentemente associada: estes trazem traços inerentemente [+pressuposicional], [+expectável] incompatíveis com processos de focalização.

As subordinadas adverbiais podem receber o foco (contrastivo) para estabelecerem o contraste com a informação anteriormente identificada no discurso ou com uma informação partilhada entre os locutores. Quando antepostas, o acento do foco prosódico pode recair sobre os complementadores que as introduzem (em letras maiúsculas, nos exemplos seguintes), tornando a ênclise uma opção rejeitada em português.

- (69) a. QUANDO vai para a casa, o André liga. (O André não liga numa outra altura)
- b. ONDE nos encontramos pela primeira vez, vai haver uma festa. (A festa não é noutro sítio qualquer)
- c. Ana adora os seus filhos. PORQUE lhes dedica o seu tempo livre todo, não vem aos encontros da empresa. (Não é por uma outra razão que a Ana não vem aos encontros da empresa)
- d. Ontem vi os teus filhos no jardim. PORQUE os vi a conversarem com uma

peessoa estranha, preocupei-me. (Não é por uma outra razão que fiquei preocupado)

Sugerimos, neste ponto, voltar ao caso de arménio, em que o clítico especial adjunge-se à direita do constituinte prosodicamente marcado na frase, que normalmente é o constituinte com o valor [+foco]²⁴³, e na sua ausência, à direita do verbo da oração em que ocorre (ver §2.2.8.3).

Os conectores equivalentes aos *quando*, *onde*, *porque*, *que* do arménio, entre outros da mesma classe gramatical²⁴⁴, são palavras funcionais (ver Acharyan, 2005). Com efeito, nenhum desses itens lexicais aparece isoladamente no discurso (compare as líneas a. e b. de (70)-(73)), que é uma característica de clíticos.

- (70) P: – Երբ է Անդրեն զանգում:
 – *Yerb ē Andren zangum?*
 – Quando AUX Andre liga
 ‘– Quando liga o André?’

R: a.	*– Երբ:	/	b.	– Երբ զնում է տուն:
	*– <i>Yerb</i>			– <i>Yerb gnum ē tun</i>
	*– quando			– quando vai AUX casa
	*– Quando. ’			‘– Quando vai para a casa’

- (71) P: – Որտեղ ե՞ս հանդիպելու նրան:
 – *Vortegh es handipelu nran?*
 – Onde AUX encontrar_{FUT} ele ACU
 ‘–Onde vais encontrar-te com ele?’

R: a.	*– Որտեղ:	/	b.	– Որտեղ հանդիպել ենք առաջին անգամ:
	*– <i>Vortegh</i>			– <i>Vortegh handipel enk ‘ arajin angam</i>
	*– Onde			– Onde encontramos _{SPCP} AUX primeira vez
	*– Onde. ’			‘– Onde nos encontramos pela primeira vez.’

²⁴³ Desde que esteja à esquerda do verbo.

²⁴⁴ Na gramática arménia, as conjunções e os complementadores formam uma das dez classes gramaticais.

(72) P: - Ի՞նչ ասաց Աննան:
 - *Inch' asats' Annan?*
 - Que disse_{PCP} Ana
 ‘- O que disse a Ana?’

R: a. * – Որ: / b. – Որ եղել է Իսպանիայում:
 * – *Vor* – *Vor yeghel ē Ispaniayum*
 * – **Que** – **Que** foi_{PCP} AUX Espanha LOC
 * – **Que.**’ – **Que** esteve na Espanha.’

(73) P: – Ինչո՞ւ չես կարող խոսել Աննայի հետ:
 – *Inch' u ch'es karogh khosel Annayi het?*
 – Porque não AUX poder falar Ana GEN com
 ‘– Porque é que não podes falar com a Ana?’

R a. * – Որովհետև: / b. – Որովհետև գնացել է:
 * – *Vorovhetev*²⁴⁵ – *Vorovhetev gnats'el ē*
 * – **Porque** – **Porque** foi_{PCP} AUX
 * – **Porque.**’ – **Porque** se foi embora.’

Os complementadores *որսեղ* – *vortegh* – ‘quando’, *երբ* – *yerb* – ‘onde’ *որովհետև* – *vorovhetev* – ‘porque’, *քանի որ* – *k'ani vor* – ‘uma vez que/porque’, *քանզի* – *k'anzi* – ‘uma vez que/porque’ e a conjunção *որ* – *vor* – ‘que’ não legitimam a colocação proclítica do Vaux em arménio, como demonstra o contraste entre (74) e (75).

(74) a. Չեմ կարող խոսել Աննայի հետ, **որովհետև** / **քանի որ** / **քանզի** գնացել է:
Ch'em karogh khosel Annayi het, vorovhetev / k'ani vor / k'anzi gnats'el ē
 Não_{AUX} poder falar Anna_{GEN} com, **pois/ porque** / **uma vez que** foi AUX
 ‘Não posso falar com a Ana porque ela se foi embora.’

²⁴⁵ Embora não seja aceitável pela norma padrão, no registo coloquial o complementador *որովհետև* – *vorovhetev* – ‘porque’ pode aparecer isoladamente no discurso, sendo equivalente a resposta *Porque sim* de português.

- b. Մարիան ասաց, **որ եղել է** Իսպանիայում:
Marian asats ‘, vor yeghel ē Ispaniayum
 Maria_{NOM} disse **que esteve_{PCP} AUX** Espanha_{LOC}
 ‘A Maria disse que esteve na Espanha.’
- c. Նա ինձ հրավիրել է այն սրճարան, **որտեղ հանդիպել ենք** առաջին անգամ:
Na indz hravirel ē ayn srchran, vortegh handipel enk‘ arajin angam
 Ele me convidou_{PCP} AUX aquele café, **onde encontramos_{PCP} AUX** primeira vez
 ‘Ele convidou-me ao café onde nos encontramos pela primeira vez.’
- d. Անդրեն սովորաբար զանգում է, **երբ գնում է** տուն:
Andren sovorabar zangum ē, yerb gnum ē tun.
 Andre_{NOM} usualmente liga_{PRS} AUX, **quando vai_{PRS} AUX** casa
 ‘O Andre normalmente liga quando vai para a casa.’
- (75) a. Չեմ կարող խոսել Աննայի հետ, ***որովհետև /քանի որ /քանզի է գնացել:**
*Ch‘em karogh khosel Annayi het, *vorovhetev / k‘ani vor / k‘anzi ē gnats‘el*
 Não_{AUX} poder falar Ann_{GEN} com, ***pois/ porque / uma vez que AUX foi**
 ‘Não posso falar com a Ana porque ela se foi embora.’
- b. *Մարիան ասաց, **որ է եղել** Իսպանիայում:
 **Marian asats ‘, vor ē yeghel Ispaniayum*
 *Maria_{NOM} disse **que AUX esteve_{PCP}** Espanha_{LOC}
 ‘A Maria disse que esteve na Espanha.’
- c. *Նա ինձ հրավիրել է այն սրճարան, **որտեղ ենք հանդիպել** առաջին անգամ:
 **Na indz hravirel ē ayn srchran, vortegh enk‘ handipel arajin angam*
 *Ele me convidou_{PCP} AUX aquele café, **onde AUX encontramos_{PCP}** primeira vez
 ‘Ele convidou-me ao café onde nos encontramos pela primeira vez.’
- d. *Անդրեն սովորաբար զանգում է, **երբ է գնում** տուն:
 **Andren sovorabar zangum ē, yerb ē gnum tun.*
 *Andre_{NOM} usualmente liga_{PRS} AUX, **quando AUX vai_{PRS}** casa
 ‘O Andre normalmente liga quando vai para a casa.’

No caso de subordinadas completivas e subordinadas adverbiais locativas, a anteposição não é permitida; já no caso de subordinadas adverbiais causais e temporais, mesmo na anteposição, a próclise do Vaux seria inaceitável em arménio ((76)).

- (76) a. *Որովհետև /Քանի որ /Քանզի է գնացել, չեմ կարող խոսել Աննայի հետ:
 *Vorovhetev / K'ani vor / K'anzi ē gnats'el, ch'em karogh khosel Annayi het,
 *Pois/ Porque / Uma vez que AUX foi, não_{AUX} poder falar Anna_{GEN} com
 'Uma vez que a Ana se foi embora, não posso falar com ela.'
- b. *Երբ է գնում տուն, Անդրեն սովորաբար զանգում է:
 *Yerb ē gnum tun, Andren sovorabar zangum ē
 *Quando AUX vai_{PRS} casa, Andre_{NOM} usualmente lig_{PRS} AUX,
 'Quando vai para a casa, o André normalmente liga.'

Se o Vaux de arménio se clitizasse ao complementador, significaria que, num dado contexto discursivo, estes teriam um traço de [+foco], que não lhes pode ser atribuído, pois as conjunções completivas e os pronomes relativos, bem como os complementadores որովհետև – *vorovhetev* – ‘porque’ e քանի որ – *k'ani vor*– ‘uma vez que’ não podem ser o foco contrastivo/informacional de uma oração²⁴⁶. O valor de contraste, quando existe, em arménio é acumulado pela subordinada toda. Portanto, quando anteposto, a ênfase é sempre atribuída à subordinada, e nele o acento do foco prosódico distribui-se segundo os critérios descritos na subsecção 2.2.8.2, i.e., sobre o constituinte (em letras maiúsculas) que é o foco contrastivo da frase (77). Na ausência de um constituinte que corresponde ao foco contrastivo na subordinada, a ação expressa pela subordinada é entendida como foco informacional, logo, o acento do foco prosódico atribui-se ao verbo da subordinada ((78)).

- (77) a. Որովհետև / Քանի որ ՏՆՕՐԵՆՆ է զանգել, աշխատողները լուծել են հարցը:
Vorovhetev / K'ani vor TNÖRENN ē zangel, ashkhatoghnerē lucel en harts'ē

²⁴⁶ As conjunções correlativas թե՛...թե՛ – *t'é...t'é* – ‘e...e’, և՛...և՛ – *yev...yev* – ‘e...e’, հա՛մ...հա՛մ – *ham...ham* – ‘e...e’, կա՛մ...կա՛մ – *kam...kam* – ‘ou...ou’, ո՛չ...ո՛չ – *voch'...voch'* – ‘nem...nem’, que são graficamente marcadas pelo acento na escrita, bem como as conjunções. Երբեմն...երբեմն – *yerbemn...yerbemn* – ‘ora...ora’, ինչպես...այնպես – *inch'pes ...aynpes* – ‘tanto...como’, ոչ միայն...այլև – *voch' miayn...aylev* – ‘não apenas...como também’ de arménio, pelo contrário, recebem o acento do foco prosódico numa frase, por introduzirem foco identificacional (contrastivo), tal como nas interrogativas alternativas. Esta questão também não será aprofundada na presente investigação, por as conjunções correlativas não serem o foco do nosso estudo.

Porque / Uma vez que DIRETOR_{NOM} AUX ligou_{PCP}, funcionários_{NOM} resolveram_{PCP}
AUX problema_{ACU}

‘Uma vez que foi o diretor que ligou, os funcionários resolveram o problema.’

- b. Որովհետև / Քանի որ զանգել է ՏՆՕՐԵՆԸ, աշխատողները լուծել են հարցը:

Vorovhetev / K‘ani vor zangel ē TNĖRENĖ_{NOM}, ashkhatoghnerē lucel en harts ‘ē

Porque / Uma vez que ligou_{PCP} AUX DIRETOR, funcionários_{NOM} resolveram_{PCP} AUX
problema_{ACU}

‘Uma vez que foi o diretor que ligou, os funcionários resolveram o problema.’

- c. Որովհետև / Քանի որ ՏՆՕՐԵՆԻՆ են զանգել նախարարությունից,
աշխատողները լուծել են հարցը:

*Vorovhetev / K‘ani vor TNĖRENIN en zangel nakhararut ‘yunits’, ashkhatoghnerē
lucel en harts ‘ē*

Porque / Uma vez que DIRETOR_{DAT} AUX ligaram_{PCP} ministério_{ABL}, funcionários_{NOM}
resolveram_{PCP} AUX problema_{ACU}

‘Uma vez que foi ao diretor que ligaram do ministério, os funcionários resolveram
o problema.’

- d. Որովհետև / Քանի որ տնօրենին են զանգել ՆԱԽԱՐԱՐՈՒԹՅՈՒՆԻՑ,
աշխատողները լուծել են հարցը:

*Vorovhetev / K‘ani vor tnōrenin zangel en NAKHARARUT ‘YUNITS’,
ashkhatoghnerē lucel en harts ‘ē*

Porque / Uma vez que diretor_{DAT} ligaram_{PCP} AUX MINISTÉRIO_{ABL},
funcionários_{NOM} resolveram_{PCP} AUX problema_{ACU}

‘Uma vez que foi do ministério que ligaram ao diretor, os funcionários resolveram
o problema.’

- (78) Քանի որ / Որովհետև տնօրենը ՉԱՆԳԵԼ Է, աշխատողները լուծել են հարցը:

K‘ani vor / Vorovhetev tnōrenē ZANGEL Ē, ashkhatoghnerē lucel en harts ‘ē

Uma vez que/ Porque diretor_{DAT} LIGOU_{PCP} AUX, funcionários_{NOM} resolveram_{PCP} AUX
problema_{ACU}

‘Uma vez que o diretor ligou, os funcionários resolveram o problema.’

O caso do complementador *որտեղ* – *vortegh* – ‘onde’, que introduz relativas restritivas com o valor de local, em arménio vem acompanhado pelo advérbio locativo deítico *այնտեղ* – *ayntegh* – ‘lá’ (e.g., (74c), retomado em (79)), que, conforme Martins (2013: 2260), ‘é o marcador de ênfase por excelência’. ‘É lá, no restaurante que nos encontramos pela primeira vez (mas não num outro sítio) que vai haver uma festa’.

(79) Նա ինձ հրավիրել է **այնտեղ** (= **այն ռեստորան**), **որտեղ** հանդիպել ենք առաջին անգամ:

Na indz hravirel ē aynntegh (= ayn restoran), vortegh handipel enk‘ arajin angam

Ele me convidou_{PCP} AUX **lá** (=aquele restaurante), **onde** encontramos_{SPCP} AUX primeira vez

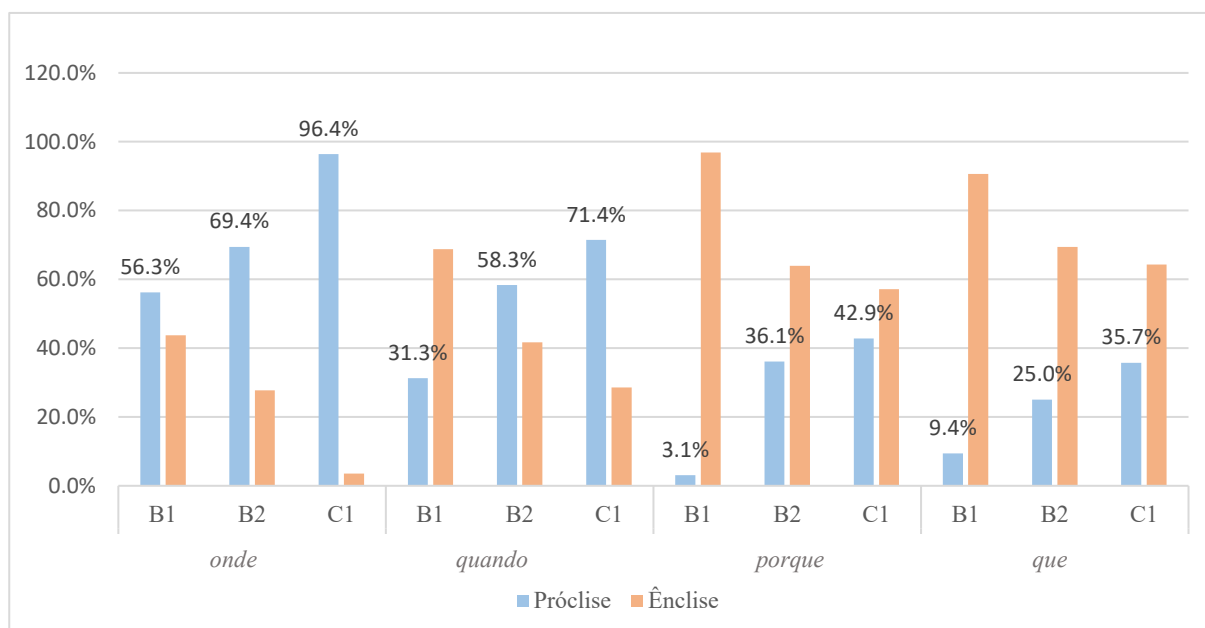
‘Ele convidou-me ao café onde nos encontrámos pela primeira vez.’

Portanto, mesmo que este complementador não seja um proclisador em arménio, o foco contrastivo é um traço intrinsecamente presente no advérbio deítico *lá* que o antecede e acumula o valor de ênfase, obviamente aceitando também focalização. Argumentamos, assim, que, na ausência do deítico *lá*, nas relativas restritivas locativas em português, este traço presente nas gramáticas mentais de falantes de arménio L1, é transferido para o complementador *onde* (é por ele acumulado), contribuindo para uma aquisição mais rápida do estatuto proclisador deste. Com efeito, os dados do nosso estudo mostram que, entre os quatro complementadores testados, o valor proclisador do pronome relativo *onde* demonstra sinais de estabilização já a partir do nível B1, sendo adquirido no nível C1²⁴⁷ (figura 5.35).

²⁴⁷

A taxa de próclise nestas estruturas é de 98,5% no grupo de PL1.

Figura 5.35. Colocação dos pronomes clíticos nas subordinadas adverbiais e completivas: dados dos níveis B1, B2 e C1 do grupo de PL2



De igual forma, o complementador *quando*, com o valor temporal, acumula o valor de ênfase, tal como os advérbios enfatizadores *logo* ou *assim que*, desencadeando aquisição de próclise também nas subordinadas adverbiais. O foco contrastivo, nas subordinadas adverbiais temporais, é lido nas possibilidades que podem ser entendidas através do conhecimento que partilhamos sobre o mundo. Defendemos que o *transfer* destes traços presentes nas gramáticas mentais de falantes de arménio L1, juntamente com a aquisição do traço proclisador de pronomes/advérbios interrogativos homónimos, são responsáveis pela aquisição mais rápida de próclise, nas subordinadas adverbiais temporais e locativas²⁴⁸.

Já nas subordinadas adverbiais causais de português em posição canónica, bem como nas subordinadas relativas completivas, na ausência de um proclisador dentro da subordinada, a ênfase não é um valor que possa ser facilmente decodificado por falantes de arménio, recorrendo ao seu conhecimento sobre a sua L1. Aliás, essa tarefa deverá ser realizada a partir dos dados linguísticos disponíveis em português. Contudo, em português, em múltiplas situações discursivo-pragmáticas, em português, ao nível de proeminência prosódica, os complementadores nas subordinadas adverbiais aproximam-se às explicativas²⁴⁹, antes

²⁴⁸ Essa ideia será reforçada no final da presente subsecção, do ponto de vista prosódico.

²⁴⁹ Entendemos pela proeminência prosódica, neste ponto, como um valor enfático atribuído ao complementador *porque*. Não se trata das causais periféricas à direita se distinguem das causais integradas à

cabendo ao falante atribuir-lhes o valor de ênfase, marcando-o no seu discurso prosodicamente (em letras maiúsculas, nos exemplos de (80)) e procurando contrastar a razão, a causa explicitada às outras possivelmente existentes (compare (80a) e (80b)). A proeminência prosódica do complementador *porque* de português, por outro lado, é facilmente capturada na coordenação de várias subordinadas causais ((80c)), por o complementador acumular o valor enfático, estando a introduzir uma informação nova no discurso.

- (80) a. Hoje não nos podemos encontrar, porque tenho convidados.
 b. Hoje não nos podemos encontrar, PORQUE tenho convidados.
 c. Hoje não nos podemos encontrar, PORQUE devo ir às compras, PORQUE tenho convidados e PORQUE à noite vamos ao cinema.

Em arménio, mesmo em casos de coordenação de várias subordinadas causais, esse valor enfático, nas subordinadas causais coordenadas, ao nível da prosódia, é normalmente atribuído às conjunções correlativas que normalmente as introduzem ((81))²⁵⁰.

- (81) Այսօր հանդիպել չենք կարող, **որովհետև** գնալու եմ գնումների, Ո՛ր **որովհետև** հյուրեր ունեմ, Ո՛ր **որովհետև** գիշերը գնալու եմ կին:

Aysōr handipel ch‘enk‘ karogh, vorovhetev gnalu em gnumneri, U vorovhetev hyurer unem U vorovhetev gisherē gnalu enk‘ kino.

Hoje encontrar não_{AUX} podemos, **porque** vou_{FUT} _{AUX} compras_{DAT}, E **porque** convidados_{ACU} tenho, E **porque** noite vamos_{FUT} _{AUX} cinema.

‘Hoje não nos podemos encontrar, porque devo ir às compras, porque tenho convidados e porque à noite vamos ao cinema.’²⁵¹

Na ausência de coordenação de várias subordinadas, o complementador *որովհետև* – *vorovhetev* – ‘porque’, conforme vimos, normalmente não é um elemento prosodicamente proeminente na subordinada que introduz, pois resiste à focalização. A não aceitação de anteposição das subordinadas adverbiais causais introduzidas por complementador *որովհետև*

direita pela obrigatoriedade de serem antecedidas de uma pausa e por estarem associadas a uma curva entoacional frásica distinta da oração matriz (Lobo, 2001: 302).

²⁵⁰ A coordenação assindética das subordinadas, na nossa opinião, é apenas marginalmente aceitável em arménio.

²⁵¹ Seria interessante comparar a aquisição da próclise nas subordinadas adverbiais causais antepostas e em posição canónica. Supomos que, nas subordinadas antepostas, haverá tendência maior para a próclise.

– *vorovhetev* – ‘porque’, por parte de alguns falantes²⁵², também nos indica que esse complementador, na língua arménia contemporânea, resiste à acumulação do traço enfático nas gramáticas de pelo menos uma parte de falantes de arménio L1.

Assim, nas gramáticas mentais de falantes de arménio L1, a próclise, na presença do complementador *porque* de português, tal como do complementador *que*, poderá ser justificada em contextos em que esse é enfatizado e/ou adquire uma proeminência prosódica, o que nem sempre acontece em PE contemporâneo e mesmo quando acontece, não legitima a próclise, como procuraremos mostrar a seguir.

Para justificar as dificuldades de aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais causais e nas subordinadas completivas em PL2 à luz da influência de arménio L1, além de demonstrar o contraste prosódico entre as orações de duas línguas em questão, é preciso ainda (i) fundamentar que a próclise nas frases subordinadas de português, tal como em arménio, é uma operação que ocorre ao nível prosódico e (ii) verificar se nas subordinadas adverbiais causais e nas subordinadas completivas, os complementadores *porque* e *que*, que as introduzem, podem ser prosodicamente destacados a algum nível.

Antes de mais, a hipótese de a próclise em português envolver o domínio de prosódia já foi explorada por diferentes autores (*e.g.*, Barbosa, 1996; 2000; 2008; Brandão de Carvalho, 1989; Galves & Galves, 1995; Frota, 1994; Kaiser, 1999; Said Ali, 1964; 1908/2008; Vigário, 2003; Vigário & Frota, 1998; entre outros). Muitos dos autores que analisam a colocação dos pronomes clíticos ao nível prosódico preocupam-se sobretudo com a direção da cliticização, *i.e.*, procurando responder à questão de os pronomes clíticos serem fonologicamente enclíticos ou proclíticos (*e.g.*, Barbosa, 2000; Kaiser, 1999; Vigário, 2003; Vigário & Frota, 1998). Alguns defendem a ideia de que os pronomes clíticos de português são inseridos pós-lexicalmente e se adjungem a uma palavra prosódica ao nível prosódico (*e.g.*, Barbosa, 2008; Vigário, 1999a; 2003; Vigário & Frota, 1998), comportando-se como proclíticos fonológicos quando ocupam a posição pré-verbal e como enclíticos fonológicos em posição pós-verbal, e argumentam ainda que os clíticos formam uma Palavra Morfológica com o núcleo que contém o verbo (*e.g.*, Barbosa & Flores, 2011).

A hipótese de os pronomes clíticos de português se adjungirem fonologicamente ao proclisador também foi explorada (*e.g.*, Frota, 1994; Frota & Vigário, 1996/2001; Vigário &

²⁵²

Ver a nota 120.

Frota, 1998). No entanto, os investigadores concluem que os pronomes complemento de português não são enclíticos ao proclisador, mas antes estão em próclise ao verbo. Vigário e Frota (1998), por exemplo, propõem que o requisito sintático de que o pronome clítico adjuge ao verbo cria conflito entre a informação sintática e fonológica, que, segundo constata Vigário (2003), é resolvido a favor da sintaxe.

‘Portanto, no mapeamento entre a fonologia e sintaxe, a configuração sintática de próclise impõe uma prosodização fonológica dos pronomes que resulta na próclise fonológica em vez da ênclise. Surge, portanto, uma incompatibilidade entre os requisitos fonológicos da cliticização pronominal e a prosodização real dos clíticos.’²⁵³

(Vigário, 2003: 56)

Barbosa (2008) sugere que, em resultado de restrição sugerida por Embick (2007), o deslocamento local do clítico é bloqueado em casos em que, no interior da frase, o clítico estabelece uma relação de adjacência com um elemento à sua esquerda, propondo, para estas situações, adjunção num nível mais tardio da derivação – ao nível prosódico, sendo o clítico adjacente à palavra prosódica a sua direita (da mesma forma como Vigário (2003) sugere para outros clíticos não pronominais).

Apesar de os investigadores mencionados argumentarem a favor da hipótese de cliticização dos pronomes clíticos ao verbo, notam que a próclise é desencadeada por fatores prosódicos (*e.g.*, Barbosa, 2000; Vigário & Frota, 1998). Vigário e Frota (1998) defendem que a próclise em PE contemporâneo está relacionada com a estrutura prosódica da frase (tal como mostrámos ser o caso do arménio), propondo que certos elementos tradicionalmente descritos como proclisadores ocupam posições com relevo prosódico no I.

No caso dos complementadores, para exemplificar, em (82), o *que* não é prosodicamente destacado se a frase apresentar um único I ((82a)), mas pode encontrar-se na última posição do I, onde lhe é atribuída proeminência prosódica, porque, conforme as autoras, a proeminência nos sintagmas entoacionais é final em português ((82b)).

(82) a. O João disse que a Maria chegou atrasada ao aeroporto]_I

²⁵³ Tradução nossa de original: ‘*Thus, in the mapping between syntax and phonology, the syntactic configuration of proclisis imposes a phonological prosodization of pronouns that results in phonological proclisis instead of enclisis. A mismatch between the phonological requirements of pronominal cliticization and the actual prosodization of clitics therefore emerges.*’

b. O João disse QUE]_I a Maria chegou atrasada ao aeroporto

(de Vigário e Frota, 1998, destaque e formatação nosso)

Em síntese, para Vigário e Frota (1998), os desencadeadores de próclise em PE partilham semelhanças fonológicas – esses são palavras de função funcionais fortes (*strong function words*, cf. Ladd (1991)). As autoras dividem-nas em dois grupos: palavras funcionais fortes do Tipo I, que são palavras prosódicas e carregam acento lexical (*e.g.*, a maioria de quantificadores, pronomes interrogativos e negativos, algumas conjunções e advérbios) e palavras funcionais fortes do Tipo II, que não têm acento lexical por serem clíticos, mas que, quando finais, pela posição que ocupam – a posição final do I –, adquirem o estatuto de uma palavra prosódica e recebem o acento nuclear do I (*e.g.*, algumas conjunções, subordinadores e complementadores). A presença desses dois tipos de palavras funcionais fortes, numa configuração correta, contribui para a próclise do clítico, pois, nas palavras das autoras, os proclisadores do pronome clítico em português são itens prosodicamente pesados que atraem os clíticos prosodicamente fracos, surgindo, assim, a próclise de modo a que os clíticos – fonologicamente dependentes – estejam posicionados tão perto quanto possível dos respetivos proclisadores.

Ao mesmo tempo, as autoras (*op. cit.*) concordam que a próclise dos pronomes clíticos em português é uma opção só quando o proclisador e o verbo-hospedeiro se encontram dentro de fronteiras do mesmo sintagma entoacional, tal como mostrámos para o Vaux de arménio. Já a ênclise, segundo mencionam Vigário e Frota (*op. cit.*), é possível quando entre o proclisador e o clítico ocorre uma pausa (compare (83b) e (83c)); existe um constituinte fonologicamente pesado (compare (83d) e (83e)); existe uma parentética (compare (83f) e (83g)); ou uma topicalização ((83h)).

- (83)
- a. O João disse que a viu (*viu-a)
 - b. O João disse]_I que a Maria lhe deu (*deu-lhe) um beijo
 - c. O João disse que]_I a Maria deu-lhe um beijo
 - d. O Pedro disse que o livro te foi (*foi-te) entregue ontem
 - e. O Pedro disse que o livro encomendado à Biblioteca Nacional]_I foi-lhe entregue ontem
 - f. Tem chovido tanto que os campos se alagaram (*alagaram-se) excessivamente
 - g. Tem chovido tanto que, quanto à região do Mondego]_I os campos alagaram-se excessivamente

- h. E imagina tu que, aos gerentes] o tipo trata-os o melhor que pode
(de Vigário e Frota, 1998, formatação nossa)

Vigário e Frota (*op. cit.*) admitem, porém, que nos contextos enclíticos de (83), a próclise também é possível. É de mencionar também que a possibilidade de ênclise nas subordinadas completivas complementos de verbos declarativos, por alguns autores (*e.g.*, Torrego & Uriagereka, 1993) é justificada como casos de subordinadas ‘não verdadeiras’ (*i.e.*, os mesmos são analisados como parataxes). De facto, a ênclise é o padrão atestado em estruturas coordenadas dentro de domínios encaixados, tanto em português antigo, como em espanhol antigo (cf. Martins, 2003) e francês antigo (cf. Labelle & Hirschbühler, 2002, *op. cit.*, Martins, 2003)²⁵⁴.

Procurando compreender as possibilidades entre a ênclise e a próclise nas subordinadas, recorreremos a alguns trabalhos mais antigos sobre a língua portuguesa. A hipótese de que um constituinte prosodicamente proeminente (*strongly stressed*) em posição pré-verbal (*e.g.*, constituintes *qu-* ou enfáticos) desencadeia próclise dos pronomes clíticos em português, desde que os mesmos se encontrem dentro da mesma fronteira fonológica com os clíticos, é reportado ainda em Said Ali (1964; 1908/2008). Contudo, os trabalhos que se preocuparam com a questão de a colocação dos pronomes clíticos ocorrer no domínio fonológico, elaborados no final do século XX e no início do século XXI, conforme referimos, não afirmam, a hipótese de o clítico ser hospedado por constituinte mais proeminente (Barbosa, 2008; Vigário 2003, Vigário & Frota, 1998; entre outros).

Vigário (2003), referindo-se aos trabalhos de Said Ali, menciona que o linguista brasileiro admite a cliticização dos pronomes apenas a palavras não acentuadas (*e.g.*, complementadores) ou muito proeminentes (*e.g.*, pronomes interrogativos ou palavras enfáticas). O próprio Said Ali (1908/2008: 45) defende que não se pode ‘atribuir o deslocamento do pronome enclítico à tonalidade mais alta do primeiro termo da interrogação ou exclamação’, argumentando que em outras perguntas e admirações (entende-se exclamativas e interrogativas globais) o pronome clítico aparece em posição pós-verbal e avançando com os seguintes exemplos ((84)):

²⁵⁴ Como, em comparação a textos contemporâneos, em textos medievais, a pontuação não sinaliza as fronteiras sintáticas de uma forma igual, o nível a que a coordenação se aplica nem sempre é facilmente identificado (Martins, 2003)

- (84) a. Mas Reys que edificação desertos! Os desertos edificação-se? (Vieira, Serm.,5, 537)
 b. O mundo diminue-se? (ib., 5, 546)
 c. Então isto faz-se? (Din., Pup., 86)
 d. A menina ri-se! (ib., 152)
 e. Isso pergunta-se? (Herc., M. de C., 1, 277)

(de Said Ali, 1908/2008: 45, destaque nosso)

A pergunta que colocamos neste ponto é a seguinte: será, nos exemplos dados em (84), algum constituinte em posição pré-verbal prosodicamente mais proeminente que o verbo?

Como argumentam Vigário e Frota (1998), a proeminência nas frases-I de PE é final. Portanto, nos exemplos dados por Said Ali (1908/2008) – em (84) –, o constituinte prosodicamente mais proeminente é o verbo, na posição final de oração, o que justifica a ênclise nas exclamativas e interrogativas globais. Logo, a alegação de Said Ali de que o deslocamento do pronome enclítico não pode ser atribuído à tonalidade mais alta de pronomes interrogativos que introduzem as interrogativas parciais, pois nas interrogativas globais a ênclise é o único padrão aceite, não pode ser considerado um argumento válido para todas as estruturas. No trabalho de Said Ali (1908/2008) encontramos diversos exemplos em que o próprio autor discute a colocação dos pronomes clíticos como um fenómeno dependente da prosódia frásica e da ênfase a certos constituintes. Nos exemplos de (85a)-(85f), por exemplo, o autor (*op. cit.*) justifica a próclise do pronome clítico pela necessidade de enfatizar o sujeito (p.49-51); nos de ((85g)-(85i)), pela ênfase do objeto ou advérbio posto no começo nas orações exclamativas e optativas (p.52), afirmando que ‘a colocação pronominal se efetua num ou noutro sentido, segundo se deseja pôr em destaque o termo do conceito inicial ou os dizeres finais’ (p.51).

- (85) a. Uma febre violenta **o** sustentava.
 b. Ele **me** disse que vinha. (‘isto é, ele, e não outrem, ninguém senão ele’ (p.50))
 c. Ha entre nós um abysmo: || tu **o** abriste; || e eu | precipitei-me nelle.
 d. Bons olhos **o** vejam!
 e. Deus **nos** livre!
 f. Deus **lhe** dê muita saúde!
 g. Bom proveito **lhes** faça!
 h. Assim **o** mande!
 i. A outros **o** mostre!

(de Said Ali, 1908/2008: 49-52, formatação e destaque nosso)

Nota-se que, nos exemplos (85g)-(85i), ocorreu inversão da ordem verbo-objeto. Trata-se, portanto, de casos de foco contrastivo anteposto que, nos dados fornecidos por Said Ali (1908/2008), legitimam a próclise do pronome clítico, tal como mostrámos acontecer no caso do Vaux do arménio, e a questão da direção de cliticização em PE torna-se relevante nestes casos.

Nos trabalhos posteriores à obra de Said Ali que analisam a hipótese de a colocação do clítico em português ocorrer ao nível prosódico, a maior atenção é dedicada à questão de os atacadores de próclise, prosodicamente proeminentes, como referimos, serem ou não hospedeiros de pronomes complemento (*e.g.*, Barbosa, 1996; Kaiser, 1999; Vigário & Frota, 1998). A discussão sobre a direção da cliticização baseia-se sobretudo numa análise prosódica ao nível de palavra prosódica. Ao lado de argumentos como (i) os clíticos não afetam a localização de acento verbal, ou (ii) a inserção de clíticos não bloqueia o processo de glide (semivocalização) da nasal final da, ou (iii) os clíticos não desencadeiam o processo geral de inserção de glides para quebrar o hiato, ou (iv) os clíticos não desencadeiam a regra de dissimilação de vogais não posteriores seguidas de segmentos palatais, ou (v) a possibilidade de os clíticos sofrerem redução ao contrário de afixos lexicais, que reconhecemos como critérios válidos, um dos argumentos fundamentais, é o facto de, em PE moderno, não ocorrer a mesma alteração morfológica dos clíticos ACU (compare ‘*comemos-lo*’ e ‘**apenas lo comemos*’ (*e.g.*, Vigário, 1999b; 2003). Colocamos, porém, a hipótese de que essas características são mais recentes na língua portuguesa. Com efeito, Kaiser (1999) e Martins (1994) trazem exemplos de obras portuguesas antigas, mostrando que o mesmo processo de assimilação que ocorre com a sequência V-cl em português moderno, ocorria também em português antigo, como ilustrado em (86).

- (86) a. **Melho-la** fizestes (apud Williams 1938: 150)
b. **Deu-lo** sabe **poi-la** vi (apud Williams 1938: 150)
c. Neto sou de **quem no** sou. (apud Cunha & Cintra 1984: 280)
d. Eu **não no** quero. (apud Jucá (Filho) 1967: 163)

(de Kaiser, 1999²⁵⁵:1938-1939, formatação nossa)

²⁵⁵ Kaiser (1999), recorrendo ao trabalho de Williams (1938), refere que a assimilação de terminações em /r/ ou /s/ da palavra precedente manteve-se em alguns dialetos do norte de Portugal, como em *pola ver*; *Deu-lo queria*.

- e. **pulas** fazerdes pagar
- f. **todalas** ditas cousas (de Martins, 1994: 217-218, formatação nossa)

Magro (2007) apresenta evidências do mesmo fenómeno não apenas para os clíticos ACU, mas também para os determinantes de PE moderno, no seu estudo sobre interpolação em diferentes dialetos de Portugal ((87)).

- (87)
- a. **Deus o** lá tenha em descanso. [ˈdewlu] (Covo, CORDIAL-SIN COV35)
 - b. Nem **todas as** pessoas faziam. [ˈtoðɐlɐʃ] (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL23)
 - c. A minha falecida mãe tecia; eu ia **levar as** coisinhas que ela tecia. [liˈvɐlɐʃ] (S. Lourenço da Montaria, CORDIAL-SIN MIN04)
 - d. Detesto aquela pessoa que lhe fuja com o valor a **quem o** tem. [ˈkɐjnu] (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL44)
 - e. Os sentimentos cada um **tem os** seus. [ˈtɛjnuʃ] (S. Lourenço da Montaria, CORDIAL-SIN MIN05) (de Magro, 2007: 160-161²⁵⁶)

Além disso, Kaiser (*op. cit.*) mostra que, em português antigo, muitas vezes os pronomes clíticos em anteposição com o verbo, estão ortograficamente ligados à palavra precedente ou com um hífen ou escrevendo-se juntamente com ela ((88)).

- (88)
- a. hũũforno onde**o** elle mandava (apud Meyer-Lübke 1897: 316)
 - b. e nõn-**o** atormentassem tanto (apud Meyer-Lübke 1897: 316)
 - c. ata que**os** cõplam por obra (apud Ogando 1980: 265)
 - d. eute leixey ja. (apud Meyer-Lübke 1897: 318)
- (de Kaiser, 1999:1938, formatação nossa)

Não pretendendo discutir a direção da cliticização em PE moderno a partir da análise ao nível de palavra prosódica e deixando de parte, ainda, a possibilidade de mesóclise como outro argumento válido para a hipótese de os pronomes clíticos serem adjuntos ao verbo de

²⁵⁶ Vigário (2003: 141-147) argumenta que em português contemporâneo as formas *lo*, *no* e *o*, – que na língua padrão ocorrem apenas em combinações específicas com certas formas verbais, – correspondem a diferentes alomorfes do pronome ACU e não a formas derivadas duma única forma subjacente /lu/, como parece ter sido o caso numa fase recuada da história do português.

uma oração (*e.g.*, Vigário, 1999b; 2003), posicionar-nos-emos ao lado da ideia de que o movimento do pronome clítico, em português antigo, tal como em arménio, foi desencadeado pela proeminência prosódica (acento de foco prosódico – *focal stress*) atribuída aos constituintes focalizados em posição pré-verbal²⁵⁷, sendo o hospedeiro dos clíticos o proclisador (a palavra prosódica mais proeminente) que corresponde ao núcleo do sintagma entoacional²⁵⁸. Ora, devido ao desenvolvimento natural de língua e devido às alterações prosódicas que nela ocorreram (*cf.* Barbosa, 1996; Galves & Galves, 1995), o padrão de colocação dos pronomes clíticos em português sofreu alterações, como resultado da alteração da direção de cliticização (*ver* Barbosa, 1996), não abandonando, porém, a característica de os mesmos serem distribuídos numa frase conforme às características prosódicas ao nível frásico, pois, segundo Kaiser (1999), no domínio de colocação dos pronomes clíticos, o português é uma língua mais conservadora em relação a outras línguas românicas²⁵⁹. Para tal opinião, ou seja, que em português antigo a próclise estava a ser desencadeada pelo traço [+foco] em posição pré-verbal, atribuindo proeminência prosódica a certos elementos, servem-nos de base os padrões de colocação dos pronomes clíticos em PE descritos por Said Ali (1908/2008), que coincidem essencialmente com os padrões por nós apresentados em relação à língua arménia, no que toca à colocação do Vaux clítico, indicando também que o foco anteposto não adverbial desencadeia próclise em PE (*ver* igualmente Martins, 2013)²⁶⁰.

Como argumento a hipótese de adjunção do pronome clítico ao proclisador serve ainda o fenómeno de interpolação que desapareceu do padrão normativo da língua portuguesa contemporânea, mas de que encontramos evidências muito recorrentes em português antigo (*cf.* Huber 1933/1986; Kaiser, 1999; Martins, 1994; 2003; 2013; Said Ali, 1908/2008; Silva Dias 1918; entre outros), em variações dialetais contemporâneas (*cf.* Barbosa, 1996; Lobo & Carrilho, 1999; Magro, 2007²⁶¹; Martins, 1994; entre outros) e que ainda é perfeitamente aceitável em arménio.

²⁵⁷ Do ponto de vista da semântica, o papel do acento de foco prosódico em português é discutido, *por exemplo*, em Frota (2000), Vigário (1998, *op. cit.*, Vigário, 2003), que o identificam como foco contrastivo ou estreito.

²⁵⁸ Segundo Vigário (2003), o núcleo do I corresponde ao elemento que carrega o acento do foco prosódico.

²⁵⁹ Recorda-se que, em português antigo, tanto a colocação pré-verbal como a colocação pós-verbal, nas afirmativas simples, eram padrões aceitáveis (*e.g.*, Galves & Galves, 1995; Kaiser, 1999; Martins, 2003).

²⁶⁰ Verificamos que alguns falantes nativos de português não concordam com a afirmação de Martins (2013) de que o foco contrastivo anteposto desencadeia próclise em PE contemporâneo, considerando isso um padrão arcaizado.

Agradecemos à Professora Marina Vigário esta observação.

²⁶¹ Magro (2007) defende que a interpolação em português contemporâneo é um fenómeno distinto do fenómeno que ocorria na língua antiga e não constitui um traço arcaizante das variedades que a manifestam.

Por fim, vai ao encontro dessa hipótese o facto de, em português antigo, até ao século XVI, existir variação entre ênclise e próclise, em contextos que hoje admitem apenas ênclise²⁶² (cf. Kaiser, 1999; Magro, 2007; Martins, 1994; 2003; entre outros).

Voltando agora aos complementadores *que* e *porque* de português, interessa-nos saber se a próclise, historicamente aceite como padrão válido nas subordinadas (cf. Mateus *et al.*, 2003; Martins, 1994; 2013), na presença destes itens lexicais – átonos (cf. Vigário, 2003) –, pode ou não ser explicada através da proeminência prosódica dos mesmos, mais precisamente através da atribuição do acento de foco prosódico. Para tal, a primeira tarefa será verificar se os complementadores *que* e *porque* podem ou não ser prosodicamente proeminentes do I.

A possibilidade de saliência dos complementadores *que* e *porque* ao nível prosódico é discutida por autores como Said Ali (1908/2008), Vigário (2003), Vigário e Frota (1998), entre outros. Primeiro, a opcionalidade entre próclise e ênclise nas subordinadas completivas introduzidas pelo complementador *que*, mais precisamente a preferência de falantes nativos de português pela ênclise, sendo identificada como um padrão mais recente por Vigário e Frota (1998) e caracterizado como regresso ao padrão antigo (enclítico), é vista pelas autoras como resolução do conflito entre a fonologia e a sintaxe a favor de sintaxe. As autoras (*op. cit.*) mencionam que a próclise é mais facilmente afetada na presença das palavras de função forte do tipo II (i.e., alguns complementadores, conjunções), por esses serem fonologicamente menos pesados que os do tipo I (i.e., alguns quantificadores, palavras negativas, *qu-*, entre outros). Nota-se, contudo, que nos exemplos dados pelas autoras, retomados em (89), a ênclise é encontrada ainda na presença das palavras de função forte do tipo I, como é o caso do quantificador *todos*.

- (89) a. i. Type II O Pedro disse que a Maria deu-lhe o recado
 ii. Type I ?? Todos os alunos deram-lhe uma prenda
 b. i. Type II ?? O Pedro disse que deram-lhe o recado
 ii. Type I * O Pedro não deu-lhe o recado

(de Vigário & Frota, 1998: 30)

Na opinião de Vigário e Frota (*op. cit.*), o afastamento do proclisador e do pronome clítico contribui para a colocação enclítica, por não serem respeitados os requisitos fonológicos

²⁶²

Com exceção às situações em que o verbo ocupava uma posição inicial na oração.

(compare (89a.i) e (89b.i.)). Aceitando o reparo, nesse sentido, de que a realização entre o complementador e o pronome clítico os pode dividir em sintagmas entoacionais diferentes, legitimando a ênclise, chamamos a atenção para o facto de que, em (89a.ii), a ênclise pode ser justificada pelo facto de a oração em questão ser um simples relato de facto, sem necessidade de focalização de sujeito (compare a *TODOS os alunos (exclusivamente) lhe deram uma prenda*).

Se na presença dos quantificadores como *todos, tudo, alguns*, entre outros, a próclise pode ser justificada pelo acento do foco prosódico associado a sintagmas de que fazem parte, na nossa opinião, a proeminência prosódica do complementador *que* em primeiro lugar poderia ser consequência da proeminência do complementador do latim *quid* – um vocábulo semiforte (cf. Said Ali, 1908/2008), que teria uma entoação forte antigamente, mas ‘... a sua tonalidade enfraqueceu-se em parte, e a perda teve de ser compensada pela anteposição de um elemento reforçativo, de uma palavra átona, ao lado da qual se destacasse a sua pronúncia, quando assim o exigia a ênfase e a clareza’ (p.14, destaque nosso). Said Ali (*op. cit.*) prossegue, afirmando que o pronome *que* mal acentuado se confundia com a conjunção, tendo sentido dúbio, de onde se pode concluir que a conjunção *que* é vista como um item lexical sem a possibilidade de acentuação. Ao mesmo tempo, compreendemos que a deslocação do pronome clítico de português é vista por este autor como uma operação ao nível prosódico, cujo objetivo é atribuir ênfase e proeminência prosódica ao complementador (no caso, *que*), posição que é retomada em diferentes momentos do trabalho, também para outros proclisadores átonos (*e.g.*, p.37, p.41, p.50). Hipoteticamente, poderá intervir aqui ainda a hipótese de que a próclise do pronome clítico não tenha uma função reforçativa do complementador, mas que antes tenha ocorrido o fenómeno contrário, i.e., o movimento do clítico para esquerda tenha sido atraído pela proeminência do complementador *que*, derivado do latim (*quid*) e preservado na língua portuguesa, nas fases mais antigas do seu desenvolvimento que, entretanto, desapareceu do PE contemporâneo. Se a função do pronome clítico anteposto é a atribuição da ênfase e a proeminência prosódica aos proclisadores ou se é proeminência prosódica dos proclisadores que atrai o movimento dos pronomes clíticos, é uma questão que certamente merece maior atenção, a que não procuraremos dar uma resposta definitiva no âmbito da presente investigação²⁶³, limitando-nos a apresentar algumas observações pertinentes para a nossa argumentação. Seja uma ou a outra hipótese, de uma perspectiva meramente lógica, o complementador *que*, nas estruturas com a próclise dos

²⁶³

A mesma questão levantámos para o movimento do Vaux do arménio, no final da subsecção 2.2.8.2.

pronomes clíticos em português mais antigo, supostamente é entendido como um elemento que se destaca pela sua proeminência, ao nível prosódico. Por outras palavras, supomos que, em português antigo, se o clítico deslocado tinha a função de atribuir ênfase e/ou proeminência prosódica ao complementador, conforme defende Said Ali (1908/2008), ele deveria ser prosodicamente destacado, como resultado dessa operação. Seguindo a mesma lógica e, partindo da hipótese de que a próclise em português antigo era desencadeada pela proeminência prosódica de constituintes em posição pré-verbal, seria válido assumir que a próclise nas subordinadas era justificada pela proeminência prosódica do complementador²⁶⁴. A questão é saber até que ponto essas hipóteses são válidas para o PE contemporâneo e em que medida contribuem para a realização da ênclise e da próclise dos pronomes clíticos.

Assim, contornando as hipóteses de colocação dos pronomes clíticos na língua portuguesa (mais) antiga, voltaremos à questão de os complementadores *porque* e *que* em PE contemporâneo poderem ou não ser prosodicamente destacados.

Em PE contemporâneo, argumenta Vigário (2003: 179), os complementadores *porque* e *que*, lexicalmente, são clíticos e não palavras prosódicas, pois não possuem acento lexical próprio. Logo, não podem tornar-se um elemento proeminente no sintagma entoacional por meio de uma alteração no padrão de acentuação não marcado de I, uma possibilidade que, no entanto, se encontra disponível para as palavras lexicais e pelo menos para alguns itens funcionais tónicos, como o marcador de negação da frase *não* (cf. Vigário, 1997a; 1998a, *op. cit.*, Vigário, 2003).

A falta de acento próprio, no entanto, conforme visto por Kaiser (1999), não é uma característica obrigatória dos clíticos, pois alguns podem receber acento frasal (*e.g.*, em francês, *Vient-IL?*, *Prends-LE!*). Vigário (*op. cit.*) admite, mais adiante, que os complementadores *que* e *porque* de PE contemporâneo, apesar de não possuírem acento próprio, podem aparecer no final de um I e ser mesmo os únicos elementos de um I, como em (90).

²⁶⁴ É de ter em conta ainda que a próclise desencadeada pelo complementador *que* poderia igualmente ter resultado de generalização de colocação pré-verbal do clítico na presença desse item nas clivadas, nas quais a próclise é o padrão aceitável.

No entanto, há casos de orações clivadas que conforme mostra Martins (2013: 2277) aceitam a ênclise do pronome clítico ((i)).

- (i) a. Mas o pior é que nesta dança repentina o corpo *falha-lhe*. (CRPC, C. Pires, Hóspede)
- (ii) a. [Mas o pior é que]_I [nesta dança repentina]_I [o corpo *falha-lhe*]_I.

Nota-se, contudo, que nessa estrutura, o constituinte que precede a clivagem *é que* não carrega o acento do foco prosódico, além de existir uma fronteira entoacional entre a estrutura *é que* e o pronome clítico, conforme mostrámos em (ii).

- (90) a. [Os rapazes louros]_I [**que**]_I [para a Ana]_I [são os mais giros]_I [acabaram de sair]_I
 b. [Sei tudo isto]_I [**porque**]_I [como debes calcular]_I [alguém mo disse]_I

(de Vigário, 2003: 195, destaque nosso)

Esse facto, em primeiro lugar, leva-nos a pensar que os complementadores *que* e *porque*, em subordinadas causais de português, poderiam, teoricamente, ser prosodicamente destacados através do acento do foco prosódico, pois Vigário (2003) defende que o acento do foco prosódico é atribuído ao núcleo do sintagma entoacional e, nos exemplos de (88), os complementadores *que* e *porque* são os únicos elementos dentro do I. Com efeito, é possível ter uma leitura em que os complementadores *que* e *porque* das orações de (90) tenham proeminência prosódica ao nível da oração ((91)).

- (91) a. [Os rapazes louros]_I [**QUE**]_I [para a Ana]_I [são os mais giros]_I [acabaram de sair]_I
 b. [Sei tudo isto]_I [**PORQUE**]_I [como debes calcular]_I [alguém mo disse]_I

Será, então, a próclise legitimada pelo facto de os complementadores *que* e *porque* poderem ser prosodicamente destacados pela posição que ocupam no I?

Conforme exemplificamos em (92), três possibilidades de formação de sintagmas entoacionais, na presença dos complementadores *que* e *porque*, serão possíveis em português²⁶⁵.

- (92) a. [Penso que]_I [até onde posso prever]_I [acabo hoje esta tarefa]_I
 b. [A Ana pensa]_I [que]_I [até onde é possível prever]_I [acaba hoje esta tarefa]_I
 c. [Penso]_I [que até onde posso prever]_I [acabo hoje esta tarefa]_I
 d. [Digo isto porque]_I [pelos meus cálculos]_I [já está quase tudo feito]_I
 e. [Digo isto]_I [porque]_I [pelos meus cálculos]_I [já está quase tudo feito]_I
 f. [Digo isto]_I [porque pelos meus cálculos]_I [já está quase tudo feito]_I

(de Vigário, 2003: 194, adaptação e formatação nossa)

Se em relação a (92b) e (92e) já foi mencionada a sua proeminência prosódica, pelo facto de serem os únicos elementos no I, também devemos alguma atenção aos casos em que os complementadores ocupam a posição final ((92a) e (92d)) ou a posição inicial ((92c) e (92f))

²⁶⁵ Para uma discussão mais detalhada, ver Vigário (2003).

Na realidade, a próclise justificada através da proeminência dos complementadores seria uma abordagem que violaria a condição de não existência de uma quebra prosódica que separa os complementadores e o grupo clítico-verbo em fronteiras prosódicas diferentes ((93c) e (93d)), requisito defendido para a realização da próclise por vários autores (*e.g.*, Said Ali (1908/2008; Vigário & Frota, 1998; Vigário, 2003). Contudo, em PE contemporâneo, as construções como em (93c) e (93d) são gramaticalmente válidas.

- ## Como então explicar a validação da próclise?

Stage II: ajustes fonológicos posteriores (balanceamento, comprimento, taxa de fala), que não afetam a ordem de palavras ou clíticos.

morfossintática a que pertencem (palavras funcionais fortes do Tipo II). Esta seria uma abordagem válida.

Por outro lado, a próclise pode ser justificada nas estruturas em que os complementadores *que* e *porque* ocupam a posição inicial do I, pois, nessas, a deslocação do pronome clítico deve ter surgido primeiramente como estratégia para reforçar os complementadores, tal como defendido por Said Ali (1908/2008). De facto, nestas estruturas, *que* e *porque* – palavras funcionais clíticas – ocupam a periferia esquerda do I, violando a lei de Tobler-Moussafia e o seu reforço através da cliticização de pronomes clíticos seria lógico. Tal facto, ao longo do desenvolvimento da língua portuguesa, poderia ter resultado na generalização de regra de que a próclise é o único padrão válido na presença desses complementadores, mesmo quando ocorre uma realização entre o complementador e o grupo clítico-verbo, separando-os em sintagmas entoacionais diferentes.

Nas subordinadas antepostas, a próclise categórica (ver Martins, 2013) vai ao encontro dessa assunção ((94)).

- (94) a. **Que** a Maria ontem *te* tinha mentido]_I surpreende-me muito.
(de Martins, 2013, formatação nossa)
- b. **Que** *me* proibam essas coisas]_I é completamente absurdo.
(de Barbosa, 2013: 1848, adaptação nossa)
- c. **Porque** *lhe* contei a história toda, ficou extremamente irritado.

Na anteposição, as orações introduzidas por complementadores colocam-se em posição que é interpretada como de foco, marcada pela proeminência prosódica (Lobo, 2003). Nessas, a próclise é o único padrão aceitável tanto nas subordinadas completivas como nas subordinadas causais, conforme mostra a agramaticalidade das orações em (95).

- (95) a. ***Que** a Maria ontem tinha-*te* mentido surpreende-me muito.
- b. ***Porque** vi-*os* no jardim a conversarem com uma pessoa estranha, fiquei preocupado.

Contudo, não se pode declarar que, em PE contemporâneo, a próclise, nas subordinadas antepostas é devida à proeminência prosódica obrigatoriamente atribuída ao

complementador²⁶⁷. Para o PE contemporâneo, conforme defende Frota (2000), a prosódia de elementos periféricos advém principalmente da sua associação a acentuação e entoação especiais, sem alterar a estrutura prosódia principal. Portanto, se, na posição canónica da subordinada, o complementador não estava a ser prosodicamente destacado, pode continuar a não o ser na anteposição. Como mostram os exemplos em (96), a proeminência prosódica do complementador não é uma verdade absoluta mesmo nas situações em que existe adjacência entre esse e o grupo clítico-verbo ((96c)-(96d)).

- (96) a. QUE a Maria ontem *te* tinha mentido surpreende-me muito.
b. Que a Maria ontem *te* tinha mentido surpreende-me muito.
c. PORQUE *os* vi no jardim a conversarem com uma pessoa estranha, fiquei preocupado.
d. Porque *os* vi no jardim a conversarem com uma pessoa estranha, fiquei preocupado.

Assim, não se encontra evidência de que os complementadores em posição inicial do I, mesmo quando anteposto, estão (tipicamente) proeminentes. Logo, em situações em que *que* e *porque* se encontram dentro do mesmo I que o grupo clítico-verbo, a próclise, em PE contemporâneo, igualmente aos casos em que os complementadores e o grupo clítico-verbo estão em I diferentes, não pode ser justificada através da proeminência dos complementadores.

Concluindo, nas subordinadas causais e completivas de PE contemporâneo, com o padrão proclítico dos pronomes fracos, o complementador pode ou não ser prosodicamente destacado. Assim, em primeiro lugar, os dados linguísticos não demonstram uma marcação prosódica sistemática dos complementadores. A colocação pré-verbal dos clíticos nas subordinadas é uma particularidade da língua portuguesa não partilhada pelo arménio. Tal particularidade deve criar maiores dificuldades na aquisição dos padrões sintáticos dos pronomes clíticos do português para os falantes de arménio L1, já que nas gramáticas mentais desses aprendentes a próclise é desencadeada pelo traço [+foco] a que os complementadores da sua L1 resistem.

²⁶⁷ Não descartaremos a hipótese de que, nas fases mais remotas, isso podia ter sido caraterístico para a língua portuguesa,

Mesmo nas situações em que os complementadores do PE contemporâneo estão destacados ao nível prosódico, pela posição final que ocupam no I, o que poderia ser interpretado por falantes de arménio L1 como um traço proclisador, a dificuldade na validação da próclise persiste nas gramáticas mentais desses aprendentes. Em arménio, conforme mostrámos na subsecção 2.2.8.3. *Orações subordinadas*, a próclise é uma possibilidade em arménio se o proclisador e o grupo clítico-verbo se encontrarem dentro do mesmo I. Portanto, mesmo o destaque prosódico dos complementadores *que* e *porque* do português no final do I, quando observado, não deveria resultar na próclise nas produções linguísticas de falantes de arménio L1, devido à fronteira fonológica existente entre o proclisador e o clítico. Ainda que se admita o facto de que em arménio a periferia direita de uma frase também pode ser interpretada como posição de foco, sendo prosodicamente marcada (ver as subsecções 2.2.8.2 e 2.2.8.3), os complementadores arménios equivalentes a *que* e *porque* nunca podem ocupar a posição final do I, por serem sempre antecidos de uma pausa prosódica, que é graficamente assinalada pela existência de uma vírgula na escrita, de carácter obrigatório. Assim, sobra apenas a possibilidade de o complementador *que* e *porque* formarem ou um I independente²⁶⁸ ou ocupar a periferia esquerda do I. A mesma questão de quebra prosódica, interligada com a ênclise do Vaux de arménio, surge quando o complementador apresenta um I independente, marginalmente aceite em arménio em alguns contextos discursivos. De facto, alguns autores (e.g., Suqiasyan, 2004) argumentam que a proeminência prosódica das orações de carácter neutro é inicial em arménio. Contudo, a legitimação da próclise pelo facto de o complementador ocupar a periferia esquerda do I não é possível, pois, como mostrámos ao longo deste trabalho, em arménio, a próclise do Vaux clítico é desencadeada não pelo acento rítmico, nem pelo acento tonal, mas pela distribuição do acento do foco prosódico, o que não é atribuído ao complementador que introduz a subordinada completiva ou causal, distribuindo-se nela da mesma forma que nas orações declarativas simples.

Defendemos, assim, a ideia de que não estão disponíveis traços nas gramáticas dos falantes nativos de arménio L1 que, através do *transfer* positivo para o PL2, poderiam acelerar

²⁶⁸ Aceitámos a possibilidade (marginalmente) de, em contextos particulares, como por exemplo numa situação em que o interlocutor não ouviu ou não compreendeu bem a explicação dada, ao repetir novamente a explicativa, no ato da fala, o falante pode atribuir o tom mais alto ao complementador *que*, como em: Աննա՛ն զնա՛ն է դպրոց – *Annan*_{AnnaNOM} *asats* ‘disse’ *VOR*_{que} *gnalu* *ēirā* *dprots*_{escola} – A Ana disse QUE vai à escola (mas não pensa em ficar a brincar no jardim)). Se bem que, mesmo num contexto discursivo desses, é mais natural a ênfase do verbo ou do último constituinte da subordinada (neste caso: escola).

O mesmo é válido em relação à ênfase do complementador *porque*, nas subordinadas causais, como em: Աննա՛ն զնա՛ն, ՈՐՈՎՀԵՏԼԻ հոգնած էր – *Annan*_{AnnaNOM} *gnatts* ‘disse’ *VOROVHETEV*_{porque} *hognats*_{cansado} *ēr* *era* – A Ana foi-se embora PORQUE estava cansada, embora neste caso também é mais natural a ênfase do verbo da subordinada.

a aquisição. Ao mesmo tempo, ocorre um *transfer* negativo de arménio L1 para o PL2 – a próclise associa-se à proeminência prosódica dos proclisadores – e a ausência da ênfase prosódica nos complementadores *que* e *porque* do português, que se encontram no mesmo I que o clítico, resulta numa aquisição tardia ou não sucedida de próclise nestas estruturas em PL2. A interpolação, nesse processo, revela-se um fenómeno que dificulta ainda mais a aquisição da próclise, porque separa o complementador e o verbo em sintagmas entoacionais diferentes, motivando os falantes de arménio L1 recorrer à ênclise do pronome clítico ainda mais vezes.

Desta perspectiva da influência da L1, a particularidade de o constituinte na periferia esquerda das subordinadas temporais, concessivas, condicionais, finais e locais, tanto na posição canónica, como na anteposição, poder ser prosodicamente proeminente em arménio, pelo facto de ser possível o valor de acumulação do traço [+foco] pela subordinada e pelo destaque prosódico no início do I (ver Suqiasyan, 2004), que pode ser transferido para PL2, explica a aquisição rápida de próclise nestas estruturas, embora os complementadores de português nessas estruturas não estejam prosodicamente marcados. Por outro lado, caso ocorra proeminência prosódica dos complementadores que introduzem subordinadas destes tipos, a mesma será facilmente notada por falantes de arménio L1 devido às características prosódicas semelhantes em arménio e português nesse sentido²⁶⁹.

Deste modo, é a partir dos dados linguísticos de português disponíveis que os falantes de arménio L1 devem construir o seu conhecimento gramatical sobre a possibilidade proclisadora dos complementadores *que* e *porque* do português, o que resulta nas dificuldades significativas de aquisição de próclise nas subordinadas completivas, pois os complementadores *que* e *porque* do português, tal como em arménio, resistem à acumulação do traço [+foco] e quando estão prosodicamente destacados, encontram-se num I diferente do clítico.

Em paralelo, os dados apresentados nesta subsecção indicam que a próclise nas subordinadas não é aceite por todos os falantes nativos de PE, ao longo de vários séculos.

Sugerimos que a próclise de pronomes clítico de português, nas fases mais remotas do desenvolvimento de língua, tal como em arménio, era desencadeada pelo traço [+foco], que, entretanto, sofreu alterações ao longo de séculos, devida à mudança da direcção de cliticização

²⁶⁹ Tal assunção não implica a leitura de que em arménio e em português, os complementadores nestas estruturas são obrigatoriamente proeminentes.

e da necessidade de adjacência do clítico ao verbo em PE contemporâneo e continua em constante mudança, demonstrando atualmente indícios de regresso ao padrão antigo.

São provas dessa mudança a tendência de preferência pela ênclise nas estruturas de subordinação causal e completiva por parte da geração nova de portugueses, reportada por autores diferentes (*e.g.*, Barbosa, 2000; Vigário & Frota, 1998).

Do ponto de vista de uso no paradigma atual, olhando para o caso de falantes de PL1 do nosso estudo também encontramos preferência dos informantes do presente estudo pela ênclise, em 41,2% nas subordinadas adverbiais causais e em 17,6% nas subordinadas completivas.

São prova da mesma mudança alguns exemplos extraídos no *Corpus CETEMPúblico*²⁷⁰ (ver (97)) que mostram que nas produções de falantes adultos de PL1 a ênclise é uma opção presente na presença do introdutor de subordinadas *porque*.

- (97) a. E assim, com menos espaço de manobra, sobretudo na segunda parte, o Penafiel não conseguiu desenhar uma única jogada com princípio, **porque** os seus defesas **viam-se** em dificuldades para entregar a bola jogável.
- b. Alberto Mendes, um garimpeiro de 23 anos, disse que era um trabalho perigoso, em parte **porque** a polícia e os soldados por vezes **roubam-lhes** as pedras.
- c. O acidente de Didier Pironi em 1982 chocou-me muito, **porque** eu **vi-o** voar!

Serão, então, os desvios registados no grupo de controlo do nosso estudo antes uma questão de preferência? Esta pergunta deixaremos em aberto.

Interessa, neste ponto, o facto de que, ao analisarmos a colocação dos pronomes clíticos em português, estamos perante uma situação linguística complexa que envolve os domínios da sintaxe, da prosódia e ainda da semântica, que estão em constante mudança em português.

A hipótese de a colocação dos pronomes clíticos em PE, além de sintaxe e semântica, envolver o domínio prosódico esclarece não apenas as dificuldades persistentes de falantes não nativos de português, mas ainda a preferência das crianças portuguesas pela ênclise até por volta de quatro anos de idade (*e.g.*, Duarte *et al.*, 1995; Duarte & Matos, 2000). Além do reparo

²⁷⁰ Disponível em: <https://www.linguateca.pt/cetempublico/>, consultado a 06.09.2025.

de Vigário e Frota (1998) de que, em virtude de os proclisadores terem propriedades diferentes, é possível que os falantes de português, nos estádios precoces de aquisição, os encarem como palavras de função fracas (para os proclisadores do tipo II) ou como palavras lexicais (para os proclisadores do tipo I), é necessário ter em conta também as propriedades prosódicas dos proclisadores em diversas situações de uso. Da perspectiva da hipótese de complexidade de *input* (Costa & Lobo, 2006), no que toca à colocação dos pronomes clíticos em português, é necessário considerar não apenas o facto de algumas categorias terem mais ou menos número de proclisadores possíveis, mas a variedade fonológica que certos itens proclisadores (ou não) apresentam em diferentes contextos discursivo-semânticos.

Resumindo a discussão desta subsecção, concluímos que a aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais em PL2, por falantes nativos de arménio, está a ser fortemente condicionada pelos traços sintáticos, semânticos e prosódicos instanciados na sua L1. A ausência do valor de ênfase nos complementadores que raramente são itens prosodicamente proeminentes na oração faz com que estes não sejam vistos como proclisadores por falantes de arménio L1, pois nas suas gramáticas a próclise é legitimada pelo traço [+foco] que, conforme explicitado por Lobo (2003), é atribuído a um dado constituinte da frase, para o processamento da informação e para contrastar a informação anterior ou posterior relevante a um conjunto de entidades que potencialmente poderiam ter surgido no mesmo contexto. Mesmo nos níveis mais avançados de aquisição de PL2, os falantes de arménio L1 apresentam desvios significativos de colocação dos pronomes clíticos nas subordinadas, necessitando de recorrer mais vezes à sua memória declarativa, onde armazenam o conhecimento gramatical sobre a L2. A interpolação entre o complementador e o hospedeiro verbal, assim, tal como no caso de falantes de PL1, serve de um distrator, ao nível do uso online de língua, fazendo com que os falantes de arménio L1, nas suas produções linguísticas em PL2, ainda recorram, frequentemente, aos traços instanciados na sua L1.

O acento do foco prosódico parece ter peso, ainda, na preferência de colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com quantificadores em posição pré-verbal, o que pode explicar tanto a aquisição mais rápida do estatuto proclisador dos quantificadores *tudo*, *alguém* e *poucos* em PL2 pelos falantes de arménio L1, como a preferência pela próclise de falantes de PL1 e PL2, em certos itens com quantificador *muitos*, conforme já questionámos (§5.1.2.1 e §5.2.1.4).

Não concordaremos assim, com a opinião de Fiéis *et al.* (2023), de que a próclise em completivas e em orações adverbiais é uma questão puramente sintática, mas antes posicionar-

nos-emos ao lado de Tsimpli (2014), defendendo a ideia de que a aquisição dessas estruturas também envolve interfaces. A próclise em português, além do domínio de sintaxe e de semântica (Mateus *et al.*, 2003; Martins, 2013), deve ser analisada na interface sintaxe-fonologia, partindo do princípio de que nem toda a sintaxe é fonologicamente livre e tendo em conta que as construções sintáticas fonologicamente condicionadas correspondem a uma sintaxe tardia (cf. Frota & Vigário, 1996/2001). A variação ao nível prosódico, de aquisição tardia no caso de subordinação adverbial e de estruturas que envolvem quantificadores em posição pré-verbal, resulta em dificuldades de aquisição de próclise para as crianças portuguesas, sendo responsável também pela variação observada nas produções de falantes adultos de PL1. Enquanto no caso de interrogativas parciais, de estruturas com negação e de estruturas com advérbios focalizadores/enfatizadores em posição pré-verbal, o valor enfático associado aos pronomes/advérbios interrogativos, marcadores de negação e certos advérbios por falantes de PL1 e de PL2 é detetado mais cedo, garantindo a aquisição mais rápida de próclise nestas estruturas. Na idade adulta, por a fonologia ser um dos aspetos mais afetados na aquisição tardia, defendemos a ideia de que o valor enfático instanciado em marcadores de negação, nas interrogativas parciais, nos certos advérbios focalizadores e enfatizadores, presente nas gramáticas de aprendentes, é transferido para a L2, acelerando a aquisição de próclise nessas estruturas. Já encontrar variação prosódica entre as orações com sujeitos quantificados (*e.g.*, *muitos*, *alguns*, *todos*) ou naquelas que são introduzidas pelo complementador, será um desafio para uma grande parte dos aprendentes de PL2, resultando na oscilação entre a próclise e ênclise até nos estádios mais avançados de aquisição, tal como mostrado pelos dados da presente investigação. No caso de alguns complementadores (*e.g.*, *onde*, *quem*, *quando*), que são homónimos dos pronomes/advérbios interrogativos, nos níveis intermédios e avançados, o fenómeno de dupla generalização pode ser uma estratégia encontrada pelos falantes de aprendentes de PL2 que os ajuda a adquirirem o estatuto proclisador desses ainda nas subordinadas adverbiais, mas aqui também, o traço [+foco], acumulável por alguns complementadores (*e.g.*, *onde*, *quando*), parece ter peso. Fica, assim, claro, porque é que as escalas de aquisição de próclise em PL1 e em PL2, para os falantes de diferentes L1, seguem um trajeto semelhante, embora não completamente idêntico.

Por fim, importa ainda referir que os dados apresentados ao longo desta subsecção, juntamente com os dados que apresentámos nas subsecções anteriores de uma perspetiva individual (ver §5.2.1.2 e §5.2.1.3), permitem-nos concluir que, na subordinação adverbial também, a aquisição de próclise ocorre gradualmente, sendo possível aquisição (quase) completa na idade adulta. No nível B2 e C1, conforme vimos, nestas estruturas, alguns falantes

já apresentam taxa de próclise muito próxima (*e.g.*, inf.5: 83,3%) ou ainda superior (*e.g.*, inf.20: 91,7%; inf.29: 91,7%) à taxa média de próclise do grupo de PL1 (84,8%), a par de uma taxa de precisão absoluta de próclise nas interrogativas parciais – 100%²⁷¹.

5.2.1.6. Distratores

As estruturas de infinitivo (não) flexionado que serviram como distratores para o teste de elicitación foram testadas no total de 384 vezes, conforme mostramos na tabela 5.10.

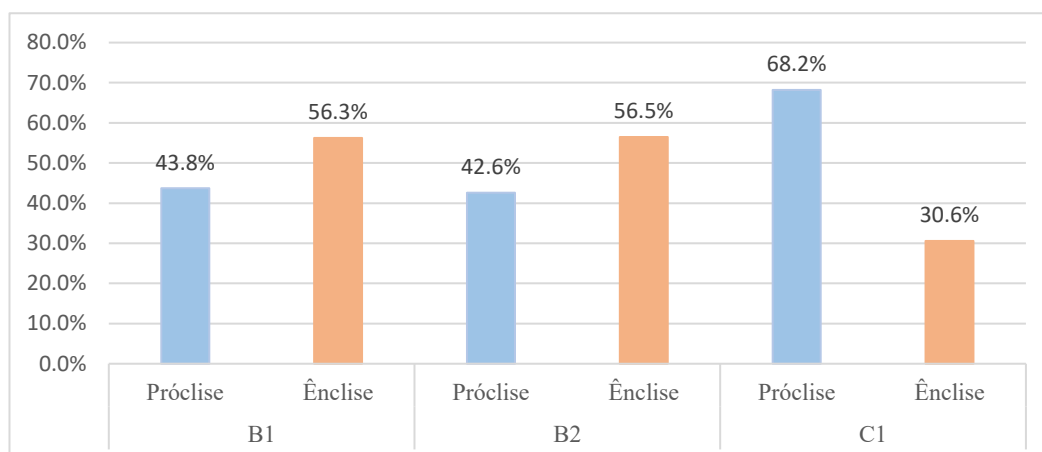
Tabela 5.10. Número de ocorrências de cada preposição nas orações infinitivas: grupo de PL2

Preposição	<i>em</i>	<i>para</i>	<i>de</i>	<i>por</i>
Número de ocorrências	n=96	n=160	n=96	n=32
Total	n=384			

Os resultados do grupo de PL2 (figura 5.36) mostram que, nas orações de infinitivo, a próclise é o padrão dominante apenas no nível C1 (68,2%), o que é bastante próximo aos resultados do grupo de PL1 (78% de próclise). Nos níveis B1 e B2 observa-se um certo equilíbrio entre a próclise e a ênclise, sendo a ênclise utilizada mais vezes (respetivamente 56,3% e 56,5%).

²⁷¹ Tal como fizemos no caso do inf.29, seria importante verificar, na investigação futura, a evolução de aquisição de próclise na subordinação adverbial junto de outros informantes deste estudo. Apesar de o tempo médio de exposição ao português, para os informantes que ainda apresentam taxas significativas da ênclise nas subordinadas adverbiais (nos níveis B2 e C1 em conjunto) ser de 19 anos, o que nos faz pensar que na maioria dos casos pode se tratar de fossilização, i.e., do último estágio malsucedido de aquisição, os inf.5, inf.6 e inf.10 têm um tempo de exposição ao português relativamente mais pequeno: respetivamente 5, 7 e 5 anos, podendo ser possível encontrar evolução significativa nas suas interlínguas neste aspeto.

Figura 5.36. Colocação dos pronomes clíticos nas orações infinitivas: dados do grupo de PL2

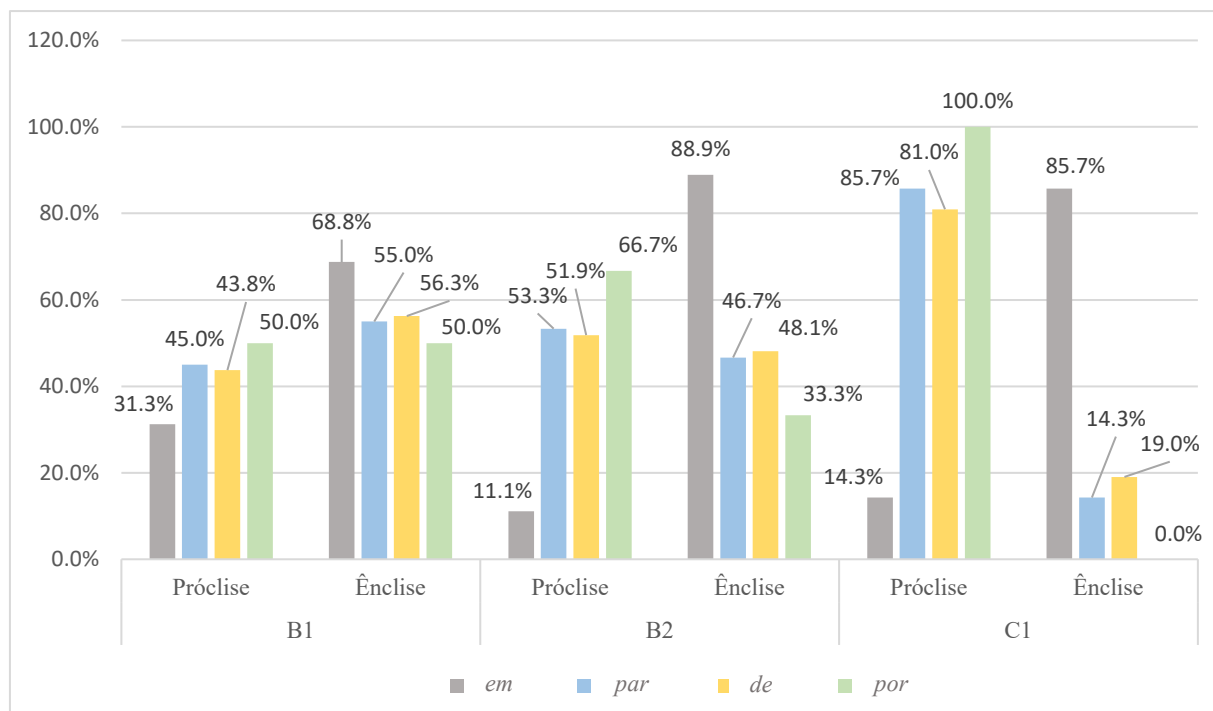


A figura 5.37 apresenta a preferência de colocação dos pronomes clíticos nas estruturas de infinitivo introduzidas por cada preposição testada, no grupo de PL2.

Com as preposições *de*, *para* e *por*, enquanto os falantes de PL1 preferem majoritariamente a próclise (respetivamente, 86,3%; 89,4%; 100%), os falantes de arménio L1 e PL2 oscilam entre próclise e ênclise, nos níveis B1 e B2. Já no nível C1, os resultados de falantes de PL2 são (quase) idênticos aos do grupo de PL1 (a preferência pela próclise respetivamente, 81%; 85,7%; 100%).

Com a preposição *em*, no grupo de PL1 observou-se relativamente baixa preferência pela próclise (43,1%), mas bastante equilibrada com a taxa de ênclise (56,9%). Já no grupo de PL2, a taxa de próclise mais próxima à taxa do grupo PL1 é no nível B1 (31,3%), pois nos níveis B2 e C1 notamos uma diminuição de próclise (respetivamente, 11,1% e 14,3 %).

Figura 5.37. Colocação dos pronomes clíticos, nas estruturas de infinitivo introduzidas por cada preposição: dados do grupo de PL2



Apesar de não se encontrarem no foco da presente investigação, os dados obtidos no grupo de PL2 quanto à colocação dos pronomes clíticos nas orações infinitivas mais uma vez confirmam que na idade adulta é possível chegar a uma mestria linguística igual ou parecida à de um falante nativo.

5.2.2. Seleção dos pronomes clíticos por falantes de PL2

Em simultâneo com a colocação, no teste de eliciação, testámos a seleção dos pronomes clíticos, junto dos 32 falantes de arménio L1 e PL2. Excluindo os distratores da nossa análise (n=12, por cada teste), dos restantes 96 itens, em 50% (n=48, por cada teste) os clíticos esperados eram os ACU de 3.^a pessoa (*o, os, a, as*) e em 50% (n=48, por cada teste), os DAT de 3.^a pessoa (*lhe, lhes*). Portanto, em termos globais, uma vez que o número de participantes nesta etapa também foi 32, para a nossa análise quantitativa, contámos com o total de 3072 itens (clítico esperado ACU: n=1536; DAT: n=1536).

A tabela 5.11 apresenta os resultados gerais de respostas esperadas e desviantes obtidas no grupo de PL2, no que toca à seleção dos pronomes clíticos.

Tabela 5.11. Número total das respostas esperadas e desviantes na seleção casual dos pronomes clíticos, no grupo de PL2

		Distratores	Clítico esperado ACU	Clítico esperado DAT	
Total dos itens testados		n=384	n=1536	n=1536	n=3456
Resposta esperada		n=372 (96,9%)	n=1118 (72,8%)	n=996 (64,8%)	
Resposta desviante	Clítico 3. ^a p	n=11 ²⁷² (2,9%)	n=406 (26,4%)	n=492 (32,0%)	
	Clítico 1. ^a e 2. ^a p	n/a	n=10 (0,6%)	n=40 (2,6%)	
	Pronome tónico	n=0 (0%)	n=1 (0,1%)	n=2 (0,2%)	
Abandono/Outro		n=1 (0,2%)	n=1 (0,1%)	n=6 (0,4%)	

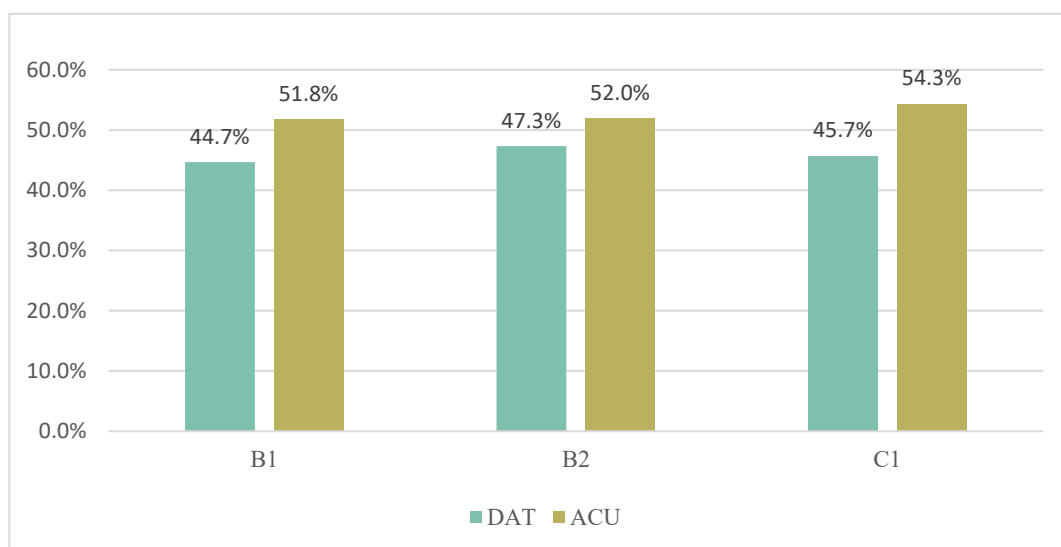
Conforme já referido, na secção 2.2.5, testámos a seleção de clíticos ACU e DAT, tendo em conta os traços [$\pm$ humano].

Em todos os testes juntamente, os clíticos ACU foram utilizados no total de 1610 vezes (52,4%) e os DAT, no total de 1402 vezes (45,6%). Nos restantes 2% (n=60), as respostas obtidas não permitiram esse tipo de análise, por serem clíticos da 1.^a e 2.^a pessoa gramatical ou pronomes tónicos ou por os itens não serem preenchidos.

Na figura 5.38, que apresenta as taxas de utilização de clíticos ACU e DAT em cada nível, vimos que os clíticos ACU estão a ser utilizados mais vezes em todos os níveis, embora a diferença entre os clíticos ACU e DAT não seja tão grande que nos permita concluir que os clíticos ACU estão a ser adquiridos em primeiro lugar, como argumenta Tian (2022). A essa questão ainda voltaremos.

²⁷² Nos distratores os clíticos esperados eram sempre os da 1.^a ou da 2.^a pessoa singular. Em alguns casos (n=8, no nível B1; n=3, no nível B2), os informantes optaram por um clítico ACU ou DAT de 3.^a pessoa.

Figura 5.38. Distribuição dos clíticos DAT e ACU em cada nível do grupo PL2

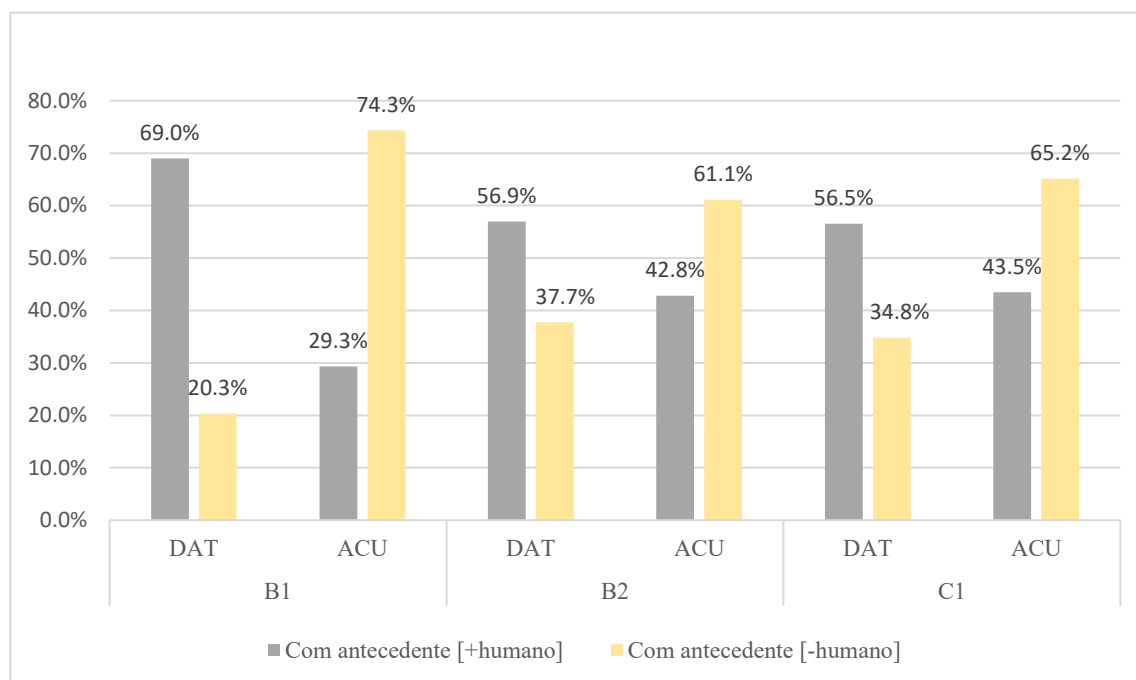


Referimos, na secção 2.2.7, que o reconhecimento do traço de animacidade com as entidades [+animado, -humano] (recurso à personificação), presente nas gramáticas de falantes de arménio L1, poderia ser um fator a afetar os resultados da nossa análise, sendo necessário dedicar atenção a esse fenómeno caso ocorresse. De facto, tal como previsto, nos níveis mais baixos de competência em PL2, o reconhecimento do traço de animacidade é mais evidente. No nível B1, em 22,9% das respostas, nas estruturas onde o argumento verbal tem traços [+animado, -humano], (e.g., *cão, gato*) ou traços [-animado, +coletivo] (e.g., *cidade, trabalho*) ou traços [-animado, -humano] (e.g., *boneca*), registou-se recurso à personificação, i.e., utilização do clítico DAT para substituí-los, em paralelo com a atribuição do traço [+humano] ao clítico DAT. No nível B2, registamos recurso à personificação apenas em 3,7% das respostas e no nível C1, nenhuma ocorrência. Infelizmente, não podemos estudar devidamente este fenómeno no presente trabalho, visto os dados nesse sentido serem escassos. Apesar de não apresentar taxas muito altas e não afetar a nossa análise, a personificação é um fenómeno que apoia a hipótese de influência de arménio L1 na aquisição dos pronomes clíticos em PL2. Este fenómeno é interessante para futuramente ser estudado no processo de aquisição de L2 à luz de transferência da L1, pois, como mostram os nossos dados, está presente nas gramáticas de falantes de arménio L1 e expressa-se, nos estádios mais precoces de aquisição de PL2.

Quanto à distribuição do caso gramatical de pronomes clíticos do português em função dos traços [$\pm$ humano] dos seus antecedentes, os dados recolhidos mostram que realmente existe uma tendência de utilização de clíticos DAT, quando o antecedente do pronome tem traço [+humano], e de clíticos ACU, quando o antecedente do pronome tem traço [-humano], sendo

essa tendência mais marcada no nível B1 (ver a figura 5.39) e não se observando diferenças quase nenhuma entre os níveis B2 e C1.

Figura 5.39. Seleção dos clíticos DAT e ACU, no grupo de PL2, em função do traço $[\pm\text{humano}]$ dos seus antecedentes



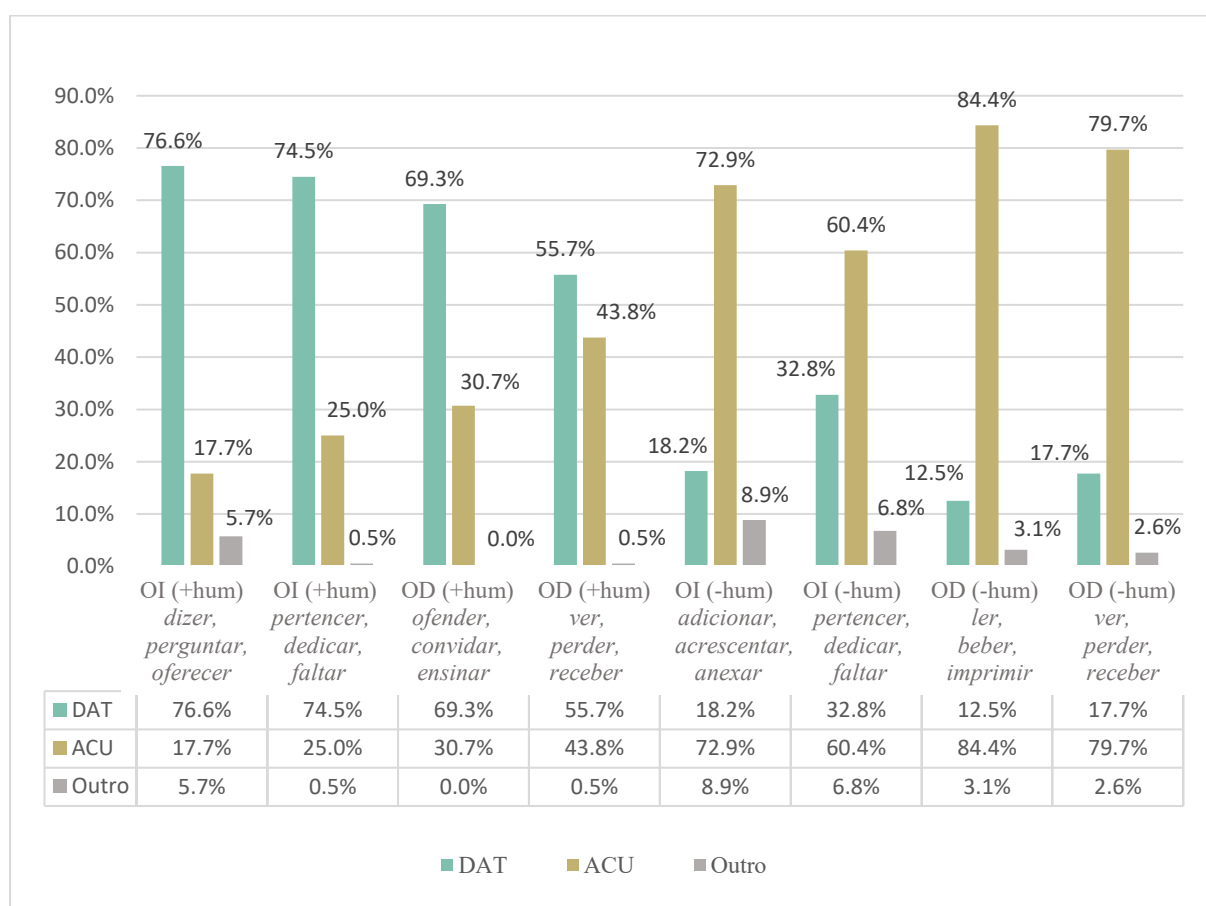
Para compreender os padrões da seleção dos pronomes clíticos nas estruturas com os antecedentes com traços $[\pm\text{humanos}]$, é preciso olhar para cada contexto com mais atenção. Apresentaremos a nossa análise para cada nível de competência em PL2, tal como fizemos ao discutir a distribuição sintática dos pronomes clíticos.

5.2.2.1. Nível B1

Os dados obtidos no nível B1 (ver a figura 5.40) mostram que, os falantes de arménio L1 utilizadores de PL2, quando o antecedente do pronome clítico é uma entidade com traço $[\text{+humano}]$, utilizam mais vezes os clíticos DAT com os verbos *dizer*, *perguntar*, *oferecer*, que selecionam OI com traço somente $[\text{+humano}]$ – 76,6%; com os verbos *pertencer*, *dedicar* e *faltar* que selecionam OI com traços $[\pm\text{humano}]$ – 74,5%; e com os verbos *ofender*, *convidar*, *ensinar*, que selecionam OD com traço somente $[\text{+humano}]$ – 69,3%. Com os verbos *ver*, *perder* e *receber* de português, que selecionam OD com traços $[\pm\text{humano}]$, quando o

antecedente do pronome clítico é uma entidade [+humano], os falantes de arménio L1 oscilam entre os clíticos ACU e DAT (43,8% vs. 55,7%).

Figura 5.40. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível B1 do grupo de PL2



Quando o antecedente do pronome clítico é uma entidade com traço [-humano], os falantes de arménio L1 e PL2 recorrem mais vezes aos clíticos ACU, sendo a taxa maior de utilização de clíticos ACU com os verbos *ler, beber, imprimir*, que selecionam OD somente com traço [-humano] – 84,4%; de seguida com os verbos *ver, perder, receber*, que selecionam OD com traços [±humano] – 79,9%; depois com os verbos *adicionar, acrescentar, anexar*, que selecionam OI com traço [-humano] – 72,9%; e, por último, com os verbos *pertencer, dedicar, faltar*, que selecionam OI com traços [±humano] – 60,4%.

Estes dados gerais demonstram nitidamente que os falantes de PL2 do nível B1 atribuem o traço [+humano] ao clítico DAT e o traço [-humano] ao clítico ACU, confirmando a Hipótese 1 da presente investigação, segundo a qual os traços morfológicos dos pronomes

clíticos do arménio L1 serão transferidos para a L2. Tal como previsto pela Hipótese 1, mesmo havendo um uso predominante de clíticos ACU com os antecedentes [-humano], o maior uso de clíticos DAT registou-se junto dos verbos que seleccionam OI tanto em arménio, como em português (*pertencer, dedicar, faltar e adicionar, acrescentar, anexar*), devido à possibilidade de ocorrência de *transfer* a dois níveis – (i) atribuição do traço [-humano] aos clíticos ACU e (ii) transferência do caso (DAT) associado aos complementos regidos por estes verbos.

A escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos portugueses ((98a)) também vai ao encontro da Hipótese 1 ((98b)), pois, conforme predizíamos, a aquisição mais rápida de seleção causal dos pronomes clíticos do português ocorreria com os verbos em cujas restrições semânticas não se observam diferenças entre o arménio e o português (i.e., os verbos que seleccionam OD [-humano] e OI [+humano]), enquanto com os verbos que seleccionam OD [+humano] e OI [-humano] era expectável encontrarmos mais dificuldades. Apenas num caso, com os verbos *perder, receber, ver*, na condição de o antecedente do clítico ser uma entidade com traço [+humano], observamos aquisição mais rápida da seleção casual do pronome selecionado, não prevista à luz da influência de arménio L1, a que procuraremos dar uma explicação mais adiante.

- (98) a. **Resultados (nível B1):** OD [-humano] (*ler, beber, imprimir*) $\geq$ OD [-humano] (*perder, receber, ver*) > OI [+humano] (*dizer, perguntar, oferecer*) $\geq$ OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) > **OD [+humano] (*perder, receber, ver*)** > OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) > OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*) > OI [-humano] (*anexar, adicionar, acrescentar*)
- b. **Predição 1.1.2 (H1):** OD [-humano] (*ler, beber, imprimir*) $\geq$ OI [+humano] (*dizer, perguntar, oferecer*) > OD [-humano] (*perder, receber, ver*) $\geq$ OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) > OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $\geq$ OI [-humano] (*anexar, adicionar, acrescentar*) > **OD [+humano] (*perder, receber, ver*)** > OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*)

Ao nível individual a imagem, no nível B1, é mais heterogénea (tabela 5.12).

Tabela 5.12. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [$\pm$ humano] do seu antecedente: dados individuais do nível B1

Nível B1		Antecedente [+humano]			Antecedente [-humano]		
		DAT	ACU	Outro	DAT	ACU	Outro
Subgrupo 1	Inf.16	87.5%	12.5%	0%	2.1%	97.9%	0%
	Inf.17	87.5%	12.5%	0%	4.2%	93.8%	2.1%
	Inf.25	91.7%	8.3%	0%	14.6%	85.4%	0%
	Inf.30	100%	0%	0%	6.3%	91.7%	2.1%
Subgrupo 2	Inf.3	72.9%	25%	2.1%	39.6%	45.8%	14.6%
	Inf.11	79.2%	20.8%	0%	33.3%	66.7%	0%
	Inf.15	81.3%	18.8%	0%	47.9%	47.9%	4.2%
	Inf.18	68.8%	16.7%	14.6%	31.3%	37.5%	31.3%
Subgrupo 3	Inf.4	54.2%	41.7%	4.2%	20.8%	75%	4.2%
	Inf.9	64.6%	31.3%	4.2%	16.7%	75%	8.3%
	Inf.13	58.3%	41.7%	0%	12.5%	87.5%	0%
	Inf.23	45.8%	54.2%	0%	2.1%	89.6%	8.3%
	Inf.27	56.3%	43.8%	0%	4.2%	95.8%	0%
	Inf.31	52.1%	47.9%	0%	4.2%	95.8%	0%
	Inf.12	47.9%	52.1%	0%	33.3%	56.3%	10.4%
Subgrupo 4	Inf.26	58.3%	41.7%	0%	50.0%	50%	0%

Um subgrupo dos falantes do nível B1, no qual incluímos os inf.16, inf.17, inf.25 e inf.30, independentemente da regência do verbo testado (selecione quer OI quer OD), quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [+humano], utilizam, maioritariamente ou exclusivamente, os clíticos DAT e, quando o antecedente do clítico tem traço [-humano], recorrem, maioritariamente, aos clíticos ACU. Em termos quantitativos, observa-se um equilíbrio entre o uso dos clíticos ACU (50,2%) e DAT (49,2%) por parte dos informantes do primeiro subgrupo do nível B1. Porém, os clíticos ACU e DAT foram utilizados corretamente em apenas metade das estruturas testadas (correspondentemente, 50% e 51,6%) e isso é resultante da correspondência dos traços entre a restrição semântica dos verbos arménios e portugueses. Assim, as gramáticas mentais destes falantes de PL2, no que toca à seleção casual dos pronomes clíticos do português, podem ser caracterizadas como **Traços^{L2}=Traços^{L1}**. Apesar de um tempo prolongado de exposição ao português (média de 18 anos), estes falantes, pelos vistos, ficaram estagnados numa fase inicial de aquisição, que, neste caso particular, provavelmente corresponde ao estágio final de aquisição, i.e., de fossilização. Curiosamente, além do inf.17, os outros três (inf.16, inf.25 e inf.30) são aqueles que generalizam

absolutamente ou o padrão proclítico ou o padrão enclítico de pronomes complemento em PL2. Portanto, ao nível de colocação dos pronomes clíticos também as suas interlínguas se encontram estagnadas num estágio inicial de aquisição - **Traços^{L2}=Traços^{L1}**, sendo todos os traços associados aos pronomes pessoais de arménio transferidos para o português²⁷³.

Um segundo subgrupo (inf.3, inf.11 e inf.15), demonstra taxas altas de utilização dos clíticos DAT com um antecedente [+humano], mas uma maior oscilação entre os clíticos ACU e DAT quando o seu antecedente tem traço [-humano]. Em termos gerais, observa-se, assim, uma predominância dos clíticos DAT (59,0%) em relação aos ACU (37,5%), neste subgrupo.

O terceiro subgrupo de falantes de PL2, que inclui os inf.4, inf.9, inf.13, inf.23, ninf.27 e inf.31, pelo contrário, utiliza maioritariamente os clíticos ACU quando o seu antecedente é uma entidade com traço [-humano], independentemente da regência verbal (quer selecione OI, quer selecione OD), mas com antecedentes com traço [+humano], oscila entre os pronomes clíticos ACU e DAT do clítico selecionado. Em termos gerais, observa-se uma predominância notável dos clíticos ACU (64,9%) em relação aos DAT (32,6%), neste terceiro subgrupo.

Num último subgrupo (subgrupo 4), constituído apenas por um informante (inf.26), estamos perante uma situação de uso equilibrado de pronomes ACU e DAT de português, independentemente dos traços [$\pm$ humano] dos seus antecedentes.

As gramáticas mentais dos falantes do subgrupo 2 e do subgrupo 3 do nível B1, têm características que as unem, mas apresentam particularidades diferentes das do primeiro subgrupo, que, conforme mencionado, na seleção casual dos pronomes clíticos do PL2, se baseiam exclusivamente no seu conhecimento de arménio L1²⁷⁴.

Sugerimos olhar para o quadro de respostas de cada subgrupo com um maior detalhe, mas antes devemos dar uma atenção aos casos dos inf.18 e inf.12 por apresentarem particularidades únicas em alguns pontos.

A particularidade do caso do inf.18 reside no facto de termos registado um número maior de respostas que não permitem analisar a seleção casual de clítico selecionado, agrupadas na categoria ‘outro’²⁷⁵ (ver a tabela 5.13, na qual, a vermelho estão marcadas as respostas desviantes e no fundo verde encontram-se as respostas esperadas²⁷⁶). Tal fenómeno aponta para

²⁷³ Veremos, na subsecção 5.2.3.3, que esses informantes tiveram a primeira exposição ao português o mais tarde entre todos, após os 40 anos de idade.

²⁷⁴ O caso do inf.26 será discutido separadamente destes três subgrupos, por não se aproximar ao padrão de nenhum deles.

²⁷⁵ Relembra-se que nesta categoria encontram-se as respostas com clíticos da 1.^a ou da 2.^a pessoa, pronomes tónicos e os casos de abandono da tarefa, todas desviantes das respostas esperadas.

²⁷⁶ Esta abordagem de marcação é seguida nas outras tabelas deste capítulo que apresentam os dados ao nível individual.

a não compreensão da tarefa ou, mais provavelmente, para estratégias de evitamento, por não saber que clítico usar – ACU ou DAT. Fora da categoria ‘outro’, este informante, de uma forma geral, oscila entre os clíticos DAT (em média: 31,3%) e ACU (em média: 37,5%)) quando o antecedente destes tem traço [-humano] e opta maioritariamente pelos clíticos DAT (em média: 68,8%) com antecedentes [+humano], demonstrando um comportamento parecido com o do segundo subgrupo. Logo, mais adiante, os dados obtidos nas respostas do inf.18 serão analisados juntamente com os dados do subgrupo 2 do nível B1.

Tabela 5.13. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.18 do nível B1

Clítico selecionado	Condição testada							
	Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
	OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
DAT	41.7%	75.0%	100%	58.3%	33.3%	16.7%	33.3%	41.7%
ACU	16.7%	16.7%	0%	33.3%	25%	58.3%	41.7%	25%
outro	41.7%	8.3%	0%	8.3%	41.7%	25%	25%	33.3%

O inf.12 (ver a tabela 5.14), nas estruturas onde o antecedente dos pronomes clíticos tem traço [-humano], apresenta taxas de precisão relativamente altas, i.e., com os verbos *ler*, *beber*, *imprimir*, que selecionam OD somente com traço [-humano], com os verbos *ver*, *receber*, *perder*, que selecionam OD [±humano] e com os verbos *pertencer*, *dedicar*, *faltar*, que selecionam OI [±humano], mas apresenta desvios significativos (com taxa de acerto de 25%) com os verbos *anexar*, *acrescentar* e *adicionar*, que selecionam OI com traço somente [-humano]. Nas estruturas com os antecedentes [+humano], este informante apresenta taxas relativamente altas de acerto, recorrendo mais vezes aos clíticos DAT (66,7%) com os verbos *dizer*, *perguntar*, *oferecer* e aos clíticos ACU (66,7%) com os verbos *ver*, *receber*, *perder*, que selecionam OD [±humano], mas nitidamente oscila entre os clíticos ACU e DAT com os verbos *ensinar*, *convidar*, *ofender*, que selecionam OD [+humano], e com os verbos *pertencer*, *dedicar*, *faltar*, que podem selecionar OI [±humano].

Tabela 5.14. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.12 do nível B1

Clítico selecionado	Condição testada							
	Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
	OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
DAT	66.7%	41.7%	50%	33.3%	25%	16.7%	25%	66.7%
ACU	33.3%	58.3%	50%	66.7%	75%	83.3%	41.7%	25%
outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	33.3%	8.3%

O caso do inf.12, de certo modo, aproxima-se ao padrão geral do subgrupo 2, mas também partilha características do subgrupo 3 do nível B1, apresentando altas taxas de precisão em alguns contextos quando o antecedente dos clíticos é uma entidade com traço [+humano]. Assim, o inf.12, juntaremos ao subgrupo 3 do nível B1, dando, porém, uma atenção particular ao estágio da sua gramática mental, na nossa discussão.

Olhando para os dados do subgrupo 2, do nível B1 (tabela 5.15), verificamos que, com a particularidade já referida de o inf.18 recorrer mais vezes a estratégias de evitamento, os informantes normalmente demonstram preferência pelos clíticos DAT quando o antecedente destes é uma entidade [+humano] .

Tabela 5.15. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do subgrupo 2 do nível B1

Clítico selecionado		Condição testada							
		Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
		OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
Inf.11	DAT	83.3%	91.7%	91.7%	50%	25%	33.3%	0%	75%
	ACU	16.7%	8.3%	8.3%	50%	75%	66.7%	100%	25%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.3	DAT	83.3%	91.7%	66.7%	50%	8.3%	41.7%	41.7%	66.7%
	ACU	8.3%	8.3%	33.3%	50%	91.7%	58.3%	16.7%	16.7%
	outro	8.3%	0%	0%	0%	0%	0%	41.7%	16.7%
Inf.15	DAT	83.3%	91.7%	75%	75%	41.7%	50%	25%	75%
	ACU	16.7%	8.3%	25%	25%	58.3%	50%	66.7%	16.7%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	8.3%	8.3%
Inf.18	DAT	41.7%	75%	100%	58.3%	33.3%	16.7%	33.3%	41.7%
	ACU	16.7%	16.7%	0%	33.3%	25%	58.3%	41.7%	25%
	outro	41.7%	8.3%	0%	8.3%	41.7%	25%	25%	33.3%

Apenas com os verbos que podem seleccionar OD com traços [$\pm$ humano] – *ver*, *receber*, *perder* – os informantes do subgrupo 2, com a exceção do inf.15, oscilam entre os clíticos ACU e DAT. Já nos resultados obtidos nas estruturas com os antecedentes [-humano], nota-se ou preferência pelos clíticos ACU ou oscilação entre os clíticos ACU e DAT, que é sobretudo marcada com os verbos *ver*, *receber* e *perder*, que seleccionam OD [$\pm$ humano], o que vai ao encontro da H1 (ver a Predição 1.1.2, linha b.). O maior número de utilização de clíticos DAT quando o antecedente desses é uma entidade [-humano], ocorre com os verbos *pertencer*, *dedicar* e *faltar* (OI [$\pm$ humano]), no caso de três informantes (inf.3, inf.11 e inf.15), também previsto pela H1. O facto de haver uma taxa maior de abandono ou de evitamento de uso dos clíticos DAT com os verbos que seleccionam OI com traço [-humano] (ver a categoria ‘outro’, na tabela 5.15), conforme referido na secção 2.2.7, também foi previsto, pois a sobreposição de duas particularidades de gramáticas mentais de falantes de arménio L1 – (i) a atribuição do traço [-humano] aos clíticos ACU e (ii) a seleção dos clíticos DAT (quer em arménio, quer em português) pelos verbos testados – resultaria expectavelmente numa confusão e, logo, numa dificuldade de seleção casual dos pronomes clíticos com estes verbos.

Argumentaremos que o ponto de partida de aquisição destes informantes, igualmente aos informantes do subgrupo 1, também deve ter sido a atribuição do traço [-humano] aos clíticos ACU e o traço [+humano] aos clíticos DAT. Agora, o facto de alguns verbos poderem seleccionar complementos com traço tanto [+humano] como [-humano] (*ver*, *receber*, *perder*) leva-os, num estágio seguinte de aquisição, a questionarem-se sobre a viabilidade dessa hipótese e a começarem a oscilar entre os clíticos ACU e DAT com estes verbos, quer que o antecedente do clítico seja uma entidade [-humano] quer que seja [+humano]. A oscilação estende-se também aos verbos *ler*, *beber* e *imprimir*, que seleccionam OD [-humano] (DAT: em média, 25%)²⁷⁷, e para os verbos *anexar*, *acrescentar* e *adicionar*, que seleccionam OI [-humano] (DAT: em média, 25%), afetando ainda alguns contextos onde o antecedente do clítico é [+humano] *ver*, *receber*, *perder* – mas não se espalhando para a maioria dos contextos com os antecedentes [+humano], nos quais ainda continuam a preferir os clíticos DAT.

Assim, os informantes do subgrupo 2 do nível B1 estão numa fase mais avançada (caracterizada por oscilação) na seleção casual dos clíticos com os antecedentes [-humano], em comparação com os antecedentes [+humano], com os quais a seleção casual parece estar pouco

²⁷⁷ A oscilação entre os clíticos ACU e DAT com os verbos *ler*, *beber* e *imprimir* que seleccionam OD [-humano] tanto em arménio, como em português não era expectável e deve ser explicado como um fenómeno que resulta de extensão de oscilação com outros verbos que seleccionam OD [-humano], como *anexar*, *acrescentar* e *adicionar* ou *ver*, *perder*, *receber*.

mais à frente da fase inicial de aquisição: Traços^{L1}=Traços^{L2}.

Será isso indicação de que os clíticos ACU estão a ser adquiridos em primeiro lugar?

Procuraremos dar atenção a esta questão, após termos visto o comportamento linguístico dos informantes do subgrupo 3.

Os dados do subgrupo 3 (na tabela 5.16) demonstram uma grande precisão na seleção do caso de clíticos com os verbos *ler*, *beber*, *imprimir*, que selecionam OD com traço somente [-humano], e com os verbos *ver*, *perder*, *receber*, quando o antecedente do clítico é uma entidade [-humano], tal como esperado à luz da transferência dos traços da L1 (ver a Predição 1.1.1, linha b.). Já quando o verbo seleciona um OI e quando o antecedente do clítico tem traço [-humano] (*anexar*, *acrescentar*, *adicionar* e *dedicar*, *pertencer*, *faltar*), i.e., os clíticos esperados são os DAT, estes informantes (salvo o inf.12) continuam a demonstrar uma preferência pelos clíticos ACU (66,7%-100%).

Tabela 5.16. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do subgrupo 3 do nível B1

Clítico selecionado		Condição testada							
		Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
		OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
Inf.12	DAT	66.7%	41.7%	50%	33.3%	25%	16.7%	25%	66.7%
	ACU	33.3%	58.3%	50%	66.7%	75%	83.3%	41.7%	25%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	33.3%	8.3%
Inf.23	DAT	50%	33.3%	50%	50%	0%	0%	0%	8.3%
	ACU	50%	66.7%	50%	50%	100%	91.7%	91.7%	75%
	outro	0%	0%	0%	0%	0.0%	8.3%	8.3%	16.7%
Inf.27	DAT	75%	58.3%	50%	41.7%	0.0%	8.3%	0%	8.3%
	ACU	25%	41.7%	50%	58.3%	100%	91.7%	100%	91.7%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.13	DAT	83.3%	41.7%	50%	58.3%	16.7%	16.7%	8.3%	8.3%
	ACU	16.7%	58.3%	50%	41.7%	83.3%	83.3%	91.7%	91.7%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.31	DAT	41.7%	50%	66.7%	50%	0%	0%	8.3%	8.3%
	ACU	58.3%	50%	33.3%	50%	100%	100%	91.7%	91.7%
	outro	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0%	0%
Inf.4	DAT	58.3%	66.7%	58.3%	33.3%	16.7%	33.3%	8.3%	25%
	ACU	25%	33.3%	41.7%	66.7%	83.3%	66.7%	83.3%	66.7%
	outro	16.7%	0%	0%	0%	0%	0%	8.3%	8.3%
Inf.9	DAT	75.0%	83.3%	66.7%	33.3%	8.3%	16.7%	16.7%	25%
	ACU	8.3%	16.7%	25%	66.7%	83.3%	75%	75%	66.7%
	outro	16.7%	0%	8.3%	0%	8.3%	8.3%	8.3%	8.3%

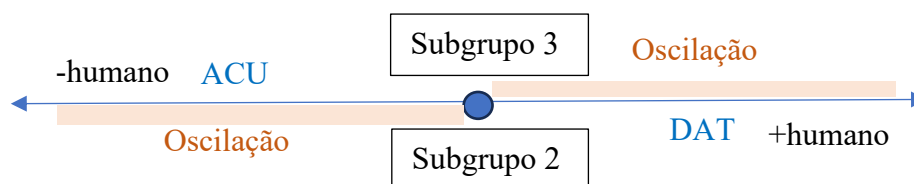
Logo, este subgrupo de falantes de PL2 associa o traço [-humano] aos clíticos ACU, o que vai ao encontro da H1, sendo que, alguns deles (inf.4, inf.23), de vez em quando aceitam os clíticos DAT nas estruturas em que o antecedente do clítico é um OI [-humano] (8,3%-25%). O comportamento linguístico do inf.12, com os verbos que selecionam OI [-humano], é diferente, pois, sobretudo com os verbos *dedicar*, *pertencer* e *faltar*, recorre mais vezes aos clíticos DAT, talvez por esses verbos poderem selecionar também OI [+humano] e, logo, através dos dados linguísticos disponíveis, já ter adquirido a estrutura argumental desses verbos. Mesmo assim, não deixa de ser curioso que em paralelo com a diminuição da taxa de uso de clíticos ACU nestas estruturas (com exceção do inf.12), não é a taxa de utilização de clíticos DAT que aumenta, mas antes começa a crescer a taxa de categoria ‘outros’ – ou seja, estes informantes recorrem a estratégias de evitamento, provavelmente por o *input* já lhes ter permitido observarem que os clíticos ACU não estão a ser selecionados com os verbos que regem OI, mas ao mesmo tempo, as suas interlínguas continuarem a ser influenciadas pelo conhecimento da sua L1.

Nas estruturas, onde o antecedente do clítico tem traço [+humano], os informantes do subgrupo 3 do nível B1, de uma forma geral, demonstram uma oscilação entre os clíticos ACU e DAT. Apenas o inf.9 ainda demonstra uma maior preferência pelos clíticos DAT (64,6%) com os antecedentes [+humano]. Em alguns casos (inf.23, inf.4, inf.31) a oscilação é quase absoluta em todos os contextos testados. A oscilação é um fenómeno mais marcado não apenas com os verbos que regem OD apenas com traço [+humano], como *convidar*, *ensinar*, *ofender*, mas também com os verbos *dedicar*, *faltar*, *pertencer*, *ver*, *receber*, *perder*, que podem selecionar complementos com traços [±humano] (ver a Predição 1.1.2, linhas a. e b.). O facto de estes verbos selecionarem complementos também com o traço [-humano], a que associam os clíticos ACU, tal como acontece no subgrupo 2 do nível B1, mas com outros verbos, deve fazer com que os informantes se questionem sobre a possibilidade de os clíticos ACU serem possivelmente selecionados com os antecedentes [+humano] e, como resultado, demonstram oscilação entre os clíticos ACU e DAT, o que, por sua vez, os leva a uma generalização dessa assunção (os clíticos ACU podem ser utilizados com os antecedentes [+humano]), fazendo com que a oscilação se estenda ainda para os verbos que selecionam OI com traço apenas [+humano], tanto em arménio, como em português, tais como *dizer*, *perguntar*, *oferecer*.

A oscilação é um fenómeno que une os informantes do segundo e do terceiro subgrupos. Porém, se, no caso dos informantes do segundo subgrupo, a oscilação se estende para os verbos que selecionam complementos com traço [-humano] (mais marcada com os OD [-humano]), afetando muito pouco os contextos com os antecedentes [+humano], nos quais ainda continuam

a preferir os clíticos DAT, no terceiro subgrupo, afeta sobretudo os contextos com os verbos que seleccionam complementos [+humano] (tanto OD, como OI). Num sentido figurado, a direção de oscilação do subgrupo 2 em comparação com o subgrupo 3 do nível B1 é a contrária (figura 5.41).

Figura 5.41. Fenómeno de oscilação detetável nos subgrupos 2 e 3, do nível B1, em função aos traços [$\pm$ humano] dos antecedentes dos pronomes clíticos



Conforme vimos, os informantes do subgrupo 3 estão numa fase mais avançada (caracterizada por oscilação) na seleção casual dos clíticos com os antecedentes [+humano] em comparação com os antecedentes [-humano], com os quais a seleção casual parece estar pouco mais à frente da fase inicial de aquisição: $\text{Traços}^{L2} = \text{Traços}^{L1}$. Já os informantes do subgrupo 2 estão num estágio mais avançado (caracterizado por oscilação) na seleção casual dos clíticos com os antecedentes [-humano] em comparação com os antecedentes [+humano], com os quais a seleção casual de uma forma geral reflete a imagem $\text{Traços}^{L2} = \text{Traços}^{L1}$.

A gramática mental do inf.12, encontra-se num estágio diferente – ainda mais à frente –, apresentando o fenómeno de oscilação em quase todos os contextos testados, i.e., este informante ultrapassou praticamente a fase de aquisição $\text{Traços}^{L1} = \text{Traços}^{L2}$, em todos os contextos: seja o antecedente do clítico uma entidade [$\pm$ humano].

Em termos gerais, pelos informantes do subgrupo 3 do nível B1, conforme referido, os mais utilizados são os clíticos ACU – 63,4% (DAT: 33,8%)²⁷⁸. Voltando agora à questão de os clíticos ACU serem adquiridos antes dos clíticos DAT, uma questão com que se preocupou Tian (2022), importa-nos termos em conta ainda o facto de no subgrupo 2 do nível B1 estarem em maioria os clíticos DAT – 56,8% (ACU: 34,9%)²⁷⁹.

Em primeiro lugar, não podemos assumir como aquisição a mera utilização. Conforme vimos, o número quantitativamente maior do uso dos pronomes clíticos ACU não é um fruto

²⁷⁸ As percentagens são ligeiramente diferentes das apresentadas no início da presente subsecção, pois nesta já se incluímos os resultados do inf.12.

²⁷⁹ Igualmente à nota anterior, as percentagens neste ponto já contam com os resultados do inf.18.

de conhecimento, mas antes deriva de generalização da regra de que os clíticos ACU substituem as entidades com traço [-humano]. Para respondermos a essa questão, precisamos de olhar para os dados de uma perspectiva diferente, i.e., tendo em conta os contextos em que os clíticos-alvo foram utilizados corretamente e procurando compreender se o padrão observado no nível B1 é verificado também nos níveis mais avançados de aquisição. Assim, se olharmos para as respostas corretas em todos os contextos, veremos que, no subgrupo 2 do nível B1, os clíticos ACU foram utilizados corretamente em 44,3% (n=85) e os DAT em 62,2% (n=120). Ao excluirmos as condições de OI [+humano] e OD [-humano], que, conforme defendemos, são transferidas da L1 para a L2, veremos que os clíticos ACU foram utilizados corretamente em 28,1% (n=27) e os DAT em 44,8% (n=43). Portanto, para o subgrupo 2 de falantes do nível B1, os clíticos DAT demonstram indícios de aquisição antes dos clíticos ACU.

Já no subgrupo 3 do nível B1, os clíticos ACU foram utilizados corretamente em 68,8% (n=231) e os DAT em 37,2% (n=125). Identicamente ao subgrupo 2, ao excluirmos as condições de OI [+humano] e OD [-humano], veremos que os clíticos ACU foram utilizados corretamente em 50,6% (n=85) e os DAT em 15,5% (n=26). Portanto, neste subgrupo de aprendentes do nível B1, são nitidamente os clíticos ACU a serem adquiridos em primeiro lugar.

Qual destes últimos dois subgrupos é que se encontra num estágio mais avançado de aquisição? Respondendo a essa questão, seria possível compreender quais os clíticos que se adquirem em primeiro lugar em PL2 – os ACU ou os DAT? Contudo, neste ponto, é ainda difícil responder a esta questão, embora, na subsecção seguinte, onde apresentamos e discutimos os dados do nível B2, pareça haver pistas esclarecedoras.

Neste momento, é claro que, entre todos os informantes do nível B1, num estágio mais avançado de aquisição, se encontra o inf.26. O inf.26, na seleção casual dos pronomes clíticos do português, apresenta taxas de precisão muito altas em quase todos os contextos testados, com exceção das estruturas em que o verbo seleciona um OD com traço [+humano], tendo recorrido, neste último contexto, em um terço das vezes aos clíticos DAT (ver a tabela 5.17). Caso excluamos o verbo *ensinar* dos verbos que selecionem OD com traço [+humano], com o qual os falantes do grupo PL1 em 42,6% recorreram aos clíticos DAT (§5.1.1), a precisão do inf.26, na seleção casual dos pronomes clíticos, junto dos verbos *convidar* e *ofender* equivaler-

se-á a 87,5%²⁸⁰. Como veremos mais adiante, os resultados deste informante aproximam-se aos resultados do nível C1, demonstrando sinais de aquisição (quase) completa.

Tabela 5.17. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.26 do nível B1

Clítico selecionado	Condição testada							
	Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
	OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
DAT	100%	100%	33.3%/12,5%	0%	8.3%	0%	100%	91.7%
ACU	0%	0%	66.7%/87,5%	100%	91.7%	100%	0%	8.3%
outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Recorda-se que este informante apresentou taxas relativamente altas de precisão, no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos, tendo mencionado que pouco tempo antes da realização do teste tinha tido aulas em que se estudavam estes temas. Portanto, no caso de seleção causal de clíticos também, podemos estar perante uma situação em que o efeito de explicitação resulta na alta precisão das respostas num momento seguinte a ter ocorrido. Contudo, outros fatores podem também estar a influenciar a seleção casual dos pronomes clíticos em PL2. Na secção 5.2.3, apresentaremos os fatores que, na nossa opinião, medeiam o processo de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos do português, resultando como em efeito facilitador na aquisição.

De qualquer forma, nas interlínguas de todos os informantes do nível B1, apesar de se terem encontrado em estádios diferentes de aquisição, encontramos traços de arménio L1 que nitidamente influenciam a seleção casual dos pronomes clíticos de PL2. Recapitulando os resultados do nível B1, se, no caso dos informantes do subgrupo 1 deste nível, nas interlínguas dos falantes de PL2, conseguimos encontrar quase exclusivamente os traços de arménio L1, nas gramáticas mentais dos falantes quer subgrupo 2, quer do subgrupo 3 do nível B1 observam-se mais características da L2 que os colocam um passo à frente na aquisição, no que

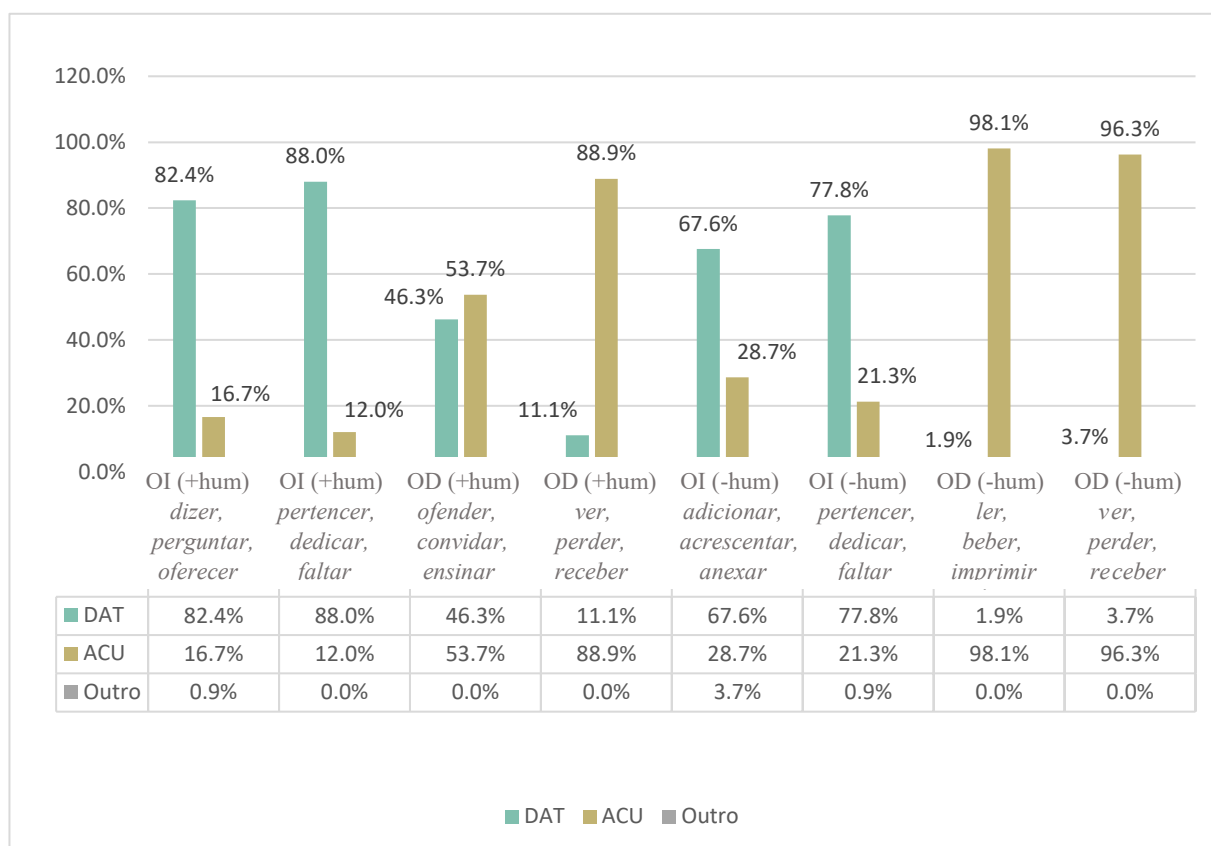
²⁸⁰ Ao discutir os dados dos informantes do nível B1, até a este ponto, não destacamos o verbo *ensinar*, pois o uso dos clíticos DAT não é um fenómeno restrito somente a esse verbo. A oscilação ou a generalização de que [+humano]=DAT são fenómenos que se observam com todos os verbos, mas não apenas com os que selecionam OD [+humano].

toca à seleção casual dos pronomes clíticos do português, evidenciando que mesmo na idade adulta é possível a aquisição dos traços da L2 não instanciados na L1.

5.2.2.2. Nível B2

Os dados obtidos no nível B2 mostram, em primeiro lugar, que os falantes de arménio L1, ao selecionarem os clíticos ACU e DAT em PL2, já não recorrem apenas aos traços da sua língua materna, pois em todos os contextos analisados a maioria já são os clíticos-esperados (figura 5.42). Entre estes, a estabilização na seleção casual de clíticos ocorre primeiramente nos contextos preditos pela H1, i.e., quando o antecedente do clítico é [-humano], sendo os clíticos-alvo os ACU; quando o antecedente do clítico é [+humano], sendo os clíticos-alvo os DAT, mas também com os verbos *ver*, *receber* e *perder*, que selecionam clíticos ACU cujos antecedentes são [+humano], aspeto não previsto pela H1. Mais precisamente, os falantes do nível B2, com os verbos *ler*, *beber* e *imprimir*, i.e., com os verbos que selecionam complementos com traço [-humano], praticamente não apresentam dificuldades na seleção casual dos pronomes clíticos, recorrendo em 98,1% das vezes aos clíticos ACU. Com os verbos *ver*, *perder* e *receber*, na condição de o antecedente do clítico ser uma entidade [-humano], a taxa de utilização dos clíticos ACU também é muito alta, conforme esperado – 96,3%. Com os verbos que selecionam OI com traço [-humano], tais como *acrescentar*, *anexar*, *adicionar* e *pertencer*, *dedicar*, *faltar*, em comparação com o nível B1, os clíticos DAT já são uma grande maioria (67,7%-77,8%) nas produções de falantes de PL2, embora ainda utilizem clíticos ACU (21,3%-28,7%), o que vai ao encontro das nossas predições à luz da Hipótese 1. Apenas no sentido de a oscilação entre os clíticos ACU e DAT ser maior com esses verbos em comparação com os verbos que selecionam OI com traço [+humano] em arménio e OD em português (*ensinar*, *convidar*, *ofender*), a nossa predição não foi correta.

Figura 5.42. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível B2 do grupo de PL2



Na condição de o antecedente dos pronomes clíticos apresentar traço [+humano], com os verbos *dizer, perguntar e oferecer*, que selecionam OI com traço somente [+humano], a taxa de utilização dos clíticos DAT – 82,4% – é maior que no nível B1 (76,6%). Aumento da taxa de utilização dos clíticos DAT observa-se também com os verbos *pertencer, dedicar e faltar* – 88,0%, que no B1 era 74,5%. Já com os verbos que selecionam OD com traços [±humano], quando o antecedente do clítico apresenta traço [+humano], se os informantes do B1 oscilavam entre os DAT e ACU, demonstrando preferência pelos DAT (55,7%), no nível B2 já utilizam os clíticos ACU em 88,9% das vezes. Observa-se avanço na aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos também com os verbos *ofender, convidar, ensinar*, que selecionam OD [+humano]. Se com estes verbos, no nível B1, os clíticos DAT ainda eram utilizados em 69,3% das vezes, os informantes do nível B2, demonstram oscilação entre os clíticos ACU e DAT, sendo que já são utilizados mais vezes os ACU (53,7%).

Além disso, os informantes do nível B2 praticamente não recorrem às estratégias de evitamento. A taxa de evitamento mais alta, na categoria ‘Outros’, é de 3,7% com os verbos

que selecionam OI com traço [-humano]. As respostas desviantes que não são nem clíticos ACU, nem DAT aparecem nas produções de apenas dois informantes (ver a tabela 5.18, mais adiante).

O facto de a taxa de acerto na seleção casual ser a mais baixa com os verbos que selecionam OD [+humano] e o facto de os falantes do grupo PL1 apresentarem fenómeno de lheísmo com o verbo *ensinar*, fizeram-nos pensar que a exposição aos dados linguísticos podia ter levado os falantes do nível B2 do grupo PL2 também à utilização dos clíticos DAT com este verbo, influenciando os resultados.

A figura 5.43, de seguida, apresenta os dados de distribuição dos clíticos ACU e DAT nas produções dos falantes do nível B2, após excluirmos o verbo *ensinar* das estruturas em que o verbo seleciona OD [+humano].

Figura 5.43. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível B2 do grupo de PL2 (após excluir o verbo *ensinar*)



Apesar de a taxa de utilização de clíticos ACU com os verbos *convidar* e *ofender* ter aumentado, as estruturas com os verbos que selecionam OD [+humano] e com os verbos que selecionam OI [-humano], no nível B2, são os mais problemáticos para os falantes de PL2 da perspectiva de seleção casual dos pronomes clíticos, mesmo após termos excluído da análise o verbo *ensinar*. Por outras palavras, nas gramáticas mentais dos falantes de PL2 deste nível, ainda se observa certa relutância de uso dos clíticos ACU com o traço [+humano] e dos clíticos DAT com o traço [-humano].

Após termos excluído o verbo *ensinar* da análise, revelámos que a oscilação entre os clíticos ACU e DAT, junto dos verbos *ofender*, *convidar* e dos verbos *adicionar*, *acrescentar*, *anexar* e *pertencer*, *dedicar*, *faltar* apresenta (quase) o mesmo padrão, sendo, assim, a nossa predição pela Hipótese 1 veredita.

No nível B2, portanto, a influência da L1 ainda é sentida em todos os contextos, mas mais marcada com os verbos que selecionam OD com traço [+humano] e com os verbos que selecionam OI com traços [-humano] ou [±humano], conforme previsto pela H1 (Predição 1.1.2, linhas a. e b.). Com os verbos que selecionam OI [+humano] ou [±humano] (quando o antecedente do clítico é [+humano]), tal como no nível B1, ainda se observa utilização de clíticos ACU, o que não era expectável à luz da influência da L1. Porém, tal como vimos na subsecção anterior, alguns falantes de arménio L1 e PL2, mesmo nos estádios iniciais de aquisição, fruto da exposição ao *input*, quando notam que os clíticos ACU podem substituir os antecedentes com traço [+humano], começam a oscilar entre os clíticos ACU e DAT mesmo com os verbos que selecionam OI [+humano]. Portanto, são os vestígios deste fenómeno que se observam no nível B2 também, embora já com uma taxa mais baixa de ocorrência dos clíticos ACU (12%-16,7%).

Olhando para os dados do nível B2 da perspectiva individual (tabela 5.18²⁸¹), notaremos que, realmente, os informantes que demonstram maiores indícios de oscilação entre os clíticos ACU e DAT com os verbos *convidar*, *ofender*, *ensinar* e com os verbos *acrescentar*, *adicionar* e *anexar*, demonstram também oscilação pelo menos num dos contextos, onde o verbo seleciona OI [+humano] ou [±humano] (e.g., inf.21, inf.22, inf.24).

De uma forma geral, no nível B2, a seleção dos clíticos ACU parece estabelecer-se mais facilmente nos contextos em que os seus antecedentes apresentam traço [-humano]. Com a

²⁸¹ Nesta tabela, não excluimos o verbo *ensinar* da nossa análise, visto que apenas no caso do inf.21 é que se observa um comportamento linguístico diferente de seleção casual dos pronomes complemento junto do verbo *ensinar* (mais vezes, DAT), em relação aos outros verbos da mesma categoria (mais vezes, ACU). No caso dos outros informantes do nível B2, a seleção entre os clíticos ACU e DAT como complementos dos verbos que selecionam OD [+humano] segue o mesmo padrão para todos os verbos desta categoria.

exceção dos verbos que seleccionam OI [-humano] ou [$\pm$ humano] já referidos (as duas colunas à direita da tabela 5.18), nos contextos com os antecedentes [-humano], os informantes do nível B2 apresentam taxas muito altas de precisão.

Tabela 5.18. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos seleccionados em função do traço [$\pm$ humano] do seu antecedente: dados individuais do nível B2

Clítico seleccionado			Condição testada							
			Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
			OI +hum	OI $\pm$ hum	OD +hum	OD $\pm$ hum	OD -hum	OD $\pm$ hum	OI -hum	OI $\pm$ hum
Subgrupo 1	Inf.2	DAT	91.7%	83.3%	50%	16.7%	0%	0%	66.7%	66.7%
		ACU	8.3%	16.7%	50%	83.3%	100%	100%	33.3%	33.3%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.22	DAT	83.3%	58.3%	58.3%	33.3%	16.7%	33.3%	41.7%	33.3%
		ACU	16.7%	41.7%	41.7%	66.7%	83.3%	66.7%	58.3%	66.7%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Subgrupo 2	Inf.21	DAT	58.3%	75.0%	33.3%	0%	0%	0%	75%	75%
		ACU	41.7%	25%	66.7%	100%	100%	100%	25%	25%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.24	DAT	50%	75%	25%	0%	0%	0%	16.7%	66.7%
		ACU	50%	25%	75%	100%	100%	100%	50%	25%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	33.3%	8.3%
Subgrupo 3	Inf.28	DAT	91.7%	100%	50%	25%	0%	0%	75%	91.7%
		ACU	8.3%	0%	50%	75%	100%	100%	25%	8.3%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.10	DAT	100%	100%	58.3%	0%	0%	0%	91.7%	100%
		ACU	0%	0%	41.7%	100%	100%	100%	8.3%	0%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.8	DAT	91.7%	100%	66.7%	0%	0%	0%	75%	91.7%
		ACU	8.3%	0%	33.3%	100%	100%	100%	25%	8.3%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.1	DAT	100%	83.3%	75%	25%	0%	0%	75%	83.3%
		ACU	0%	16.7%	25%	75%	100%	100%	25%	16.7%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Subgrupo 4	Inf.29	DAT	75%	100%	0%	0%	0%	0%	91.7%	100%
		ACU	16.7%	0%	100%	100%	100%	100%	8.3%	0%
		outro	8.3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Quanto à aquisição dos traços que influenciam a seleção casual dos pronomes clíticos cujos antecedentes são [+humano], podemos dividir os informantes do nível B2 em quatro

subgrupos: (1) os que ainda oscilam entre os clíticos ACU e DAT, nuns contextos mais, noutros menos, mas com quase todos os verbos (inf.2 (DAT: 46,9% vs. ACU: 53,1%) e inf.22 (DAT: 44,8% vs. ACU: 55,2%)); (2) os que fixaram os clíticos ACU (100%) com os verbos que seleccionam OD com traço [$\pm$ humano], mas ainda oscilam entre os clíticos ACU e DAT com os restantes verbos (inf.21 (DAT: 52,8% vs. ACU: 47,2%) e inf.24 (DAT: 38,9% vs. ACU: 54,2%)); (3) os que oscilam entre os clíticos ACU (25%-50%) e DAT (50%-75%) com os verbos que seleccionam OD [$\pm$ humano], mas têm taxas de acerto altas com os outros verbos (inf.28, inf.10, inf.8, inf.1) – (75%-100%) e (4) os que demonstram precisão alta em todos os contextos – 75%-100% – (inf.29).

Curiosamente, o inf.2, inf.22, inf.21 e inf.24 são os que apresentam maiores dificuldades na seleção casual de clíticos com os verbos que seleccionam OI [-humano] e OI [$\pm$ humano], o que nos permite pensar que os inf.28, inf.10, inf.8 e inf.1, na aquisição, estejam num passo à frente deles na aquisição, por, em termos gerais, estarem mais perto da aquisição completa. Chegaremos à mesma conclusão se olharmos para a ordem de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos nas condições testadas. Conforme se vê na tabela 5.18, para todos os informantes, a seleção casual dos pronomes clíticos ocorre primeiramente com os antecedentes [-humano], com os verbos que seleccionam OD com traços [-humano] – *ler, beber, imprimir* – e [$\pm$ humano] – *ver, perder, receber* –, o que, na nossa opinião, segundo argumentamos, resulta da correspondência da L1 e da L2, nesse sentido. Em segundo lugar, observamos fixação de casos gramaticais dos pronomes clíticos junto dos verbos que seleccionam OI [$\pm$ humano] (quando o antecedente do clítico é [+humano]) – *dedicar, pertencer, faltar* –, com os verbos que seleccionam OI [+humano] – *dizer, perguntar, oferecer* –, também resultante da correspondência entre a L1 e a L2 e, em paralelo, com os verbos que seleccionam OD [$\pm$ humano], na condição de o antecedente do clítico ser [+humano] (*ver, perder, receber*). Ora, nesta última condição, à luz da H1, era expectável observar uma oscilação mais prolongada entre os clíticos ACU e DAT. Notamos que para os inf.2 e inf.22, com os verbos que seleccionam OI [+humano] e [$\pm$ humano], os clíticos DAT são a opção mais utilizada, em simultâneo com a oscilação entre os ACU e DAT com os verbos que seleccionam OD [$\pm$ humano], quando o antecedente do clítico é [+humano], i.e., as interlínguas destes dois informantes do nível B2 apresentam mais traços da L1, logo, estão num passo atrás dos inf.21 e inf.24, que já demonstram fixação do caso gramatical dos clíticos com os verbos que seleccionam OD [$\pm$ humano], quando o antecedente do clítico é [+humano] e, em paralelo, oscilam mais entre os clíticos ACU e DAT com os verbos que OI [+humano] e [$\pm$ humano], algo que é expectável à luz da influência da L1, num estágio mais avançado de aquisição, ou

seja, na fase de Reconfiguração de traços da HRT. Os inf.1, inf.8, inf.10 e inf.28, além das condições em que o verbo seleciona OD [+humano] na L2, que aliás é a condição em que todos os informantes do nível B2 apresentam maiores dificuldades, já estão a apresentar fixação do caso gramatical do clítico-alvo com todos os verbos, independentemente dos traços [+humano] do antecedente do clítico. Assim, entre os primeiros três subgrupos do nível B2, o subgrupo 3 está mais perto da aquisição completa da seleção casual dos pronomes clíticos em PL2.

Estas observações, por sua vez, permitem-nos pensar que, no nível B1, os informantes que na seleção casual dos pronomes clíticos apresentavam comportamento mais próximo aos resultados do subgrupo 2 do nível B2 (inf.21 e inf.24), ou seja, os informantes do subgrupo 3 do nível B1 (inf.12, inf.23, inf.27, inf.13, inf.31, inf.4), que demonstram taxa mais alta de precisão na seleção casual dos pronomes clíticos com os verbos que selecionam OD [+humano], na condição de o antecedente do clítico ser [+humano] e oscilação entre os clíticos ACU e DAT com os verbos que selecionam OI [+humano] e [+humano], estejam mais avançados na aquisição, em comparação com os outros informantes do nível B1.

Esta última observação traduz-se para o facto de os clíticos ACU, no nível B2, serem estabilizados mais cedo. Com efeito, se olharmos para os dados da perspectiva de correlação entre o uso de pronomes ACU vs. DAT, notaremos que pelos informantes n.2 e n.22 (subgrupo 1 do nível B2), os clíticos ACU foram corretamente utilizados em 60,4% das vezes e os DAT, em 52,1%; pelos inf.21 e inf.24 (subgrupo 2 do nível B2), os clíticos ACU foram corretamente utilizados em 85,4% das vezes e os DAT, em 58,3%; e pelos informantes inf.1, inf.8, inf.10 e inf.28 (subgrupo 3 do nível B2), os clíticos ACU foram corretamente utilizados em 62,3% e os DAT, em 85,4% das vezes²⁸². Neste terceiro subgrupo do nível B2 (inf.1, inf.8, inf.10, inf.28), o aumento da taxa de uso correto dos pronomes clíticos DAT resulta da aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos com os verbos que selecionam OI [-humano] e [+humano].

O estágio mais avançado de aquisição no nível B2, apresenta o caso do inf.29, que demonstra vestígios de oscilação entre os clíticos ACU e DAT apenas com os verbos *dizer*, *perguntar* e *oferecer* e com os verbos *acrescentar*, *adicionar* e *anexar*.

²⁸² Do cálculo foram excluídos os contextos em que se verifica correspondência de restrição semântica dos verbos, pois conforme defendemos, nesses contextos, ocorre transferência de traços de arménio L1. Caso tivéssemos em conta todos os contextos analisados, o padrão seria idêntico: subgrupo 1 – ACU: 74%, DAT: 65,7%; subgrupo 2 – ACU: 92,7%, DAT: 61,5%; subgrupo 3 – ACU: 81,3%, DAT: 90,6%.

Tabela 5.19. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados do inf.29 do nível B2

Clítico selecionado	Condição testada							
	Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
	OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
DAT	75.0%	100.0%	0.00%	0.0%	0.0%	0.0%	91.7%	100.0%
ACU	16,7%	0.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	8.3%	0.0%
outro	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%

Os resultados deste informante encontram-se mais próximos aos resultados dos informantes do nível C1, conforme veremos na subsecção seguinte. Recorda-se ainda que, identicamente ao caso do inf.26, este informante mencionou, pouco tempo antes da realização do teste de elicitación, ter tido aulas de português, durante as quais se estudavam as regras de colocação dos pronomes clíticos. Será, então, o efeito imediato de explicitação ou um outro fator responsável pelos resultados muito precisos destes dois informantes? Tentaremos compreendê-lo na secção 5.2.3.

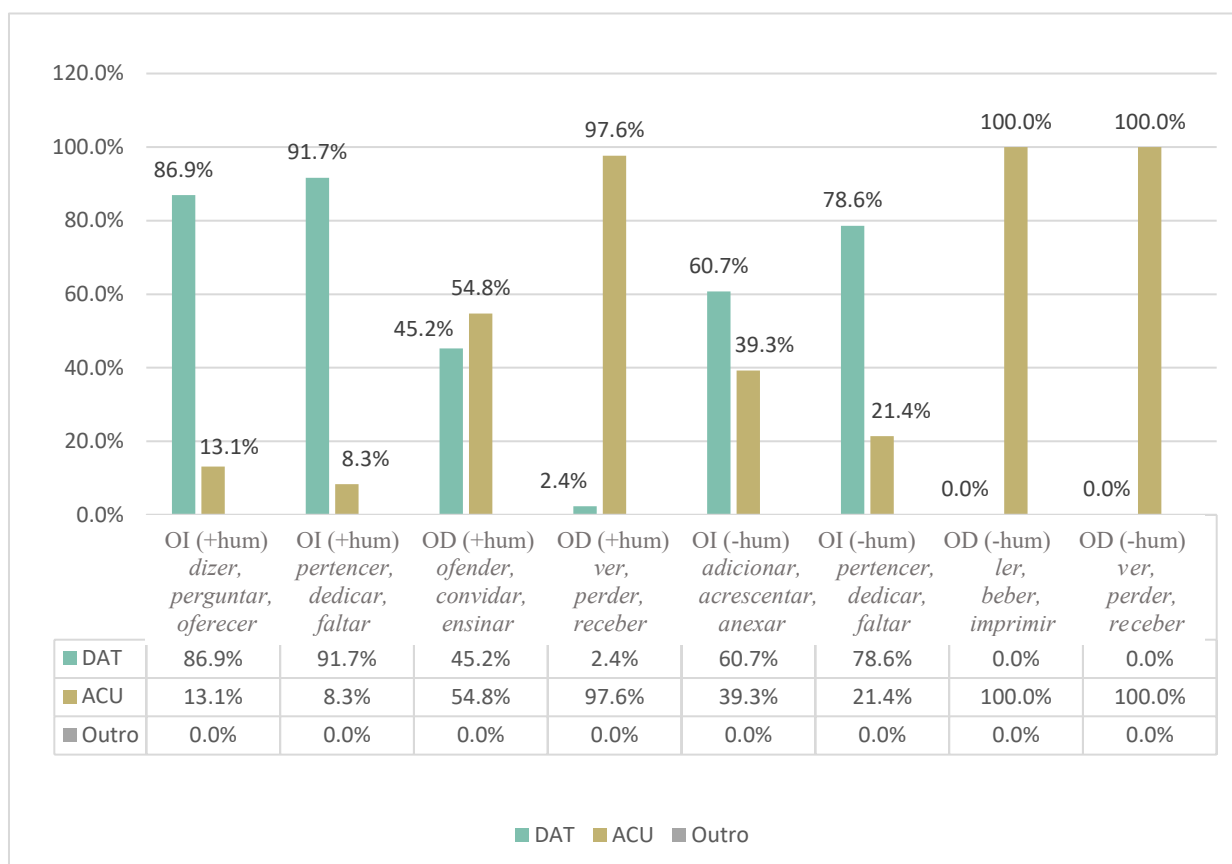
Assim, tanto os dados gerais, como os dados individuais do nível B2, confirmam a influência de arménio L1 na aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, demonstrando que os falantes de PL2 do nível B2 atribuem ao clítico DAT o traço [+humano] e ao clítico ACU o traço [-humano]. Porém, já em condições mais específicas, havendo ao mesmo tempo indícios de aquisição dos traços da L2: oscilam entre os clíticos ACU e DAT com os verbos que em português selecionam OD [+humano] e ainda recorrem aos clíticos ACU com os verbos que em português selecionam OI [-humano]. Ao contrário do nível B1, em que com todos os verbos testados os traços dos pronomes pessoais selecionados estavam a ser transferidos de arménio L1 para a L2, no nível B2, já se observa aquisição da seleção casual dos pronomes clíticos do português, pois com todos os verbos o clítico-alvo já é selecionado mais vezes. A escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos é a de (99a), que é pouco diferente da escala prevista da perspectiva da H1 (99b). A seleção casual dos clíticos ACU cujo antecedente tem traço [+humano], com os verbos *perder*, *receber* e *ver*, ao contrário do previsto, estabiliza-se mais cedo que a seleção casual dos pronomes clíticos, OI [+humano] dos verbos *dizer*, *perguntar*, *oferecer*. Fora dessas duas condições, a escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos, no nível B2, é idêntica à prevista pela H1.

- (99) a. **Resultados (nível B2):** OD [-humano] (*ler, beber, imprimir*) $\geq$ OD [-humano] (*perder, receber, ver*) $>$ OD [+humano] (*perder, receber, ver*) $>$ OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $\geq$ OI [+humano] (*dizer, perguntar, oferecer*) $>$ OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $>$ OI [-humano] (*anexar, adicionar, acrescentar*) $>$ OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*)
- b. **Predição 1.1.2 (H1):** OD [-humano] (*ler, beber, imprimir*) $\geq$ OI [+humano] (*dizer, perguntar, oferecer*) $>$ OD [-humano] (*perder, receber, ver*) $\geq$ OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $>$ OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $\geq$ OI [-humano] (*anexar, adicionar, acrescentar*) $>$ OD [+humano] (*perder, receber, ver*) $>$ OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*)

5.2.2.3. Nível C1

Os dados do C1, ao nível grupal, são muito parecidos aos dados do nível B2. Na figura 5.44, observamos o mesmo padrão de distribuição dos pronomes clíticos ACU e DAT nos contextos testados, sendo apenas as percentagens de uso de clíticos-alvo ligeiramente diferentes, sempre para o lado mais positivo. Com os verbos *ler, beber, imprimir*, i.e., com os que selecionam OD com traço [-humano], e com os verbos *ver, perder, receber* quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [-humano], a taxa de utilização de clíticos ACU já é de 100%. A taxa de utilização de clíticos ACU é muito alta (97,6%) com os verbos *ver, perder, receber*, também quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [+humano]. É apenas com os verbos *ofender, convidar* e *ensinar*, quando o antecedente do clítico-alvo ACU é uma entidade [+humano] e o verbo apresenta restrição semântica forte, que observamos oscilação entre os clíticos ACU e DAT, i.e., oscilação entre os traços da L1 e da L2.

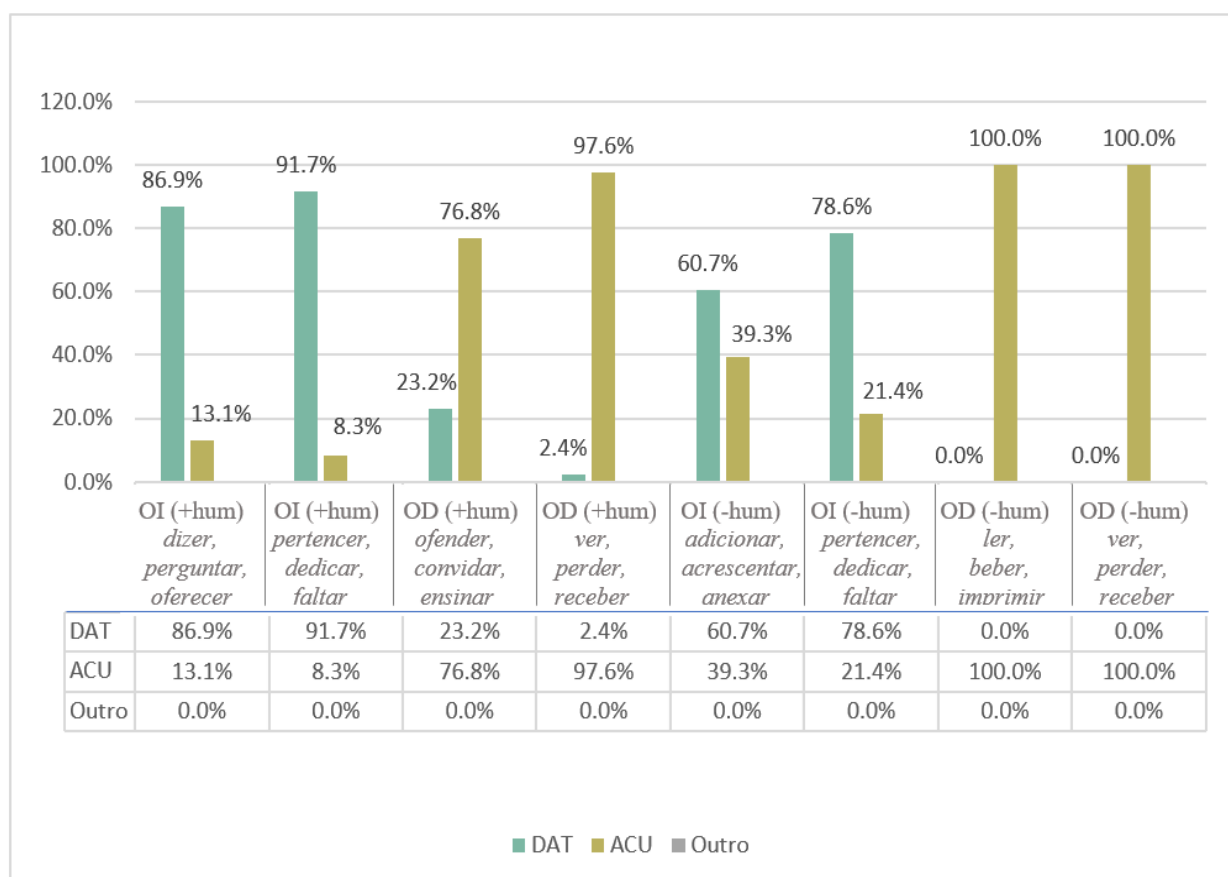
Figura 5.44. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível C1 do grupo de PL2



Quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [+humano], e existe uma correspondência entre as restrições semânticas dos verbos entre o armênio e o português, os informantes do nível C1, embora menos que no B2, ainda apresentam vestígios de oscilação, recorrendo aos clíticos ACU com os verbos *dizer, perguntar, oferecer* – 13,1% – e com os verbos *pertencer, dedicar, faltar* – 8,3%.

As estruturas nas quais o verbo seleciona OI [-humano] – *adicionar, acrescentar, anexar* – e OD [+humano] – *ofender, convidar, ensinar* – para os falantes de PL2 do nível C1, continuam a ser os mais problemáticos da perspectiva de seleção casual dos pronomes clíticos, mesmo se, tal como fizemos no nível B2, da nossa análise excluamos o verbo *ensinar* (ver a figura 5.45).

Figura 5.45. Distribuição dos clíticos ACU e DAT: dados gerais do nível C1 do grupo de PL2 (após excluirmos o verbo *ensinar*)



Assim, a escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos, no nível C1 ((100)), repete a escala do nível B2 em (99a), indo ao encontro da H1 da presente investigação:

- (100) **Resultados (nível C1):** OD [-humano] (*ler, beber, imprimir*) $\geq$ OD [-humano] (*perder, receber, ver*) > **OD [+humano] (*perder, receber, ver*)** > OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $\geq$ **OI [+humano] (*dizer, perguntar, oferecer*)** > OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) > OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*) > OI [-humano] (*anexar, adicionar, acrescentar*)

No nível C1, conforme vimos, ainda se observam efeitos da L1. A influência da L1 é mais notável no caso de alguns dos informantes deste nível.

Olhando para os dados, ao nível individual, em primeiro lugar, devemos mencionar que já não foi registado nenhum caso de evitamento, i.e., os clíticos utilizados no teste em todos os casos foram ou os ACU ou os DAT.

Os desvios na seleção casual dos clíticos, com os verbos que selecionam OI com traços [+humano] dizem respeito às produções de três informantes: inf.20, inf.14 e inf.19 (ver a tabela 5.20).

Tabela 5.20. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [±humano] do seu antecedente: dados individuais do nível C1

Clítico selecionado		Condição testada							
		Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
		OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
Inf.20	DAT	83.3%	83.3%	33.3%	8.3%	0%	0%	0%	0%
	ACU	16.7%	16.7%	66.7%	91.7%	100%	100%	100%	100%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.14	DAT	41.7%	58.3%	25%	0%	0%	0%	16.7%	66.7%
	ACU	58.3%	41.7%	75%	100%	100%	100%	83.3%	33.3%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.19	DAT	83.3%	100%	50%	0%	0%	0%	50%	83.3%
	ACU	16.7%	0%	50%	100%	100%	100%	50%	16.7%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.6	DAT	100%	100%	58.3%	8.3%	0%	0%	75%	100%
	ACU	0%	0%	41.7%	91.7%	100%	100%	25%	0%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.5	DAT	100%	100%	66.7%	0%	0%	0%	83.3%	100%
	ACU	0%	0%	33.3%	100%	100%	100%	16.7%	0%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.32	DAT	100%	100%	41.7%	0%	0%	0%	100%	100%
	ACU	0%	0%	58.3%	100%	100%	100%	0%	0%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Inf.7	DAT	100%	100%	33.3%	0%	0%	0%	100%	100%
	ACU	0%	0%	66.7%	100%	100%	100%	0%	0%
	outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Estes informantes apresentam desvios de seleção casual dos pronomes clíticos ainda com os verbos que selecionam OI com traços [-humano] e [±humano], quando o antecedente do clítico é uma entidade [-humano], sendo que o inf.20, nestes contextos recorre exclusivamente aos clíticos ACU, estando num estágio inicial de aquisição, definida por nós

como o estágio de Traços^{L1}=Traços^{L2}. Tendo em consideração o tempo prolongado de exposição ao português destes três informantes (em média, 20 anos), as gramáticas mentais deles provavelmente já se encontram num estágio final de aquisição, sendo marcadas com efeitos de fossilização. É difícil encontrar um padrão que caracterize as interlínguas dos inf.20, inf.14 e inf.19. O comportamento linguístico dos informantes inf.14 e inf.19 está próximo aos padrões observados no subgrupo 2 e subgrupo 3 do nível B2, enquanto o inf.20 parece apresentar características em comum com o subgrupo 1 do nível B2, embora com indícios óbvios de aquisição de seleção casual com os verbos *ver*, *perder* e *receber* mesmo em contextos onde o antecedente dos clíticos ACU é uma entidade [+humano].

Nas produções dos restantes informantes do nível C1 (inf.6, inf.5, inf.32 e inf.7), já encontramos predominância (absoluta) dos clíticos DAT quando o clítico-alvo é o OI da frase, mesmo tendo um antecedente com traço [-humano].

De uma forma geral, esses quatro informantes do nível C1 apresentam taxas altas de precisão na seleção casual dos pronomes clíticos em português, demonstrando desvios apenas nas estruturas com os verbos que apresentam diferenças de seleção de pronomes pessoais em arménio e em português. Dois deles (inf.7 e inf.32) apresentam desvios apenas com os verbos que selecionam OD [+humano] em português e que em arménio recebem o caso DAT, conforme mostramos anteriormente (ver §2.2.6). Aliás, este último é o contexto em que encontramos desvios de seleção casual de clíticos nas produções de todos os informantes do nível C1. Porém, uma parte considerável desses desvios (69,4%) diz respeito à seleção dos clíticos DAT com o verbo *ensinar*, que, conforme vimos, é típico também no grupo de PL1. Excluindo o verbo *ensinar* da nossa análise, obteremos o quadro que apresentamos na tabela 5.21²⁸³. Nessa tabela, procuramos ainda agrupar os informantes, conforme o comportamento linguístico que apresentam quanto à seleção casual dos pronomes clíticos.

²⁸³ Nesta tabela, a negrito estão marcadas as percentagens de uso dos pronomes clíticos, após a exclusão do verbo *ensinar* dos que seleciona OD com traço somente [+humano].

Tabela 5.21. Percentagens (totais) dos pronomes clíticos selecionados em função do traço [±humano] do seu antecedente: dados individuais do nível B2, após a exclusão do verbo *ensinar*

Clítico selecionado			Condição testada							
			Antecedente [+humano]				Antecedente [-humano]			
			OI +hum	OI ±hum	OD +hum	OD ±hum	OD -hum	OD ±hum	OI -hum	OI ±hum
Subgrupo 1	Inf.20	DAT	83.3%	83.3%	12.5%	8.3%	0%	0%	0%	0%
		ACU	16.7%	16.7%	87.5%	91.7%	100%	100%	100%	100%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Subgrupo 2	Inf.14	DAT	41.7%	58.3%	12.5%	0%	0%	0%	16.7%	66.7%
		ACU	58.3%	41.7%	87.5%	100%	100%	100%	83.3%	33.3%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.19	DAT	100%	100%	37.5%	8.3%	0%	0%	75%	100%
		ACU	0%	0%	62.5%	91.7%	100%	100%	25%	0%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Subgrupo 3	Inf.6	DAT	83.3%	100%	25%	0%	0%	0%	50%	83.3%
		ACU	16.7%	0%	75%	100%	100%	100%	50%	16.7%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.5	DAT	100%	100%	62.5%	0%	0%	0%	100%	83.3%
		ACU	0%	0%	37.5%	100%	100%	100%	0%	16.7%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Inf.32	DAT	100%	100%	12.5%	0%	0%	0%	100%	100%
		ACU	0%	0%	87.5%	100%	100%	100%	0%	0%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Subgrupo 4	Inf.7	DAT	100%	100%	0%	0%	0%	0%	100%	100%
		ACU	0%	0%	100%	100%	100%	100%	0%	0%
		outro	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

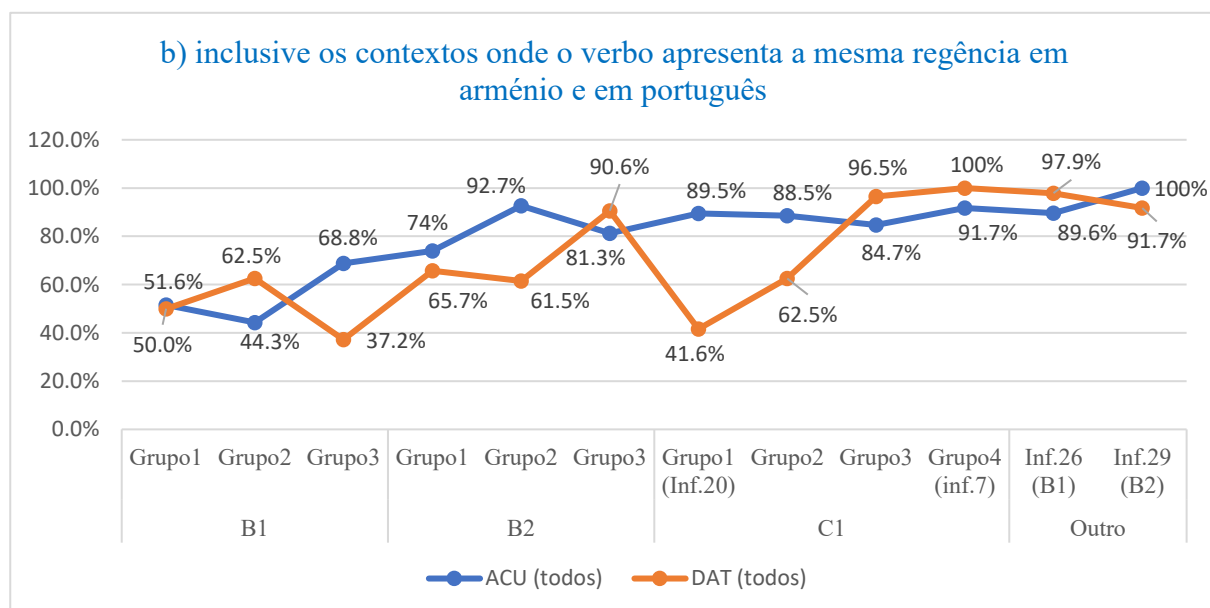
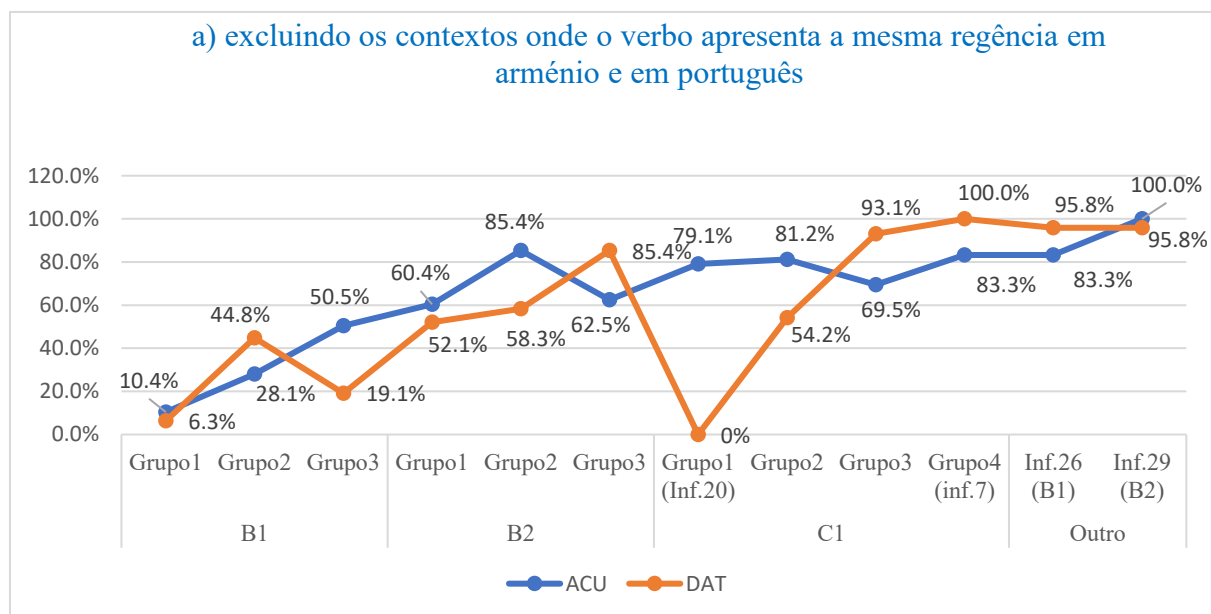
É apenas o inf.7 que não utiliza os clíticos DAT de todo com os verbos que regem OD com traço [+humano]. Os outros falantes do nível C1 ainda recorrem ao fenómeno de lheísmo com os verbos *convidar* e *ofender*. Assim, o inf.7, apresenta um caso de aquisição completa de seleção casual dos pronomes clíticos do português – 100% –, tendo demonstrado resultados melhores do que as taxas médias do grupo de controlo (95,2%). Pode-se falar de aquisição (quase) completa também no caso do inf.32, que, em 12,5% dos casos com um antecedente [+humano], recorre aos clíticos DAT quando o clítico esperado é ACU, evidenciando fenómeno de lheísmo, registado também nas produções de falantes de PL1 (2,2%). Em termos médios, a precisão do inf.32 na seleção casual dos pronomes clíticos do português é 95%, idêntica à taxa média do grupo de controlo (95,2%).

Nas respostas dos inf.5 e inf.6, ainda se observa algum efeito de L1, mas estes informantes também já se encontram numa fase de aquisição muito avançada, perto da aquisição completa (89% de precisão). Tendo em conta que o tempo médio de exposição ao português destes dois informantes é de seis anos, que varia bastante do tempo médio de exposição à L2 dos restantes informantes do nível C1 (média: 20 anos), podemos esperar que esses informantes também alcancem a aquisição (quase) completa na seleção casual dos pronomes clíticos do português. Juntar-se, ainda, o caso dos inf.26 do nível B1 e n.29 do nível B2 que igualmente apresentam taxas altas de precisão na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 (respetivamente 94% e 96%), evidenciando aquisição completa nesse domínio na idade adulta.

Por fim, quanto ao uso correto dos clíticos ACU e DAT, comparando os resultados do subgrupo 1 – inf.20 (ACU: 79,1%, DAT: 0%) –; do subgrupo 2 – inf.14 e inf.19 (ACU: 81,2%, DAT: 54,2%) –; do subgrupo 3 – inf.5, inf.6 e inf.32 (ACU: 69,5%, DAT: 93,1%) – e do subgrupo 4 – inf.7 (ACU: 83,3%, DAT: 100%)²⁸⁴ – do nível C1, observamos que a aquisição dos clíticos DAT, no nível C1, segue um trajeto linear crescente, enquanto na aquisição dos clíticos ACU, entre os resultados de diferentes subgrupos deste nível, é visível um pouco mais de oscilação (ver a figura 5.46). Olhando para a figura 5.46 (a), que resume as percentagens de uso correto dos pronomes clíticos em todos os subgrupos dos três níveis até agora discutidos, e para a figura 5.46 (b), que apresenta as percentagens de uso dos clíticos ACU e DAT em todos os contextos testados, veremos que, com a exceção do subgrupo 1 do nível C1 (inf.20), que ainda associa os clíticos ACU ao traço [-humano], a aquisição dos clíticos tanto ACU como DAT ocorre em simultâneo. Nos estádios mais precoces de aquisição, os aprendentes de PL2 falantes de arménio L1 utilizam mais vezes os clíticos DAT, nos estádios intermédios de aquisição; pelo contrário, notamos maior uso dos clíticos ACU e mais oscilação no processo de aquisição dos clíticos DAT, voltando, nos estádios mais avançados de aquisição, novamente a um maior uso dos clíticos DAT.

²⁸⁴ Tal como fizemos para os níveis B1 e B2, nos cálculos excluímos os contextos em que argumentamos existir uma transferência completa dos traços de arménio para português. O uso correto dos pronomes clíticos em todos os contextos testados será o seguinte: do inf.20 (ACU: 89,5%, DAT: 41,6%); dos inf.14 e inf.19 (ACU: 88,5%, DAT: 62,5%); dos inf.5, inf.6 e inf.32 (ACU: 84,7%, DAT: 96,5%); do inf.7 (ACU: 91,7%, DAT: 100%).

Figura 5.46. Dinâmica de aquisição dos pronomes clíticos ACU e DAT, no grupo de PL2



Portanto, voltando à questão de serem os clíticos ACU ou os DAT adquiridos em primeiro lugar, achamos que é necessário conduzir mais estudos neste sentido, pois não se pode assumir que os clíticos ACU são adquiridos em primeiro lugar. Os resultados do nosso estudo, no que toca ao padrão de uso de clíticos ACU e DAT nos níveis intermédios de aquisição, confirmam os resultados obtidos por Tian (2022), evidenciando um maior uso dos clíticos ACU; porém, esse padrão não pode ser assumido para todos os estádios de aquisição. A

oscilação entre os clíticos ACU e DAT é um fenómeno que parece afetar o processo de aquisição dos pronomes clíticos tanto ACU como DAT, embora em estádios diferentes de aquisição. No processo de análise, conforme vimos, os traços [$\pm$ humano] dos antecedentes dos pronomes clíticos selecionados interferem no processo de aquisição de seleção casual desses.

O nosso estudo mostrou que os OD com traço [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*), complementos dos verbos com restrição semântica diferente entre a L1 e a L2 dos aprendentes, se encontram na última posição da escala de aquisição, enquanto a primeira posição, a par com OD com traço [-humano], complementos dos verbos, por exemplo, *ler, beber, imprimir* ou *perder, receber, ver*, é ocupada ainda pelos OD com traço [+humano] que são complementos dos verbos que podem selecionar também OD [-humano] (*perder, receber, ver*), conforme resumimos em (101).

- (101) **Resultados (níveis B2 e C1):** OD [-humano] (*ler, beber, imprimir* e *perder, receber, ver*) > **OD [+humano] (*perder, receber, ver*)** > OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar* e *dizer, perguntar, oferecer*) > OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar* e *anexar, adicionar, acrescentar*) / **OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*)**

Esta escala é estabilizada nos níveis intermédios de aquisição, já a partir do nível B2, e nos estádios mais avançados sofre pouca oscilação, que provavelmente é fruto de características individuais dos aprendentes ou das outras línguas anteriormente adquiridas, a que daremos atenção nas secções seguintes.

Tian (2022), para os falantes de chinês L1, apresenta uma escala de aquisição dos pronomes clíticos (em (102)) parecida com a do presente estudo, embora não tenha separado os OD conforme os traços [$\pm$ humano, $\pm$ animado]:

- (102) OD > OI[+humano] > OI[-humano, +animado] > OI[-animado] > OI[OD na L1 e L2]
(Tian, 2022: 97)

É importante lembrar que, por falantes nativos de arménio, a aquisição mais rápida da seleção casual dos pronomes clíticos de português OD [-humano] e OI [+humano] resulta da correspondência de restrição semântica e de estrutura argumental dos verbos em L1 e L2,

aliás, tal como no caso de falantes de chinês L1²⁸⁵. Ao excluirmos as condições OD [-humano] e OI [+humano], das escalas apresentadas em (101) e em (102), veremos que, no caso de falantes de arménio L1, o caso gramatical dos clíticos OD [+humano], complementos dos verbos *perder*, *receber*, *ver* se adquirem mais cedo que o caso gramatical dos clíticos OD [+humano], complementos dos verbos *ofender*, *convidar*, *ensinar*, o que significa que (i) não se pode assumir que os clíticos ACU estão a ser adquiridos antes dos clíticos DAT e (ii) a diferença existente entre os verbos ao nível de restrição semântica em L1 e L2 é um aspeto crucial a ter em consideração em pesquisas futuras. Os dados do presente estudo, resumidos na figura 5.46, indicam que no processo de aquisição da estrutura argumental dos verbos portugueses existem fases, que sucedem uma a outra, quando ora se observa predominância de uso dos clíticos ACU, ora se observa preferência pelos clíticos DAT, sendo, nelas, as características individuais e o conhecimento de outras línguas dos aprendentes de L2 não menos importantes.

Resumindo todos os dados apresentados nesta subsecção, da perspetiva dos três níveis de competência em PL2 (B1, B2 e C1), podemos concluir que a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em português parte da transferência dos traços da L1, que interferem em todo o processo de aquisição, havendo um abandono gradual deles à medida que a competência dos aprendentes em L2 aumenta. Os contextos em que as dificuldades de seleção casual dos pronomes clíticos persistem são aqueles em que existe diferença entre restrição semântica dos verbos em L1 e L2 (e.g., OD [+humano]) e aqueles em que apesar de existir correspondência de restrição semântica dos verbos entre L1 e L2, a dicotomia assumida de que os clíticos ACU substituem as entidades com traço [-humano] e os DAT as com traço [+humano] interfere à partida no processo de aquisição.

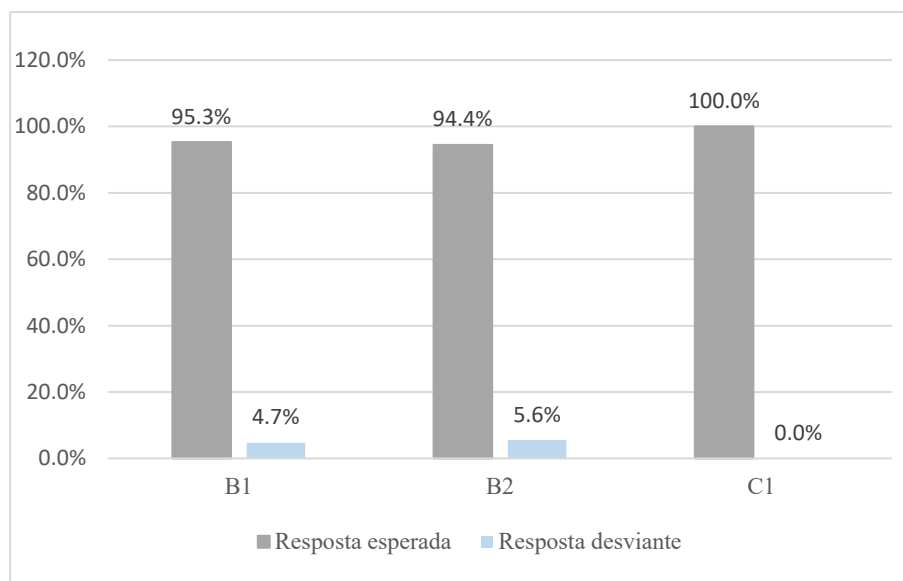
5.2.2.4. Distratores

Nas estruturas de infinitivo (não) flexionado que serviram como distratores no teste de elicitação, os clíticos esperados eram sempre os da 1.^a e 2.^a pessoa singular – *me* e *te*. Os desvios

²⁸⁵ O autor, baseando-se no trabalho de Li e Thompson (1989), refere que ‘os pronomes de 3^a pessoa do mandarim raramente se referem a animais e muito mais infrequentemente a entidades [-animadas]. Por outras palavras, o pronome de 3^a pessoa [-humano] em mandarim, *Ětā* (no caso de se referir a uma entidade [-animada]), nunca pode ser, semanticamente, um recipiente ou beneficiário’ (p.2), mencionando, num momento seguinte, que ‘para um aprendente chinês que se encontra no nível básico de PE L3/LE, o pronome DAT de 3^a pessoa, *lhe*, se refere, provavelmente, a uma pessoa ou um animal, mas raramente a uma entidade [-animada], como por exemplo, *empresa*, *texto* ou *sopa*.

nestas estruturas, que normalmente dizem respeito ao abandono de tarefa ou à troca da pessoa gramatical por terem assumido que o antecedente do clítico é uma outra entidade, mas não os pronomes *eu* e *tu* destacados no item dado, apresentam uma pequena percentagem e apenas nos níveis B1 (4,7%) e B2 (5,6%), conforme se vê na figura 5.47.

Figura 5.47. Seleção casual dos pronomes clíticos nas estruturas de infinitivo introduzidas por uma preposição



Nas estruturas com respostas desviantes também encontramos alguns desvios de seleção casual, nomeadamente o uso dos clíticos ACU com os verbos *dedicar* e *perguntar* e o uso dos clíticos DAT com os verbos *ver*, *convidar*, *ensinar* e *deixar*, embora com uma taxa insignificativa – 0,02%.

5.2.2.5. Outros desvios

Além dos desvios na seleção casual, nas produções provocadas dos informantes do grupo de PL2, encontramos ainda desvios que, conforme vemos na tabela 5.22, se dividem em três categorias: alterações morfológicas no hospedeiro e no clítico; troca do género gramatical do antecedente e troca do número gramatical do antecedente do clítico.

Tabela 5.22. Outros desvios de seleção (não casuais) dos pronomes clíticos, no grupo de PL2

Categoria do desvio	Nível de competência em PL2		
	B1	B2	C1
Morfologia do clítico e do hospedeiro	n=62	n=33	n=14
Gênero do clítico	n=54	n=14	n=2
Número do clítico	n=19	n=0	n=0
Total	n=135	n=47	n=16

Em 7,1% (n=14), existe sobreposição de desvios de pelo menos duas das categorias mencionadas.

Os desvios que dizem respeito a alterações morfológicas do clítico e do hospedeiro e à troca do gênero do antecedente são observáveis ainda no nível C1.

Nas respostas em que, optando pela colocação enclítica, era esperado que os falantes recorressem a alterações morfológicas do clítico e do hospedeiro e/ou à colocação mesoclítica, encontramos estruturas desviantes como *receberão-lhes*, *receberão-os*, *perguntaram-o*, *beberam-o*, *anexamos-o*, *adicionamos-a*, *imprimiram-os*, entre outras parecidas.

Apenas em poucos casos (n=12), os falantes de armênio L1 recorreram às alterações morfológicas do hospedeiro e do clítico em português.

No nível B1 em 63,7% (n=86), no nível B2 em 31,9% (n=15) e no nível C1 em 43,8% (n=7), os desvios das três categorias mencionadas na tabela 5.22 ocorrem em simultâneo com os desvios de seleção e/ou de colocação dos pronomes clíticos do português.

5.2.3. A importância de outros fatores na aquisição de PL2

5.2.3.1. O papel do ensino explícito

Os dados da nossa investigação permitiram-nos expressar-se sobre a importância do ensino explícito no processo de aquisição/aprendizagem dos pronomes clíticos em PL2. Recorrendo à caracterização sociolinguística dos nossos informantes (disponível em anexo 2), separámo-los entre dois grupos: os que tiveram acesso ao ensino formal e os que adquiriram a língua num ambiente natural, que apresentamos na tabela 5.23, onde mencionamos ainda o tempo de acesso à formação²⁸⁶ e o tempo médio de exposição ao português. A avaliação do

²⁸⁶ Os dados neste sentido são aproximados, pois alguns falantes de PL2 já não recordam o tempo preciso durante a qual tiveram aulas de PL2/PLE.

impacto da instrução explícita é feita através de comparação do desempenho destes dois grupos de informantes, em cada nível de competência em PL2. É importante ter em conta que, na amostra disponível, foi possível assegurar grupos homogêneos para a análise apenas para o nível B1 (ver a tabela 5.23). De qualquer forma, prosseguiu-se com a apresentação dos dados dos níveis B2 e C1 também, pois, como referimos a seguir, é precisamente o acesso ao ensino explícito que garante um desenvolvimento mais rápido das competências em PL2. Através de uma análise individual dos dados dos níveis B2 e C1, procuraremos completar os nossos argumentos.

Tabela 5.23. Informantes do grupo de PL2 sem e com acesso ao ensino explícito

Nível alcançado em PL2	Informantes com acesso ao ensino explícito (tempo de acesso)	Informantes sem acesso ao ensino explícito (tempo de acesso)
B1	Inf.12 (3-4 meses), inf.15 (2-3 meses), inf.16 (1-2 meses), inf.17 (5-6 meses), inf.23 (2;0 anos), inf.26 (1;0 ano), inf.27 (1;0 ano), inf.31 (2-3 meses) Média: $\approx$ 8 meses Média de exposição à L2: 11 anos	Inf.3, inf.4, inf.9, inf.11, inf.13, inf.25, inf.18, inf.30 Média de exposição à L2: 21 anos
B2	Inf.1 (2;0 anos), inf.10 (2;0 anos), inf.22 (1;5 anos), inf.24 (2;0 anos), inf.28 (2;5 anos), inf.29 (1;5 anos) Média: $\approx$ 23 meses Média de exposição à L2: 14 anos	Inf.2, inf.8, inf.21 Média de exposição à L2: 26 anos
C1	Inf.5 (4;5 anos), inf.6 (6;0 anos), inf.19 (1;5-2;0 anos), inf.20 (1;5 anos), inf.32 (1;5-2;0 anos) Média: $\approx$ 35 meses Média de exposição à L2: 14 anos	Inf.14, inf.7 Média de exposição à L2: 21 anos

Em primeiro lugar, importa mencionar, que parece haver uma correlação entre o tempo de acesso ao ensino explícito e às competências linguísticas alcançadas em PL2, em geral, mas não apenas na aquisição/aprendizagem dos pronomes clíticos nesta língua. Apesar de os nossos dados serem incompletos nesse sentido, por uma parte dos informantes já não se recordarem precisamente durante quanto tempo é que tiveram aulas de português, notamos que um acesso mais prolongado ao ensino formal normalmente se traduz em uma competência mais avançada em PL2. Se bem que, outros informantes, embora menos em quantidade, mesmo sem acesso

ao ensino formal, conseguem alcançar os níveis B2 e C1 em PL2. Quantitativamente, 66,7% dos informantes que conseguiram alcançar o nível B2 (o nível dos informantes varia entre B2.1 e B2.2) e 71,4% dos informantes que conseguiram alcançar o nível de competência C1 (o nível dos informantes varia entre C1.1 e C1.2) em PL2, tendo iniciado a aprendizagem de português após o período crítico, mencionaram terem tido acesso ao ensino explícito²⁸⁷.

Em segundo lugar, notamos que o acesso ao ensino explícito condiciona o ritmo de aquisição/aprendizagem, resultando numa aquisição mais rápida da L2. Os dados da tabela 5.23 indicam que os informantes que tiveram acesso ao ensino explícito, em termos gerais, alcançam o mesmo nível de competência mais rapidamente que os informantes que aprendem a língua em contexto de imersão. Os dados do nosso estudo, porém, a este ponto também, necessitam de verificação, pois não dispomos de informação sobre o ponto em que, durante o percurso de aquisição da L2, os informantes alcançaram o nível de competência em questão.

Conforme veremos a seguir, a correlação entre o tempo dedicado ao ensino formal e o desempenho em PL2 verifica-se em diferentes momentos.

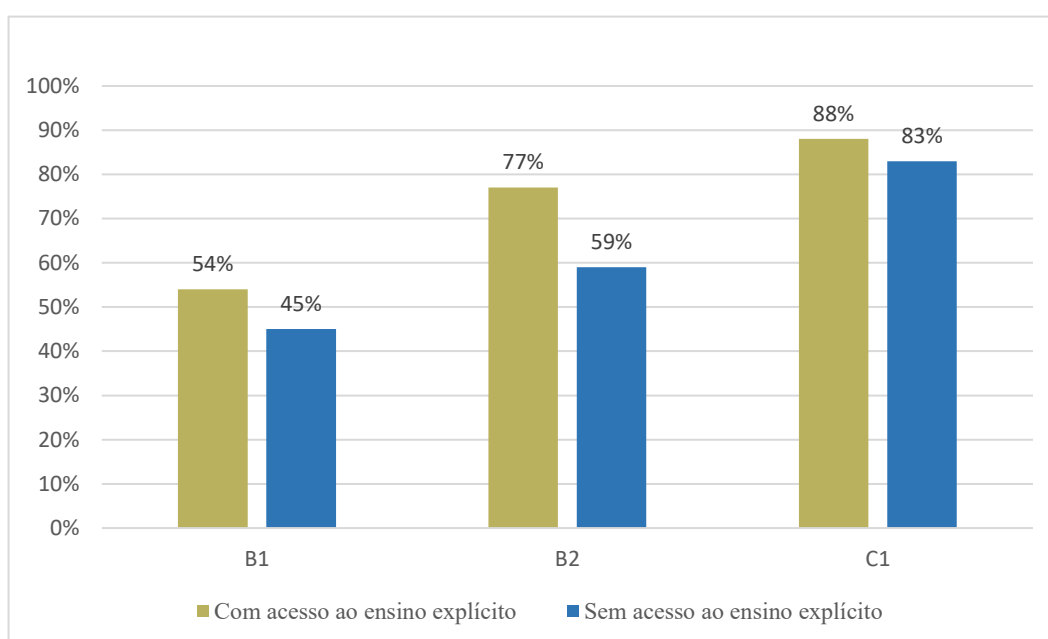
As gramáticas dos inf.8, inf.2 e inf.21, que não tiveram acesso à explicitação de regras gramaticais de português, quanto à aquisição dos padrões de distribuição sintática dos pronomes clíticos, conforme discutimos anteriormente (§5.2.1.2), demonstraram mais efeitos de arménio L1, comparativamente com os outros falantes do nível B2. É verdade que a gramática mental do inf.10 demonstrou características semelhantes à gramática do inf.2. Porém, o tempo de exposição ao português destes dois informantes é drasticamente diferente – inf.2: 25 anos; inf.10: 5 anos. Portanto, pode-se concluir que o ensino explícito acelera o processo de aquisição de PL2.

Chega-se à mesma conclusão, recordando que dois dos informantes do nosso estudo (inf.5 e inf.6), à data da recolha dos dados, tinham o maior tempo de acesso ao ensino explícito (respetivamente 4;5 e 6;0 anos), em contrapartida com o tempo mais curto de exposição ao português (respetivamente cinco e sete anos), entre os informantes do nível C1. Entre todos os informantes, como já foi referido (ver §5.2.1.3), o inf.5 apresenta a taxa mais alta na colocação dos pronomes clíticos de PL2 – 96% –, maior que a taxa média do grupo de PL1 (94,6%). Assim, a exposição prolongada aos dados explícitos parece resultar numa aquisição/aprendizagem mais rápida, pelo menos, na colocação dos pronomes clíticos, ajudando os aprendentes a chegarem ao estágio final – a aquisição completa.

²⁸⁷ Considerou-se acesso ao ensino explícito também o autoestudo com o auxílio de gramáticas ou de manuais destinados ao ensino de PL1 e/ou PL2 (os casos de inf.17, inf.24, inf.32 e inf.19).

Se compararmos as taxas médias de precisão na colocação dos pronomes clíticos dos informantes que tiveram acesso ao ensino explícito e dos que não o tiveram, em cada nível de competência, veremos que existe uma (pequena) diferença entre eles, sempre a favor dos informantes que tiveram acesso ao ensino formal (ver a figura 5.48). Se nos níveis B1 e B2, a diferença entre os resultados dos dois grupos é respetivamente 9% e 18%, no nível C1, essa diferença já é mais pequena – 5% –, indicando que, mesmo sem acesso ao ensino formal, é possível alcançar uma mestria avançada na colocação dos pronomes clíticos em PL2.

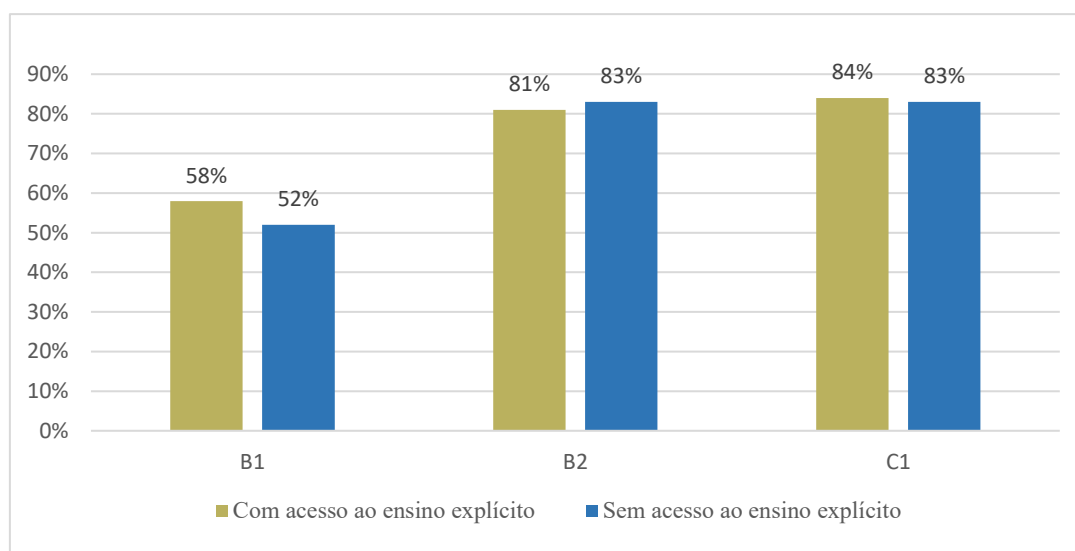
Figura 5.48. Desempenho dos falantes sem e com acesso ao ensino explícito na colocação dos pronomes clíticos em PL2



Na aquisição/aprendizagem dos padrões de distribuição sintática dos pronomes clíticos, é natural que haja uma diferença maior entre o desempenho dos dois grupos de falantes de PL2, sobretudo no nível B2. Conforme vimos na secção 5.2.1, os informantes do nível B1 (pelo menos 50%), tanto os que tiveram acesso ao ensino formal, como os que não o tiveram, ainda se encontram no estágio inicial de aquisição e recorrem (quase) exclusivamente aos traços instanciados na sua L1. Características do estágio de Reconfiguração de traços encontraram-se sobretudo na interlíngua de falantes do nível B2, na qual verificamos a maior diferença entre os desempenhos dos dois grupos em análise. Já no nível C1, as interlínguas dos informantes, regra geral, foram identificadas como sendo mais próximas às gramáticas de falantes de PL1. Logo, assistir ao desvanecimento do impacto de explicitação de regras da L1, nos estágios avançados de aquisição, também é expectável.

Já da perspectiva de seleção casual dos pronomes clíticos, não observamos diferenças notáveis entre os grupos dos informantes que tiveram acesso ao ensino formal e os que aprenderam português num ambiente natural (B1 – 6%, B2 – 2%, C1 – 1%) (figura 5.49).

Figura 5.49. Desempenho dos falantes sem e com acesso ao ensino explícito na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2



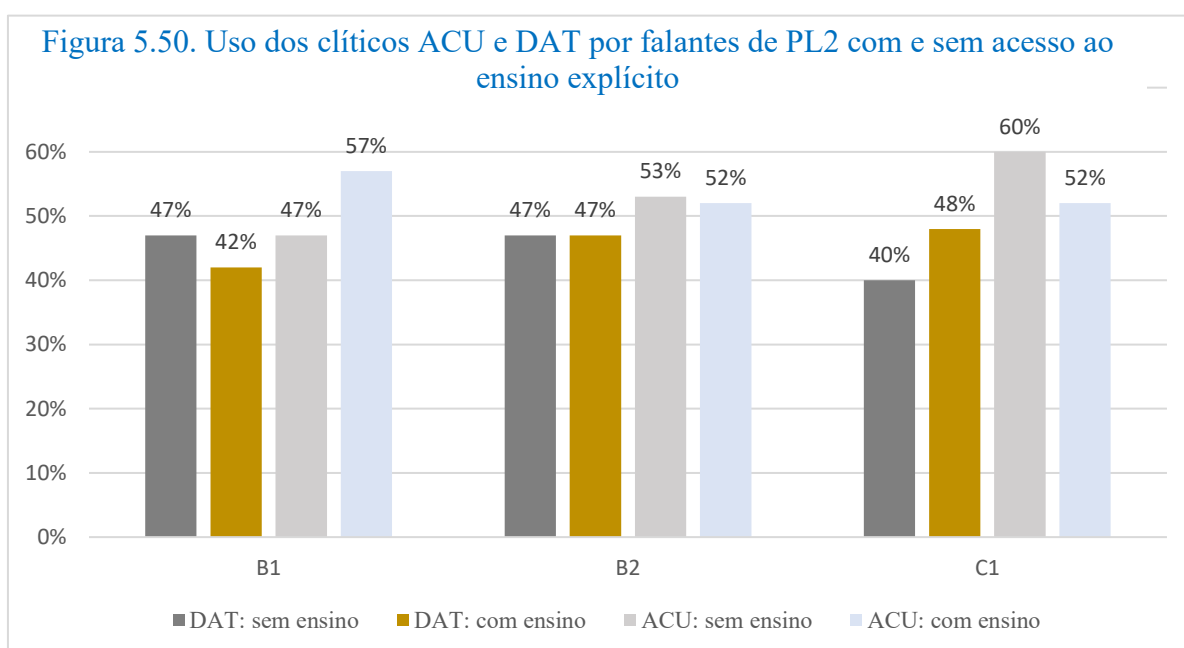
Uma análise do conteúdo dos manuais destinados ao ensino de PL2²⁸⁸ revela que, ao contrário dos padrões de colocação, os padrões de seleção casual dos pronomes clíticos não recebem uma atenção suficiente, o que explica a não existência de diferenças notáveis entre os resultados dos aprendentes que tiveram acesso aos dados explícitos do português e dos que não o tiveram. Na prática, a interiorização dos padrões morfológicos dos pronomes clíticos em PL2, acontece (quase) sempre sem acesso aos dados explícitos sobre o tema²⁸⁹. Contudo, o acesso ao ensino explícito, mais especificamente o acesso a dados linguísticos qualitativamente diferentes, deveria funcionar como um meio que permitisse aos aprendentes de PL2 notarem mais cedo a existência dos clíticos ACU nos dados linguísticos disponíveis, pois, como prevíamos, a pouca saliência fonética desses poderia atrasar a sua aquisição/aprendizagem, sobretudo no caso de falantes que aprendessem a língua apenas em contexto de imersão. Assim, era expectável nos estádios iniciais e intermédios de aquisição/aprendizagem, em termos

²⁸⁸ Para a lista dos manuais analisados, ver a nota 176 do Capítulo 3.

²⁸⁹ Curiosamente, poucas alterações morfológicas do clítico e do hospedeiro que encontramos nos dados recolhidos (*e.g.*, *perderam-nos*, *receberam-nas*, *recebemo-lo*), referidos na subsecção 5.2.2.5, diziam respeito às produções dos informantes que tiveram acesso à instrução sobre a L2.

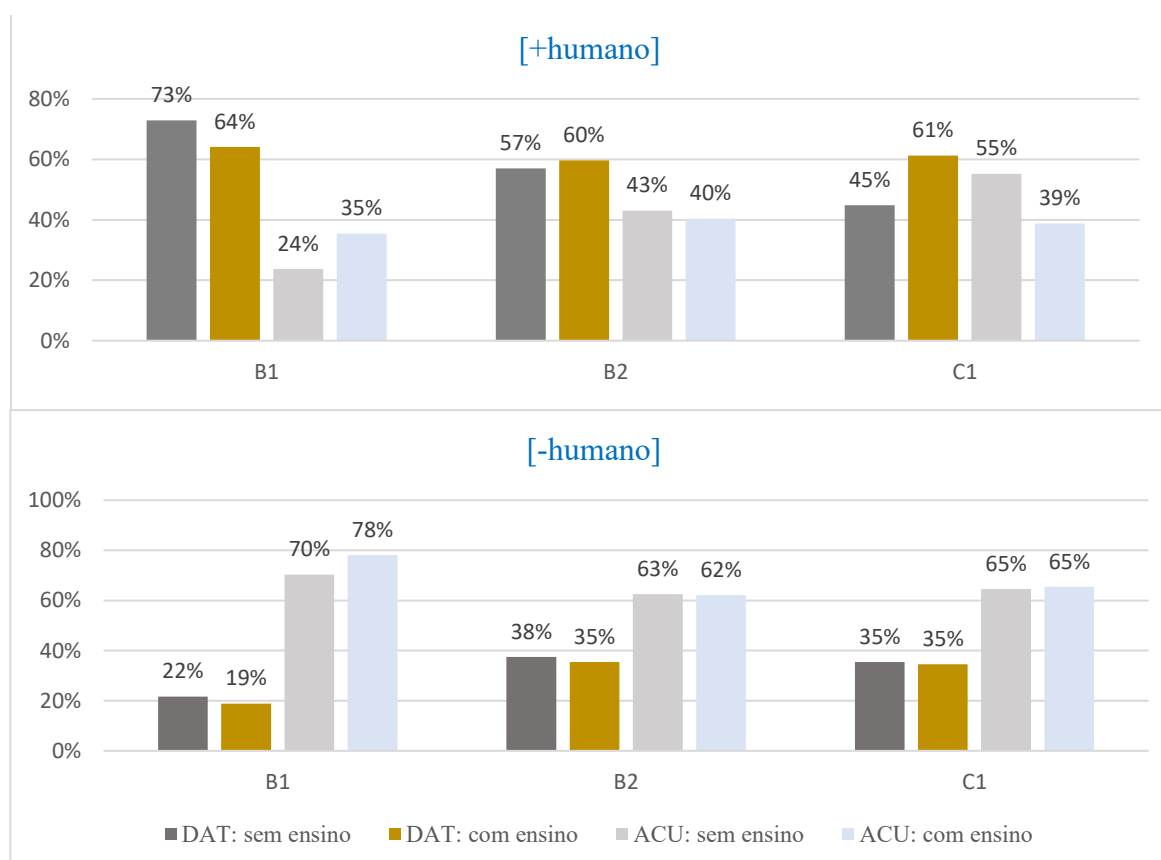
quantitativos, encontrar mais clíticos ACU, nas produções dos que aprenderam a língua num contexto formal (Predição 5.1.1). Era expectável também encontrar mais oscilação entre os clíticos ACU e DAT, nas produções de falantes que tiveram acesso ao ensino explícito (Predição 5.1.2) e mais generalização de uso dos clíticos DAT com um referente [+humano] e dos clíticos ACU com referentes [-humano], nas produções de falantes que aprenderam a língua no contexto de imersão (Predição 5.1.1).

A figura 5.50 mostra que os falantes do nível B1 que tiveram acesso ao ensino explícito, de facto, utilizam os clíticos ACU mais vezes (57%) em comparação com os falantes que aprenderam a L2 em contexto de imersão (47%). Essa diferença, embora seja pequena, é relevante, se tivermos em conta o facto de que entre a percentagem de uso dos clíticos ACU (57%) e DAT (42%) encontramos uma diferença de 15%, no grupo de falantes que aprenderam a L2 em contexto formal, enquanto nas produções dos informantes do nível B1 que aprenderam a L2 no contexto de imersão, não existe diferença entre as percentagens de uso dos clíticos ACU e DAT (47% vs. 47%). Se no nível B2 não encontrámos diferenças entre os comportamentos dos dois grupos em análise, no nível C1, os falantes que não tiveram acesso ao ensino explícito demonstram uma maior tendência de utilização de clíticos ACU (60% vs. DAT: 40%) do que os informantes que aprenderam a língua em contexto formal (ACU: 52% vs. DAT: 48%). O facto de os falantes do nível B1 que tiveram acesso ao ensino formal e os falantes do nível C1 que adquiriram a língua em contexto de imersão demonstrarem um padrão parecido quanto ao uso dos clíticos ACU e DAT faz-nos questionar: será que o ensino explícito acelera o processo de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2?



Se procurarmos compreender as diferenças de uso dos pronomes clíticos ACU e DAT em diferentes contextos onde o seu antecedente apresenta traços [$\pm$ humanos], veremos que os falantes do nível B1 que aprenderam português através de imersão linguística demonstram uma tendência mais forte de generalização de regra de que os clíticos DAT substituem antecedentes com traço [+humanos], enquanto, com os antecedentes [-humanos], são os falantes que tiveram acesso ao ensino formal que utilizam os clíticos ACU mais vezes (figura 5.51). No nível B2, a tendência de utilizar mais vezes os clíticos DAT quando o seu antecedente tem traço [+humano] preserva-se, sem que haja uma diferença significativa entre o comportamento linguístico dos dois grupos analisados. No nível C1, os informantes que aprenderam a língua em contexto de imersão, demonstram um maior equilíbrio entre o uso dos clíticos ACU e DAT (55% e 45%), enquanto os falantes que aprenderam a língua através de instrução formal, recorrem mais vezes aos clíticos DAT (61%) com os antecedentes [+humano]. Já nas estruturas onde o antecedente do clítico é uma entidade com traço [-humano], o comportamento linguístico nos níveis B2 e C1, tanto no grupo que adquiriu a língua através de imersão, como no grupo que a aprendeu em contexto formal de aulas, é praticamente idêntico (figura 5.51).

Figura 5.51. Uso dos clíticos ACU e DAT por falantes de PL2 sem ou com acesso ao ensino explícito, conforme os traços dos antecedentes dos pronomes clíticos em PL2



Assim, os dados por nós coligidos mostram indícios de que o ensino explícito tem um papel importante, sobretudo na aquisição/aprendizagem dos padrões de colocação dos pronomes clíticos de português e principalmente quando o período de acesso ao ensino é prolongado (≥ 12 meses). A aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos também parece ser acelerada pelo ensino explícito, embora apenas nos níveis mais precoces de aquisição dos pronomes clíticos. Contudo, os dados da presente investigação, neste último caso, não se revelam conclusivos. Talvez a escolha metodológica escolhida – disponibilizar os clíticos ACU e DAT no teste logo à partida – e o facto de uma parte dos informantes, no nível mais baixo analisado, não estarem num estágio inicial de aquisição tenham tido impacto nos resultados obtidos. Importa juntar ainda que, ao longo de realização do teste, alguns dos próprios falantes do nível B1 (*e.g.*, inf.9, inf.30), todos sem acesso ao ensino formal, referiram que não conhecem ou não conseguem utilizar os clíticos ACU, pois, por palavras deles, ‘os portugueses não falam assim’²⁹⁰.

Por fim, concluindo, apesar de alguns indícios claros de que o ensino explícito tem um papel importante na aquisição/aprendizagem dos pronomes clíticos, funcionando sobretudo como um fator acelerador de aquisição/aprendizagem, na idade adulta, tanto na aquisição de seleção casual, como na aquisição dos padrões distribucionais, é possível chegar a competências avançadas, mesmo sem acesso ao ensino explícito.

Na aquisição de PL2 na idade adulta, além do ensino explícito, são cruciais ainda outros fatores a que daremos atenção nas secções seguintes.

5.2.3.2. A competência linguística e o desempenho na seleção casual e na distribuição dos pronomes clíticos em PL2

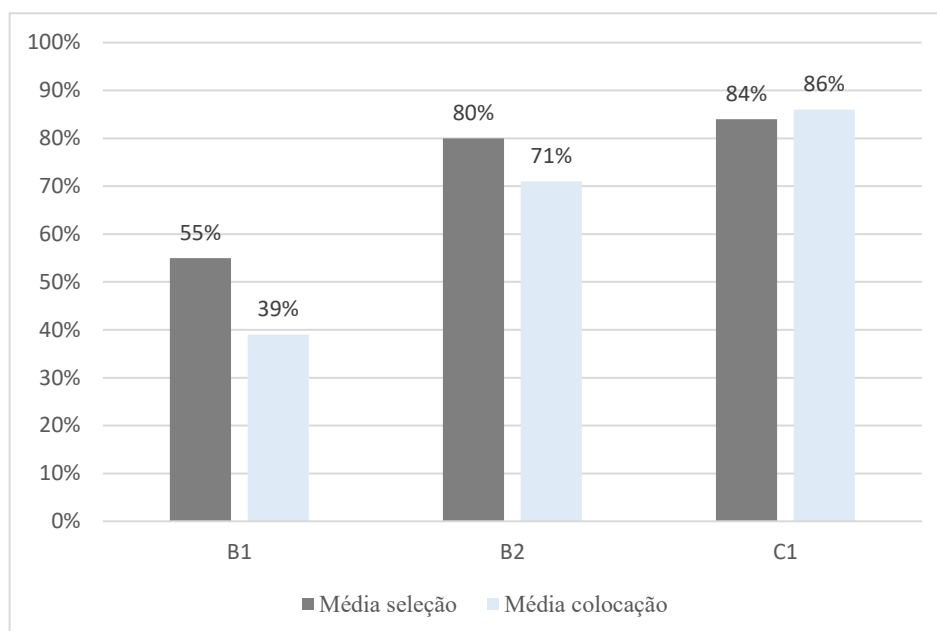
Uma das questões que levantámos durante a nossa discussão (PI 4.1) foi a correlação entre o nível de competência em português e o desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos. Para a aquisição dos pronomes clíticos em PL2, Madeira *et al.* (2006: 506) afirmam que, ‘quanto menor o tempo de aprendizagem e menor o nível de proficiência, maior o predomínio de ênclise, independentemente da língua materna’. A nossa intenção, nesta e na próxima subsecção, será verificar se existe tal correlação no caso de falantes de arménio L1, da perspectiva não apenas de aquisição dos padrões sintáticos, mas também de aquisição da seleção casual dos pronomes clíticos de PL2.

²⁹⁰ Informação nesse sentido pode-se encontrar no anexo 7.

Vimos, ao longo das secções 5.2.1 e 5.2.2, que a aquisição de próclise e de seleção casual dos pronomes clíticos acontece gradualmente, passando de um estágio em que se verifica transferência dos traços instanciados na L1 dos falantes e chegando até à aquisição (quase) completa dos traços da L2, no caso de alguns informantes.

As taxas médias de precisão nos dois tópicos estudados evidenciam que, de facto, existe uma correlação entre o nível de competência alcançado e o desempenho na seleção casual e na colocação dos pronomes clíticos do português, conforme mostramos na figura 5.52.

Figura 5.52. Taxas médias de precisão na seleção e na colocação dos pronomes clíticos, conforme o nível de competência em PL2



Ao nível individual também, os dados coligidos, que na tabela 5.24 apresentamos pela ordem decrescente do nível de competência, permitem-nos concluir que, salvo algumas exceções (inf.21; inf.24; inf.2, na colocação, inf.22; inf.14; inf.20, na seleção²⁹¹), quanto mais alto o nível de competência do informante, geralmente melhor o desempenho linguístico, tanto na colocação, como na seleção dos pronomes clíticos.

²⁹¹ Recordar-se que as taxas altas de precisão na colocação dos pronomes clíticos no caso dos inf.9, inf.27, inf.15 e inf.25 são fruto de generalização da próclise em (quase) todos os contextos. Essas, na tabela 5.24, e nas outras tabelas da subsecção 5.2.3, estão destacadas a amarelo e foram excluídos do cálculo das taxas médias do nível B1.

Tabela 5.24. Desempenho dos informantes na seleção casual e na colocação dos pronomes clíticos em PL2, tendo em conta o nível de competência em PL2: dados individuais

Informante	Idade da primeira exposição à L2	O tempo de exposição (anos)	Nível em PL2	Seleção	Colocação	Relação Seleção/Colocação	Relação média grupal Seleção/Colocação
				Respostas esperadas	Respostas esperadas		
Inf.32	25	21	C1.2	95%	92%	1.03	0.98
Inf.7	18	21	C1.2	96%	83%	1.16	
Inf.5	26	5	C1.2	89%	96%	0.94	
Inf.6	28	7	C1.1	89%	83%	1.07	
Inf.19	30	24	C1.1	83%	81%	1.02	
Inf.14	22	21	C1.1	70%	83%	0.84	
Inf.20	25	14	C1.1	66%	85%	0.78	
Inf.10	16	5	B2.2	92%	71%	1.30	1.13
Inf.1	20	5	B2.2	80%	78%	1.03	
Inf.28	27	20	B2.2	85%	73%	1.16	
Inf.2	32	25	B2.2	80%	60%	1.33	
Inf.22	18	26	B2.2	59%	88%	0.67	
Inf.8	29	31	B2.2	86%	57%	1.51	
Inf.24	26	20	B2.2	73%	65%	1.13	
Inf.29	31	4	B2.1	96%	91%	1.05	
Inf.21	21	23	B2.1	81%	59%	1.37	
Inf.12	29	20	B1.2	59%	64%	0.92	
Inf.17	47	20	B1.2	52%	56%	0.93	
Inf.3	23	31	B1.2	65%	29%	2.41	
Inf.13	22	5	B1.2	50%	36%	1.40	
Inf.4	31	31	B1.2	52%	26%	2.00	
Inf.31	30	3	B1.2	49%	35%	1.40	
Inf.18	33	24	B1.2	39%	41%	0.95	
Inf.11	28	21	B1.1	56%	44%	1.27	1.41
Inf.26	27	2	B1.1	94%	66%	1.43	
Inf.9	20	21	B1.1	57%	81%	n/a	
Inf.27	26	3	B1.1	55%	81%	n/a	
Inf.15	31	16	B1.1	54%	83%	n/a	
Inf.25	50	26	B1.1	49%	83%	n/a	
Inf.23	24	5	B1.1	48%	21%	2.29	
Inf.16	44	19	B1.1	51%	25%	2.04	
Inf.30	31	7	B1.1	51%	21%	2.43	

Sobressaem dessa lógica especialmente os casos de inf.26 e de inf.29, que, apesar de um tempo de exposição relativamente curto à L2 (2 e 4 anos) e de um nível de competência

intermédia em português, na seleção casual dos pronomes clíticos apresentam resultados compatíveis com o nível C1²⁹². Esses casos serão discutidos mais adiante, na subsecção 5.2.3.4.

Nota-se também (na figura 5.51) que a aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, do nível B1 ao nível C1, segue um trajeto linear-crescente, enquanto a aquisição dos traços morfológicos desses demonstra um abrandamento entre os níveis B2 e C1. Será isso um indício de que a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 acontece mais cedo ou demonstra maior resistência nos estádios mais avançados de aquisição?

Antes de mais, conforme vimos na subsecção anterior, o ensino explícito tem um papel importante na aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos de PL2, o que pode explicar o aumento contínuo da taxa média de colocação dos pronomes clíticos entre os níveis de competência em PL2 (B1 – 39%, B2 – 71%, C1 – 86%).

Comparando as taxas medias de acerto na seleção e na colocação dos pronomes clíticos da tabela 5.24, podemos constatar que os padrões morfológicos dos pronomes clíticos são adquiridos mais rapidamente, embora ao nível individual haja evidências do fenómeno contrário, em alguns casos. Conforme se observa na tabela 5.24, 21 dos 32 informantes desta investigação, em comparação com a colocação, apresentam melhores resultados na seleção dos pronomes clíticos do português (relação Seleção/Colocação (Sel./Col.) >1), enquanto sete informantes deste estudo²⁹³ têm melhor desempenho na colocação dos pronomes clíticos (relação Sel./Col. >1). Cinco destes últimos sete informantes tiveram acesso ao ensino explícito. Portanto, sendo o ensino explícito um fator que, conforme vimos na subsecção anterior, funciona como acelerador de aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos, pode assumir-se que as taxas mais altas de precisão na colocação dos pronomes clíticos desses falantes são devidas à explicitação.

Deste modo, a aquisição dos traços morfológicos dos pronomes clíticos acontece mais cedo em comparação com os seus traços sintáticos em PL2, o que, segundo argumentámos anteriormente (§5.2.2), é sobretudo devido ao efeito de transferência dos traços instanciados da L1. Ao mesmo tempo, recordando que, nos níveis B2 e C1, na seleção dos pronomes clíticos, os informantes demonstraram padrões de aquisição parecidos c aquisição mais rápida de traços morfológicos de clíticos na posição de OD com os antecedentes [-humano] e uma maior resistência na aquisição de traços morfológicos dos pronomes clíticos na posição de OD com

²⁹² A taxa alta de precisão na colocação de pronomes clítico no caso do inf.29 é explicável pelo facto de ele ter tido acesso à explicitação de forma pouco tempo antes de realização do teste no âmbito da presente investigação.

²⁹³ Recorda-se que excluímos os casos de informantes que generalizam a próclise, resultando nas taxas falsamente altas de colocação de clíticos.

anteriores [+humano] (*convidar*, *ofender* e *ensinar*), bem como na posição de OI com anteriores [-humano], argumentamos que a aquisição dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2 apresenta maiores dificuldades nos níveis intermédios e avançados, causadas pelos traços do arménio L1.

Portanto, respondendo à pergunta levantada nesta subsecção, constatamos que a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 acontece mais cedo que a aquisição dos traços sintáticos desses, mas que, nos estádios mais avançados de aquisição, demonstra maior resistência, devido à influência de arménio L1.

Evidenciam uma aquisição mais rápida dos traços morfológicos dos pronomes clíticos de PL2 as relações Seleção/Colocação médios dos três níveis de competência – B1=1,41, B2=1,13, C1=0,98 – (tabela 5.24), indicando, ao mesmo tempo, que os padrões sintáticos e morfológicos dos pronomes clíticos em PL2 são dois domínios a serem adquiridos separadamente.

Dito isto, embora os traços tanto de seleção, como de colocação dos pronomes clíticos sejam adquiridos gradualmente, ocorrem em dois domínios e ritmos independentes, de acordo com a Hipótese de Ausência Superficial da Flexão (*Missing Surface Inflection Hypothesis*) de Prévost & White (2000) e, tal como mostrado pelo estudo de Madeira e Xavier (2009) para a aquisição de PL2 e pelo estudo de Santoro (2007) para os falantes de italiano L2. As dificuldades na aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos, assim, não residem no domínio morfossintático, como seria expectável assumindo as premissas de HTR.

Então, porque é que, mesmo com a ajuda do ensino explícito, a aquisição dos traços sintáticos é mais tardia?

Procuraremos dar resposta à esta questão ao resumir os dados do presente estudo, no subcapítulo 5.3.

5.2.3.3. A idade da primeira exposição e a exposição mais prolongada à L2

Outro fator que destacamos no nosso estudo foi a importância da idade da primeira exposição na aquisição de uma L2. Segundo mostram vários estudos (*e.g.*, Birdsong, 1999; 2005; Johnson & Newport, 1989; 1991; Long, 1990), existe um período crítico após o qual os aprendentes enfrentam dificuldades ao nível de vários domínios linguísticos para interiorizar uma nova língua, sugerindo que dentro do período crítico se observa uma diminuição gradual de aprendizagem de uma nova língua. Contudo, após a puberdade, mais especificamente, após

os 15 anos de idade, conforme defendem muitos destes autores (*e.g.*, Gass & Selinker, 2008; Johnson & Newport, 1989), já não é expectável encontrar uma correlação direta entre a idade de primeira exposição à língua-alvo e a competência alcançada. Por outro lado, vários estudos argumentam que a morfossintaxe é um dos domínios linguísticos não afetados pelo período crítico, e que, mesmo na idade adulta, é possível chegar a uma competência igual ou semelhante à de um falante nativo, defendendo que esta área não é afetada pelo período crítico (*e.g.*, Birdsong, 1999; Hopp, 2007; White & Genesee, 1996).

Assim, num primeiro momento desta subsecção, tentaremos verificar se, na aquisição tardia, existe correlação entre a idade de primeira exposição e o desempenho alcançado, quanto à colocação e à seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 (PI 4.2) e se na idade adulta realmente é possível chegar a uma mestria igual ou semelhante à de um falante nativo de português neste domínio linguístico (PI 4).

Numa análise deste género, é importante ter em conta também o tempo de exposição à L2. Portanto, de seguida, verificaremos se existe uma correlação entre o tempo de exposição e o desempenho nestes dois domínios estudados (PI 4.3).

Assim, por forma a verificar se existe alguma correlação entre a idade da primeira exposição à L2 e o desempenho linguístico dos nossos informantes, sugerimos separá-los em quatro grupos, conforme a idade da primeira exposição ao português (intervalos de 5 anos): (i) entre os 16 e os 20 anos; (ii) entre os 21 e os 25 anos; (iii) entre os 26 e os 30 anos; (iv) após os 31 anos de idade.

A tabela 5.25 apresenta os dados individuais relativos ao desempenho dos nossos informantes na seleção de caso gramatical e na colocação dos pronomes clíticos do português separados por grupos (intervalos de idade de cinco anos)²⁹⁴.

²⁹⁴ A amarelo, conforme referido na nota 291, estão marcados os casos que apresentam generalização da próclise, resultando numa taxa falsa alta de precisão. Por uma maior rigorosidade dos resultados, ao referirmos às percentagens médias, nesta subsecção também, excluí-los-emos da nossa análise. Apenas em casos particulares contaremos com elas, havendo uma referência para isso.

Tabela 5.25. Desempenho dos informantes do grupo de PL2 na colocação e na seleção dos pronomes clíticos, tendo em conta a idade da primeira exposição à L2: dados grupais

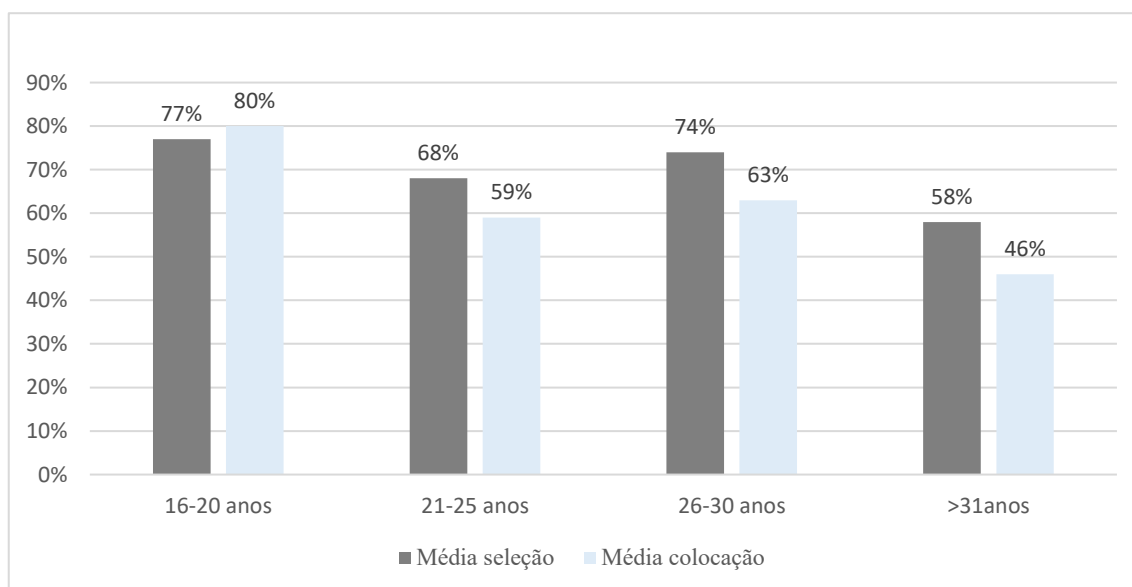
	Informante	Idade da primeira exposição à L2	O tempo de exposição (anos)	Nível alcançado	Seleção	Colocação
					Respostas esperadas	Respostas esperadas
16-20 anos	Inf.10	16	5	B2	92%	71%
	Inf.7	18	21	C1	96%	83%
	Inf.22	18	26	B2	59%	88%
	Inf.1	20	5	B2	80%	78%
	Inf.9	20	21	B1	57%	81%
21-25 anos	Inf.21	21	23	B2	81%	59%
	Inf.14	22	21	C1	70%	83%
	Inf.13	22	5	B1	50%	36%
	Inf.3	23	31	B1	65%	29%
	Inf.23	24	5	B1	48%	21%
	Inf.20	25	14	C1	66%	85%
	Inf.32	25	21	C1	95%	92%
26-30 anos	Inf.5	26	5	C1	89%	96%
	Inf.24	26	20	B2	73%	65%
	Inf.27	26	3	B1	55%	81%
	Inf.28	27	20	B2	85%	73%
	Inf.26	27	2	B1	94%	66%
	Inf.11	28	21	B1	56%	44%
	Inf.6	28	7	C1	89%	83%
	Inf.8	29	31	B2	86%	57%
	Inf.12	29	20	B1	59%	64%
	Inf.19	30	24	C1	83%	81%
	Inf.31	30	3	B1	49%	35%
>31 anos	Inf.29	31	4	B2	96%	91%
	Inf.4	31	31	B1	52%	26%
	Inf.15	31	16	B1	54%	83%
	Inf.30	31	7	B1	51%	21%
	Inf.2	32	25	B2	80%	60%
	Inf.18	33	24	B1	39%	41%
	Inf.16	44	19	B1	51%	25%
	Inf.17	47	20	B1	52%	56%
	Inf.25	50	26	B1	49%	83%

É evidente que mesmo os indivíduos que começaram a estudar português após os 30 anos de idade (*e.g.*, inf.19, inf.29) conseguiram alcançar níveis mais altos de competência linguística e apresentar um melhor desempenho na seleção e na colocação dos pronomes

clíticos, comparativamente com alguns informantes que tiveram o primeiro acesso ao português com 20-22 anos de idade (*e.g.*, inf.9, inf.3).

Embora essa relação seja ténue, ao nível grupal, observa-se uma dependência entre o nível de competências alcançadas em PL2 e a idade da primeira exposição aos dados linguísticos. Olhando para as taxas médias de precisão nas áreas estudadas ao longo desta investigação, essa dependência é notável também. A figura 5.53 demonstra que, na seleção e na colocação dos pronomes clíticos do português, os indivíduos que começaram a aprender português mais cedo (entre os 16 e 20 anos de idade) têm melhores resultados, enquanto os que tiveram a primeira exposição ao português após os 30 anos de idade, geralmente, apresentam piores resultados. É de ter em conta também que, nos primeiros dois grupos (‘16-20 anos’ e ‘21-25 anos’), se encontram quatro informantes com ≤ 5 anos de exposição à L2, enquanto nos últimos dois grupos (‘26-30 anos’ e ‘>30 anos’), são mais cinco informantes com ≤ 5 anos de exposição, três dos quais já apresentam taxas de acerto iguais aos falantes de PL1, i.e., existe maior probabilidade de que as taxas médias dos primeiros dois grupos da figura 5.53 subam ainda mais no futuro.

Figura 5.53. Taxas médias de precisão na seleção casual e na colocação sintática dos pronomes clíticos conforme a idade da primeira exposição ao português



Portanto, nos resultados do nosso estudo, ao nível global, mesmo tendo tido a primeira exposição ao português após o período crítico, observa-se uma diminuição gradual de aprendizagem no domínio morfossintático de L2, mais especificamente, na aquisição dos traços

sintáticos e morfológicos dos pronomes clíticos em PL2, ao contrário do que é verificado por Johnson & Newport (1989; 1991)²⁹⁵.

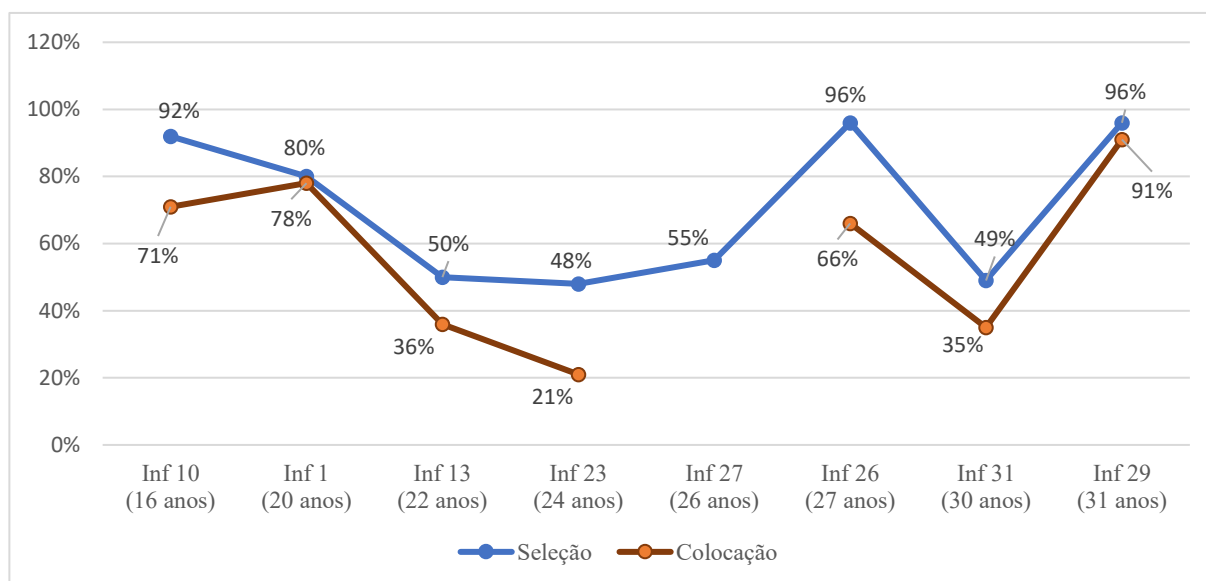
Conforme referido, numa análise desta perspetiva, a correlação entre a idade da primeira exposição à L2 e o desempenho linguístico alcançado deve ser interpretada em conjunto com a extensão de exposição à L2, pois em alguns casos (*e.g.*, inf.13, inf.31) o desempenho linguístico não apenas nos domínios por nós estudados, mas também ao nível geral (entende-se o nível de competência em PL2) pode ser pior comparativamente com os resultados dos outros informantes do mesmo nível, mas a extensão de exposição aos dados linguísticos é muitíssimo inferior. Para avaliar a importância da idade da primeira exposição à L2 no desempenho linguístico alcançado, seria ideal que todos os informantes se encontrassem no estágio final de aquisição, o que obviamente é impossível no nosso estudo. De qualquer forma, se olharmos para o desempenho de informantes cuja exposição ao português é ≤ 5 anos (ver a figura 5.54²⁹⁶), notaremos que, salvo dois casos (inf.26 e inf.29)²⁹⁷, quanto mais tarde começa a aquisição, piores são os resultados e sobretudo na aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2 na idade adulta que acontece mais devagar em comparação com a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos. Contudo e curiosamente, entre os quatro casos com piores resultados (inf.13, inf.23, inf.27 e inf.31), dois (inf.27 e inf.31) têm a exposição mais curta ao português (2 a 3 anos).

²⁹⁵ É possível detetar essa diminuição gradual de competências linguísticas alcançadas com o aumento da idade da primeira exposição à L2, se olharmos para os dados da tabela 5.25, ao nível grupal. Entre os informantes que tiveram acesso ao português acima de 31 anos ($n=9$), apenas dois – 22% – alcançaram ao nível B2.1-B2.2, mas nenhum ao nível avançado ou proficiente, sendo que um deles (inf.29) – 11% – tem apenas dois anos de exposição aos dados linguísticos e, conforme mostramos na subsecção 5.2.1.2, pelo menos no que toca à colocação dos pronomes clíticos, ainda está no processo de aquisição. Entre os aprendentes de PL2, que tiveram o primeiro acesso aos dados linguísticos desta língua entre os 26 e 30 anos de idade ($n=11$), 27% ($n=3$) alcançou aos níveis C1.1-C1.2 e outro 27% ($n=3$) ao nível B2.1-B2.2 de competência linguística. Além de inf.5 e inf.6 que apesar de um tempo relativamente curto de exposição à L2 (5-7 anos) alcançaram ao nível C1.1 e C1.2, mais três informantes deste grupo, com competência linguística compatível ao nível B1.1-B1.2, têm entre dois e três anos de exposição ao português, apresentando potencial de alcançar níveis de conhecimento ainda superiores. No grupo de informantes que tiveram o primeiro acesso ao português, entre os 21 e 25 anos de idade ($n=7$), 43% ($n=3$) alcançou ao nível C1.1-C1.2 e 14% ($n=1$) ao nível B2.1 em PL2. Em semelhança ao grupo de ‘26-30 anos’, dois informantes deste grupo estarão, provavelmente, no processo de aquisição, por terem exposição aos dados linguísticos de cinco anos. Por último, entre os informantes que começaram a aprender português entre 16 e 20 anos de idade ($n=5$), 20% ($n=1$) alcançou o nível C1.2, mais 60% ($n=3$) os níveis B2.2, sendo que dois deles estão a ser expostos ao português durante cinco anos, podendo progredir mais na L2. Apenas 20% ($n=1$) que começou a aprender português aos 20 anos, não ultrapassou do nível B1.1 de competência em L2.

²⁹⁶ A taxa de acerto na colocação dos pronomes clíticos no caso do inf.27 está ausente da presente figura por essa não refletir o conhecimento implícito ou explícito sobre o tópico estudado, mas resultar de generalização de próclise.

²⁹⁷ Segundo já referido, a precisão mais alta na colocação dos pronomes clíticos é devido ao efeito imediato de explicitação. A razão que, na nossa opinião, justifica as taxas altas de acerto no que toca à seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 será apresentada na subsecção 5.2.3.4.

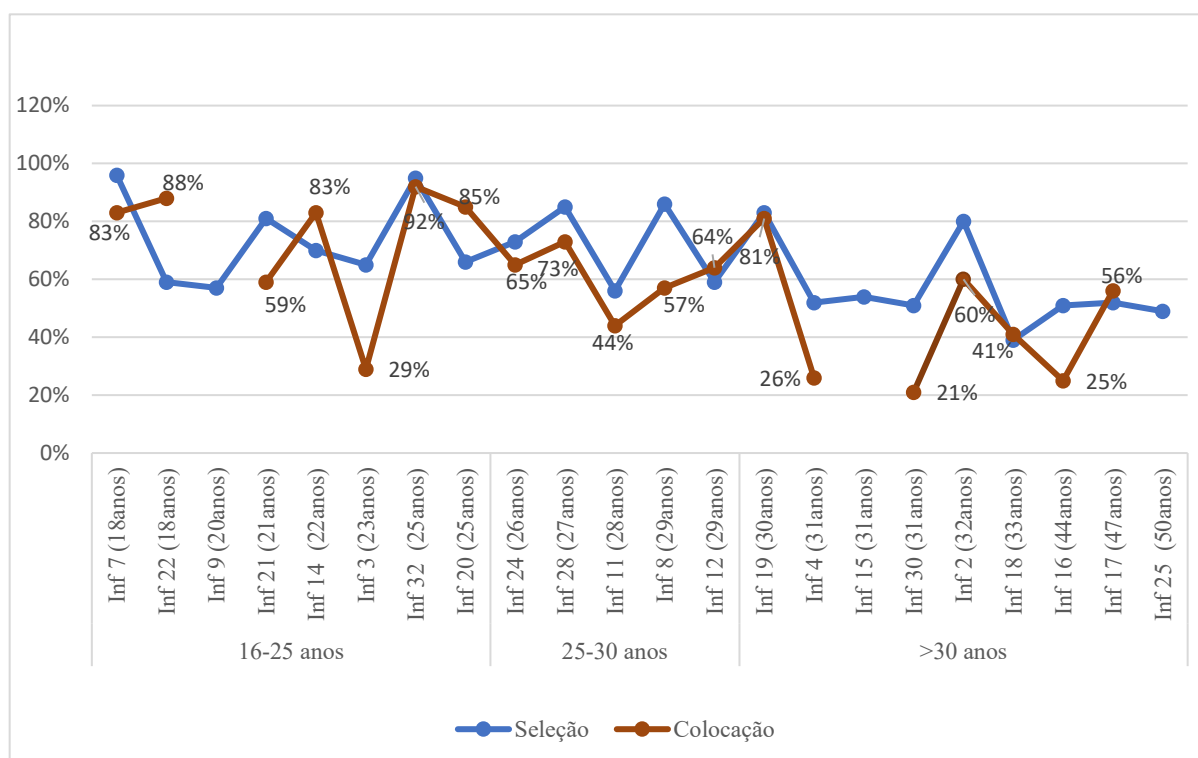
Figura 5.54. Desempenho de falantes de PL2 com ≤ 5 anos de exposição à língua-alvo



Estes dados, conforme referimos, não podem fornecer informação sobre o estágio final de aquisição, pois não se sabe se o processo de aquisição, no caso desses informantes, ainda está a decorrer ou não. Embora não possamos garantir que o estágio de aquisição seja o final para todos os falantes de PL2 com mais de sete anos de exposição à L2 (média: 22 anos), assumimos que os dados desses informantes sejam mais próximos ao estágio final. Os dados apresentados na figura 5.55²⁹⁸, embora à primeira vista não indiquem correlação entre a idade da primeira exposição à língua-alvo e o desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2, tal como os da figura 5.54, confirmam que, salvo algumas exceções (inf.9, inf.3 demonstram resultados piores, apesar de terem começado a aquisição de português até aos 25anos de idade; inf.19, inf.2, inf.8 demonstram resultados melhores, embora tenham tido a primeira exposição à L2 após os 30 anos de idade), quanto mais tarde começa a aquisição, piores são os resultados, e mais uma vez, sobretudo na aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2.

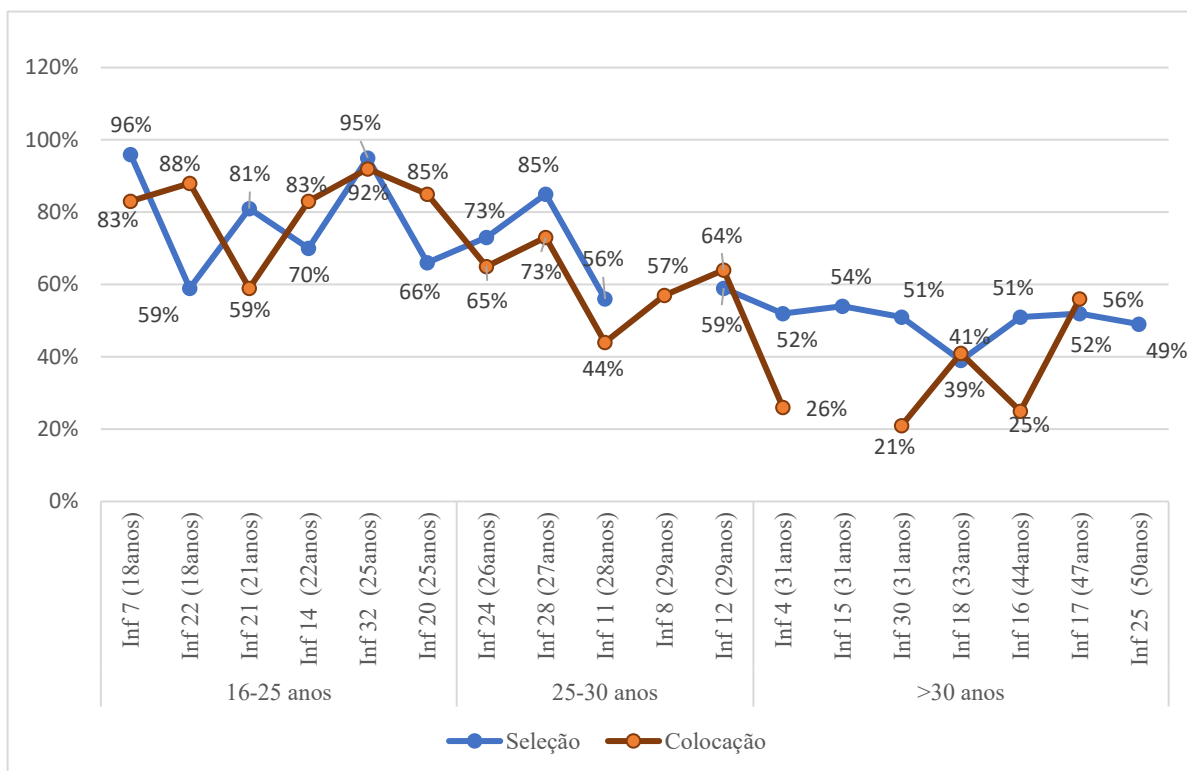
²⁹⁸ A taxa de acerto na colocação dos pronomes clíticos, no caso do inf.9, inf.15 e inf.25, estão ausentes da presente figura pelo mesmo motivo indicado nas notas 293 e 294.

Figura 5.55. Desempenho de falantes de PL2 com ≥ 7 anos de exposição à língua-alvo, tendo em conta a idade da primeira exposição à L2



Excluindo os dados dos cinco informantes acima referidos (15,6% dos informantes deste estudo), a diminuição de desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em português, à medida que a idade da primeira exposição à L2 aumenta, fica mais evidente e é nitidamente sentida após os 26 anos de idade (figura 5.56).

Figura 5.56. Desempenho de falantes de PL2 com ≥ 7 anos de exposição à língua-alvo, tendo em conta a idade da primeira exposição à L2 (após a exclusão de casos excepcionais)



Recordamos os dados dos inf.16, inf.17 e inf.25, apresentados nas subsecções 5.2.1.1 e 5.2.2.1. A interlíngua destes informantes – que tiveram o primeiro acesso ao português após os 40 anos de idade –, reflete os traços do arménio L1 quanto à seleção casual dos pronomes clíticos do português. Da perspetiva da distribuição sintática dos pronomes clíticos também, os inf.16 e inf.25 são dos que generalizam apenas um padrão de colocação. Apenas o inf.17 mostra indícios de aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em português. Não deixa de ser curioso, ainda, o facto que o inf.17 teve acesso à explicitação da regra durante cinco, seis meses, enquanto o inf.16 teve aulas de português apenas um ou dois meses e o inf.25 nunca teve acesso à explicitação. Neste ponto, apesar de os nossos dados serem muito limitados a este respeito, podemos responder afirmativamente à questão levantada na secção 1.2.1, reformulando-a:

Parece existir um limite de idade, após o qual os indivíduos já não conseguem adquirir as propriedades da L2, desde que não tenham acesso à explicitação das regras gramaticais, i.e., a capacidade do processamento do *input* e da generalização das regras realmente diminui com a idade (ver Ionin, 2003). Estudos futuros que analisem a aquisição da L2 após 40 anos de idade serão cruciais para a verificação dos nossos dados, onde deverão ter em conta o papel

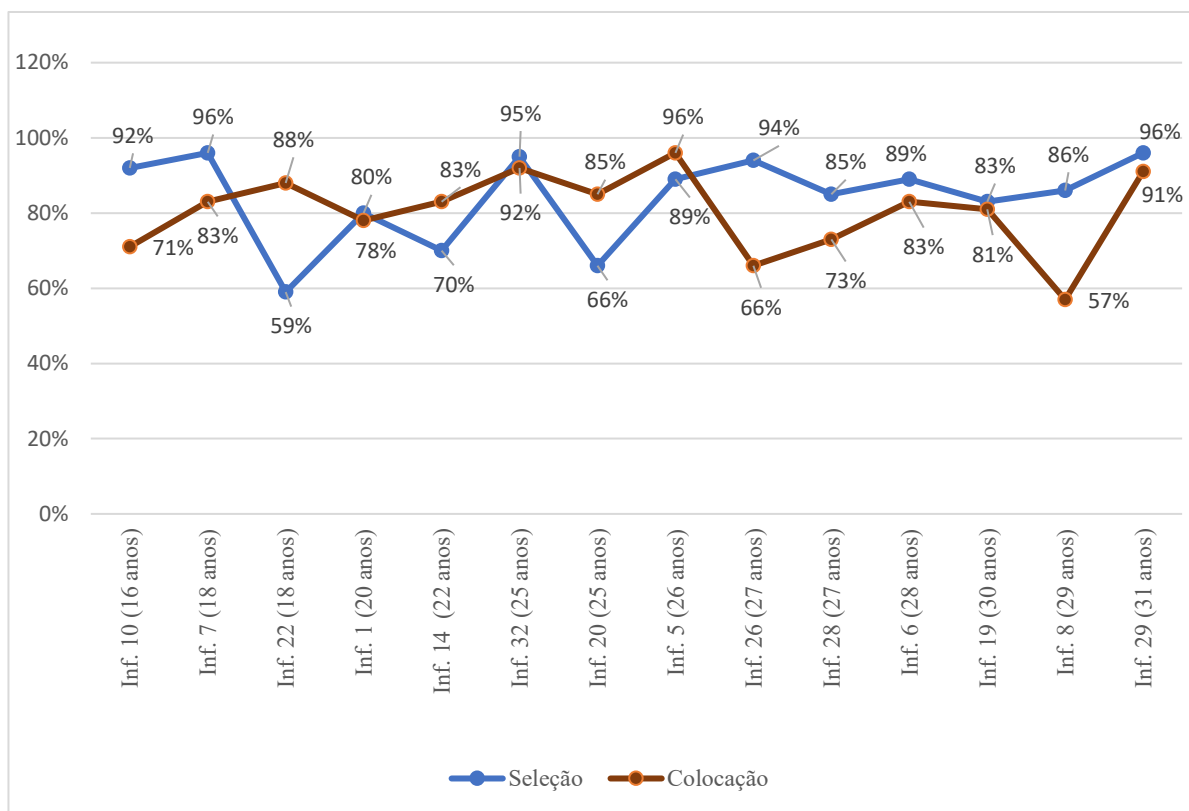
tanto do ensino explícito, como das diferenças individuais na aquisição de uma nova língua. Caso se confirmem os dados do nosso estudo, poderemos afirmar que após certa idade (sugerimos 40 anos de idade por forma a facilitar a comparação dos resultados alcançados com os dados do presente estudo) os indivíduos, geralmente, já não dispõem de capacidade natural de aquisição de uma nova língua. Quanto à mesma pergunta, mas da perspectiva de a capacidade natural de aquisição de uma nova língua ser perdida após a puberdade, os dados da presente investigação negam a tal possibilidade.

Assim, a análise dos dados ao nível individual, salvo algumas exceções, no sentido geral também confirma a correlação entre a idade da primeira exposição à L2 e os resultados alcançados. A correlação observada entre a idade da primeira exposição e o desempenho demonstrado na colocação e na seleção dos pronomes clíticos em PL2, nos primeiros cinco anos de aquisição, indica que a idade da primeira exposição se interliga ainda com o ritmo de aquisição, se bem que, tanto da perspectiva do ritmo de aquisição, como na ótica do desempenho demonstrado, as diferenças individuais²⁹⁹ parecem ser fatores importantes na aquisição de uma L2 na idade adulta.

O impacto das diferenças individuais na aquisição de uma nova língua na idade adulta, referido por vários estudos (*e.g.*, Dörnyei, 2009; Gass & Selinker, 2008; Luk & Rothman, 2022), fica evidente, destacando-se os casos de informantes que apresentaram desempenho superior a 80% (n=13). Na figura 5.57, veremos que aqui não se verifica correlação direta entre a idade da primeira exposição à L2 e o desempenho alcançado na colocação e na seleção dos pronomes clíticos. Aliás, entre todos os informantes do presente estudo, os inf.32 e inf.29, que começaram a aprender português respetivamente aos 25 e 31 anos de idade, apresentam os melhores resultados tanto na seleção, como na colocação dos pronomes clíticos em PL2.

²⁹⁹ Neste ponto da nossa análise, as diferenças individuais não se referem apenas à aptidão linguística, memória ou motivação do aprendente de uma L2, mas juntamente com esses, engloba ainda muitos outros fatores (conhecimento de outras línguas, contexto sociolinguístico em que ocorre a aquisição, entre outros) que, ao nível individual, influenciam a aquisição de uma nova língua.

Figura 5.57. Relação entre o desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2 e a idade da primeira exposição à língua-alvo: informantes com desempenho $\geq 80\%$



São apenas os inf.10 e inf.7, que tiveram a primeira exposição ao português respectivamente aos 16 e aos 18 anos de idade, que apresentam 92% e 96% de precisão na seleção casual dos pronomes clíticos desta língua, estando iguais aos inf.32 e inf.29 nesse domínio. Estes quatro informantes dos níveis B2.2 e C1.2, bem como o inf.26, do nível B1.2, demonstram aquisição completa de seleção casual dos pronomes clíticos em português, por apresentarem taxa igual ou ainda superior à taxa média do grupo de PL1 (94,4%). Na colocação dos pronomes clíticos também, os inf.5, inf.32 e inf.29, com respectivas taxas de acerto de 96%, 92% e 91%, começando a estudar português após 25 anos de idade, apresentam uma mestria igual à de um falante nativo, pois a taxa média de precisão em PL1 revelou ser de 94,6%. Portanto, a chave para o sucesso na aquisição, no caso da maioria desses aprendentes, deve ser procurada nas suas características individuais.

Deste modo, resumindo os dados coligidos pelo presente estudo, tanto ao nível grupal, como ao nível individual, geralmente verifica-se uma diminuição gradual de desempenho na seleção e sobretudo na colocação dos pronomes clíticos em PL2, à medida que a idade da

primeira exposição à língua-alvo cresce. Não obstante, na idade adulta, ao nível individual, em alguns casos, outros fatores, a que dedicaremos as próximas duas secções, parecem explicar a maior heterogeneidade dos resultados alcançados numa L2 e a afirmação de Johnson & Newport (1989; 1991) de que, após o período crítico, é difícil encontrar uma correlação da idade de primeira exposição à língua-alvo e a competência nela alcançada.

Ao mesmo tempo, podemos constatar que na idade adulta é possível alcançar uma mestria linguística igual à de um falante nativo e que os padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos do português são passíveis de aquisição.

Outra questão que levantámos ao longo da presente investigação (PI 4.3) foi a da correlação entre a exposição mais prolongada aos dados linguísticos e os resultados alcançados na L2. A tabela 5.26, na qual apresentamos os nossos dados – resultados alcançados ao nível individual pela ordem crescente de tempo de exposição ao português –, demonstra que tal correlação não existe. Os falantes com uma exposição mais prolongada ao português nem sempre apresentam maior precisão nas suas produções quanto à seleção e à colocação dos pronomes clíticos de PL2 e nem sempre conseguem chegar a níveis mais altos de competência linguística nessa língua.

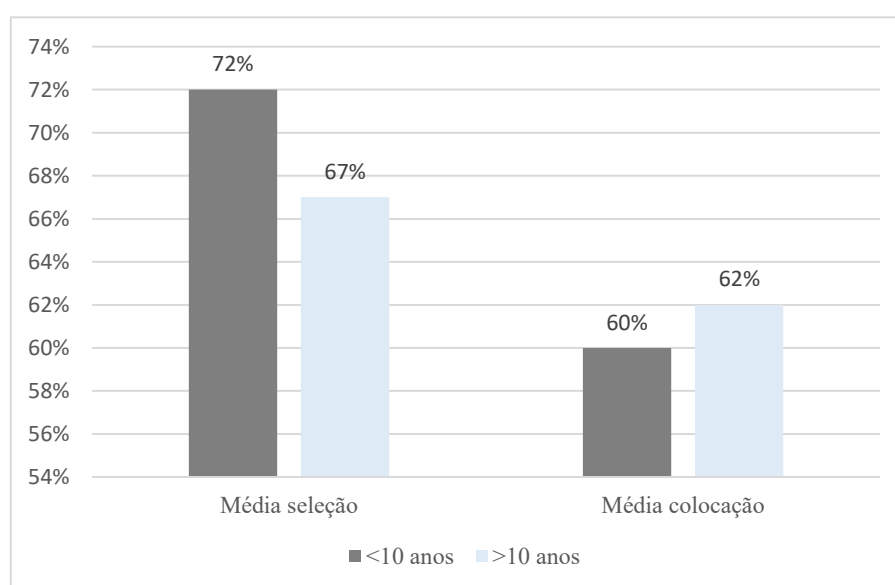
Tabela 5.26. Desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2, tendo em conta o tempo da exposição à L2: dados individuais

Informante	Idade da primeira exposição à L2	O tempo de exposição (anos)	Nível alcançado	Seleção	Colocação	Relação média grupal Seleção/ Colocação
				Respostas esperadas	Respostas esperadas	
Inf.26	27	2	B1	94%	66%	1.20
Inf.27	26	3	B1	55%	81%	
Inf.31	30	3	B1	49%	35%	
Inf.29	31	4	B2	96%	91%	
Inf.5	26	5	C1	89%	96%	
Inf.10	16	5	B2	92%	71%	
Inf.23	24	5	B1	48%	21%	
Inf.13	22	5	B1	50%	36%	
Inf.1	20	5	B2	80%	78%	
Inf.6	28	7	C1	89%	83%	
Inf.30	31	7	B1	51%	21%	
Inf.20	25	14	C1	66%	85%	1.03
Inf.15	31	16	B1	54%	83%	
Inf.16	44	19	B1	51%	25%	
Inf.17	47	20	B1	52%	56%	
Inf.12	29	20	B1	59%	64%	
Inf.24	26	20	B2	73%	65%	
Inf.28	27	20	B2	85%	73%	
Inf.7	18	21	C1	96%	83%	
Inf.32	25	21	C1	95%	92%	
Inf.14	22	21	C1	70%	83%	
Inf.11	28	21	B1	56%	44%	
Inf.9	20	21	B1	57%	81%	
Inf.21	21	23	B2	81%	59%	
Inf.19	30	24	C1	83%	81%	
Inf.18	33	24	B1	39%	41%	
Inf.2	32	25	B2	80%	60%	
Inf.22	18	26	B2	59%	88%	
Inf.25	50	26	B1	49%	83%	
Inf.8	29	31	B2	86%	57%	
Inf.3	23	31	B1	65%	29%	
Inf.4	31	31	B1	52%	26%	

Antes pelo contrário, no nosso estudo, a comparação das taxas médias de precisão dos informantes que tiveram exposição ao português <10 anos com os que tiveram acesso aos dados

linguísticos >10 anos (ver a figura 5.58) revela que, em geral, os informantes com menos tempo de exposição ao português têm melhor desempenho na seleção dos pronomes clíticos desta língua (72% vs. 60%), enquanto na colocação dos pronomes clíticos não se observa diferença significativa entre o desempenho destes dois grupos (67% vs. 62%), o que mais uma vez nos faz pensar que a aquisição dos traços sintáticos, em relação à aquisição da seleção casual dos pronomes clíticos, acontece mais devagar.

Figura 5.58. Taxas médias de precisão na seleção e na colocação dos pronomes clíticos conforme o tempo de exposição ao português



Como já foi referido, comparando as taxas de desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2 (relação Sel./Col.), revelou-se a seguinte relação: nível B1 – Sel./Col.=1,41 –, nível B2 – Sel./Col.=1,13 –, nível C1 – Sel./Col.= 0,98 – e no grupo de PL1 – Sel./Col.=0,99. O coeficiente Sel./Col. do grupo de falantes de PL2 com >10 anos de exposição ao português é 1,03, muito próximo ao coeficiente do grupo de PL1 – 0,99 – e ao coeficiente do nível C1 – 0,98 –, em que uma parte dos informantes, conforme vimos, já apresenta aquisição completa. Portanto, não é expectável que neste grupo haja uma alteração grande da taxa média de acerto na seleção ou na colocação dos pronomes clíticos de português. Já a correlação de aquisição destes dois domínios no grupo de falantes com <10 anos de exposição ao português revela um coeficiente igual a 1,20, o que se encontra entre os índices do nível B1 e B2 e ainda um pouco longe do coeficiente do nível C1 (0,98³⁰⁰). Assim, é

³⁰⁰

Ao nível individual os informantes do nível C1 têm coeficientes da relação sel./col. entre 0,77 e 1,16.

previsível que ainda ocorra aproximação do coeficiente do grupo com <10 anos aos coeficientes do nível C1 e do grupo de PL1, o que significa que, mesmo havendo uma subida da taxa média da seleção dos pronomes clíticos, haverá um aumento ainda maior da taxa média da colocação dos pronomes clíticos, o que, por sua vez, comprova que a aquisição dos traços sintáticos destes itens lexicais ocorre mais devagar na aquisição tardia.

De uma forma geral, o desempenho linguístico dos informantes que à data da nossa análise tinham < 10 anos de exposição aos dados linguísticos apresentam casos interessantes a serem estudados futuramente.

Quanto aos fatores que poderão explicar o facto de os informantes com <10 anos de estudo de português revelarem melhores resultados, a chave, mais uma vez, parece estar nas características individuais de aprendentes. Uma grande parte deles (inf.26; inf.27; inf.31; inf.5; inf.13 e inf.6) é formada ou trabalha na área de línguas ou semelhante (*e.g.*, ensino de línguas, tradução, linguística). Um destes informantes (inf.10) começou a estudar português aos 16 anos de idade. Tal como já vimos, a idade da primeira exposição também é relevante na aquisição dos padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2. Portanto, o caso do inf.1 (primeira exposição aos 20 anos de idade), com precisão mais alta que a média (69%) na seleção – 80% – e a média (64%) de colocação – 78% – também pode ser explicado à luz dessa variável. Analisaremos ainda, na subsecção seguinte, à luz de conhecimento de outras L2, o desempenho do inf.1, bem como os casos dos inf.29 e inf.26, que, nas áreas estudadas, apresentam desempenho linguístico compatível (ou superior) aos resultados do nível C1 e próximos aos resultados do grupo de PL1.

5.2.3.4. O papel de outras línguas anteriormente adquiridas: L1/L2

Tal como fizemos no caso do ensino explícito, para analisar o possível efeito de outras línguas anteriormente adquiridas pelos informantes do presente estudo, recorreremos à sua caracterização sociolinguística (disponível em anexo 2), separando-os em grupos diferentes. Para a constituição dos grupos de análise, conforme referido no capítulo 4 (§4.1.2), foram consideradas apenas as línguas cuja proficiência é igual ou superior a C1³⁰¹, por o nível da proficiência em L2/L3 ser determinante na seleção da fonte de transferência (ver, *e.g.*, Madeira, 2017; Rothman *et al.*, 2019). Além disso, para que seja possível observar algum padrão de

³⁰¹ A aferição do nível dos informantes foi feita com a ajuda da grelha de autoavaliação de QECR (2001) (ver o anexo 2). Reconhecemos a polémica de tal procedimento, pois as perceções que as pessoas têm sobre os seus conhecimentos acerca de uma língua podem ser significativamente diferentes.

transferência linguística das outras línguas faladas para o PL2, assumimos que a mesma língua deve ser falada pelo menos por dois falantes por cada nível de competência em PL2. Deste modo, para a análise de dados, como variáveis na possível transferência para o PL2, foram tidos em consideração apenas o inglês e o russo.

Em relação ao russo, uma vez que quase todos os informantes (com exceção de cinco) mencionaram ter dominado essa língua com nível de competência igual ou superior a C1, para avaliar a influência dessa língua na aquisição de PL2, no grupo de ‘russo L1/L2’ foram incluídos apenas os informantes bilíngues arménio/russo e os que tiveram a sua escolarização em russo e/ou afirmaram ter melhor conhecimento do russo em comparação com o arménio.

Tendo em conta os critérios estabelecidos, os grupos para a análise do fator ‘outras L1/L2’ são os apresentados na tabela 5.27. A avaliação do impacto de outras línguas anteriormente adquiridas, igualmente ao do ensino formal, é feita através de comparação do desempenho destes grupos de informantes, em cada nível de competência em PL2. Mais uma vez, os grupos a serem comparados não são quantitativamente homogêneos. Porém, a análise da possível influência das outras L1/L2 permite-nos assegurar que os desvios encontrados nas produções dos nossos informantes normalmente são fruto do arménio, mas não de outras línguas anteriormente adquiridas.

Tabela 5.27. Informantes do grupo de PL2, falantes de arménio L1, de inglês L2 e de russo L1/L2

Nível de competência em PL2	Fator ‘inglês L2’		Fator ‘russo L1/ L2’	
	Arménio L1	Inglês L2	Arménio L1	Russo L1/L2
B1	inf.3, inf.4, inf.9, inf.11, inf.12, inf.15, inf.16, inf.17, inf.18, inf.23, inf.25, inf.30,	inf.13, inf.26, inf.27, inf.31	inf.3, inf.4, inf.13, inf.18, inf.25, inf.26, inf.27, inf.31	inf.9, inf.11, inf.12, inf.15, inf.16, inf.17, inf.23, inf.30
B2	inf.2, inf.8, inf.10, inf.21, inf.22, inf.24, inf.28,	inf.1, inf.29,	inf.8, inf.21, inf.22, inf.24, inf.29	inf.10, inf.28
C1	inf.5, inf.6, inf.19, inf.20,	inf.7, inf.14, inf.32	inf.5, inf.6, inf.14, inf.32	inf.7, inf.19, inf.20,

Nas subsecções seguintes, apresentaremos o papel de inglês L2 e do russo L1/L2, primeiro na seleção casual e depois na distribuição sintática dos pronomes clíticos em PL2.

➤ A seleção dos pronomes clíticos

Várias vezes ao longo da apresentação dos resultados, foi mencionado que, ao nível de seleção dos pronomes clíticos, o inf.26, no nível B1.1, e o inf.29, no nível B2.1, foram mais precisos que uma grande parte dos falantes dos níveis B2.2 - C1.2.

Tanto o inf.26, como o inf.29 mencionaram, pouco tempo antes da realização do teste, ter tido aulas, tendo estudado as regras de distribuição sintática dos pronomes clíticos. Seguindo a linha de pensamento de Ullman (2001; 2004), é de esperar que a explicitação de regras assegure o armazenamento de conhecimento na memória declarativa dos aprendentes, que é processado conscientemente e é imediatamente acessível, resultando, pouco tempo depois da explicitação, em altas taxas de precisão.

Contudo, se o acesso ao ensino explícito esclarece a alta precisão na colocação dos pronomes clíticos em PL2 (no caso de inf.29), a precisão na seleção casual de pronomes nessa língua não está explicada, pois referimos, na subsecção 5.2.3.1, que além da seleção casual dos pronomes clíticos não ser alvo de gramáticas e manuais de ensino de PL2, não se revelam diferenças significativas entre os resultados dos grupos que aprende(ra)m português sem ou com o acesso ao ensino explícito (ver a figura 5.48).

O inf.26, no nível B1, indicou ter-se apoiado no seu conhecimento gramatical sobre a regência dos verbos portugueses. O inf.29 não possui esse tipo de conhecimento (conforme explicitou), porém a estratégia por si usada foi recorrer ao seu conhecimento sobre regência verbal em inglês, algo que nos foi reportado pelo inf.1 também. Mais precisamente, estes informantes assumem que devem usar os clíticos DAT quando o verbo em inglês rege um SP introduzido pela preposição *to*, como nas estruturas *He attached it to this email, I gave it to him, He devoted a song to his country*. Essa estratégia parece resultar para uma grande parte dos verbos do teste disponibilizado. Porém, o verbo *to ask* não seleciona a preposição *to*, enquanto estes informantes, com o verbo *perguntar* recorrem sempre aos pronomes DAT.

Os outros verbos que selecionam OI com traço [+humano] no nosso teste – *oferecer* e *dizer*, em inglês, *to offer* e *to tell* –, não regem um OI introduzido pela preposição *to*, na ordem OI-OD (compare (103a) e (103b) ou (103c) e (103d)).

- (103) a. *I offered the book to him.*
b. *I offered him the book.*
c. *She told us a story.*
d. *She told the story to us.*

Por isso, seria expectável encontrarmos desvios de seleção casual apenas nas estruturas com os verbos que selecionam OI com traço [+humano]. De facto, no caso do inf.29, 75% (n=3) dos desvios encontrados ocorrem nessas estruturas. Apenas um desvio – 25% – é encontrado nas estruturas onde o verbo seleciona OI com o traço [-humano], o que o inf.29 assinalou com etiqueta ‘estou na dúvida’ no seu teste.

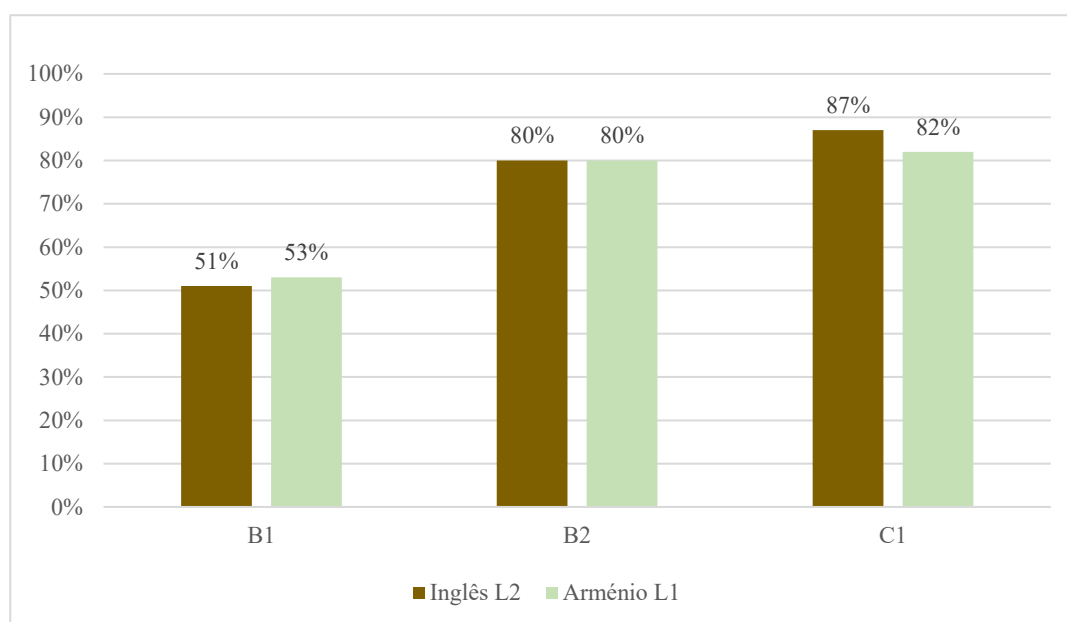
No caso de inf.26, os desvios na seleção casual ocorrem maioritariamente (66,7%, n=4) nas estruturas em que o verbo seleciona OD com traço [+humano], como *ensinar* e *convidar*, que, como já sabemos, em arménio selecionam OI com traço [+humano]. Se no caso do verbo *ensinar*, o efeito do inglês L2 é possível, no caso do verbo *convidar*, que em inglês (*to invite*) não seleciona um argumento introduzido pela preposição *to*, o uso dos clíticos DAT é explicável apenas à luz da influência de arménio L1. O uso dos pronomes DAT com os verbos *ofender* e *convidar* não acontece apenas no caso dos falantes de inglês L2 do nível B1 e B2, mas também do nível C1, se bem que, no nível C1, os falantes de inglês L2 apresentam menos desvios de seleção casual dos pronomes clíticos com estes verbos (9,2%) que os falantes de arménio L1 (31,2%).

Portanto, no caso dos inf.29 e inf.26 a influência do inglês L2 é inegável em todas as estruturas, enquanto, no nível C1, o efeito do inglês L2 é observável nas estruturas com o verbo que seleciona OD [+humano], onde esta língua parece funcionar como um facilitador na aquisição.

Pelo inf.1 do nível B2, os clíticos DAT, além dos verbos *ensinar*, *convidar* e *ofender* (desvios: 75% dos casos testados), por vezes (desvios: 25% dos casos testados) são selecionados também com os verbos *ver*, *receber* e *perder*, quando o antecedente do clítico tem traço [+humano]. Este fenómeno, tal como o facto de os clíticos ACU serem selecionados com os verbos que regem OI com traço [-humano], como *anexar*, *acrescentar*, *pertencer*, são evidências do efeito do arménio L1 na aquisição de PL2, pois, à luz da transferência de inglês L2, não seria justificado o uso dos clíticos ACU com os referidos verbos, uma vez que em inglês os seus equivalentes (*to attach*, *to add*, *to belong*) regem um SP introduzido pela preposição *to*, e como tal, seria expectável o uso dos clíticos DAT.

Se excluirmos da análise os dados do inf.29 e do inf.26, no caso dos quais a influência de inglês L2 é indiscutível, a comparação dos resultados dos falantes que têm inglês L2 com os resultados dos informantes que não falam (bem) essa língua, em cada nível, não revelará diferenças (significativas), conforme demonstrado na figura 5.59.

Figura 5.59. Resultados dos grupos 'Inglês L2' e 'Arménio L1', na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2



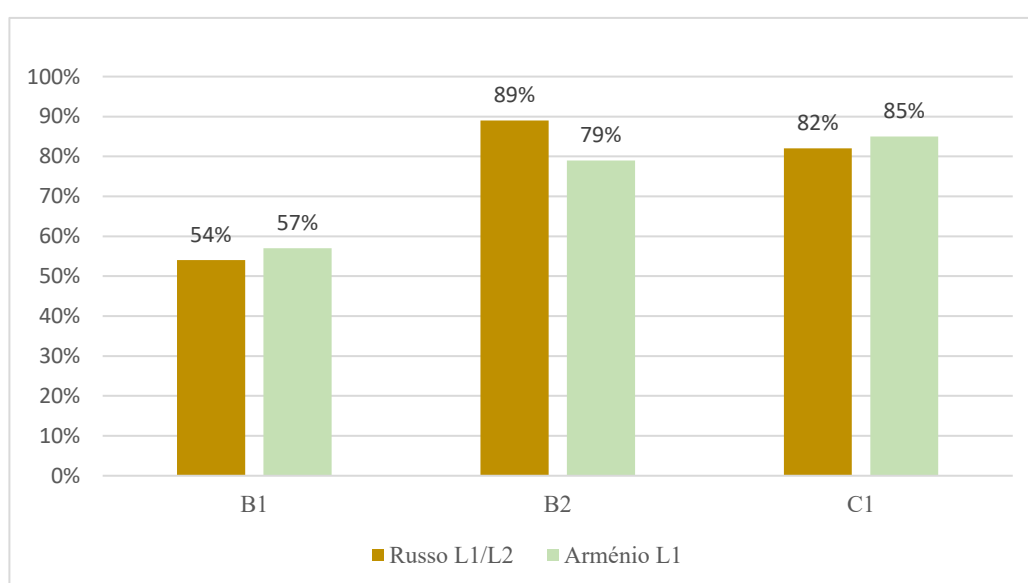
No nível C1, assistimos a uma pequena diferença (5%) entre os resultados dos dois grupos. Na seleção casual dos pronomes clíticos do português, os informantes do grupo de 'inglês L2' são mais precisos (87%) que os informantes do grupo de 'arménio L1' (82%). Conforme já vimos anteriormente, os desvios dos dois informantes (inf.7 e inf.32), que dizem respeito às estruturas em que o verbo seleciona OD [+humano], podem ser expectáveis tanto à luz da transferência da L1, como à luz da transferência do inglês L2. Os desvios do último informante do grupo de 'inglês L2' (inf.14) ocorrem em três tipos de estruturas: (i) com os verbos *ofender* e *ensinar*, que selecionam OD com traço [+humano], (ii) com os verbos *pertencer*, *dedicar*, *anexar*, *acrescentar*, *adicionar*, que selecionam OI com traço [-humano] e (iii) com os verbos *dizer*, *perguntar*, *oferecer*, *dedicar* e *faltar*, que selecionam OI com traço [+humano]. Se, da perspectiva da transferência dos traços do inglês L2, a seleção dos clíticos ACU com os verbos *dizer*, *perguntar* e *oferecer*, bem como o uso dos clíticos DAT com o verbo *ensinar* seria explicável, o uso dos clíticos DAT com o verbo *ofender* e o uso dos clíticos ACU com os verbos *pertencer*, *dedicar*, *anexar*, *acrescentar* e *adicionar* quando o seu antecedente é uma entidade com traço [-humano] é explicável apenas à luz da transferência de arménio L1. No entanto, o uso dos clíticos ACU com os verbos que selecionam OI [+humano] (*dizer*, *perguntar*, *oferecer*, *dedicar*, *pertencer*), conforme vimos anteriormente, é um

fenómeno que caracteriza o processo de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, não é exclusivo apenas para os falantes de inglês L2 e é possível explicá-lo através do fenómeno de dupla generalização.

Assim, a influência do inglês L2 é sentida em casos particulares, funcionando o conhecimento gramatical dessa língua como efeito facilitador na aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em português. Os poucos desvios encontrados nas produções de falantes que no processo de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 recorrem ao inglês L2 refletem a situação a que Kellerman (1983) chama psicotipologia (*psychotypology*), pois a percepção que os aprendentes têm sobre a proximidade linguística de línguas, por vezes, leva-os a selecionarem traços à semelhança de língua já conhecida, porém, errados na língua-alvo.

No que toca ao russo L1/L2, a figura 5.60 demonstra que existe uma pequena diferença entre as percentagens médias de precisão dos dois grupos – falantes de russo L1/L2 e de arménio L1 –, mais notável no nível B2. Uma vez que a configuração de traços é expectável acontecer nos níveis intermédios de aquisição, achamos pertinente analisar os dados deste nível com um maior detalhe, embora a diferença entre os resultados dos dois grupos não seja grande (10%).

Figura 5.60. Resultados dos grupos 'Russo L1/L2' e 'Arménio L1', na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2



Para a análise de dados, primeiramente importa-nos compreender quais os traços morfossintáticos de pronomes complemento do russo e quais as diferenças de regência verbal entre o russo e o arménio.

Os pronomes pessoais do russo, tal como os do arménio, são palavras tónicas e gozam de certa liberdade sintática. Nessa língua, para a 3.^a pessoa gramatical, na posição de OI, utilizam-se os pronomes *ей* – *eĩ* – ‘lhe’, *ему* – *emu* – ‘lhe’, *им* – *im* – ‘lhes’ e na posição de OD, utilizam-se os pronomes *еѐ* – *eě* – ‘a’, *его* – *ego* – ‘o’, *их* – *ikh* – ‘as/os’³⁰². Na tabela 5.28, apresentamos os traços de género e de número de SN a que substituem esses pronomes. Quando os pronomes da 3.^a pessoa gramatical vêm introduzidos por uma preposição, à esquerda do pronome acrescenta-se a letra **н** - *n* (e.g., *у него* – *u nego*, *к нему* – *k nemu*, *за ним* – *za nim*, *с ними* – *s nimi*), e os pronomes na posição do OI e OD não são exceções.

Tabela 5.28. Formas de pronomes pessoais da 3.^a pessoa gramatical de russo na posição de OD e OI da frase

Função sintática de pronomes pessoais	Formas de pronomes pessoais da 3. ^a pessoa gramatical		
	Singular		Plural
	Feminino	Masculino / Neutro	
OI	<i>ей, ней</i> <i>eĩ, neĩ</i>	<i>ему, нему</i> <i>emu, nemu</i>	<i>им, ним</i> <i>im, nim</i>
OD	<i>еѐ, неѐ</i> <i>eě, neě</i>	<i>его, него</i> <i>ego, nego</i>	<i>их, них</i> <i>ikh, nikh</i>

Ao contrário do arménio e em semelhança ao português, os pronomes pessoais do russo podem substituir um antecedente tanto com traço [-humano], como com traço [+humano].

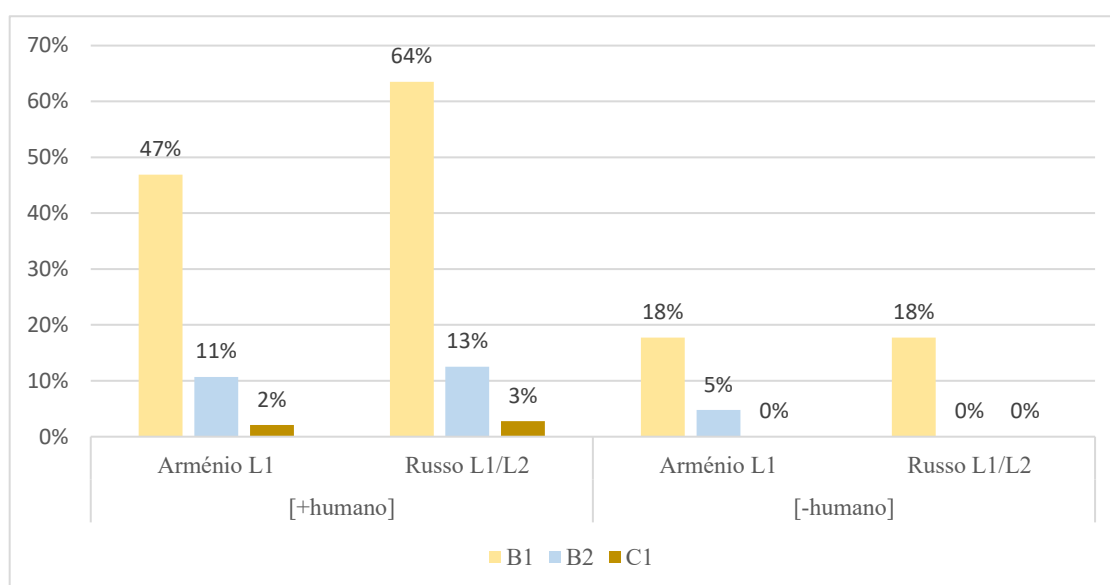
Quanto à regência verbal, existem algumas diferenças entre estas línguas que merecem a nossa atenção.

Em primeiro lugar, os verbos *ver*, *receber* e *perder*, tanto em russo como em português, seleccionam OD. Se no caso de arménio a diferença entre as formas dos pronomes clíticos com [+humano] e [-humano] nos fez pensar que os falantes de arménio L1 procurariam atribuir o

³⁰² Para a romanização dos exemplos em russo, adotou-se o sistema de romanização da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos que se encontra disponível online em <https://www.loc.gov/catdir/cpsd/romanization/russian.pdf> (consultado a 21.07.2025).

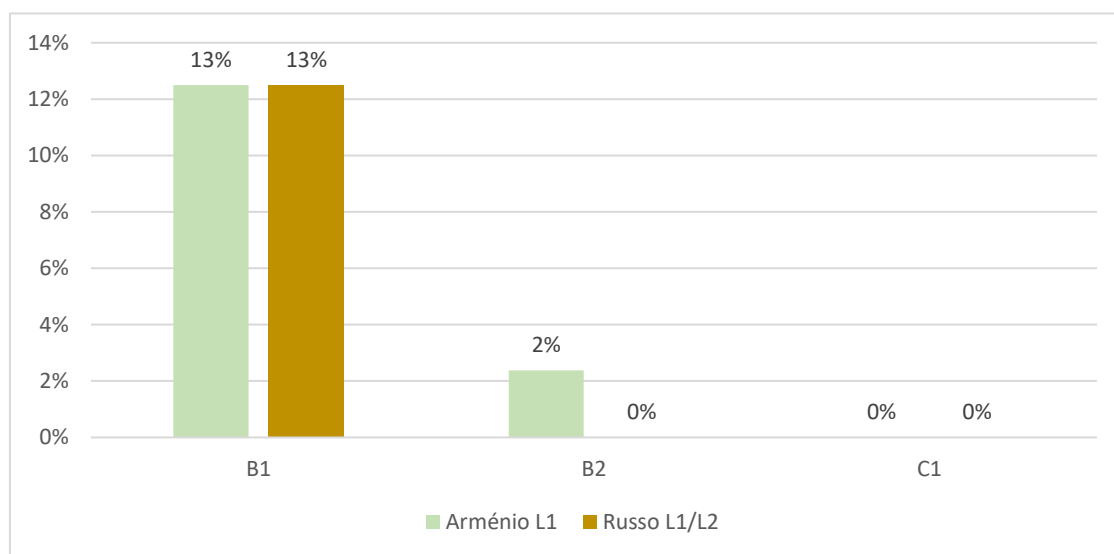
traço [-humano] aos clíticos ACU e o traço [+humano] aos clíticos DAT de português, tal ponto de partida não seria expectável para os falantes de russo L1/L2, pois, nessa língua, identicamente ao português, os mesmos pronomes pessoais podem substituir um antecedente com traço tanto [+humano], como [-humano]. Assim, caso os nossos informantes se baseassem no seu conhecimento de russo L1/L2, deveriam utilizar os clíticos ACU com os verbos *ver*, *receber* e *perder*, mesmo quando o antecedente do clítico fosse uma entidade com traço [+humano]. Os dados nesse sentido, apresentados na figura 5.61, revelam que não apenas não se observam diferenças significativas entre os grupos de arménio L1 e de russo L1/L2, nos níveis B2 e C1, como também, no nível B1, com os verbos *ver*, *receber* e *perder*, os falantes de russo L1/L2 recorrem mais vezes aos clíticos DAT (64%) que os falantes de arménio L1 (47%), quando o antecedente do clítico tem traço [+humano]. Quando o antecedente do clítico é uma entidade com traço [-humano], os informantes de ambos os grupos em análise demonstram comportamento linguístico semelhante.

Figura 5.61. Uso dos clíticos DAT com os verbos *ver*, *receber*, *perder*, nos grupos de ‘Arménio L1’ e de ‘Russo L1/L2’



Como se vê na figura 5.61, no nível B1, tanto os falantes de arménio L1, como os de russo L1/L2 por vezes (18%) recorrem ao uso dos clíticos DAT com os verbos *ver*, *receber*, *perder*, quando o antecedente do clítico é [-humano]. Isso é um fenómeno que pode ser observado no nível B1, ainda com os verbos *ler*, *beber*, *imprimir*, como se vê na figura 5.62.

Figura 5.62. Uso dos clíticos DAT com os verbos *ler*, *beber*, *imprimir*, nos grupos de ‘Arménio L1’ e de ‘Russo L1/L2’



O uso dos clíticos DAT com os verbos indicados aponta para a oscilação que é explicável à luz do fenómeno de dupla generalização, proposto na subsecção 5.2.2.2.

Assim, no uso dos pronomes clíticos com os verbos *ver*, *receber*, *perder* e *ler*, *beber*, *imprimir*, com os quais, conforme se verificou, a aquisição da seleção casual dos pronomes complemento ocorre mais cedo, não parece haver efeito do russo L1/L2, enquanto no processo de aquisição do PL2, a influência do arménio L1 é sentida nas produções dos informantes do nível B1.

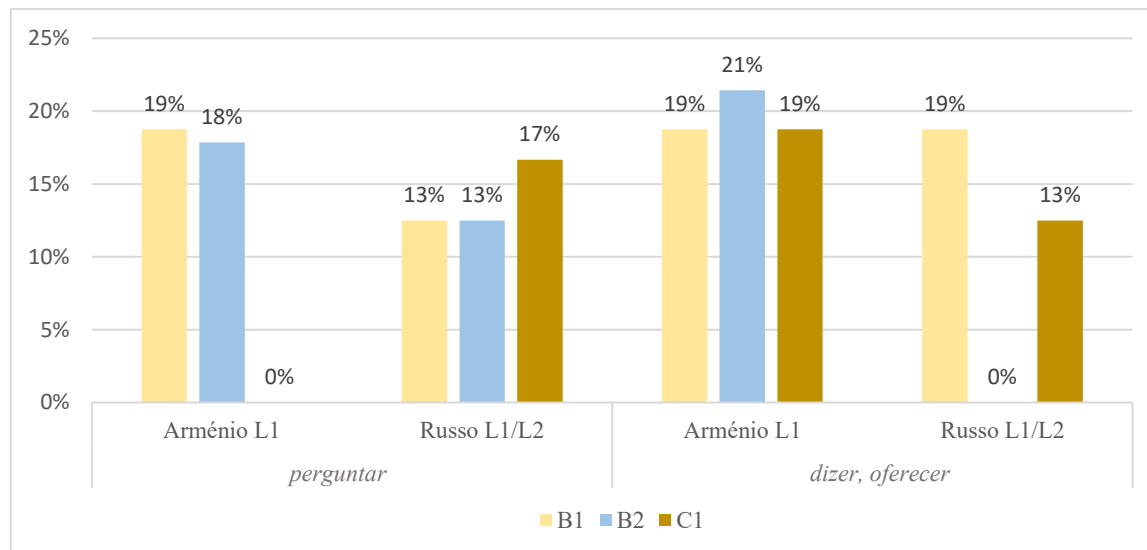
Entre os verbos *perguntar*, *oferecer* e *dizer*, é apenas o verbo *perguntar* que, em russo, ao contrário do português e do arménio, seleciona um complemento ACU. Uma frase como a de (104b) seria agramatical em russo.

(104) a. Я его спросил пойдёт ли с нами в театр.
Ia ego sprosil poïdet li s nami v teatr.
 Eu ele_{ACU} perguntar_{PCP} ir_{FUT} será com nós a teatro
 ‘Perguntei-lhe se vai connosco ao teatro.’

b. *Я ему спросил пойдёт ли с нами в театр.
 **Ia emu sprasil poïdet li s nami v teatr.*
 *Eu ele_{DAT} perguntar_{PCP} ir_{FUT} será com nós a teatro
 ‘Perguntei-lhe se vai connosco ao teatro.’

Portanto, da ótica de transferência de traços desta língua, os falantes de russo L1/L2, nos níveis iniciais de aquisição deveriam utilizar os clíticos ACU como complemento do verbo *perguntar*, mas não com os verbos *oferecer* e *dizer* e, ao mesmo tempo, os falantes de arménio L1, com estes verbos, não deveriam utilizar os clíticos ACU de todo. Porém, tal como vimos anteriormente (§5.2.2), os falantes de arménio L1, sobretudo nos níveis B1 e B2 e por vezes no nível C1, recorrem aos clíticos ACU com estes verbos. Se dividirmos os falantes entre dois grupos (entre os de arménio L1 e os de russo L1/L2³⁰³), veremos que no nível B1, entre os dois grupos não se observam diferenças significativas (ver a figura 5.63). Ao contrário do esperado, os falantes de arménio L1, com o verbo *perguntar*, até utilizam os clíticos ACU mais vezes (19%) que os falantes de russo L1/L2 (13%). Já os falantes do grupo de russo L1/L2 no nível B2, conforme mostram os dados da figura 5.63, utilizam os clíticos ACU apenas com o verbo *perguntar* (13%), mas não com os verbos *dizer* e *oferecer* (0%). Ao mesmo tempo, com o verbo *perguntar*, no grupo de russo L1/L2, ao contrário do grupo de arménio L1, a utilização dos clíticos ACU persiste ainda no nível C1 (13%).

Figura 5.63. Uso dos clíticos ACU com os verbos *perguntar*, *dizer*, *oferecer*, nos grupos de ‘Arménio L1’ e do ‘Russo L1/L2’



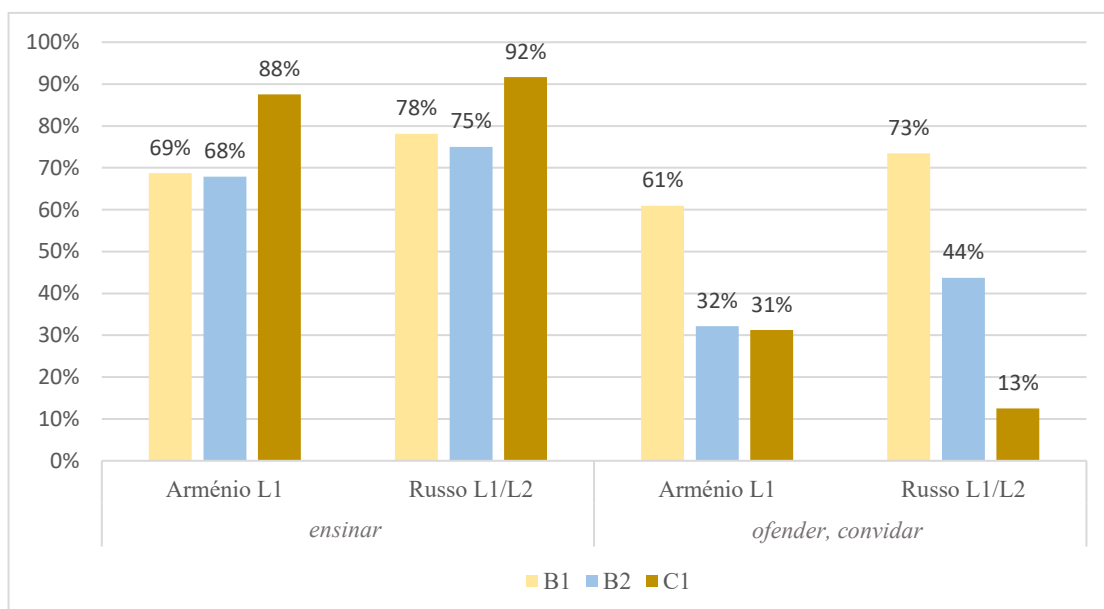
Os dados dos níveis B2 e C1 vão, assim, ao encontro da hipótese de que o russo L1/L2, pontualmente, tem influência no processo de aquisição de PL2 para os falantes de arménio L1, funcionando como facilitador no processo de aquisição, embora o uso ainda presente dos

³⁰³ Recorda-se que os falantes do grupo russo L1/L2 também são falantes de arménio L1 e quase todos os falantes de arménio L1 são falantes de russo L2. Usaremos esta diferenciação apenas para apresentar os dados deles, em contraste com os falantes que não são bilingues e referirem ter nível $\leq B2$ em russo.

clíticos ACU com os verbos *dizer* e *perguntar*, no grupo de falantes de russo L1/L2 do nível C1, indique ou influência de arménio L1 ou presença de efeito U na aprendizagem, o que, conforme Ellis (1999), pode explicar o facto de os aprendentes ultrapassarem uma fase inicial de aquisição da L2 quando as estruturas na L1 e na L2 correspondem e, numa fase seguinte de desenvolvimento, parecerem ter abandonado o uso correto dos padrões de língua-alvo.

Uma outra diferença entre o arménio e o russo é a regência dos verbos *ofender*, *convidar* e *ensinar*. Tal como em português, em russo esses verbos regem complemento direto. Logo, seria expectável que os falantes do grupo de L1/L2, caso se apoiassem no seu conhecimento da língua russa, não utilizassem os clíticos DAT com estes verbos. Os dados nesse sentido, que apresentamos na figura 5.64, demonstram que os falantes do grupo do russo L1/L2, nos níveis B1 e B2, utilizam os clíticos DAT com os verbos *ensinar*, *convidar* e *ofender* até mais vezes que os falantes do arménio L1, expectável à luz de transferência dos traços morfológicos dos pronomes clíticos de arménio L1 para o PL2. Se no caso do verbo *ensinar*, com o qual os falantes de ambos os grupos de todos os níveis utilizam maioritariamente os clíticos DAT, se pode falar do efeito do *input* na L2, o uso dos clíticos DAT com os verbos *convidar* e *ofender* é explicável apenas como influência de arménio L1.

Figura 5.64. Uso dos clíticos DAT com os verbos *ensinar*, *convidar*, *ofender*, nos grupos de ‘Arménio L1’ e de ‘Russo L1/L2’



Deste modo, a análise mais detalhada dos dados recolhidos evidencia que, no processo de aquisição do PL2, no nível B1, o comportamento linguístico dos informantes do grupo de

arménio L1 e russo L1/L2 é parecido, sendo influenciado pelos traços de arménio L1, mas não havendo indicadores fortes do efeito do russo L1/L2. A língua russa, tal como a língua inglesa, funciona como facilitador no processo de aquisição nos níveis B2 e C1, pontualmente, i.e., apenas para alguns informantes e de propriedade a propriedade, conforme preveem alguns modelos de aquisição de uma L3/Ln (e.g., o modelo Proximidade Linguística de Westergaard *et al.* (2017); o modelo de Melhoria Cumulativa de Flynn *et al.* (2004); o modelo Modelo da Primazia Tipológica de Rothman (2010; 2015)).

Assim, ao nível global, os dados coligidos pelo presente estudo negam a plausibilidade do Modelo do Fator do Estatuto da L2 (*L2 Status Factor*) na morfossintaxe, sugerido por Bardel e Falk (2007) e por Falk e Bardel (2011), pois as outras L2 dos falantes de PL2, anteriormente adquiridas, não bloqueiam a transferência da L1. Mesmo nos casos de uma precisão (muito) alta nos tópicos por nós estudados, encontramos indícios de influência de arménio L1 nas escolhas gramaticais dos nossos informantes em PL2.

Os nossos dados também não apoiam o Modelo de Melhoria Cumulativa (*Cumulative Enhancement Model* - CEM) de Flynn *et al.* (2004). Apesar de haver indícios de que todas as línguas previamente adquiridas potencialmente influenciam a construção do conhecimento linguístico, no processo de aquisição de PL2, o arménio L1, sobretudo para os falantes de russo L1/L2, parece ter um papel privilegiado. Além disso, observamos transferência negativa do arménio L1 em todos os níveis analisados, enquanto o CEM assume que ou a transferência é positiva (o conhecimento prévio é um fator facilitador) ou não ocorre nenhuma transferência de todo (o conhecimento prévio é neutro).

À mesma conclusão chega também Tian (2022), ao testar a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2/LE junto dos falantes de chinês L1, inglês L2.

O modelo de Proximidade Linguística (*Linguistic Proximity Model* - LPM) de Westergaard *et al.* (2017), que assume uma possibilidade do *transfer* tanto da L1 como da(s) L2 de propriedade a propriedade, parece explicar a aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2 em casos particulares (e.g., inf.26, inf.29), pois para alguns informantes a proximidade estrutural está a ser determinante para a seleção da fonte de transferência. Porém, para a maioria dos informantes, este modelo não explica o *transfer* negativo de arménio L1, quando existe uma proximidade estrutural entre o russo L1/L2 e PL2. Na prática, para a maioria dos nossos informantes, entre as possibilidades existentes, como fonte do *transfer* é selecionado o arménio, apesar de diferenças tipológicas entre esta língua e o português e apesar de semelhanças tipológicas entre o russo e o português, nas propriedades em análise.

Não parece que sejam fatores como o prestígio da L1/L2, o nível de proficiência ou o uso mais ou menos recente de línguas a influenciarem a seleção da fonte de transferência, conforme argumentam Madeira (2017), Rothman *et al.* (2019) entre outros autores, uma vez que, mesmo no caso de informantes que declararam terem melhor conhecimento do russo que do arménio e utilizarem o russo mais frequentemente, o arménio é a fonte do *transfer* no processo de aquisição dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2.

Se o modelo da Primazia Tipológica (*Typological Primacy Model*, TPM) de Rothman (2010; 2015) e o quadro de Transferência Absoluta da L1 (*Default L1 Transfer Senário*), defendido por Heras (2010; 2015), Jin (2009), Lozano -Pozo (2003), entre outros, no caso de falantes de arménio L1 e de russo L2, podem explicar a seleção da fonte de transferência – arménio, no caso de falantes bilíngues de arménio/russo, não nos é claro por que razão entre duas L1 é o arménio, mas não o russo a ser selecionado como fonte de transferência, por acaso, negativa. Tanto o modelo da Primazia Tipológica, como o quadro de Transferência Absoluta da L1 partem do princípio de que, no estágio inicial de aquisição, a proximidade tipológica das línguas é um fator essencial, havendo uma maior possibilidade de ocorrer transferência entre as línguas tipologicamente próximas. À luz do modelo da Primazia Tipológica, quando o aprendente está exposto ao *input* suficiente na L3 para determinar que existe necessidade de reestruturação, a propriedade da uma outra língua falada pelo aprendente pode ser transferida no lugar das propriedades da língua de transferência inicialmente selecionadas, o que explica o comportamento linguístico, por exemplo, do inf.29, que demonstra indícios do efeito do arménio L1, mas também recorre às propriedades do inglês L2, eventualmente estando já numa fase final de reestruturação de traços. Todavia, os traços selecionados pelos falantes do russo L1/L2, na sua grande maioria, continuam a refletir as propriedades do arménio L1, mas raramente do russo, disponível nas gramáticas deles.

É possível que as diferenças entre os comportamentos linguísticos dos falantes do grupo de russo L2/L1 sejam fruto de características individuais. Para a aquisição de uma L2, é necessário que o aprendente consiga formular generalizações na base dos dados linguísticos a que está a ser exposto, tendo já descoberto um conjunto de propriedades formais – morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas. No caso do inglês, esse exercício mental poderá ser realizado mais facilmente, pois os informantes em análise aprenderam a L2 através de explicitação, enquanto para a maioria dos informantes, o russo é a L2 adquirida em contexto de imersão, inconscientemente, sem que dessem conta da estrutura e da gramática da língua. Por outro lado, conforme referido, a idade é um dos fatores cruciais no processo de aquisição de L2, pois a capacidade de avaliação, generalização e processamento

do *input* é sujeita ao período crítico (cf. Lenneberg, 1967; Ionin, 2003). Contudo, uma parte de aprendentes adultos consegue criar generalizações e processar o *input* recorrendo a outros mecanismos cerebrais, nomeadamente recorrendo à memória declarativa e, mais tarde, à memória procedimental (cf. Hall, 2005; Ullman, 2004). Se nos níveis iniciais de aquisição a falta do conhecimento sobre as propriedades formais da L2 é compensada através do *transfer*, nas fases mais avançadas de aquisição, os falantes, tendo já dado conta de que as propriedades entre a L1 e a língua-alvo são diferentes, começam a procurar estratégias para superar os seus desvios. Nessa fase de desenvolvimento linguístico, as outras línguas anteriormente adquiridas servem como facilitadores no processo de aquisição de uma nova língua. E apenas os falantes que são capazes de dar conta da emergência da mudança, reconhecer o processo de aquisição e compreender que existem estruturas e traços distintos entre a língua-alvo e a sua L1 têm potencial de passar para as fases mais avançadas de aquisição. A Teoria de Complexidade (*Complexity Theory*) de Larsen-Freeman (2011), conforme a qual existem capacidades cognitivas e interações sociais que conduzem um indivíduo através do processo de aquisição de uma L2, é, na nossa opinião, o modelo mais adequado para explicar os comportamentos linguísticos distintos entre os indivíduos do mesmo grupo. Contudo, tal como a nossa investigação, que mostrou uma tendência de associar os clíticos DAT ao traço [+humano] e os clíticos ACU, ao traço [-humano], mais marcada no nível B1 e sobretudo quando a restrição semântica do verbo é maior, i.e., assume complemento ou apenas com traço [+humano], ou apenas com traço [-humano], independentemente do leque das línguas faladas por informantes e independentemente do nível de competência nessas línguas, o estudo de Tian (2022) conclui que os falantes de chinês L1 e de inglês L2 que aprendem PL2/LE também demonstram resistência em aceitar os clíticos DAT de português para substituir antecedentes [-humano], inclusive [-humano, +animado].

Surge, então, a seguinte questão:

Será que o uso dos clíticos DAT com os antecedentes [+humano] e o uso dos clíticos ACU com os antecedentes [-humano] é um princípio universal de que partem os aprendentes de PL2/PLE, independentemente da sua L1?

Deixaremos esta questão para investigações futuras.

➤ A colocação dos pronomes clíticos

No que diz respeito à distribuição sintática dos pronomes clíticos em PL2, no nível B2 e no nível C1 dos falantes de arménio L1, também assistimos a pequenas diferenças entre as taxas de precisão dos dois grupos comparados: na figura 5.65, entre o grupo de russo L1/L2 e o grupo de arménio L1 e na figura 5.66, entre o grupo de inglês L2 e o grupo de arménio L1.

Figura 5.65. Resultados dos grupos 'Inglês L2' e 'Arménio L1', na colocação dos pronomes clíticos em PL2

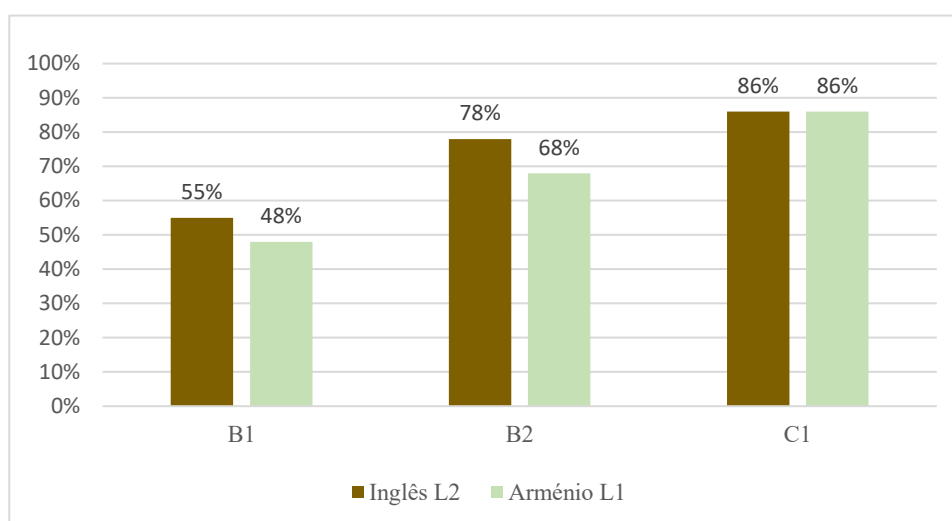
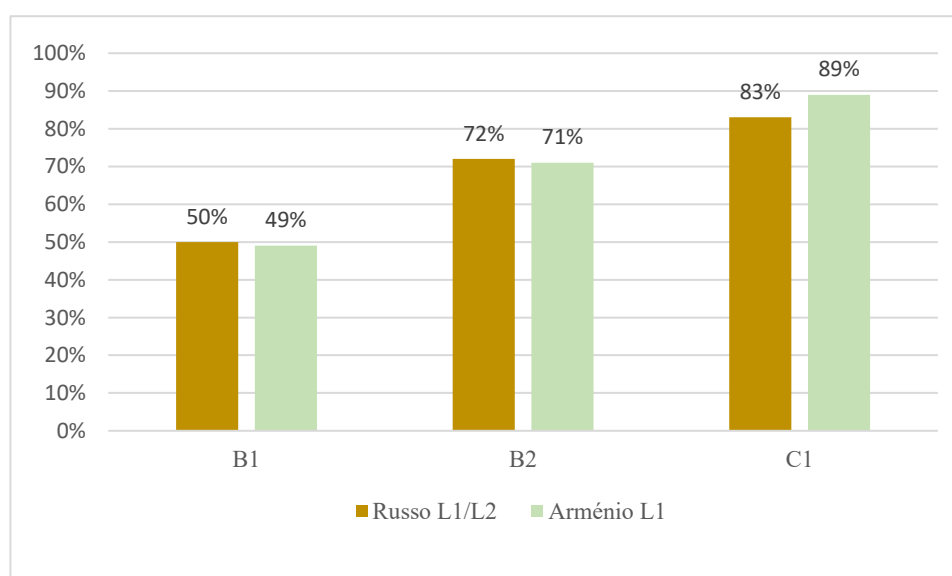


Figura 5.66. Resultados dos grupos 'Russo L1/L2' e 'Arménio L1', na colocação dos pronomes clíticos em PL2



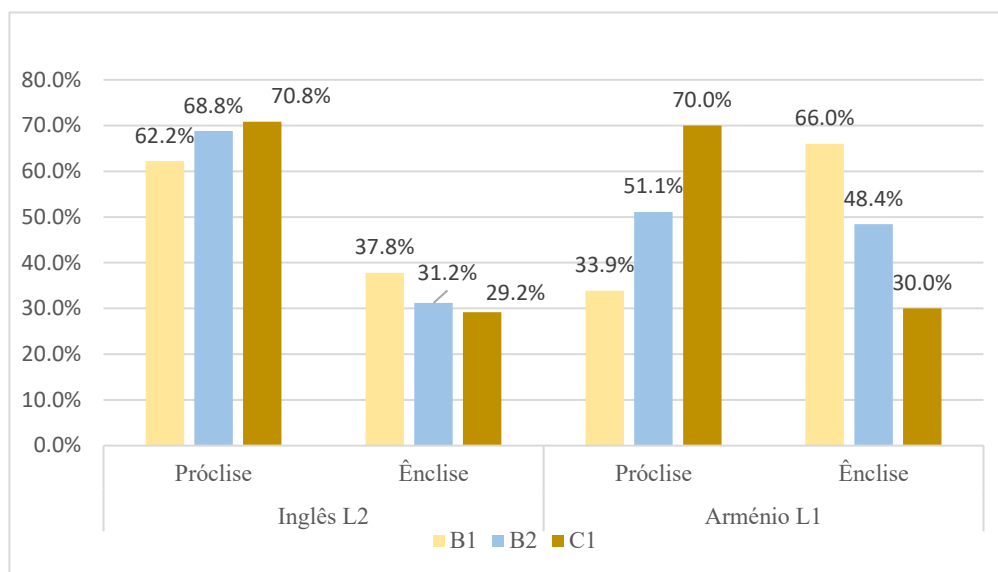
Nem russo, nem inglês, tal como a língua arménia, fazem uso dos pronomes clíticos. Portanto, na distribuição sintática dos pronomes clíticos em PL2 seria pouco provável encontrar influências dessas L2, pois, segundo mostrámos na subsecção anterior, a(s) outra(s) língua(s) anteriormente adquirida(s) podem ser seleccionadas como fonte de transferência, de propriedade a propriedade, caso exista uma proximidade estrutural entre a L2 já adquirida e a L_n a ser adquirida, casos, em que a(s) outra(s) L2 podem funcionar como fatores facilitadores no processo de aquisição.

De qualquer forma, achamos pertinente não ignorar as diferenças encontradas.

No nível B2, é verificada a maior diferença entre os resultados do grupo de arménio L1 e inglês L2 - 10% (ver a figura 5.65), que supomos ser devida à presença do inf.29, que, conforme vimos anteriormente, na colocação dos pronomes clíticos, apresenta uma taxa de precisão (91%) compatível com o grupo de PL1 (93%). Os desvios do inf.29, nesse domínio, tal como discutido na subsecção 5.2.1.2, são explicáveis à luz da influência de arménio L1.

Mesmo comparando as preferências pela ênclise ou pela próclise nos grupos de inglês L2 e arménio L1 (figura 5.67), não é possível detetar nenhum impacto de inglês L2 na colocação dos pronomes clíticos em PL2. Devido a os pronomes pessoais objeto e reflexos em inglês (*me, you, him, her, it, us, you, them, myself, yourself, himself, herself, itself, ourselves, yourselves, themselves*), geralmente, aparecerem em posição pós-verbal (*e.g., 'I called him yesterday', 'Mary gave it to me', 'The child saw himself in the mirror'*), seria expectável que, no caso de influencia de inglês L2, os falantes optassem mais vezes pela colocação enclítica de pronomes átonos em PL2, o que não é verificado pelo nosso estudo. Antes pelo contrário, nos níveis B1 e B2, os falantes de inglês L2 recorrem mais vezes à próclise do que os falantes de arménio L1.

Figura 5.67. Preferências pela ênclise e próclise nos grupos de 'Inglês L2' e 'Arménio L1': dados dos falantes de PL2



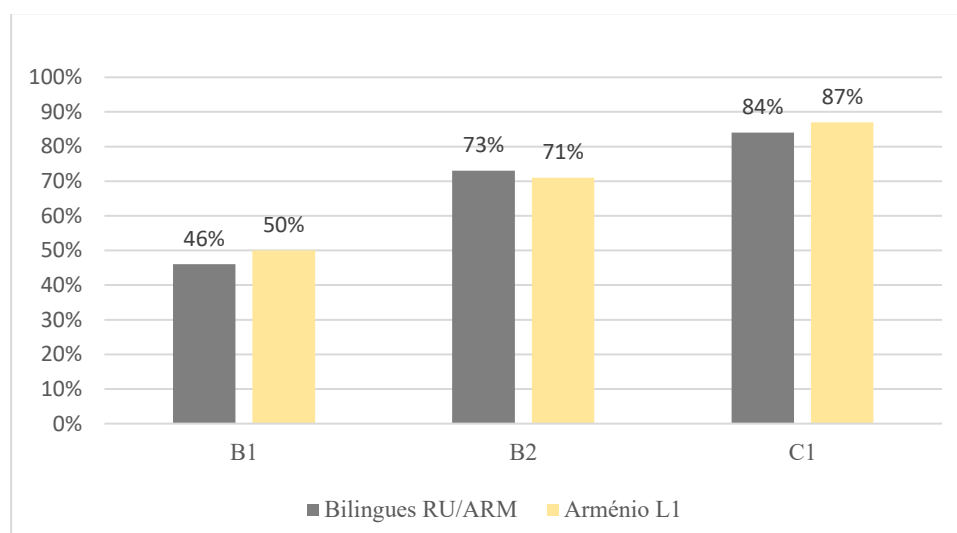
Olhando ainda para os dados disponibilizados por outros estudos (Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005; entre outros), não conseguimos encontrar um padrão definitivo que unisse o comportamento linguístico dos informantes do grupo inglês L2 do nosso estudo e de falantes de inglês L1. Por exemplo, Madeira *et al.* (2006) relatam maiores desvios de colocação dos pronomes clíticos de PL2, nas orações subordinadas e com sujeitos quantificados, produzidas pelo grupo de falantes de inglês L1, mas juntamente com os falantes de alemão L1, o que não é o caso de todos os nossos informantes, sobretudo no que toca à colocação dos pronomes clíticos nas orações com sujeitos quantificados. Olhando com maior detalhe para as orações subordinadas, em que uma grande parte dos informantes do nosso estudo (mas não apenas falantes de inglês L2) demonstrou dificuldades na colocação de pronome pessoal, revelamos que os informantes ingleses do nível básico do estudo de Madeira e Xavier (2009), cujos resultados foram analisados juntamente com os resultados de falantes de alemão L1 e holandês L1, entre todos os contextos, apresentam melhor desempenho nas orações subordinadas. Assim, os dados até agora disponíveis são escassos e de certo modo contraditórios, não nos permitindo tirar melhores conclusões acerca do impacto do inglês L2 na aquisição dos traços sintáticos de pronomes átonos em PL2. O nosso estudo, contudo, não revelou nenhum impacto de inglês L2 neste domínio.

Voltando à figura 5.65, de uma forma igual que para o grupo de inglês L2, a taxa mais alta de precisão na colocação dos pronomes clíticos em PL2, observada no nível C1 do grupo de 'arménio L1' – 89%, em comparação com o grupo 'russo L1/L2' – 83% – resulta da presença

dos inf.5 e inf.32, que, nesse domínio, apresentam os melhores resultados entre todos os informantes da presente investigação, facto explicável pelo acesso ao ensino explícito. Os desvios encontrados na colocação dos pronomes clíticos destes dois informantes também foram descritos anteriormente (ver §5.2.1.3), sendo explicáveis à luz da influência de arménio L1. Aliás, estes dois informantes, são dos poucos cuja competência em russo é mais baixa (B1/B2), não sendo assim, expectável que houvesse interferência por parte do russo L2 na aquisição dos pronomes clíticos em PL2. Caso excluamos os dados destes dois informantes da análise, no nível C1, tal como nos níveis B1 e B2, não haveria diferença entre o desempenho dos dois grupos (83% vs. 83%).

Mesmo comparando os resultados dos falantes bilingues de russo/arménio com os resultados de falantes de arménio L1, não encontraremos diferenças significativas na colocação dos pronomes clíticos em PL2, conforme evidencia a figura 5.68.

Figura 5.68. Resultados dos grupos 'Bilingue RU/ARM' e 'Arménio L1', na colocação dos pronomes clíticos em PL2



Por fim, a pequena diferença entre resultados dos grupos de ‘arménio L1’ e ‘inglês L2’ no nível B1 (7%), na figura 5.65, pode ser explicada pelas características individuais ou pelo contexto sociolinguístico dos informantes, a que daremos uma breve atenção na subsecção seguinte.

Antes de apresentarmos a relevância dos outros fatores notados na aquisição dos padrões morfosintáticos dos pronomes clíticos em PL2, importa ainda mencionar que três falantes do presente estudo (inf.8, do nível B2, o inf.6 e o inf.7, do nível C1) são falantes de

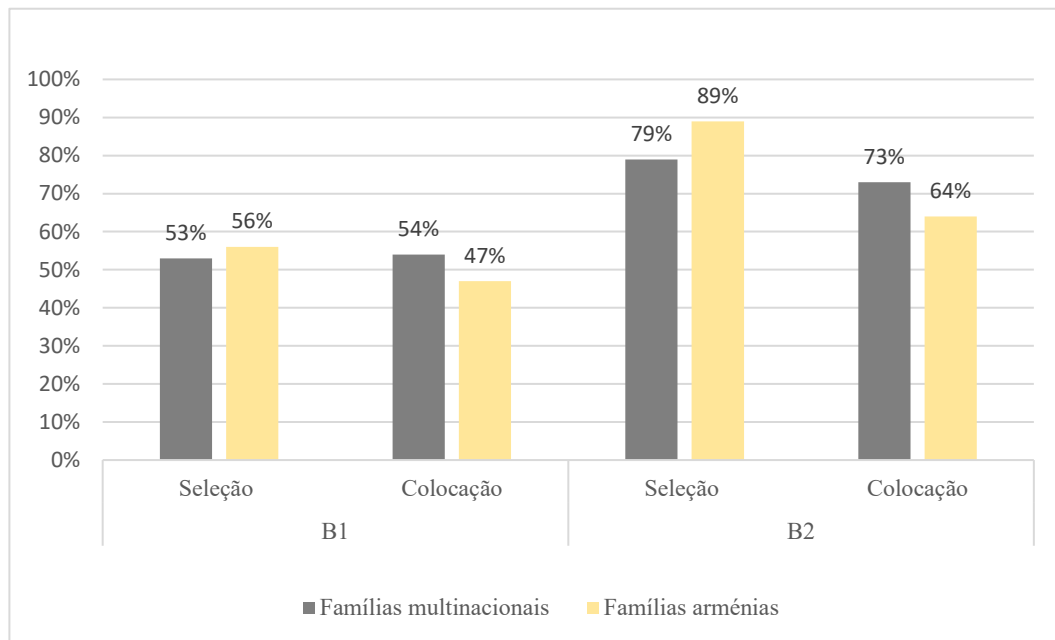
francês L2 ($\geq B2$). Por o número de falantes de francês L2 não ser representativo, não avançamos com a análise da influência dessa L2 na aquisição dos pronomes clíticos em PL2, embora a precisão alta desses falantes na seleção casual (inf.8: 86% vs. média do nível B2: 79%; inf.6: 89%, inf.7: 96% vs. média do nível C1: 81%) pudesse ser fruto de transferência de francês L2. Portanto, estudos futuros nesse sentido podem ser esclarecedores. No caso de colocação dos pronomes clíticos, não parece que haja influência desta L2, pois a posição dos pronomes clíticos, com exceção do imperativo morfológico, é maioritariamente proclítica (cf. Tomaz *et al.*, 2019; Madeira, 2016) e estes informantes recorrem ainda bastantes vezes à colocação enclítica (correspondentemente 47%, 18,8% e 18,8%), evidenciando efeitos de arménio L1.

5.2.3.5. O papel de outros fatores na aquisição de PL2

Além do ensino explícito acessível, da idade da primeira exposição, das outras línguas faladas, um outro fator que, no nosso estudo, se revela importante para o processo de aquisição de PL2 é o contexto sociolinguístico dos aprendentes, resumindo-se à qualidade do *input* recebido (*e.g.*, Flege, 2018; Madeira & Alexandre, 2022). Exclusivamente todos os informantes do nível C1 e 77,8% dos informantes do nível B2 ($n=7$, de 9) convivem mais frequentemente ou com os falantes de PL1 ou com os falantes de PL2 que adquiriram a língua dentro do período crítico. Todos estes falantes têm parceiros portugueses e/ou filhos nascidos em Portugal/emigrados para Portugal dentro do período crítico.

Obviamente tal análise, no nível C1, seria impossível, mas nos níveis B1 e B2, comparando as taxas médias de precisão dos informantes com famílias arménias e multinacionais vimos que existe uma diferença, embora pequena, sobretudo na distribuição sintática dos pronomes clíticos de PL2, sendo os informantes que vivem em famílias multinacionais mais precisos (54%, em B1 e 73%, em B2), em contrapartida com os informantes que vivem em famílias arménias (47%, em B1 e 64%, em B2). Já na ótica da morfologia, os informantes que vivem nas famílias arménias são mais precisos, sendo essa diferença pouco notável no nível B1 (53% vs. 56%) e mais marcada no nível B2 (79% vs. 89%).

Figura 5.69. Desempenho dos falantes de PL2 com 'Famílias multinacionais' e 'Famílias arménias', na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2



Mais uma vez, estes dados apontam para o facto de a aquisição de padrões sintáticos e morfológicos dos pronomes clíticos de PL2 ocorrer em domínios separados, sendo ainda influenciados por diversos fatores.

Diferentes estudos têm mostrado que a motivação é um fator crucial para uma aquisição sucedida na idade adulta (*e.g.*, Dörnyei, 2009; Dörnyei & Skehan, 2003; Gardner, 1985; 2010; Gardner & Trembly, 1994). O facto de existirem diferenças no desempenho entre os falantes de PL2 que vivem nas famílias multinacionais e arménias faz-nos pensar ainda na motivação do aprendente como um fator que medeia o processo de aquisição em L2 na idade adulta. Infelizmente, o peso de motivação não pôde ser medido no âmbito desta investigação, apesar de termos algumas referências por parte dos informantes como um dos fatores de sucesso na sua aprendizagem de PL2 (ver o campo 'Observações' da ficha sociolinguística, disponível no anexo 7).

Após termos olhado para os dados coligidos ao nível individual, em vários momentos da nossa análise, notou-se que as características individuais de aprendentes também são fatores que medeiam o processo de aquisição de PL2 após o período crítico. Tal como defendido por diversos estudos, a aptidão linguística (como as habilidades analíticas, a capacidade de generalização de *input* tanto na L1, como na L2, o conhecimento explícito de L1 e das outras línguas anteriormente adquiridas) é uma das características a ter em consideração ao analisar o

processo de aquisição de uma L2 na idade adulta (*e.g.*, Abrahamsson & Hyltenstam, 2009; Dekeyser, 2000; Granena & Long, 2012; Harley & Hart, 1997).

Ao lado da motivação e da aptidão linguística, a metodologia de ensino, conforme alguns estudos (*e.g.*, Borges, 2010; Richards & Rodgers, 2001; Rolete, 1980), também se revela importante no processo de aquisição de uma L2, que pode ser um fator a influenciar a aquisição de PL2. Notamos que dois informantes deste estudo (inf.10 e inf.22), com o nível de competência linguística equivalente a B2, que apresentam taxas relativamente altas de precisão na colocação dos pronomes clíticos (respectivamente 71% e 88%), completaram os seus estudos do ciclo secundário em Portugal, assistindo às aulas de PL1 do 12.º ano. Poderíamos assumir que a taxa relativamente alta na colocação dos pronomes clíticos é devida à idade da primeira exposição ao português, mais próxima ao período crítico (ver §5.2.3.3). Todavia, se no caso do inf.10, que começou a estudar português aos 16 anos de idade, observamos uma maior precisão na seleção dos pronomes clíticos do português – 92%, muito próximo à taxa média de precisão do grupo de PL1 (94,4%), o inf.22, que teve o primeiro contacto com o português aos 18 anos de idade, continua a ter dificuldades na seleção dos pronomes clíticos após uma exposição prolongada ao português (26 anos).

Lembrando-nos de que a distribuição sintática, ao contrário dos padrões morfológicos dos pronomes clíticos, está no foco do ensino formal, torna-se relevante estudar a importância da metodologia de ensino em PL2.

Será igualmente relevante estudar o peso da aptidão linguística e da motivação de aprendentes adultos na aquisição dos pronomes clíticos em PL2, sobretudo para compreender se o falante de PL2 se baseia mais ou menos no seu conhecimento da L1 e das outras L2 anteriormente adquiridas.

5.2.4. A relação entre os desvios na colocação sintática e na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2

Uma das questões que levantamos no capítulo 3, foi a hipótese de a aquisição dos pronomes clíticos de português, além da sintaxe, envolver domínios linguísticos diferentes (ver Tsimpli, 2014, Sorace, 2014; Sorace & Filiaci, 2006) (PI 3) e, seguindo à abordagem de Meisel (1991) e de Vainikka e Young-Scholten (1994; 1996), questionámos a possibilidade de as dificuldades na aquisição residirem no domínio de morfossintaxe (Predição 3.1). Ao longo da apresentação e da discussão dos dados obtidos no âmbito da presente investigação, várias vezes

referimos que a aquisição dos traços sintáticos e dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2, para os falantes de arménio L1, ocorre em domínios separados e independentemente um do outro. Os dados apresentados na tabela 5.29³⁰⁴ confirmam essa afirmação. De facto, embora haja uma diminuição gradual das percentagens de desvios, quer na seleção, quer na colocação dos pronomes clíticos em PL2 à medida que o nível de competência dos aprendentes em português aumenta, a taxa média de sobreposição de desvios sintáticos e morfológicos cai drasticamente a partir do nível B2, passando de 29% a 4% e depois, no nível C1, a 2%, para os desvios morfológicos e passando de 62% a 31% e depois a 14%, para os desvios sintáticos.

³⁰⁴ Nesta tabela também, a amarelo estão marcadas as percentagens de desvio de falantes que generalizam a próclise, o que resulta nas taxas baixas de desvio, porém, falsas. Para o cálculo das taxas médias de desvios do nível B1, esses dados não foram tidos em consideração.

Tabela 5.29. Sobreposição de desvios na seleção e na colocação dos pronomes clíticos por falantes de PL2

Informante	Nível alcançado	Desvios na colocação	Média do nível	Desvios na seleção	Média do nível	Sobreposição de desvio	Média de sobreposição por nível
Inf.30	B1	79%	62%	49%	48%	39%	29%
Inf.16	B1	75%		49%		36%	
Inf.17	B1	44%		48%		31%	
Inf.12	B1	36%		41%		25%	
Inf.11	B1	56%		44%		28%	
Inf.23	B1	79%		52%		39%	
Inf.27	B1	19% (falso)		45%		8% (falso)	
Inf.13	B1	64%		50%		19%	
Inf.31	B1	65%		51%		15%	
Inf.25	B1	17% (falso)		51%		10 % (falso)	
Inf.3	B1	71%		35%		26%	
Inf.4	B1	74%		48%		30%	
Inf.9	B1	19% (falso)		43%		5% (falso)	
Inf.15	B1	17% (falso)		46%		6% (falso)	
Inf.18	B1	59%		61%		34%	
Inf.26	B1	34%		6%	6%	1%	6%
Inf.29	B2	9%	9%	4%	4%	0%	4%
Inf.21	B2	41%	31%	19%	21%	8%	4%
Inf.22	B2	13%		41%		5%	
Inf.24	B2	33%		27%		7%	
Inf.28	B2	27%		15%		1%	
Inf.10	B2	29%		8%		2%	
Inf.8	B2	43%		14%		6%	
Inf.1	B2	22%		20%		5%	
Inf.2	B2	40%		20%		3%	
Inf.20	C1	15%	14%	34%	16%	6%	2%
Inf.14	C1	17%		30%		3%	
Inf.6	C1	17%		11%		2%	
Inf.19	C1	19%		17%		3%	
Inf.5	C1	4%		11%		0%	
Inf.7	C1	17%		4%		0%	
Inf.32	C1	8%		5%		0%	

A taxa relativamente alta de sobreposição de desvios na colocação e na seleção dos pronomes clíticos no nível B1, tanto da perspetiva individual – 15% - 39% –, como da perspetiva grupal – 29% –, indica que, nos níveis mais precoces de aquisição dos pronomes clíticos do português, os falantes de arménio L1 apresentam dificuldades quer na seleção, quer

na colocação destes itens lexicais, não havendo, porém, evidências de que as dificuldades na aquisição residam na interface sintaxe-morfologia. Os desvios nos estádios mais precoces de aquisição de pronomes complemento em PL2, tanto na colocação, como na seleção, refletem a configuração dos traços instanciados em arménio, conforme mostramos nas duas secções anteriores deste capítulo (§5.2.1 e §5.2.2). No que toca à aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, vários estudos (*e.g.*, Gu, 2019; 2022; Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005) relatam dificuldades de falantes nativos de diversas línguas (*e.g.*, inglês, alemão, espanhol, francês, chinês) nos estádios iniciais de aquisição. Quanto aos traços morfológicos dos pronomes clíticos do português, sabemos, neste momento da discussão, que é o traço [$\pm$ humano] que define a forma do pronome complemento selecionado em arménio e que é a transferência dessa propriedade da língua arménia para a língua portuguesa que resulta nas altas taxas de desvio neste domínio na língua-alvo. Seguindo a mesma linha de pensamento, não será, portanto, previsível que os falantes nativos de línguas com uma estrutura argumental semelhante ao português, apresentem dificuldades significativas mesmo nos estádios iniciais de aquisição dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2. Com efeito, Madeira e Xavier (2009), analisando a aquisição dos pronomes clíticos de PL2 junto dos falantes de diferentes línguas (românicas – italiano, espanhol e francês – e germânicas – inglês, alemão, holandês e dinamarquês) e em diferentes estádios de aquisição (elementar, intermédio e avançado), relatam poucos casos de desvios na seleção casual dos pronomes clíticos de português, mesmo nos estádios iniciais de aquisição, quando as propriedades sintáticas não são completamente adquiridas, não encontrando diferenças significativas entre os resultados dos grupos de falantes de línguas românicas e de línguas germânicas. Porém, se os poucos desvios na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, nas produções de falantes nativos doutras línguas românicas, seria expectável, a não existência de diferenças significativas entre os resultados deste grupo e o de falantes de línguas germânicas, na nossa opinião, merece uma atenção maior, pois esta questão interliga-se com a hipótese de transferência dos traços morfológicos de pronomes pessoais de L1 para o PL2. Infelizmente, os dados disponibilizados no estudo de Madeira e Xavier (2009) não nos permitem uma análise pormenorizada nesse sentido, devido a serem poucos e não terem sem referência ao número ou às percentagens de desvio para falantes de cada língua separadamente. Em paralelo com isso, outro estudo das mesmas autoras (Madeira *et al.*, 2006: 508) refere que ‘os aprendentes de PL2 (especialmente os falantes de línguas não românicas) revelam dificuldades a nível de realização morfológica dos clíticos, sobretudo nos níveis iniciais. Existem, portanto, dados escassos e diferenças nos resultados apresentados por poucos estudos até agora realizados neste domínio linguístico de

aquisição de PL2. Deve acrescentar-se ainda o estudo de Tian (2022), que também revela dificuldades na seleção casual dos pronomes clíticos do português, analisando o caso de falantes de chinês L1, língua em que, conforme o autor, o traço [$\pm$ humano] é relevante para a seleção dos pronomes complementos. Contudo, este último estudo não analisa a colocação dos pronomes clíticos, não nos permitindo uma comparação entre o processo de aquisição dos traços sintáticos e morfológicos destes itens lexicais em PL2. De uma forma geral, segundo já referimos na secção 1.3.2, os estudos conduzidos na área de aquisição dos pronomes clíticos concentram-se simplesmente ou na seleção, ou na colocação dos pronomes clíticos, ou, ainda, as questões de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 ficam à sombra das questões de aquisição dos padrões de colocação dos mesmos.

Dito isto, é importante que haja mais estudos que forneçam dados suficientes quer da perspectiva de seleção casual, quer da perspectiva de distribuição sintática de pronomes complemento em PL2, preferencialmente nos estádios precoces de aquisição (entre os níveis A1 e B1) e com falantes nativos de línguas não românicas, para que seja possível validar a afirmação de que, nos estádios precoces de aquisição de pronomes complemento de PL2, as dificuldades encontradas nos domínios de sintaxe e de morfologia são reflexos dos traços instanciados nas gramáticas das L1 dos aprendentes, transferidos para a L2, contudo, nos domínios linguísticos diferentes e independentemente um de outro.

5.3. Resumo da discussão dos resultados

Resumindo os resultados do estudo experimental e as discussões apresentadas ao longo do capítulo 5, neste subcapítulo, voltaremos às perguntas e às predições do presente estudo.

A nossa investigação levantou duas hipóteses, procurando verificar se o processo de aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2 (i) está a ser mediado pela L1 dos aprendentes ou (ii) segue o mesmo trajeto que em PL1.

As primeiras duas perguntas de investigação foram as seguintes:

Pergunta de Investigação 1: Será que os falantes de arménio L1 transferem as propriedades morfológicas e sintáticas de pronomes objetos e de Vaux de arménio, no processo de aquisição de PL2 e, se sim, será que o efeito da L1 é visível apenas nos estádios iniciais ou em todos os estádios de aquisição?

Pergunta de Investigação 2: Será que a aquisição de seleção casual e de distribuição sintática de pronomes clíticos de português, para os falantes de arménio L1 e PL2, ocorre de uma forma semelhante à do PL1?

Da perspetiva da Hipótese 1, a nossa predição foi encontrar transferência de traços, tanto sintáticos como morfológicos de pronomes, existentes em arménio L1 para PL2, nos estádios iniciais da aquisição, que paulatinamente dariam lugar aos valores da língua-alvo, nos estádios mais avançados da aquisição.

Da perspetiva da Hipótese 2, seguindo a sugestão dos trabalhos anteriores (*e.g.*, Gu, 2019, 2022; Fiéis *et al.*, 2023; Madeira *et al.*, 2006), prevíamos verificar um trajeto de aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos por falantes de arménio L1 em PL2, semelhante à aquisição em PL1.

Por a Pergunta 1 de investigação englobar outras perguntas, retomá-las-emos de seguida e responder-lhes-emos separadamente, endereçando primeiramente as questões relativamente à seleção casual e de seguida à distribuição sintática dos pronomes clíticos do português.

As primeiras duas perguntas, quanto à aquisição da seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 são interligadas.

Pergunta 1.1: Será que os falantes de arménio L1 associam o traço [+humano] aos clíticos DAT e o traço [-humano] aos clíticos ACU?

Pergunta 1.2: Será que, para os falantes de arménio L1, na posição do OD de português, existe diferença (morfológica) entre as entidades [+humano] e [-humano], ou a seleção de caso gramatical de pronomes clíticos em PL2 é aleatória?

Da perspetiva da Hipótese 2, quanto à aquisição de seleção casual de pronomes objeto em PL2 levantámos a seguinte questão:

Pergunta 2.1: Será que, para os falantes de arménio L1, a aquisição dos padrões de seleção casual de pronomes clíticos em PL2 ocorre de forma semelhante à do PL1?

Predizíamos que os falantes de arménio L1, em PL2, associassem os clíticos DAT ao traço [+humano] e os clíticos ACU ao traço [-humano], quer na posição de OD, quer na posição de OI, sobretudo nos estádios iniciais e intermédios de aquisição, adquirindo os traços da L2 paulatinamente, mas sendo possível encontrar traços de arménio L1 ainda nos estádios mais

avançados de aquisição (Predição 1.1). Por ser esperado encontrar uma distinção entre os clíticos ACU e DAT em função dos traços [$\pm$ humano] dos seus antecedentes, previa-se que a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos ocorresse primeiramente na posição de complementos dos verbos que apresentam a mesma regência tanto em arménio, como em português (Predição 1.1.1) e demorasse nas estruturas em que o verbo que os seleciona tem regência diferente nestas duas línguas (Predição 1.1.2), sendo a escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos a seguinte:

OD [-humano] (*ler, beber, imprimir*) $\geq$ OI [+humano] (*dizer, perguntar, oferecer*) > OD [-humano] (*perder, receber, ver*) $\geq$ OI [+humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) > OI [-humano] (*dedicar, pertencer, faltar*) $\geq$ OI [-humano] (*anexar, adicionar, acrescentar*) > OD [+humano] (*perder, receber, ver*) $\geq$ OD [+humano] (*ofender, convidar, ensinar*)

Adicionalmente, esperávamos encontrar evidências de que os falantes de arménio L1, no processo de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 reconhecessem o traço de animacidade, utilizando mais vezes os clíticos DAT quando o antecedente do mesmo fosse [+animado, -humano] (*e.g., cão, gato*) ou quando fosse uma entidade coletiva (*e.g., cidade, família*) (Predição 1.1.3).

Em contrapartida às predições da perspectiva da Hipótese 1, na ótica da Hipótese 2, esperávamos que os falantes de arménio L1, nos estádios iniciais de aquisição, recorressem ao fenómeno de lheísmo, substituindo os clíticos ACU pelos DAT nas estruturas em que o seu antecedente fosse uma entidade [+humano], mas não utilizando os clíticos DAT em vez dos ACU, nas estruturas em que o seu antecedente fosse uma entidade [-humano] (Predição 2.1).

Os resultados da nossa investigação mostram que, no nível B1, o nível mais baixo de competência em PL2 por nós estudado, existe uma forte tendência de utilização dos clíticos DAT de português quando o seu antecedente é uma entidade com traço [+humano] e de utilização dos clíticos ACU de português para substituir os antecedentes com traço [-humano], não apenas em posição de OD, mas também em posição de OI da frase, sendo que, para uma parte dos informantes (12,5%), essa separação é quase binária, i.e., os clíticos ACU utilizam-se apenas para retomar os antecedentes com traço [-humano] e os DAT para substituir os antecedentes com traço [+humano]. A partir do nível B2 observa-se quebra desse padrão e já se verifica um maior uso de pronomes-alvos, independentemente dos traços [$\pm$ humano] dos seus antecedentes, embora em alguns casos, tanto no nível B2, como no nível C1, ainda se

verifique o fenómeno de associar o traço [+humano] aos clíticos DAT e o traço [-humano] aos clíticos ACU, evidenciando efeitos de fossilizações na aquisição.

Portanto, a nossa análise revelou que os falantes de arménio L1, nos três níveis de competência em PL2 por nós estudados – B1, B2 e C1 –, embora mais acentuadamente no nível B1, utilizam tanto os clíticos DAT no lugar dos ACU (lheísmo), como os clíticos ACU no lugar dos DAT (oísmo). Como é sabido, o fenómeno de lheísmo é observado também na aquisição de PL1. Todavia, este fenómeno, no caso de falantes de arménio L1 e PL2 acontece não apenas quando o antecedente do clítico tem traço [+humano], mas também quando o complemento verbal é [-humano], embora, nesse último caso, com menos frequência. Os falantes de arménio L1, ao longo de aquisição dos pronomes clíticos em PL2, mas mais acentuadamente nos estádios iniciais de aquisição, apresentam uma diferenciação morfológica de pronomes com traços [+humano] e [-humano], associando os clíticos DAT ao traço [+humano] e os clíticos ACU ao traço [-humano], demonstrando, alguns falantes, aleatoriedade na seleção de caso gramatical dos pronomes clíticos nos estádios intermédios de aquisição.

Assim, os dados obtidos corroboram a Hipótese 2 apenas parcialmente (verifica-se fenómeno de lheísmo com os antecedentes [+humano]), mas mostram nitidamente que a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 é mediada pelos traços morfológicos da L1 de falantes desta língua e, logo, apoiando a Hipótese 1 da presente investigação.

Quanto à escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, verificamos que, no nível B1, essa corresponde essencialmente à prevista na ótica da Hipótese 1 do presente estudo, demonstrando, porém, indícios de que os clíticos ACU com os verbos *perder*, *receber*, *ver*, que selecionam OD [+humano], ao contrário dos verbos *ofender*, *convidar*, *ensinar*, estabilizam-se mais cedo. Nos níveis B2 e C1, esta tendência confirma-se, verificando-se uma escala de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos pouco diferente da prevista (predição 1.1.1 e 1.1.2), em que os OI [+humano], complementos dos verbos *dizer*, *perguntar* e *oferecer*, ao contrário do previsto, se encontram entre os contextos adquiridos tardiamente ((105)):

- (105) OD [-humano] (*ler*, *beber*, *imprimir* / *ver*, *receber*, *perder*) > **OD [+humano] (*ver*, *receber*, *perder*)** > **OI [+humano] (*pertencer*, *dedicar*, *faltar* ≥ *dizer*, *perguntar*, *oferecer*)** > OI [-humano] (*pertencer*, *dedicar*, *faltar* > *anexar*, *adicionar*, *acrescentar*) ≥ OD [+humano] (*convidar*, *ofender*, *ensinar*)

Portanto, neste ponto também, os nossos dados corroboram, essencialmente, a Hipótese 1.

Os dados coligidos em três níveis de competência em PL2 – B1, B2 e C1 – confirmam globalmente as predições 1.1.1 e 1.1.2 da Hipótese 1, pois a transferência de traços morfológicos de arménio L1 para o PL2 foi confirmada em todos os níveis de competência em português. Apesar de não termos prestado atenção suficiente ao facto de que a aquisição dos pronomes clíticos ACU, OD [+humano] dos verbos *ver*, *receber*, *perder*, pudesse ocorrer antes dos OD [+humano] dos verbos *convidar*, *ofender* e *ensinar*, este fenómeno seria expectável, pois, tanto em arménio, como em português, os verbos *ver*, *receber*, *perder* seleccionam OD e o facto de esses verbos terem restrição semântica fraca, i.e., poderem seleccionar complementos com traços [$\pm$ humano], permite aos falantes de arménio L1 adquirirem os clíticos ACU [+humano] junto destes verbos mais facilmente. A aquisição mais tardia dos clíticos DAT, OI [+humano] dos verbos *dizer*, *perguntar*, *oferecer*, por sua vez, não predita à luz da Hipótese 1, também seria um fenómeno explicável, como vestígio de oscilação entre os clíticos ACU e DAT com traço [+humano], depois de os falantes de arménio L1 terem notado que os clíticos ACU em português retomam ainda antecedentes [+humano].

A escala encontrada pela nossa investigação tem pontos em comum com a escala apresentada pelo estudo de Tian (2022), com os falantes de chinês L1 e PL2 ((106)).

(106) OD > OI[+humano] > OI[-humano, +animado] > OI[-animado] > OI[OD na L1 e L2]

Essa semelhança não surpreende, visto o arménio e o mandarim partilharem características em comum neste sentido: em ambas as línguas, os pronomes pessoais de 3ª pessoa são utilizados para entidades com traço [+humano], sendo raramente utilizados para as entidades [+animado, -humano] e muito mais infrequentemente para entidades [-animadas] (cf. Tian, 2022 e outros autores por si citados).

Para compreender se a aquisição de selecção casual dos pronomes clíticos em PL2 segue o mesmo trajeto para falantes de diversas L1, seria importante conduzir mais estudos neste âmbito. Para o caso de falantes de chinês L1, tal como foi feito para os contextos de análise do OI, no trabalho de Tian (2022), seria importante verificar ainda a aquisição do OD em contextos mais específicos, tendo em conta os traços [$\pm$ humano] e [$\pm$ animado] dos antecedentes de clíticos.

A respeito do fenómeno de personificação, os dados por nós coligidos não permitem chegar a uma conclusão robusta, não sendo possível confirmar a Predição 1.1.3 da Hipótese 1,

apesar de termos encontrado respostas que apontam para a atribuição do traço de animacidade aos constituintes [+animado, -humano] [+coletivo, -animado], nos níveis mais baixos de competência em português (22,9%, no nível B1), que tende a desvanecer-se à medida que o nível de competência em PL2 aumenta (3,7%, no nível B2 e 0%, no nível C1).

Não encontramos evidências fortes também para o facto de que, globalmente, os clíticos DAT sejam utilizados mais vezes que os clíticos ACU, facto que julgamos ser também fruto da amostra analisada. Quanto ao uso quantitativo dos clíticos ACU e DAT, a análise detalhada dos resultados ao nível individual permitiu-nos compreender que esse padrão varia não apenas de falante a falante, mas também em estádios diferentes de aquisição. No estágio zero de aquisição, da perspectiva de transferência da L1, bem como no estágio final de aquisição, assumindo que ocorre aquisição completa da estrutura argumental dos verbos em português, é expectável observar utilização quantitativamente parecida dos clíticos ACU e DAT, o que foi verificado pelos nossos dados. Nos estádios intermédios de aquisição, encontrámos mais variação, começando pelo uso quantitativamente maior dos clíticos DAT que, numa fase seguinte, dá lugar a um estágio de maior uso de clíticos ACU, voltando, mais tarde, novamente ao uso maior de clíticos DAT, antes que ocorra aquisição completa da estrutura argumental dos verbos em PL2, caracterizada pelo uso quantitativamente equilibrado dos clíticos ACU e DAT (figura 5.70).

Figura 5.70. Evolução de uso dos clíticos ACU e DAT na aquisição de PL2



Assim, apesar de haver indícios de que, nos estádios mais precoces de aquisição dos pronomes clíticos do português, os clíticos DAT são mais utilizados, o nosso estudo não dispõe de dados conclusivos nesse sentido. Talvez o facto de uma grande parte dos informantes no presente estudo se encontrar nos estádios intermédios de aquisição (B2.1-B2.2), quando se verifica um maior número de utilização de clíticos ACU, por a estabilização destes ocorrer mais cedo em mais contextos (OD [-humano], OD [+humano] como com os verbos *ver*, *perder*, *receber*) do que a estabilização de clíticos DAT (OI [$\pm$ humano])), seja explicação para o facto de não conseguirmos coligir informação suficiente que apoie a tal predição.

Desta forma, abordando às PI 1 e PI 2 quanto à aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, podemos constatar que as propriedades morfológicas de pronomes objeto de arménio L1 estão a ser transferidas para o PL2, sobretudo nos estádios iniciais e intermédios-iniciais de aquisição, mas havendo vestígios de transferência ainda nos estádios intermédios-avanzados e avanzados de aquisição. Assim, as dificuldades na seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, no caso de falantes de arménio L1 são explicáveis à luz da transferência do seu conhecimento acerca da sua língua materna. Ao mesmo tempo, a aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2 partilha poucas características com a aquisição em PL1, como o fenómeno de lheísmo, e no caso de alguns falantes, o uso de pronomes fortes em vez de clíticos. Comparando os dados de outros estudos realizados neste âmbito (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005; Tian, 2022), observam-se evidências de que os aprendentes de PL2, independentemente da sua L1, em alguma fase de aquisição oscilam entre os clíticos ACU e DAT, havendo ainda indícios de que os pronomes clíticos ACU, sobretudo com traço [-humano] e quando selecionados por verbos com restrição semântica fraca, estabilizam-se mais cedo que os pronomes clíticos DAT, apesar de a aquisição dos clíticos de ambos os casos ocorrer em simultâneo. Infelizmente, os dados nesse sentido são ainda poucos para conseguirmos compreender se a aquisição de caso gramatical dos pronomes clíticos em PL2 realmente segue o mesmo trajeto para falantes de diversas L1 ou não.

No que toca aos padrões sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, as hipóteses da nossa investigação foram as mesmas: a que previa o processo de aquisição ser mediado pelo arménio L1 dos aprendentes (Hipótese 1) e a de o processo de aquisição em PL1 e PL2 seguir trajetos semelhantes, procurando compreender tanto os padrões que caracterizam a colocação dos pronomes clíticos do português, como o trajeto de estabilização da próclise, nas produções de falantes de arménio L1.

Começaremos pelos padrões de colocação dos pronomes clíticos e de seguida responderemos às perguntas quanto à aquisição da próclise em PL2.

Da perspetiva de distribuição sintática dos pronomes clíticos, as perguntas de investigação foram duas:

Pergunta 1.3 (H1): Será que os falantes de arménio L1, nos estádios iniciais de aquisição de PL2, recorrem à colocação aleatória de pronomes clíticos e/ou utilizam próclise?

Pergunta 2.2 (H2): Será que, para os falantes de arménio L1, a aquisição dos padrões de colocação sintática de pronomes clíticos em PL2 ocorre de uma forma semelhante à do PL1 sendo caracterizada pela generalização da ênclise nos estádios iniciais de aquisição?

À luz da Hipótese 1, predizíamos que, nos estádios iniciais de aquisição, os falantes de arménio L1 e PL2 generalizassem a ênclise ou a próclise ou recorressem à colocação aleatória dos pronomes clíticos em português, utilizando a próclise desde os estádios iniciais de aquisição, inclusive nas estruturas de ênclise categórica (Predição 1.3). Já à luz da Hipótese 2, prevíamos que a ênclise fosse o padrão generalizado para os aprendentes de PL2, nos estádios iniciais de aquisição, sem que houvesse oscilação entre ênclise e próclise ou generalização de próclise (Predição 2.2).

Os nossos dados, de uma perspectiva geral, no nível mais baixo de competência em PL2 por nós estudado (B1), mostraram que o uso de ênclise e de próclise, nas produções de falantes de arménio L1, é equilibrado, havendo ligeira dominância de ênclise (58,1% vs. 41,7%), indicando plausibilidade da Hipótese 1. Contudo, ao nível individual, apesar de termos encontrado mais padrões que corroboram a Hipótese 1, foi possível verificar ainda a plausibilidade da Hipótese 2 em alguns casos. Existem falantes de arménio L1 aprendentes de PL2 que, no nível B1, (i) generalizam a próclise (25%), (ii) generalizam a ênclise (50%) ou (iii) oscilam entre a próclise e a ênclise (25%).

Se a colocação dos pronomes clíticos do português nas respostas dos informantes do primeiro grupo reflete o conhecimento de arménio L1, apoiando a Hipótese 1, o comportamento linguístico dos informantes do segundo grupo apoia tanto a Hipótese 1 quanto a Hipótese 2. Por um lado, à luz da Hipótese 2, é esperado que o estágio inicial de aquisição dos pronomes clíticos seja a generalização de ênclise, mas por outro lado, em arménio, a ordem mais recorrente é SVO (cf. Asilbekyan, 2012; Faghiri & Samvelian, 2020; Papoyan & Badikyan, 2003) e verbo-pronome (cf. Acharyan, 2005; Papoyan & Badikyan, 2003), o que pode explicar a generalização da ênclise também à luz da Hipótese 1.

A oscilação entre a próclise e a ênclise, apesar de ter sido considerada um fenómeno não expectável à luz da Hipótese 2, pode levantar polémicas, se assumirmos que no nível B1 nem todos os informantes se encontram nos estádios iniciais da aquisição dos pronomes clíticos de português. Há, portanto, a possibilidade de plausibilidade tanto da Hipótese 1, como da Hipótese 2, uma vez que encontramos alteração do padrão de oscilação do nível B1 para o nível B2 e para o nível C1 que indica aquisição gradual de próclise, expectável à luz de ambas as hipóteses. A ligeira predominância da ênclise do nível B1 (ênclise: 58,1% vs. próclise:

41,7%), no nível B2, dá lugar a uma predominância da próclise (ênclise: 44,4% vs. próclise: 55,1%) que fica mais marcada no nível C1 (ênclise: 29,6% vs. próclise: 70,7%). Porém, existem particularidades observadas à volta desse fenómeno que nos permitem argumentar a favor da Hipótese 1 (não negando a Hipótese 2), encarando a oscilação como um fator que indica influência de arménio L1. Primeiramente, 68,8% dos informantes do grupo de PL2, independentemente do nível de competência, nas declarativas simples e interrogativas globais recorrem à próclise. Nas estruturas de ênclise categórica, a taxa de próclise no nível B1 é bastante alta – 30,1%, que se revela decrescente à medida que a aquisição ocorre: 11,8%, no nível B2, e 8,9%, no nível C1. Assumindo que os informantes mesmo do nível B1 (pelo menos uma parte deles, pois os que generalizam a próclise têm comportamento linguístico diferente) não se encontram no estágio inicial de aquisição dos pronomes clíticos³⁰⁵ e a aquisição nesta área gramatical ocorre ainda mais cedo, se aplicarmos a lógica de progressão aritmética, veremos que a taxa de próclise, nos níveis A1-A2, poderia rondar entre 38% a 48%³⁰⁶. Logo, nos estádios ainda mais precoces de aquisição, a ênclise não seria o padrão generalizado por falantes de arménio L1, nas estruturas de ênclise categórica. A oscilação entre a ênclise e a próclise revelou-se presente ainda nas estruturas de próclise categórica, no nível B1 (ênclise: 44,1%; próclise: 55,8%) que paulatinamente dá lugar aos padrões-alvo da L2, no nível B2 (ênclise: 33,0%; próclise: 66,5%) e no nível C1 (ênclise: 15,4%; próclise: 84,6%). Os dados coligidos nas produções (semi)espontâneas também apoiam essa nossa posição, mostrando que, nos contextos da próclise categórica, a ênclise não é um padrão generalizado, mas antes existe uma predominância da ênclise no nível B1 (ênclise: 61,1%; próclise: 38,9%).

Assim, argumentamos que, em estádios iniciais de aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, os falantes de arménio L1 recorrem sobretudo ao seu conhecimento sobre a distribuição sintática dos pronomes objeto na sua língua materna, não negando, porém, que a aquisição em PL1 e em PL2, no que toca à colocação dos pronomes clíticos, partilhe características em comum, pelo menos para uma parte de aprendentes de portugueses.

³⁰⁵ De facto, o tempo médio de exposição ao português, no nível B1, é 16 anos. A exposição aos dados linguísticos durante um tempo tão prolongado, pode ter permitido aos nossos informantes compreenderem que o padrão básico de colocação dos pronomes clíticos em português é a ênclise.

³⁰⁶ A taxa de próclise nos níveis A1-A2 é uma mera previsão. As percentagens referidas foram calculadas através da aplicação *Microsoft Excel Worksheet*, encontrando a diferença entre as percentagens da próclise de cada nível e prevendo a taxa se existisse mais um nível.

Agora, por a aquisição gradual de próclise ser expectável tanto à luz da Hipótese 1, como da Hipótese 2, por forma a verificar a persistência de traços da L1 nos estádios intermédios e mais avançados de aquisição, analisámos o trajeto de aquisição da próclise.

As perguntas de investigação nesse sentido foram as seguintes:

Pergunta 1.4: Será que os falantes de arménio L1 transferem os parâmetros que condicionam a colocação do Vaux clítico na sua L1 para a categoria de pronomes clíticos da L2, adquirindo primeiramente a colocação proclítica nos contextos de negação e com as interrogativas parciais, demonstrando uma maior dificuldade na aquisição de próclise nas orações subordinadas?

Pergunta 2.3: Será que os falantes de arménio L1 adquirem os padrões de colocação sintática de pronomes clíticos em PL2 primeiramente nos contextos de negação e nas orações completivas finitas?

Da perspetiva da Hipótese 1, para as Pergunta de Investigação 1.4, predizíamos que a aquisição de próclise em PL2, por falantes de arménio L1, fosse condicionada pelos traços prosódicos e sintáticos de uma frase, nomeadamente pela existência dos proclisadores, que desencadeiam a posição pré-verbal do Vaux em arménio, um clítico, cujos traços sintáticos seriam transferidos para a categoria dos pronomes clíticos da L2, justificando aquisição de próclise primeiramente nos contextos de negação e nas interrogativas qu- e dificuldades nas orações subordinadas. Esperávamos, assim, que a escala de aquisição da próclise fosse a seguinte (Predição 1.3 - H1):

Interrogativas qu- / Negação > Sujeitos negativos > Advérbios enfatizadores (*já, até, ainda, só*) ≥ Quantificadores (*tudo, poucos, alguém*) ≥ Quantificador *muitos* > Subordinação adverbial (*porque, onde, quando*) ≥ Subordinação completiva (de indicativo *que*)

Prevíamos ainda que a interpolação entre o proclisador e o hospedeiro do clítico fosse um distrator, resultando numa taxa maior de colocação enclítica de pronomes complemento nas interrogativas parciais e nas orações subordinadas, mesmo nos níveis mais avançados de competência em PL2 (Predição 1.3).

Na ótica da Hipótese 2, o prognóstico era encontrar uma escala de aquisição de próclise semelhante à escala sugerida por Costa *et al.* (2016) para o PL1 (Predição 2.3), tendo em conta ainda outras estruturas estudadas pela presente investigação e adaptando-a ao nosso estudo:

Negação > Sujeitos negativos / Subordinação completiva (de indicativo *que*) / Interrogativas *qu-* > Advérbios enfatizadores (*já, até, ainda, só*) > Subordinação adverbial (*porque, onde, quando*) > Quantificadores (*tudo, poucos, alguém*) ≥ Quantificador *muitos*

Atendendo às perguntas de investigação quanto à aquisição de próclise em PL2, o nosso estudo revelou que a fixação dos traços da L2 é realmente gradual e o efeito da L1 é visível no caso da maioria absoluta dos informantes. Nas produções de falantes de arménio L1 e PL2, a próclise estabiliza-se primeiramente nas estruturas de negação, nas interrogativas parciais e com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal, nas quais o padrão nitidamente dominante de colocação dos pronomes clíticos é a próclise a partir do nível B2. Contudo, da perspetiva individual, em todos os níveis, mas sobretudo no nível B2, encontram-se evidências de que, para uma parte de falantes de PL2, a aquisição da próclise não é linear nas interrogativas parciais, sendo interligada à aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais, que, por sua vez está a ser condicionada pelos traços instanciados nas gramáticas nativas dos aprendentes. A interpolação entre o proclisador e o hospedeiro do clítico revelou-se mais um obstáculo que dificulta a aquisição de próclise nestas duas estruturas, para os falantes de PL2.

A aquisição da próclise nas subordinadas completivas e adverbiais causais finitas, conforme previsto pela Hipótese 1, gera dificuldades para todos os falantes de arménio L1 (com exceção de um), persistindo até ao nível C1. Nas subordinadas completivas, a aquisição da próclise é muito lenta, não se destacando aumento significativo da taxa de próclise entre os níveis B2 (ênclise: 75%; próclise: 25%) e C1 (ênclise: 64,3%; próclise: 35,7%), ao contrário da predição da Hipótese 2. Quer no nível B2, quer no nível C1, da perspetiva individual, observa-se maioritariamente ou oscilação entre a ênclise e a próclise, ou preferência pela ênclise. Apenas um informante no nível B2 opta exclusivamente e outro, no nível C1, quase exclusivamente pela próclise nestas estruturas.

A aquisição de próclise nas estruturas com quantificadores em posição pré-verbal em PL2 revelou efeitos significativos de arménio L1 apenas parcialmente, da perspetiva individual e para uma parte de falantes desta língua. Os dados ao nível grupal, nestas estruturas, revelaram-se compatíveis também com a H2, que previa a aquisição tardia de próclise nessas estruturas, causada pela complexidade do *input* na L2. A complexidade do

input foi analisada à luz de propriedades fonológicas das orações, pois mostramos que tanto para os falantes de PL1 quanto para os falantes de PL2, informantes do nosso estudo, a proeminência prosódica de certos constituintes pré-verbais pode ser o fator desencadeador da próclise em português.

Assim, de uma perspectiva grupal, nos três níveis de competência analisados (B1, B2 e C1), a escala de aquisição de próclise, mesmo olhando para os dados de diferentes perspectivas, coincidiu, geralmente, com a prevista à luz de Hipótese 1, sendo a escala do nível B1 mais próxima à predita, e havendo, a partir do nível B2, aproximação à escala predita pela Hipótese 2, na aquisição da próclise na presença do quantificador *muitos*, o que atende as premissas da HRT de Lardiere (2008; 2009) de que nos estádios iniciais de aquisição os aprendentes de uma L2 recorrem aos traços da sua L1, adquirindo gradualmente os traços da língua-alvo.

Ao nível individual, os resultados demonstram-se pouco mais heterogêneos, havendo ainda mais lugar para a plausibilidade da Hipótese 2. Os dados de um informante do nível B2 (3,15% dos informantes da presente investigação) confirmam absolutamente e dos outros dois do nível B2 (6,3%) revelam indícios fortes de que na idade adulta a aquisição de próclise em PL2 pode seguir o mesmo trajeto que em PL1, sendo a escala de aquisição idêntica à escala sugerida por Costa *et al.* (2016, adaptada para o presente estudo).

Julgamos serem o acesso à explicitação da gramática, a idade da primeira exposição à L2 (18-20 anos³⁰⁷), bem como a situação sociolinguística desses informantes (famílias, amigos e/ou colegas maioritariamente portugueses), os principais fatores que influenciam o trajeto da aquisição dos padrões sintáticos dos pronomes clíticos em PL2. Estes três fatores, conforme mostrado (ver §5.2.3.1; §5.2.3.3 e §5.2.3.5), ao contrário da aquisição da seleção casual, na aquisição dos padrões sintáticos dos pronomes clíticos do português, revelaram-se de maior peso.

Contudo, ao contrário do previsto pela Hipótese 2, na escala de aquisição de próclise do grupo de controlo, as subordinadas completivas também se situaram na parte mais à direita, repetindo o padrão do grupo de PL2, evidenciando que mesmo os falantes de PL1 utilizam ênclise nessas estruturas.

Tendo em conta que, na escala sugerida por Costa *et al.* (2016), a posição mais à direita de subordinadas adverbiais é justificada pelo complementador *porque*, e por a posição das subordinadas adverbiais na escala de aquisição de próclise também ser crucial na

³⁰⁷ Apenas inf.29 teve a primeira exposição à L2 aos 31 anos de idade, porém, apresenta um caso de ter estudado os padrões de colocação dos pronomes clíticos pouco tempo antes de realizar o teste, no âmbito da presente investigação.

fundamentação das hipóteses deste estudo, separamos o complementador *porque* dos outros (*onde* e *quando*), tendo obtido um padrão parecido na escala de PL1 e de PL2. Revelou-se que os falantes de arménio L1 dos três níveis de PL2 (B1, B2 e C1), bem como os falantes do grupo de controlo apresentam taxas mais altas de próclise nas estruturas de negação (inclusive sujeitos negativos), nas interrogativas parciais, nas estruturas com os advérbios enfatizadores em posição pré-verbal e nas subordinadas adverbiais introduzidas por complementadores *onde* e *quando*, mas apresentam maiores desvios na colocação dos pronomes clíticos nas estruturas com sujeitos quantificados, mas sobretudo nas subordinadas completivas e adverbiais causais.

Portanto, endereçando as Perguntas 1.4 e 2.2 da presente investigação, podemos afirmar que (i) no processo de aquisição de PL2 por falantes de arménio L1, os traços sintáticos de clíticos da sua L1, embora de uma outra categoria gramatical – do Vaux – condicionam a distribuição sintática dos pronomes clíticos do português, o que é inegável nos resultados do nível B1. A próclise é desencadeada pelo traço [+foco] em arménio, que atribui ao proclisador uma proeminência ao nível prosódico e essa particularidade da L1, um valor ativo nas gramáticas de falantes de arménio L1, no processo de aquisição dos padrões sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, está a ser transferida para a L2 – da categoria de Vaux da L1 para a categoria dos pronomes clíticos da L2 –, justificando a estabilização da próclise mais cedo em PL2 em interrogativas parciais e em estruturas de negação, nas quais quer em arménio, quer em português os marcadores de negação e os advérbios ou os pronomes interrogativos, em posição pré-verbal, são prosodicamente proeminentes numa frase. À luz dessa abordagem, é natural também que a próclise em subordinadas adverbiais e completivas apresente mais dificuldades, pois em arménio os complementadores (quase) nunca acumulam traço [+foco], e logo, não são os itens proeminentes numa estrutura para que desencadeiem próclise.

Deste modo, a nossa investigação mostrou que o efeito de arménio L1 é inegável no processo de aquisição de padrões de distribuição sintática dos pronomes clíticos de PL2, sendo notável não apenas nos estádios iniciais e intermédios de aquisição, mas estendendo-se até aos estádios avançados de aquisição, o que sustenta a H1 da presente investigação. Os resultados do presente estudo, no que toca à aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, diferem dos resultados de estudos anteriores que sugerem a(s) L1 dos aprendentes dessa língua não afetar(em) significativamente o percurso de desenvolvimento na L2 e ter(em) apenas um efeito no ritmo de desenvolvimento (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2023; Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009). Defendemos que a influência de L1 na aquisição de L2 vai além do efeito do ritmo de aquisição. A nossa investigação mostrou que o processo todo de aquisição

de próclise em PL2 é mediado pelo arménio L1 dos aprendentes, que funciona ora como facilitador na aquisição (*e.g.*, nas estruturas de negação, nas interrogativas parciais), ora como fonte de transferência negativa (*e.g.*, subordinadas adverbiais e completivas). Em propriedades particulares, a sobreposição dos traços instanciados na L1 e dos novos traços a serem adquiridos na L2 resulta em fenómenos que mediam o processo de aquisição, acelerando a aquisição de próclise num contexto linguístico (*e.g.*, subordinadas adverbiais) e invertendo, temporalmente, o processo noutros (*e.g.*, interrogativas *qu-*).

Ao mesmo tempo, a presente investigação permitiu-nos compreender que a aquisição de traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2 é fortemente condicionada pela prosódia da frase, mais precisamente pela proeminência (ou não) ao nível de prosódia que os proclisadores apresentam, o que Papoyan e Badikyan (2003) consideram um componente da sintaxe, na língua arménia. Continuando a abordagem sugerida por Frota & Vigário (1996/2001), Vigário & Frota (1998) e Barbosa (1996; 2000; 2008), de que os desencadeadores da próclise em português são fatores sintáticos e prosódicos, defendemos a ideia que a aquisição de próclise em PL2 ocorre na interface sintaxe-fonologia. Se realmente a proeminência prosódica atribuída aos proclisadores explicar a preferência pela colocação dos pronomes clíticos em PL2, torna-se explicável o facto de os estudos na área concluírem que a aquisição dos padrões de colocação de clíticos por adultos, de um modo geral, seguir percurso idêntico para os falantes de diversas L1 e também para as crianças monolíngues e bilingues de PL1 (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2023; Gu, 2019; 2022; Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2020). Uma grande parte de proclisadores, pelo menos entre os que testamos no presente estudo, acumula o valor enfático [+foco], pelo seu conteúdo semântico e pelo papel que desempenham num dado contexto discursivo – foco contrastivo (ou) informacional, tanto em arménio, como em português, por exemplo, para o caso dos marcadores de negação, de pronomes/advérbios interrogativos, de advérbios focalizadores e enfatizadores. Logo, é expectável que a aquisição da próclise seja semelhante para os falantes de diversas L1, coincidindo ainda com a escala de aquisição de próclise em PL1, pois o traço [+foco] está à partida disponível nas gramáticas de aprendentes adultos, independentemente da sua L1.

A discussão endereçada às Perguntas de investigação 1 e 2 responde também à Pergunta de investigação 3.

Pergunta de Investigação 3: Será que a complexidade da estrutura argumental dos verbos portugueses contribui para uma aquisição tardia das propriedades de pronomes clíticos

em PL2, evidenciando que as dificuldades de aprendentes de PL2, nativos de arménio, residem em interfaces que envolvem a sintaxe e outros domínios linguísticos?

Seguindo a linha de pensamento de Tsimpli (2014), de Sorace (2014), previu-se que as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos de PL2 sejam explicáveis pelo facto de esses, além da sintaxe, envolverem domínios linguísticos diferentes. Levantámos a possibilidade de as dificuldades de aprendentes tardios residirem no domínio morfossintático (Predição 3.1) e a possibilidade de a aquisição dos padrões distribucionais dos pronomes clíticos em PL2 envolver interface sintaxe-fonologia, por a colocação do Vaux, clítico sintático, envolver os mesmos domínios (Predição 3.2).

Conforme já discutido, os dados coligidos não evidenciaram que as dificuldades na aquisição de pronomes clíticos em PL2 residissem na interface sintaxe-morfologia, não confirmando a Predição 3.1 da nossa investigação. Apesar de os dados do nível B1 mostrarem que existe uma sobreposição significativamente grande de desvios de seleção e de colocação de pronomes clíticos – 29% (para comparar, no nível B2: 4%; no nível, C1: 6%), o que é devido à transferência dos traços sintáticos e morfológicos de pronomes complemento de arménio para o português, encontramos evidências de que a aquisição dos traços sintáticos e dos traços morfológicos destes itens lexicais, em PL2, no caso de falantes de arménio L1, ocorrem em domínios diferentes, independentemente um de outro e a ritmos diferentes. Dessa perspectiva, os resultados do nosso estudo estão de acordo com os de Madeira e Xavier (2009), não havendo, assim, indícios de que as dificuldades na aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos residam no domínio morfossintático. Os nossos dados afirmam a plausibilidade da HRT que, apesar de ter identificado os domínios da morfologia e da morfossintaxe como os responsáveis pelas principais dificuldades na aquisição de uma L2, sugere que a aquisição no domínio de sintaxe e no domínio de morfologia são dois processos independentes.

Contudo, tendo em conta que os resultados obtidos pelo presente estudo indicam uma forte tendência de seleção dos traços [$\pm$ humano] associados a pronomes pessoais do arménio L1, nas produções dos nossos informantes falantes do PL2, e também lembrando que a seleção dos pronomes clíticos de português apresenta desvios ainda nos níveis B2 e C1 em quase todos os contextos testados (com a exceção da condição OD [-humano] – verbos *ler*, *beber*, *imprimir* e *ver*, *perder* *receber*, no nível C1), sugerimos que outros estudos, recorram a metodologias diferentes e verifiquem o possível impacto da complexidade da estrutura argumental dos verbos portugueses, a par dos critérios mencionados por Costa e Lobo (2006), na aquisição mais lenta dos pronomes clíticos em PL2.

Ao mesmo tempo, o presente estudo mostrou que, na aquisição dos traços sintáticos dos pronomes clíticos de PL2, os falantes de arménio L1, sobretudo nos níveis intermédios-iniciais, demonstram comportamento linguístico explicável da perspetiva de transferência dos traços sintáticos e prosódicos que condicionam a distribuição dos clíticos na sua língua (no caso, Vaux), indicando também que existe uma correspondência dos traços sintáticos de clíticos entre o arménio e o português, para a maioria dos contextos analisados, que são condicionados pelos traços prosódicos da estrutura em que ocorrem. Assim, o nosso estudo, afirmando a veracidade da Predição 3.2 e seguindo a mesma linha de pensamento de Frota e Vigário (1996/2001), de que nem toda a sintaxe é fonologicamente livre e admitindo que as construções sintáticas fonologicamente condicionadas correspondem a uma sintaxe tardia, sugere-se que a aquisição tardia dos padrões distribucionais dos pronomes clíticos em português envolve a interface sintaxe-fonologia. Sendo a fonologia um dos domínios mais vulneráveis na aquisição tardia (cf. Bongaerts *et al.*, 2000; Ellis, 2008; Gass & Selinker, 2008; Kim *et al.*, 1997; Long, 1990; 2005; Patowsky, 1980; Santos & Fragozo, 2020; entre outros), é de esperar que os problemas na distribuição sintática dos pronomes clíticos em PL2 na idade adulta persistam até os estádios avançados de aquisição para os falantes de diversas L1, o que já foi verificado pelos estudos conduzidos nesta área (*e.g.*, Fiéis *et al.*, 2023; Gu, 2019; 2022; Madeira *et al.*, 2006; Madeira & Xavier, 2009; Rosário, 2005). O facto de uma parte dos aprendentes adultos de PL2 conseguir chegar à uma mestria igual à de falantes nativos de português pode ser explicado através de fatores diferentes que têm impacto na aquisição tardia: a exposição mais cedo aos dados linguísticos, perto do período crítico, o acesso à explicitação, as características individuais dos aprendentes que funcionam como estratégias de compensação de défice na aquisição fonológica. Seguindo a linha do pensamento de Ullman (2001; 2004) e de Paradis (2009), argumentaremos que essas estratégias ajudam os aprendentes adultos de PL2 a armazenar o conhecimento na memória declarativa, processando-o conscientemente. Em alguns casos, tal como argumentado por Ullman (2004), esse conhecimento linguístico armazenado na memória declarativa é possível de passar para a memória procedimental caso o falante tenha exposição intensiva à L2, aliás, tal como indicaram também os nossos dados. Supomos, ainda, que, até ocorrer a transição do conhecimento da memória declarativa para a memória procedimental, os aprendentes adultos de PL2, que apresentam taxas altas de precisão na colocação dos pronomes clíticos no uso *off-line*, atendendo tarefas sem pressão do tempo, no uso online sugerido por Shimanskaya e Slabakova (2015), demonstrarão maiores desvios³⁰⁸.

³⁰⁸ Estudos futuros serão cruciais para verificar esta assunção.

Se os fatores que condicionam a colocação dos pronomes clíticos em português forem sintático-prosódicos, tal como na língua arménia para a colocação do Vaux clítico, fica ainda clara a semelhança das escalas de aquisição de próclise em PL2, à luz da influência de arménio L1 e da perspectiva de a mesma ser semelhante à de aquisição de PL1.

Dito isto, as duas hipóteses da presente investigação não podem ser encaradas como contraditórias, mas antes complementares. Apresentamos, assim, a nossa hipótese revista de aquisição de traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2:

Hipótese de aquisição de traços sintáticos em PL2 (reformulada): O processo de aquisição de próclise em português ocorre na interface sintaxe-prosódia e segue o mesmo trajeto em PL1 e em PL2, sendo semelhante para falantes de diversas L1 e verificando-se aquisição mais rápida de próclise nas estruturas de negação, em interrogativas parciais e nas estruturas com os advérbios focalizadores em posição pré-verbal, não sendo, porém, a generalização de ênclise um requisito categórico no estágio inicial de aquisição de PL2, mas sendo a colocação dos pronomes clíticos antes condicionada pelas particularidades da L1 do aprendente que, de propriedade para propriedade, pode resultar como efeito facilitador ou negativo na aquisição da L2.

O efeito de L1, assim, não deveria ser procurado apenas da perspectiva da escala de aquisição de próclise, comparando-a com a sugerida para a aquisição de PL1 (cf. Costa *et al.*, 2015), pois é expectável que, de uma forma geral, a aquisição de padrões sintáticos dos pronomes clíticos siga um trajeto semelhante para falantes de várias L1. A investigação nesse sentido deveria antes ser direcionada para a análise pormenorizada de cada contexto de próclise categórica, analisando a diferença entre o valor proclisador de cada item de língua para a língua, como fizemos no presente estudo, por exemplo, para os proclisadores *tudo*, *porque*, *que*.

Pergunta de Investigação 4: Será que os padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos do português são passíveis de aquisição na idade adulta?

Tendo partido da assunção de que haveria falantes de PL2 com uma mestria igual ou parecida aos falantes de PL1, a nossa predição foi encontrar evidências de aquisição, i.e.,

semelhanças entre o comportamento linguístico do grupo de PL2 e do grupo de PL1, em todos os contextos, mesmo naqueles que estão sujeitos a atrasos de desenvolvimento³⁰⁹.

Os dados da presente investigação mostraram que 6,3% (n=2) dos informantes, na idade adulta, apresentam uma mestria igual à dos falantes de PL1, tanto na seleção casual, como na distribuição sintática dos pronomes clíticos. Se os falantes de PL1 apresentam 95% e 93% de precisão, respetivamente na seleção casual e na colocação dos pronomes clíticos, estes dois falantes de PL2, no caso de seleção casual dos pronomes clíticos, são igualmente precisos, apresentando 95% e 96% de acerto e, na colocação dos pronomes clíticos, uma precisão muito semelhante à dos falantes nativos de português – 92% e 91% de acerto. Mais 9,4% (n=3) de falantes de PL2 apresentam uma taxa semelhante à taxa média de precisão da seleção dos pronomes clíticos – 96%, 94% e 92%, demonstrando aquisição completa dos traços morfológicos de pronomes clíticos na língua-alvo, mas não (ainda) na aquisição dos traços sintáticos dos mesmos (respetivamente, 83%, 71% e 66%). Prevemos dois cenários para estes falantes: (i) aquisição incompleta, por as dificuldades dos traços sintáticos residirem no domínio sintaxe-fonologia, sendo esse último afetado na aquisição tardia, o que resultará na fossilização dos traços de arménio L1 nas interlínguas destes falantes e (ii) aquisição sucedida de traços sintáticos, embora tardiamente, pois conforme mostraram os nossos dados, a aquisição dos traços morfológicos dos pronomes clíticos acontece mais cedo comparativamente com os traços sintáticos dos mesmos³¹⁰.

Além disso, 3,1% (n=1) dos falantes de PL2, demonstra uma taxa ainda superior – 96% – à taxa média de precisão no grupo de PL1 – 93% – na colocação dos pronomes clíticos, enquanto a taxa de precisão na seleção casual dos pronomes clíticos, no caso deste informante – 89%, ainda está abaixo da taxa média do grupo dos falantes nativos de português – 95%.

Entre os quatro aprendentes de PL2 que apresentam desequilíbrio entre a aquisição dos traços sintáticos e morfológicos dos pronomes clíticos, três têm exposição à L2 de ≤ 5 anos, sendo expectável que ocorra aquisição sucedida também de traços sintáticos mais tardiamente³¹¹.

Resumidamente, a aquisição completa dos traços morfológicos dos pronomes clíticos apresenta 15,6% e a dos traços sintáticos dos pronomes clíticos apresenta 9,4% dos informantes do presente estudo, sendo que 6,3% são casos de aquisição completa em ambos os domínios.

³⁰⁹ Fiéis et al. (2023) defendem que existem contextos sujeitos a atrasos de desenvolvimento na aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em PL2.

³¹⁰ Estudos futuros estão a decorrer para verificar estas possibilidades.

³¹¹ Ver a nota anterior.

É de realçar que o domínio em que os aprendentes de PL2, com precisão alta de acerto em colocação dos pronomes clíticos (i.e., quase nativos), apresentam maiores dificuldades, são as subordinadas adverbiais e completivas, sendo a taxa de ênclise entre 0% e 100% (0-91,7%, nas subordinadas adverbiais e 25-100%, nas subordinadas completivas). Contudo, entre os falantes nativos de português, informantes do nosso estudo, os desvios nesses dois domínios também são frequentes. Nas subordinadas adverbiais, 76,5% dos falantes de PL1 do nosso estudo apresentam desvios (entre 8,3% e 41,7% de ênclise). 29% dos falantes de PL1 apresentam taxa de desvio nas subordinadas completivas (entre 25% e 100% de ênclise). Logo, comparando os dados dos falantes de PL2 e PL1 ainda dessa perspectiva (ver a tabela 5.30), podemos concluir que o comportamento linguístico de pelo menos uma parte dos falantes de PL2, quanto à colocação dos pronomes clíticos nas orações subordinadas, é igual ou semelhante ao comportamento linguístico de alguns falantes de PL1.

Tabela 5.30. As taxas de desvio de falantes de PL1 e dos falantes de PL2 quase nativos, nas orações subordinadas

Informante quase nativo (tempo de exposição à L2)	Taxa de ênclise (de desvio)					
	Sub. Adv.	Média PL1	Individual PL1	Sub. Compl.	Média PL1	Individual PL1
inf.5 (5anos)	16,7%	15,2%	0%-41,7%	50%	17,6%	0%-100%
inf.7 (21anos)	33,3%			75%		
inf.32 (21anos)	33,3%			25%		
inf.29 (7 anos)	0%			25%		
inf.10 (5anos)	50%			100%		
inf.26 (2anos)	91,7%			100%		

Deste modo, o nosso estudo confirma que os padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2 são passíveis de aquisição na idade adulta.

Pergunta de Investigação 4.1: Será que os falantes de PL2 com competência linguística mais avançada apresentam melhor desempenho nos padrões de seleção casual e de colocação de pronomes clíticos do que os falantes de PL2 iniciais?

A nossa investigação mostrou que, salvo exceções pontuais, existe uma correlação entre o nível de competência em PL2 e a precisão dos aprendentes desta língua, ou seja, quanto mais alto o nível de competência do falante, geralmente melhor o desempenho linguístico, tanto na

colocação, como na seleção dos pronomes clíticos. Os padrões desviantes, i.e., quando o informante demonstra uma precisão muito melhor ou muito pior (este último acontece menos) em relação à média do grupo, são explicáveis sobretudo pelo efeito de explicitação (no caso de colocação dos pronomes clíticos) e pela influência das outras L2 (no caso de seleção casual dos pronomes clíticos).

Pergunta de Investigação 4.2: Será que após o período crítico, quanto mais cedo os aprendentes forem expostos à L2, melhores serão os resultados alcançados?

Quer da perspectiva grupal, quer da perspectiva individual, nos dados do nosso estudo, encontrámos correlação direta entre a idade em que ocorre a primeira exposição à L2 e os resultados alcançados na aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2. Observa-se uma diminuição gradual de desempenho na seleção e sobretudo na colocação dos pronomes clíticos em PL2, à medida que a idade da primeira exposição à língua-alvo cresce, tal como é verificado por Johnson e Newport (1989), para os aprendentes que começaram a estudar a L2 dentro do período crítico. Se bem que, ao nível individual, diversos fatores, como o conhecimento de outras L2, o contexto sociolinguístico em que ocorre a aquisição e as diferenças individuais de aprendentes, pontualmente ($n=2$, 6,3%), demonstram um desvio do padrão observado, indo ao encontro de argumentação de que, na aquisição tardia, é difícil encontrar uma correlação da idade de primeira exposição à língua-alvo e a competência nela alcançada (e.g., Gass & Selinker, 2008; Johnson & Newport, 1989; 1991). Contudo, encontrámos indícios de que a partir de certa idade (sugerimos 40 anos) os indivíduos, poderão perder a capacidade natural de processamento do *input* e de generalização das regras dele extraídas, necessitando de explicitação da regra para conseguirem progredir na aquisição dos padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos de PL2.

Na base dos dados do nosso estudo, podemos concluir que, globalmente (não individualmente), a morfossintaxe é um dos domínios linguísticos afetados pelo período crítico, existindo evidências, segundo sugerem alguns estudos (e.g., Birdsong, 1999; Meisel, 2011), de um declínio paulatino da aprendizagem que se expressam diferentemente dentro de diferentes domínios linguísticos. A aquisição dos traços, sobretudo sintáticos, dos pronomes clíticos em PL2, é um dos aspetos afetados pelo período crítico. Se por um lado, na aquisição tardia, não é expectável encontrar uma relação direta entre a idade da primeira exposição e os resultados alcançados na área de morfossintaxe (e.g., Hopp, 2007; Johnson & Newport, 1989; White & Genesee, 1996) e, por outro lado, a fonologia parece ser a área mais afetada, na

aquisição tardia (*e.g.*, Bongaerts *et al.*, 2000; Ellis, 2008; Kim *et al.*, 1997; Long, 1990, 2005; Patowsky, 1980; Santos & Fragozo, 2020), o facto de o nosso estudo ter demonstrado que existe um declínio paulatino de habilidade de adquirir os traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2 defende a hipótese de as dificuldades na aquisição dos traços distribucionais dos pronomes clíticos nesta língua residirem na interface sintaxe-fonologia.

A hipótese de a aquisição da próclise em PE ocorrer na interface sintaxe-fonologia explica, por um lado, porque outros estudos não encontraram diferenças significativas no domínio de morfossintaxe ao analisar o desempenho de falantes adultos de L1 e de L2 de várias línguas (*e.g.*, Hopp, 2007; Marinova-Todd, 2003; VanPatten & Benati, 2010; White & Genesee, 1996) e, por outro lado, o facto de na maioria das línguas românicas, como em catalão e em espanhol (Wexler, Gavarró & Torrens, 2003, *op. cit.*, Carmona & Silva, 2007), em italiano (Guasti, 1993/1994; 2002), em romeno (Babyonyshev & Marin, 2005) e em grego moderno *standard* (Marinis, 2000; Tsikali & Wexler, 2003), línguas em que a distribuição sintática dos pronomes clíticos é relacionada com a finitude do verbo a que se cliticizam (cf. Mavrogiorgos, 2012), não se registar desvios de colocação, na aquisição de L1, em contrapartida com as línguas, como o PE (*e.g.*, Costa & Lobo, 2008) ou o grego cipriota (*e.g.*, Neokleous 2011).

Pergunta de Investigação 4.3: Será que, na aquisição tardia, os aprendentes com uma exposição mais prolongada à língua-alvo são mais precisos nas suas produções quanto à seleção casual e à colocação de pronomes clíticos de PL2?

O nosso estudo mostrou que, na idade adulta, uma exposição mais prolongada à L2 não é garantia de aquisição sucedida, uma vez que não se revelou relação direta entre a duração de exposição à língua-alvo e o desempenho dos falantes de PL2 na colocação e na seleção dos pronomes clíticos. A afirmação de Madeira *et al.* (2006) de que quanto menor o tempo de aprendizagem, maior o predomínio de ênclise, independentemente da L1 dos aprendentes, deve ser, portanto, assumida apenas para os estádios iniciais de aquisição dos pronomes clíticos, mais precisamente nos tempos iniciais de exposição ao português, e não pode ser assumida como absoluta para todos os aprendentes dessa língua. Nos estádios intermédios e mais avançados de aquisição, essa afirmação não pode ser verdade para falantes de todas as L1 e/ou para todos os aprendentes de PL2.

A única correlação que o nosso estudo encontrou é referente ao ensino explícito, havendo indícios fortes de que quanto maior é o tempo de acesso ao ensino, melhores são os resultados alcançados em PL2, não apenas ao nível de competência geral, mas também pelo

menos num dos domínios estudados na presente investigação, na colocação dos pronomes clíticos, conforme resumimos a seguir.

Pergunta de Investigação 5: Será que o acesso à instrução explícita tem impacto positivo na aquisição das propriedades de seleção e de colocação de pronomes clíticos de PL2?

Pergunta de Investigação 5.1: Será que podemos assumir que os pronomes clíticos ACU serão adquiridos mais tardiamente por causa da sua baixa saliência fonética no *input*?

Prevíamos que os falantes de arménio L1 que aprenderam português através de instrução formal tivessem melhor desempenho na aquisição/aprendizagem dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em PL2. Já da perspetiva de seleção gramatical de pronomes clíticos, por essa questão normalmente não ser um tópico em foco durante o ensino explícito, não predizíamos encontrar diferenças significativas entre o desempenho de informantes com e sem acesso à instrução formal, sendo previsível apenas, nas produções de falantes que adquiriram PL2 em contexto de imersão, encontrar uso quantitativamente maior dos pronomes clíticos DAT, foneticamente mais salientes, e havendo uma separação mais clara entre a escolha dos clíticos em função dos traços dos seus antecedentes (ACU=[-humano]; DAT=[+humano]), em contrapartida com as produções de falantes de PL2 que aprenderam a língua em contexto formal, em que esperávamos verificar uma maior oscilação entre os pronomes clíticos ACU e DAT, independentemente dos traços [$\pm$ humano] dos seus antecedentes.

Os dados coligidos pela presente investigação mostraram que o acesso à instrução explícita realmente tem impacto positivo na aquisição/aprendizagem das propriedades de colocação dos pronomes clíticos de PL2, funcionando, na idade adulta, sobretudo como um fator acelerador de aquisição, principalmente quando o período do acesso ao ensino é prolongado (≥ 12 meses). Os nossos dados, a esse respeito, são consistentes com os resultados do estudo de Baldé (2019).

Quanto à aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, os dados da presente investigação não foram conclusivos. Apesar de, conforme esperado, não se revelarem diferenças significativas entre o desempenho dos falantes que adquiriram a língua portuguesa através de explicitação ou em contexto de imersão, para uma parte de aprendentes de PL2, o acesso ao ensino explícito parece funcionar como um fator acelerador de aquisição também na seleção casual dos pronomes clíticos. Encontrámos indícios de que, nos estádios intermédios-

iniciais de aquisição, os falantes que adquiriram português em contexto de imersão utilizam mais vezes os clíticos DAT, porém, apenas em estruturas onde o seu antecedente é uma entidade [+humano], chegando à conclusão de que a baixa saliência fonética dos pronomes clíticos ACU não parece ser um fenómeno relevante a interferir no processo de aquisição/aprendizagem dos pronomes clíticos em PL2.

Apesar disso, os dados metalinguísticos recolhidos durante a realização do teste de elicitación (ver o anexo 7) indicam que alguns dos nossos informantes (sobretudo no nível B1) têm preferência de uso dos clíticos DAT, pois, pelas palavras deles, não distinguem os clíticos ACU nos dados linguísticos (sobretudo orais) disponíveis ou soa-lhes melhor utilizar clíticos DAT.

Nas produções (semi)espontâneas também, embora haja indícios de que os clíticos DAT estão a ser utilizados mais vezes, os dados encontrados, infelizmente, não podem servir para uma análise fundamentada, neste sentido. Foram encontrados no total de 21 clíticos ACU e 31 clíticos DAT de 3.^a pessoa gramatical, nas produções de falantes que tiveram acesso ao ensino explícito, enquanto nas produções de falantes que adquiriram a língua portuguesa em contexto de imersão, encontramos apenas 1 clítico ACU e 3 clíticos DAT de 3.^a pessoa gramatical. Parece que os falantes que adquirem a língua portuguesa em contexto de imersão evitam utilizar os pronomes clíticos ACU e DAT de 3.^a pessoa gramatical.

Realçamos a necessidade de estudos futuros, para a verificação desta predição. Julgamos que a metodologia utilizada, por disponibilizar os clíticos ACU e DAT, no teste de elicitación, e o facto de uma parte dos informantes, no nível mais baixo analisado, não estarem num estágio inicial de aquisição, teve impacto nos resultados obtidos. De facto, como observado por Meisel (2011), ao investigar o “estádio inicial”, poucos estudos analisam as fases muito iniciais da aquisição numa L2 – das primeiras semanas ou dos primeiros meses de exposição à L2, concentrando-se nos períodos mais tardios, esperando fazer inferências sobre o estágio inicial através do estudo das alterações subsequentes, o que, obviamente, complica ainda mais a tarefa já difícil de avaliar os respetivos papéis do conhecimento da L1 e do acesso à GU, na aquisição inicial de L2. É possível que tenha sido o caso dos informantes do nosso estudo. Alguns deles, mesmo no nível mais baixo por nós analisado, podem realmente não estar num estágio inicial de aquisição de pronomes clíticos, embora tenhamos fundamentado que a abordagem de Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996) de que os aprendentes de uma L2 estando um mês ou mais meses em contexto de imersão linguística já não se encontram no estágio inicial de aquisição, não pode ser assumida para o caso de aquisição dos pronomes clíticos por falantes de arménio L1 e termos mostrado que pelo menos 25% dos nossos

informantes do nível B1 se encontram no estágio inicial de aquisição dos pronomes clíticos do português, mesmo após uma exposição prolongada à língua-alvo. Para a validação da predição de que os clíticos DAT serão mais vezes encontrados nas produções de falantes não nativos de português, nos estádios iniciais de aquisição dessa língua, sugerimos, em estudos futuros, analisar o uso dos pronomes clíticos ACU e DAT nos níveis mais baixos de competência em PL2: A1 e A2.

Da perspectiva de omissão dos pronomes clíticos, os dados do nosso estudo são consistentes com os resultados dos trabalhos de Madeira e Xavier (2009) e de Fiéis e Madeira (2016a), que relataram uma taxa muito pequena de omissão dos pronomes clíticos. No caso do nosso estudo, a metodologia utilizada certamente influenciou nos resultados obtidos, visto os informantes serem à partida instruídos para utilizar qualquer um dos clíticos dados para preencher o espaço em aberto nas orações. As metodologias adotadas pelos estudos de Madeira e Xavier (2009) – análise de *corpus* escrito e tarefa de julgamento de gramaticalidade – e de Fiéis e Madeira (2016a) – tarefa de juízo de valor de verdade e tarefa de produção induzida – são certamente mais fiáveis no que concerne aos dados sobre a omissão de clíticos nas produções de falantes de PL2. Contudo, não dispomos de detalhes sobre os poucos casos de omissão (4,7%) relatados por Madeira e Xavier (2009) por grupo de falantes de línguas românicas e de línguas germânicas. Se, no grupo de falantes adultos de línguas românicas, a pouca omissão de pronomes clíticos seria expectável, por as línguas francesa, italiana e espanhola apresentarem sistemas de pronomes clíticos semelhantes ao sistema pronominal do português, uma taxa maior de omissão de pronomes clíticos por falantes de línguas não românicas seria expectável nos estádios iniciais de aquisição de PL2. Assumindo que, pelo menos uma grande parte de casos de omissão de pronomes clíticos de português ocorreu no grupo de falantes de línguas não românicas e sobretudo com os pronomes de 3.^a pessoa gramatical, e tendo em conta o facto de o estudo de Fiéis e Madeira (2016a) ter demonstrado taxa alta de omissão de clíticos, no caso de falantes nativos de chinês (55,9%, nas frases simples e 14,3%, nas ilhas), o rumo de discussão seria diferente. Os dados coligidos pelo presente estudo através de análise de produção (semi)espontânea de falantes de arménio L1 (oral e escrita), mostram que os clíticos de 3.^a pessoa são incomparavelmente menos utilizados do que os de 1.^a e 2.^a pessoa gramatical. Assim, neste sentido também estudos futuros serão importantes.

De qualquer forma, os resultados do nosso trabalho evidenciam que, na idade adulta, tanto na aquisição de seleção casual, como na aquisição/aprendizagem dos padrões distribucionais, é possível chegar a competências avançadas, mesmo sem acesso ao ensino explícito, embora a aquisição seja mais lenta. Assim, afirmamos a ideia de que o acesso ao ensino explícito não é um fator que garanta a aquisição completa de uma L2, mas sim, serve como acelerador no processo de aquisição (ver Gass & Selinker, 2008 e para o caso de PL2, Baldé, 2019).

Pergunta de Investigação 6: Além da L1, as outras línguas anteriormente adquiridas por aprendizes de PL2 condicionam a aquisição dos padrões de seleção e de colocação dos pronomes clíticos em PL2?

À partida não foi negado nenhum dos modelos principais que prevê influência das línguas anteriormente adquiridas (tanto L1, como L2) para o processo de aquisição dos pronomes clíticos em PL2, resumindo-se a nossa tarefa à verificação do *transfer* (i) somente a partir de arménio L1 (Predição 6.1), (ii) somente a partir da(s) L2 (Predição 6.2), e (iii) tanto a partir de arménio L1, como da(s) L2 (Predição 6.3).

A análise dos dados recolhidos no âmbito da presente investigação revelou cenários distintos de influência das línguas anteriormente adquiridas no processo de aquisição dos padrões de colocação e de seleção dos pronomes clíticos em PL2.

Em primeiro lugar, na distribuição sintática dos pronomes clíticos de PL2, nem o russo L2, nem o inglês L2 parecem ter impacto, enquanto o arménio L1 demonstra-se como um fator significativo no processo de aquisição, constatando-se, assim, o Quadro de Transferência Absoluta da L1 (e.g., Heras, 2010; 2015; Jin, 2009; Lozano-Pozo, 2003). Ao mesmo tempo, encontrámos indícios fortes de que o processo de aquisição da próclise em PL2 por falantes de arménio L1 demonstra semelhanças com o trajeto de aquisição da próclise em PL1 e conforme mostram outros estudos anteriores (e.g., Fiéis *et al.*, 2023; Gu, 2019, 2022; Madeira *et al.*, 2006), coincide, em alguns pontos (e.g., aquisição mais rápida da próclise nas interrogativas qu-, nas estruturas de negação; aquisição tardia da próclise nas estruturas com sujeitos quantificados e nas subordinadas adverbiais causais), com os resultados de falantes de outras L1. Apesar de já termos argumentado que as semelhanças nos trajetos de falantes de diversas L1 são fruto de a aquisição da próclise em português ocorrer na interface sintaxe-fonologia, essa posição não nos permite justificar os desvios na colocação dos pronomes clíticos em PL2 somente à luz da influência de arménio L1, embora não a neguemos. Como referimos, a

influência de línguas anteriormente adquiridas deve ser idealmente estudada de propriedade a propriedade.

Quanto à aquisição dos padrões morfológicos dos pronomes clíticos em PL2, os nossos dados evidenciaram que tanto o russo L2, como o inglês L2, pontualmente, i.e., não em todos os contextos testados e não para todos os informantes, funcionam como facilitadores no processo de aquisição, sobretudo nos níveis B2 e C1, quando os aprendentes, expectavelmente já se encontram no estágio de reconfiguração de traços. A influência das outras L2 é tanto positiva, como negativa, variando de propriedade a propriedade. Ao mesmo tempo, o *transfer* negativo dos traços de arménio L1 verifica-se no caso de quase todos os falantes de PL2. Assim, os dados coligidos pelo presente estudo na aquisição dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2, tal como o estudo de Tian (2022), negam a plausibilidade do Modelo do Fator do Estatuto da L2 sugerido por Bardel e Falk (2007) e do Modelo de Melhoria Cumulativa, de Flynn *et al.* (2004), indo ao encontro do modelo de Proximidade Linguística, de Westergaard *et al.* (2017) e ao modelo da Primazia Tipológica (*Typological Primacy Model*, TPM), de Rothman (2010; 2015), que assumem uma possibilidade do *transfer* tanto da L1, como da(s) L2, de propriedade a propriedade, prevendo uma maior possibilidade de ocorrer transferência entre as línguas tipologicamente próximas. No processo da aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, a proximidade estrutural, com efeito, é determinante para a seleção da fonte de transferência, no caso de falantes de arménio L1. Contudo, antes da seleção da fonte de transferência, é necessário que o aprendente dê conta de diferenças estruturais entre a L1 e a língua-alvo, só após o qual, e uma vez verificando que a L1 não fornece evidências positivas, começa a procurar estratégias de superar as dificuldades encaradas, recorrendo ao repertório das estruturas disponíveis noutras línguas adquiridas. Neste processo, como a motivação e capacidade de memorização, tanto a aptidão linguística e ainda o contexto sociolinguístico em que ocorre a aquisição da L2 são fatores cruciais, pois apenas os falantes que demonstram conhecimento explícito e capacidade de generalização das regras gramaticais nas outras L2 conseguem transferir o conhecimento acerca de uma L2 para a L3/Ln, sendo o acesso à explicitação crucial ainda nesse sentido. Assim, o conjunto de fatores que medeiam o processo de aquisição de uma nova língua na idade adulta aponta para a Teoria de Complexidade (*Complexity Theory*) de Larsen-Freeman (2011), que, a nosso ver, explica os distintos comportamentos linguísticos entre os aprendentes.

Capítulo 6. Considerações finais

A presente investigação discutiu a aquisição dos padrões morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2, variedade europeia, por falantes de arménio L1, adultos, que se encontram em vários estádios de aquisição e que adquir(ir)am a língua portuguesa com e sem acesso ao ensino explícito. Procurou-se compreender se o processo de aquisição de PL2 é semelhante ao trajeto da aquisição dos pronomes clíticos em PL1 e/ou é mediada pelo conhecimento linguístico anteriormente adquirido, dando uma atenção particular à língua materna, conforme previsto pela HRT de Lardiere (2008: 2009), mas também tendo em conta o russo L1/L2 e o inglês L2 dos aprendentes, como fonte de transferência (ver Rothman *et al.*, 2019).

Após o enquadramento teórico do presente estudo no capítulo 1, no capítulo 2, seguindo as sugestões para a caracterização de pronomes complemento de português (*e.g.*, Duarte & Matos, 2000; Martins, 1994; 2013; Mateus *et al.*, 2003; Vigário, 2003) e de arménio (*e.g.*, Atcharyan, 2005; Papoyan & Badikyan, 2003), foram comparativamente discutidos os traços morfossintáticos dos pronomes complemento de arménio – unidades lexicais tónicas – e de português – unidades lexicais átonas, prevendo-se que as diferenças estruturais descritas entre o português e o arménio interferissem no processo de aquisição dos pronomes clíticos em PL2, tanto da perspetiva da sua colocação, como da sua seleção numa frase. Ao mesmo tempo, previmos que o conhecimento implícito sobre a colocação do Vaux de arménio – clítico – fosse transferido para o português, embora para uma outra categoria – pronomes pessoais –, fazendo como que o trajeto de aquisição da próclise também fosse influenciado pelos traços semânticos e sintático-prosódicos instanciados na L1 dos aprendentes. Além da influência do conhecimento linguístico anteriormente adquirido, a presente investigação preocupou-se também com a importância do ensino explícito, da idade da primeira exposição e da duração da exposição à língua-alvo, do contexto sociolinguístico disponível, no processo de aquisição de PL2, bem como da questão de a aquisição (quase) completa dos traços morfossintáticos de pronomes clíticos ser possível após o período crítico e, conforme sugerido por Tsimpli (2014), com a possibilidade de envolver interfaces diferentes, no caso, interfaces sintaxe-morfologia e sintaxe-fonologia.

A análise dos dados, recolhidos através de um teste de produção elicitada, permitiu-nos chegar a conclusões importantes que serão apresentadas de uma forma sucinta, neste capítulo final. Por fim, retomaremos ainda as questões que ficaram em aberto e apresentaremos sugestões para trabalhos futuros.

Assim, os dados do nosso estudo evidenciaram que a apropriação dos traços tanto sintáticos, como morfológicos dos pronomes clíticos do português ocorre gradualmente, sendo a configuração de traços, nas gramáticas dos informantes dos níveis mais baixos analisados, mais próxima à configuração de traços instanciados na sua língua materna, havendo também indícios fortes de efeito da língua materna nos níveis intermédios e avançados, embora cada vez menores, o que comprova a Hipótese 1 da presente investigação, evidenciando que o ponto de partida para a aquisição dos pronomes clíticos em PL2, tanto dos seus padrões sintáticos, como morfológicos, é a L1 dos aprendentes – arménio –, e que a L1 medeia todo o processo de aquisição de pronomes clíticos em L2. O efeito da L1 pode ter impactos diferentes na aquisição dos traços morfológicos e sintáticos dos pronomes clíticos em PL2, funcionando diferentemente de propriedade para propriedade, ora atuando como acelerador no desenvolvimento linguístico, ora interferindo no processo de aquisição e sendo o responsável pelos desvios persistentes.

Mesmo assim, nem todos os fenómenos observados no processo de aquisição dos pronomes clíticos em PL2 podem ser explicados apenas à luz da influência da L1. Se no caso dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2 não encontrámos evidências fortes de que a aquisição ocorresse de uma forma semelhante à de PL1, para a aquisição dos traços sintáticos de pronomes complemento de português, a Hipótese 2 da presente investigação, que previa aquisição semelhante em PL1 e em PL2, não pode ser negada. A análise dos dados ao nível grupal mostrou mais argumentos a favor da hipótese que previa a influência de arménio L1 na aquisição da próclise em PL2. Contudo, indícios de plausibilidade da Hipótese 2 da presente investigação também foram encontrados. Ao nível individual, mesmo havendo indícios fortes de influência de arménio L1 na reconfiguração dos traços sintáticos de pronomes complemento em PL2 na maioria dos casos, para uma parte dos informantes, encontrámos pontos fundamentais que vão ao encontro da Hipótese 2, evidenciando aquisição semelhante em PL1 e em PL2. Argumentámos que o facto de a aquisição seguir um trajeto semelhante em PL1 e em PL2, não apenas para os falantes de arménio L1, mas também para outros falantes de diversas L1 (cf. Fiéis *et al.*, 2023; Gu, 2019; 2022; Madeira & Xavier, 2009; entre outros) é devido ao facto de a distribuição sintática dos pronomes clíticos do português envolver ainda o domínio prosódico. Portanto, a aquisição da próclise em PL2 ocorre na interface sintaxe-fonologia, indo essa hipótese ao encontro da abordagem sugerida por Tsimpli (2014) e explicando as dificuldades persistentes de aprendentes adultos nesse domínio de língua portuguesa (Hipótese de Interface, de Sorace & Filiaci, 2006). Por a fonologia ser um dos

aspectos linguísticos mais afetados na aquisição tardia (ver Ellis, 2008; Kim *et al.*, 1997; Long, 1990, 2005; Santos & Fragozo, 2020; entre outros), é natural que a maior parte dos aprendentes, demonstre melhor desempenho na próclise primeiramente nas estruturas de negação, na presença de advérbios focalizadores/enfatizadores e nas interrogativas *qu-*, e, mesmo tendo chegando a um nível de competência avançada em PL2, continuem a apresentar desvios na colocação dos pronomes clíticos desta língua. Ao mesmo tempo, por o arménio e o português terem clíticos (embora em categorias diferentes), cuja distribuição ao nível sintático argumentámos ser condicionada pelas propriedades prosódicas da frase, que na maioria são partilhadas por ambas as línguas (*e.g.*, ênfase no marcador de negação, nos pronomes e advérbios interrogativos, nos advérbios focalizadores), o trajeto de aquisição da próclise tem muitos pontos em comum, embora a influência de arménio L1 seja sentida até nos níveis mais avançados. Assim, foi sugerido considerar as duas hipóteses da presente investigação como sendo complementares:

Hipótese de aquisição de traços sintáticos dos pronomes clíticos em PL2: O processo de aquisição de próclise em português ocorre na interface sintaxe-prosódia e segue o mesmo trajeto em PL1 e em PL2, sendo semelhante para falantes de diversas L1 e verificando-se aquisição mais rápida de próclise nas estruturas de negação, em interrogativas parciais e nas estruturas com os advérbios focalizadores em posição pré-verbal, não sendo, porém, a generalização de ênclise um requisito categórico no estágio inicial de aquisição de PL2, mas sendo a colocação dos pronomes clíticos antes condicionada pelas particularidades da L1 do aprendente que, de propriedade para propriedade, pode resultar como efeito facilitador ou negativo na aquisição da L2.

Ainda no que toca à influência do conhecimento linguístico anteriormente adquirido, é inegável a influência das outras línguas anteriormente adquiridas, na seleção casual dos pronomes clíticos, embora, nos casos particulares e de propriedade a propriedade, quando existe uma proximidade tipológica entre a L2 adquirida e a L3 a ser aprendida e, especialmente, quando o aprendente apresenta conhecimento explícito sobre a estrutura de L2 já adquirida.

Se, no caso de aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos, um fator importante na aquisição de uma nova língua, na idade adulta, é o conhecimento linguístico explícito sobre a estrutura de línguas já adquiridas, na aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em PL2 o acesso ao ensino explícito um peso importante. Os dados da nossa investigação evidenciaram que o acesso, sobretudo prolongado (≥ 12 meses), à instrução sobre

a L2 permite uma maior precisão na colocação dos pronomes clíticos de português em todos os estádios de aquisição da língua. Embora não haja uma correlação direta entre o acesso ao ensino explícito e o desempenho na seleção casual dos pronomes clíticos, talvez por a estrutura verbal não ser um tópico-alvo a que se dedique uma atenção particular durante a explicitação, encontrámos indícios de que a aquisição desse domínio em PL2 também pode ser acelerado como fruto de acesso à instrução sobre língua, questão a ser verificada em trabalhos futuros.

Constata-se que as dificuldades na aquisição de clíticos em PL2 (relatados por Gu, 2019; Madeira & Xavier, 2009; Pereira, 2022; Rosário, 2005; entre outros) não se encontram no domínio da morfossintaxe, devido à aquisição dos traços sintáticos e dos traços morfológicos dos pronomes clíticos em PL2 ser sensível à influência de fatores diferentes, bem como por (quase) não haver sobreposição significativa de desvios na seleção e na colocação de pronomes complemento de português a partir do nível B2 e pelo facto de se observarem ritmos diferentes de aquisição na seleção e na colocação dos pronomes clíticos (ao nível individual sendo ainda mais heterógenos). Contudo, encontrámos evidências de que, nos estádios mais precoces de aquisição, existe uma maior sobreposição de desvios na colocação e na seleção casual dos pronomes clíticos, possivelmente condicionada pelos traços morfossintáticos de pronomes complemento na L1 dos aprendentes e havendo necessidade de verificação dessa hipótese em estudos futuros.

Embora sejam adquiridos a ritmos e em domínios diferentes, tanto os traços sintáticos, como os traços morfológicos dos pronomes clíticos do português, não instanciados na gramática da L1 dos aprendentes, são passíveis de aquisição na idade adulta, tal como previsto pela Hipótese de Interface (Sorace & Filiaci, 2006) e pela HRT (Lardiere, 2008; 2009; Shimanskaya & Slabakova, 2015) e conforme já mostrado por Fiéis *et al.* (2023) para os falantes de espanhol L1, aprendentes de PL2.

Quanto à idade da primeira exposição à língua-alvo, o nosso estudo, ao contrário do que foi observado por alguns estudos na área de morfossintaxe que analisaram o desempenho de falantes adultos de L1 e de L2 de várias línguas (*e.g.*, Hopp, 2007; Marinova-Todd, 2003; VanPatten & Benati, 2010; White & Genesee, 1996), mostrou uma diminuição gradual de desempenho na seleção e sobretudo na colocação dos pronomes clíticos em PL2, à medida que a idade da primeira exposição à língua-alvo cresce, tal como é verificado por Johnson e Newport (1989), para os aprendentes que começaram a estudar a L2 dentro do período crítico. Conforme a nossa investigação, de uma forma geral, quanto mais cedo os aprendentes começam a estudar português, melhores desempenhos terão sobretudo na colocação dos pronomes clíticos do português, o que mais uma vez constata a possibilidade de a aquisição da

próclise em português envolver a interface sintaxe-fonologia, pois, como já referido (cf. Ellis, 2008; Kim *et al.*, 1997; Long, 1990, 2005; Santos & Fragozo, 2020; entre outros), no domínio de fonologia, também se observar um declínio gradual de habilidades de aprender uma língua nova na idade adulta.

Sobressaem dessa generalização casos particulares de aprendentes que, mesmo tendo começado a estudar português por volta dos 25, 30 anos de idade, apresentam aquisição (quase) completa das propriedades morfossintáticas dos pronomes clíticos do português, não instanciados na sua L1. O comportamento linguístico de alguns falantes de PL2, desviante do padrão observado no nível em que se encontram, apontam para a importância do contexto sociolinguístico de aquisição, mas sobretudo para as características individuais de aprendentes (motivação, aptidão linguística, conhecimento explícito da gramática da sua L1 e das outras L2 adquiridas, capacidade de generalização de regras gramaticais, entre outros), no processo de aquisição de uma nova língua após o período crítico (ver, *e.g.*, Luk & Rothman, 2022), a que se deve uma maior atenção em trabalhos futuros.

Ao contrário da idade da primeira exposição, não encontramos evidências de que a exposição mais prolongada à L2 fosse garantia de melhor desempenho na colocação e na seleção dos pronomes clíticos. Contudo, segundo referimos, vimos que uma exposição mais prolongada ao ensino explícito normalmente resulta em melhor desempenho na seleção e na colocação dos pronomes clíticos em PL2.

Quanto à seleção, o problema é meramente morfológico. Primeiramente, é necessário dar atenção a essa questão nos manuais destinados ao ensino de PLE/PL2. Recomendamos explicitar que os clíticos ACU podem substituir um antecedente nominal com traço [+humano] e que os clíticos DAT podem ser utilizados com os antecedentes [-humano], oferecendo *input* rico e variado, possibilitando a aquisição da estrutura argumental dos verbos portugueses, desde os níveis iniciais de aprendizagem de PLE/PL2.

Como qualquer outro, o nosso estudo também tem pontos fracos e limitações.

Em primeiro lugar, os resultados de cada estudo estão condicionados pela amostra disponível e o nosso estudo não é exceção.

Além disso, achamos que as escolhas metodológicas tiveram algum impacto nos resultados obtidos, sobretudo no nível B1. Condicionado pelo formato do teste de elicitación – de preenchimento de espaços –, disponibilizamos, nas opções de escolha, tanto os clíticos ACU, como os DAT. Esse facto, a nosso ver, condicionou os resultados obtidos, não nos permitindo ter uma imagem verídica do uso quantitativo de pronomes ACU e DAT, nos

estádios iniciais de aquisição dos pronomes clíticos em PL2. Apesar de, em termos gerais, termos observado um equilíbrio de uso entre os clíticos ACU e DAT, logo a partir do nível B1, o nosso estudo mostrou que, em vários estádios de aquisição, têm maior predomínio de uso ora os clíticos ACU, ora os clíticos DAT, que se adquirem (quase) paralelamente, não havendo fundamentos sólidos para a afirmação de que os clíticos ACU estão a ser adquiridos em primeiro lugar (Tian, 2022). Existe, portanto, necessidade de mais estudos que analisem o uso de pronomes ACU e DAT nos estádios mais precoces de aquisição de PL2, por falantes de diversas L1, preferencialmente com sistema pronominal diferente do português. A diferença existente entre os verbos ao nível de restrição semântica em L1 e em L2 em análise é um aspeto crucial a ter em consideração em pesquisas futuras.

O teste de eliciação pode ser melhorado em vários aspetos. O uso do verbo *ensinar* para testar a seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, à luz de influência do traço [±humano] derivante da gramática da L1 de aprendente, não foi o mais adequado. Identicamente e conforme referido na secção 2.2.7, o verbo *acrescentar* também deveria ser substituído por um verbo cuja regência seja mais restrita quanto ao traço [-humano] dos seus complementos (e.g., *misturar*).

Ao testar a aquisição da próclise em PL2, o complementador *que* não deverá ser utilizado apenas em contextos onde introduz subordinadas completivas complemento de verbos declarativos, apresentativos, de crença e conhecimento, de percepção, em variação em português contemporâneo (cf. Martins, 2013). Ao construir o teste de eliciação, preocupamo-nos com a questão de utilizar léxico acessível para os aprendentes de PL2 dos níveis mais baixos, escolhendo verbos declarativos, de crença e conhecimento (e.g., *dizer, achar, saber*), mas deixando de fora esse pormenor.

Seria importante, ainda, estudar a aquisição da próclise por falantes de arménio L1, na presença de quantificadores *todos* e *alguns*.

Ainda no que toca à composição do teste de eliciação, achamos relevante rever a lista dos complementadores adverbiais, analisando a aquisição da próclise na presença de complementadores que não sejam homónimos aos pronomes e advérbios interrogativos (e.g., *se, mal*).

Além das sugestões para redesenhar o teste, outra questão também é para ter em consideração em pesquisas futuras, dependendo dos objetivos do estudo. O facto de termos disponibilizado apenas os pronomes clíticos como opções de escolha no teste de eliciação não nos permitiu recolher informação pertinente sobre outros fenómenos característicos para o desenvolvimento linguístico observado na aquisição de L2 dos clíticos pronominais, como o

uso de pronomes fortes ou demonstrativos, omissão de objeto ou reduplicação do clítico (*e.g.*, Madeira *et al.*, 2006), encontrados também nas produções (semi)espontâneas de falantes de arménio L1, ficando, assim, algumas dúvidas e questões ainda por responder. De facto, no desenho do teste de eliciação, inicialmente tínhamos tido esse facto em consideração, tendo incluído nos distratores verbos que seleccionam objeto introduzido por uma preposição (*e.g.*, *olhar*, *esperar*, *confiar*) e tendo disponibilizado os pronomes *ele(a)* e *eles(as)*, na lista dos pronomes a serem seleccionados para o preenchimento do espaço. Porém, ao realizarmos a primeira pilotagem do teste junto de um falante não nativo (nível B1.2), apercebemo-nos de que existe uma forte tendência para o uso dos pronomes retos na posição de OD e OI de português. Apesar de nos fornecer dados valiosos, a utilização desse teste não nos iria permitir analisar a influência de traços existentes em arménio, na seleção do caso gramatical dos pronomes clíticos de português. Portanto, tomamos a decisão de alterar os distratores. Em vez dos verbos com regência de um SP, os mesmos verbos que estavam a ser testados no teste, nos distratores seleccionavam pronomes clíticos de 1.^a e de 2.^a pessoas do singular. Assim, em estudos futuros, sugerimos adotar abordagens metodológicas pertinentes que permitam a observação de fenómenos característicos para a aquisição dos pronomes clíticos em português, tais como omissão, reduplicação de clítico, substituição do mesmo por um pronome forte ou demonstrativo.

Para finalizar, apesar de termos respondido à maioria das questões levantadas ao longo da presente investigação, algumas ficaram ainda por esclarecer e outras foram surgindo. De uma forma geral, procurámos não contornar nenhuma que tivesse uma relação direta com o tópico deste trabalho. Porém, existem ainda muitas questões a serem abordadas futuramente.

- Depois de ser redesenhado, o teste de eliciação pode ser aplicado aos falantes de PL2 dos níveis mais baixos de competência linguística (A1 e A2), mesmo que haja um número grande de abandono de tarefa e/ou recurso a outras estratégias de evitamento de uso dos pronomes clíticos. Os resultados dessa amostra, sendo comparados com os dados do presente estudo, dar-nos-ão uma imagem mais holística sobre o percurso de desenvolvimento do conhecimento linguístico acerca dos pronomes clíticos em PL2.

- Outro estudo ainda poderá analisar a aquisição dos pronomes clíticos em PL2 junto de falantes que tiveram o primeiro contacto com a língua-alvo ainda dentro do período crítico. Poucos estudos de aquisição da sintaxe de PL2 incidem sobre essa população (*e.g.*,

Fonseca, 2010; Santos & Flores, 2013), tanto quanto sabemos, não existindo ainda nenhum que analise a aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2.

- Sugerimos verificar a hipótese de a partir de cerca de 40 anos de idade os indivíduos, geralmente, perderem a capacidade natural de aquisição de uma L2, sendo o papel do ensino explícito e as diferenças individuais (sobretudo a motivação dos aprendentes tardios) dos fatores fundamentais para a análise.

- Embora tenhamos constatado um desenvolvimento gradual de conhecimento linguístico acerca dos traços morfológicos e sintáticos dos pronomes clíticos do português, nas produções de falantes de arménio L1, do nível B1.1 para o nível C1.2, é preciso ter em conta que, ao discutir os resultados de níveis diferentes de competência em PL2, os dados de diferentes indivíduos estão em análise e, conforme já mencionado, as diferenças individuais são fatores importantes na aquisição tardia de uma nova língua. Deste modo, para uma imagem mais sólida do trajeto de apropriação dos traços sintáticos e morfológicos dos pronomes clíticos em PL2, entre os estádios mais precoces e os estádios mais avançados de aquisição, seria fundamental recorrer a estudos longitudinais, analisando a evolução na aquisição dos mesmos indivíduos, seguindo o exemplo do inf.29 da presente investigação.

- Além da verificação da hipótese de interface sintaxe-fonologia, existindo já evidências de que os traços morfossintáticos dos pronomes clíticos ausentes na gramática da L1 do aprendente são passíveis de aquisição na idade adulta, seria importante estudar os padrões de colocação e de seleção dos pronomes clíticos do PL2, durante o uso online, definido como o último estádio de aquisição à luz da HRT por Shimanskaya e Slabakova (2015) e/ou ao nível de *spell-out*. A previsão nesse sentido é encontrar maiores desvios de colocação e de seleção dos pronomes clíticos em PL2 durante o uso online de língua, nas produções mesmo de falantes de arménio L1 que apresentam altas taxas de precisão na colocação dos pronomes clíticos no uso *off-line*, enquanto atendem tarefas sem pressão do tempo.

- O nosso estudo encontrou ainda evidências do recurso à personificação nas produções de falantes de arménio L1 no nível B1, mas praticamente inexistente nos níveis B2 e C1, um fenómeno interessante, notado também por Tian (2022), que poderá ser futuramente estudado no processo de aquisição de L2 à luz de transferência da L1, nos estádios mais precoces de aquisição de PL2.

- Da perspetiva da aquisição da seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, sugere-se verificar a hipótese de a seleção dos clíticos DAT com os antecedentes [+humano] e

o uso dos clíticos ACU com os antecedentes [–humano] ser um princípio universal de que partem os aprendentes de PL2, independentemente da sua L1.

- Da perspectiva da influência das outras L2 anteriormente adquiridas, tendo o nosso estudo encontrado um efeito positivo do inglês L2 e uma interferência do russo L2 na aquisição de seleção casual dos pronomes clíticos em PL2, embora pontualmente, seria pertinente analisar o impacto de outras L2 no desenvolvimento linguístico desse domínio por falantes de arménio L1. Nesse sentido, não conseguimos dar uma atenção suficiente ao francês L2, por existirem apenas dois informantes no presente estudo a dominarem essa língua suficientemente bem para ser expectável encontrar a sua influência na aquisição de PL2 (Rothman *et al.*, 2019). Por outro lado, tendo encontrado indícios de que o inglês L2 é privilegiado em relação ao russo L2, parece que a questão não é apenas a proximidade linguística da estrutura, mas a capacidade de os aprendentes darem conta de diferenças e/ou de semelhanças existentes entre as estruturas de duas línguas. Portanto, achamos que, na seleção da fonte de transferência, terá primazia a língua cuja estrutura é explícita para os falantes, sendo seleccionada a língua que aprenderam através de explicitação e/ou de cuja estrutura têm conhecimento explícito.

- Levantámos, durante a análise dos dados, a hipótese de dupla generalização, que sugere interligação da aquisição de próclise nas subordinadas adverbiais e nas interrogativas parciais, prevendo que, nos estádios intermédios de aquisição dos pronomes clíticos, a próclise seja menos utilizada nas interrogativas parciais (em comparação com as estruturas negativas e as introduzidas por um advérbio focalizador/enfatizador), devido ao efeito negativo de generalização da ênclise nas subordinadas adverbiais (de aquisição tardia). Já nos estádios mais avançados de aquisição, supomos que primeiramente ocorra aquisição da próclise nas interrogativas parciais, fazendo com que a taxa de próclise nas subordinadas adverbiais também suba consideravelmente. É nossa previsão que a última etapa desse fenómeno seja a aquisição (quase) completa da próclise tanto nas interrogativas parciais, como nas subordinadas adverbiais, ou, no cenário de a reconfiguração de traços falhar, a fossilização, sobretudo nas subordinadas adverbiais, que se revelam de aquisição tardia. Embora no nosso estudo tenhamos encontrado evidências que corroboram as predições feitas, essa hipótese necessita de verificação.

- O caso do complementador *porque*, na verificação da hipótese de dupla generalização, pode revelar-se de forma distinta, pelas características semânticas e prosódicas que carregam em situações discursivas distintas. Ainda no que diz respeito ao complementador

porque, os dados do nosso estudo indicam que, mesmo nas produções de falantes de PL1, a interpolação entre o complementador e o clítico é um fator que influencia a colocação do último em relação ao verbo (35,7% de ênclise), o que é explicado por nós pela presença da quebra prosódica, que, pelo menos em arménio, motiva o clítico permanecer na posição pós-verbal, por não poder atravessar fronteiras de sintagmas entoacionais. Seria importante explorar essa ideia em investigação futura.

- Podem ser objeto de estudos futuros, ainda, os desvios morfológicos (de género, de pessoa, de número, bem como na alteração morfofonológica de clítico e do seu hospedeiro), nas produções quer de falantes de PL2, quer de PL1, de que o presente estudo deu conta.
- Haverá necessidade, ainda, de mais trabalhos que analisem a interdependência de aquisição dos traços morfológicos e dos traços sintáticos dos pronomes clíticos, nos estádios precoces de aquisição de PL2, sobretudo junto de falantes de L1 que não possuem pronomes clíticos.

Em suma, acreditamos ter contribuído para uma melhor compreensão do processo em foco – a aquisição dos traços morfossintáticos dos pronomes clíticos em PL2 – e de ter aberto outras interessantes linhas de investigação.

Bibliografia

Abeghyan, M. (1965). *Հայոց լեզվի տեսություն* [Hayots' lezvi tesut'yun – Teoria de lingua arménia]. Միտք հրատարակչություն [Mitk' hratarakch'ut'yun – Publicações Mitk]

Abeghyan, M. (1971). *Հայոց լեզվի տաղաչափություն. մետրիկա* [Hayots' lezvi taghachap'ut'yun. Mertrika – Métrica da língua arménia]. Հայկական ՍՍՀ ԳԱ հրատարակչություն [Haykakan SSH GA hratarakch'ut'yun – Publicações da Academia de Ciências da República Soviética da Arménia].

Abrahamsson, N., & Hyltenstam, K. (2009). Age of Onset and Nativelikeness in a Second Language: Listener Perception versus Linguistic Scrutiny. *Language Learning*, 59(2), 249-306. DOI: [10.1111/j.1467-9922.2009.00507.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2009.00507.x)

Abrahamyan, A. (1962). *Բայր ժամանակակից հայերենում* [Bayë zhamanakakits' hayerenum – O verbo em arménio moderno]. Երևանի համալսարանի հրատարակչություն [Yerenavi hamalsarani hratarakch'ut'yun – Publicações da Universidade de Erevan].

Abrahamyan, S., Arakelyan, V. D., & Kosyan, V. (1975). *Հայոց լեզու. Շարահյուսություն* [Hayots' lezu: sharahyusut'yun – Língua arménia: Sintaxe] (vol. 2). Հայկական ՍՍՀ ԳԱ հրատարակչություն [Haykakan SSH GA hratarakch'ut'yun – Publicações da Academia de Ciências da República Soviética da Arménia].

Abukhattala, I. (2013). Krashen's Five Proposals on Language Learning: Are They Valid in Libyan EFL Classes. *English Language Teaching*, 6(1), 128-131. DOI: [10.5539/elt.v6n1p128](https://doi.org/10.5539/elt.v6n1p128)

Acharyan, H. (2005). *Լիակատար քերականություն հայոց լեզվի. Իմաստաբանություն, բառաբանություն, շարահյուսություն* [Liakatar k'erakanut'yun hayots' lezvi. Imastabanut'yun, barak'nnut'yun, sharahyusut'yun – Gramática completa da língua arménia: Semântica, léxico, sintaxe]. Երևանի համալսարանի հրատարակչություն [Yerenavi hamalsarani hratarakch'ut'yun – Publicações da Universidade de Erevan].

Alexandre, N., & Gonçalves, R. (2018). Language Contact and Variation in Cape Verde and São Tome and Principe. In L. Álvarez; P. Gonçalves & J. Avelar (Eds.), *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (pp. 237-265). John Benjamins. <https://benjamins.com/catalog/ihll.20>

Asilbekyan, Sh. (2012). *Ժամանակակից հայերենի շարադասության ձևային նկարագրություն (UNL միջավայրում)* [Zhamanakakits' hayereni sharadasut'yan dzevayin nlikaragrap'utyun (UNL mizhavayrnum)]

nkaragrut'yun (UNL mijavayrum) – Descrição da sintaxe do arménio moderno (no âmbito UNL)] [Tese de doutoramento, Instituto de línguas em nome de Hratchya Acharyan]. Repositório científico da Biblioteca nacional da Arménia. <https://etd.nla.am/2880/>

Avetisyan, Y., & Zakaryan, H. (2012). Հայոց լեզու [*Hayots' lezu – Língua arménia*]. Չանգակ-97 [*Zangak-97 – Zangak-97*].

Babyonyshev, M., & Marin, S. (2005). The Acquisition of Object Clitic Constructions in Romanian. In G. S. Randall & E. J. Rubin (Eds.), *Theoretical and Experimental Approaches to Romance linguistics* [*Current Issues in Linguistic Theory* 272] (pp. 21-40). John Benjamins.

Badikyan, Kh. (1976). *Ժամանակակից հայերենի պարզ նախադասությունների շարադասությունը* [*Zhamanakakits' hayereni parz nakhadasut'yan sharadasut'yuně – A sintaxe em frases simples do arménio moderno*]. Երևանի համալսարանի հրատարակչություն [*Yerenavi hamalsarani hratarakch 'ut 'yun – Publicações da Universidade de Erevan*].

Bahrani, T. (2011). The Implications of the Monitor Theory for Foreign Language Teaching. *Asian Social Science*, 7(10), 281-284. DOI: [10.5539/ass.v7n10p281](https://doi.org/10.5539/ass.v7n10p281)

Baldé, N. R. (2011). *A aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/4137>

Baldé, N. R. (2019). *Aquisição de interrogativas-Wh múltiplas em português L2* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/41713>

Barbosa, P. (1993). Clitic Placement in Old Romance and European Portuguese. *Papers from the 29th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1-40. University of Chicago.

Barbosa, P. (1996). Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects. In A Halpern & A. Zwicky (Eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena* (pp. 1-40). CSLI Publications.

Barbosa, P. (2000) Clitics: A Window into the Null Subject Property. In J. Costa (Org.), *Essays in Portuguese Comparative Syntax* (pp. 31-93). Oxford Press.

Barbosa, P. (2008). Clíticos, deslocação local e linearização cíclica. *Diacrítica, Revista do centro de estudos humanísticos da Universidade do Minho, Série ciências da linguagem*, 22, 131-156.

Barbosa P. (2013). Subordinação argumental finita. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1821-1896). Fundação Calouste Gulbenkian.

Barbosa, P., & Flores, C. (2011). Clíticos no português de herança de emigrantes bilingues de segunda geração. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 81-98.

Barbosa, P., Duarte, M., & Kato, M. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4(2), 11-52. DOI: [10.5334/jpl.158](https://doi.org/10.5334/jpl.158)

Bardel, C., & Falk, Y. (2007). The Role of the Second Language in Third Language Acquisition: The Case of Germanic Syntax. *Second Language Research*, 23(4), 459-484. DOI: [10.1177/0267658307080557](https://doi.org/10.1177/0267658307080557)

Bardel, C., & Sánchez, L. (2017). The L2 Status Factor Hypothesis Revisited: The Role of Metalinguistic Knowledge, Working Memory, Attention and Noticing in Third Language Learning. In T. Angelovska & A. Hahn (Eds.), *L3 Syntactic Transfer: Models, New Developments and Implications* (pp. 85-102). John Benjamins.

Benati, A. (2004). The Effects of Structured Input Activities and Explicit Information on the Acquisition of the Italian Future Tense. In B. VanPatten (Ed.), *Processing Instruction: Theory, Research, and Commentary* (pp. 207-225). Lawrence Erlbaum Associates.

Birdsong, D. (1989). *Metalinguistic Performance and Interlinguistic Competence*. Springer.

Birdsong, D. (1999). Introduction: whys and why nots of the Critical Period Hypothesis for Second Language Acquisition. In D. Birdsong (Ed.), *Second Language Acquisition and the Critical Period Hypothesis* (pp. 1-22). Lawrence Erlbaum Associates.

Bley-Vroman, R. (1989). What is the Logical Problem of Foreign Language Learning? In S. Gass & J. Schachter (Eds.), *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition* (pp. 41-68). Cambridge University Press. DOI: [10.1017/cbo9781139524544.005](https://doi.org/10.1017/cbo9781139524544.005)

Bongaerts, T., Mermen, S., & Van der Slik, F. (2000). Authenticity of Pronunciation in Naturalistic Second Language Acquisition: the Case of Very Advanced Late Learners of Dutch as a Second Language. *Studia Linguistica*, 54(2), 298-308. DOI: [10.1111/1467-9582.00069](https://doi.org/10.1111/1467-9582.00069)

Borges, E. F. V. (2010). Metodologia, abordagem e pedagogia de ensino de língua(s). *Linguagem & Ensino*, 13(2), 397-414.

Brandão de Carvalho, J. (1989). Phonological conditions on Portuguese Clitic Placement: on Syntactic Evidence for Stress and Rhythmical Patterns. *Linguistics*, 27, 405-436.

Campos, M. H. C., & Xavier, M. F. (1991). A organização de uma gramática. In M. H. C. Campos & M. F. Xavier (Orgs.), *Sintaxe e semântica do português* (pp. 39-50). Universidade Aberta. ISBN 972-674-072-X.

Carmona, J., & Silva, C. (2007). A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. *Textos Seleccionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 199-210.

Carroll, S. E. (2001). *Input and Evidence: The Raw Material of Second Language Acquisition*. John Benjamins. DOI: [10.1075/lald.25](https://doi.org/10.1075/lald.25)

Carroll, S. E. (2012). When is Input Salient? An Exploratory Study of the Sentence Location Principle and Word Length. *International Review of Applied Linguistics (IRAL)* 50, 1-29.

Casa Nova, M. (2014). *Formas de realização do pronome clítico em português europeu por falantes de herança luso-franceses* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/32989>

Cenoz, J. (2003). The Additive Effect of Bilingualism on Third Language Acquisition: A review. *International Journal of Bilingualism* 7(1), 71-87.

Cresti, E., & Moneglia M. (Eds.) (2005). C-ORAL-ROM. Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages. *Romanische Forschungen*, 119(3), 385-386. DOI: [10.3196/003581207781887456](https://doi.org/10.3196/003581207781887456)

Chomsky, N. (1986). *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. Praeger.

Chomsky, N. (1995). *The Minimalist program*. MIT Press.

Comrie, B. (1988). Topics, Grammaticalized Topics, and Subjects. *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 265-279.

Comrie, B. (1989). *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. University of Chicago press.

Corder, S. P. (1967). Significance of Learners' Errors. *International Review of Applied Linguistics*, 5, 161-170. <https://ci.nii.ac.jp/naid/10008753462>

Corder, S. P. (1981). *Error Analysis and Interlanguage*. Oxford University Press.

Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2015). Input Variability and Late Acquisition: Clitic Misplacement in European Portuguese. *Língua*, 161, 10-26. [DOI:10.1016/j.lingua.2014.05.009](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2014.05.009)

Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2016). A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 365-386). De Gruyter Brill.

https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3524054/A_aquisi_o_dos_pronomes_cl_ticos_no_portugu_s_L1.pdf

Costa, J., & Grolla, E. (2017). Pronomes, clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 177-199). Language Science Press. [DOI:10.5281/zenodo.889431](https://doi.org/10.5281/zenodo.889431)

Costa, J., & Lobo, M. (2005). *Clitic Omission, Null Object or Both in the Acquisition of European Portuguese?* [Artigo de conferência]. GALA, Itália. <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/Clitic-Omission-null-objects-or-both-in-the-acquisition-of-European-Portuguese.pdf>

Costa, J., & Lobo, M. (2006). A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo? *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 285-293. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2005-23.pdf>

Costa, J., & Lobo, M. (2007). Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *Textos Seleccionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 303-313. https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/Complexidade-e-omiss%C3%A3o-de-cl%C3%ADticos_o-caso-dos-reflexos.pdf

Costa, J., & Lobo, M. (2007a). Clitic Omission, Null Objects or Both in the Acquisition of European Portuguese. In S. Baauw, F. Drijkonongen & M. Pinto (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2005* (pp. 59-72). John Benjamins. [DOI: 10.1017/cilt.291.06cos](https://doi.org/10.1017/cilt.291.06cos)

Costa, J., & Lobo, M. (2009). Clitic Omission in the Acquisition of European Portuguese: Data from Comprehension. In A. Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries*

into *Child Language Acquisition. Case Studies Across Portuguese* (pp. 63-84). Mouton de Gruyter. <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/Clitic-Omission-in-the-Acquisition-of-European-Portuguese.pdf>

Costa, J., & Lobo, M. (2010). Clitic omission is null object: evidence from comprehension. In J. Costa, A. Castro, M. Lobo & F. Pratas (Eds.), *Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2009* (pp. 96-106). Cambridge Scholars Publishing. <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/Clitic-omission-is-null-object-evidence-from-comprehension.pdf>

Costa, J., & Lobo, M. (2013). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu. *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 271-228. ISBN: 978-989-97440-2-8

Costa, J., Lobo, M., & Silva, C. (2012). Which Category Replaces an Omitted Clitic? The Case of European Portuguese. In P. Larrañaga & P. Guijarro-Fuentes (Eds.), *Pronouns and Clitics in Early Language* (pp. 105-130). Mouton de Gruyter. DOI: [10.1515/9783110238815.105](https://doi.org/10.1515/9783110238815.105)

Cresti, E., & Moneglia M. (Eds.) (2005). C-ORAL-ROM. *Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. John Benjamins.

Cristóvão, S. (2006). *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu* [Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa].

Cronbach, L., & Snow, R. (1977). *Aptitudes and Instructional Methods*. Irvington.

Cunha, C., & Cintra, L. (2017). *Nova gramática do português contemporâneo* (7.^a ed., 2.^a imp.). Lexikon.

Curtiss, S. (1977). *Genie: A Psycholinguistic Study of a Modern-day "Wild Child"*. Academic Press.

DeKeyser, R. M. (2000). The Robustness of Critical Period Effects in Second Language Acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 22(4), 499-533. DOI: [10.1017/S0272263100004022](https://doi.org/10.1017/S0272263100004022)

Donabedian-Demopoulos, A. (2010). Nom nu et tropisme typologique: le cas de l'arménien. In F. Floricic (Ed.), *Essais de typologie et de linguistique générale, mélanges offerts à Denis Creissels* (pp. 403-416). ENS Editions. https://shs.hal.science/halshs-00678577/file/nom_nu_modifie.pdf

- Dörnyei, Z. (2001). *Teaching and Researching Motivation*. Longman.
- Dörnyei, Z. (2009). Individual Differences: Interplay of Learner Characteristics and Learning Environment. *Language Learning*, 59(1), 230-248. [DOI:10.1111/j.1467-9922.2009.00542.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2009.00542.x)
- Dörnyei, Z., & Skehan, P. (2003). Individual Differences in Second Language Learning. In C. J. Doughty & H. M. Long (Eds.), *The Handbook of Second Language Acquisition* (pp. 589-630). Blackwell. [DOI: 10.1002/9780470756492.ch18](https://doi.org/10.1002/9780470756492.ch18)
- Doughty, C., & Long, M. H. (2003). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell Publishing Ltd. [DOI:10.1002/9780470756492](https://doi.org/10.1002/9780470756492)
- Dryer, M. S. (2013). Order of Subject, Object and Verb. In M. S. Dryer & M. Haspelmath (Eds.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <http://wals.info/chapter/81>
- Duarte, I. (1983). Variação paramétrica e ordem dos clíticos. *Revista da Faculdade de Letras, Universidade Clássica de Lisboa, comemorativo do cinquentenário da RFL*, 158-178.
- Duarte, I., & Costa, J. (2013). Objeto nulo. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 2339-2348). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Duarte, I. & Matos, G. (1995). *Romance Clitics and the Minimalist Program*. [Comunicação apresentada]. V Colloquium on Generative Grammar, Espanhã. https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/43757/1/2000_IDUARTE_GMATOS.pdf
- Duarte, I. & Matos, G. (2000). Romance Clitics and the Minimalist Program. In J. Costa (Org.), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies* (pp. 116-142). Oxford University Press.
- Duarte, I., Matos, G., & Gonçalves, A. (2005). Pronominal Clitics in European and Brazilian Portuguese. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4(2), 79-112. [DOI: 10.5334/jpl.161](https://doi.org/10.5334/jpl.161)
- Duarte, I., Matos, G., & Faria, I. H. (1996). Specificity of European Portuguese Clitics in Romance. In I. Hub Faria & M.J. Freitas (Eds.), *Studies on the Acquisition of Portuguese* (pp. 129-154). APL/ Edições Colibri.
- Dulay, H., & Burt, M. (1974a). Natural Sequences in Child Second Language Acquisition. *Language Learning*, 24, 37-53.

Dulay, H., & Burt, M. (1974b). You can't Learn without Goofing. In J. Richards (Ed.), *Error Analysis: Perspectives on Second Language Acquisition* (pp. 95-123). Longman.

Dulay, H., & Burt, M. (1974c). A New Perspective on the Creative Construction Process in Child Second Language Acquisition. *Working Papers on Bilingualism*, 4, 71-93. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED123877.pdf>

Dum-Tragut, J. (2002). *Word Order Correlations and Word Order Change: an "Applied-Typological" Study on Literary Armenian variants* (vol. 22). Lincom GmbH.

Dum-Tragut, J. (2009). *Armenian: Modern Eastern Armenian*. John Benjamins.

Eckman, F. (1977). Markedness and the Contrastive Analysis Hypothesis. *Language Learning*, 27, 315-330.

Eliseu, A. (2008). *Sintaxe do português*. Caminho.

Ellis, N. C. (2002). Frequency Effects in Language Acquisition: A Review with Implications for Theories of Implicit and Explicit Language Acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 24, 143-188. [DOI:10.1017/S0272263102002024](https://doi.org/10.1017/S0272263102002024)

Ellis, N. (2006). Cognitive Perspectives on SLA: The Associative-Cognitive CREED. *Themes in SLA research*, 100-121. [DOI:10.1075/aila.19.08ell](https://doi.org/10.1075/aila.19.08ell)

Ellis, N.C., & Collins L. (2009). Input and Second Language Acquisition: The Roles of Frequency, Form, and Function Introduction to the Special Issue. *The Modern Language Journal*, 93(iii), 329-335. [DOI:10.1111/j.1540-4781.2009.00893.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.2009.00893.x)

Ellis, R. (1985). *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford University Press.

Ellis, R. (1999). *SLA Research and Language Teaching*. Oxford University Press.

Ellis, R. (2005). *Instructed Second Language Acquisition: A Literature Review*. Auckland Uniservices Limited.

Ellis, R. (2008). *The Study of Second Language Acquisition* (2nd ed.). Oxford University Press.

Embick, D. (2007). Linearization and Local Dislocation: Derivational Mechanics and Interactions. *Linguistic Analysis*, 33, 303-336. <https://pt.scribd.com/doc/286369814/EMBICK-Linearization-and-Local-Dislocation-Derivational-Mechanics-and-Interactions>

Epstein, S., Flynn, S., & Martohardjono, G. (1996). Second Language Acquisition: Theoretical and Experimental Issues in Contemporary Research. *Brain and Behavioral Sciences*, 19, 677-714. DOI: [10.1017/S0140525X00043521](https://doi.org/10.1017/S0140525X00043521)

Erlam, R. (2003). The Effects of Deductive and Inductive Instruction on the Acquisition of Direct Object Pronouns in French as a Second Language. *The Modern Language Journal*, 87, 242-260. DOI: [10.1111/1540-4781.00188](https://doi.org/10.1111/1540-4781.00188)

Eubank, L. (1993/1994). On the Transfer of Parametric Values in L2 Development. *Language Acquisition*, 3, 183-208.

Eubank, L. (1994). Optionality and the Initial State in L2 Development. In T. Hoekstra & B. D. Schwartz (Eds.), *Language Acquisition Studies in Generative Grammar* (pp. 369-88). John Benjamins. DOI: [10.1075/lald.8.15eub](https://doi.org/10.1075/lald.8.15eub)

Eubank, L. (1996). Negation in Early German-English Interlanguage: More Valueless Features in the L2 Initial State. *Second Language Research*, 12, 73-106.

Faghiri, P., & Samvelian, P. (2020). Modern Eastern Armenian: OV or VO? In Sh. Akamine (Ed.), *Proceedings of the Thirty first Western Conference on Linguistics (WECOL 2019)*, 11-18. Department of Linguistics of California State University. <https://shs.hal.science/halshs-02720181v1/document>

Falk, Y., & Bardel, C. (2011). Object Pronouns in German L3 syntax: Evidence for the L2 Status Factor. *Second Language Research*, 27(1), 59-82. DOI: [10.1177/0267658310386647](https://doi.org/10.1177/0267658310386647)

Fiéis, A., & Madeira, A. (2016a). Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, 441-462. DOI: [10.26334/2183-9077/rapln1ano2016a19](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln1ano2016a19)

Fiéis, A., & Madeira, A. (2016b). Interpretação de pronomes e aquisição de dependências referenciais em português L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 2, 253-264. DOI: [10.21747/2183-9077/rapl2a11](https://doi.org/10.21747/2183-9077/rapl2a11)

Fiéis, A., Madeira, A., & Teixeira, J. (2023). Colocação de clíticos em PE L2: Percurso de desenvolvimento e estado final. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 10, 115-137. DOI: [10.26334/2183-9077/rapln10ano2023a7](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln10ano2023a7)

Fiéis, A., Madeira, A., & Xavier, M. F. (2013). Clitic Climbing in L2 Portuguese. *Proceedings of the 12th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2013)*, 39-49. <https://www.lingref.com/cpp/gasla/12/paper2982.pdf>

Flege, J. E. (2018). It's Input that Matters Most, not Age. *Bilingualism: Language and Cognition*, 21(5), 919-920. DOI: [10.1017/S136672891800010X](https://doi.org/10.1017/S136672891800010X)

Flores, C. M. (2013). Português língua não materna: discutindo conceitos de uma perspectiva linguística. In *Lidel – Edições técnicas eBooks*. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23009/1/C.Flores_PLNM%20Discutindo%20conceitos%20de%20uma%20perspetiva%20lingu%C3%AAdstica.pdf

Flores, C., Barbosa, P., & Casa Nova, M. (2016). A Closer Look at Cross-Linguistic Influence in the Acquisition of Portuguese as a Heritage Language. In S. Grucza, M. Olpinska-Szkieko e P. Romanowski (Eds.), *Bilingual Landscape of the Contemporary World* (pp. 75-94). Peter Lang Verlag. <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/42813/3/Flores%2c%20Barbosa%2c%20Casa%20Nova%202016%20in%20Bilingual%20Landscape.pdf>

Flores, C., Rinke, E., & Sopata, A. (2020). Acquiring the Distribution of Null and Overt Direct Objects in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 19(5), 1-20. DOI: [10.5334/jpl.239](https://doi.org/10.5334/jpl.239)

Flynn, S. (1987). *A Parameter-Setting Model of L2 Acquisition*. Reidel.

Flynn, S., Foley, C., & Vinnitskaya, I. (2004). The Cumulative-Enhancement Model for Language Acquisition: Comparing Adults' and Children's Patterns of Development in First, Second and Third Language Acquisition. *International Journal of Multilingualism*, 1(1), 3-16. DOI: [10.1080/14790710408668175](https://doi.org/10.1080/14790710408668175)

Fonseca, A. S. (2010). *Aquisição das propriedades morfológicas e semânticas do pretérito perfeito e imperfeito do português por falantes nativos de crioulo de Cabo Verde* [Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/5549>

Foster-Cohen, S. (1999). *An Introduction to Child Language Development*. Longman.

Frota, S. (1994). Is Focus a Phonological Category in Portuguese? In P. Ackema & M. Schoorlemmer (Eds.), *Proceedings of ConSOLE I* (pp. 69-86). Holland Academic Graphics.

Frota, S. (2000). *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. Garland Publishing.

Frota, S., & Vigário, M. (1996/2001). Efeitos de peso no português europeu. In M. H. M. Mateus & C. N. Correia (Orgs.), *Saberes no Tempo - Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos* (pp. 315-333). Colibri. <https://labfon.letras.ulisboa.pt/texts/efeitpe01.pdf>

Frota, S., & Vigário, M. (2007). Intonational Phrasing in Two Varieties of European Portuguese. In Th. Riad & C. Gussenhoven (Eds.), *Tones and Tunes* (vol. 1, pp. 265-291). DOI:10.1515/9783110207569.263

Fulcher, G. (1997). An English Language Placement Test: Issues in Reliability and Validity. *Language Testing*, 14(2), 113-138. DOI: 10.1177/026553229701400201

Gass, S. M. (1997). *Input, Interaction, and the Second Language Learner*. NJ: Erlbaum.

Gass, S. M., & Selinker, L. (2008). *Second Language Acquisition: An Introductory Course* (3rd ed.). Routledge.

Galves, Ch., & Paixão de Sousa, M. C. (2005). Clitic Placement and the Position of Subjects in the History of European Portuguese. In T. Geerts, I. van Ginneken & H. Jacobs (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2003: Selected Papers from «Going Romance»* (pp. 129-150). John Benjamins. DOI:10.1075/cilt.270.06gal

Galves, A., & Galves, Ch. (1995). *A Case Study of Prosody Driven Language Change. From Classical to Modern European Portuguese*. University of São Paulo / University of Campinas, MS. https://www.tycho.iel.unicamp.br/prfpml/fase1/papers/lang_change.pdf

García Mayo, M. P., & Rothman, J. (2012). L3 morphosyntax in the Generative Tradition: From the Initial State and Beyond. In J. Cabrelli Amaro, S. Flynn, & J. Rothman (Eds.), *Third Language Acquisition in Adulthood* (pp. 9-32). John Benjamins.

Gardner, R. C. (1985). *Social Psychology and Second Language Learning: The Role of Attitudes and Motivation*. Edward Arnold.

Gardner, R. C. (2010). *Motivation in Second Language Acquisition: The Socio-Educational Model*. Peter Lang.

Gardner, R. C., & Tremblay, P. F. (1994). On Motivation: Measurement and Conceptual Consideration. *Modern Language Journal*, 78, 524-527.

Gonçalves, A., & Raposo, E. P. (2013). Verbo e sintagma verbal. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1155-1218). Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, P. (1997). Tipologia de “erros” do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In C. Straud & P. Gonçalves (Orgs.), *Panorama do português oral de Maputo: A construção de um banco de “erros”* (Vol. 2, pp. 37-70). Elanders Gotab.

Gonçalves, R. (2013). *Objetos pronominais no português de São Tomé* [Artigo de conferência]. 5th European Conference on African Studies. African dynamics in a multipolar world, Portugal.

Gonçalves, R. (2016). *Construções ditransitivas no Português de São Tomé* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/26409>

Granena, G., & Long, M. H. (2012). Age of Onset, Length of Residence, Language Aptitude, and Ultimate L2 Attainment in Three Linguistic Domains. *Second Language Research*, 29(3), 311-343. DOI: [10.1177/0267658312461497](https://doi.org/10.1177/0267658312461497)

Grüter, T. (2006). *Object Clitics and Null Objects in the Acquisition of French* [Phd thesis, McGill University]. <https://scispace.com/pdf/object-clitics-and-null-objects-in-the-acquisition-of-french-1g106arimh.pdf>

Gu, W. (2019). Aquisição de pronomes clíticos de português europeu por falantes de chinês: dados sobre a colocação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 190-206. DOI: [10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a14](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a14)

Gu, W. (2022). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu como L2. *Rotas a Oriente*, 2, 205-226 DOI: [10.34624/ro.v0i2.27829](https://doi.org/10.34624/ro.v0i2.27829)

Guasti, M. T. (1993/1994). Verb Syntax in Italian Child Grammar: Finite and Nonfinite Verbs. *Language Acquisition* 3(1), 1-40.

Guasti, M. T. (2002). *Language Acquisition: The Growth of Grammar*. MIT Press.

Hall, Ch. J. (2005). *An Introduction to Language and Linguistics: Breaking the Language Spell*. Continuum.

Hammarberg, B. (2001). Roles of L1 and L2 in L3 Production and Acquisition. In J. Cenoz, B. Hufeisen, & U. Jessner (Eds.), *Cross-Linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives* (pp. 21-41). Multilingual Matters. <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:178594/FULLTEXT01.pdf>

Harley, B. (1989). Functional Grammar in French Immersion: A Classroom Experiment. *Applied Linguistics*, 10(3), 331-360. [DOI: 10.1093/applin/10.3.331](https://doi.org/10.1093/applin/10.3.331)

Harley, B., & Hart, D. (1997). *Language Aptitude and Second Language Proficiency in Classroom Learners of Different Starting Ages*. Cambridge University Press.

Harutyunyan, H. (1983). *Կարավարումի ժամանակակից հայերենում [Karavarumē zhamanakakits' hayerenum – A regência no arménio moderno]*. Երևանի համալսարանի հրատարակչություն [Yerenavi hamalsarani hratarakch 'ut 'yun – Publicações da Universidade de Erevan].

Hawkins, R. (1998). *The Inaccessibility of Formal Features of Functional Categories in Second Language Acquisition* [Paper presented]. PacSLRF'98, Japan.

Hawkins, R. (2000). *Explaining non-Target-Like Properties of L2 Grammars* [Talk given]. McGill University, Canada.

Hawkins, R. (2003, September). 'Representational Deficit' Theories of Adult SLA: Evidence, Counterevidence and Implications [Talk given]. EuroSLA, Scotland.

Hawkins, R., & Chan, C. (1997). The Partial Availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: the 'Failed Functional Features Hypothesis'. *Second Language Research*, 13, 187-226.

Hawkins, R., & Liszka, S. (2003). Locating the Source of Defective Past Tense Marking in Advanced L2 English Speakers. In R. van Hout, A. Hulk, F. Kuiken & R. J. Towell (Eds.), *The Lexicon-Syntax Interface in Second Language Acquisition* [*Language Acquisition and Language Disorders* 30] (pp. 21-44). John Benjamins. [DOI: 10.1075/lald.30.03haw](https://doi.org/10.1075/lald.30.03haw)

Hayrapetyan, S. (2005). *Գրքարի շարահյուսություն [Grabari sharahyusut'yun – Sintaxe do Grabar]*. Հայկական ՄԱՀ ԳԱ հրատարակչություն [Haykakan SSH GA hratarakch'ut'yun – Publicações da Academia de Ciências da República Soviética da Arménia].

Hermas, A. (2010). Language Acquisition as Computational Resetting: Verb Movement in L3 Initial State. *International Journal of Multilingualism*, 7(4), 343-362. [DOI: 10.1080/14790718.2010.487941](https://doi.org/10.1080/14790718.2010.487941)

Hermas, A. (2015). The Categorization of the Relative Complementizer Phrase in Third-Language English: A Feature Re-assembly Account. *International Journal of Bilingualism*, 19(5), 587-607. [DOI: 10.1177/1367006914527019](https://doi.org/10.1177/1367006914527019)

Herring, S. C., & Paolillo, J. C. (1995). Focus Position in SOV Languages. In P. Downing & M. Noonan (Eds.), *Word Order in Discourse* (pp. 163-198). John Benjamins.

Hodgson, K. (2013). *Discourse Configurability in Eastern Armenian: The Nominal Projection*. [Master's thesis, University of Cambridge].
https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=e9HDPfwAAAAJ&citation_for_view=e9HDPfwAAAAJ:2osOgNQ5qMEC

Hopp, H. (2007). *Ultimate Attainment at the Interfaces in Second Language Acquisition: Grammar and Processing* [PhD thesis, University of Groningen]. Grodil Press.
<https://research.rug.nl/en/publications/ultimate-attainment-at-the-interfaces-in-second-language-acquisit>

Huber, J. (1933/1986). *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg. Carl Winters. (Tradução em Português: *Gramática do português antigo*. Fundação Calouste Gulbenkian. 1986).

Hwang, S. H., & Lardiere, D. (2013). Plural-marking in L2 Korean: A Feature-based Approach. *Second Language Research*, 29(1), 57-86. DOI: [10.1177/0267658312461496](https://doi.org/10.1177/0267658312461496)

Ignácio, S. E. (2002). *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. Ribeirão.

Ilari, R. (2013). O português no contexto das línguas românicas. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 49-69). Fundação Calouste Gulbenkian.

Ionin, T. (2003). *Article Semantics in Second Language Acquisition* [PhD thesis, MIT].
<https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/7963>

Jahukyan, G. (1974). *Ժամանակակից հայերենի տեսության հիմունքները* [Zhamanakakits' hayereni tesut'yan himunk'ner – *Os fundamentos teóricos do arménio moderno*]. Հայկական ՄԱՀ ԳԱ հրատարակչություն [Haykakan SSH GA hratarakch'ut'yun – Publicações da Academia de Ciências da República Soviética da Arménia].

Jin, F. (2009). Third Language Acquisition of Norwegian Objects: Interlanguage Transfer or L1 Influence? In Y. I. Leung (Ed.), *Third Language Acquisition and Universal Grammar*, pp. 144-161. Multilingual Matters.

Johnson, J., & Newport, E. (1989). Critical Period Effects in Second Language Learning: The Influence of Maturational State on the Acquisition of ESL. *Cognitive Psychology*, 21, 60-99. [DOI: 10.1016/0010-0285\(89\)90003-0](https://doi.org/10.1016/0010-0285(89)90003-0)

Johnson, J., & Newport, E. (1991). Critical Period Effects on Universal Properties of Language: The Status of Subjacency in the Acquisition of a Second Language. *Cognition*, 39, 215-258. [DOI: 10.1016/0010-0277\(91\)90054-8](https://doi.org/10.1016/0010-0277(91)90054-8)

Kahnemuyipour, A., & Megerdumian, K. (2011). Second Position Clitics and the vP Phase: The Case of the Armenian Auxiliary. *Linguistic Inquiry*, 42, 152-162. [DOI: 10.1162/LING_a_00033](https://doi.org/10.1162/LING_a_00033)

Kahnemuyipour, A., & Megerdumian, K. (2017). On the Positional Distribution of an Armenian Auxiliary: Second-position Clisis, Focus, and Phases. *Syntax*, 20(1), 77-97. [DOI: 10.1111/synt.12129](https://doi.org/10.1111/synt.12129)

Kaiser, G. A. (1999). A evolução dos pronomes clíticos no português europeu em comparação com os pronomes clíticos em outras línguas românicas. In José Antonio S. Padilla and Magnolia Troya Déniz (Eds.), *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, III*, 1933-1943. Gran Canaria: Universidad de Las Palmas.

Kellerman, E. (1983). Now You See It, Now You don't. In S. Gass & L. Selinker (Eds.), *Language Transfer in Language Learning* (pp. 112-134). Newbury House.

Kellerman, E. (1984). The Empirical Evidence for the Influence of the L1 in Interlanguage. In A. Davies, C. Criper & A. Howatt (Eds.), *Interlanguage* (pp. 98-122). Edinburgh University Press.

Kellerman, E., & Smith, Sh. M. (1986). *Cross-linguistic Influence in Second Language Acquisition*. Pergamon.

Kim, A. H.-O. (1988). Preverbal Focusing and Type XXIII Languages. In M. Hammond, E. A. Moravcsik & J. Wirth (Eds.), *Studies in Syntactic Typology* (pp. 147-169). John Benjamins.

Kim K.H.S., Relkin N.R., Lee, K-M., & Hirsch, J. (1997). Distinct Cortical Areas Associated with Native and Second Languages. *Nature*, 388, 171-174. [DOI: 10.1038/40623](https://doi.org/10.1038/40623)

Klein, W. (1986). *Second Language Acquisition*. Cambridge University Press.

Koprowski, M. (2005). Investigating the Usefulness of Lexical Phrases in Contemporary Coursebooks. *ELT Journal*, 59(4), 322-332. [DOI: 10.1093/elt/cci061](https://doi.org/10.1093/elt/cci061)

Krashen, S. (1981). *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Pergamon Press.

Krashen, S. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Pergamon Press.

Krashen, S. (1985). *The Input Hypothesis: Issues and Implications*. Longman.

Krashen, S. D., Long, M. H., & Scarcella, R. C. (1979). Age, Rate and Eventual Attainment in Second Language Acquisition. *TESOL Quarterly*, 1979-12, 13(4), 573-582. [DOI: 10.2307/3586451](https://doi.org/10.2307/3586451)

Lado, R. (1957). *Linguistics Across Cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*. University of Michigan Press.

Ladd, D. R. (1991). Integrating Syntagmatic and Paradigmatic Aspects of Stress. *Proceedings of the XII the International Congress of Phonetic Sciences*, 283-287.

Lantolf, J. P. (1994). Sociocultural Theory and Second Language Learning: Introduction to the Special Issue. *Modern Language Journal*, 78(4), 418-420. [DOI: 10.1111/j.1540-4781.1994.tb02058.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.1994.tb02058.x)

Lantolf, J. P. (2013). *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. <http://eslenglishclassroom.com/Art-05.pdf>

Lardiere, D. (2007). Acquiring (or Assembling) Functional Categories in Second Language Acquisition. *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA)*, 233-244. Cascadia Proceedings Project. <https://www.lingref.com/cpp/galana/2/paper1564.pdf>

Lardiere, D. (2008). Feature-assembly in Second Language Acquisition. In J. Liceras, H. Zobl & H. Goodluck (Eds.), *The Role of Formal Features in Second Language Acquisition* (pp. 106-140). [DOI: 10.4324/9781315085340-5](https://doi.org/10.4324/9781315085340-5)

Lardiere, D. (2009). Some Thoughts on the Contrastive Analysis of Features in Second Language Acquisition. *Second Language Research*, 25(2), 173-227. [DOI: 10.1177/0267658308100283](https://doi.org/10.1177/0267658308100283)

Lardiere, D. (2013). Linguistic Approaches to Second Language Morphosyntax. In S. Gass & A. Mackey (Eds.), *The Routledge Handbook of Second Language Acquisition* (pp. 106-126). Routledge.

Larsen-Freeman, D. (1975). The Acquisition of Grammatical Morphemes by Adult ESL Students. *TESOL Quarterly*, 9, 409-430. DOI: [10.2307/3585625](https://doi.org/10.2307/3585625)

Larsen-Freeman, D. (2007). Reflecting on the Cognitive-Social Debate in Second Language Acquisition. *The Modern Language Journal*, 91, 773-787. DOI: [10.1111/j.1540-4781.2007.00668.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.2007.00668.x)

Larsen-Freeman, D. (2011). A Complexity Theory Approach to Second Language Development/Acquisition. In D. Atkinson (Ed.), *Alternative Approaches to Second Language Acquisition* (pp. 60-84). Routledge.

Larsen-Freeman, D. (2013). Complexity Theory: a New Way to Think. *Revista brasileira de lingüística aplicada*, 13(2), 369-373. DOI: [10.1590/s1984-63982013000200002](https://doi.org/10.1590/s1984-63982013000200002)

Leiria, I. (2004). Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. In: *Idiomático. Revista digital de didáctica de PLN*, 3, 1-11. <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>

Lennenberg, E. (1967). *Biological Foundations of Language*. John Wiley.

Leow, R. P. (2015). *Explicit Learning in the L2 Classroom: A Student-Centered Approach*. Routledge. DOI: [10.4324/9781315887074](https://doi.org/10.4324/9781315887074)

Levelt, C., & Van de Vijver, R. (2004). Syllable Types in Cross-linguistic and Developmental Grammars. In Kager, R., J. Pater & W. Zonneveld (Eds.), *Fixing Priorities: Constraints in Phonological Acquisition* (pp. 204-218). Cambridge University Press.

LiangLiang, Z. (2020). *Aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos por falantes chineses de português língua segunda* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/67394/1/Disserta%20a7%20a3o%20FINAL.pdf>

Lightbown, P. M. (1992). Getting Quality Input in the Second/Foreign Language Classroom. In C. Kramsch & S. McConnell-Ginet (Eds.), *Text and Context: Cross-Disciplinary and Cross-cultural Perspectives on Language Study* (pp. 187-197). Lexington, MA: D.C. Heath.

Lightbown, P. M., & Spada, N. (2013). *How languages are learned* (4th ed.). Oxford University Press.

Lipski, J. (1993). Creoloid Phenomena in the Spanish of Transitional Bilinguals. In A. Roca & J. Lipski (Eds.), *Spanish in the United States* (pp. 155-173). Mouton de Gruyter.

Lloyd-Smith, A., Gyllstad, H., & Kupisch, T. (2017). Transfer into L3 English: Global Accent in German-dominant Heritage Speakers of Turkish. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 7(2), 131-163. DOI: [10.1075/lab.15013.llo](https://doi.org/10.1075/lab.15013.llo)

Lobo, M. (2001). Para uma sintaxe das orações causais do português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 291-306.

Lobo, M. (2003). *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português* [Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa https://run.unl.pt/bitstream/10362/124090/1/Tese-ML_total.pdf

Lobo, M. (2013). Subordinação adverbial. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1981-2059). Fundação Calouste Gulbenkian.

Lobo, M., & Carrilho, E. (1999). *Variação sintáctica no português europeu: Alguns aspectos* [Comunicação apresentada]. Conversas d’Hora d’Almoço, Portugal.

Lobo, M., & Martins, A. M. (2020). Estratégias de marcação de foco: ordem dos constituintes frásicos e estruturas clivadas. In E. Paiva Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 3, pp. 2615–2664). Fundação Calouste Gulbenkian.

Long, M. H. (1990). Maturation Constraints on Language Development. *Studies in Second Language Acquisition*, 12(3), 251-285. DOI: [10.1017/s0272263100009165](https://doi.org/10.1017/s0272263100009165)

Long, M. H. (1996). The Role of the Linguistic Environment in Second Language Acquisition. In W. Ritchie, & T. Bhatia (Eds.), *Handbook of Second Language Acquisition* (pp. 413-468). Academic Press. <https://pt.scribd.com/document/253376703/Long-1996>

Long, M. H. (2005). *Second Language Needs Analysis*. Cambridge University Press. DOI: [10.1017/CBO9780511667299](https://doi.org/10.1017/CBO9780511667299)

Long, M. M. (2017). Instructed Second Language Acquisition (ISLA): Geopolitics, Methodological Issues, and Some Major Research Questions. *Instructed Second Language Acquisition*, 1(1), 7-44. DOI: [10.1558/isla.33314](https://doi.org/10.1558/isla.33314)

Lozano-Pozo, C. (2003). *Universal Grammar and Focus Constraints: The Acquisition of Pronouns and Word Order in non-Native Spanish* [PhD dissertation, University of Essex].
Repositório da Universidade da Granada.
<https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/22164/PhD%20dissertation%20-%20Cristobal%20Lozano.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Luk, G., & Rothman, J. (2022). Experience-based Individual Differences Modulate Language, Mind and Brain Outcomes in Multilinguals. *Brain and Language*, 228, 105-107. DOI: [10.1016/j.bandl.2022.105107](https://doi.org/10.1016/j.bandl.2022.105107)

Luft, C. P. (2002). *Dicionário prático de regência verbal*. Ática.

Lyons, Ch. (1999). *Definiteness*. Cambridge University Press.

MacWhinney, B. (2000). *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk* (3rd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

Madeira, A. (1992). On Clitic Placement in European Portuguese. In: H. van de Koot, (Ed.), *University College London Working Papers in Linguistics*, 4 (pp. 95-122). Univ. College.

Madeira, A. (1993). Clitic-second in European Portuguese. *Probus*, 5, 155-174.

Madeira, A. (2003). Clíticos e estrutura frásica em português europeu. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 477-485.

Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *A aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do Português* (pp. 305-330). Language Science Press. <https://langsci-press.org/catalog/book/160>

Madeira, A., & Alexandre, N. (2022). Aquisição e desenvolvimento linguísticos: investigação e aplicações – sintaxe de português europeu L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 9, 280-300. DOI: [10.26334/2183-9077/rapln9ano2022mr4](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln9ano2022mr4)

Madeira, A., Crispim, M. D. L., & Xavier, M. F. (2006). Clíticos pronominais em português L2. *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 495-510. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2005-41.pdf>

Madeira, A. M., & Xavier, M. F. (2009). The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition* (pp. 273-300). DOI: [10.1515/9783110215359.2.273](https://doi.org/10.1515/9783110215359.2.273)

Magro, C. (2007). *Clíticos: variações sobre o tema* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/6083>

Margaryan, A. (1997). *Ժամանակակից հայոց լեզու. Հնչյունաբանություն* [Zhamanakakits 'hayots' lezu: Hnch 'unabanut 'yun – *Lingua arménia moderna: Phonologia*]. Երևանի պետական համալսարանի հրատարակչություն [Yerenavi hamalsarani hratarakch 'ut 'yun – Publicações da Universidade de Erevan].

Marinis, Th. (2000). The Acquisition of Clitic Objects in Modern Greek: Single Clitics, Clitic Doubling, Clitic Left Dislocation. *ZAS Papers in Linguistics*, 15, 259-281. DOI: [10.21248/zaspil.15.2000.32](https://doi.org/10.21248/zaspil.15.2000.32)

Marinova-Todd, S. H. (2003). *Comprehensive Analysis of Ultimate Attainment in Adult Second Language Acquisition* [PhD thesis, Harvard University]. Harvard University ProQuest Dissertations & Theses.

<https://www.proquest.com/openview/8954e57873c08d3179a265d246a3d737/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>

Martins, A. M. (1994). Clíticos na história do português [Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa]. https://www.researchgate.net/profile/Ana-Martins-34/publication/315762082_Clíticos_na_História_do_Português/links/58e2ca4b4585154eb7123517/Clíticos-na-História-do-Português.pdf

Martins, A. M. (2003). Deficient Pronouns and Linguistic Change in Portuguese and Spanish. In Josep Quer, Jan Schroten, Mauro Scorretti, Petra Sleeman and Els Verheugd-Daatzelaar (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2001: Selected Papers from 'Going Romance* [Current Issues in Linguistic Theory, 245] (pp. 213-230). DOI: [10.1075/cilt.245.13mar](https://doi.org/10.1075/cilt.245.13mar)

Martins, A. M. (2013). A posição dos pronomes pessoais clíticos. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 2231-2302). Fundação Calouste Gulbenkian.

Martins, A. M. (2016). A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 401-430). De Gruyter.

Mateus, H. M. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I.H., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., & Villalva, A. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. Caminho.

Matos, G., & Colaço, M. (2014). Ênclise e próclise na coordenação. *Linguística: Revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*, 9, 83-101. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13102.pdf>

Matos, G., & Raposo, E. P. (2013). Estruturas de coordenação. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, 1759-1819). Fundação Calouste Gulbenkian.

Mavrogiorgos, M. (2012). Enclisis at the Syntax – PF Interface. In: Ch. M. Salvesen & H. P. Helland (Eds.), *Challenging Clitic [Linguistik Aktuell / Linguistics Today 206]* (pp.27-54). John Benjamins. DOI: [10.1075/la.206.02mav](https://doi.org/10.1075/la.206.02mav)

McLaughlin, B. (1978). *Second Language Acquisition in Childhood*. NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Meisel, J. (2011). *First and Second Language Acquisition: Parallels and Differences*. Cambridge University Press.

Mendes, A., Antunes, S., Janssen, M., & Gonçalves A. (2016). The COPLE2 Corpus: A Learner Corpus for Portuguese. *Proceedings of the 10th Language Resources and Evaluation Conference – LREC’16*, 23-28, 3207-3214.

Minassian, M. (1980). *Grammaire d’Arménien Oriental*. Delmar.

Montrul, S. (2010). Current Issues in Heritage Language Acquisition. *Annual Review of Applied Linguistics*, 30, 3-23. DOI: [10.1017/S0267190510000103](https://doi.org/10.1017/S0267190510000103)

Na Ranong, S., & Leung, Y. I. (2009). Null Objects in L1 Thai – L2 English – L3 Chinese: An Empiricist Take on a Theoretical Problem. In Y.-K. I. Leung (Ed.), *Third Language Acquisition and Universal Grammar* (pp. 162-191). Multilingual Matters.

Nardelli, M., & Lobo M. (2017). Omissão de clíticos na aquisição bilingue português-espanhol. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3, 241-263. DOI: [10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a14](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a14)

Neokleous, T., (2011, Maio, 03). Clitic (Mis)Placement in Early Grammars: Evidence from Cypriot Greek [Talk given]. RCEAL, University of Cambridge, Reino Unido.

Norris, J., & Ortega, L. (2000). Effectiveness of L2 Instruction: A Research Synthesis and Quantitative Meta-analysis. *Language Learning*, 50, 417-528. DOI: [10.1111/0023-8333.00136](https://doi.org/10.1111/0023-8333.00136)

Odlin, T. (1989). *Language Transfer*. Cambridge University Press.

Odlin, T. (2005). Crosslinguistic Influence and Conceptual Transfer: What are the Concepts? *Annual Review of Applied linguistics*, 25, 3–25. DOI: [10.1017/S0267190505000012](https://doi.org/10.1017/S0267190505000012)

Paixao de Sousa, M.C. (2004). *Língua Barroca: Sintaxe e história do português de 1600* [Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas]. Repositório Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/328897>

Papoyan, A., & Badikyan, Kh. (2003). *Ժամանակակից հայոց լեզվի շարահյուսություն* [Zhamanakakits' hayots' lezvi sharahyusut'yun – Sintaxe do armênio moderno]. Երևանի համալսարանի հրատարակչություն [Yerenavi hamalsarani hratarakch 'ut 'yun – Publicações da Universidade de Erevan].

Paradis, M. (2009). *Declarative and Procedural Determinants of Second Languages* (*Studies in Bilingualism*, 40). John Benjamins.

Paradis, J., Crago, M., Genesee, F., & Rice, M. (2003). French-English Bilingual Children with SLI: How do They Compare with Their Monolingual Peers? *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, 46(1), 113-127. DOI: [10.1044/1092-4388\(2003/009\)](https://doi.org/10.1044/1092-4388(2003/009))

Patkowski, M. (1980). The Sensitive Period for the Acquisition of Syntax in a Second Language. *Language Learning*, 30, 449-472.

Pereira, R. (2020). *A hipótese de reconfiguração dos traços e a aquisição dos padrões de colocação de clíticos por aprendentes de português europeu língua segunda*. [Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova. <https://run.unl.pt/handle/10362/112032>

Pereira, R. (2022). A aquisição de clíticos em português europeu L2 e a Hipótese de Reconfiguração dos Traços. *Diacrítica*, 36(1), 108-132. DOI: [10.21814/diacritica.698](https://doi.org/10.21814/diacritica.698)

Peres, J. A. (1997). Sobre conexões proposicionais em português. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima & R. M. Martelo (Orgs.), *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes* (pp.775-787). Campo das Letras.

Pérez-Leroux, A. T., Pirvulescu, M., & Roberge, Y. (2017). *Direct Objects and Language Acquisition*. Cambridge University Press. DOI: [10.1017/9781139086264](https://doi.org/10.1017/9781139086264)

Pinto, J., Alexandre, N., & Espírito Santo, A. (2024). *RefLex PLE – Referencial lexical de Português Língua Estrangeira: um recurso para professores e investigadores de PLE/L2*. U. Porto Press.

Polinsky, M., & Kagan, O. (2007). Heritage Languages: In the ‘Wild’ and in the Classroom. *Language and Linguistics Compass*, 1(5), 368-395. DOI:[10.1111/j.1749-818X.2007.00022.x](https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2007.00022.x)

Prévost, Ph., & White, L. (2000). Missing Surface Inflection or Impairment in Second Language Acquisition? Evidence from Tense and Agreement. *Second Language Research*, 16(2), 103-133. DOI: [10.1191/026765800677556046](https://doi.org/10.1191/026765800677556046)

Raposo, E. P. (1986). On the Null Object Construction in European Portuguese. In O. Jaeggli, & C. Silva-Corvalán (Eds.), *Studies in Romance Linguistics* (pp. 373-390). Foris. DOI: [10.1515/9783110878516-024](https://doi.org/10.1515/9783110878516-024)

Raposo, E. P. (1995). Próclise, ênclise e a posição do verbo em português europeu. In J.C. dos Santos & F. Williams (Eds.), *O Amor das letras e das gentes. In honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes* (pp. 455-481). Center for Portuguese studies / University of California at Santa Barbara.

Raposo, E. P. (2013a). Estrutura da frase. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 303-399). Fundação Calouste Gulbenkian.

Raposo, E. P. (2013b). Pronomes. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 883-919). Fundação Calouste Gulbenkian.

Raposo, E. P., & Uriagereka, J. (2005). Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View. In G. Cinque & R. Kayne (Eds.), *Handbook of Comparative Syntax* (pp. 639-697). Oxford University Press.

Rast, R. (2008). *Foreign Language Input Initial Processing*. Multilingual Matters & Channel View Publications. [DOI: 10.2307/jj.27710882](https://doi.org/10.2307/jj.27710882)

Richards, J., & Rodgers, T. (2001). *Approaches and Methods in Language Teaching*. Cambridge University Press.

Rinke, E., & Flores, C. (2014). Morphosyntactic Knowledge of Clitics by Portuguese Heritage Bilinguals. *Bilingualism. Language and Cognition*, 17(4), 681-699. [DOI: 10.1017/S136672891300076X](https://doi.org/10.1017/S136672891300076X)

Rooth, M. (1992). A Theory of Focus Interpretation. *Natural Language Semantics*, 1, 75-116.

Rosário, M. J., (1997). Aquisição dos clíticos em português como língua estrangeira: Que papel para a língua materna? *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 231-247. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1997-20-1.pdf>

Rosário, M. J. (2005). Aquisição dos clíticos por falantes de português língua não materna. In D. Carvalho, D. Vila Maior & R. de Azevedo Teixeira (Eds.), *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques* (pp. 553-562). <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/391>

Rothman, J. (2009). Understanding the Nature and Outcomes of Early Bilingualism: Romance Languages as Heritage Languages. *International Journal of Bilingualism*, 13(2), 155- 163. [DOI: 10.1177/1367006909339814](https://doi.org/10.1177/1367006909339814)

Rothman, J. (2010). On the Typological Economy of Syntactic Transfer: Word Order and Relative Clause High/Low Attachment Preference in L3 Brazilian Portuguese. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL)*, 48(2-3), 245-273. [DOI:10.1515/iral.2010.011](https://doi.org/10.1515/iral.2010.011)

Rothman, J. (2015). Linguistic and Cognitive Motivations for the Typological Primacy Model (TPM) of Third Language (L3) Transfer: Timing of Acquisition and Proficiency Considered. *Bilingualism: Language and Cognition*, 18(2), 179-190. [DOI: 10.1017/S136672891300059X](https://doi.org/10.1017/S136672891300059X)

Rothman, J., Alonso, J. G., & Puig-Mayenco, E. (2019). *Third Language Acquisition and Linguistic Transfer*. Cambridge University Press.

Rothman, J., & Cabrelli, J. (2009). What Variables Condition Syntactic Transfer? A Look at the L3 Initial State. *Second Language Research*, 25, 1-30.

Rouveret, A., (1992). *Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese*. In A. Rouveret, *Aspects of Grammatical Architecture*. Routledge.

Rouveret, A. (1999). Clitics, Subjects and Tense in European Portuguese. In H. van Riemsdijk (Ed.), *Clitics in the Languages of Europe* (pp. 639-677). Mouton de Gruyter.

Said Ali, M. (1964). *Gramática secundária da língua portuguesa*. (5.^a ed.). Edições Melhoramentos.

Said Ali, M. (1908/2008). *Dificuldades da língua portuguesa* (7.^a ed.). ABL: Biblioteca Nacional. ISBN 978-85-7440-110-2

Santoro, M. (2007). Second Language Acquisition of Italian Accusative and Dative Clitics. *Second Language Research*, 23(1), 37-50. DOI: [10.1177/0267658307071603](https://doi.org/10.1177/0267658307071603)

Santos, M.F. (2002). *Os pronomes pessoais átonos no português europeu. Descrição de Problemas que ocorrem no 3º ciclo e proposta de actividades didáticas*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa].

Santos, A. L., & Flores, C. (2013). Elipse do SV e distribuição de advérbios em português língua de herança e L2. *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 563-584.

Santos, R. S., & Fragozo, C. (2020). Período crítico e aquisição fonológica do inglês por falantes brasileiros. *Alfa Revista linguística*, 64(e12136), 1-26. DOI: [10.1590/1981-5794-e12136](https://doi.org/10.1590/1981-5794-e12136)

Samvelian, P., Faghiri, P., & Khurshudyan, V. (2023). On the Persistence of SVO: the case of Modern Eastern Armenian. *Linguistics*, 61(3), 459-497. DOI: [10.1515/ling-2021-0013](https://doi.org/10.1515/ling-2021-0013)

Saville-Troike, M. (2006). *Introducing Second Language Acquisition*. Cambridge University Press.

Schmidt, R. (1990). The Role of Consciousness in Second Language Learning. *Applied Linguistics*, 11, 129-158. DOI: [10.1093/applin/11.2.129](https://doi.org/10.1093/applin/11.2.129)

Schmidt, R. (1994). Deconstructing Consciousness in Search of Useful Definitions for Applied Linguistics. *AILA Review*, 11, 11-26.

Schmidt, R. (2001). Attention. In P. Robinson (Ed.), *Cognition and Second Language Instruction* (pp. 3-32). Cambridge University Press.

Schwartz, B. D. (2004). Why Child L2 Acquisition. *Lot Occasional Series*, 3, 47-66.
<https://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/295926/bookpart.pdf?sequence=2>

Schwartz, M., & Causarano, P. L. (2007). The Role of Frequency in SLA: An Analysis of Gerunds and Infinitives in ESL Written Discourse. *Arizona Working Papers in SLA & Teaching*, 14, 43-57.
https://www.researchgate.net/publication/242078069_The_role_of_frequency_in_SLA_an_analysis_of_gerunds_and_infinitives_in_ESL_written_discourse

Schwartz, B. D., & Sprouse, R. A. (1994). Word Order and Nominative Case in Nonnative Language Acquisition: A Longitudinal Study of (L1 Turkish) German Interlanguage. In T. Hoekstra & B. D. Schwartz (Eds.), *Language Acquisition Studies in Generative Grammar: Papers in Honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW Workshops* (pp. 317-68). John Benjamins.

Schwartz, B. D., & Sprouse, R. A. (1996). L2 Cognitive States and the Full Transfer/Full Access Model. *Second Language Research*, 12(1), 40-72. DOI: [10.1177/026765839601200103](https://doi.org/10.1177/026765839601200103)

Seedhouse, P. (2001). The Case of the Missing “no”: The Relationship Between Pedagogy and Interaction. *Language Learning* 51(1), 347-385. DOI: [10.1111/j.1467-1770.2001.tb00021.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.2001.tb00021.x)

Selinker, L. (1972). Interlanguage. *IRAL-International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10(1-4). 209–232. DOI: [10.1515/iral.1972.10.1-4.209](https://doi.org/10.1515/iral.1972.10.1-4.209)

Sevak, G. (2009). *Ժամանակակից հայոց լեզվի դասընթաց [Zhamanakakits ‘hayots‘ lezvi dasənt‘ats‘ – Curso de língua armânia moderna]*. Երևանի համալսարանի հրատարակչություն [Yerenavi hamalsarani hratarakch ‘ut ‘yun – Publicações da Universidade de Erevan].

Sharwood Smith, M. (1986). Comprehension versus Acquisition: Two Ways of Processing Input. *Applied linguistics*, 7, 239-256.

Shimanskaya, E. (2015). Feature Reassembly of Semantic and Morphosyntactic Pronominal Features in L2 Acquisition [Phd Thesis, University of Iowa]. Repositório da Universidade de Iowa. <https://iro.uiowa.edu/esploro/outputs/doctoral/Feature-reassembly-of-semantic-and-morphosyntactic/9983777074502771>

Shimanskaya, E., & Slabakova, R. (2015). Re-assembling Objects: A New Look at the L2 Acquisition of Pronominal Clitics. *Bilingualism: Language and Cognition*, 1-18. DOI: [10.1017/S1366728915000784](https://doi.org/10.1017/S1366728915000784)

Silva, C. (2008). *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português europeu* [Dissertação de Mestrado: Universidade Nova de Lisboa]. Faculdade de ciências sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa. <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/carolina-silva-disserta%C3%A7%C3%A3o-de-mestrado.pdf>

Silva, C. (2009). Assimetrias na aquisição de diferentes tipos de clíticos em português europeu. *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 527-541.

Silva, C. (2011). Interpretação de clíticos e de pronomes fortes complemento na aquisição do português europeu. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 534-548.

Silva Dias, A. E. (1918). *Sintaxe histórica portuguesa* (2.^a ed.). Livraria Clássica Editora.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Slabakova, R. (2017). The Scalpel Model of Third Language Acquisition. *International Journal of Bilingualism*, 21(6), 651-665. DOI: [10.1177/1367006916655413](https://doi.org/10.1177/1367006916655413)

Slabakova, R., & García Mayo, M. P. (2013). Whether to Teach and How to Teach Complex Linguistic Structures in a Second Language. In M. Whong, K.-H. Gil & H. Marsden (Eds.), *Universal Grammar and the Second Language Classroom* (pp. 187-205). Springer.

Sopata, A. (2016). Null Objects in Adult and Child Polish: Syntax, Discourse and Pragmatics. *Lingua*, 183, 86-106. DOI: [10.1016/j.lingua.2016.05.00](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2016.05.00)

Sorace, A. (2014). Input, Timing, and Outcomes in a Wider Model of Bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 4, 377-380. DOI: [10.1075/lab.4.3.14sor](https://doi.org/10.1075/lab.4.3.14sor)

Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora Resolution in Near-native Speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339-368. DOI: [10.1191/0267658306sr271oa](https://doi.org/10.1191/0267658306sr271oa)

Spada, N., & Lightbown P. M. (1999). Instruction, First Language Influence, and Developmental Readiness in Second Language Acquisition. *Modern Language Journal*, 83(1), 1-22. [DOI:10.1111/0026-7902.00002](https://doi.org/10.1111/0026-7902.00002)

Stern, H. (1983). *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford University Press.

Sternberg, R. (2002). The Theory of Successful Intelligence and its Implications for Language Aptitude Testing. In P. Robinson (Ed.), *Individual Differences and Instructed Language Learning* (pp.13-43). John Benjamins. [DOI:10.1075/lllt.2.04ste](https://doi.org/10.1075/lllt.2.04ste)

Tamrazian, A. (1994). *The Syntax of Armenian. Chains and the Auxiliary*. [PhD thesis, University College London]. UCL discovery. <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1317710/1/275765.pdf>

Tian, Y. (2022). *Aquisição dos pronomes clíticos não reflexos por falantes chineses de português europeu L3: Questões de seleção* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/62416/1/ulflytian_tm.pdf

Thornton, R. (1998). Elicited Production. In D. McDaniel, C. McKee & H. Smith Cairns (Eds.), *Methods for Assessing Children's Syntax* (pp. 77-102). MIT Press.

Tomaz, M. L., Lobo, M., Madeira, A., Soares-Jesel, C., & Vaz, S. (2019) Omissão e colocação de clíticos por crianças bilingues Português-Francês. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 385-412. [DOI: 10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a25](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a25)

Torrego, E., & Uriagereka, J. (1993). *Indicative Dependents*. University of Massachusetts at Boston & University of Maryland at College Park, MS.

Trahey, M., & White, L. (1993). Positive Evidence and Preemption in the Second Language Classroom. *Studies in Second Language Acquisition*, 15, 181-204. [DOI: 10.1017/S0272263100011955](https://doi.org/10.1017/S0272263100011955)

Truscott, J. (1999). What's Wrong with Oral Grammar Correction? *Canadian Modern Language Review*, 55, 437-56.

Tsakali, V., & Wexler, K. (2003). Why Children Omit Clitics in Some Languages but not in Others: New Evidence from Greek. In J. van Kampen & S. Baauw (Eds.), *Proceedings of GALA 2003* (pp. 493-504). LOT publications.

Tsimpli, I. M. (2014). Early, Late or Very late: Timing Acquisition and Bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 4(3), 283-313. DOI: [10.1075/lab.4.3.01tsi](https://doi.org/10.1075/lab.4.3.01tsi)

Tsimpli, I.-M. & Dimitrakopoulou M. (2007). The Interpretability Hypothesis: Evidence from wh-interrogatives in Second Language Acquisition. *Second Language Research*, 23(2), 215-242. DOI: [10.1177/0267658307076546](https://doi.org/10.1177/0267658307076546)

Tsimpli, I.-M., & Mastropavlou M. (2001). Feature Interpretability in L2 Acquisition and SLI: Greek Clitics and Determiners. In J. Liceras, H. Zobl, & H. Goodluck (Eds.), *The Role of Formal Features in Second Language Acquisition* (pp. 142-183). Lawrence Erlbaum Associates.

Ullman, M. T. (2001). A Neurocognitive Perspective on Language: The Declarative/Procedural Model. *Nature Reviews Neuroscience*, 2, 717-726. DOI: [10.1038/35094573](https://doi.org/10.1038/35094573)

Ullman, M. T. (2004). Contributions of Memory Circuits to Language: The Declarative/Procedural Model. *Cognition*, 92, 231-270. DOI: [10.1016/j.cognition.2003.10.008](https://doi.org/10.1016/j.cognition.2003.10.008)

Uriagereka, J. (1995). Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, 26(1), 79-123. <https://www.jstor.org/stable/4178889>

Vainikka, A., & Young-Scholten, M. (1994). Direct Access to X'-theory: Evidence from Korean and Turkish Adults Learning German. In T. Hoekstra & B. D. Schwartz (Eds.), *Language Acquisition Studies in Generative Grammar* (pp. 265-316). John Benjamins.

Vainikka, A., & Young-Scholten, M. (1996). Gradual Development of L2 Phrase Structure. *Second Language Research*, 12, 7-39.

VanPatten, B. (2004). *Processing Instruction: Theory, Research, and Commentary*. Lawrence Erlbaum.

VanPatten, B. (2007). Processing Instruction. In C. Sanz (Ed.), *Mind and Context in Adult Second Language Acquisition* (pp. 267-281). Georgetown University Press.

VanPatten, B. (2012). Input Processing. In S. Gass, & A. Mackey (Eds.), *The Routledge Handbook of Second Language* (pp. 268-281). Routledge.

VanPatten, B., & Benati, A.G. (2010). *Key Terms in Second Language Acquisition*. Continuum.

VanPatten, B., & Wong, W. (2004). Processing Instruction and the French Causative: Another Replication. In B. VanPatten (Ed.), *Processing Instruction: Theory, Research, and Commentary* (pp. 97-118). Lawrence Erlbaum Associates.

Varlokosta, S., Belletti, A., Costa, J., Friedmann, N., Gavarró, A., Grohmann, K., & Yatsushiro, K. (2016). A Cross-linguistic Study of the Acquisition of Clitic and Pronoun Production. *Language Acquisition*, 23(1), 1-26. DOI: [10.1080/10489223.2015.1028628](https://doi.org/10.1080/10489223.2015.1028628)

Vigário, M. (1999a). On the Prosodic Status of Stressless Function Words in European Portuguese. In T.A. Hall & U. Kleinhenz (Eds.), *Studies on the Phonological Word* (pp. 253-293). John Benjamins.

Vigário, M. (1999b). Pronominal Cliticization in European Portuguese: A Postlexical Operation. *Catalan Working Papers in Linguistics*, 7, 219-237. <https://raco.cat/index.php/CatalanWP/article/view/18154/17995>

Vigário, M. (2003). *The Prosodic Word in European Portuguese* [close-to-final version]. (Interface Explorations Series, 6). Mouton de Gruyter. <http://hdl.handle.net/10451/27154>

Vigário, M., & Frota, S. (1998). *Between Syntax and Phonology: On Phrasal Weight Effects in European Portuguese* [Paper presented, 2nd version]. 8th Colloquium on Generative Grammar, Portugal. <https://labfon.letras.ulisboa.pt/texts/weffects98.PDF>

Vigário, M., Frota, S., & Martins, F. (2011). Para uma caracterização da distinção entre palavras prosódicas e clíticas com base em dados de frequência. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 589-603.

Vigário, M., Martins, F., & Frota, S. (2004). Frequências no Português Europeu: a ferramenta FreP. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 897-908. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2004-70.pdf>

Vilela, M., & Koch, J. V. (2001). *Gramática da língua portuguesa* (2.^a ed.). Almedina.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society*. Harvard University Press. DOI: [10.2307/j.ctvjf9vz4](https://doi.org/10.2307/j.ctvjf9vz4)

Weinreich, U. (1953). *Languages in Contact*. Linguistic Circle of New York.

Westergaard, M., Mitrofanova, N., Mykhaylyk, R., & Rodina, Y. (2017). Crosslinguistic Influence in the Acquisition of a Third Language: The Linguistic Proximity

Model. *International Journal of Bilingualism*, 21(6), 667-682. DOI: [10.1177/1367006916648859](https://doi.org/10.1177/1367006916648859)

Wexler, K. (1998). Very Early Parameter Setting and the Unique Checking Constraint: A New Explanation of the Optional Infinitive Stage. *Lingua*, 106, 23-79.

Williams, S., & Hammarberg, B. (1998). Language Switches in L3 Production: Implications for a Polyglot Speaking Model. *Applied Linguistics*, 19(3), 295-333.

White, L. (1991). Adverb Placement in Second Language Acquisition: Some Effects of Positive and Negative Evidence in the Classroom. *Second Language Research*, 7, 133-161.

White, L., & Genesee, F. (1996). How Native is Near-native? The Issue of Ultimate Attainment in Adult Second Language Acquisition. *Second Language Research*, 11, 233-265.

White, L. (2003a). *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge University Press.

White, L. (2003b). Fossilization in Steady State L2 Grammars: Persistent Problems with Inflectional Morphology. *Bilingualism: Language and Cognition*, 6(2), 129-141. DOI: [10.1017/S1366728903001081](https://doi.org/10.1017/S1366728903001081)

Whong, M., Gil, K., & Marsden, H. (2013). Universal Grammar and the Second Language Classroom. In M. Whong, K. Gil & H. Marsden (Eds.), *Educational Linguistics*. Springer. DOI: [10.1007/978-94-007-6362-3](https://doi.org/10.1007/978-94-007-6362-3)

Wolter, B., & Gyllstad, H. (2013). Frequency of Input and L2 Collocational Processing: A Comparison of Congruent and Incongruent Collocations. *Studies in Second Language Acquisition*, 35(3), 451-482. DOI: [10.1017/S0272263113000107](https://doi.org/10.1017/S0272263113000107)

Wong, W. (2004). Processing Instruction in French: The Roles of Explicit Information and Structured Input. In B. VanPatten (Ed.), *Processing Instruction: Theory, Research, and Commentary* (pp. 187-205). Lawrence Erlbaum Associates.

Wust, V. (2010). L2 French Learners' Processing of Object Clitics: Data from the Classroom. *L2 Journal*, 2, 45-72.

Yamamoto, M. (1999). *Animacy and Reference*. Philadelphia Press.

Yuan, F., & Ellis, R. (2003). The Effects of Pre-task Planning and On-line Planning on Fluency, Complexity and Accuracy in L2 Oral Production. *Applied Linguistics*, 24, 1-27.

Yusa, N., Koizumi, M., Kim, J., Kimura, N., Uchida, S., Yokoyama, S., Miura, N., Kawashima, R. & Hagiwara, H. (2011). Second-language Instinct and Instruction Effects: Nature and Nurture in Second-language Acquisition. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 23, 2716-2730. DOI: [10.1162/jocn.2011.21607](https://doi.org/10.1162/jocn.2011.21607)

Anexos

Anexo 1: O teste de elicitación

INFORMANTE: / ՄԱՍՆԱԿԻՅ N.º ——— (a preencher pela autora)

Idade: / Տարիքը`———— **Sexo:** / Սեռը`———— **O tempo de realização do teste:** ———min

TESTE / ՏԵՍՏ

PT

INTRODUÇÃO

O presente teste serve para a recolha de dados, no âmbito do projeto da tese de Doutoramento de Lia Khachikyan, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O tempo estimado para a realização do teste é entre 30 minutos e 1 hora, dependendo das suas competências em português.

A participação é totalmente voluntária e anónima. Em qualquer altura, se tiver dúvidas em relação ao uso dos dados recolhidos ou em relação à investigação, poderá contactar-nos através do e-mail: lia.khachikyan@campus.ul.pt.

Obrigada pela sua participação!

ՀԱՅ

ՆԱԽԱԲԱՆ

Տվյալ տեսողը նախատեսված է Լիա Խաչիկյանի կողմից Լիսաբոնի համալսարանում Հումանիտար գիտությունների ֆակուլտետում իրականացվող ասպիրանտական թեզի շրջանակներում անհրաժեշտ տվյալների հավաքագրման համար:

Տեստի իրականացման համար նախատեսված ժամանակը 30 րոպեից 1 ժամ է՝ կախված պորտուգալերենի ձեր իմացությունից:

Տեստին մասնակցությունը միանգամայն անանուն է և կամավոր: Հավաքագրված տվյալների օգտագործմանը կամ հետազոտությանը վերաբերող հարցերի դեպքում, ցանկացած ժամանակ, կարող եք մեզ հետ կապվել հետևյալ էլեկտրոնային փոստով՝ lia.khachikyan@campus.ul.pt.

Շնորհակալություն մասնակցության համար:

ENUNCIADO

Escolha UM dos seguintes pronomes que pode substituir às palavras a vermelho e preencha um dos espaços em branco com ele:

ԲԱՅԱՏՐՈՒԹՅՈՒՆ

Ընտրել հետևյալ դերանուններից ՄԵԿԸ, որը կարող է փոխարինել կարմիրով նշված բառերին և լրացնել բաց թողնված հատվածներից որևէ մեկը՝

me	te	o	os	a	as	lhe	lhes

Exemplos:

Օրինակներ՝

1. Ligou **a tua tia** e pediu a tua ajuda.

Amanhã _____ ajuda _____ a preencher o formulário.



Resposta esperada: Amanhã _____ ajuda -a a preencher o formulário.

2. **Os primos** confirmaram a sua presença?

Alguém _____ telefonou _____ para perguntar?



Resposta esperada: Alguém lhes telefonou _____ para perguntar?

3. O meu irmão não, mas **eu** aprendo línguas facilmente.

Não é preciso que _____ expliquem _____ tudo.



Resposta esperada: Não é preciso que me expliquem _____ tudo.

Se não tiver a certeza na sua resposta, deixe o espaço em vazio e passe para a frase seguinte ou sublinhe a resposta que lhe pareça mais certa.

Եթե Ձեր պատասխանում վստահ չեք, բաց թողե՛ք այն և անցե՛ք հաջորդ հարցին կամ ընդգծե՛ք այն պատասխանը, որը Ձեզ ավելի ճիշտ կրժվա:

1. Conheces **o livro** que a Ana me ofereceu?

Já _____ leste _____?

2. **As colegas** do Carlos estão chateadas com ele.
O Carlos _____ ofendeu _____ sem querer.
3. Vamos conhecer a casa **das minhas primas**.
Essa casa _____ pertence _____ desde 1986.
4. **A Ana** ficou muito surpreendida, quando, na festa de finalistas, _____ convidaste _____ para sair.
5. Ontem encontrámos **esta carteira** na loja.
Alguém _____ perdeu _____ aqui.
6. É impressionante quão bem **a tua mulher** fala russo.
Como _____ ensinaste _____ a falar em tão pouco tempo?
7. Ontem, **a avó Maria** também esteve no centro comercial?
Alguém _____ viu _____ na loja do primeiro andar?
8. Não gosto nada **do leite** que a minha tia traz.
Só _____ bebi _____, porque a minha mãe insistiu muito.
9. Não percebo porque é que **o meu texto** está diferente.
Quem _____ acrescentou _____ frases?
10. Sei que **tu** precisas de aprender árabe.
Terei todo o gosto em _____ ensinar _____ algumas frases.
11. Que bom! Encontraste **a boneca da Sara**.
Onde _____ viste _____, estavam também os outros brinquedos dela?
12. Este ano, fui injusta com **as minhas primas**.
No Natal não _____ ofereci _____ nada.
13. Como é que não te lembras **desse processo**?
Ainda ontem _____ anexámos _____ os comentários novos.
14. Ontem, **as atletas** foram convidadas para a câmara municipal.
O presidente da câmara _____ recebeu _____ no seu escritório.
15. Não consigo encontrar um bom sítio para imprimir **a ementa**.
Onde, no ano passado, _____ imprimiram _____? Lembras-te?
16. **O vosso texto** é muito bem estruturado.
Basicamente, _____ falta _____ só a introdução e já está.
17. No ano passado, **o meu pai** teve uma experiência muito desagradável no trabalho, mas poucos amigos _____ perguntaram _____ sobre o acontecido.
18. **As duas irmãs** do Gabriel faleceram num acidente.
Ele ficou muito deprimido, quando _____ perdeu _____.

19. A Ana adora estar com **as suas filhas**. Ela nem vem aos encontros da empresa porque dedica _____ o seu tempo livre.
20. Pega **nessa cadeira** e põe um pedaço de borracha no sítio onde _____ falta _____ um parafuso.
21. Enviei **o convite** para todos os meus colegas, no fim de semana passado.
Quando a Ana _____ recebeu _____, já estava fora de Lisboa.
22. Adotei **a gata branca** há quase um mês, mas o Pedro até agora não _____ viu _____.
23. Ninguém queria que **eu** trabalhasse no Porto.
O meu tio convenceu os meus familiares para _____ deixarem _____ ir.
24. Parece que **o teu irmão** está chateado com alguma coisa.
Sabes quem _____ ofendeu _____?
25. Quando decidimos ir para o Porto, **o David** disse que não podia.
Na semana passada, o Pedro _____ perguntou _____ de novo se queria vir também.
26. Já separei as peças **do puzzle de mil peças** do resto.
Nesta caixa, tudo _____ pertence _____.
27. **A sopa** está ótima.
Só _____ falta _____ um pouco de sal.
28. O que quer que faça, **os avós** não saem da casa.
No ano passado, ainda _____ ofereci _____ uma viagem no Natal.
29. **As tuas irmãs** devem estar chocadas com o acontecido.
Como _____ disseste _____ a verdade?
30. Parabéns! **O teu trabalho** está muito bom.
Nem _____ acrescentei _____ uma vírgula.
31. **As primas** já confirmaram que vinham, mas acho que não disseram quando.
Alguém _____ perguntou _____ se podem estar aqui no sábado?
32. Precisamos de apresentar **o nosso projeto** no final deste mês, mas, pelos vistos, não vamos conseguir.
Nesta sala, poucas pessoas _____ dedicaram _____ o tempo e o esforço suficiente.
33. **Os diplomatas** já estão à espera da vossa confirmação há quase uma hora.
Quando, finalmente, _____ receberão _____?
34. **O seu processo** já está completo.
A nossa funcionária _____ anexou _____ a carta do diretor.
35. Pois! **Essa tua carteira** era muito bonita.
Onde, no ano passado, _____ perdeste _____?

36. Se não me engano, **o pai da Sara** vai para praia muito raramente.
No fim de semana passado, _____ vi _____ na praia pela primeira vez.
37. Acho que **tu** especialmente tens muito jeito para isto.
Vou falar com os meus colegas para _____ arranjarmos _____ um trabalho na nossa empresa.
38. Não recebi nenhuma notícia **das primas**.
Ninguém _____ convidou _____ para a festa do sábado?
39. Faltam só **as ementas** para a abertura do café.
Amanhã _____ imprimo _____ ainda antes do almoço.
40. O Pedro disse-me que enviaste **cinco mensagens**.
Desculpa! Nem _____ vi _____.
41. Vários poetas falaram sobre a beleza **da cidade de Lisboa**.
Acho que Alexandre O'Neill _____ dedicou _____ um poema.
42. Ontem, **a tua colega** estava a fazer-me perguntas sobre o Pedro.
Quem _____ disse _____ que o Pedro vai trabalhar na Rússia?
43. Acho que **as tuas irmãs** têm tudo de que precisam.
Para serem felizes, nunca _____ faltou _____ absolutamente nada.
44. Ontem, **os funcionários** quiseram falar com a diretora, mas ela não _____ recebeu _____.
45. Só **tu** é que podias ser tão rígido.
Eles precisam de _____ enviar _____ todas essas informações?
46. Não sabia que **o teu marido** sabe arménio.
Quando _____ ensinaste _____ a ler arménio?
47. Lembras-te **da pintura** que te mostrei na semana passada?
Ontem à noite _____ adicionei _____ mais cores e parece que a estraguei.
48. Recebemos **dois e-mails do presidente** durante o dia de ontem.
Alguém, nesta sala, _____ leu _____?
49. Sim! Eu sabia que **a casa ao lado** tem uma extensão atrás.
Este terraço já _____ pertence _____ há muitos anos.
50. Não consegui beber **aquela vodca**. Era muito forte.
Como _____ bebeste _____ numa golada só?
51. Não fui **eu** que pedi para vir.
Foi a Ana que falou com o seu irmão para ele _____ convidar _____ também.
52. Pensava que a Ana não iria gostar **dos filhos do seu marido**.
Não estava à espera, mas ela até _____ recebeu _____ com gosto.

53. **As minhas filhas** aprenderam a nadar sozinhas.
Ninguém _____ ensinou _____ a nadar.
54. A Carla não consegue viver longe **dos seus filhos**.
Ela _____ dedicou _____ a sua vida inteira.
55. Concordo que **os nossos jovens atletas** são muito talentosos, mas para conseguirem bons resultados, ainda _____ faltam _____ disciplina e método.
56. Hoje soube que **o marido** da Ana faleceu.
Como, na realidade, _____ perdeu _____, sabes?
57. Usualmente **as minhas receitas** são pouco calóricas e saudáveis.
Poucas vezes _____ adiciono _____ açúcar.
58. Amanhã queres ir **tu** ou vai a Ana?
Estava a pensar em _____ perguntar _____ ainda ontem, mas não tive tempo.
59. **As minhas mensagens** devem ter chegado ainda na semana passada.
Quando _____ leste _____?
60. O Pedro e a Ana estavam a falar sobre **os seus pais**.
Eles disseram que, no verão passado, _____ ofereceram _____ uma casa.
61. Todas **as nossas encomendas** foram enviadas a tempo.
No entanto, muitas pessoas _____ receberam _____ com bastante atraso.
62. Nunca mais me lembrei e **tu** também não disseste nada.
Esqueci-me de _____ enviar _____ o que pediste.
63. Não sei o que se passa com **a Maria**. Ela anda toda triste.
Ninguém _____ ofendeu _____, pois não?
64. Os alunos devem entregar **os seus projetos** em papel.
Muitos deles _____ imprimiram _____ ontem.
65. Já me disseram que **a sua esposa** faleceu de doença.
Quando _____ perdeu _____?
66. Enviei-te **o meu texto** e pedi a tua revisão, ontem.
Já _____ acrescentaste _____ os teus comentários?
67. Estava a arrumar **o teu vestido vermelho** no roupeiro e reparei que não tinha um dos botões.
Este botão _____ pertence _____?
68. **O teu cão** anda a passear para onde quiser.
O Pedro _____ viu _____ ontem no jardim dele.
69. Enviei **os e-mails** todos.
Antes de enviar, _____ anexeí _____ os documentos tal como me explicaste ontem.

70. **Este gin** é muito bom!
Já _____ bebeste _____ sem água tônica?
71. E **tu**, Ana, onde estavas? Nunca mais disseste nada.
Estava à espera de _____ ver _____ mais vezes.
72. Deverias ser mais simpático com **as amigas dele**.
Até _____ disseste _____ que não deviam vir para a nossa casa.
73. Este prédio, construiu **o nosso vizinho** e depois vendeu os apartamentos separadamente.
Uma parte do prédio ainda _____ pertence _____.
74. **Este telemóvel** já passou por muito.
Até _____ perdi _____ duas vezes no mesmo dia.
75. Todos gostaram **da tua proposta**.
Ninguém _____ adicionou _____ mais nenhum comentário.
76. Mais dia menos dia **os tios** deixam de falar connosco.
Nunca _____ convidamos _____ para as nossas festas.
77. Ontem vi **os teus filhos** no jardim.
Preocupei-me, porque _____ vi _____ a conversarem com uma pessoa estranha.
78. Não sabia que **os teus pais** têm uma casa na nossa aldeia.
A tua avó disse que a casa ao lado da estrada _____ pertence _____.
79. Para o Pedro **os seus treinos** significam muito.
O Pedro tudo _____ dedica _____.
80. Não acredito que **tu** não soubeste.
Pedi ao Carlos umas três vezes para _____ dizer _____ sobre o evento.
81. Respeito a vida e a privacidade **das minhas colegas do trabalho**.
Nunca _____ perguntei _____ coisas pessoais.
82. **Os meus familiares** confiam muito nos meus pais.
Quando _____ falta _____ alguma coisa, em primeiro lugar pedem ao meu pai.
83. Não! Tudo à volta **desse prédio** é espaço público.
O terraço não _____ pertence _____.
84. Ligaram a dizer que **as tuas encomendas** chegavam no sábado ou no domingo.
No fim de semana, _____ recebeste _____?
85. Quando **eu** era mais jovem, pensava em _____ dedicar _____ só aos treinos.
86. Não consigo encontrar **o cartão** em lado nenhum. Acho que _____ perdeste _____ a caminho da loja.
87. Durante muitos anos **o meu trabalho** foi tudo para mim.

- Estou desapontado porque _____ dediquei _____ a minha vida e acabei sem nada.
88. Já não se pode dizer nada **aos teus amigos**?
Agora tudo _____ ofende _____?
89. Traz **a cadeira** para aqui e mostra-me onde _____ falta _____ o parafuso?
90. Uns anos atrás, fizemos obras grandes **na casa** e no jardim.
Onde _____ acrescentei _____ o anexo, antes havia uma garagem.
91. Usualmente, **os pais dos atletas** têm grande importância para eles.
Muitos atletas _____ dedicam _____ as suas vitórias.
92. Não consigo telefonar **aos meus avós** há uns dias.
Esta semana, quem _____ viu _____ na aldeia?
93. **A Maria** disse para nos juntarmos no fim de semana. Vamos encontrar-nos no restaurante, onde _____ oferecete _____ o anel de noivado.
94. Não posso vir, porque devo ir comprar tintas. Estou a escrever **os trabalhos da faculdade**.
Acabou a tinta, porque hoje à tarde _____ imprimi _____ várias vezes.
95. **As amigas da Clara** vêm ficar uns dias na nossa casa.
Amanhã _____ convida _____ para o jantar.
96. Estou a rever **a tua apresentação**.
Onde _____ adicionámos _____ as imagens de ontem? Lembras-te?
97. Já disse, mas **tu** não queres acreditar.
Ele veio da Itália de propósito para _____ ver _____ de novo.
98. A Dona Ana tinha um problema qualquer com o telemóvel e não recebia **as minhas mensagens**. Só _____ recebeu _____ ontem à tarde.
99. Vocês não processaram **o meu pedido** como deve ser.
A secretária nem _____ anexou _____ a carta do banco.
100. **A bebida que o Pedro escolheu** era muito doce.
Poucas pessoas _____ beberam _____.
101. **A Maria** está a pensar em acabar o seu trabalho ainda hoje.
Só _____ falta _____ acabar a última parte do texto.
102. O Carlos chateou-se com **os seus familiares**.
Ele saiu da casa e nem _____ disse _____ nada.
103. Infelizmente, **eu** não pude participar no concurso por _____ faltarem _____ alguns documentos.
104. **As irmãs do compositor** tiveram um papel grande na sua vida.
O compositor _____ dedicou _____ esta canção.

105. Além de ser inteligente, o Pedro não gosta de deixar **os seus filhos** ao cuidado dos outros. Ele tudo _____ ensinou _____ sozinho.
106. **Os pais deles** faleceram anos atrás. Muitas pessoas _____ perderam _____ durante a guerra.
107. **A tua tia** não tem nenhum direito em relação a este terreno. Este terreno nunca _____ pertenceu _____.
108. **Os trabalhos dele** são engraçados. Até _____ li _____ com bastante interesse.

Glossário

anexar - կցել
botão - կոճակ
borracha - ռետին
carinho- զուրգուրանք
deprimido - ընկճված
desapontado - հիասթափված
distráido - ցրված
ementa - մենյու
estraguei - փչացրի
falecer - մահանալ
golada - մեծ կույ
insistir - համառել
rígido – խիստ

Obrigada pela sua participação!

Anexo 2: Ficha de caracterização sociolinguística dos falantes de PL2

Informante: _____

Bloco 1 - Caracterização Sociolinguística

Q1	Nacionalidade	Naturalidade
Q2	Idade	
Q3	Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino	
Q4	Qual o nível da formação? ☐ Básico ☐ Secundário ☐ Superior	
Q5	Qual a sua formação base?	
Q6	Em que área trabalha? ☐ Não trabalho ☐ Trabalho em _____	
Q7	Há quanto tempo é que está em Portugal? ☐ Menos de 1 ano ☐ 1-3 anos ☐ 3-10 anos ☐ mais de 10 anos	
Q8	Com que idade é que imigrou para Portugal?	

Bloco2 – Aspectos relacionados com a(s) língua(s) falada(s)

Q9	Qual a sua língua materna? ☐ Arménio oriental ☐ Arménio ocidental ☐ E/ou outro(s): Especifique _____
Q10	*Se escolheu ‘E/ou outro’ em Q9 Com que idade teve a primeira exposição: ☐ Ao arménio _____ ☐ À(s) língua(s) _____?
Q11	A sua escolarização foi em arménio? ☐ Sim ☐ Não: Especifique _____ ☐ Em arménio e outro: Especifique _____
Q12	Até aos 18 anos viveu na Arménia? ☐ Sim ☐ Não: Especifique _____
Q13	Além da sua língua materna, em que línguas fala? Como avaliaria a sua proficiência nessas línguas? Recorra à grelha de autoavaliação no final deste questionário, caso tenha dúvidas.
	_____ ☐ A1 ☐ A2 ☐ B1 ☐ B2 ☐ C1 ☐ C2
	_____ ☐ A1 ☐ A2 ☐ B1 ☐ B2 ☐ C1 ☐ C2
	_____ ☐ A1 ☐ A2 ☐ B1 ☐ B2 ☐ C1 ☐ C2
	_____ ☐ A1 ☐ A2 ☐ B1 ☐ B2 ☐ C1 ☐ C2
	_____ ☐ A1 ☐ A2 ☐ B1 ☐ B2 ☐ C1 ☐ C2
	_____ ☐ A1 ☐ A2 ☐ B1 ☐ B2 ☐ C1 ☐ C2

Q14 De línguas que fala qual é que aprendeu até aos 18 anos?

Q15 Em que língua(s) fala em casa e com os amigos?

Bloco 3– Estatuto da língua portuguesa

Q16 Aprendeu língua portuguesa formalmente? /Teve alguma formação na área de língua portuguesa? ☐ Não ☐ Sim: Especifique _____

Q17 Aprendeu língua portuguesa antes de vir para Portugal?

☐ Não ☐ Sim: Especifique _____

Qual foi a variedade: ☐ Português Europeu ☐ Português do Brasil

☐ Outro: Especifique _____

Q18 Com que frequência usa a língua portuguesa?

☐ Diariamente ☐ Semanalmente ☐ 2-3 vezes por mês ☐ Raramente

Q19 Em que contexto(s) usa a língua portuguesa?

☐ Família ☐ Trabalho ☐ Académico ☐ Amigos ☐ Serviços

Bloco 4 – Aspetos socioculturais relacionadas com o uso da língua portuguesa

Q20 Em que zona de Portugal vive?

Q21 É falante de: ☐ Português Europeu ☐ Português do Brasil

☐ Outro: Especifique _____

Q22 Conversa frequentemente com falantes de outras variedades do português (amigos, colegas, familiares, entre outros)?

☐ Não ☐ Sim: Especifique _____

Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Grelha de autoavaliação

	A1 Utilizador básico	A2 Utilizador básico	B1 Utilizador independente	B2 Utilizador independente	C1 Utilizador avançado	C2 Utilizador avançado
Compreender	 Compreensão oral	Sou capaz de reconhecer palavras e expressões simples de uso corrente relativas a mim próprio, a minha família e aos contextos em que estou inserido, quando me falam de forma clara e pausada	Sou capaz de compreender expressões e vocabulário de uso mais frequente relacionado com aspetos de interesse pessoal como, por exemplo, família, compras, trabalho e meio em que vivo. Sou capaz de compreender o essencial de um anúncio e de mensagens simples, curtas e claras.	Sou capaz de compreender exposições longas e palestras de seguir partes mais complexas da argumentação, desde que o tema me seja relativamente familiar. Consigo compreender a maior parte dos noticiários e outros programas informativos na televisão. Sou capaz de compreender a maior parte dos filmes, desde que seja utilizada a língua padrão.	Sou capaz de compreender uma exposição longa, mesmo que não esteja claramente estruturada ou quando a articulação entre as ideias esteja apenas implícita. Consigo compreender programas de televisão e filmes sem grande dificuldade.	Não tenho nenhuma dificuldade em compreender qualquer tipo de enunciado oral. Tanto faço a parte como através dos meios de comunicação, mesmo quando se fala depressa, à velocidade dos falantes nativos, sendo apenas necessário algum tempo para me familiarizar com o sotaque.
		Sou capaz de ler textos curtos e simples. Sou capaz de encontrar uma informação previsível e concreta em textos simples de uso corrente, por exemplo, anúncios, folhetos, ementas, horários. Sou capaz de compreender cartas pessoais curtas e simples.	Sou capaz de compreender textos em que predomine uma linguagem corrente do dia-a-dia ou relacionada com o trabalho. Sou capaz de compreender descrições de acontecimentos, sentimentos e desejos, em cartas pessoais.	Sou capaz de ler artigos e reportagens sobre assuntos contemporâneos em relação aos quais os autores adotam determinadas atitudes ou pontos de vista particulares. Sou capaz de compreender textos literários contemporâneos em prosa.	Sou capaz de compreender textos longos e complexos, literários e não literários, e distinguir estilos. Sou capaz de compreender artigos especializados e instruções técnicas longas, mesmo quando não se relacionam com a minha área de conhecimento.	Sou capaz de ler com facilidade praticamente todas as formas de texto escrito, incluindo textos mais abstratos, complexos, tais como manuais, artigos especializados e obras literárias.
Falar	 Interação oral	Sou capaz de comunicar em situações simples, de rotina do dia-a-dia, sobre assuntos e atividades habituais que exijam apenas uma troca de informação simples e direta. Sou capaz de participar em breves trocas de palavras, apesar de não compreender o suficiente para manter a conversa.	Sou capaz de lidar com a maior parte das situações que podem surgir durante uma viagem a um local onde a língua é falada. Consigo entrar, sem preparação prévia, numa conversa sobre assuntos conhecidos, de interesse pessoal ou pertinentes para o dia-a-dia (por exemplo, família, passatempos, trabalho, viagens e assuntos da atualidade).	Sou capaz de conversar com a fluência e espontaneidade suficientes para tomar possível a interação normal com falantes nativos. Posso tomar parte ativa numa discussão que tenha lugar em contextos conhecidos, apresentando e defendendo os meus pontos de vista.	Sou capaz de me exprimir de forma espontânea e fluente, sem dificuldade aparente em encontrar as expressões adequadas. Sou capaz de utilizar a língua de maneira flexível e eficaz para fins sociais e profissionais. Formulo ideias e opiniões com precisão e adequação ao meu discurso ao dos meus interlocutores.	Sou capaz de participar sem esforço em qualquer conversa ou discussão e mesmo utilizar expressões idiomáticas e coloquiais. Sou capaz de me exprimir fluentemente e de transmitir com precisão pequenas diferenças de sentido. Sempre que tenho um problema, sou capaz de voltar atrás, contornar a dificuldade e reformular, sem que tal seja notado.
		Sou capaz de utilizar uma série de expressões e frases para falar, de forma simples, da minha família, de outras pessoas, das condições de vida, do meu percurso escolar e do meu trabalho atual ou mais recente.	Sou capaz de articular expressões de forma simples para descrever experiências e acontecimentos, sonhos, desejos e ambições. Sou capaz de explicar ou justificar opiniões e planos. Sou capaz de contar uma história, de relatar o enredo de um livro ou de um filme e de descrever as minhas reações.	Sou capaz de me exprimir de forma clara e pormenorizada sobre uma vasta gama de assuntos relacionados com os meus centros de interesse. Sou capaz de redigir um texto expositivo ou um relatório, transmitindo informação ou apresentando razões a favor ou contra um determinado ponto de vista. Consigo escrever cartas evidenciando o significado que determinados acontecimentos ou experiências têm para mim.	Sou capaz de apresentar descrições claras e pormenorizadas sobre temas complexos que integrem subtemas, desenvolvendo aspetos particulares e chegando a uma conclusão apropriada.	Sou capaz de, sem dificuldade e fluentemente, fazer uma exposição oral ou desenvolver uma argumentação num estilo apropriado ao contexto e com uma estrutura lógica tal que ajude o meu interlocutor a identificar e a memorizar os aspetos mais importantes.
Escrever	 Escrita	Sou capaz de escrever notas e mensagens curtas e simples sobre assuntos de necessidade imediata. Sou capaz de escrever uma carta pessoal muito simples, por exemplo, para agradecer alguma coisa a alguém.	Sou capaz de escrever um texto articulado de forma simples sobre assuntos conhecidos ou de interesse pessoal. Sou capaz de escrever cartas pessoais para descrever experiências e impressões.	Sou capaz de escrever um texto claro e pormenorizado sobre uma vasta gama de assuntos relacionados com os meus centros de interesse. Sou capaz de redigir um texto expositivo ou um relatório, transmitindo informação ou apresentando razões a favor ou contra um determinado ponto de vista. Consigo escrever cartas evidenciando o significado que determinados acontecimentos ou experiências têm para mim.	Sou capaz de me exprimir de forma clara e bem estruturada, apresentando os meus pontos de vista com um certo grau de elaboração. Sou capaz de escrever cartas, comunicações ou relatórios sobre assuntos complexos, pondo em evidência os aspetos que considero mais importantes. Sou capaz de escrever no estilo que considero apropriado para o leitor que tenho em mente.	Sou capaz de escrever textos num estilo fluente e apropriado. Sou capaz de redigir de forma estruturada cartas complexas, relatórios ou artigos que apresentem um caso com uma tal estrutura lógica que ajude o leitor a perceber-se dos pontos essenciais e a memorizá-los. Sou capaz de fazer resumos e resenhas de obras literárias e de âmbito profissional.

Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR): © Conselho da Europa

Anexo 3: Guião para a recolha de dados (semi)espontâneos

Recolha de dados de produção escrita

Temas de escrita

1. Escreva um texto de estilo livre (cerca de uma página).

Escolha um dos temas sugeridos (sublinhe o tema que escolheu):

- a) A minha vida é ...
- b) Portugal é um país ...
- c) Será que vivemos tempos de igualdade social?
- d) O que me faz falta é ...
- e) O dia mais feliz da minha vida

2. Escreva um texto (cerca de 300 palavras), tentando argumentar o seu ponto de vista.

Escolha um dos temas sugeridos (sublinhe o tema que escolheu):

- a) As razões de as pessoas serem mais ou menos felizes no meu país.
- b) A minha opinião sobre vacinas.
- c) Os *gadgets* eletrónicos roubam a maior parte do nosso tempo.
- d) As vantagens ou desvantagens do turismo atual.

3. Caso nenhum dos temas sugeridos lhe pareça fácil, escreva um texto sobre qualquer tema do seu interesse

Recolha de dados de produção oral

Guião de entrevista

1. Bloco 1 - Perguntas para colocar aos informantes sobre a sua integração em Portugal:

- a) Qual foi a principal razão para emigrar do seu país?
- b) Qual foi a razão de escolha de Portugal como país de acolhimento?
- c) Como é que foi a sua integração em Portugal?
- d) Que semelhanças e diferenças culturais pode destacar entre a Arménia e Portugal?
- e) Acha que português é uma língua difícil de aprender? Quais as maiores dificuldades que sentiu?
- f) Acha que Portugal é um país privilegiado na Europa em termos de oferta cultural e oportunidades profissionais?

2. *Bloco 2- caso sejam lacónicos nas respostas do bloco 1

Fale um pouco das suas preferências e gostos, nomeadamente:

- a) Gosta de ler? Qual o livro de que gosta mais. Porquê?
- b) Gosta de ver filmes? Qual o seu filme favorito? Porquê?
- c) Gosta de futebol?
Sim: Qual o seu clube? Lembra-se como ficou adepto desse clube?
Não: Na sua opinião quem gosta mais de futebol, os arménios ou os portugueses?
- d) Gosta de viajar? Qual o país de que gostou mais? Há alguma razão especial para isso?

Consentimento informado

“Análise dos desvios sintáticos, morfossintáticos e léxico-sintáticos de arménios falantes adultos de PL2”³¹²

Informação geral: O presente estudo, em que está a participar, é uma investigação no âmbito de Doutoramento em Português língua estrangeira (PLE) / Português língua segunda (PL2) que está a ser conduzida por Lia Khachikyan, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Objetivo do estudo: O objetivo principal da presente investigação é identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar na base dos desvios gramaticais nas produções linguísticas de arménios falantes adultos de PL2.

Descrição e métodos: A participação neste estudo implica a recolha de um conjunto de dados orais e escritos, produzidos por arménios falantes adultos de PL2, bem como na realização de um teste de nível em português. Os resultados expectáveis poderão contribuir para uma descrição e maior conhecimento da aquisição do português por falantes arménios.

A participação nesta investigação consiste em cinco etapas:

1. Realização de um teste de colocação em nível de português;
2. Preenchimento de um questionário de caracterização sociolinguística dos informantes;
3. Participação numa entrevista sobre a experiência pessoal de integração em Portugal. Esta entrevista será gravada em áudio e armazenada em disco externo e posteriormente disponibilizada à comunidade científica como extensão do projeto COPLE2 (<http://teitok.clul.ul.pt/cople2/>);
4. Elaboração de dois textos com extensão de cerca de uma página (cada) sobre um tema escolhido de uma lista disponibilizada. Todos os textos serão transcritos e armazenados em disco externo. Posteriormente serão disponibilizados à comunidade científica como extensão do projeto COPLE2 (<http://teitok.clul.ul.pt/cople2/>);
5. Disponibilização, pelo participante, de textos escritos de qualquer tipo (e-mails, publicações; cartas destinadas a instituições públicas, ensaios académicos, entre outros).

Duração: Todo o processo durará duas a três horas.

Riscos previsíveis: n.a.

³¹² Nos formulários enviados à Comissão de Ética para a Investigação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a recolha de dados junto dos nossos informantes, em 2020, o título da presente investigação é provisório.

Possíveis benefícios para os participantes: Não se garante que este estudo proporcione benefícios diretos para o participante. No entanto, a informação obtida vai contribuir para aumentar o conhecimento científico sobre a aquisição do português por falantes arménios e poderá, indiretamente, vir a beneficiar terceiros. O participante não terá quaisquer benefícios financeiros decorrentes deste estudo.

Participação voluntária: O participante terá toda a liberdade para recusar a participação no estudo ou retirar o seu consentimento, suspendendo a participação em qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarreta qualquer penalização ou perda de benefícios.

Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para investigação **assim como a relativa às cinco etapas acima descritas**. A informação recolhida de cada participante será combinada e analisada em conjunto com informação de outros participantes. Todos os dados de identificação de cada participante serão mantidos em confidencialidade. Para o estudo, a cada participante será atribuído um número codificado. A identidade dos participantes nunca será revelada em qualquer relatório, apresentação pública ou publicação decorrente do estudo.

A quem devo colocar questões relacionadas com este estudo:

Investigador: Lia Khachikyan (lia.khachikyan@campus.ul.pt)

Supervisores da investigação: Prof.^a Doutora Margarita Correia (margarita@campus.ul.pt) e Prof.^a Doutora Nélia Alexandre (nalexandre@campus.ul.pt)

Declaração de consentimento informado

“Análise dos desvios sintáticos, morfossintáticos e léxico-sintáticos de arménios falantes adultos de PL2”

Declaro ter tomado conhecimento e aceitar participar, voluntariamente, num estudo que tem por objetivo a identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar na base dos desvios gramaticais encontrados nas produções linguísticas de arménios falantes adultos de PL2. Para esse efeito, aceito que seja feita a recolha de dados orais e escritos conforme acima mencionado.

Autorizo que os dados obtidos sejam armazenados em disco externo e posteriormente disponibilizados à comunidade científica como extensão do projeto COPLE2 (<http://teitok.clul.ul.pt/cople2/>), no website do Centro de Linguística da Universidade de

Lisboa, de acordo com a legislação em vigor, podendo apenas ser utilizados para investigação. Poderei, no entanto, revogar a autorização para utilização dos meus dados em qualquer momento.

Declaro ainda que os resultados dos estudos realizados com os meus dados poderão ser usados em comunicações e publicações científicas de forma anónima.

O estudo proposto foi-me claramente explicado e tive oportunidade de colocar questões. Recebi uma cópia desta declaração devidamente assinada e datada.

Data, Nome e assinatura do participante/seu representante legal

Discuti este estudo com o participante, utilizando uma linguagem compreensível e apropriada. Informei adequadamente o participante sobre a natureza deste estudo e sobre os seus possíveis benefícios e riscos. Considero que o participante compreendeu a minha explicação.

Data, Nome e assinatura do Professor/Investigador responsável

Autorização de realização de estudo

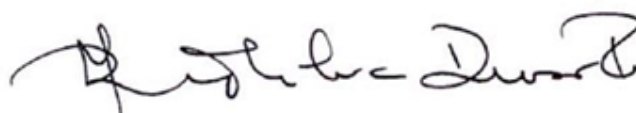
A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa autoriza a realização nas suas instalações do estudo intitulado “Análise dos desvios sintáticos, morfossintáticos e léxico-sintáticos de arménios falantes adultos de PL2” que tem como Investigador responsável Lia Khachikyan. O estudo tem por objetivo identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar na base dos desvios gramaticais nas produções linguísticas dos falantes adultos de arménio L1 e PL2 e consiste na recolha de dados orais e escritos produzidos pelos informantes da presente investigação. Os dados obtidos serão tratados de acordo com a lei em vigor e utilizados exclusivamente com fins de investigação científica.

Data, Nome e assinatura de representante legal da Instituição

DECLARAÇÃO

A Comissão de Ética para a Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa emitiu, na sua reunião de 11 de novembro de 2020, parecer positivo atribuído ao pedido “4_CEI2023”, com a designação “As produções linguísticas dos falantes de L1 arménio e L2 português”, apresentado por Lia Khachikyan.

22 de agosto de 2025



(Inês Duarte,

Presidente da Comissão de Ética para a Investigação)

Anexo 4: Teste de colocação em nível



Teste de nível ICLP

Para cada questão, selecione com um X a opção correta.

Grupo I

1. Onde é que estás?
 - A. No quarto.
 - B. De Alemanha.
 - C. Filipe Fernandes.
 - D. Não, não estou.
 - E. Nenhuma das anteriores.
2. O que é isto? É o _____ lápis.
 - A. dele
 - B. minha
 - C. meu
 - D. tua
 - E. Nenhuma das anteriores.
3. Como é a tua namorada?
 - A. É alemã.
 - B. É morena.
 - C. É casada.
 - D. É advogada.
 - E. Nenhuma das anteriores.
4. Quanto é?
 - A. 28 anos.
 - B. 14 de março.
 - C. 6 euros e 60 cêntimos.
 - D. Na sexta.
 - E. Nenhuma das anteriores.
5. A tua carteira _____ debaixo da mesa.
 - A. é
 - B. tem
 - C. está
 - D. há
 - E. Nenhuma das anteriores.
6. O Nuno _____ sempre duche de manhã.
 - A. leva
 - B. faz
 - C. toma
 - D. tem
 - E. Nenhuma das anteriores.
7. O meu irmão vai _____ Londres _____ férias _____ Páscoa.
 - A. a... nas... da...
 - B. para... nas... de...
 - C. a... em... de...
 - D. em... de... de...
 - E. Nenhuma das anteriores.

8. Em que dias não trabalhas?
A. Na próxima sexta.
B. Às segundas.
C. É terça.
D. Dois dias por semana.
E. Nenhuma das anteriores.
9. No jantar de ontem, eles _____ carne, mas ela _____ peixe.
A. comem... prefere...
B. comeram... preferiu...
C. comem... preferiu...
D. comeram... preferiram...
E. Nenhuma das anteriores.
10. Eles _____ num café.
A. vieram
B. viram
C. entraram
D. saíram
E. Nenhuma das anteriores.
11. Quando os morangos _____ maduros _____ vermelhos.
A. são... são...
B. estão... são...
C. são... estão...
D. estão... estão...
E. Nenhuma das anteriores.
12. João, _____ o trabalho de casa. Para de brincar.
A. faz
B. façam
C. fizeste
D. fazias
E. Nenhuma das anteriores.
13. Não _____ esses sapatos!
A. vistas
B. vestes
C. calças
D. calces
E. Nenhuma das anteriores.
14. _____ oito quando _____ de casa.
A. Eram / saia
B. Eram / saí
C. Foram / saí
D. Foram / saia
E. Nenhuma das anteriores.
15. Nos próximos anos, os cientistas _____ certamente uma vacina para esta doença.
A. descobre
B. descobririam
C. descobrirão
D. descobriam
E. Nenhuma das anteriores.

16. ____ que caiu ontem deixou muitas casas sem eletricidade.
A. O nevão
B. O nevoeiro
C. A tempestade
D. A neblina
E. Nenhuma das anteriores.
17. A jovem com ____ o príncipe dançou perdeu um sapato.
A. cujo
B. quem
C. qual
D. quanto
E. Nenhuma das anteriores.
18. Perdi o avião!
A. Tiveste muita sorte!
B. Como é que isso aconteceu?
C. Então, boa viagem.
D. O que é que lhe fizeste?
E. Nenhuma das anteriores.
19. Quando foi a última vez que foste ao teatro?
A. Só fui três vezes.
B. Há dois meses.
C. Três semanas.
D. Daqui a dois dias.
E. Nenhuma das anteriores.
20. ____ pensar em sair de casa com este mau tempo!
A. Nem
B. Não
C. Mal
D. Até
E. Nenhuma das anteriores.
21. Quando ____, não ____ quase ninguém. 20 minutos depois, enquanto ____ pela refeição, o restaurante ____ cheio.
A. entravam / houve / esperaram / ficou
B. entraram / havia / esperavam / ficou
C. entram / havia / esperavam / ficava
D. entraram / há / esperaram / ficava
E. Nenhuma das anteriores.
22. Quando ____, o concerto já ____ começado.
A. chegámos / tinha
B. chegamos / tem
C. chegámos / terá
D. chegarmos / teria
E. Nenhuma das anteriores.

23. Isto é para a Júlia. Ela gosta de doces?
- A. Fantástico! Eu adoro doces!
 - B. Gosto imenso. Obrigada.
 - C. Não sei, mas vou perguntar.
 - D. Obrigado, mas não gosto de doces.
 - E. Nenhuma das anteriores.
24. Como é possível não ____ a resposta a esta pergunta?
- A. dizer
 - B. saber
 - C. conhecer
 - D. falar
 - E. Nenhuma das anteriores.
25. ____ lhe digam para não trabalhar tanto, ela não para.
- A. Por mais que
 - B. Mal
 - C. Logo que
 - D. Assim que
 - E. Nenhuma das anteriores.
26. O médico mandou- ____ fazer o exame já amanhã.
- A. o
 - B. se
 - C. no
 - D. lhe
 - E. Nenhuma das anteriores.
27. ____ todos acabaram ____ ficar para a 2ª parte da conferência.
- A. Não / por
 - B. Até / a
 - C. Nem / por
 - D. Nem / de
 - E. Nenhuma das anteriores.
28. Ela estava ____ feliz ____ os seus olhos brilhavam!
- A. tanto... que...
 - B. tão... como...
 - C. tão... que...
 - D. tanto... como...
 - E. Nenhuma das anteriores.
29. Ontem não dei _____ a rua da nova galeria de arte.
- A. para
 - B. com
 - C. por
 - D. em
 - E. Nenhuma das anteriores.
30. As luzes ficaram outra vez _____.
- A. acendidas
 - B. acender
 - C. acesas
 - D. acendidos
 - E. Nenhuma das anteriores.

31. O hotel onde ficamos _____ de excelentes condições.
A. dispunha
B. possuía
C. tinha
D. apresentava
E. Nenhuma das anteriores.
32. Se _____ menos açúcar, a limonada não fica tão doce.
A. puseres
B. pores
C. pões
D. pôr
E. Nenhuma das anteriores.
33. Avisam-se todos os _____ do centro de saúde de que foram introduzidas novas regras de segurança.
A. clientes
B. fregueses
C. utentes
D. pacientes
E. Nenhuma das anteriores.
34. Se _____ sabido que pensavas vir _____ jantar, tinha feito uma refeição diferente!
A. tiver / aí
B. tivesse / cá
C. tem / ali
D. tenha / aqui
E. Nenhuma das anteriores.
35. A neve não chegou a _____ problemas ao trânsito.
A. colocar
B. pôr
C. causar
D. impedir
E. Nenhuma das anteriores.
36. Se tu _____ conhecer recantos bonitos de Portugal, _____ dos locais mais turísticos.
A. querias... foge...
B. quiseres... foge...
C. quisesses... foge...
D. queiras... foge...
E. Nenhuma das anteriores.
37. Fizeste os trabalhos de casa? _____ logo à noite.
A. Farei-os
B. Os farei
C. Fá-los-ei
D. Fazerei
E. Nenhuma das anteriores.
38. _____ adorarmos as praias algarvias, preferimos passar férias na costa alentejana.
A. Dado que
B. Apesar de
C. Embora
D. Porém
E. Nenhuma das anteriores.

39. Embora não lhes ____ nada, aceitaram ficar para almoçar.
A. tenham apetecido
B. apetecesse
C. apetece
D. apetecia
E. Nenhuma das anteriores.
40. O João esteve connosco cá em casa dois dias. _____ mais tempo, se pudesse!
A. Ficasse
B. Teria ficado
C. Ficavas
D. Fique
E. Nenhuma das anteriores.
41. As águas termais têm _____ especiais.
A. patrimónios
B. propriedades
C. riquezas
D. líquidos
E. Nenhuma das anteriores.
42. Tenciono ir ao concerto dos Deolinda _____ já não houver bilhetes.
A. exceto se
B. logo que
C. se bem que
D. ainda que
E. Nenhuma das anteriores.
43. Podes emprestar este livro ao João?
A. Ele não tem esse livro.
B. Ainda não o li.
C. Este livro não é do João.
D. Já lhe peço.
E. Nenhuma das anteriores.
44. Apesar do mau tempo, as estradas continuam _____.
A. exequíveis
B. transitáveis
C. circuláveis
D. viáveis
E. Nenhuma das anteriores.
45. Acho que tu andas a arranjar _____ para te queimares!
A. madeira
B. fogo
C. lenha
D. combustível
E. Nenhuma das anteriores.
46. Cão que ladra não _____.
A. ferra
B. ataca
C. morde
D. rosna
E. Nenhuma das anteriores.

47. Escolha A, B, C, D:
- A. Parecem que eles estão muito contentes!
 - B. Eles parecem estarem muito contentes!
 - C. Eles parecem que estão muito contentes!
 - D. Eles parecem estar muito contentes!
 - E. Nenhuma das anteriores.
48. Escolha A, B, C, D:
- A. Vamos esperar que resolvam a situação rapidamente!
 - B. Vamos esperar para que resolvem a situação rapidamente!
 - C. Vamos esperar que resolvem a situação rapidamente!
 - D. Vamos esperar para resolvem a situação rapidamente!
 - E. Nenhuma das anteriores.
49. Lamento que os meus avós não _____ vir ao meu casamento.
- A. puderam
 - B. tenham podido
 - C. têm podido
 - D. quiseram
 - E. Nenhuma das anteriores.
50. “– Basta que a sua casa seja moderna e esteja equipada para isso.”
Os técnicos disseram que...
- A. basta que a sua casa fosse moderna e estivesse equipada para aquilo.
 - B. bastava que a sua casa seja moderna e esteja equipada para isso.
 - C. bastava que a casa dele fosse moderna e estivesse equipada para aquilo.
 - D. basta que a casa dele seja moderna e estivesse equipada para isso.
 - E. Nenhuma das anteriores.

Grupo II

Leia os excertos abaixo e selecione com um X a opção correta.

51.

A Lilly é inglesa. Vive e trabalha num hotel, na Irlanda. Está em Portugal há três semanas e ainda vai ficar mais um mês. Depois volta para a Irlanda. Está a fazer um curso de português numa escola que é também um pequeno hotel. Os quartos são no primeiro e no segundo andares. No rés-do-chão ficam as salas de aula, a sala de jantar e a cozinha. Na cave, há também uma pequena biblioteca e uma sala com computadores e televisão.

- A. A Lilly mora na Irlanda e está a fazer um curso de língua portuguesa. Na escola as salas de aula são no rés-do-chão.
- B. A Lilly mora em Inglaterra e está a fazer um curso de hotelaria. Na escola as salas de aula são no primeiro andar.
- C. A Lilly mora em Portugal e está a fazer um curso de língua portuguesa. Na escola as salas de aula são no rés-do-chão.
- D. A Lilly mora em Portugal e está a fazer um curso de cozinha portuguesa. Na escola as salas de aula são na cave.
- E. Nenhuma das anteriores.

52.

A Katerina e o João decidiram morar juntos. Andaram a ver casas e arrendaram uma no centro histórico, com vista para o rio. Sentem-se muito bem naquela casa e não têm dúvidas que vão gostar muito de lá viver. Por agora, o João quer acabar o estágio e a Katerina quer terminar os estudos. No futuro, pensam casar e abrir uma empresa para organizar festas.

- A. A Katerina e o João estão a pensar em arrendar uma casa no centro histórico.
- B. A Katerina e o João são casados e querem abrir uma empresa.
- C. A Katerina e o João vivem no centro histórico e estão a pensar abrir uma empresa.
- D. A Katerina e o João vivem no centro histórico, mas estão a pensar mudar de casa.
- E. Nenhuma das anteriores.

53.

O Luís tem 38 anos. Começou a fazer fotografia aos 22 anos. Nunca tinha pegado numa máquina fotográfica. Fez um curso de iniciação e apaixonou-se logo. Como tinha tempo e dinheiro, decidiu ir fazer um curso em Londres para aprofundar os conhecimentos. Foi o melhor no curso e aconselharam-no a ficar. O primeiro trabalho foi logo uma campanha de moda na Índia. Desde então, nunca mais parou. Tem tido imenso trabalho. «Nunca fico no mesmo sítio muito tempo. Ando sempre de um lado para o outro. Tinham-me dito que ia ser assim, mas não acreditava que era verdade. Apesar de estarmos sempre em movimento, não posso dizer que não gosto».

- A. Antes de fazer o curso, o Luís tinha tido algumas experiências em fotografia, o que lhe permitiu arranjar logo trabalho na moda.
- B. Os avisos que lhe tinham feito acabaram por se tornar realidade. Afinal, por causa da fotografia ele passava o tempo todo de um lado para o outro.
- C. O sucesso demorou a bater-lhe à porta, mas quando isso aconteceu começou a andar sempre de um lado para o outro.
- D. O Luís, apesar de viajar muito, tem tido dificuldade em arranjar trabalho.
- E. Nenhuma das anteriores.

54.

Contrapondo o representante da Câmara Municipal de Lisboa (CML), que afirmou que “a cidade não está preparada para o envelhecimento da população e que por isso deve sofrer adaptações em várias áreas”, Luís Silva, do Fórum Cidadania Lisboa, disse que “aos bocadinhos ou de uma só vez, o que vão fazer é acabar com a calçada. Os idosos não passam de pretexto!”. Luís Silva contou que já teve acidentes em pisos que não eram de pequenas pedras de calcário e argumentou que o problema não é a calçada, mas sim a falta de manutenção e fiscalização. “Não existe uma entidade competente que responsabilize quem não faz o seu trabalho como deveria fazer. A calçada está mal colocada e por isso gera tantos problemas.”

Luís Silva do Fórum Cidadania Lisboa...

- A. ... mostrou-se receoso de que o objetivo da CML pudesse ser outro.
- B. ... deu como exemplo para a substituição da calçada o facto de ele próprio já ter caído diversas vezes.
- C. ... propôs a criação de uma organização que fiscalizasse a manutenção da calçada.
- D. ... considera que os idosos são a principal causa do fim da calçada portuguesa em Lisboa.
- E. Nenhuma das anteriores.

55.

E o que se passa com a pessoa, ao nível europeu?

Depois de um surto ideológico de ideias coletivistas, de ideias societárias ou comunitárias, estamos a assistir ao surgimento de um novo individualismo - um novo individualismo que pode encontrar explicação numa certa saturação de ideias comunitárias e que é um individualismo fortemente baseado no hedonismo, em que o que conta é fundamentalmente o instinto e o prazer, em que o que conta é a necessidade de tudo experimentar. E penso que muitos dos fenómenos que preocupam algumas sociedades europeias, designadamente, por exemplo, o consumo de droga, tem muito a ver com a conceção hedonista e com esta necessidade de tudo experimentar.

A ideia hedonista de experiência...

- A. ... leva, designadamente, ao consumo de droga.
- B. ... fortalece a liberdade da pessoa.
- C. ... permite escolher entre bens de consumo.
- D. ... está relacionada com o consumismo que afeta as sociedades europeias.
- E. Nenhuma das anteriores.

Grupo III

Ouçã o excerto da entrevista a Rui Correia e Jorge Alves, que estão a dar uma volta ao mundo, e responda às questões abaixo.

(Só é permitida uma repetição da audição)

56. Quando está previsto terminar a viagem?

- A. Em Junho de 2011.
- B. Em Julho de 2011.
- C. Daí a 4 meses.
- D. Não há data prevista.
- E. Nenhuma das anteriores.

57. Onde é que eles se encontram?

- A. Na Austrália.
- B. No Chile.
- C. Na Índia.
- D. Em Portugal.
- E. Nenhuma das anteriores.

58. Quanto tempo pensam ficar na Austrália?

- A. Um mês e meio.
- B. Um mês.
- C. Uma semana e meia.
- D. Uma semana.
- E. Nenhuma das anteriores.

59. Onde preveem concluir a sua volta ao mundo?

- A. No Canadá.
- B. Na América Central.
- C. Em Portugal.
- D. Na costa este dos Estados Unidos da América.
- E. Nenhuma das anteriores.

60. Por que razão não incluem o continente africano no seu percurso?

- A. Não tem as condições ideais para este tipo de viagem.
- B. Os hotéis low cost são muito caros.
- C. É um continente demasiado vasto.
- D. Não têm experiência de viajar em África.
- E. Nenhuma das anteriores.

Anexo 5: O teste de julgamento de gramaticalidade de uso de pronomes pessoais com antecedentes [-definido] em arménio

Որքանով են ձեզ համար ընդունելի հետևյալ նախադասությունները: Նշե՛ք ներքևի վանդակներում:

‘Será que as frases seguintes são aceitáveis para si? Assinale uma das respostas abaixo.’³¹³

1. Մարին ուզում է գնել **այս գրքերը**: = Մարին ուզում է գնել **դրանք**:

‘A Maria quer comprar **esses livros**’ = ‘A Maria quer comprar-**los**.’

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
‘Aceito’	‘Não aceito’	‘É difícil dizer’

2. Մայրս փողոցում տեսել է **ինչ-որ մարդկանց**: = Մայրս փողոցում տեսել է **նրանց**:

‘A minha mãe viu **pessoas quaisquer** na rua’ = ‘A minha mãe viu-**as** na rua’

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
‘Aceito’	‘Não aceito’	‘É difícil dizer’

3. Անին այսօր հանդիպել է **իմ հորը**: = Անին այսօր հանդիպել է **նրան**:

‘A Ani encontrou-se com **o meu pai**.’ = ‘A Ani encontrou-se com **ele**.’

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
‘Aceito’	‘Não aceito’	‘É difícil dizer’

4. Առավոտը **մի բան** եմ գտել խանութում: = Առավոտը **դա** եմ գտել խանութում:

‘De manhã comprei **uma coisa** na loja.’ = ‘De manhã comprei-**o** na loja.’

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
‘Aceito’	‘Não aceito’	‘É difícil dizer’

³¹³ O teste foi aplicado apenas em arménio. As traduções em português são para ajudar o leitor a compreender os contextos testados.

5. Գրիգորը հավանում է **իր հարևանի աղջկան**: = Գրիգորը հավանում է **նրան**:
'O Grigor gosta **da filha do seu vizinho.**' = 'O Grigor gosta **dela.**'

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
'Aceito'	'Não aceito'	'É difícil dizer'

6. Ընկերներս գնացել էին **ինչ-որ մարդու** տուն: = Ընկերներս գնացել էին **նրա** տուն:
'Os meus amigos foram a casa **de alguém.**' = 'Os meus amigos foram a casa **dele.**'

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
'Aceito'	'Não aceito'	'É difícil dizer'

7. Վաղը միասին **որևէ բան** կառնենք: = Վաղը միասին **դա** կառնենք:
'Amanhã compramos **algo** juntos.' = 'Amanhã compramo-**lo** juntos.'

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
'Aceito'	'Não aceito'	'É difícil dizer'

8. Եթե չգաս, **տորթը** չենք ուտելու: = Եթե չգաս, **այն** չենք ուտելու:
'Se não vieres, não vamos comer **o bolo.**' = 'Se não vieres, não **o** vamos comer.'

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
'Aceito'	'Não aceito'	'É difícil dizer'

9. Անին տեսել է **ինչ-որ մարդու**: = Անին տեսել է **նրան**:
'A Ani viu uma pessoa qualquer.' = 'A Ani viu-o.'

☐ Ընդունում եմ	☐ Չեմ ընդունում	☐ Դժվարանում եմ ասել
'Aceito'	'Não aceito'	'É difícil dizer'

Anexo 6: Exemplos de produção (semi)espontânea recolhida

Anexo 6.1. Exemplo de produção escrita de um falante de arménio L1 e PL2

Tema: Os *gadgets* eletrónicos roubam a maior parte do nosso tempo (**extensão 479 palavras**)

É verdade que nos gastamos muito tempo com os nossos *gadgets*, mas também depende de nós se ele vai roubar o nosso tempo ou se vai servir-nos para que possamos usar o nosso tempo para o nosso favor.

Apesar de usar os *gadgets* como um meio de trabalho ou como um meio de fazer alguma coisa “útil” para nós, também necessitamos de usá-los para passar o tempo ou para divertir nos. Dizendo de uma forma simples, eu acho que os *gadgets* são umas ferramentas nas nossas vidas e cabe a cada um de nos a definir as tarefas e o tempo para cada tarefa.

Na minha opinião há muitas pessoas que passam muito tempo com *gadgets* sem fazer nada “útil”, mas depois fico a pensar, será que eles estão a substituir algumas das atividades “inúteis” que iam fazer na mesma se não tivessem *gadgets*. Enfim, cada pessoa tem direito escolher como passar o seu tempo e não sou eu que tenho de decidir para eles o que é útil e o que não.

Os *gadgets* revolucionaram o mundo e também revolucionaram a nossa forma de ser e pensar.

Os *gadgets* fizeram com que a informação esteja mais acessível para as pessoas e tornou se também uma ferramenta de trabalho e um meio de diversão.

Eu sendo engenheiro e pensando sobre o impacto das tecnologias na área de engenharia, diria que os trabalhos que requeriam muito tempo nos tempos antigos para que fossem concluídos, atualmente com as novas tecnologias são mais fáceis de realizar com uma qualidade melhor, gastando menos tempo. Mas a desvantagem é que as vezes sinto que as pessoas deixaram de pensar ou imaginar bastante, e isso as vezes me preocupa.

Para mim, sendo que sou uma pessoa que vive em Portugal e está longe da sua família, a maior vantagem dos *gadgets* é a possibilidade que me deram de estar em contacto com a minha família e com os meus amigos que estão longe de mim. Criou oportunidade de partilhar momentos importantes, senti-los “presente” na minha vida e estar “presente” na vida deles.

Essa função dos *gadgets* teve e continua a ter um papel inegável na altura da pandemia, dando as pessoas possibilidades de trabalhar em casa e não perder os seus empregos.

Os gadgets tem tido um grande impacto na internacionalização das empresas e na execução dos trabalhos nos locais longe de nós, assim ajudando a economizar tempo e dinheiro. Sinto um prazer enorme de usar as varias funções dos gadgets no meu dia-dia no trabalho, partilhando vários desenhos e modelos 3d dos edificios com os meus colegas, que estão longe de mim, ou se encontram no estrangeiro, criando possibilidade de trabalhar em equipa, como se fossemos juntos na mesma sala.

Apesar das vantagens que os gadgets nos oferecem, é preciso ter vontade de usá-los bem e não deixar que eles roubem o nosso tempo.

Anexo 6.2. Exemplo de transcrição fonética de produção oral de um falante de arménio L1 e PL2

Moderador – Bom dia//

Inf.1 – Bom dia//

Moderador – Antes de mais agradeço a sua participação/ nesta investigação// eh³¹⁴/ De seguida eu vou colocar algumas perguntas/ no sentido de compreendermos como é que foi a sua integração em Portugal/ eh// Então a primeira coisa que me interessa saber// Qual foi a principal motivação na sua decisão de emigrar do seu país?

Inf.1 – Eh/ a principal motivação foi/ eh/ estudar no estrangeiro e conhecer pessoas novas e aprender uma língua nova e ter uma experiência de vida diferente// E um amigo meu falou comigo sobre o... sobre Erasmus// Ele disse... ele me disse que podíamos/ eh/ mandar as aplicações e podíamos ir...ir estudar em Portugal e na República Checa// Só tínhamos duas opções/ eh/ e ele me perguntou se eu também queria participar// Pronto/ eu gostei muito e... e pronto/ mandamos as aplicações e Portugal foi o...o primeiro que aceitou// e como também tínhamos/ eh/ bolsas/ para estudar/ pronto/ ficamos muito contentes e... e vimos para Portugal/ eh// na altura não sabia muito sobre Portugal/ eh// nem sabia bem onde ficava/ nem sabia nada da língua portuguesa// eh/ pronto e... e foi assim e foi... fiquei muito contente vir pa... p'ra cá e gostei muito//

Moderador – Vieram os dois? Com o amigo?

Inf.1 – Sim/ os dois//

Moderador – Para o mesmo curso?

³¹⁴

Adotamos a presente forma usada no COPLE2 para transcrever a pausa preenchida.

Inf.1 – Sim// estudar [apagado por revelar dados pessoais]//

Moderador – E como é que foi a experiência de estudo?

Inf.1 – eh/ foi muito bom/ eh/ no início haviam dificuldades/ eh/ perceber os professores// eh/ tínhamos aulas em inglês/ mas às vezes também os professores não falavam bem e/ pronto// isso era uma das dificuldades que tivemos aqui// eh/ mas mesmo assim/ tentamos aprender português e com tempo/ eh/ tornou-se mais fácil de estar cá// ...

Anexo 7: Observações durante a realização do teste de elicitación

Número do informante	Ensino explícito (duração em meses)	Nível	Observações (notas pessoais)
Inf.1	Sim (24)	B2	• Declarou estar a recorrer ao inglês para seleccionar os clíticos ACU e DAT em português. • Disse que os pronomes ACU <i>o</i> e <i>a</i> não são fáceis para ouvir e identificar e se não tivesse aprendido a gramática portuguesa, não seria capaz de fazer teste solicitado. • Demorava mais tempo a pensar nos itens com a resposta esperada ser um clítico DAT [-humano]. • Teve acesso à explicitação de regras da colocação dos pronomes clíticos em português. • Destacou-se a sua motivação para aprender português para os fins profissionais e sociais.
Inf.2	Não	B2	• Perguntou se os clíticos DAT substituem apenas os antecedentes [+humano]. • Destacou-se a sua motivação para aprender português para os fins profissionais e sociais.
Inf.3	Não	B1	• Disse que, ao preencher o teste de elicitación, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i>. • Utilizar os clíticos DAT em todos os contextos dados parecia-lhe melhor opção. Disse que usar clíticos ACU em posição pré-verbal nunca lhe parece bem. • Tentava seguir a lógica dos exemplos dados no início do teste.
Inf.4	Não	B1	Disse que, ao preencher o teste de elicitación, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i> .
Inf.5	Sim (54)	C1	• Teve acesso à explicitação de regras da colocação dos pronomes clíticos em português. • Destacou-se a sua motivação para aprender português para os fins profissionais e sociais.
Inf.6	Sim (72)	C1	• Recorre ao seu conhecimento da gramática do português • Teve acesso à explicitação de regras da colocação dos pronomes clíticos em português.
Inf.7	Não	C1	• Disse que faz as escolhas conforme o seu conhecimento acerca do português. • Destacou-se a sua motivação para aprender português para os fins profissionais e sociais.
Inf.8	Não	B2	• Declarou conhecer a estrutura argumental dos verbos portugueses. Porém:

			• Perguntou se os clíticos DAT substituem apenas os antecedentes [+humano]. • Cada vez que tinha dificuldades na escolha e olhava para a lista dos pronomes dados, ficava ainda mais confuso. • Foneticamente não lhe agrada a adjacência dos clíticos ACU [masculino] com as formas verbais que terminam com o som /u/ (e.g., em vez de <i>viu-o</i>, prefere <i>o viu</i>). • Disse que formas como <i>nunca lhe pertenceu</i> utilizaria só se estivesse zangado. • Disse que tem a certeza de que com o advérbio <i>até</i> deve colocar o clítico em próclise, porque tinha ouvido muito estruturas como <i>até vos disse...</i> • Declarou saber que nas interrogativas deve usar próclise. Porém: • Perguntou se a próclise é a opção correta para todas as interrogativas. • Destacou-se a sua motivação para aprender português para os fins profissionais e sociais.
Inf.9	Não	B1	• Por palavras suas, evita utilizar os clíticos para não errar. • Declara não ter ouvido os clíticos ACU nas produções de falantes de PL1. • Apesar de uma exposição prolongada ao português (20 anos), disse que começou a usar os pronomes clíticos há um ano. Quando o corretor ortográfico os sugere no seu telemóvel, fica nervoso, pois não sabe como os interpretar. • Notou-se bastante aleatoriedade na seleção dos clíticos.
Inf.10	Sim (24)	B2	• Teve acesso à explicitação de regras da colocação dos pronomes clíticos em português. • Demonstrou hesitação nos itens 9 e 13 (Resposta esperada: DAT [-humano]). • Após ter concluído o teste, disse que nos itens 53; 63; 95; 105 (Resposta esperada: ACU [+humano]) deveria ter escolhido o clítico <i>lhe</i>. • Com proclisador <i>quando</i>, utilizava próclise, depois alterava para ênclise.
Inf.11	Não	B1	Notou-se certa aleatoriedade na seleção e na colocação dos pronomes clíticos.
Inf.12	Sim (3-4)	B1	Por vezes tentava traduzir as frases para o russo, porém, notámos que a tradução nem sempre estava correta.
Inf.13	Não	B1	Perguntou se os clíticos DAT substituem apenas os antecedentes [+humano].
Inf.14	Não	C1	Reconhece o uso dos pronomes clíticos como ponto mais fraco na sua competência em português.
Inf.15	Sim (2-3)	B1	• Perguntou se os clíticos DAT substituem apenas os antecedentes [+humano]. • Utilizar os clíticos DAT em todos os contextos dados soa-lhe melhor.

			• Declarou evitar o uso dos pronomes clíticos, pois tem medo de errar. Mesmo assim, reconhece que, ao falar, usa mais vezes os clíticos DAT.
Inf.16	Sim (2-3)	B1	Perguntou se os clíticos DAT substituem apenas os antecedentes [+humano].
Inf.17	Sim (4-5)	B1	Disse que, ao preencher o teste de eliciação, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i> .
Inf.18	Não	B1	• Disse que, não sabe usar os pronomes clíticos. Ao preencher o teste de eliciação, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i>. • Algumas escolhas foram aleatórias.
Inf.19	Sim (18-24)	C1	• Declarou ter estudado a gramática portuguesa recorrendo a manuais de língua portuguesa, mas reconhece o domínio dos pronomes clíticos como um dos seus pontos mais fracos. • Disse que, ao preencher o teste elicitado, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i>.
Inf.20	Sim (18)	C1	• Perguntou se os clíticos DAT substituem apenas os antecedentes [+humano]. • Disse que sabia as regras de colocação dos clíticos, pois acompanhava os estudos dos filhos na escola. • Pensava que a próclise ocorre em todas as frases interrogativas. • Destacou-se a sua motivação para aprender português para os fins profissionais e sociais.
Inf.21	Não	B2	Disse que, ao preencher o teste de eliciação, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i> (filmes, conversas do dia a dia).
Inf.22	Sim (18)	B2	Declarou fazer as suas escolhas intuitivamente.
Inf.23	Sim (24)	B1	• Notou-se aleatoriedade na seleção e na colocação dos pronomes clíticos. • Teve acesso à explicitação de regras da colocação dos pronomes clíticos em português.
Inf.24	Sim (24)	B2	• Declarou conhecer a estrutura argumental dos verbos portugueses. • Teve acesso à explicitação de regras da colocação dos pronomes clíticos em português.
Inf.25	Não	B1	De vez em quando perguntava o género de palavras. Perguntou se os clíticos DAT podem assumir as formas <i>lho</i> e <i>lha</i> , dependendo do género do seu antecedente.
Inf.26	Sim (12)	B1	• Declarou conhecer a estrutura argumental dos verbos portugueses. • Estudou as regras de colocação dos clíticos pouco tempo antes da realização do teste de eliciação.
Inf.27	Sim (12)	B1	Declarou fazer as suas escolhas intuitivamente.

Inf.28	Sim (30)	B2	Disse que, ao preencher o teste de elicitación, tenta recordar como falam os portugueses, i.e., baseia-se no <i>input</i> .
Inf.29	Sim (18)	B2	• Estudou as regras de colocação dos clíticos pouco tempo antes da realização do teste de elicitación. • Declarou estar a recorrer ao inglês para seleccionar os clíticos ACU e DAT em português. • Assinalou alguns itens do teste com resposta esperada de clíticos DAT[-humano] com etiqueta 'estou na dúvida'.
Inf.30	Não	B1	• Parece não aceitar o uso dos clíticos "o(s)/a(s)", sobretudo em próclise. Referindo-se aos clíticos ACU, declarou que 'os portugueses não falam assim'. • Assume que os clíticos DAT são correferentes com antecedentes [+humano].
Inf.31	Sim (2-3)	B1	Disse que procura recordar das regras da gramática do português.
Inf.32	Sim (18-24)	C1	Sem acesso a dados (meta)linguísticos.